Hélio Marques e Vera Marques

Histórias sem fim

Um livro vivo

Era uma vez...

HÉLIO MARQUES e VERA MARQUES

HISTÓRIAS SEM FIM
UM LIVRO VIVO

1°. Edição

Edição dos autores
Belo Horizonte - 2025

Marques, Hélio; Marques, Vera

Histórias Sem Fim: Um Livro Vivo (recurso eletrônico) /Hélio Marques; Vera Marques – 1ª. Ed.- Belo Horizonte: Edição dos autores:2025

Formato: PDF

285.500 Kb

ISBN 978-65-01 -40612-1 (recurso eletrônico)

1. Viagens 2. Expedições 3. Caminhadas

CDD: 700
CDU: 796.57

Copyright © Hélio Marques; Vera Marques, 2025
Capa: Hélio Marques; Vera Marques

Edição dos autores
Direitos exclusivos desta edição reservados aos autores

Produzido no Brasil
ISBN 978-65-01 -40612-1

Dedicamos este e-book a nós mesmos, a todos os amigos que encontramos e que protagonizaram conosco as nossas histórias, e aos familiares que nem se assustam mais quando dizemos que vamos viajar por aí...

Quem somos *7*
O Desafio *8*
Parte I *11*
Expedição Alaska 2001 ..... *11*
Parte II *79*
Colocando o pé no mundo: *79*
Voando mais alto e mais longe *79*
Peru **80**
A primeira vez na Europa **85**
Canadá e New York **89**
Grécia **92**
Um pouco de Egito e Israel **97**
O outro lado do mundo **104**
Índia, Nepal, Tailândia, Hong Kong, Macau **104**
De carro pelo sul da África: **116**
África do Sul, Zimbabwe, Botswana, Namíbia **116**
Monte Roraima e a Selva Amazônica: **127**
25 anos de casados e um programa de índio **127**
Chapada Diamantina: **141**
A estreia do Land Rover Defender 110 ..... **141**
Uma expedição ao fim do mundo: **149**
Tierra del Fuego **149**
Girando o nosso radar para a Istambul, Capadócia, Praga, Berlim e Amsterdam **160**
Balcãs **167**
Eslovênia – Croácia – Montenegro - Bósnia **167**
Caminhando por aí *185*
Caminho Central Português: **186**
Porto a Santiago de Compostela **186**
Caminho Francês: **196**
Saint-Jean-Pied-de-Port a Santiago de Compostela **196**
Caminho do Norte: **208**
Irún a Santiago de Compostela **208**
Caminho Primitivo: **222**
Oviedo a Santiago de Compostela **222**
Porto Covo ao Cabo de São Vicente **228**

Caminho Le Puy: 231
Le-Puy-en-Velay a Saint Jean Pied de Port 231
Zamora a Santiago de Compostela 241
Caminho Inglês: 247
La Coruña a Santiago de Compostela 247
Via Francigena: 249
Aosta a Roma 250
Caminho de Santo Antônio e São Francisco: 268
Pádua – La Verna - Assis 268
Via Francigena de Sicilia 285
Magna Vie Francigena: Palermo - Agrigento 285
Vie Francigena per le Montagne: Palermo – Messina 285
Via Francigena Nord 298
(Canterbury) Calais - Aosta 298
Via Tolosana 321
Arles (França) - Jaca (Espanha) 321
Via Francigena Sud 340
Monte Sant'Angelo - Santa Maria di Leuca (Puglia – Itália) 340

Quem somos

Somos um casal que os amigos, carinhosamente, chamam de Helinho e Verinha ou Helim e Verim, Verelinho ou, mais formalmente, como Hélio Marques e Vera Marques. Somos mineiros, vivemos vinte anos em São Paulo, trabalhando com TI, Publicidade e Antropologia. Voltamos à nossa terra natal, Belo Horizonte, moramos por um tempo em Portugal e já tínhamos vivido também nos Estados Unidos. Estamos sempre colocando o pé na estrada e fazendo o que mais gostamos, viajar.

Não é exagero dizer que somos "viajantes compulsivos". A prova é que viajamos há mais de quatro décadas, ultrapassando a marca de meia centena de países da Europa, América do Norte, América do Sul e Central, África, Ásia, Oriente Médio e o Brasil, é claro.

Já cruzamos o Deserto do Saara de ônibus, saindo da cidade do Cairo até Tel-Aviv, escoltados pelo exército egípcio. Já dirigimos pela Costa do Esqueleto, na África, dormimos ouvindo o rugido de leões, comemos e bebemos coisas que ninguém acredita.

Fizemos algumas expedições, dentre elas, um off-road até a Chapada Diamantina, o Sul da África, incluindo Zimbabwe, Botswana, Namíbia e África do Sul. Seguimos em expedição com amigos para a Tierra del Fuego, e lá decidimos continuar sozinhos para o Alaska, a bordo do nosso Land Rover Defender 110, numa viagem que durou um ano e meio.

Enfim, conhecemos o "Topo do Mundo" e o "Fim do Mundo", viajamos a pé milhares de quilômetros, somos do mundo. Cada viagem é um aprendizado, uma sensação e uma forma de conectarmos um com o outro, com as pessoas e com o mundo. Somos nômades, somos nomads... e nosso lema é que "os sonhos são para serem vividos".

O Desafio

O maior desafio seria escrever um livro de viagens.

Quando voltamos de uma viagem de carro ao Alaska, no início dos anos 2000, começamos a escrita dessa nossa "aventura". Essa não foi a primeira viagem, mas até então tinha sido a mais longa. Ficamos pensando o que abordar e a quem seria destinado um livro. Era um material e um tema muito rico e o viés poderia ser tanto motivacional como comportamental, ou um guia de viagens e dicas, dentre outros assuntos. Diante da indecisão resolvemos fazer um site que ficou no ar por muitos anos.

Esse site contava não somente sobre essa viagem, mas também sobre outras, o que resultou em convites para palestras, entrevistas, programa de TV e, por vezes, fomos o centro das atenções nas festas e encontros de amigos, e amigos de amigos. Todos queriam saber mais sobre as viagens e, especialmente, sobre a nossa *"Expedição Alaska 2001".*

Contamos e recontamos histórias inúmeras vezes. Então, percebemos que as pessoas gostavam dos "causos", perrengues e histórias divertidas durante o percurso.

As pessoas davam muita risada com a história do frentista que, vendo o carro todo adesivado ficou pensativo e perguntou: "- 'cês' vão pro Alaska mesmo?". Ficamos aliviados, porque quando dizíamos que estávamos indo para o Alaska de carro muitos duvidavam ou não assimilavam a informação. Afinal, quem iria para o Alaska de carro? Mas, dessa vez, tinha sido diferente. Respondemos felizes: "sim, estamos indo para o Alaska." Então veio a outra pergunta do frentista: "- e a que horas 'cês' chegam lá?" ☺

Essa e outras histórias estão muito presentes na nossa memória, com muita riqueza de detalhes. Contar e recontar esses "causos" é viajar de novo. Por isso, resolvemos viajar, novamente, nesses relatos e levar outras pessoas a viajarem conosco.

Não temos nenhuma pretensão literária, artística ou mesmo financeira ao lançar esse texto-relato, mas gostaríamos que as pessoas pudessem sentir o que sentimos, nem que seja para nos chamarem de "loucos".

Dar dicas de viagem pode ser um grande perigo porque, o que para nós é uma grande viagem, pode ser um grande "mico" para outras pessoas. Somos *"nomads"* e vamos para onde o nosso nariz aponta. Temos algumas esquisitices e uma delas é que desde 2013 decidimos viajar a pé.

Tudo começou quando resolvemos fazer o Caminho Português de Santiago de Compostela, partindo do Porto. Já era ideia antiga, mas sempre aparecia uma outra viagem. Finalmente, em setembro daquele ano resolvemos caminhar. Seriam 10 dias (240 km), mas o combinado era de que poderíamos parar a qualquer momento. Não paramos e seis meses depois percorremos o Caminho Francês (930 km). Partimos de San-Jean-Pied-de-Port e até hoje não conseguimos mais parar.

Daí veio a dúvida, por onde começar a contar essas histórias? Pensamos em contar casos aleatórios, mas ficamos com receio de virar uma bagunça na cabeça do leitor. Misturar viagem a pé com viagem de carro, ou viagem pelo deserto com acampamento na África. Não iria dar certo. Pensamos numa lógica, mas as nossas viagens não têm muita lógica. Afinal, são mais de quatro décadas viajando do nosso jeito.

Enfim, veio a ideia de começar pela viagem mais longa. E, como pretendemos continuar viajando e alimentando esses relatos, as outras histórias seguem numa sequência não cronológica que pode ser lida de acordo com a vontade de cada um. Afinal esse é um

texto-relato de “histórias sem fim...”. Dessa maneira, o que vamos contar está dividido em partes.

Na primeira parte, ***Expedição Alaska 2001***, vamos viajar 410 dias por 73 mil quilômetros e por 16 países. Serão 27 fronteiras, com muita burocracia, o que exigiu muita paciência e senso de humor num calor de 42 graus positivos e com frio de 25 graus negativos. Passaremos por estradas interrompidas, pontes caídas, chuva no deserto, travessia de rios e encontros inesperados com ursos. Enfim, falaremos sobre os nossos novos amigos e da felicidade imensa de ter realizado um sonho.

Na segunda parte, ***Colocando o pé no Mundo,*** contaremos as nossas viagens pelo mundo, sem esquecer de que antes viajamos o Brasil quase todo. Foi importante ver o nosso Brasil com os nossos próprios olhos, para depois contar as histórias do nosso país para as pessoas daqui de dentro e para as pessoas do mundo lá de fora.

As histórias lá de fora também são muitas. O nosso *début* foi o Peru, depois voamos mais alto e fomos para a Europa. Tomamos gosto e chegamos ao Canadá, Estados Unidos, Grécia, Egito, Israel. Queríamos mais e viajamos para o outro lado do mundo, Índia, Nepal, Hong Kong e Macau. Depois resolvemos viajar o sul da África acampando. Foram muitas emoções na África do Sul, Zimbabwe, Botswana e Namíbia.

Nos nossos 25 anos de casados resolvemos fazer alguma coisa diferente. Escolhemos passar a data no Monte Roraima, mas uma mudança de rumo nos levou para a Selva Amazônica. Um *off-road* no nosso país cairia bem, foi o que pensamos quando viajamos para a Chapada Diamantina. E uma expedição ao fim do mundo? Também caiu muito bem, porque foi lá, no “Fim do Mundo”, que decidimos conhecer a outra extremidade, o “Topo do Mundo”.

A terceira parte, ***Caminhando por aí***, será a vez de contar as nossas aventuras pelos caminhos que percorremos a pé. Começaremos pelos caminhos que levam a Santiago de Compostela. O primeiro foi o Caminho Central Português, seguido pelos caminhos Francês, Caminho do Norte, Caminho Primitivo, Caminho Sanabrês e Caminho Inglês. Ficamos sabendo da Rota Vicentina/Trilho dos Pescadores, na Costa Alentejana e Algarve, em Portugal. E lá fomos nós. Caminhando, descobrimos outras rotas lindas, dentre elas, o Le Puy, na França, que também conferimos. Depois disso, fomos caminhar na Itália. Primeiro, na parte central da Via Francigena, do Vale d’Aosta a Roma. Fizemos o duro Caminho de Santo Antônio, seguido pelo Caminho de São Francisco.

Na pandemia tivemos que cancelar, com dez dias de antecedência, um caminho todo planejado, a Via Francigena Nord. Esse caminho, que começa em Canterbury (Inglaterra), percorre parte da França e Suíça, chegando ao Vale d’Aosta, de onde partimos em 2018 até Roma.

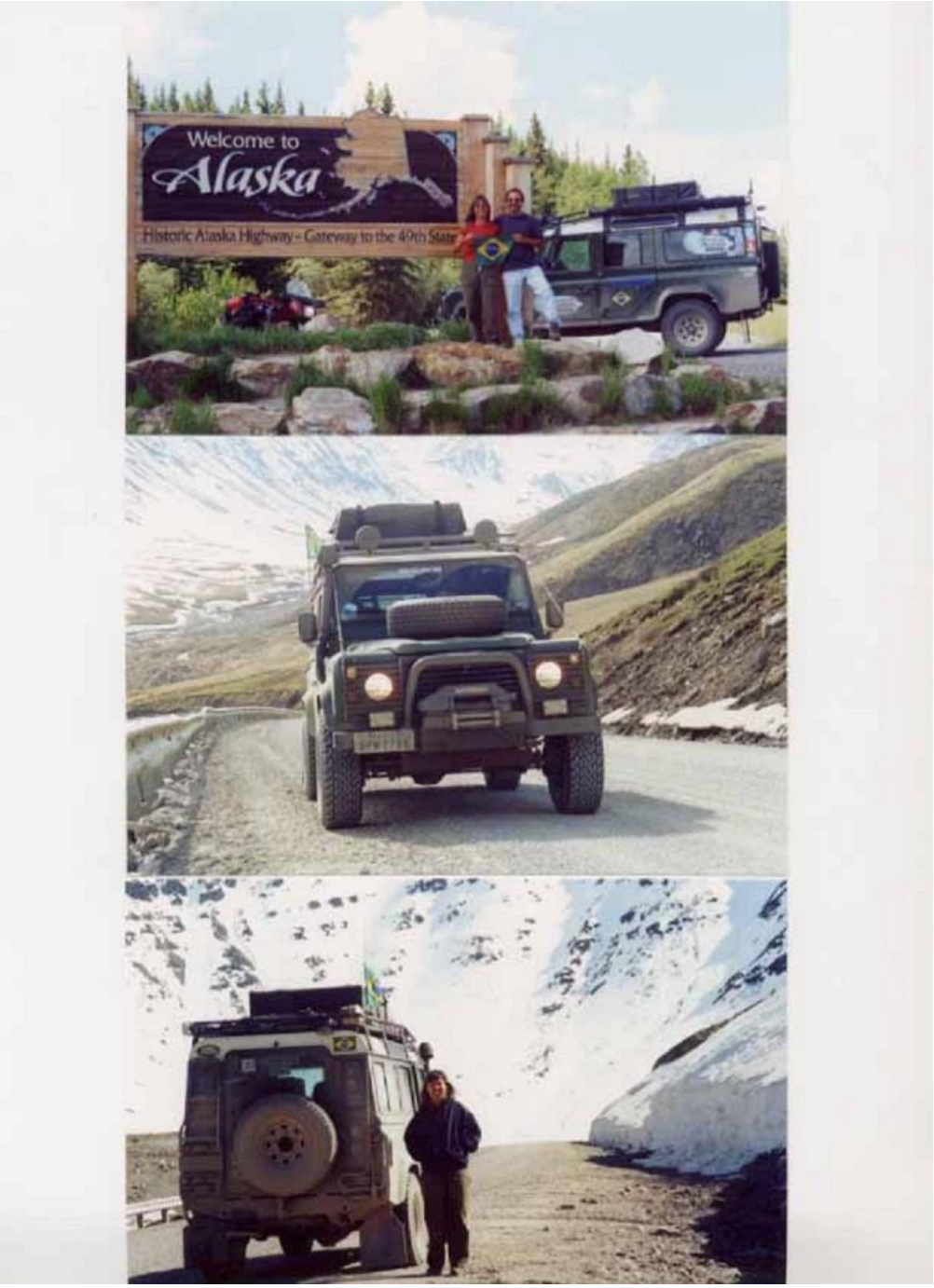
Terminado o período da pandemia, pelas regras sanitárias de cada um dos países que passaríamos na Via Francigena Nord, não conseguimos retomar essa ideia, naquele momento, e escolhemos a Sicília como destino. Assim, caminhamos a Via Francigena Magna e depois seguimos o Caminho pelas montanhas, de Palermo a Messina, sob o forte sol siciliano. Esse último, foi um caminho técnico e duro, agravado pelo clima seco, influência da África não muito distante. Nossa experiência e bom senso, depois de um “stress térmico”, falaram mais alto e nos levou a parar um pouco antes de completar a nossa jornada, o que nos deixou com um gostinho de “quero mais” e uma lembrança das belas paisagens sicilianas.

E, finalmente, em 2023 concluímos a Francigena Nord, abortada em 2019 pela Covid. Mas, certamente, não ficamos por aqui, vieram e virão outros caminhos mais a percorrer como, por exemplo, o *Alpe-Adria-Trail* que, por problemas “técnicos”, caminhamos somente parte da Eslovênia e Itália em 2024.

Sem mais lero-lero, o que esperamos é que essa seja uma leitura divertida e que vocês embarquem conosco nessas histórias. E de quebra, ficaremos felizes se conseguirmos mostrar, através dos nossos relatos, que mesmo que os sonhos sejam complicados e estapafúrdios, eles ainda podem e devem ser vividos. Boa viagem.

Parte I

Expedição Alaska 2001



O antes...

Nosso projeto de viajar o mundo de carro estava mais próximo. Com o carro testado e aprovado durante a "*Expedição Tierra del Fuego*", organizada por amigos gaúchos na virada do milênio, partimos para os ajustes que achávamos necessários.

Refizemos todo o interior do carro e uma revisão mecânica primorosa com nosso amigo Domenico. Acertamos alguns equipamentos e documentação. Afinal, o carro seria nossa casa por muito tempo.

Mas, o medo ainda existia. Seria preciso deixar os nossos empregos e encerrar, mesmo que temporariamente, a nossa vida no Brasil. Era um momento de ascensão profissional, mas pensamos: "se não for agora, nunca mais teremos coragem". E nós, que não queríamos ser, no futuro, dois velhinhos arrependidos, seguimos com o plano.

Era muito difícil deixar tudo para trás. Passava pela nossa cabeça voltar ao Brasil e não conseguir mais um emprego na nossa área profissional. Mas, ao mesmo tempo pensamos que, se isso acontecesse, teríamos outras habilidades depois dessa nossa experiência mundo afora.

Era preciso colocar um limite de tempo. Ainda tinha uma defesa de Mestrado para defender e os pedidos de demissões. Numa data estipulada, nós dois pedimos nossa demissão. Sabe aquela máxima, "vai com medo, mas vai assim mesmo". Pois é, foi o que fizemos.

A partir dali, não teríamos mais um rendimento financeiro, a não ser o aluguel do nosso apartamento. Tentamos conseguir algum patrocínio, mas não tivemos sucesso. Por outro lado, conseguimos manter durante um ano um excelente convênio médico internacional, gentilmente pago pela empresa que o Helinho trabalhava. Além disso, fizemos um acordo com uma emissora de rádio de São Paulo para o envio de boletins da viagem, semanalmente. Não recebemos ajuda financeira, mas era um jeito de mandar notícias sobre o nosso paradeiro. Na época, não existiam as redes sociais e tampouco facilidade de acesso a um celular.

Chegou o dia de arrumar o carro. Escolhemos o que precisávamos para a viagem e todo o restante colocamos num guarda móveis. Resolvemos dormir mais uma noite no apartamento. Foi uma sensação de vazio, literalmente e metaforicamente falando. Acordamos e saímos para voltar um dia, que não sabíamos quando. Avistamos o prédio e a sacada do apartamento de longe. Choramos! E seguimos.

Saímos de São Paulo com destino a Belo Horizonte. Mas, no estado que estávamos, achamos melhor parar e recompor as nossas emoções na cidade de Campanha (MG), onde uma amiga, a Khadija e seu filho Yunus *(in memoriam)*, nos receberam com o maior carinho. Passamos uma tarde e noite agradável por lá. No dia seguinte cedo nos despedimos e fomos para Belo Horizonte, via São Tomé das Letras. Paramos para almoçar num restaurante, dentro de uma fazenda que abrigava uma unidade de reabilitação de dependentes químicos. Um almoço delicioso e reconfortante.

Finalmente, chegamos a BH. Foi uma semana de despedidas. Conversas sobre a viagem. E claro, ainda tínhamos medo do que viria pela frente, mas queríamos juntos enfrentar aquele desafio. A partir dali começamos a ficar famosos.☺ Demos entrevista numa emissora de TV local e partimos, de novo, para São Paulo.

O nosso apartamento já estava ocupado pelos nossos inquilinos, o Consul de Cuba e sua família. Ficamos num hotel. Tivemos que resolver problemas em relação ao seguro do

carro, onde as regras mudaram no último momento. Resolvido o problema, depois de muita discussão, almoçamos num Shopping e encontramos nossa amiga Teresa. Dissemos um "até logo", sabendo que este "logo" poderia ser um tempo breve, um tempo longo ou um tempo infinito. E partimos...

Deixando o Brasil e subindo em direção ao norte ...

Debaixo de muita chuva, com a cabeça atordoada de pensamentos, seguimos em direção a Avaré, Campo Mourão e depois Foz do Iguaçu. Era um caminho longo, mas não tão longo como seriam os, pelo menos, quatro meses até o Alaska. Os pensamentos saltavam de um lado para o outro e lembramos do nosso amigo frentista que perguntou "a que horas chegaríamos ao Alaska". Ninguém tinha a dimensão do que era aquela nossa viagem. E nem nós, naquele momento.

Foi aí que decidimos curtir cada minuto, como se fosse único. Com essa ideia na cabeça, fomos conhecer as Cataratas no Parque Nacional do Iguaçu. A Garganta do Diabo, um show dentro do espetáculo das cataratas. Visitamos Ciudad del Leste, no Paraguai, cruzando a pé a Ponte da Amizade. O calor era insuportável.

Voltando, já no lado brasileiro, pegamos um ônibus e presenciamos a ação de um contrabandista contratado para atravessar mercadorias. As placas de computadores estavam presas debaixo dos assentos, inclusive do nosso. Sem o menor constrangimento pediu para levantarmos e retirou a mercadoria. Inacreditável!

Já estávamos prestes a deixar o Brasil. Fomos abastecer o carro. Conversando com o frentista, que nasceu ali mesmo em Foz do Iguaçu, perguntamos com que frequência ele ia ao Paraguai. A ponte ficava a poucos metros dali. E ele respondeu que nunca tinha atravessado para o lado de lá. Ficamos surpresos e pensando como as pessoas são tão diferentes. A nossa ansiedade de conhecer o mundo contrastava com a falta de curiosidade daquele rapaz em conhecer o outro lado da ponte. Concluímos, naquele momento, que era exatamente essa diferença que nos instigava a viajar. Ver o diferente e seus contrastes.

Então, foi ali que, de fato, começou a nossa história e a nossa *"Expedição Alaska 2001"*. O medo deu lugar a uma aventura inesquecível. E, nesse dia 12 de março de 2001, numa segunda feira às 10h00, com o odômetro do nosso Defender 110 marcando 110.110 km, cruzamos a fronteira Brasil- Argentina, rumo ao Alaska.

A situação de fronteira é sempre um pouco tensa. Fizemos todos os trâmites em uma hora sob os olhares curiosos dos guardas que queriam saber um pouco mais sobre a expedição. E, finalmente, entramos na Argentina.

Passar por essa fronteira foi a nossa opção, por já conhecermos a região mais ao sul, quando da *Expedição Tierra del Fuego* no ano anterior. Preferimos seguir a partir deste ponto em direção a cidade de Resistência, na província do Chaco.

Na estrada fomos parados, pela polícia, seis vezes. Na última vez, já quase na cidade, o policial pediu a documentação. Vendo que estava tudo em ordem resolveu implicar com o reboque do carro. Embora não tivesse nada sobre esta proibição na Argentina, este foi o argumento da autoridade local. Entendemos a velha e boa "cantada" de propina e decidimos acabar com a farra. O Helinho pegou as ferramentas e começou a retirar o reboque. O policial ficou desconsertado e mandou seguir "*adelante*".

Foram situações como essa, que fomos colecionando histórias caminho afora. Mas, sempre com bom humor e bom senso, o que fez dessa expedição uma grande história de nossas vidas...

Enfrentado os "Paros", o calor e os malditos pernilongos...

Na manhã seguinte, seguimos para Sáenz Peña. Era uma cidadezinha legal para ficar, não muito longe de Resistência. Por volta do meio-dia, com o sol a pino, e o termômetro do carro marcando 40 graus, vimos uma fila de caminhões parados na estrada. Faltavam apenas 20 km para chegar, mas não tinha como passar. Era um *"paro"*, bloqueio feito por trabalhadores rurais. Tentamos seguir, mas fomos barrados, interrogados e decidimos voltar. Ficamos sabendo que aquele bloqueio já tinha dois dias, sem previsão de abertura da estrada.

O jeito foi ficar ali, esperando. Corria o boato de que o bloqueio seria suspenso as oito e meia da noite. Com essa expectativa achamos uma sombra num camping abandonado. Ao entardecer os pernilongos atacaram aos bandos. Mesmo com o forte calor que fazia ficamos trancados dentro do carro para evitar as picadas daqueles malditos. Não demorou, começamos a ouvir um "zum, zum, zum" de que a estrada não abriria naquela noite.

Lembramos de ter visto um pequeno hotel na beira da estrada, alguns quilômetros atrás. Retornamos e, por sorte, tinha um quarto onde nos hospedamos. A estrada em direção a Resistência, logo depois do hotel, também fechou. Ficamos no meio do caminho. Felizmente, o hotel era agradável e limpo. Comemos algo e fomos descansar.

Bem cedinho, houve uma movimentação na estrada. Num pulo, levantamos e saímos em direção a Sáenz Peña e Salta. O nosso receio era de que a estrada fechasse novamente. E foi o que estava por vir. Mais a frente começava um outro bloqueio. Dessa vez, com a ajuda de policiais e alguns motoristas locais pegamos uma estrada vicinal, estreita e empoeirada, em meio a plantações. Ficamos assustados quando vimos um homem armado no alto de uma torre. Mas, seguimos adiante acelerando forte junto aos demais.

O rádio do carro estava sintonizado numa emissora que comentava sobre os bloqueios nas estradas da região. E mais estradas seriam fechadas. Chegando numa ponte que daria

para a estrada principal, já depois do bloqueio, disseram-nos que nosso carro era muito pesado para aquela ponte condenada. Não pensamos duas vezes e aceleramos. Atravessamos a ponte na marra e pegamos a estrada principal. Seguimos mais rápido, sem parar até a cidade de Salta. Ufa! Chegamos sãos e salvos!

Foi uma aventura e tanto, mas estressante. Ali descansamos e curtimos o lugar, que é lindo. Não é atoa que a cidade foi apelidada de *"Salta, la Linda".*

A "Lhama Lelé"...

No dia seguinte nos preparamos para cruzarmos os Andes em seus quase 5 mil metros de altitude, rumo a San Pedro de Atacama, no Chile. Seguimos em direção a San Salvador de Jujuy, ainda na Argentina, numa estrada muito bonita. No caminho nos deparamos com novo bloqueio na estrada. Inacreditável, era o terceiro. E, dessa vez, era um protesto de uma comunidade andina. Esperamos bastante tempo, o que atrasou muito a nossa viagem, e começou a nos preocupar. Iríamos cruzar os Andes e não nos agradava dirigir à noite.

Primeiro, porque queríamos ver a natureza e depois pelo risco em função da altitude. Foram horas de espera antes de liberarem a estrada por dez minutos. Seguimos por um caminho empoeirado, com pedras e muitos buracos. Enfim, começamos a subir os Andes. O visual era lindo e intrigante. Um lugar inóspito e casas no meio das montanhas, sem nenhum acesso a carros. Nosso destino era a fronteira de *Paso Jama*, que fica a 4.200 metros de altitude.

Fizemos os trâmites da fronteira Argentina, junto com um caminhoneiro brasileiro que seguia para o Peru. Ao entrarmos no Chile a estrada já era asfaltada. A paisagem era a mesma:

vulcão, picos nevados, imensos “salares” e cactos gigantes. Continuamos a subir até 4.860 metros de altitude. A atenção precisava ser redobrada. O ar rarefeito trazia a sensação de cansaço, sonolência e dificuldade para respirar.

Não tínhamos feito nenhum tipo de aclimatação e a diferença de altitude era muito grande. Os picos nevados, que antes víamos distante, agora estavam bem perto. As nuvens pareciam estar ao nosso alcance. As sombras pareciam grandes lagos. Eram verdadeiras miragens. Uma beleza natural incrível. Paramos para curtir aquele momento. Tentamos uma corridinha para atravessar a estrada, mas o cansaço nos impedia. Tudo ficou em câmera lenta. O tempo parecia que estava parando. Então, resolvemos seguir adiante.

Começamos a descer o vale e, de repente, chegamos em San Pedro de Atacama, que fica a 2.400 metros de altitude. Fizemos a aduana antes de entrar na cidade. O Chile é muito rigoroso em relação à entrada de alimentos. Nada de frutas e alimentos frescos. Já conhecíamos as burocracias. Com isso, não tivemos problemas. Os policiais revistaram o carro e nós entramos na cidade.

Não chovia em San Pedro de Atacama há mais de 45 anos, segundo os moradores. E, justamente, antes de chegarmos choveu muito forte. As ruas ficaram alagadas e com muito barro. As estradas ficaram intransitáveis. Com isso, o camping estava fechado e o jeito foi procurar um *“hostal”* razoável e com preço justo. O único problema foi a falta de luz na cidade e, consequentemente, a falta de água quente. A cidade não era preparada para chuva e, por isso, estava um tanto caótica. Mas, mesmo assim não afastou os turistas.

Saímos para dar um passeio pelas ruas e o cheiro de incenso nas lojas, de perfume *patchouli,* a iluminação com velas e as músicas de Ravi Shankar e Bob Marley nos bares, nos fez voltar no tempo.

Descansamos, e no dia seguinte, começamos a explorar a cidade e os pontos imperdíveis do deserto. O Vale da Lua, ganhou este nome, pela semelhança com a superfície lunar. Não possui nenhum tipo de vida e as formações rochosas, que alcançam até duzentos metros de altura, são resultado dos ventos na região. O Vale da Morte, foi um lugar onde os povos antigos levavam os seus doentes e velhos, com os pertences, para ali morrerem em paz. Múmias foram encontradas e algumas estão no museu da cidade, que vale a pena ser visitado. Tanto o Vale da Lua quanto o Vale da Morte estão numa cordilheira de sal. Mas, foi o Vale da Morte que mais nos impressionou. Os desfiladeiros e dunas próximas nos causou uma sensação bem esquisita. Chegou dar arrepios.

Outra atração, Pukara de Quitor, considerado um monumento nacional, é um sítio arqueológico pré-colombiano que dizem ter servido como fortaleza do povo atacamenho,

contra os ataques incas. Ainda mais interessante é visitar o El Tatio, onde os *Gêiseres* explodem, levantando a mais de oito metros de altura, jatos de vapor e água fervendo. Eles estão localizados a 4 mil metros de altitude e fica a quase 100 quilômetros de San Pedro de Atacama.

Com as chuvas dos dias anteriores, as estradas ficaram intransponíveis em alguns pontos e a polícia local não recomendou caminhos alternativos para visitar os vulcões Licancabur e Lázcar, as piscinas de Peine, a Reserva Nacional dos Flamingos, o Salar de Atacama e as cidades de Toconao e Socaire. Ficamos frustrados, claro!

O vulcão Lázcar, que pode ser visto de San Pedro de Atacama, ainda é ativo e fica sempre envolto por uma fumaça, com forte cheiro de enxofre. O Licancabur, impõe por sua beleza e altura, o que atrai os mais curiosos montanhistas.

Antes de continuarmos o nosso caminho, aproveitamos um pouco mais a cidade e vimos o carro de um brasileiro, que se acidentou na região. Por falta de sorte dele, tinha um carona, que faleceu. O rapaz foi detido. Nunca mais soubemos o que aconteceu com ele.

O *"hostal"* onde nos hospedamos, era de uma nativa muito simpática, que tinha uma filhinha de 2 anos, de nome Leslie. Todos os dias tomávamos nosso café da manhã na cozinha, com Leslie e uma prima que ajudava nos afazeres domésticos. Com isso, acabamos nos afeiçoando com a menininha e ela conosco. No dia da nossa partida Leslie chorou muito, o que nos deixou de coração partido. Foi então, que nos demos conta de quantos encontros e despedidas teríamos pela frente. Ficamos tristes, mas ao mesmo tempo aprendemos o inevitável, as despedidas seriam difíceis. Ganhamos da Leslie uma lhama de pano, que era o brinquedinho preferido dela. Demos o nome de "Lhama Lelé". Ainda guardamos conosco. É uma lembrança que nos foi entregue com desapego, por uma criança de 2 anos. Ainda hoje, quando olhamos a "Lhama Lelé" lembramos com carinho daquela menininha.

E naquela época não tinha telefone celular, nem redes sociais...

Durante o planejamento da nossa expedição tentamos conseguir algum patrocínio. Contatamos uma empresa de telefonia por satélite que tinha, naquela época, um telefone enorme que cabia numa mala. Infelizmente, não conseguimos o patrocínio. Então, os boletins que enviávamos para uma emissora de rádio de São Paulo foi a maneira mais divertida de mandar notícias para o Brasil. Para isso, os relatos eram gravados e enviados de um telefone público, com ligação "a cobrar".

A comunicação com a família e amigos era feita por e-mails. Nos países da América do Sul, América Central e no México, o Cyber Café era a melhor saída. Já nos Estados Unidos era fácil conseguir uma ótima internet, sem custos, nas bibliotecas públicas e universidades.

Mesmo sem fácil conexão com o Brasil, essa longa viagem até o Alaska teve de tudo, menos solidão. Muitas pessoas tinham curiosidade e sempre paravam para conversar, ver o carro e trocar informações. Por exemplo, no caminho para Iquique, ainda no Chile, encontramos uma família francesa que estava viajando há seis meses. Depois encontramos quatro brasileiros, que seguiam para surfar no Peru. Em Iquique, um chileno que tinha morado no Brasil, nos abordou quando viu o carro estacionado. E, como tem brasileiro pelos quatro cantos do mundo, também fomos abordados por um brasileiro que vivia na cidade. Fora isso, nos postos de gasolina, nas ruas, nas praias, em qualquer lugar, as pessoas queriam saber sobre a nossa expedição.

Por vezes, fomos presenteados. E, em Iquique, ganhamos uma super lavagem no carro. Além disso, como a cidade era grande, com uma boa infraestrutura, resolvemos trocar um rolamento do motor do carro, avaria essa, que foi gerada pelas péssimas condições das estradas e da ventania com muita areia fina que enfrentamos pelo caminho.

Enfim, a revisão foi feita, aproveitamos para enviar os relatos da rádio e era hora de partir. Retomamos o nosso trajeto, pela estrada Panamericana, rumo a Arica que ficava somente 20 km da fronteira com o Peru. Paramos para ver a cidade que era conhecida pelas suas praias de surf, e cruzamos a fronteira do Peru.

O Peru e suas diferenças...

A estrada era perigosa, com muitas curvas e cânions. As carcaças dos veículos no fundo dos desfiladeiros ficavam a mostra, assim como as cruzes e os pedaços de carros na beira da estrada demarcando os locais dos acidentes. Diante disso, seguimos com muita cautela até Arequipa, cidade que já conhecíamos.

Foi um *déjà vu*. Quando estivemos lá, pela primeira vez, o presidente do Peru era Alan Garcia. E, dessa vez, chegamos bem no dia de um comício desse mesmo político. O então ex-presidente se candidatava à presidência novamente. Pelo que percebemos, suas promessas já não encantavam como antes, mas o "showmício" deixou a multidão de peruanos bem animada.

Resolvemos explorar outros lugares do país. Então, fomos para Nazca. Tivemos que ficar parados, mais uma vez, esperando acabar uma manifestação de camponeses. Era o nosso quarto bloqueio de estrada desde que saímos do Brasil. Muito tempo depois chegamos ao nosso destino.

Não poderíamos deixar de ver as famosas "Linhas de Nazca", principal atração da região. Esses geoglifos, que

são linhas que formam diversas figuras, podem ser vistas a distância ou fazendo um sobrevoo na região. Mas a cidade, essa parecia uma coisa de louco, literalmente. Só para ter uma ideia, um alto falante numa torre da praça central tocava uma música altíssima. Nas lojas, o volume da música também era ensurdecedor. Isso, sem contar a televisão pública que ficava no meio da praça com o som na maior altura. E, finalmente, os carros buzinando sem parar. Queríamos fugir dali para qualquer lugar. E fugimos para o deserto silencioso sabendo que ainda teríamos muito o que ver e sentir pela frente.

Sem compromisso com o tempo físico, a não ser chegar ao Alaska no verão, não nos privamos de conhecer todos outros lugares com bastante calma. Depois de Nazca fomos em direção a Pisco, mas não sem antes parar em Ica.

Ica nos fez lembrar a Índia. As ruas empoeiradas, com muita gente, e um trânsito caótico dividia o espaço com os carros e os *riquixás* ou *tuc-tucs,* bem ao estilo indiano. Essa cidade vive da produção de uvas, plantadas em pleno deserto, em areia irrigada formando campos verdes imensos.

Fugindo do caos, fomos para Paracas, onde fica a Reserva Nacional de Paracas. Esta é uma área protegida onde vimos os lobos marinhos, condores e formações geológicas fantásticas como, por exemplo, *La Cattedrale*. Ficamos o final de semana para conhecer a região e a Islas Ballestas, uma verdadeira reserva ornitológica, com colônias de aves e leões marinhos. Foi um merecido descanso, com direito a aproveitar a praia, debaixo do calor escaldante.

Encontramos um pescador, que já tinha morado no Brasil, e explicou que Paracas era o paraíso dos milionários, empresários e políticos. A região é fascinante, com o deserto e o mar se encontrando. Além das belezas naturais, o museu da cidade mostra um pouco da cultura Paraca.

Como já tínhamos conhecido a parte central do Peru, numa outra viagem, resolvemos conhecer a costa. A saída de Paracas teria sido normal se não fosse mais uma manifestação de trabalhadores rurais. Era o nosso quinto bloqueio, desde que começamos a viagem. Já estávamos espertos em relação a esses bloqueios. Por isso, quando a polícia avisou sobre o protesto, seguimos, com mais uns dez carros, por estradas vicinais. Já tínhamos feito isso antes e não hesitamos. Parecia um rally, porque ficamos sabendo que a ponte que teríamos de passar para retornar à estrada, depois do bloqueio, seria fechada.

Dessa vez, passamos entre plantações de algodão e cana, encontrando carros que vinham na mão contrária. Por sorte, não aconteceu nenhum acidente e chegamos, novamente, na estrada principal, a Panamericana. Algum tempo depois estávamos atravessando a caótica Lima.

O nosso destino era Trujillo, mas não conseguimos chegar, pelos contratempos. Por isso, resolvemos dormir em Casma, uma cidade pequena, numa região com a cultura pré-colombiana Chimu. Partimos cedo, no dia seguinte, e resolvemos ir para Piúra onde ficamos num "hostal" bem legal, com direito ao melhor apartamento por um preço bem mais baixo. Foi uma generosa oferta dos proprietários. Ali conversamos por longas horas sobre a nossa viagem e sobre o Brasil.

Ali a paisagem era de arrozais, bananeiras e coqueiros. Algumas vezes lembrava o nordeste brasileiro, só que com o mar à nossa esquerda, não a direita como no Atlântico, já que nossa direção era o Norte. Afinal estávamos vendo o Oceano Pacífico. O calor se tornava insuportavelmente úmido.

Apesar do local e pessoas agradáveis, era hora de cruzar a fronteira do Equador. Mas, as imagens que vimos pela televisão não eram muito animadoras. A chuva tinha castigado a região. Tinham muitas pontes caídas e o rio que cruzava a fronteira estava bem cheio. Em alguns pontos da estrada era necessário a ajuda de tratores para tirar os carros da lama. As cidades estavam alagadas. Felizmente, tinham alguns desvios, que era com o que contávamos naquela altura. Assim, bem cedo saímos em direção ao Equador, nosso novo destino.

Despachando o carro ...

Até ali já tínhamos viajado 10.000 km. A fronteira do Equador mais parecia a fronteira de Ciudad del Leste em tamanho menor, mas com o mesmo volume de gente circulando. Fizemos os trâmites burocráticos e seguimos para Machala, uma cidade a 60 km da fronteira.

Chegamos bem na hora do jogo de futebol entre Brasil e Equador. E, pior, exatamente na hora do gol do Equador, que dava a vitória ao time sobre o "tetracampeão mundial". Nosso carro todo adesivado com bandeiras do Brasil chamou atenção e o resultado foi um "buzinaço" atrás de nós. ☺

Depois disso, acham que tivemos sossego? Claro que não! Ouvimos muitas gozações dos policiais que nos paravam para checar documentação, dos atendentes de hotéis e lojas... Enfim, tivemos que aderir à brincadeira porque, convenhamos, era um bom "quebra gelo" em muitas situações. Ganhamos, inclusive, uma lavagem geral do carro. Mas, o que mais nos impressionou foi que duas horas após o jogo já tinha uma edição extra do jornal local com a seguinte manchete: "Ganhamos do Brasil. Mudamos a história".

A nossa ideia era seguir do Equador para a Colômbia, mas fomos desaconselhados cruzar a fronteira porque, na época, as FARCs estavam muito ativas, praticando sequestros, e nós seríamos um alvo muito fácil e precioso para os propósitos dos guerrilheiros. Desistimos e fomos até Puerto Bolívar, um porto internacional, para entender como fazer para embarcar o nosso carro para o Panamá. Isso porque, não existe passagem por terra da América do Sul para a América Central, uma vez que o *"Darién Gap"* é uma grande bacia hidrográfica, florestas e montanhas, sem estradas construídas.

Fomos bem recebidos pelos agentes da Capitania dos Portos, em Puerto Bolívar, e informados que somente em Guayaquil poderíamos fazer o embarque. Guayaquil não era, exatamente, a cidade que gostaríamos de ficar por muito tempo. Era uma cidade muito grande e confusa com um agitado centro comercial. O trânsito era caótico. Os pedestres cruzando à frente dos carros, sem mais nem menos. A buzina era acessório fundamental. Os guardas de trânsito eram verdadeiros *"kamikazes".* Ficavam no meio dos cruzamentos, sem

nenhuma proteção, tentando organizar o trânsito, numa performance muito divertida. Os condomínios luxuosos ficavam numa região, que chamam *La Puntilla*, bem distante do centro da cidade.

Naquele momento, o Equador estava passando por uma difícil situação econômica, pela sua dolarização. O *Sucre*, sua moeda antiga, deixou de existir. A conversão era de 25.000 Sucres para 1 dólar. Com isso, houve um empobrecimento geral e, consequentemente, um aumento significativo da violência urbana.

Os contrastes eram enormes e os problemas sociais, idem. Ficamos impressionados com a ostensiva vigilância armada, com metralhadoras e escopetas, dentro e fora dos shopping centers, nos hotéis, nos estacionamentos, nas lanchonetes e restaurantes. Mas, algumas pessoas nos disseram que quatro anos antes da nossa passagem por lá a situação era muito pior (). Diante da situação, optamos por um hotel distante do centro, evitando uma maior exposição do carro.

Enfim, não tínhamos como fugir dos processos e dos trâmites da aduana e do embarque do carro, que eram complicados e demandavam tempo. Fizemos pesquisa das empresas navegadoras, despachantes aduaneiros e foram várias idas e vindas ao porto para assinaturas de documentos, xerox, pagamento de taxas etc., etc... Tudo isso, com a ajuda da Capitania dos Portos. Apesar de muito bem recebidos, infelizmente, tivemos que enfrentar as falcatruas e tabelas de preços para estrangeiros. Depois de tudo pronto, ouvimos que o carro não embarcaria no dia combinado.

Simplesmente a empresa navegadora contratada não tinha reservado o espaço para o nosso container. No dia seguinte, amanhecemos no escritório e tivemos uma inflamada discussão em “portunhol”, o que não adiantou absolutamente nada. Tivemos que procurar outra empresa que tivesse condições de embarcar o carro numa data mais próxima. E assim o fizemos.

Mas, além de tudo isso, ainda restava uma pendência. Naquela época, era necessário o visto para alguns países da América Central. E o Panamá estava nessa lista. Ligamos para o Consulado e fomos muito bem atendidos. Em meio dia já tínhamos o visto, mediante o pagamento de cem dólares, claro! Isso porque, a “autoridade” local tinha morado no Brasil e blá, blá, blá...

Bem, enquanto esperávamos para embarcar o carro, resolvemos relaxar e conhecer Salinas, o “Guarujá equatoriano”. A cidade tinha uma grande estrutura turística, com prédios altos e ficava mais movimentada nos finais de semana. O calor era escaldante, que só de ficar na sombra da barraca adquirimos um belo bronzeado. Ali aproveitamos para comer um *"ceviche",* típico da região, e outros mariscos e pescados.

Voltamos para Guayaquil e chegou a hora de embarcar o carro. Fomos cedo para o porto. Chegando lá tivemos a primeira surpresa. O despachante disse que teríamos que pagar um valor extra para que o carro fosse vistoriado. Dissemos que queríamos o recibo da aduana.

O assunto morreu por aí mesmo, sem o pagamento. Já estávamos espertos. Essa era mais uma tentativa de “morder uma grana”.

O container, finalmente, foi liberado, depois de uma hora e meia de espera. O carro estava pronto para ser embarcado quando veio a segunda surpresa do dia. Era necessário amarrar o carro dentro do container, como medida de segurança, para que ele não ficasse jogando de um lado para o outro. Até aí, tudo bem. Mas, tivemos que desembolsar mais dinheiro. As práticas extorsivas, comum nos portos, já eram conhecidas. Não é atoa que o nome "quadrilha" é usado por eles mesmos. Um nome bem apropriado para definir esses prestadores de serviços.

Depois de concluído essa saga do embarque do carro não adiantava sair correndo dali. O carro iria demorar uns bons dias até o Panamá. Por isso, fomos para Cuenca, a terceira maior cidade do Equador.

Compramos nossas passagens para Cuenca numa empresa de ônibus que oferecia "ônibus com ar-condicionado, televisão a bordo e música ambiente". Mas, a televisão era a paisagem vista pela janela mesmo. O ar-condicionado eram as janelas totalmente abertas. E a música ambiente era o rádio do ônibus sintonizado numa estação com uma música alta que se misturava com o barulho do motor do ônibus e do vento. Mas, tudo isso fazia parte da viagem e não nos fez perder o bom humor. As paisagens eram lindas, apesar das estradas um pouco *"malogradas"*, por causa das recentes chuvas que caíram na região.

Cuenca é uma cidade com arquitetura colonial, muitas igrejas, grandes praças e culturalmente muito ativa. Fica num vale, apesar de seus 2.500 metros de altitude, cercada por altas montanhas andinas, com muito verde. É considerada Patrimônio Cultural da Humanidade pela UNESCO. Existe uma parte moderna ativa, mas que pouco nos interessou.

A cidade estava em festa pela comemoração da sua fundação e pelas celebrações que antecedem a Semana Santa. O Domingo de Ramos foi especial. A Catedral da cidade ficou lotada. E foi interessante ver os vários povos indígenas, mestiços e brancos juntos, agitando seus ramos, dentro e fora da Catedral. As ruas estavam enfeitadas e após a missa teve um desfile com banda militar e muitos fogos de artificio.

Aprendemos sobre os vários povos indígenas do Equador. Em Cuenca vimos os Otavalos, que vêm do Norte, os Saraguros e os Cañarejos. Para nós eles se diferenciavam, principalmente, pelas roupas e adereços. Os homens Saraguros, usam calças mais curtas, parecendo bermudões, os cabelos amarrados em "rabo de cavalo" e um chapéu preto. Já as mulheres Otavalos usam vestidos longos, camisas brancas e muitos colares dourados no pescoço. As cañarejas usam roupas bem coloridas, saias rodadas, chapéu e um xale nos

ombros. Estes povos indígenas, além do espanhol, tinham sua língua nativa, o *quéchua*, com pequenas variações entre cada povo.

Cuenca era uma cidade muito interessante e nós, já relaxados do estresse de embarque do carro, resolvemos ligar para a empresa navegadora na data prevista que o carro partiria. Foi aí que veio outra surpresa. O carro não tinha sido embarcado na data prevista. Depois de outra discussão, por telefone, voltamos para Guayaquil. A explicação foi que tiveram um "problema de calado", ou seja, o rio não estava cheio suficiente para permitir a entrada do navio no porto e nenhuma carga foi embarcada.

Agora tínhamos outros problemas. O nosso voo para o Panamá já estava marcado e a aduana já tinha marcado no nosso passaporte o nome do navio que o carro estaria sendo transportado, o que mudaria com esse cancelamento de embarque. E, por fim, deixar o carro no porto era um risco porque os containers eram constantemente violados, segundo a própria empresa navegadora.

Nossa primeira providência foi tentar falar com o Consulado Brasileiro para saber exatamente o que fazer naquela situação. No consulado disseram que não sabiam e sugeriram que ligássemos para a Embaixada do Equador, em Quito. Quem atendeu na Embaixada não sabia o que fazer também, pediu para ligar no Consulado do Panamá. Como já conhecíamos essa “autoridade” panamenha em Guayaquil, que concedeu o visto, fomos em busca das informações.

Com calma, tudo foi se acertando. Conseguimos trocar as passagens, sem nenhum custo adicional. Na companhia navegadora pedimos que checassem o lacre do container e parecia estar tudo bem, só que, por incrível que pareça, a empresa não se responsabilizava se houvesse violação. A chefe da exportação da empresa somente disse-nos que pediu para colocarem um outro container junto ao nosso para dificultar a abertura do lacre. Só nos restava rezar e tentar, uma vez mais, relaxar. Como não adiantava nada permanecer em Guayaquil, resolvemos conhecer Quito. Pelo menos a viagem nos distrairia das preocupações. Seguimos oito horas, de ônibus, numa viagem entre as montanhas, no meio de uma floresta, incrivelmente maravilhosa.

Chegamos em Quito, que fica num vale, situado a 2.850 metros de altitude. O verde predomina e as casas e os prédios são construídas morro acima e abaixo. Existe uma parte colonial muito antiga, com o casario bem preservado. Suas ruas estreitas e ladeiras predominam nesta parte, lembrando Ouro Preto e, fazendo jus também ao título de Patrimônio Histórico da Humanidade. O outro lado da cidade é moderno com grandes avenidas, prédios e casas luxuosas.

Ficamos hospedados num lugar muito legal, com muitos turistas, bares, restaurantes, uma verdadeira festa. E mais, um lugar onde se podia andar e voltar a noite caminhando para o hotel, bem diferente de Guayaquil. Quito é, realmente, uma cidade incrível.

Visitamos lugares interessantes, que ficavam próximos a Quito. Otavalo, 100 km ao norte, é uma cidade com a maior concentração do povo indígena, que leva o

mesmo nome. Aos sábados, essa pequena cidade se transforma numa grande feira, com artesanato, roupas, tapetes, enfeites e, também, uma parte de frutas, verduras e legumes da região. Tudo muito colorido.

O outro lugar que visitamos foi a *Mitad del Mundo*, onde passa a linha do Equador. Fica 22 quilômetros distante de Quito. Lá colocamos, literalmente, um pé no norte e outro no sul do mundo.

Aproveitamos o tempo que nos restava na cidade e resolvemos passar nas Embaixadas do Panamá, da Nicarágua e de Honduras para entender melhor sobre a questão dos vistos e adiantar a "consularização" da documentação do carro.

Na Embaixada do Panamá, enquanto esperávamos na recepção, olhamos o quadro de avisos e nos deparamos com uma informação que surpreendeu. Lá dizia que brasileiros não precisavam mais de vistos para entrar no Panamá. Ficamos sem entender e comentamos com um funcionário que tínhamos feito o pagamento dos vistos e mostramos os passaportes. Nesse momento, o Embaixador veio falar conosco.

Essa não era a primeira vez que isso acontecia. Diante do fato, o Embaixador pediu nossa colaboração para comprovar a falcatrua. Pensamos bastante e decidimos não entrar nessa confusão. Como viajantes, resolvemos não nos envolver com os problemas domésticos e políticos do país. Tínhamos um longo caminho a percorrer no Panamá e preferimos viajar tranquilamente, sem preocupações. Bem, a história é um pouco mais longa e complicada, mas preferimos não a deixar pública, por motivos óbvios.

Depois desse imbróglio voltamos para Guayaquil. A empresa navegadora informou que o carro tinha embarcado e que chegaria ao porto, no Panamá, na data prevista. Finalmente, depois de 20 dias no Equador, pudemos continuar nossa viagem rumo ao Alaska. Ficar no Equador além do previsto, pelo atraso do embarque do carro, a princípio foi uma chateação, mas foi compensado pelas viagens onde pudemos conhecer melhor aquele país.

Cruzando para América Central...

Depois de toda a saga do Equador, era hora de cruzar para a América Central. Numa quinta feira de abril, embarcamos muito cedo, num voo curto, para o aeroporto de Tocumém, na Cidade do Panamá.

A Cidade do Panamá é uma cidade grande, bonita e moderna. O centro antigo, na época, estava muito descuidado e era preciso ter um pouco mais de atenção com a segurança. Mas, visitamos assim mesmo e não nos arrependemos. Quem foi ao Pelourinho, em Salvador, antes da restauração e revitalização pode ter ideia do que era quando lá estivemos. A arquitetura é fantástica. Foi declarada Patrimônio Mundial da Humanidade, mas o descuido e a má fama afugentavam a maioria dos turistas. Hoje revitalizada, essa parte da cidade é um ponto obrigatório de visitação.

A cidade sofreu grande influência norte americana, por causa da construção do canal. Mas, os contrastes das grandes avenidas e shopping centers com os ônibus coloridos com sons altíssimos tocando salsa e merengue, e as buzinas estridentes e ensurdecedoras nos faziam lembrar que ainda estávamos na América Central.

No sábado, bem cedo, pegamos um ônibus para ir buscar nosso carro em Colón, a 85 km da capital. A rodoviária era moderna. O ônibus era confortável, com ar-condicionado e TV. O ajudante do motorista era uma atração a parte. Ao estilo *Latin Lover*, chamava todas as mulheres de "meu amor" e "minha vida". Ele tinha um dente de ouro branco e outro de ouro amarelo, ambos decorados com pequenos desenhos. Durante toda a viagem se mostrava. Ao som da salsa e do merengue, tocada em volume altíssimo no rádio do ônibus, como era o costume, ele dançava. Depois de uma hora e meia de viagem e diversão, estávamos no escritório da empresa de navegação.

Esperamos o funcionário, responsável por nos entregar toda a documentação para a retirada do carro. Com os trâmites feitos corremos para o porto Mazanillo, que ficava a 5 km dali. Chegamos às 11h15 e fomos informados que o porto fecharia ao meio-dia e que o departamento de trânsito, que precisávamos ter ido antes da aduana, no porto não abria aos sábados.

Bateu um certo desespero de pensar que enfrentaríamos a mesma maratona burocrática que tivemos que amargar em Guayaquil. Teríamos que voltar para a Cidade do Panamá e depois retornar a Colón, novamente, na segunda feira. Ficamos tão desolados que a pessoa encarregada pela entrega do container pediu a um funcionário que nos ajudasse.

Enfim, tínhamos o carro, mas faltava um documento que nos permitia dirigir pelo país. O chefe da aduana, que também era um professor de geografia e interessado em saber mais sobre a situação política e econômica do Brasil, fez todo o possível. Ligou para uma funcionária do departamento de trânsito e pediu que ela fosse da sua casa ao escritório para emitir o tal documento que nos autorizava a circular no Panamá. Sem esse documento não poderíamos seguir viagem. Com isso, conseguimos, graças a essas pessoas, retirar o carro do porto de forma segura e totalmente legalizada, conforme as leis do país.

De novo, estávamos com o nosso "caminhão", como carinhosamente chamávamos nosso "carro casa", intacto. E, finalmente, poderíamos seguir a nossa viagem rumo ao Alaska. Mas, não sem antes conhecer o Canal do Panamá, na sua maior eclusa conhecida como *Gatun.*

Essa eclusa é uma obra de engenharia fantástica e que leva os

navios do Pacífico ao Atlântico e vice-versa, passando por um lago a 26 metros acima do nível do mar. Vimos a fila de navios de carga e de passageiros que ficam à espera da sua vez para passar pelo canal. Só para ter uma ideia, do ponto de observação que estávamos era possível conversar com os que estavam a bordo. O navio passa lento, a mais ou menos sete metros de distância. E, como curiosidade, vimos que a tarifa média que cada navio pagava era de 45 mil dólares. Mas, o recorde, na época, era de 185 mil dólares, pago por um navio de cargas.

Pelos problemas enfrentados em relação às questões políticas, já mencionado, resolvemos abreviar nossa estadia no Panamá. E, seguimos para a Costa Rica...

Costa Rica – Pura Vida...

Apesar de essa ser uma viagem com muito tempo, era importante ter algumas preocupações. Uma delas era a época de chegada ao Alaska, por causa do seu clima rigoroso. Portanto, esse tipo de viagem requer organização.

Cada um de nós tinha suas funções e obrigações. Era preciso pensar onde parar, abastecer o carro com alimento, combustível e água. O carro era limpo por dentro. As roupas eram lavadas, de preferência numa lavanderia *self service*. Mas, nem todas as cidades dispunham do que precisávamos. Por isso, para permanecer mais tempo em algum lugar, era preciso saber qual a infraestrutura da cidade. Enfim, não era uma viagem de férias. E, ao contrário do que todos pensam, e nós também pensávamos, viajar por muito tempo é bem trabalhoso. Tínhamos rotina, trabalho e diversão.

Então, depois de toda checagem feita na Cidade do Panamá, seguimos pela Rodovia Panamericana, também conhecida como *Interamericana* por aquelas bandas. A estrada era estreita e margeada por mata, flores e frutas. Atravessando a fronteira, e já na Costa Rica, resolvemos deixar a Panamericana e pegar a rodovia Costaneira, que margeia o Oceano Pacífico. Em alguns pontos o mar fica a poucos metros da estrada, um convite para um mergulho.

Agora o nosso destino era a praia de Manuel Antônio, um lugar bem charmoso com hotéis, pousadas, camping, bares e restaurantes. Conhecer o parque, que tem o mesmo nome, foi uma ótima opção. Ficamos por alguns dias e de lá, seguimos para San José.

Já era ideia fazer uma parada "técnica" na capital para revisão do carro. Mas, coincidência ou não, chegando à cidade o carro apresentou um pequeno problema, que foi facilmente resolvido numa concessionária Land Rover, a única da região. Fomos recebidos com muita curiosidade. O serviço foi rápido e honesto.

Ainda na concessionária, tivemos uma informação que nos deixou um pouco preocupados. A Costa Rica e a Nicarágua tinham um “problema comercial” e a marca Land Rover não era bem-vinda no nosso próximo destino. Ligamos para a Embaixada da Nicarágua, mas, apesar de saberem da existência de algum problema, não tinham informações concretas. Passaram o telefone do chefe da aduana da fronteira por onde entraríamos. Ligamos e ele nos disse que realmente a informação estava correta, mas que seria possível cruzar o país. Relaxamos.

Fomos conhecer a Costa Rica. “Pura Vida” é uma expressão dos costarriquenhos que representa muito o país e como os costarriquenhos encaram a vida. Ali, o exército foi abolido. O índice de criminalidade era baixo. O povo é politizado e educado. Fora isso, o sol, as praias

e as belezas naturais são deslumbrantes. A paisagem lembra um pouco o Brasil, em pequena escala.

Certo dia, estacionamos o carro numa rua, que precisava de um ticket de estacionamento. Saímos para comprá-lo e quando voltamos encontramos dois policiais olhando o carro. Ficamos preocupados e mostramos o ticket, mas eles disseram que estava tudo bem. Na Costa Rica os turistas são bem-vindos e tem alguns privilégios, acrescentaram.

Um outro ponto de parada foi Tamarindo, uma praia ao norte do país. Conhecemos um italiano que gostou do país e resolveu ficar por lá mesmo. Construiu uma pequena pousada, num terreno bem grande. Era um lugar simpático e especial. A natureza era fantástica e os macacos bugios faziam a maior algazarra, principalmente ao amanhecer.

Num desses dias, fomos fazer o nosso café da manhã, numa cozinha que ficava numa área externa. O italiano passou animado e desejou um eufórico "bom dia". Realmente, o dia estava lindo. E, certamente, aquele seria um "bom dia". Mas, recebemos a visita de um iguana enorme, que resolveu tomar o café da manhã conosco. Foi um verdadeiro pandemônio.

Enquanto a iguana insistia em ser nossa convidada, o Helinho tentava espantar o bicho com uma vassoura. Quanto mais ele tentava afastar a iguana mais ela ia na direção dele. Eu consegui sair do cerco. A cafeteira jorrou café para cima sujando toda a parede, a iguana perseguia o Helinho, que tentava afastá-la e eu não me aguentava de tanto rir com a cena. Foi uma verdadeira batalha, até que o Helinho conseguiu sair da cozinha e a iguana, finalmente, conseguiu o seu intento, pegar as frutinhas que o italiano colocava para ela numa fruteira em cima da mesa. O italiano poderia ter nos avisado, né? ☺

Depois de uns dias por ali, já habituados com as iguanas ou nos divertindo boiando num rio que desaguava no mar, o que depois ficamos sabendo ser o habitat de crocodilos, era hora de partir. Teríamos que enfrentar pela frente os problemas na fronteira da Nicarágua. Ficamos com vontade de ficar mais tempo, mas era hora de deixar, temporariamente, aquela "Pura Vida".

Nicarágua, o nosso "Salvo Conduto" e passagem por Honduras…

Partimos de Tamarindo muito cedo, em direção a fronteira da Nicarágua. Quando chegamos encontramos muitos ônibus, caminhões e vans carregadas de mercadorias que os comerciantes nicaraguenses buscam na Costa Rica e no Panamá para comercializar no país. Tudo era revistado, antes de cruzar para o outro lado. E nós também passamos por todos os

Nicarágua - Fronteira

trâmites, mas ainda era preciso resolver a situação de entrada do carro. Nossa sorte foi ter ligado para o "chefe da aduana" antes. Do contrário, nem saberíamos por onde começar.

Na verdade, a imigração foi fácil, mas na aduana passamos por quinze procedimentos e quatro horas entre o vai e volta aos guichês, correr atrás dos inspetores, pagar taxas, pegar carimbo e assinaturas, para no final ter somente um pedaço de papel escrito à mão. Nenhum papel oficial. Não sabíamos se aquele papel valeria para alguma coisa. No final valeu, e conseguimos finalizar mais ou menos o processo. Ainda precisávamos ter um "salvo conduto" para seguir viagem.

Explicando melhor, a travessia pela Nicarágua teria que ser feita num único dia, mediante pagamento de uma taxa e acompanhados por uma pessoa indicada pela aduana. Não adiantou argumentar que o carro só tinha os dois assentos dianteiros. Na verdade, estávamos sob custódia. Esse funcionário era o nosso "salvo conduto" e era a garantia de que sairíamos do país antes do final do dia. O assento da frente foi "gentilmente" cedido ao funcionário. Ele levou toda documentação do carro até a fronteira com Honduras. E só lá entregou a papelada. Entendemos que essas eram as regras, mas ficamos com pena por não conseguir conhecer o país.

Com toda essa pressão, não seria possível perder tempo na estrada, porque a fronteira com Honduras, fechava no final da tarde. A única concessão foi uma parada de 5 minutos, num posto de gasolina, para ir ao banheiro. Enfim, chegamos na fronteira, pegamos os documentos do carro e enfrentamos outra burocracia com mais uma série de carimbos e idas e vindas aos guichês, à polícia etc., etc., antes de seguir para a aduana de Honduras.

Já era final da tarde, quando começamos a fazer os trâmites hondurenhos. No meio de todo o processo, os funcionários desapareceram. Ficamos assustados. Não seria nada interessante passar a noite numa fronteira ou numa terra de ninguém, sem nenhuma proteção. Só depois de algum tempo, descobrimos que a fronteira tinha fechado para o jantar, mas reabriria mais tarde. Não tinha outro jeito a não ser aguardar pacientemente.

Naquela altura estávamos com fome, mas esperamos até a volta do revisor, do xerox, do administrador, do caixa... Enquanto isso, tivemos que espantar um bêbado que enchia nossa paciência, um cachorro que queria brincadeira... E o pior, quando todos voltaram, fomos colocados de "castigo" porque recusamos a ajuda do irmão, do primo, do filho e de todos os parentes que trabalhavam na fronteira. Com isso, todos que por ali cruzavam, chegavam e saíam antes de nós. Nossos processos eram colocados em último lugar da pilha de papéis. Até que num momento não conseguiram mais nos enrolar porque só tínhamos nós na fronteira e eles tiveram que finalizar o processo.

Enfim, tudo pronto decidimos seguir para Choluteca, uma cidade que ficava apenas a 40 km da fronteira. Já era noite, as estradas não estavam boas, a sinalização inexistia, os animais cruzavam a rodovia e existiam desvios que, sem a luz do dia era difícil de entender. Tanto a Nicarágua quanto Honduras passavam por dificuldades, em função de guerras e do furacão *Misty*, que tinha arrasado a região. Muitas estradas e pontes estavam sendo reconstruídas. Apesar de tudo, é uma região bonita, com floresta tropical, montanhas,

vulcões, lagos e praias lindas, tanto no lado do Oceano Pacífico quanto no Caribe, com um povo receptivo e simpático.

No dia seguinte, descansados saímos sem pressa de Choluteca em direção a Santa Rosa de Copan. Depois nos preparamos para cruzar a fronteira da Guatemala. Para nossa sorte essa fronteira era bem mais organizada e com os trâmites rápidos.

Guatemala...

Decidimos ir diretamente para a cidade de Guatemala Antigua, por ser uma cidade menor, histórica, com uma arquitetura colonial impressionante, agradável, bonita e cercada por três vulcões: Água, Acatenango e Fogo. A cidade já foi destruída algumas vezes por terremotos. Os pequenos abalos sísmicos são comuns, mas todos já se acostumaram. Por isso, não ficamos muito desconfortáveis. Antigua, como é chamada pelos guatemaltecos, é bem servida de bares, hotéis e restaurantes. Turistas do mundo inteiro visitam a cidade e alguns permanecem por mais tempo fazendo curso de espanhol.

É um lugar inesquecível, e impressionante ao mesmo tempo. Apesar da sua beleza, vive em constante risco de destruição. Tivemos a sorte de presenciar as festividades da Semana Santa. Lembramos muito das celebrações nas nossas cidades históricas mineiras.

A diferença era a participação ativa dos indígenas. A procissão do enterro foi o ponto alto da celebração, na Sexta Feira da Paixão.

Enormes andores com o “Senhor Morto” era carregado por incontáveis homens, com suas vestes pretas e detalhes em roxo. Seguiam numa cadência impressionantemente compassada. Uma espécie de “dança” fúnebre, embalados por uma música triste que doía a alma até dos mais descrentes olhos.

Ficamos na cidade mais uns dias, e depois trocamos a calma da cidade pelo trânsito caótico da cidade grande. Como qualquer metrópole, Guatemala, a capital, é feita de contrastes e muitas atividades, bares, restaurantes, museus, shoppings etc. Decidimos não ficar muito tempo na cidade grande para aproveitar as outras maravilhas que o país oferece. Queríamos conhecer a cultura da Civilização Maia nas Ruínas de Tikal, o Lago Atitlán, Semuc Champey, Panajachel, Vulcão Pacaya.

Filosofando um pouquinho, aprendemos que existem duas realidades: a primeira é aquela que a gente aprende ouvindo ou lendo sobre a experiência de outras pessoas e a segunda é aquela que a gente vivencia. A América Central, sempre foi imaginada, por nós, como uma região pobre, assolada por guerras, corrupção, ditadores, uma verdadeira república das bananas. Vivenciando essa viagem, descobrimos o outro lado. Vimos um povo de sorriso fácil e amigável, uma cultura que nos instiga a conhecê-la mais de perto, paisagens exuberantes e deslumbrantes, de grandes contrastes e difícil de esquecer.

E viva o México…

Deixamos a América Central no começo de maio. Não conseguimos ir a El Salvador, por uma questão burocrática. O visto, exigido pelo país, demoraria muito e não tínhamos garantias de ser aprovado. Seguimos adiante. Numa outra oportunidade poderíamos conhecer esse país. Afinal, a América Central deixou um gostinho bom de "quero mais".

Assim, avançamos para a fronteira *El Carmem*. No México fomos bem recebidos pela imigração e orientados a pagar uma taxa num banco em Tapachula, cidade próxima desta fronteira. Saindo da imigração deparamos com a "fumigação", que é a desinfecção do carro, procedimento já familiar, depois de cruzar dez países. Alguns deles são muito rigorosos na inspeção do carro, como é o caso do Chile, mas o México ganhou de longe.

Foi preciso tirar absolutamente tudo de dentro do carro e de um grande maleiro que ficava no teto. Foi uma trabalheira. As frutas que tínhamos, comemos ali mesmo. Mas, uma lata de leite em pó... ah, esse sim, justificou todo o trabalho dos cinco agentes incumbidos na busca. Ela foi apreendida.

Depois preencheram um longo formulário sobre a ação. Tudo isso durou mais de uma hora. Disseram que a inspeção era parte do programa intensivo de combate a febre aftosa e a "mosca da fruta". Só estranhamos que, por ser uma inspeção sanitária, não era preciso revistar a bolsa e pertences pessoais. Em todo caso foram muito educados e agradeceram a nossa paciência.

Depois dessa rigorosa revista, conseguimos, finalmente, seguir para Tapachula e pagar a conta que devíamos ao país, ou seja, a taxa de imigração. Note bem, era preciso pagar em cartão de crédito. Nada de dinheiro! Depois disso, seguimos para a aduana junto com um canadense, sua mulher brasileira e o filhinho de 10 meses, que viajavam num motor home. Dessa vez os trâmites foram simples e rápidos. Tudo de acordo e já estávamos, legalmente, aptos a circular pelo país. Seguimos juntos para Tapanapetec.

Entramos no México pelo estado de Chiapas, famoso pelas histórias do movimento revolucionário zapatista. O movimento era liderado pelo "Subcomandante Marcos", que lutava pela "democracia, liberdade, terra, pão e justiça para os índios". Na estrada fomos parados inúmeras vezes pela imigração, pelo exército, pela polícia federal e pela inspeção sanitária, de novo. Entendemos que essas revistas eram pela proximidade da fronteira.

Por sugestão da polícia de fronteira, resolvemos não cruzar o México pela costa do Pacífico, como era previsto. As autoridades avisaram dos perigos de constantes assaltos pela região. Aceitamos a sugestão e fomos para Oaxaca, Puebla, Cidade do México, sempre rumo ao norte. Mas, não sem antes sermos interrogados e revistados durante todo o percurso. Na verdade, o motivo era o cumprimento de uma Lei Federal em busca de armas e drogas. A turma do exército era formada por jovens com cara de mau, mas que, depois que sabiam que éramos brasileiros, não resistiam a curiosidade de conhecer melhor o carro. Perguntavam sobre o Brasil, sobre o Ronaldinho Gaúcho, mulheres, preço do carro etc.

O nosso maior susto foi quando paramos numa fila para passarmos por um enorme Raio X. Os carros e caminhões eram submetidos, aleatoriamente, a esse procedimento. Era um enorme braço mecânico com um potente Raio X. Felizmente, fomos liberados. Foi um

tanto assustador pensar na potência desses raios, favorecendo o trabalho deles, mas com grande prejuízo para a saúde das pessoas. E assim seguimos, sempre em frente e sendo parados, praticamente a cada 100 km, até Oaxaca.

Oaxaca é uma cidade histórica, considerada Patrimônio da Humanidade. Andamos pelo centro da cidade, observando as suas ruas e o casario, visitamos o mercado, onde tivemos algumas experiências gastronômicas interessantes. Provamos o *mole poblano*, feito com mais de 25 temperos e chocolate amargo, comemos um estranho tira-gosto de gafanhoto frito, queijo fresco e bebemos a Mezcal, um tipo de aguardente da região. Saboreamos também as frutas tropicais.

A igreja de Santo Domingo é outra atração interessante. Mas, é impossível estar em Oaxaca e não se sentar num bar em volta das duas principais praças da cidade, o *Zócalo*, e ficar apreciando o movimento da cidade. Este é um estado com muita diversidade de dialetos e povos indígenas.

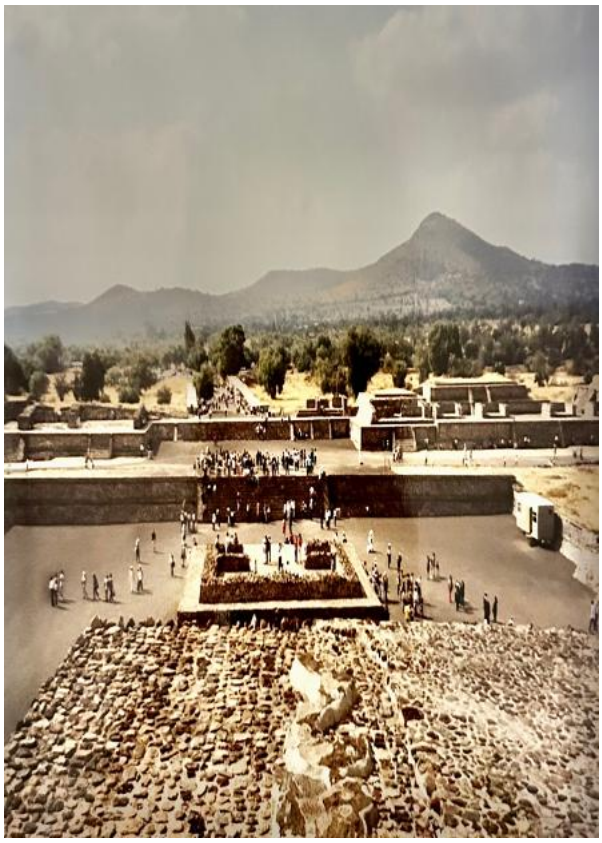
É uma região que abriga sítios arqueológicos como Monte Albán, que hoje é um complexo de ruínas. Construído pela civilização Zapotec é considerado um lugar sagrado. Depois passou para o domínio Mixtec e, finalmente, foi conquistado pelos Aztecas. Outras atrações ficam por conta do povoado de Mitla, Hierve el Água, que são formações rochosas com mais de 200 metros de altura e formam piscinas naturais, e Tule, com seu enorme cipreste de mais de 2000 anos de idade.

De Oaxaca, já totalmente aclimatados, fomos para Puebla, a quarta maior cidade mexicana. Conhecida também como Ciudad de los Angeles. A propósito, é uma cidade com muitos templos religiosos. Conta a lenda que os sinos de 8 toneladas da Catedral foram colocados por anjos. Mas, não só é uma cidade conhecida pelos roteiros religiosos como também pela sua gastronomia. Nos arredores encontram-se sítios arqueológicos e vulcões como o *Malintzin, Popocatépetl e Iztaccíhuatl.*

De Puebla até a Cidade do México o caminho não é longo. Por isso, resolvemos fazer dali o nosso quartel general. À semelhança e imagem da cidade de São Paulo, o trânsito da Cidade do México é intenso. A poluição consegue ser pior. O gigantismo da cidade, com seus milhões de habitantes, a altitude de 2.500 metros acima do nível do mar, a inversão térmica, o cheiro forte e ardor nos olhos e no nariz, consequência do ar muito seco da região, nos causou um certo desconforto depois de lugares bem mais calmos por onde passamos. Apesar disso, é imperdível.

A Catedral Metropolitana domina o centro da Cidade do México. Em volta estão os prédios públicos. As ruas são muito movimentadas por causa do intenso comércio. Mas, foi o Museu de Antropologia que nos deslumbrou. Fica no bosque Chapultepec, junto com outros importantes museus, galerias e zoológico. A exposição conta toda a história do povo mexicano, desde os pré-clássicos e clássicos até os dias atuais. As primeiras salas são dedicadas a introdução da Antropologia e ao crescimento da civilização mesoamericana. Na entrada do museu há um enorme monolito de 217 toneladas e quase 10 metros de altura que pertencia aos Aztecas. Esse monolito representa o “deus da chuva”. Segundo contam, quando transportado para o museu foi acompanhado de um verdadeiro temporal, em plena estação seca. Entre outras coisas fantásticas do museu está a "pedra do sol" que pesa 24 toneladas.

Ela tem o sol esculpido em uma das suas faces. Passamos ali muito tempo admirando e aprendendo a história mexicana. Foi impressionante!



No domingo fomos para Teotihuacán, sem muita pressa, para conhecer este enorme sítio arqueológico. Aos domingos e feriados os monumentos históricos, museus e ruínas eram entrada grátis. Por isso, Tepotzotlan tinha muitos visitantes. Resolvemos privilegiar a Pirâmide do Sol, que é a maior e que possibilitava avistar o lugar como um todo. Essa pirâmide tem 248 degraus até o seu topo e é considerada a terceira maior do mundo. O caminho que cruza à sua frente segue até a Pirâmide da Lua. São mais de 2 quilômetros de comprimento e é chamada Avenida dos Mortos.

Passamos o dia por ali e voltamos para Puebla por uma estrada secundária. Fomos parados por policiais que pareciam querer achar alguma coisa errada. Mas, a documentação estava em ordem, o carro estava em ordem, nos estávamos em ordem. Então, resolvemos seguir pela estrada principal, o que foi bom porque nos permitiu ver toda a exuberância e a imponência do vulcão Popocatépl. Enfim, chegamos de volta ao nosso confortável camping.

No México conseguimos ficar em *RV Parks*, espaços muito frequentados por americanos e canadenses que viajam com seus enormes motorhomes, os *Recreational Vehicle* ou, simplesmente *RV*. Os *RV Parks* são estruturas grandes, com banheiros absolutamente limpos, piscina, TV, Internet, restaurantes, alguns com bibliotecas e SPAs com hidromassagem. Enfim, alguns são um luxo!

Mas, o mais engraçado foi o sucesso que o nosso Land Rover fez. Primeiro, porque era um carro diferente naquele ambiente. Segundo, porque era brasileiro. E, convenhamos, parecia um brinquedo frente aos enormes *RVs* estacionados. Com isso, muitas pessoas chegavam para falar conosco, saber sobre nós, nossa viagem e dar dicas, algumas muito preciosas. Fomos presenteados com livros sobre os parques, rodovias, campings que nos foi útil durante todo o percurso.

E foi ali, nesse mesmo camping, que conhecemos os nossos queridos amigos ingleses Mike e Liz (*in memoriam)*. Ao verem um carro inglês, o nosso Land Rover, foram conversar conosco. Depois disso, não perdemos mais o contato com o casal. Até hoje somos amigos do Mike. A Liz, infelizmente, faleceu depois de viverem na estrada por longos 15 anos, deixando saudade. Na volta do Alaska para o Brasil, nos encontramos, novamente, no México. Tempos depois recebemos a visita do casal em São Paulo e em Belo Horizonte. Eles viajaram pela América do Sul até Ushuaia com o motorhome. Nós já visitamos o Mike em sua casa na Inglaterra, numa cidadezinha próximo a Bath e nos encontramos pela Europa, enquanto caminhávamos pela Itália. Além disso, nos falamos regularmente pelo FaceTime, WhatsApp etc.

Voltando ao México, o nosso roteiro inicial seria pela Baja California, mas ficamos sabendo do alto preço que teríamos que arcar para a travessia no Ferry Boat. Assim, seguimos em direção a Costa do Pacífico (Mar de Cortês).

Chegamos em Guadalajara, segunda maior cidade do México. Essa é uma cidade charmosa e requintada, que combina prédios lindos antigos com modernos, ruas largas e praças coloniais. Dizem que é a cidade mais mexicana do país, por causa dos tradicionais *Mariachis* e da tequila, que é largamente consumida. São muitas as suas atrações e aqui vão algumas dicas: não deixe de andar pelo Centro Histórico, aprecie o Teatro Degollado, caminhe pelos Jardins Colomos e sim, fale que é brasileiro para os mexicanos mais velhos e os apaixonados pelo futebol. Só lembrando, nas copas de 70 e 86 Guadalajara foi sede da nossa seleção.

Depois de Guadalajara, de inspeção em inspeção, chegamos em Mazatlan que é uma cidade de praia preparada para receber, principalmente, o turista americano. A cidade tem muitos *resorts*, hotéis caros e econômicos. Felizmente para nós, tinha um bom *RV Park* com toda a infraestrutura e um *SPA* a nossa disposição.

De lá, saímos em direção a Los Mochis. Ficamos mal-acostumados com a mordomia e esperamos encontrar, no próximo *RV Park*, o mesmo conforto que deixamos para trás. Mas, a surpresa não foi das melhores. A cidade era grande, mas não tão aconchegante quanto pensávamos. Um pouco decepcionados decidimos ir para Topolobampo, uma praia que ficava a mais ou menos 9 km dali. Outra surpresa! Era péssima! Definitivamente não era nosso dia de sorte. Aceleramos para Navojoa. A caminho vimos que a 50 quilômetros dali ficava a cidade de Alamos, conhecida pelos famosos "feijões saltadores". Na verdade, esses feijões saltadores não são para comer, são grãos ou sementes que têm uma larva dentro e que se mexem. A cidade era bem pequena, sem muito recurso. Por isso, decidimos voltar para Navojoa. A intenção do dia era rodar 450 km, mas virou 800 km. Já cansados, paramos no primeiro hotelzinho que vimos pela frente. Depois de muitos dias dormindo no carro até estranhamos dormir numa cama de hotel.

No dia seguinte, nosso próximo destino não era tão longe dali. A apenas 200 km estava San Carlos, um lugar bonito. O mar muito azul contrastava com a aridez das montanhas e com os cactos gigantes. Pela proximidade com a fronteira dos Estados Unidos e pela quantidade de turistas americanos o inglês já era quase a língua oficial. O clima despojado da cidade proporcionou encontros descontraídos. E foi assim que conhecemos uma simpática família de mexicanos, que nos seguiu até o nosso camping. Eles eram de Ciudad de Obregon, não muito distante de San Carlos. Ficaram curiosos, por causa do carro, e resolveram saber sobre a viagem e tirar umas fotos. Depois daquele dia, trocamos muitas mensagens por e-mail.

Embora com vontade de ficar mais, era hora de seguir para os Estados Unidos. Fomos aprendendo a ter que deixar para trás lugares e amigos. Sabíamos que ainda tínhamos muito que rodar e que muitos lugares e pessoas ainda viriam. Além disso, tínhamos fé que essa não seria uma viagem sem volta. E, na volta, ainda tínhamos muito o que conhecer. Como, de fato, foi o que aconteceu. Mas isso vamos deixar para contar mais à frente...

Cruzando os Estados Unidos pela Costa Oeste…

No dia 13 de maio, um domingo, deixamos o México. Entramos nos Estados Unidos pelo Arizona por um bom motivo. O Cesar, um amigo de longa data, que conhecemos no Peru,

morava em Safford. Só nos vimos em uma única noite, mas nos tornamos bons amigos; história que contaremos quando relatarmos sobre a nossa viagem ao Peru. Mas, antes de contar sobre esse encontro, vamos nos situar na história.

Cruzamos a fronteira de Nogales. Entramos numa longa fila de carros mexicanos e americanos. Quando chegou a nossa vez não tivemos nenhum problema, a não ser a curiosidade dos policiais e funcionários da aduana. Eles nunca tinham visto um Land Rover Defender brasileiro cruzando por aquelas bandas, e muito menos indo em direção ao Alaska. Pelo menos aqueles que estavam trabalhando, naquele domingo, "Dia das Mães".

Não teve revista oficial, mas tivemos que falar sobre o carro, seu desempenho e mostrar o funcionamento do motor. Enfim, eram só curiosidades sobre a viagem e sobre o nosso Land Rover.

Nos Estados Unidos o modelo "Defender" era uma raridade e os poucos que existiam pertenciam a colecionadores. A propósito, nos foi oferecido um valor de 80 mil dólares por ele. A venda desse carro foi proibida no país por não ter passado no *crash test*. Assim, sem nenhum estresse e com muita rapidez, diferente do que vinha acontecendo até então, entramos nos Estados Unidos. Até estranhamos a falta de papelada para carregar conosco.

Fomos direto para um *RV Park* em Tucson. Ganhamos uma verdadeira bíblia de *RV Parks,* enquanto estávamos no México, e escolhemos este porque era um "cinco estrelas". Tinha piscina aquecida, *SPA*, salas de leitura e ginástica, Internet, sala de jogos, lavanderia e churrasqueira. Nos espaços reservados para cada *RV* tinha mesa, cadeiras, luz, água, pontos de telefone, conexão de Internet. Era um ótimo jeito de começar uma nova etapa da viagem. Além disso, nos deparamos com enormes *motorhomes*. Verdadeiras casas luxuosas. E, atrelado sempre tinha uma *SUV* com a mesma pintura. Só para ter uma ideia, esses *motorhomes* custavam até um milhão de dólares, na época. Foi o que conferimos numa empresa de venda de *RVs*, que funcionava ao lado do camping.

Estacionamos o carro num dos "*sites*" que nos foi destinado. Os curiosos olhavam incrédulos e, às vezes, chegavam para dar boas-vindas e uma olhadinha no carro. Um desses visitantes nos fez um convite, no mínimo inusitado, um jantar ao "estilo latino-americano". Esse nosso novo amigo, o Fred, era um senhor, que viajava com o seu cachorro Pupi. Ele pediu para chegarmos cedo, para que pudéssemos beber antes do jantar que seria servido mais tarde. Aceitamos. E assim foi.

O *motorhome* do Fred não era daqueles suntuosos. Era como os que encontramos por aqui, com um baú a reboque, do tipo *U-Haul*, empresa americana de armazenamento de móveis e mudanças.

Pois bem, chegamos no horário combinado. O Fred era muito arredio à cultura americana. Viajava muito e, às vezes, referia aos seus compatriotas como "eles" ou "essa gente". Ficou muito bravo com um outro rapaz que estava no camping e nos convidou, à tarde, para tomar umas Margaritas em frente ao seu enorme *RV*. O sujeito era de Arkansas e viajava sempre pelos Estados unidos. Contou que uma vez se aventurou a atravessar para o México, mas que foi um "*nightmare*". Morreu de medo e voltou correndo para a segurança das estradas americanas. O Fred, que também estava conosco, não teve paciência e foi embora. Nós ainda ficamos conversando um pouco mais. Ele ficou perguntando sobre o Brasil e insinuando ideias preconceituosas sobre as mulheres brasileiras. Não gostamos do assunto. Ele mostrou o RV, mas nós vimos sem muito entusiasmo e fomos embora.

Esse assunto foi o "quebra gelo" inicial e rimos muito da situação. Ficamos ali, com o Fred, tomando cerveja e conversando. Depois comemos codorna recheada, que estava muito

gostosa. Enfim, foi como o Fred quis. Chegamos cedo, bebemos muito, jantamos tarde e saímos de lá muito depois de meia noite, quando todos no camping já dormiam.

Ainda ficamos alguns dias nesse RV Park e nos divertimos. Conhecemos uma brasileira, que morava nos Estados Unidos há mais de 30 anos com seu marido americano. Era um casal muito simpático e prestativo. Conhecemos Tucson, que é uma bela cidade, com a paisagem já bem familiar, porque era um cenário muito parecido com o norte do México. Tinha o *"saguaro"* (cactos enormes). Aliás, muitos filmes de *Western* foram rodados nas montanhas por ali e nos estúdios de *Old Tucson*.

A parte moderna é tipicamente americana com Malls, Fast Food, Walmart, Best Buy e longas avenidas e ruas largas.

De Tucson seguimos para Safford. O encontro com o Cesar foi fantástico. Ali tiramos uma grande lição. Existem pessoas que são especiais na vida da gente, mesmo sem ter um relacionamento diário. São pessoas que nos ensinam, dão força ou que simplesmente entendem e torcem por você. E o Cesar era uma dessas pessoas. Conhecemos a sua esposa Donna, que nos ofereceu um delicioso jantar. Aproveitamos para colocar 15 anos de conversa em dia, embora sempre mantivéssemos em contato. Bebemos, rimos e temos certeza de que deixamos o Cesar muito feliz, assim como nós também ficamos felizes com esse encontro.

No dia seguinte, o Cesar nos fez dois convites. O primeiro foi um almoço no *"Lyons Club"*, onde era um associado. De improviso fizemos uma palestra para 30 pessoas. O assunto era sobre a nossa viagem e a vida no Brasil. O mais difícil foi quando perguntaram nossa opinião sobre aberturas de fronteiras. Respondemos com muita cautela. Percebemos que a maioria dos que ali estavam eram bem conservadores.

O segundo convite, se tratava de uma entrevista para um jornal local. Por sorte, era um jornalista muito interessante o que ajudou a fluir o assunto. Esse jornalista, filho de diplomata americano, tinha nascido no Japão e viveu grande parte da sua vida em países asiáticos, onde também trabalhou como repórter, antes de ir para os Estados Unidos. Enquanto terminávamos de contar a nossa viagem, chegou o próximo entrevistado, um senhor de 80 anos de idade, que foi piloto de bombardeiro na Segunda Guerra Mundial, e que esteve na batalha do "Dia D". Muito orgulhoso, mostrou fotos da época e conversamos um pouco. Infelizmente, não acompanhamos a entrevista porque já tínhamos outro compromisso com o nosso amigo Cesar.

Ficamos mais uns dias na cidade, mas como já era de praxe chegou o momento de partirmos. Deixamos aquele lugar tão simpático e o Cesar e Donna, amigos tão queridos. E até hoje nos falamos. Agora a nossa comunicação ficou mais fácil pelo WhatsApp.

De Safford, seguimos nosso caminho: Phoenix, Black Canyon, Meteor Crater, Flagstaff e, finalmente, o Grand Canyon. Black Canyon é um lugarejo que você só tem certeza de que não está num filme de época porque a Highway cruza por ali. Meteor Crater é impressionante, porque é uma cratera imensa, resultado da queda de um pedaço de meteoro. Flagstaff é uma cidade muito charmosa, e que está na *Route 66*, lembrando em alguns lugares os anos 60. Enfim, o caminho até o Grand Canyon foi muito prazeroso, com muito verde e bem diferente da aridez do Arizona.

Dentre outras peculiaridades do lugar, um pouco antes de entrarmos no parque uma grande loja de artesanato, com adereços indígenas, chamou a nossa atenção. Era um cenário de filme de faroeste, com os proprietários vestidos à caráter; um deles com uma enorme barba branca. Tinha um apelo turístico, mas bem cuidado. Até um cachorro branco, grande, dócil e lindo esparramado pelo chão. Era tão lindo que decidimos ir até ele e acariciá-lo. Ele foi bem receptivo às nossas carícias. Somente depois ficamos sabendo que não era um cachorro, mas um lobo. Felizmente, não era um lobo mau.

Entramos no parque e a grande estrela, sem dúvida, foi a visão do Grand Canyon. Fomos até o último posto de observação da parte sul (Desert View), de onde foi possível ver melhor o Rio Colorado. Esse é um dos lugares obrigatórios para quem vai por aquelas paragens. É realmente um show!

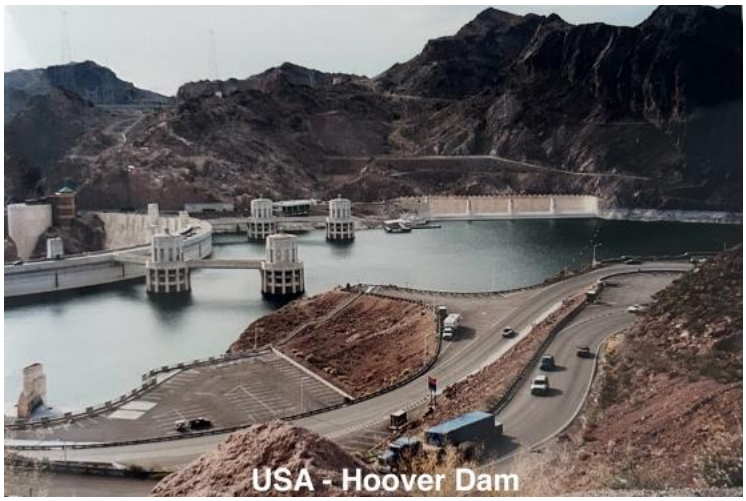
Ainda extasiados com a bela visão do Gran Canyon seguimos para Las Vegas. Passamos pelo impressionante Deserto de Mojave, lugar de inspiração de muitas músicas, e chegamos à cidade mais iluminada do planeta. Se isto está no Guiness Book não sabemos, mas nunca vimos tanta luz e tanto brilho.

Las Vegas, é uma cidade peculiar. Uma combinação do luxo e do lixo. Do chique e do brega. Gente de todo tipo. Dos bêbados às 10 horas da manhã aos ricos que gastam dinheiro nos fantásticos shows e nos cassinos. Dos turistas de bermuda que veem os shows de graça, das limusines, dos casais que se casam nas capelas, tipo *"drive thru"*, dos supercarros, e todos apostando a sorte grande. Nós também não resistimos e apostamos uns poucos dólares para brincar. Ganhamos e perdemos.... Tudo isso faz parte. Encontramos por lá até um senhor que dizia ser amigo da "Maria". Só entendemos depois que ele disse que a Maria foi secretária da Carmem Miranda.

Quando chegamos à cidade, fomos para um camping. Não tínhamos a menor noção de que passaríamos a noite toda acordados, com tanta gente esquisita. Ali moravam muitas pessoas que trabalhavam nos cassinos e os que jogavam. Era um vai e vem de gente que passava conversando alto e rindo. Enfim, conhecemos o lado esquisito que a cidade esconde dos visitantes. Mas, não foi o fim do mundo. Foi só mais uma história a contar. Pela manhã, fomos para outro camping.

Esse outro camping era muito legal. Tinha uma ótima infraestrutura, com uma piscina deliciosa que nos refrescava do calor desértico de Vegas. Como ficava um pouco mais distante da cidade, um ônibus levava os “campistas” para a cidade, mediante um pequeno valor, que

depois era revertido em moedas para a jogatina nos cassinos. E assim nos divertimos todas as noites em que estivemos na cidade.

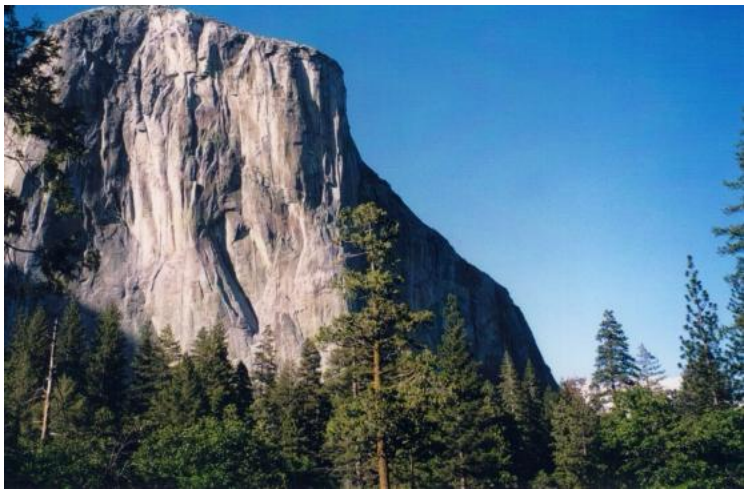


Aproveitamos para visitarmos a *Hoover Dam*, que fica a mais ou menos 50 km da cidade. *Hoover Dam* era um dos maiores projetos dos Estados Unidos. É uma represa gigantesca, construída entre 1931 e 1936 e é uma das responsáveis pelo desenvolvimento local, bem como um dos pontos turísticos.

Tínhamos que seguir adiante. Por isso, de Las Vegas fomos para a costa do Pacífico e paramos em Los Angeles. Turistamos em Hollywood, Rodeo Drive, Beverly Hills, Santa Monica, Venice Beach, Universal Studios. Ficamos em Pasadena e sentimos na pele o que os moradores sentem para ir de casa ao trabalho e vice-versa, com trânsito intenso.

Depois de uns dias, e já cansados da cidade grande, vimos que não estávamos muito longe do *Yosemite Park*. Bem, longe, naquela altura, já não existia mais. Era dia 24 de maio, uma data importante por ser *Vera's birthday.* Também queríamos ver as sequoias gigantes, passar pelo Tunnel View, ver Bridalveil Fall, o El Capitan, Half Dome. Enfim, os dias e as noites estavam especialmente bonitos, com um céu de brigadeiro. Isso, motivou uma comemoração com jantar a luz de velas e das estrelas (bem romântico). Só tinha um detalhe, o parque é *habitat* natural dos ursos negros. Eles são gulosos e têm um olfato apuradíssimo, podendo sentir o cheiro de qualquer comida deixada no carro. Nosso carro era a nossa casa e estava sempre abastecido de alimentos.

Ao entrar no parque, é recomendado não deixar nenhum alimento dentro dos veículos. Os ursos podem arrombar as portas, quebrar os vidros, causando prejuízos e, claro, medo. Para evitar esse tipo de ameaça, existem caixas de ferro, a prova de ursos, para acondicionar todos os alimentos. As caixas ficam longe dos carros. Mas, decidimos que não deixaríamos de fazer nossa comemoração. Com um olho na comida e outro na mata, realizamos o nosso desejo. E, felizmente, nenhum deles nos surpreendeu. Não os convidamos para a festa e eles não vieram.



Voltando à nossa chegada ao parque, assim que entramos vimos uma senhora e um senhor em apuros. Paramos o carro e fomos socorrer o casal. O senhor tinha caído e estava bem sujo e machucado. Ficamos preocupados. Levamos o casal até o hotel onde estavam hospedados, dentro do parque. Insistimos para que eles procurassem um médico, mas disseram que estava tudo bem, apesar do susto. Ficaram muito agradecidos. O senhor subiu

para o quarto e a senhora ficou conversando conosco. Contamos que era dia de comemoração de aniversário e que decidimos passar ali no parque. No mesmo instante, ela pediu para aguardarmos um pouco e foi até a recepção do hotel. Na verdade, ela queria presentear-nos com a estadia daquela noite. Mas, apesar da tentativa o hotel estava completo. Agradecemos e fomos embora. Seria bom ficar no hotel, mas já estávamos tão acostumados a dormir na nossa casa ambulante, sob o céu estrelado, o perfume da noite e a preocupação com os ursos, que não ficamos decepcionados. Afinal, teria faltado a emoção do nosso jantar romântico a luz de velas.

A próxima parada foi San Francisco. Voltamos para o litoral, subindo pela HWY 1 e passando pela Baía de Monterrey (Carmel, Santa Cruz e outras praias). Na entrada de San Francisco, num congestionamento, fomos surpreendidos por um carro que estava ao nosso lado com uma brasileira e um americano e que balançavam uma pequena bandeira do Brasil. Aproveitamos a lentidão do trânsito para conversar um pouco com o casal.

Nossa estadia coincidiu com um dos maiores feriados americano, o *Memorial Day*. Como seriam quatro dias, não tinha onde ficar. Então, decidimos ficar em Berkeley, do outro lado da Baía de San Francisco.

Ainda assim, aproveitamos para conhecer as atrações da cidade: Golden Gate, Bay Bridge, Pier 39 e o Fisherman's Wharf, Sausalito, China Town, Nob Hill, Lombard Street etc., antes de seguirmos para Sacramento, onde estava acontecendo um festival de jazz. Eram muitas bandas e artistas que faziam suas performances pelas ruas de Old Sacramento.

A cidade foi construída na época da corrida do ouro americano. Era o ponto final da linha ferroviária transcontinental. Hoje os prédios ainda estão bem preservados e abrigam restaurantes e lojas. Um lugar bem interessante que remete a época retratada nos filmes de "velho oeste" e seus *saloons.*

Até esse momento, já tínhamos rodado 23 mil km, mas ainda tínhamos um longo caminho até Proudhoe Bay, nosso destino no Alaska. Por isso, resolvemos seguir adiante, depois de uma breve parada.

A partir do extremo norte da Califórnia percebemos a paisagem diferente. Tinham enormes reservas de pinheiros e muitas montanhas, algumas se destacando por seus picos nevados. O *Mount Shasta* era uma dessas montanhas, que se destacava na paisagem da cidadezinha com o mesmo nome. A temperatura também já era mais amena. Embora com os dias ensolarados e longos, as noites eram bem frias. Assim, atravessamos os estados de Oregon e Washington apreciando a paisagem que, depois constatamos, mais se assemelhava às paisagens canadenses.

Nossa última parada nos Estados Unidos foi próxima aos *Mount Rainier* e *Mount St. Helena*. O primeiro é considerado a montanha mais alta ao norte dos Estados Unidos, com uma altitude de 4.392 metros e podendo ser vista, em dias claros, de Seattle e outras cidades da região. O segundo ficou conhecido pela erupção vulcânica que modificou a paisagem, transformando-se numa cratera em forma de ferradura.

Ficamos num camping e foi ali que conhecemos um casal, Siegi e Roland (*in memoriam)*, que ficamos amigos. Essa amizade permanece até hoje. Siegi é alemã, mas mora nos Estados Unidos há muito tempo. Roland, infelizmente, faleceu há alguns anos. Hoje Siegi e Chris, seu filho, moram em Austin (Texas), lugar que tivemos a oportunidade de visitar na volta para casa, como contaremos mais adiante.

O Canadá e suas maravilhas…

Numa quarta feira, do final do mês de maio, cruzamos a fronteira Estados Unidos-Canadá. Foi muito fácil e rápido. Com um simples carimbo no passaporte tudo estava resolvido. Entramos no escritório de "Informações Turísticas", bem perto da fronteira e, com prospectos e mapas em mãos, 45 minutos depois já estávamos em Vancouver.

A principal cidade da Columbia Britânica é linda, populosa, com praias e muito verde. Tem comércio de todo tipo, dos mais caros e sofisticados aos mais baratos, e tem divertimento para todos. Logo, nos conquistou e resolvemos ficar por ali alguns dias.

Aproveitamos para colocar ordem no carro. A cidade oferecia tudo que precisávamos para continuar seguindo rumo ao norte. Era hora de começar a acostumar com o friozinho. À noite já fazia 3 graus, mas durante o dia a temperatura estava bem agradável.

Ficamos num camping em *North Vancouver*. E, foi lá que conhecemos o Jonasie Faber, que viria a ser mais um amigo, cuja amizade dura até hoje. Já tivemos o prazer de recebê-lo em casa, aqui no Brasil, mais de uma vez, o que foi bastante divertido. O Jonasie ou Jonas, como o chamamos, é um artista internacionalmente conhecido. Os trabalhos dele encontram-se em galerias, tanto no Canadá como mundo afora. Suas esculturas em pedra sabão e joalheria são todas com motivos *Inuit*. E o mais interessante, e o que nos fez ficar mais próximos, é que a pedra sabão utilizada em suas esculturas é importada de Santa Rita (MG), que fica poucos quilômetros de Outro Preto (MG). Coincidência? Não pode ser. Coincidências não existem...

Jonasie é de Quarqortoq (Groenlândia). Ainda criança mudou-se com a família para a Dinamarca. Na adolescência foi navegar e mais tarde estabeleceu-se no Canadá. Além de artista é exímio caçador, aventureiro e cheio de descobertas arqueológicas, tanto na América do Norte quanto em sua terra natal. É um grande amigo, divertido e bem presente em nossas vidas. E, foi ele quem deu boas dicas para o restante da nossa viagem até o Alaska.

Ainda em Vancouver, conhecemos o Tom, que morava em Whistler, uma estação de esqui não muito longe dali. De propósito, estacionou o seu *Hummer* bem ao lado do nosso Land, num shopping da cidade, porque ficou curioso quem seria o dono daquele carro. Por

isso, o encontro rendeu fotos, curiosidades sobre os dois carros e um convite para ir a Whistler.

Whistler é um lugar bem bonito, com muitas atrações voltadas para os esportes de inverno e uma pequena vila. Depois da visita a cidade, sem encontrar o Tom, seguimos em frente. Dormimos num camping com uma chuva insistente e continuamos em direção a Banff. Ouvimos dizer que a estrada de *Banff/Jasper* era a estrada mais bonita do mundo. Olha, se é verdade que existe alguma outra estrada mais bonita, gostaríamos muito de passar por ela, porque, realmente, a estrada *Banff/Jasper* é demais. Várias vezes paramos o carro para ver os ursos se alimentando na beira da estrada florida. Cena para jamais esquecer.

Banff é uma cidade muito simpática, localizada no Parque Nacional de Banff. As Montanhas Rochosas dominam o cenário. A beleza dos lagos e rios da região é indescritível. São águas de desgelo que tomam cores verdes azuladas ou azuis esverdeadas. É tudo muito mágico. *Lake Louise* é o lago mais conhecido e o mais representado em fotos.

Apesar do frio ficamos acampados no parque. Desse momento para frente, seria muito bom levar a sério as regras locais. Os ursos circulam por todo lado. Por isso, o alimento tinha que ser acondicionado nas caixas de ferro, evitando contratempos sérios.

Anoitecia tarde, por volta das onze e meia. Mas, nada disso impedia nosso jantar e nosso vinho. Ali assistimos um treinamento de resgate nas montanhas. O local é muito visitado pelos turistas, mas nem todos os visitantes têm o bom senso necessário nesses locais.

Seguimos para Jasper, continuando pela estrada eleita "a mais bonita do mundo". Continuamos vendo ursos, alces e caribus. Vimos placas de sinalização alertando sobre o risco desses animais cruzarem a estrada. E não deu outra, levamos um tremendo susto com um enorme urso negro cruzando o nosso caminho. Apesar do susto, tivemos a oportunidade de vê-lo bem de pertinho.

A estrada entre Banff e Jasper tem, aproximadamente, 370 km, mas gastamos um dia inteiro para percorrer. Isso porque, os glaciares ficam bem perto da estrada e é impossível não dar uma paradinha para ver melhor. Além disso, os muitos montes nevados, lagos com diversas tonalidades de verde e azul e rios são paradas obrigatórias. Foi realmente uma viagem com um cenário imperdível.

Em Jasper aproveitamos a experiência da estadia em Banff e, também, ficamos no parque nacional. O cuidado com os ursos era o mesmo. Aliás, dali para frente fomos

acostumando-nos já que eles se tornaram parte integrante da viagem. As flores das estradas atraiam os ursos, mães e filhotes. A maioria era de ursos negros, mas também chegamos a ver o urso-pardo (*ursus arctos*), bem maior e mais perigoso. Topamos apenas com dois ursos "*grizzly"* ou urso-cinzento (*ursus arctos horribilis*), o mais perigoso de todos. As duas vezes, estávamos fora do carro e avistamos de longe, mas foi o suficiente para sairmos do local urgentemente.

Bem, a partir dali o Alaska ficava cada vez mais perto, apesar de ainda ser o nordeste do Canadá imenso. As cidades ficavam mais distantes e com menos recursos. Depois de mais de 800 km, chegamos à Dawson Creek, uma cidadezinha que tem o privilégio de ter a "Milha Zero" da *Alaska Highway*. Ficamos entusiasmados ao chegar naquele marco, afinal já estávamos na estrada há muitos meses. Começamos a enxergar o Alaska mais perto, mesmo ainda estando a 2000 km da fronteira.

A *Alaska HWY* é uma rodovia que foi construída, na época da Segunda Guerra Mundial, pelos americanos e canadenses em apenas oito meses e vinte dias. Foi utilizado mão de obra de soldados e civis, muitos negros e indígenas. São 2.223 km de extensão, terminando em *Delta Junction* perto de Fairbanks, já no Alaska.

Um breve encontro com um senhor de origem portuguesa, esposa e filhos, que seguiam também em direção ao Alaska, e fomos em direção a Fort Nelson e Watson Lake. Em Watson Lake ficamos num camping típico da região do Yukon.

Os proprietários eram mais velhos, bem-humorados e divertidos. O senhor, contador de (his)estórias assustadoras sobre a região e ursos enormes, raposas e lobos, deixou-nos sem saber se eram somente estórias ou histórias. Percebemos que o senhor era um tremendo de um gozador. Para saber o que era real e o que era gozação olhávamos para a sua mulher, que ria a cada bobagem que ele falava. Ao longo dessa estrada, os moradores colecionavam peças da época da sua construção e montavam uma espécie de "memória" ou pequenos museus.

E, onde estávamos também tinham algumas peças de construção, armas antigas e armadilhas para ursos e lobos. Tinham aquelas cabeças assustadoras de alce, caribu e um crânio de urso pendurados na parede.

Vimos uma matéria de jornal, que estava exposta, e lemos a história. Um casal foi fazer uma caminhada. No acampamento, naquelas redondezas, foram atacados por um urso-pardo. A mulher conseguiu voltar e pedir socorro, mas o homem foi escalpelado e, por pouco, não morreu. Ficamos impressionados com a matéria do velho jornal e só quando fomos perguntar se eles conheciam o casal nos demos conta que os protagonistas estavam bem à nossa frente. O senhor, andava com a ajuda de uma bengala e usava um boné. Segundo a matéria do jornal, ele passou por várias cirurgias, mas encontrava-se bem. Quando perguntamos se eles eram os protagonistas riram muito da nossa cara.

O Yukon é um território bem diferente da British Columbia. Foi ali que aconteceu a "corrida do ouro" em 1896, com muitos europeus e americanos chegando para garimpar, em busca de riquezas. Para quem gosta de gibis é bom lembrar que foi no *Klondike*, Yukon, que o Tio Patinhas também começou a fazer sua fortuna. ☺ Ou seja, bem ali onde estávamos.

Nesta parte da viagem os deslocamentos eram longos, as cidades são pequenas e com poucos habitantes e os dias duravam, pelo menos dezoito horas. Além disso, a paisagem e os pernilongos enormes já remetiam ao que encontraríamos no Alaska.

Assim, a última parada, antes de cruzar a fronteira com o Alaska, foi Whitehorse, capital do território de Yukon, com 20 mil habitantes. Se nós mineiros gostamos de um "causo", os canadenses dali também adoram. É comum depararmos com os indígenas da região, *Athabaskan* e *Tinglit*, que descendem dos clãs *Wolf* e *Crow*.

Nessa altura, estávamos a apenas 500 quilômetros da fronteira e logo estaríamos no Alaska. A ansiedade tomou conta quando percebemos que no dia seguinte alcançaríamos a nossa meta. Acordamos cedo, preparamos tudo e aceleramos... Calma! Nossa meta era o Alaska, mas saímos de casa dizendo que chegaríamos *a Prudhoe Bay*, lá em cima, no Mar Ártico.

Enfim, o Alaska!!! "Quem falou que a gente não vinha" ... [sic]

Dia onze de junho, segunda feira, partimos de Whitehorse rumo ao Alaska. Restavam apenas 520 km para cruzar a fronteira. A ansiedade era enorme. O coração batia forte, quando avistamos a aduana canadense. Paramos e conversamos menos de dois minutos com uma funcionária que sorriu dizendo que seríamos bem-vindos ao Canadá na volta do Alaska... Esta era a última fronteira e, certamente, voltaríamos...

Alaska - Fronteira

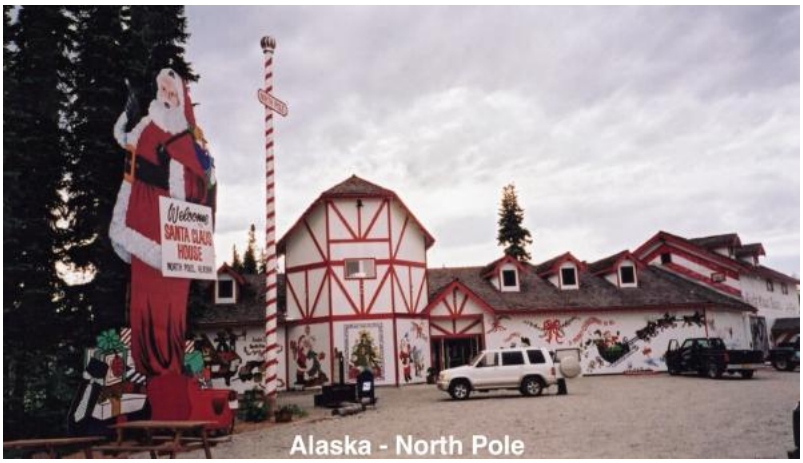
E assim, mais alguns poucos quilômetros chegamos numa grande placa que dizia: *WELCOME TO ALASKA*. A sensação? Bem, primeiro ficamos bobos e paralisados olhando aquela placa. Depois tiramos uma foto de dentro do carro. Em seguida, a reação foi descer do carro e fazer o maior carnaval. Colocamos uma música bem alta e ficamos ali pulando, abraçados, rindo e chorando ao mesmo tempo. A emoção tomou conta. Passou um carro, com algumas pessoas, que parou para olhar a nossa festa. Mas, entenderam ao ver o carro e a bandeira do Brasil só pela metade, devido o tremular durante toda a viagem, que começou em fevereiro. Pedimos uma daquelas pessoas para fazer uma foto nossa, em frente a placa e o carro. Era a prova que alcançamos nosso objetivo. Chegamos ao Alaska!

Cruzamos, oficialmente, a última fronteira. O policial fez as perguntas de sempre, achou estranho um carro do Brasil e fez uma cara de "ué". E nós, nem aí para o que o policial estava pensando, colocamos o pé, as mãos, o corpo e o coração no Alaska. Paramos no primeiro posto de combustível e compramos umas bebidas para a comemoração da noite.

O Alaska não tem muitas opções de estrada. Quando passamos por um lugar chamado Tok vimos que a estrada tinha duas opções a seguir: Fairbanks ou Anchorage. Resolvemos ir

direto para Fairbanks. Com a ansiedade e a adrenalina nas alturas, nem percebemos que, neste dia, tínhamos rodado 920 km.

Sobre a cidade de Tok, alguém nos disse que, originalmente, ela se chamava Tokyo, mas depois do ataque a *Pearl Harbor*, durante a Segunda Guerra Mundial, abreviaram o nome para Tok. Se é verdade ou não, não sabemos, mas é mais uma história a ser contada.



Alaska - North Pole

Continuando o caminho para Fairbanks, paramos em *North Pole*, a Casa do Papai Noel. Ele estava lá, trabalhando. Um sonho de lugar. Tudo era mágico. Nos emocionamos como se ainda fossemos crianças. Estávamos sensíveis e nos permitimos sentir toda essa emoção. Despertamos a criança dentro de nós. E esse foi apenas um dos sentimentos dessa nossa viagem incrível que transformou a nossa vida.

E, finalmente chegamos ao nosso primeiro destino no Alaska, Fairbanks. Ficamos num camping, à beira de um rio, com casas na outra margem. O gramado era bem verde de um lado e do outro. O rio era navegável. Lanchas e *jet skis*, com pessoas se divertindo, circulavam nos dois sentidos do rio. Comemoramos estar ali, jantamos e o cansaço bateu forte. Dormimos com o dia claro, apesar de passar da meia noite. Ainda sem entender muito os sons do lugar, com gente conversando, pássaros cantando tivemos aqueles sonos bem esquisitos, com sonhos confusos, acordando e dormindo.

Nessa época, o sol brilha vinte horas. Nas outras quatro horas a noite permanece mais clara do que escura, um lusco-fusco. Até os pássaros parecem querer aproveitar cada momento. Afinal, quando chega o inverno pouco se vê a luz do dia. Por isso, Fairbanks parecia estar em festa. Era um ir e vir constante de famílias inteiras, namorados, pessoas correndo, caminhando, pedalando, de carro. Os restaurantes, bares, lojas e *fast food* funcionavam as 24 horas. Para nós era tudo inusitado, muito diferente de tudo que já tínhamos vivido. Vimos um pouco de tudo, até um avião DC3 voando baixo em cima das nossas cabeças, enquanto estávamos sentados numa mesa do camping tomando cerveja. Ou, o esquilo comer a mangueira do gás do nosso fogão. Além disso, não escapamos de ter que usar aqueles chapéus antimosquitos *(Mosquito Head Net Hat)*, *after bite*, e até daqueles espirais antigos para espantar os enormes pernilongos do Alaska. Mas, ainda tínhamos muito o que ver.

Saímos do Brasil dizendo que iríamos até Prudhoe Bay. Nos comprometemos com uma emissora de rádio a mandar boletins gravados da nossa expedição. E lá seria o nosso último boletim. Então, fomos até uma "Informação Turística", em Fairbanks, para saber como chegar a Prudhoe Bay. O atendente foi bem cauteloso em explicar que Prudhoe Bay era um lugar bem isolado e que ficava a 800 km ao norte. A estrada não era asfaltada e só existia um único lugar para uma parada. Deveríamos colocar o nosso rádio PX no canal 9 (Emergência) e avisar urgentemente, caso percebêssemos qualquer cheiro de óleo ou gasolina. Afinal, esta não era uma estrada turística, mas sim uma estrada com um oleoduto em toda a sua extensão. Era de cascalho, sem recursos e somente caminhões transitavam levando e trazendo suprimentos e peças para manutenção dos equipamentos. Recebemos um folheto

explicativo que deveríamos ler com muito cuidado. Apesar de toda essa informação, não ficamos assustados e partimos.

A princípio, pensamos dormir em *Coldfoot*, o único lugar com algum recurso naquela estrada. Mas, quando chegamos ao nosso primeiro destino desistimos e resolvemos seguir direto. Ali era apenas uma parada para os caminhoneiros, bem sem graça.

Subitamente, o tempo mudou no meio do caminho. Uma nuvem negra e pesada surgiu à nossa frente. A nuvem era muito baixa e assustadora. A chuva estava muito forte e com ela uma mudança drástica na temperatura. Dalí para frente o frio foi intenso. A estrada ficou deserta e os grandes caminhões que, às vezes passaram por nós jogando cascalho para todo lado, sumiram. A nossa vontade era chegar, o mais rápido possível, e vencer o pior trecho do caminho. Os últimos 120 km pareceram intermináveis. Começamos a ficar um pouco preocupados. Prudhoe Bay tinha dois hotéis e não fizemos nenhuma reserva. O frio estava muito forte para dormir no carro. Finalmente, por volta das 21h00 avistamos longe, e no meio da neblina e chuva, a luz de um farol e outras silhuetas que pareciam ser de uma cidade. Finalmente, estávamos chegando lá. Sentimos um grande alívio.

Chegamos em Deadhorse. Na verdade, não é uma cidade como qualquer outra, mas um lugarejo que abriga os trabalhadores dos campos de petróleo, que ficam em Proudhoe Bay. Além dos dois hotéis, tem uma loja de conveniência, um posto de combustível e o resto fica por conta de algumas construções que pertencem à companhia de petróleo. Além disso, tinha um lago congelado, muito gelo pelo caminho e estranhas máquinas que pareciam ter saído do filme *"Mad Max".*

Depois dessa primeira visão, nos restava comemorar e procurar um lugar para passar a noite. Fomos ao primeiro hotel e a recepcionista nos encaminhou para o segundo, já que nesse era preciso reserva. No segundo, e última opção de hotel, por sorte alcançamos a recepcionista que estava de saída. Finalmente, conseguimos um quarto bem quentinho, nesse hotel construído em *containers*. São nesses hotéis que ficam hospedadas as pessoas

que prestam serviços para a companhia petrolífera. Por isso, é expressamente proibido a entrada de qualquer bebida alcoólica. Mas, com jeitinho, não poderíamos deixar de brindar aquela chegada. Relaxar, tomando um "traguinho" não faria mal algum. Foi o que fizemos. Quebramos as regras. Afinal, foram 4 longos meses na estrada. E estávamos na última cidade ao norte.

Na manhã seguinte, vimos melhor Deadhorse e constatamos que era um lugar realmente bem estranho. O frio continuava intenso. Duas semanas antes da nossa chegada tudo estava absolutamente branco, com muita neve e gelo. Enfim, era hora de colocarmos o pé no último ponto e objetivo final: Proudhoe Bay.

Na verdade, Proudhoe Bay abriga as instalações da companhia petrolífera, cujas terras são de propriedade do Governo dos Estados Unidos, área de segurança máxima. Depois de explicar o motivo de estarmos ali, entramos com uma pessoa autorizada, no carro da companhia. Enfim, estávamos *face-to-face* com o Oceano Ártico. De Deadhorse, onde fica o portão da companhia, até o Ártico são apenas 5 km. O que se vê até a chegada no Ártico são as construções da companhia, máquinas imensas e o oleoduto que corre a céu aberto por toda a *Dalton Hwy* até Fairbanks.

Jamais esqueceremos aquela sexta feira, 15 de junho de 2001. Até então tínhamos percorrido 30 mil km, 13 países, em 115 dias. Ficamos parados à beira do Ártico, olhando em direção ao Polo Norte a apenas 1.300 milhas de distância (mais ou menos 2 mil km). Colocamos nossa mão na água congelada, para acordarmos daquele torpor e chegamos à conclusão de que tudo era real. Realíssimo! Fizemos o último boletim para a emissora parceira com alegria. Cumprimos a nossa missão!

Como tudo na vida, quando alcançamos um objetivo sentimos muita alegria, ficamos eufóricos, mas depois sentimos uma dorzinha no coração por ter acabado. Isso era inevitável.

Quando estávamos ainda a caminho, já quase chegando ao Alaska, não entendíamos bem por que, algumas horas, sentíamos tristeza. Não sabíamos o que era aquilo. Depois de muita conversa, descobrimos que chegar ao nosso destino e voltar era o nosso incômodo. Afinal, uma hora aquilo tudo acabaria. Foi nesse momento, que decidimos que não era preciso "voltar". Poderíamos simplesmente "ir". No caminho contrário a visão é sempre diferente. A partir daí, decidimos não "voltar", mas sempre "ir", para onde quer que seja, para onde quer que estejamos.

A "ida" rumo ao sul ...

Finalmente, todo o ritual foi cumprido a rigor. Não tínhamos muito o que fazer, depois de ter cruzado o Círculo Polar Ártico e de ter colocado os pés, as mãos e o nosso coração no Oceano Ártico, em Prudhoe Bay. Era hora de pensar em "ir" na direção sul.

A estrada mais isolada dos Estados Unidos é de cascalho, tundras e o solo *permafrost*, ou seja, uma camada de terra cobre uma camada imensa de gelo permanentemente. O tráfego de caminhões é intenso, sendo risco para os que ousam circular com carros menores. Não existe nenhum centro de apoio médico, alimentação, combustível, água ou outro socorro entre Fairbanks e Deadhorse. Os próprios caminhoneiros deram nomes para trechos da

estrada: *Taps, The Shelf, Franklin Bluffs, Oil Spill Hill, Beaver Slide, Surprise Rise, Sand Hill, Ice Cut, Gobbler's Knob, Finger Mountain, Oh Shit Cornera, Roller Coaster.* E, por fim, a *Dalton Hwy* já foi parte do *reality show "Ice Road Truckers"* do canal por assinatura *History*.

À medida que fomos nos afastando de Proudhoe Bay o clima foi melhorando e o céu ficou azul, sem nuvens. O tempo por ali é bastante instável. Vimos a vida selvagem da região. Caribus cruzavam a estrada, perigosamente. Vimos os bisões, ursos, raposas, lobos, alces etc.

E num certo instante, vimos um carro se aproximando. Isso mesmo, um carro que reconhecemos. Encontrar um carro de pequeno porte nessa estrada solitária no norte do Alaska é raro, ainda mais um carro que já tínhamos encontrado antes.

Pois bem, quando saíamos de Fairbanks, em direção a Proudhoe Bay, alguém que estava num posto de gasolina nos acenou. Era um casal de alemães e a filhinha. Eles também estavam viajando, num jipe Mercedes, de Ushuaia até o Alaska. Como nós, mas cada um à sua maneira. O casal disse que sabia da nossa expedição porque uma alemã, a Siegi que encontramos no camping perto do *Mount St. Helena*, comentou sobre nós e sobre a nossa viagem. E a "coincidência" não parou por aí. Assim como nós, eles estavam em Ushuaia na virada de 1999 para 2000.

Paramos na estrada deserta para conversar. Enquanto contávamos as nossas experiências de viagem até Deadhorse e Prudhoe Bay, avistamos um urso *grizzly*, aquele mais perigoso, que descia uma pequena montanha próxima a estrada. A primeira reação foi de entusiasmo. Eles são muito difíceis de serem avistados. Observamos o urso que comia, tranquilamente, sem se importar com a nossa presença. Mas, resolvemos não abusar da sorte e seguimos em frente. Nós, em direção a Fairbanks e eles para Deadhorse.

O restante da viagem foi com o dia muito claro e bonito. Conseguimos ver as paisagens e os montes nevados. Paramos no meio das montanhas, no *Atigun Pass*, na *Brooks Range* (Cordilheira). Aproveitamos também para, novamente, parar no marco, onde passa a linha imaginária do Círculo Polar Ártico. Dali seguimos direto. Estranhamente, quando a luz do dia permanece por longo tempo o cansaço não vem muito fácil.

Chegando em Fairbanks encontramos dois alemães jovens caminhando na estrada. Paramos para conversar. O projeto deles era ir a pé de Proudhoe Bay até Ushuaia. A previsão de chegada era de, aproximadamente, 4 anos. Nós já tínhamos tomado conhecimento da façanha deles. Por isso, quando os avistamos paramos. Isso era por volta da meia noite, mas o horário ali pouco importava, porque o dia ainda estava claro e muito bonito. Seguimos pela internet os dois alemães até que, chegando ao México, desistiram de seguir adiante e voltaram para as suas casas. Mas, ainda assim, essa foi uma grande viagem!

No dia seguinte cedo acordamos descansados e resolvemos colocar o carro em ordem. Tiramos tudo de dentro porque não tinha um só lugar onde a poeira não tivesse entrado.

Limpamos tudo, deixando o Land impecável. Era sábado e resolvemos fazer como os locais. Fomos com o dia muito claro, ou a noite sabe-se lá, para a rua. Aproveitamos até o último instante, com pesar de deixar Fairbanks.

Seguimos no dia seguinte para o *Denali Park*. Acampamos dentro do parque – nós e todos os mosquitos e pernilongos da região. Depois de apreciar o lugar e o famoso *Monte Mckinley*, o mais alto pico da América do Norte, fomos para Anchorage.

Anchorage é a cidade mais populosa do Alaska, onde vive 40% da população. É moderna e movimentada. Conosco aconteceu um fato engraçado. Uma mulher costarriquenha, vendo o carro brasileiro, nos abordou e disse que mais tarde, num bar próximo, teria um show do Tim Maia. Na época, o Tim Maia já tinha falecido. Achamos aquela história estranha e decidimos ir ao bar conferir. Esperamos, mas depois de um tempo ficamos sabendo que o Tim Maia não apareceu para o show. Rimos muito da situação e ficamos certos de que, se não era possível ser o Tim Maia por motivos óbvios, era um sósia pra lá de criativo, inclusive não aparecendo ao show... E nunca mais soubemos dessa versão Tim Maia do Alaska.

Depois disso, fomos para a Península Kenai para conhecer *os "Fjords",* o "*Exit Glaciar"* e a cidade de Seward e região. Vale dizer que a estrada que liga Anchorage à Península é espetacular.

Dali, seguimos para a pequena cidade de Palmer. A nossa chegada a Palmer foi bem engraçada. Isso porque, entrando na cidade, fomos perseguidos por um *Vin Diesel* do Alaska.

O sujeito era careca e com uma grande tatuagem na cabeça, ou quase na nuca bem ao estilo do ator no filme *"Triple X".* Ele dirigia um Jeep, modelo parecido com o usado na segunda guerra, sem capota. Fomos em direção ao camping e, de repente, ele entrou no camping atrás de nós. Aí ficamos assustados. A "perseguição" era séria. Quando descemos do carro, ele veio falar conosco. Disse que estava nos seguindo por causa do nosso carro. Ele e a esposa gostavam do Defender. Pediu para ver o motor do carro e para trazer a esposa para ver também.

Na verdade, eles compraram um Defender 90, o sétimo carro de uma série especial de 200 carros lançado nos Estados Unidos. O carro era automático, acabamento de primeira, motor V8. Somente o *design* era igual ao nosso. No mais, era todo em conformidade com as leis americanas. Ficamos conversando por longo tempo. Neste dia, ou seria noite, o sol permaneceu além da meia noite. Era o "solstício de verão". E esse foi mais um casal de amigos que foi para a lista. Mantivemos contato por muito tempo. Ele, apesar do jeitão truculento, era uma pessoa muito legal e ela, bem divertida. Falava gesticulando muito, o que era muito engraçado.

Finalmente, estávamos prontos para sair do Alaska, com todas as lembranças na memória. Nos sentimos mais "ricos" por termos conseguido atingir a nossa proposta. Descobrimos o valor do tempo, que dinheiro nenhum do mundo pode pagar. O prazer de conhecer pessoas, os lugares e o contato direto com a natureza foram impagáveis. Além disso, tínhamos a certeza de que saímos do Alaska com a sensação de missão cumprida. Afinal tínhamos um sonho e esse sonho foi vivido.

Mais uma vez no Canadá…

Era hora de deixar o Alaska. Colocamos uma música da banda *"Cake"* e saímos da cidade. De repente, alguém andando pelado. Isso mesmo, o peladão cruzou a estrada bem na nossa frente, como se nada estivesse acontecendo. Ficamos espantados. Enfim, era o Alaska! Isso amenizou a nossa saída. Já tinha tanto tempo de viagem, mas ainda não tínhamos acostumado com as despedidas.

Seguimos pela rodovia *Top of the World* em direção a Dawson City, no Klondike, na província do Yukon no Canadá. A paisagem continuava bonita, mas numa estrada bem poeirenta. Passamos por um lugar chamado Chicken, onde vimos um pote de ouro (ops! Não podemos contar isso – superstição ☺). Foi uma viagem sem muita euforia, mas estávamos felizes por ter cumprido o nosso objetivo. Definitivamente, assumimos que não era uma volta, mas uma nova oportunidade de conhecer outros lugares, mais gente e coisas interessantes. Isso foi o que nos animou.

Chegamos a Dawson City. A cidade mantém o clima da época da "corrida do ouro". Os prédios e as casas restauradas são bem

conservados. Algumas pessoas vestem trajes da época e as ruas são de terra. A cidade foi até o final do século XIX a maior a oeste de Winnipeg e ao norte de Seattle. Também foi a capital do Yukon até 1973, chegando a ter mais de 30 mil habitantes. Depois, a capital passou a ser Whitehorse. Este foi um lugar onde, além de apreciar a beleza da cidade, reencontramos duas australianas e um casal de canadenses de Quebec que conhecemos em Fairbanks, no Alaska.

De lá partimos para Whitehorse, Watson Lake e Dawson Creek, cidades que passamos em direção ao Alaska. Este é um roteiro obrigatório pela falta de opções de estradas naquela região. Agora dava para aproveitar melhor os lugares, longe da ansiedade de chegar ao destino. E decidimos que, a partir de Dawson City, o caminho seria todo de novidades. Isso porque resolvemos atravessar o Canadá de oeste para o leste.

Enfim, fomos para Edmonton, uma cidade grande e capital da província de Alberta. Demos mais uma grande atenção ao nosso Land, um bom banho e arrumação, já que a cidade tinha muitas opções de serviços. Segundo diziam, Edmonton tinha o maior shopping do mundo. Aliás, a cidade inteira parecia um verdadeiro shopping, com diversas lojas. Mas, era dentro desse "maior shopping do mundo" que estavam os shows de golfinhos, a réplica do fundo do mar e uma piscina imensa com ondas produzidas artificialmente. Nossa cabeça ainda não estava no "modo compras". Por isso, seguimos para Calgary, conhecida pelos famosos eventos *country* e rodeos.

O *"Calgary Stampede"* é uma festa anual que dura dez dias. Reúne peões de vários países, competindo na montaria e no laço, com prêmios robustos para os vencedores. Como a festa estava próxima, vimos os preparativos. Circulavam muitos carros com *trailers* de cavalos, vaqueiros e muitos turistas, que começavam a chegar para a festa.

Infelizmente, e não sabemos o porquê até hoje, não ficamos mais tempo na cidade. Fomos para Drumheller. No "Vale dos Dinossauros" vimos um *Tyrannosaurus Rex* gigante de fibra de vidro com 26,2 metros de altura. Outras atrações e eventos acontecem pela região. Mas, naquele momento, o *Calgary Stampede* era o evento mais importante.

Uma nova paisagem surgiria a partir dali até Winnipeg. Os próximos 2.000 km foram totalmente *"flat"*, com fazendas, muito verde... fazendas, silos... fazendas, muito verde, seleiros, silos, muito verde... muitas fazendas... e nenhuma montanha. Uma visão que chegava ser monótona.

Sempre na mesma direção, Regina, capital de Saskatchewan, era o quartel general da polícia montada canadense. E, um dos eventos, para quem está na cidade, é a troca da guarda. Depois de muito rodar, e com merecido descanso pelo caminho, chegamos a Winnipeg, na província de Manitoba. Era o *"Canada Day".* Aproveitamos para curtir a festa e seguimos rumo a Ontário. A paisagem agora era de lagos e montanhas, abandonando a pradaria.

Em Ontário, o nosso trajeto margeava o *Lake Superior* que mais parece um mar, inclusive com pequenas ondas. É o mesmo *Lake Michigan,* como é conhecido no lado americano. Resolvemos parar em Thunder Bay onde existe um monumento dedicado a Terry Fox, um jovem canadense de 18 anos que teve uma perna amputada por ter sido vítima de um câncer. Nos anos 80, depois de colocar uma prótese, Terry Fox decidiu fazer uma caminhada atravessando o Canadá. O objetivo era arrecadar dinheiro para a pesquisa da cura do câncer. Chegando em Thunder Bay ele teve que interromper a jornada. Sua saúde deteriorou. Ele estava muito debilitado, não conseguiu ir em frente e morreu pouco tempo depois. Ainda assim, conseguiu arrecadar alguns milhões de dólares. Até quando soubemos dessa sua história as doações ainda continuavam.

Seguimos, sempre margeando o lago. Chegamos em uma pequena cidade, de apenas 4 mil habitantes, chamada Marathon. Fomos para um camping que tinha uma área excelente. Só tinham dois *motorhomes*, que estavam bem distantes de nós. E, não havia nenhum funcionário para atender. Verificamos como registrar e pagar. O dinheiro era depositado numa caixa. O acesso à chave do banheiro, extremamente limpo, era mediante o depósito de 1 dólar. Como de costume, tomamos nosso aperitivo e depois do jantar fomos dar um passeio pelo lago. O pôr do sol, apesar de já passar das 10 da noite, estava lindo. De repente, fomos abordados por duas pessoas que estavam nos *motorhomes*. Vinham correndo ao nosso encontro, apavorados perguntaram se estava tudo bem. Achamos estranho. E falamos que sim. Vendo que estávamos bem, disseram que tinham dois ursos bem atrás de nós. Os ursos só se afastaram porque o cachorro deles latiu e os assustou. Não vimos nada disso. Ouvimos o latido do cachorro, mas nem ligamos porque o cachorro já tinha latido outras vezes. Enfim, não sentimos nem o bafo dos ursos nos nossos pescoços ☺. Eram dois filhotes já bem crescidinhos. Mas, o pior é que onde tem filhotes, certamente, tem uma mamãe ursa protetora.

Diante disso, resolvemos que era hora de ir dormir. Mesmo dentro do carro ficamos atentos, mas eles foram embora sem nos incomodar. Na manhã seguinte, tomamos nosso café sentados a beira do lago esperando ver os tais "ursos", mas como eles não vieram nos dar "bom dia", seguimos adiante. Brincadeirinha!!! ☺

Estávamos próximos da fronteira com os Estados Unidos, mas queríamos aproveitar um pouco mais o Canadá. Fomos para North Bay, às margens do *Lake Nipissing*. Passamos o domingo sob um sol escaldante, nos refrescamos nas águas do lago.

Já conhecíamos a parte leste do Canadá e resolvemos revisitar alguns lugares. Ottawa, capital política e administrativa do país, tem uma vida cultural intensa. O Museu da Civilização e o Museu de Arte Moderna são um espetáculo que merecem uma visita mais demorada. A cidade é muito acolhedora. Como ficamos num camping mais distante do centro comercial, deixávamos o carro num estacionamento público e seguíamos de ônibus até o centro. Num desses dias, quando voltamos para o estacionamento, encontramos um bilhete do proprietário de um outro Land Rover. Ele pediu para fazermos contato. Fizemos o contato. Ele queria saber mais sobre o nosso carro e a viagem e fez uma entrevista para uma matéria de um jornal da cidade.

O acaso nos fez outra surpresa. Caminhando por Otawa encontramos um conhecido casal de brasileiros. Júnior e a Tanja, que saíram do Brasil antes de nós. Fomos à despedida deles em São Paulo. Nos conhecemos porque estávamos preparando a viagem e eles também. Nessa época, trocamos algumas ideias para essa longa jornada. A diferença era que eles viajaram com um enorme *motorhome* montado num caminhão *Scania*. Tinham o conforto de uma casa e alguns patrocínios. Enfim, encontrá-los viajando foi ótimo. Contamos

nossas experiências, assim como eles, e combinamos ir juntos ao *Algonquin Provincial Park* no dia seguinte. Lá, improvisamos um churrasco e muitas caipirinhas para comemorar esse memorável encontro. Dali nos despedimos e fomos para Montreal.

Já conhecíamos Montreal também. Mas, dessa vez, a cidade estava uma verdadeira festa. Era verão e estava acontecendo o "Festival do Riso". Todos os lugares estavam cheios de turistas canadenses e estrangeiros. Revisitamos lugares, conhecemos outros e nos divertimos com o festival durante os dias que estivemos na cidade.

Era hora de ir para Quebec. Como já conhecíamos a cidade, desta vez, resolvemos ficar do outro lado do rio *Saint Laurent*, em Lévis, de onde era possível ver o *Parliament* e parte da cidade velha da cidade. Era somente atravessar o rio, pelo *Ferry Boat*, e lá estávamos subindo a ladeira da *Petit Camplain*. Enfim, gostamos de ficar em Lévis, porque era muito agradável e com muitos lugares para caminhar. Mas, não deixamos de revisitar alguns lugares e aproveitar o que a cidade oferece.

Enquanto estávamos por ali, ouvimos uma lenda interessante. Dizem que, quando Deus fez o paraíso deixou cair um pedacinho na terra, que se espalhou formando as "Mil Ilhas". *Thousand Islands* é um arquipélago com mais de 1.865 pequenas ilhotas na parte superior do *Fleuve Saint-Laurent* (ou, St. Lawrence River, para os americanos), na fronteira entre o Canadá e os Estados Unidos. E, bem ali está Brockville, um lugarzinho tranquilo naquele paraíso, lindo e para viver para sempre, se não tivéssemos alma nômade.

Paramos na cidade só para um descanso, mas ficamos uma semana. Esse era um lugar para não ter pressa. Apenas apreciar a paisagem, caminhar, observar as pessoas indo e vindo de lancha ou veleiro pelo rio, curtir o pôr do sol, nadar ... E, num lugar tão especial só poderia ter pessoas especiais.

Ficamos num camping municipal, bem no centro da cidadezinha. As poucas pessoas que estavam acampadas eram muito simpáticas. Tivemos dicas legais da região, e encontramos uma senhora, já com seus quase 80 anos, que viajava com a sobrinha. Essa senhora falava oito idiomas, inclusive o português. Ao saber que éramos brasileiros, para a nossa surpresa, elas pediram que fizéssemos "caipirinha" para elas. Tivemos que improvisar.

☺ Depois ficamos ali tomando *shots* de rum até altas horas da noite. Falamos e falamos e falamos... Um detalhe, o motivo das nossas duas novas amigas estarem ali era um campeonato de golfe que participariam no dia seguinte cedo.

Pela manhã, muito cedo, ouvimos elas saírem, mas ainda era preciso colocar o nosso sono em ordem e esperar a cabeça parar de girar. Depois, já curados da ressaca de rum fomos passear. Quando voltamos, já no final da tarde, as duas novas amigas estavam felizes, comemorando a vitória. Na verdade, a senhora ganhou o primeiro lugar e a sobrinha o segundo lugar. Elas já tinham providenciado os aperitivos e as cervejas. O resultado foi outra noitada, regada a muito álcool. No dia seguinte, elas foram embora e nós continuamos no camping.

Como o nosso estoque de comida tinha acabado, resolvemos ir ao supermercado para abastecer. Enquanto estávamos no estacionamento um casal, que saía do supermercado, veio falar conosco. Ele, por ser inglês, veio atraído pelo nosso Land Rover. Ela, muito expansiva nos convidou para ir comer um churrasco na casa deles. Agradecemos e perguntamos a que horas seria, o que eles prontamente responderam: - "*agora*". Ficamos sem saber o que dizer, porque nos pegou de surpresa e com as compras nas mãos. Então, dissemos que iríamos tomar um banho e que em seguida iríamos para a casa deles.

Prontamente, disseram para tomarmos banho na casa deles. Agradecemos mais uma vez. Mas, eles não deixaram outra alternativa, seguimos com eles. E, só para constar, não tomamos banho, mas tinha uma piscina bem convidativa que acabamos aproveitando. Comemos, bebemos, conhecemos os filhos do casal. Foi uma tarde muito gostosa. Continuamos mantendo contato por um bom tempo, até que as mensagens cessaram. Até hoje não sabemos se ainda vivem naquele paraíso.

Como já dito, aquele era um lugar para viver para sempre mesmo, mas já era hora de seguir viagem. E fomos para Toronto.

Assim como as outras cidades que já conhecíamos, revisitamos Toronto, passamos por lugares antes visto e conhecemos mais um pouco da cidade. E, de lá fomos para *Niagara Falls*.

A beleza de *Niagara Falls* é impressionante. Fomos presenteados com um dia de muito sol, o que nos permitiu apreciar as cataratas bem de perto. Ficamos o tempo suficiente para não deixar de fazer tudo o que todo turista faz num lugar como aquele. E, era hora de deixar o Canadá.

Como já tinha acontecido no Alaska, e em tantos outros lugares por onde passamos, deixar lugares tão fantásticos traz uma certa angústia, mas também alegria pela oportunidade de conhecer cada cantinho e pessoas interessantes. Algumas ainda temos contato e outras ficaram somente na memória.

Então, se era inevitável, cruzamos a *Rainbow Bridge*, já nos Estados Unidos. Nosso próximo destino foi o estado de Ohio. Esse será um capítulo a parte, pois foi uma estadia mais longa e para nunca mais esquecer.

Um longo e merecido descanso em Bowling Green-Ohio…

Era 25 de julho, quarta feira, um dia de muito calor. Passamos por um grande campo de girassóis, nossa flor da sorte, o que bastou para ter a certeza de que Bowling Green nos traria muitas alegrias. Seguimos para o único camping da região. Era uma cidade de aproximadamente 30 mil habitantes, dos quais 20 mil são estudantes da universidade que leva o mesmo nome da cidade - *Bowling Green State University.* Portanto, uma população bem jovem e que abriga estudantes de várias nacionalidades, resultando numa verdadeira "Torre de Babel".

Já conhecíamos a cidade e tínhamos amigos por lá. Ficamos ainda mais uns dias no camping até que o Frank, nosso amigo, conseguiu um apartamento para alugarmos. Apesar de estranharmos, depois de muito tempo morando no carro, ficar entre quatro paredes com ar-condicionado foi uma verdadeira dádiva para o calor intenso da época.

De imediato começamos a nos sentir parte da cidade. Era período de férias e apenas poucos alunos, que optavam por classes especiais de verão, estavam ali. Mesmo assim, não deixava de ser uma festa. Como o calor era intenso, os estudantes tomavam sol ou se refrescavam nas piscinas improvisadas em frente de suas casas compartilhadas. A atmosfera era bem descontraída. Tinham os festivais ao ar livre com muita música, feiras de artesanatos, comidas e cerveja à vontade, desde que consumido dentro do espaço delimitado para beber.

Através do Frank e Lynn, o casal de amigos, conhecemos outras pessoas e começamos a frequentar os bares mais divertidos de Bowling Green. O *Howard's Club* era o nosso preferido. Música boa, *"line dancing*" e pessoas que fomos conhecendo. O *BW3* era outro bar divertido, onde os alunos frequentavam.

As aulas recomeçaram, a cidade voltou ao seu ritmo normal, com muitos estudantes. Muito resumidamente, essa era uma oportunidade de dar continuidade a uma pesquisa de Doutorado, dentro da área das Ciências Sociais, iniciada no Brasil. O meio-oeste americano e a universidade seriam o caminho da pesquisa para a Vera. Com isso, nós também fomos parar na universidade.

Como estrangeiros, era preciso frequentar aulas de inglês, para aprimorar a fluência. Com isso, tivemos os dois muitos contatos com os alunos internacionais. E era bem divertido reunir numa mesa russos, jordanianos, porto-riquenhos, japoneses, chineses, africanos, indianos e nós, cada um com seu sotaque. Um dia, um amigo americano veio até nossa mesa e perguntou em que língua estávamos falando. Quando dissemos que era inglês, ele caiu na gargalhada. Voltamos no tempo e à nossa juventude.

Encontramos também brasileiros, antigos estudantes que decidiram ficar morando, definitivamente na cidade. Outros, continuavam estudando. Nunca estávamos sozinhos. Era divertido trocar experiências e brincar com as diferenças. Era ótimo poder ir a um bar local e

ouvir *Blues*. Fizemos muita festa na casa da Márcia e do Craig, Kathy e José Luiz, Andrea e Leo, Frank e Lynn, Henrique e Cris. Foi divertido, bom e será sempre inesquecível para nós.

Apesar de toda a festa, a pesquisa proposta (por Vera) já estava em andamento, as aulas no programa de Sociologia também já tinham começado e era preciso muita dedicação. Foi um começo difícil para quem, até então, vivia em total liberdade. Passamos a ter compromissos, mas era uma oportunidade imperdível. Nessa altura dos acontecimentos nem sabíamos quando voltaríamos para o Brasil. Nos adaptamos e gostamos dessa situação.

Muitas foram as histórias nesse período. Uma delas foi quando, num dia qualquer, fomos convidados a ir a um evento numa cidadezinha vizinha, Tontogany. Seria premiado quem tivesse a carteira de motorista do lugar mais distante. O Frank ligou animado e lá fomos nós ganhar o nosso prêmio, um vinho de pêssego. ☺

O outono em Bowling Green é lindo. O verde, vermelho, laranja e amarelo das folhas das árvores tomam conta da paisagem da região. Viajar era um jeito de curtir essa maravilha. Toledo ficava mais ou menos meia hora, ao lado do *Lake Erie*. Put-in-Bay e Kelleys Island, que são duas ilhas, eram muito legais para visitar. *Cedar Point*, um parque de diversões, que na época diziam ter a montanha russa mais alta do mundo, era bem divertido. Transitávamos entre Ohio, Indiana e Illinois para conhecer os lugares.

O inverno, por outro lado, foi bem rigoroso. As temperaturas eram negativas, muita neve e um vento gelado. Como é uma região muito plana, a sensação de frio é maior quando bate o vento cortante.

Esses momentos tão especiais só foram interrompidos pelo 11 de Setembro. Quando ouvimos a notícia dos ataques terroristas em New York e Washington estávamos na universidade. A sensação foi horrível, como se estivéssemos vivendo um terrível pesadelo. Não era possível mensurar tudo que estava acontecendo e tivemos medo de ter que interromper tudo por causa de toda a situação. O momento era tenso e não sabíamos o que seria dali para frente. A família e os amigos do Brasil preocupados conosco sugeriram nossa volta para casa, mas mesmo diante de toda aquela confusão sentimos que era possível ficar em segurança. As coisas foram tomando um rumo complicado no país e a tensão foi aumentando com o início da invasão dos Estados Unidos ao Iraque. Como se não bastasse toda a situação, começaram os ataques com *antraz* e ameaças de novos ataques terroristas.

Nossa permissão de estadia no país teria que ser renovada e nosso passaporte estava prestes a expirar. Veio a dúvida com relação ao que fazer, porque ir a Washington renovar o passaporte não nos parecia uma boa ideia naquele momento. Resolvemos arriscar o envio dos passaportes pelos correios, meio a toda aquela onda de *antraz* que assolava o país. Até

os correios de Bowling Green foi interditado por um dia. Como se não bastasse teríamos também que mandar nossa documentação para a Imigração. Não tinha outra alternativa, a não ser acreditar que tudo daria certo. E felizmente tudo deu certo.

É engraçado pensar que em toda a viagem passamos por diversos tipos de tensões, mas jamais imaginamos passar por um tipo de tensão como esse nos Estados Unidos. Apesar de tudo, estar em Bowling Green passou a representar muito para nós. Era um momento de descanso, muitos amigos e um momento produtivo, intelectualmente. Aderimos à vida na universidade, conhecendo a estrutura e facilidades oferecida aos alunos, bem diferente das nossas universidades brasileiras. Aproveitamos cada instante. Chegamos a ser "famosos" na cidade. Afinal, não era difícil ser reconhecido com o nosso carro, rodando para lá e para cá numa cidade tão pequena. Principalmente, depois das entrevistas que concedemos ao *Sentinel,* jornal local, e no *BG News*, que era o jornal da universidade.

30,000-mile odyssey stops in BG

SATURDAY FEATURE

Entrevista Sentinel Tribune - Pag. 1

International couple enjoys, continues travel

Entrevista BG News - Pag. 1

Foi muito divertido e interessante ver os jogos de basquete, *hokey* e futebol americano da universidade. Também foi gostoso compartilhar o *Thanksgiving* na casa da Linda e do David junto aos seus filhos Alma-Lynn, Phillip e Erik. E foi muito bom, também ter participado da vida de tantas outras pessoas que conhecemos na universidade: a Yolanda, o Jeff, a Lori, a Jessie, a Beth, o Tom, o Cris, a Kristy, a Julie.

Descobrimos como é viver numa pequena cidade do meio-oeste americano, que, afinal, é campeã de *Tractor Pulling*, o esporte mais estranho que já vimos na vida. São tratores e *pick ups* modificados puxando um grande peso.

Bowling Green é uma cidade cercada por plantações de milho, com centenas de estradinhas cortando esses campos, sujeita a Tornados. A cada primeiro sábado do mês as sirenes da cidade eram testadas, para o caso de Tornado. Tinha uma geografia totalmente plana que nos fazia sentir saudades das montanhas de Minas Gerais.

Perto de Bowling Green encontramos comunidades de *Amish* ou *Menonites* e seus belos trabalhos em madeira. Eles vivem em fazendas e não utilizam das facilidades da vida moderna. As casas não têm luz, andam de carroças e trabalham a terra com arado puxado por animais.

Jamais esqueceremos nossas conversas no café *Grounds for Thoughts*, no *BW3,* no *Zig Zang*, *Howard's Club, Samb's, Up town e Downtown*.

Durante os seis meses que estivemos em Bowling Green aprendemos o quanto é bom poder voltar para casa as três da manhã, caminhando pelas ruas desertas sem ter medo. É bom falar com as pessoas sem se importar quem elas são. É gostoso sentar-se num café e por lá ficar batendo papo por um longo tempo, vendo gente entrando e saindo. É bom sentir e

viver uma vida longe do estresse e poder dormir num silêncio profundo, interrompido às vezes, somente pelo barulho dos grilos, sem ter o que não é necessário e ter o que é necessário para a vida, amigos e felicidade.

Em fevereiro de 2002, decidimos que deveríamos continuar nossa viagem. O projeto de doutorado teria que ser interrompido, até que as coisas se acalmassem, já que o assunto pesquisado era religião e envolvia os muçulmanos. A comunidade islâmica local assustada se fechou e eu não conseguia mais ter acesso. A Mesquita foi alvo de tiros e achamos por bem dar um tempo até que tudo se acalmasse. Então, fizemos muitas despedidas e partimos...

Depois disso, retornamos algumas vezes para rever os amigos e temos certeza de que ainda retornaremos outras vezes. Bowling Green foi um lugar que marcou nossa vida. Ali voltamos a ser jovens, felizes e livres. Fizemos amigos que ainda hoje permanecem. Por isso, aproveitamos para agradecer a todos que nos acolheram: Frank e Lynn, a Márcia e o Craig, José Luiz e Kathy, Andrea, Isabel, Linda e David, Erik, Phil, Alma-Lynn, Mônica *(in memoriam)*, Patrícia e Tootsie, o Terry, Andréa e Leo, Izadora, Pedro, Carol, Duda, Henrique e Cristiane, Emílio, Eileen e William, Lee, os Brunos, as Fernandas, Ailene, Ana Elise, Valerie, Marcelo, Rafael, Rosa (*in memoriam)*, Margarida, Carlos Batista, Paulo e Silvia, Cristina, os russos, os japoneses, os chineses, os jordanianos, os indianos, fora os que já citamos por aqui ... ufa! Foram tantos! Temos receio de ter esquecido alguns nomes, mas tenham certeza de que todos estarão sempre presentes em nossa memória e nos nossos corações.

Na estrada novamente…

As duas semanas que antecederam a nossa partida de Bowling Green foram cheias. Desmontamos nosso pequeno apartamento e voltamos com tudo para o carro. No período que lá estivemos os amigos emprestaram e deram algumas coisas, fora o que compramos em *garage sale*, que era uma das nossas diversões. Era bom garimpar preciosidades, mas que depois, com muito pesar, tivemos que desfazer.

Esse também foi um período de muitas emoções. Era hora das despedidas e de uma nova mudança de vida. Criamos raízes, amizades e só fomos embora por causa das circunstâncias. O país ainda estava se recuperando do 11 de setembro. Jovens que conhecemos na universidade partiram para a guerra no Iraque e a pesquisa ficou inviabilizada naquele momento.

Deixamos a cidade num dia muito frio. Passamos no *Grounds for Though*, o café charmoso da cidade e lugar de encontro com amigos. Nos despedimos da Kathy e do José Luiz, que lá estavam, da Mme Rose, nossa *landlord*, que passou ali por acaso. Dirigimos um pouco pela cidade, despedindo, e partimos por uma rodovia vicinal, que também seguia para Grand Rapids e Waterville, dois lugares

muito encantadores da região. Aliás, em Waterville o *Garden Smile* é imperdível. As esculturas, super criativas feitas pelo escultor Georg Carruth e sua equipe de artesãos são atrações a parte. O difícil foi escolher qual levar. As esculturas são feitas em cimento, com uma riqueza de detalhes que deixa tudo muito mágico. Temos cinco delas e a cada dia Caruth cria esculturas diferentes. Enfim, seguimos por essa vicinal, mais de 500 quilômetros, saindo de Ohio, passando por Indiana rumo a Chicago.

Na chegada a Chicago, no início da noite, o trânsito estava intenso. Vimos uma pessoa acenando e pedindo para encostarmos o carro. Paramos para saber o que era. Era um brasileiro que vivia em Chicago. Ao ver o carro do Brasil queria saber um pouco mais sobre nós. Conversamos ali mesmo. Ele ofereceu "pouso" na casa dele. Achamos engraçado, mas era sério a oferta.

Como tinha um shopping bem perto, e estávamos famintos, combinamos de nos encontrar lá depois de mais ou menos duas horas, tempo que ele demoraria num curso que estava fazendo por perto. No horário combinado ele chegou. Queríamos saber melhor sobre ele e onde morava. Ele disse que morava num apartamento com o pai e que fazia questão de nos hospedar. Comentamos que ficaríamos uns três dias e ele fez muita questão que ficássemos lá. Perguntamos se o pai estava sabendo do convite e ele respondeu que sim, e que o pai reiterou o convite. Então, depois de todo o nosso questionamento, acompanhamos o carro dele.

Chegando em frente ao prédio, estacionamos o carro. Pegamos algumas coisas e subimos. Quando entramos no apartamento... surpresa!!! O rapaz chamou todos os amigos brasileiros para nos conhecer. E depois virou uma festa. Como o seu pai era pastor de uma igreja evangélica, o álcool era proibido. Mas, depois que o pastor foi dormir, o rapaz tirou do armário, bem escondidinho, uma garrafa de vodca.

A história foi além disso. Ficamos intrigados porque tínhamos certeza de que já tínhamos visto o pai, mas não lembrávamos de onde. Na manhã seguinte, tivemos a companhia dele para um passeio por Chicago. Entre uma conversa e outra, lembramos que o tal pastor era um político que ficou em evidência na mídia por conta de corrupção. Foi uma saia justa. Diante disso, com muita educação, agradecemos a generosa hospedagem, inventamos uma desculpa e fomos embora.

Não vamos revelar os nomes dessa história, mas podemos dizer que, se houve roubo de dinheiro público o dinheiro não rendeu muito. Presenciamos a dificuldade financeira que passavam. Como diz o ditado: "a única coisa fácil sobre dinheiro é perdê-lo". Ou, como na música de Paulinho da Viola, "dinheiro na mão é vendaval...", principalmente, quando o dinheiro vem de fontes escusas.

Depois de Chicago, fomos até Omaha, em Nebraska. No meio do caminho vimos um carro do Alaska. Bateu saudades!

Omaha é onde fica a matriz da empresa que o Helinho trabalhava, antes de embarcarmos nessa viagem. Chegando na empresa fomos recebidos pela Carolina e o Tim, o Rebello, um brasileiro que trabalhava por lá, o Atanu Gosh, um indiano que trabalhou no Brasil por algum tempo, e o Lyle Knox "The Boss".

Infelizmente, nós não encontramos todos no *happy hour* da sexta feira (*Friday at four*), uma tradição na empresa. Mas, mais uma vez, fomos o centro das atenções. Estavam todos interessados e impressionados com as nossas histórias e com o nosso retorno de carro para o Brasil. E, o mais incrível foi que quando chegamos ao Brasil encontramos, novamente, o Lyle Knox em São Paulo. A reação de surpresa dele foi impagável. ☺

Ficamos alguns dias rodando pela região. Visitamos o Atanu e o casal Carolina e Tim. Saímos para os restaurantes com eles e, depois rumamos para o sul, sempre por estradas vicinais, mais ou menos movimentadas. Passamos por Kansas City e seguimos para St. Louis, onde fomos pegos de surpresa, na terra do blues, com uma programação na emissora local com músicas brasileiras da melhor qualidade - bossa nova, chorinho...

Era dia de jogo de futebol (americano, claro!). O *Green Bay Packers* era o time visitante. Já tínhamos familiaridade com esse time porque a família "Goza", nossos amigos de Bowling Green, eram torcedores apaixonados dos *Packers.* Eles eram de Wisconsin, a casa do time. Nos lembramos dos amigos já com saudades, apesar do pouco tempo que tínhamos saído de Bowling Green.

St. Louis, que fica na confluência do rio Mississipi e do rio Missouri, é uma cidade muito grande, mas bem simpática. O *Gateway Arch,* um arco enorme, perto dos 200 metros de altura, feito em chapas de metal, domina a cidade. O *Laclede's Landing*, com seus bares e restaurantes, blues ao vivo e muita gente pra lá e pra cá, é ótimo. Fora isso, ainda tem a jogatina nos barcos-cassinos, a *Union Station*, uma antiga estação de trem transformada num shopping, o passeio pelo *Forest Park*, museus, zoológicos e vistas do *Bush Stadium* e do *St. Louis City Hall*. E para quem gosta de muita emoção, o *Lemp,* o bairro mau assombrado, pode ser uma atração interessante. Ali, todo o passeio é guiado por "investigadores paranormais". O *The Lemp Brewery Bottle Works* pode ser uma experiência horripilante, mas não ganhou nossa adesão, preferimos seguir para Nashville.

Nashville é uma cidade bem peculiar. É cheia de *saloons* e bares *"honky-tonky"* com música ao vivo. A *Second Avenue*, que foi o centro de negócios de algodão, hoje transformou-se em um centro comercial com enormes armazéns de lojas e restaurantes. Ali está o *Wildhorse*, um dos *saloons* com shows de música country. O *Printer's Alley*, que é um beco com casas noturnas que remontam os anos 40, é também imperdível. Visitar o *Fort Nashborough* e o *Ryman Auditorium* são também lugares obrigatórios para quem está na cidade. Tem também o *Grand Ole Opry House*, famoso palco do programa de rádio com o mesmo nome, o *Music Hall of Fame and Music*, o *Johnny Cash Museum.*

O *Pedal Tavern* é uma atração bem divertida. Turma de amigos (ou não), pedalam num bar móvel e faz a alegria de quem está participando e de quem assiste o passeio pela cidade. Fora o turismo gastronômico, etílico e musical, o *State Capitol*, uma enorme construção de 1845 em estilo grego é bem interessante. Enfim, Nashville é uma cidade que não dá vontade

de ir embora. Por isso, estivemos algum tempo antes de seguirmos para Memphis, pela rodovia da música.

Memphis oferece atrações de jazz, soul, blues e rock'n'roll, claro. Elvis Presley, B.B. King e Johnny Cash gravaram no lendário *Sun Studio*. A *Beale Street* é conhecida pelos bares e a música. Quando chegamos, vimos o anúncio de um show do B.B. King. Ficamos tentados a ficar na cidade para ver o show, mas depois desistimos o que arrependemos muito até hoje. Em três quarteirões encontramos várias atrações, incluindo *Wall of Fame* e *Schwabís Dry.*

Ainda tem o *Good Store*, que é uma loja enorme de quinquilharias construída em 1876, o Museu da Polícia, que mostra a ordem de extradição do assassino de Martin Luther King Jr morto em Memphis em 1968. E, claro, não poderíamos deixar de conhecer *Graceland,* onde está a mansão, os aviões e a coleção de carros de Elvis Presley.

Saímos de Memphis debaixo de uma chuva torrencial. O que mais nos preocupava era um aviso de tornado, feito pelo rádio a cada intervalo de música. Fomos acompanhando a movimentação do Tornado, que traiçoeiramente muda de direção de uma hora para a outra. Tínhamos a sensação de que nos perseguia. No meio de toda esta turbulência e medo, afinal tornado não é nossa especialidade, perdemos a nossa terceira bandeira do Brasil. Ficou para sempre no Mississipi, ou quem sabe, o tornado a levou para outro lugar bem longe. Depois de algum tempo, o pesadelo do Tornado passou, quando entramos no estado de Louisiana e o céu voltou a ficar azul.

Chegamos a New Orleans sãos e salvos. Por uma distração nossa, chegamos bem no centro da cidade em pleno horário de pico. Mas, o trânsito caótico foi bem oportuno para começar a entender o local. No dia seguinte, em plena sexta feira, fomos para o *French Quarter* para conhecer essa antiga, bonita e histórica parte da cidade, que foi fundada por franceses e depois ocupada por espanhóis.

New Orleans tem na sua história o passado escravo e algumas semelhanças com o Brasil, como o sincretismo religioso ou *Voodoo*. Aliás, as casas de *Voodoo* tem um verdadeiro arsenal de magia, inclusive alguns artigos "*made in Brazil*". Reconhecemos um pouco da nossa cultura em New Orleans também no estilo dos cemitérios cristãos, com mausoléus enormes, o que para eles é uma rota turística.

O French Quarter, com a sua arquitetura francesa e espanhola e ruas estreitas, lembra o casario de algumas

cidades históricas brasileiras. As varandas das casas com os detalhes em ferro já estavam enfeitadas para o carnaval. O *Mardi Gras,* remete aos antigos carnavais brasileiros. São realizados desfiles em carros alegóricos nos finais de semana. Máscaras, colares coloridos e bonecos davam o ar da festa. A cidade estava cheia de turistas e a *Bourbon Street*, a rua mais badalada desse quarteirão francês, estava caótica. As pessoas andando e bebendo, grupos de jazz e blues tocando, sapateadores e estátuas humanas. Os bares com música ao vivo cheios. Enfim, um caos divertido.

Mas, New Orleans não é somente essa confusão. Tem uma parte com prédios modernos e cassinos. Numa outra parte da cidade, no *Garden District*, ficam as antigas mansões que foram reformadas. O *Riverfront,* às margens do rio Mississipi, é também um bom lugar para caminhar, enquanto curtimos o rio. E, também, existem outras opções de divertimento, como os crocodilos dos *Swamps*, ou ir para uma praia do lado leste da cidade. Assim, fizemos de tudo um pouco, nos divertimos, experimentamos a culinária *cajun* e depois fomos para Houston, a quarta maior cidade americana, no Texas.

Houston é uma cidade típica americana, moderna, repleta de autopistas e viadutos o que faz o tráfego fluir rapidamente. Conhecemos o centro da cidade de forma tranquila, vimos os prédios modernos e enormes, os museus, o zoológico e o aquário da cidade. Algumas atrações turísticas, como o *Johnson Space Center (NASA)*, *Six Flags Astroworld* e *Water World,* ficavam a alguns quilômetros da cidade. Conhecemos Galveston, que é uma pequena cidade no Golfo do México (ou seria Golfo da América?... 🤣) e fomos para Austin encontrar um casal de amigos, a alemã Siegi e seu marido Roland (*in memoriam)*, que conhecemos em *Mount St. Helena.*

A recepção não poderia ser melhor, inclusive com faixa de boas-vindas, o que nos deixou bem emocionados. Relembramos nosso encontro, contamos cada momento importante da viagem e experiências vividas. Conhecemos Austin. O casal era muito divertido. Eles viveram em vários lugares nos Estados Unidos, inclusive no Hawaii, antes de se estabelecerem em Austin.

Austin é uma boa cidade para viver. Possui uma área montanhosa, com casas com a vista do vale, ou do rio Colorado que corta a cidade. Visitamos o Parque da cidade, o *State Capitol*, um suntuoso complexo de mármore rosado, sede do governo do Texas. Seguimos por toda a *Congress Avenue*, que cruza a cidade. E, passamos pela ponte que abriga uma enorme quantidade de morcegos (em torno de 1,5 milhões), atração ao entardecer quando voam em busca de alimentos. O que é apavorante para algumas pessoas é necessário para a cidade. São eles que devoram toneladas de insetos, mantendo o equilíbrio ecológico. São, também, importantes para a agricultura, porque ajudam na polinização das plantas. O governo do Texas mantem estudos e pesquisas sobre os morcegos. Além disso, se preocupam com o *habitat* desses mamíferos. A *6th Street* é a mais badalada rua da cidade, com bares, restaurantes, lojas, música e muita gente. Enfim, visitamos todos os principais pontos da cidade. Foi muito bom estar entre amigos, antes de deixar os Estados Unidos. Hoje, infelizmente, o Roland não está mais entre nós, mas a Siegi e seu filho Chris, continuam presentes em nossas vidas, mesmo que a distância.

Era hora de deixar os Estados Unidos. Saímos sem pressa de Austin, em direção a Laredo, cidade de fronteira e agitada, com muitos restaurantes, shoppings, hotéis e com um jeito bem mexicano. No dia seguinte, bem cedo, fomos para a fronteira. Alegria, tristeza, tudo junto e misturado. Mas, sempre com a certeza de que ainda tinham muitos lugares para conhecermos. Respiramos fundo e seguimos mais uma vez para o México. Viva o México! De novo...

De volta ao México...

Era uma quinta feira e dessa vez, foi menos complicado cruzar a fronteira do México. Fizemos todas as burocracias, pagamos altas taxas, mas, felizmente, não foi preciso desmontar o carro.

Nesse dia rodamos uns 800 quilômetros até San Luis Potossi. Isso porque, era previsto dormir em Matehuala, mas chegamos muito cedo na cidade e decidimos seguir adiante. Essa parte do México não tinha muitos atrativos. No dia seguinte, fomos para Tepotzotlan, cidadezinha que fica 30 quilômetros da Cidade do México, bem perto do sítio arqueológico *Teotihuacan*. Como já conhecíamos a região tudo ficou mais fácil.

Voltamos à Cidade do México, dessa vez de ônibus e metrô. O destino do nosso ônibus foi Toreo. De lá, pegamos um metrô lotado para o Zócalo. Quando saímos da estação nos deparamos com uma multidão. Tinham vários grupos de dança indígena. Um grande palco foi montado e os grupos tocavam músicas tradicionais. Tinham muitos vendedores ambulantes e uma feira de quinquilharias. Ficamos por ali, assistindo toda aquela apresentação. A volta foi uma aventura. Os motoristas dirigem feito loucos. Eles passam em alta velocidade e espremidos entre ônibus e caminhões. Felizmente, chegamos sãos e salvos.

Como nós já conhecíamos Puebla resolvemos somente passar a noite e seguimos para Oaxaca, outro destino já conhecido. No camping encontramos um jovem casal de ciclistas holandeses, que tinha como destino Ushuaia. Depois, voltariam até Buenos Aires e pegariam um voo para Lisboa. De Lisboa seguiriam, ainda de *bike,* para Holanda. Infelizmente, perdemos o contato com eles e não sabemos se conseguiram concretizar todo esse roteiro.

De Oaxaca, seguimos para San Cristóbal de Las Casas, no Chiapas. Mas, como o caminho era muito longo, decidimos parar em San Pedro Tapanatepec.

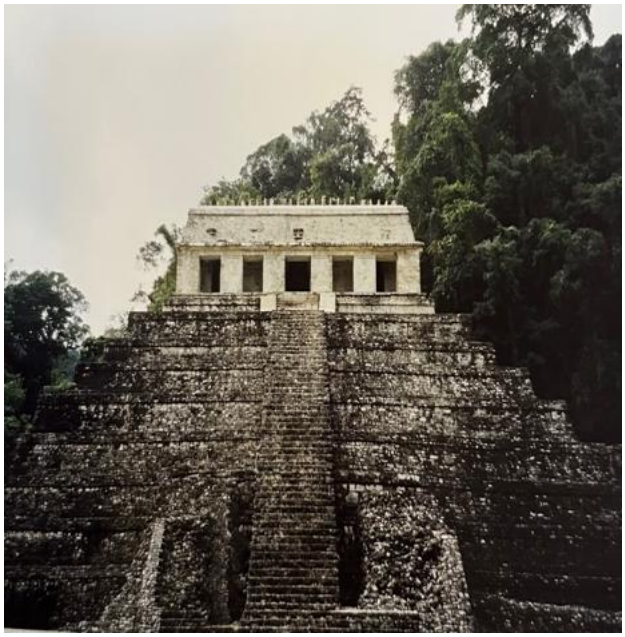
O calor era intenso às 9 da manhã, quando saímos. Era uma estrada nas montanhas, com muitas curvas. O visual era lindo. O GPS não funcionava direito. Finalmente, chegamos em algum lugar mais baixo e percebemos que estávamos num “Istmo”. O sol castigava cada vez mais e o calor estava ainda pior. Enfim, passamos por La Ventosa, um lugar para não esquecer. Todas as árvores tombavam para um só lado. Isso, era por causa do vento e da sua geografia.

Depois de um merecido descanso subimos as montanhas de *Sierra Madre del Sur,* que nos levaria até San Cristóbal de Las Casas. Passamos por Tuxtla Gutierrez, uma cidade muito limpa, com prédios bem cuidados e as ruas arborizadas. De lá, fomos por um caminho tortuoso até San Cristóbal de Las Casas. A temperatura começou a cair e a neblina estava baixa. O clima era bem mais ameno.

San Cristóbal de Las Casas é lugar ideal para ser explorado a pé. Fomos até a Catedral, ao mercado e visitamos as inúmeras igrejas da cidade. Subimos os degraus da igreja de Guadalupe e do alto vimos a cidade como um todo. San Cristóbal fica rodeada de montanhas. A cidade comporta muitos restaurantes e bares. Além disso, tem um certo "mistério" em sua história. Foi nesse local onde a revolta zapatista começou tomar corpo. O Chiapas é um estado indígena. Os índios vendem seus artesanatos nas ruas, nos mercados e nas estradas. Mas, o ponto alto da visita ficou por conta de San Juan de Chamula e Zinacantan.

Para quem quer entender um pouco dessa cultura indígena é preciso visitar esses dois locais. Apesar da inevitável "modernização", os índios tentam preservar sua cultura. Ali convivem os Tzeltal e Tzotzil. Em Chamula, entramos numa igreja, que não tinha os bancos, mas tinha os santos e muitos galhos de pinheiros e velas acesas esparramados pelo chão. Os índios se sentam em meio a essas folhas e, em sua língua original, rezam, ou melhor, conversam em voz alta. Eles bebem o *posh,* que é uma bebida espiritual, destilada e que acreditam ser um meio de comunicação com os deuses, ou com Deus.

Nesse dia, Chamula estava em festa. Era o começo do carnaval. Grupos diversos, vestidos com suas roupas características andavam pela cidade soltando rojões. É proibido fotografar dentro e fora da igreja. Os oficiais da ordem pública, que são homens identificados pelas roupas e pelo cacetete que carregam, se encarregam de manter a ordem e impedir qualquer infração dos turistas.



Depois de uns dias conhecendo San Cristobal de Las Casas e região, fomos para as ruínas de *Palenque*. São apenas 200 km de estrada, que percorremos em 6 horas de viagem. A estrada é sinuosa e existem muitos assentamentos indígenas. O visual dos vales e as cascatas de águas azuis são lindas, mas a estrada exige muita atenção, tanto pelas curvas quanto pelas pessoas e animais circulando nas pistas. Sem contar os famigerados *"topes"*, ou quebra molas, ou lombadas... No meio do caminho ainda levamos um susto. Um grupo de indígenas fantasiados para o carnaval fechava a estrada. Tudo estava tranquilo e eles somente se divertiam, até que um deles tentou abrir a porta do carro. Ficamos um pouco assustados e não tivemos dúvidas em acelerar o carro e seguir em frente.

Chegamos a *Palenque* no final da tarde com uma intensa chuva. Na entrada da cidade fomos revistados pelo exército. O curioso é que quando entramos, pela primeira vez no México indo em direção aos Estados Unidos, passamos por muitas revistas rigorosas. Na volta, as revistas foram muito menos frequentes e menos rigorosas. Não entendemos o porquê, mas gostamos de não ser tão importunados como em direção norte.

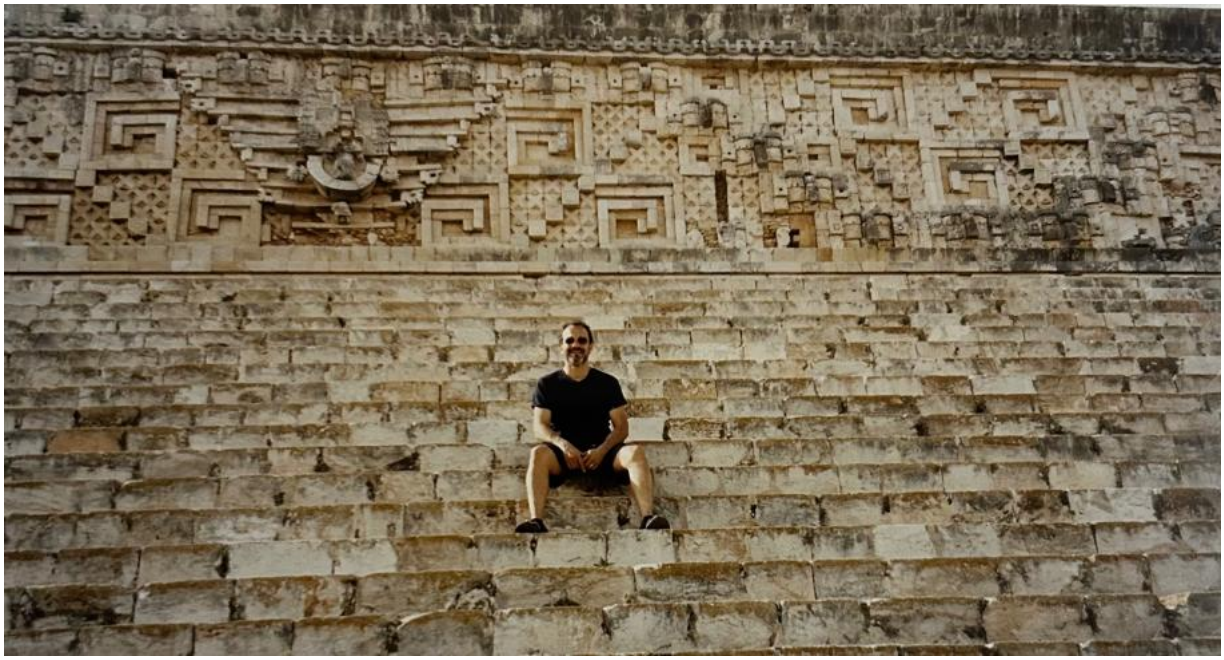
Depois da revista, entrarmos nas ruínas de *Palenque*. Era como entrar num filme de "*Indiana Jones"* de George Lucas e Steven Spielberg. As ruínas ficam no meio de uma floresta tropical. Por sorte, encontramos um arqueólogo da Universidade da Califórnia, o Donald, que pesquisava a cultura *Maya* nas florestas do México e da Guatemala por mais de 35 anos. Ficamos conversando por um longo tempo e ele nos deu uma verdadeira aula sobre o assunto, inclusive sobre a última pirâmide descoberta, e que ele estava trabalhando. Essa pirâmide ainda estava fechada ao público. Através de uma microcâmera digital eles conseguiram ver as ricas peças pintadas e esculpidas. Por causa dos gases tóxicos, que exalavam dos ambientes internos, o acesso somente podia ser feito pelos arqueólogos usando máscaras e tubos de oxigênio.

Vimos o famoso império *Pacal* com o Palácio, o Templo das Inscrições e todas as construções que, provavelmente, tiveram seu início no ano 100 a.c. e que se mantêm bem preservadas. Este foi, de longe, o sítio arqueológico mais impressionante que vimos.

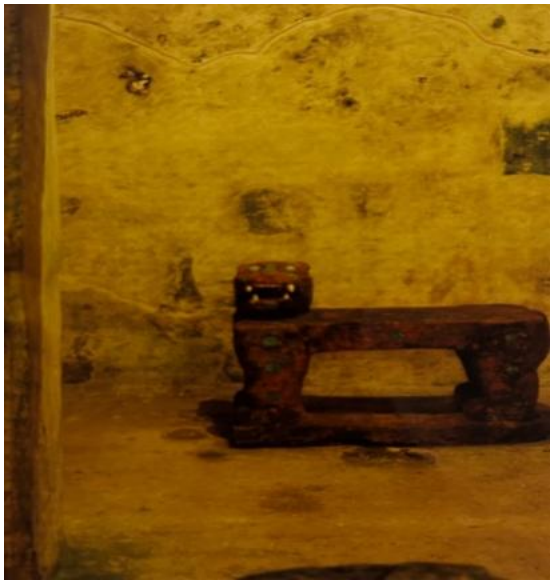
Campeche era o nosso próximo destino. Depois de uma viagem tranquila, apesar dos muitos *"topes"* na estrada, avistamos o mar. Foi uma bela visão, que esperávamos há muito tempo. Ainda era carnaval e Campeche teria um desfile com carros alegóricos. Depois do desfile teria uma festa na concha acústica da cidade ao ritmo de muita *salsa*. Ficamos animados. Quando chegamos ao camping ouvimos alguém nos chamando. Não acreditamos, mas ali estavam o Mike e a Liz, os nossos amigos ingleses. Esse mundo de viajantes é muito

pequeno! Além desse encontro inesperado, também encontramos um casal de suíços que conhecia o Amadeus e Monika, aqueles dois alemães com a filhinha que encontramos em Fairbanks, no Alaska.

Ficamos muito felizes. Soubemos que o Mike e a Liz tinham voltado para a Inglaterra, nesse período de um ano que estivemos viajando.. A Liz fez uma cirurgia de quadril e, depois de recuperada, voltaram para o México para continuarem viagem até Ushuaia. Com eles estava um casal da Bélgica e outro casal da Nova Zelândia. Viajamos juntos por 3 três dias, em direção a Uxmal e Mérida, em Yucatán.



Uxmal é uma ruína muito bem conservada, e que nos permite ver em detalhes o trabalho arquitetônico e artístico *Maya*. Ficamos no estacionamento do sítio arqueológico para ver o espetáculo das "luzes e sons" que acontece no “Quadrangulo das Monjas”, à noite. Esse é um espetáculo teatral que recorda a época de glória dos *Mayas.* Por coincidência, ou não, uma chuva inesperada caiu, exatamente, quando era evocado o "deus da chuva", se tornando o ponto alto da *performance.* ☺ Depois disso, curtimos um bom bate papo entre amigos.



No dia seguinte, saímos em direção a Mérida. Entretanto, nós decidimos seguir direto para *Chichen Itzá*. Isso porque, Mérida era uma cidade grande e sem interesse para nós. Então, nos despedimos dos nossos amigos e seguimos para as ruínas.

Chichen Itzá é uma suntuosidade. É uma área plana com enormes pirâmides, herança da cultura *Toltec* e *Maya*. A pirâmide principal, o Castilho, é impressionante. Subir os seus íngremes degraus pode ser cansativo, mas a visão do alto compensa qualquer sacrifício. Na parte interna, a sala de adoração com a escultura do *Chac-Mol*, o mensageiro dos deuses, e o jaguar com olhos de jade pintado de vermelho, é

fantástica. Para ver essa sala foi preciso subir uma escadaria interna, num corredor muito estreito, quente e úmido. Algumas pessoas desistem de entrar no local.

O complexo das "Mil Colunas" é um outro espetáculo a parte. É preciso tempo e disposição para explorar o lugar. Enquanto estávamos apreciando o sítio arqueológico fomos surpreendidos por uma chuva muito forte o que nos fez desistir de ficar mais tempo, para ver o "show de luzes e sons" daquelas ruínas. Optamos então por ficar em Piste, que era a cidade mais próxima do local.

México - Chiche-Itzá

O nosso próximo destino foi Cancun. Fomos sem pressa pela estrada vicinal, já que a distância não era tão longa. Passamos por muitos povoados indígenas e, chegando na cidade fomos conhecer a "Zona Hoteleira". As praias ali, apesar de públicas, ficam quase que restritas aos hóspedes dos hotéis. Então, nós resolvemos ficar num camping em Punta Sam, não muito longe dali. Conhecemos a cidade que muitos turistas não conhecem, pelo comodismo e conforto que os hotéis oferecem. Na maioria das vezes, ficam apenas entre as suas praias particulares e o ar-condicionado dos hotéis.

A 45 minutos de barco de Cancun está *Isla Mujeres*, que faz lembrar algumas das praias do nordeste. As areias são branquíssimas com coqueiros e um clima muito descontraído. A água do mar é impressionantemente verde e clara, contrastando com todo o cenário. A cidade tem uma boa infraestrutura com vários bares, restaurantes e opções de hotéis e pousadas. Um verdadeiro paraíso de férias.

México - Isla Mujeres

A próxima parada foi a Playa del Carmen. Apesar de ser uma cidade pequena é bem legal. Uma parte da cidade mantem o mesmo clima das nossas cidades pequenas de praia. A outra parte da cidade tem hotéis luxuosos, uma área exclusiva das grandes redes hoteleiras. Ficamos num camping, o *Paa Mul,* que é um lugar privilegiado, com a sua própria praia e uma boa infraestrutura. As praias são de areias muito brancas e o mar de um verde lindo, característica do Caribe. A 45 minutos de barco está *Cozumel,* que também fomos conhecer.

Depois fomos conhecer as ruínas de *Tulum*, à beira-mar. Os visitantes sempre vão preparados para um mergulho. Também conhecemos Bacalar e o "Cenote Azul", o lago das sete cores. Este é um grande lago, com diferentes tonalidades, que vai do azul turquesa ao quase preto. E, essa foi a nossa penúltima parada no México. Dali só faltava Chetumal e depois cruzar a fronteira para Belize.

Era hora de deixar o México. Como sempre, ficamos com aquele sentimento de pesar por deixar este grande e impressionante país, com a sua cultura, a sua gente e as suas paisagens que tanto nos encantaram.

Mais uma vez na adorável América Central...

Saímos cedo de Chetumal e cruzamos a fronteira para Belize. O visto de entrada foi emitido rapidamente, mediante pagamento de alguns dólares. Não foi preciso esperar a boa vontade e horários das Embaixadas e Consulados que, às vezes, pedem alguns dias para a emissão de vistos. Não teve muita burocracia e em pouco tempo já nos encontrávamos dentro do país. O carro não foi revistado e somente perguntaram o que carregávamos. Dissemos e eles mandaram seguir adiante. Em 3 horas já estávamos em Belize City, na parte central do país.

Belize é o segundo menor país da América Central. Sua economia é baseada na agricultura, banana e açúcar, e turismo. A sua costa é cercada por arrecifes e atóis. O destino da maioria dos turistas se concentra na pequena ilha *Cayo Ambergris*, que fica na parte norte, em San Pedro. Outros optam pela *Caye Caulker.* E poucos decidem ir para o sul do país, ainda menos explorado, por causa das condições das estradas.

Naquela época, Belize City era pequena, embora fosse a maior cidade do país. Apesar de alguns edifícios e casas decadentes, a cidade tinha uma bela arquitetura e os prédios em madeira dão muito charme ao local. Corre do lado norte para o lado sul do rio *Haulove*r. Tem a *"Swing Bridge",* uma ponte estreita e movimentada, que conecta os dois lados. Essa antiga capital do país, foi parcialmente destruída pelo furacão *Hattie*. Por isso, Belmopán foi construída com o intuito de se tornar a capital. Seu nome é simplesmente a união de "Bel" de Belize e *"Mopan"*, que é a língua dos povos *Mayas*. O país é predominantemente de população negra e o *reggae* é o ritmo musical mais ouvido por ali. Para quem já foi à Jamaica saberá o que é Belize, pela sua semelhança.

De lá seguimos em direção de Hopkins, uma pequena vila costeira, perto de Dangriga, a maior cidade da região sul. Cortando caminhos por estradas de terra chegamos primeiro a Dangriga. Era praticamente uma rua de comércio com uns poucos quarteirões cortando a cidade de ponta-a-ponta. Paralelamente a essa rua estava o mar. Mais um pouco de estrada de asfalto e de terra, chegamos em Hopkins, nosso destino.

Hopkins Village era muito pequena e não foi difícil localizar a casa de mais um amigo, dessa vez o americano Peter, que encontramos em San Carlos no México. Peter vivia ali com a Snowball, uma Golden Retriever branca muito dócil. Ele foi mais uma daquelas pessoas que mantivemos contato durante toda a viagem ao Alaska. Numa dessas trocas de mensagens o Peter convidou para sermos os primeiros hóspedes da sua nova casa em Hopkins, assim que soube que passaríamos por Belize. O lugar era um paraíso e ele resolveu ficar algum tempo. Foi um reencontro muito bom e comemorado com muita *Belikin,* a cerveja local, pizza e torta deliciosa, tudo feito por ali mesmo na vizinhança. Depois dessa recepção, curtimos esse paraíso por alguns dias.

A população da região sul de Belize é formada, na sua maioria, por *garífunas,* que são os negros descendentes dos escravos náufragos nigerianos. Essa região não é tão populosa, como a parte norte e central. As estradas não são das melhores, principalmente, depois da passagem do furacão *Iris,* ocorrido em finais de 2001. Ainda assim, nos aventuramos por aquelas bandas indo a Placência, que é uma península e uma pequena vila de pescadores. A cidade também é bem pequena. Tem algumas cabanas coloridas, alugadas a estrangeiros que se aventuram por lá, ou são de estrangeiros que decidiram viver em Belize.

Em Hopkins os nativos construíram as suas casas na faixa de areia, deixando as praias bem estreitas. Ainda assim, encontramos o nosso paraíso. Uma praia linda, que terminava numa mata muito verde. Não tinha casa e ninguém para perturbar. Era mesmo um pedacinho de paraíso, somente nosso, onde passávamos horas nadando, tomando sol e fazendo muitos planos.

Hopkins, com sua gente muito simpática, acabou nos conquistando. Todos que passavam por nós abriam um sorrisão, cumprimentando ou acenando. Conhecemos o Gadd, um nativo que trabalhava num bar. Ele nos contou sobre Belize, sobre o *reggae,* sobre o dialeto, que usam como língua oficial. O inglês também é falado, por ter sido Belize uma possessão inglesa.

As crianças adoravam o Peter e todos os dias, depois da escola, passavam para falar um “alô”, mostrar o que fizeram na escola e brincar com a *Snowball.* Sempre aparecia alguém batendo à porta para pedir emprestado uma chave de fenda, gás etc. Enfim, se ajudavam, mutualmente, no verdadeiro sentido do termo “boa vizinhança”.

Ficamos tristes de irmos embora, mas como as despedidas há muito já faziam parte dessa viagem, seguimos em frente e fomos para Belmopán. Imaginávamos uma cidade, pelo menos do tamanho de Belize City, já que era a capital. Mas, de tão pequena demos a volta na cidade e paramos num pequeno comércio, que mais parecia uma feira. Então, resolvemos seguir em direção à fronteira da Guatemala.

Ainda do lado de Belize fomos abordados por pessoas querendo ajudar e trocar dinheiro. Já estávamos desacostumados com essas abordagens. Para nos safar da situação, demos uma ré no carro, mas tinha um poste e ele decidiu não sair de trás. ☺ O prejuízo foi a porta traseira amassada e o vidro trincado. Sorte que, por causa do *insulfilm* no vidro, pudemos seguir em frente. Fizemos um pequeno reparo caseiro e seguimos, um pouco tensos por causa de um alerta para a presença de ladrões na estrada entre as ruínas de *Tikal* e *Flores*, nosso próximo destino. Uma das vítimas contou sobre o assalto. Os ladrões foram muito agressivos e roubaram tudo que tinham dentro do carro.

Felizmente, não passamos pela mesma situação e chegamos às ruínas de *Tikal*, que são envolvidas pela floresta, num visual lindo e impressionante. Além disso, os animais que habitam o lugar - macacos, tucanos e outras espécies – deixa tudo mais mágico.

Depois da visita, seguimos para Río Dulce, uma cidade turística. Pela região existem vários lugares interessantes e, um deles é a cidade caribenha de Livingston. É uma vila de *garífunas* que mistura a música latina e caribenha. A viagem até lá é de tirar o fôlego. Passamos pelo lago *El Golfete*, alimentado pelo Rio Dulce. Passamos por florestas, pelo Castelo de San Felipe de Lara, um forte colonial espanhol na entrada do *Lago Izabal* que está conectado ao mar do Caribe, através do rio Dulce e do lago *El Golfete*.

Procurando um local para ficar, acabamos num *hostal*, com muitos outros "gringos". O hotel era suspenso por palafitas, dentro do rio. Os quartos eram divididos por uma espécie de tela e cortinas. Apesar de estranho, era agradável. Tinha um restaurante e um píer bem movimentado. O barulho dos sapos era alto, mas não incomodava. O que incomodou mesmo foram alguns hóspedes que resolveram beber e conversar até tarde, abafando os barulhos da natureza.

Dali, seguimos, novamente, rumo a Guatemala Antígua. O visual já era agreste, com subidas, descidas e muitas curvas. O que nos chamou atenção foi o policiamento ostensivo das estradas, desde que entramos na Guatemala. Fomos parados, várias vezes e, chegando em Guatemala City, tivemos todos os nossos documentos checados. Apesar do caos da cidade, fomos abordados por uma pessoa que era do Clube 4x4 de *Guate*, como Guatemala City é chamada. Ele estava numa Toyota e, muito interessado em carros 4x4 pediu informações sobre o nosso Land. Trocamos endereços e e-mails e seguimos para Antígua, ficando no mesmo lugar de quando subimos em direção ao Alaska.

A manhã do dia seguinte estava incrivelmente maravilhosa, com uma luminosidade sem igual. Os vulcões que cercam a cidade pareciam mais imponentes. O vulcão Água, que fica ao sul da cidade, estava lindo, sem nenhuma nuvem por perto e o Fuego, depois de ter entrado em atividade na semana anterior, estava deslumbrante.

Perto de Antígua está Chichicastenango. Aos domingos a cidade é um grande mercado onde os indígenas colorem as ruas. Acordamos dispostos a ir para lá de ônibus. Fomos primeiro até Chimaltenango e depois para Chichicastenango. Foram quase 4 horas de viagem, mas valeu a pena.

Como já conhecíamos Antigua, decidimos não ficar muito tempo na cidade e colocamos o carro na estrada, novamente, em direção a El Salvador. Antes, ligamos para a Embaixada daquele país. Queríamos confirmar se o visto ainda seria necessário, uma vez que outros vistos da América Central já tinham sido abolidos. Vimos, pela televisão, vários comerciais e depoimentos a favor da unificação e abertura das fronteiras nos países centro americanos e alguns acordos comerciais serem assinados. Mas, infelizmente, o visto ainda era necessário. Demorava 3 dias e nos custariam 60 dólares. Diante dessas condições, mudamos os planos e fomos, naquele mesmo dia, para Honduras.

Pedimos informação, de como sair da cidade, a um senhor que prontamente disse que estava indo para a mesma direção. No meio do caminho, fomos parados por policiais de trânsito para checagem da nossa documentação. Conversando com os policiais, já não tínhamos mais dúvidas sobre o caminho. Mas, não demorou e nos demos conta que aquele senhor nos aguardava na estrada. Daí para frente, parecia perseguição. Ele insistia para que parássemos e, resolvemos que não iríamos parar. Não conhecíamos o sujeito e achamos aquela atitude insistente muito estranha. Apesar da simpatia inicial não gostaríamos de ter nenhuma má surpresa. Por isso, aceleramos e, finalmente, o perdemos de vista.

Chegamos na fronteira e encontramos o de sempre, pessoas oferecendo ajuda para os trâmites. Quanto mais dizíamos já conhecer os procedimentos mais eles insistiam. Um deles chegou a subir no carro. Paramos o carro para dar uma bela bronca nele. Finalmente, nos deixaram em paz e assim pudemos sair da Guatemala.

Do lado hondurenho a imigração foi fácil, depois de deixarmos 40 *lempiras* nas mãos do oficial, que concedeu apenas 5 dias para ficar no país. A partir daí, começou uma verdadeira peregrinação de um lado para o outro. Como recusamos a ajuda dos agentes, seguimos perguntando, a cada passo que percorríamos, qual seria o próximo passo. O primeiro pediu cópias da nossa documentação. Como já sabíamos dessas cópias, tínhamos todas em mãos. Não satisfeito, pediu uma cópia xerox dos vistos de saída da Guatemala. Sabíamos que não era necessário, mas resolvemos satisfazer os desejos do cidadão. Ele "datilografou" os papéis e entregou para uma outra pessoa passar para o computador. De lá,

fomos para o outro lado da estrada pagar uma taxa e recebemos recibo em dólares, embora pagássemos em moeda local. Passamos para o guichê seguinte e a outra pessoa nos deu um outro papel. Dali voltamos para o prédio principal, num guichê que marcava a cor *"roja".* Entregamos nossos papéis. Na mesma hora vimos alguns agentes entregando os papéis de outras pessoas, junto com a propina. Só víamos os nossos documentos pulando para o último lugar. Cada agente contratado que entregava as documentações e as propinas, ganhava o nosso lugar, ou seja, os nossos documentos iam mais para baixo. Tudo isso, na nossa cara. A nossa cara feia não adiantava. Eles aguardavam a nossa propina. Esperamos um longo tempo pela revisão do carro. Depois, ficamos esperando muito tempo para o supervisor conferir e assinar toda a papelada. Muito tempo depois, deram uma conta para pagar no banco. Enfrentamos a fila para o pagamento e, chegando nossa vez, a funcionária nos avisou que precisaria de uma cópia xerox. Apesar de não ser um problema nosso, fomos lá tirar mais uma cópia. Enfim, voltamos com tudo pago. Só faltava a permissão para rodarmos nas estradas hondurenhas. Um outro funcionário entregou o passaporte carimbado e disse: *"una copia más e no more"*. Demos uma risada e voltamos ao xerox. O funcionário nos encaminhou ao guichê onde tudo começou, há algumas horas. O cara de pau do oficial da aduana, antes de entregar os documentos, disse que custaria mais 120 *lempiras*. Pagamos, mas o recibo não veio. O safado ficou com o dinheiro. Era a propina que recusamos pagar desde o começo. No final, deixamos naquela fronteira perto de 40 dólares, para uma permissão de estadia de apenas 5 dias, o que levou 3 infinitas horas debaixo de um calor de 35 graus.

Honduras é montanhosa e, por isso, as estradas são feitas de muitas curvas, subidas e descidas. Os motoristas ultrapassavam em qualquer situação, na curva, na lombada ou sem visão nenhuma. Em dois dias cruzamos o país, indo para Santa Rosa de Copan, San Pedro Sula, Tegus (Tegucigalpa) e Choluteca. Comemos, dessa vez, a famosa "baleada", que eles apreciam no café da manhã. É uma tortilha com feijão batido, creme e queijo.

Chegou a vez de cruzar para Nicarágua. Na ida para o Alaska, tivemos que cruzar o país num só dia, sob custódia de um oficial de aduana que portava todos os nossos documentos. Dessa vez, chegamos na fronteira e contratamos uma agente muito simpática para nos ajudar nos trâmites. Não sabíamos se ainda existiam os antigos problemas comerciais para a entrada do nosso Land Rover, e não queríamos levantar a questão. Passamos pelo *"Pase Facil"*, uma modernização desde a última vez que cruzamos por ali. Incrivelmente, em meia hora já estávamos dentro do país, sem nenhum oficial de aduana conosco. Tivemos liberdade total para conhecer a Nicarágua.

Ainda perto da fronteira, e felizes pela liberdade de ir a qualquer lugar, encontramos quatro meninos de mais ou menos 10 anos. Um deles se destacava. Ele dizia o nome de todas as bandeiras dos países que tínhamos no carro. Muito curioso, queria saber sobre cada um daqueles países e dizia que o melhor futebol do mundo era do Brasil. Dessa vez, sentimos que éramos bem-vindos ao país.

Já na estrada, e não muito longe dali, encontramos um casal de alemães que também viajavam, porém em sentido oposto ao nosso. Paramos, trocamos algumas informações e seguimos em frente. Os 70 quilômetros iniciais foram de estrada muito ruim.

As crianças jogavam punhados de terra nos buracos e pediam dinheiro. Infelizmente, já conhecíamos essa mesma prática em algumas estradas do interior do nosso nordeste brasileiro. Aliás, tanto Honduras quanto a Nicarágua, que são os países mais pobres da América Central, não nos mostrou mais miséria do que já vimos no nosso próprio país.

Bem, seguindo em frente passamos por León, uma cidade colonial e berço da Frente de Libertação Sandinista. Aliás, foi na Universidade de Direito de León que surgiram os internacionalistas. E, seguimos para Manágua.

Com terremotos e guerra civil, o centro de Manágua não tinha sido reconstruído até a nossa passagem por lá. Ainda assim, a cidade tinha shopping moderno e muitos carros novos circulando pelas ruas. Na época da guerra civil, as famílias mais ricas migraram para Miami, retornando mais tarde trazendo dinheiro e o estilo arquitetônico americano. Por isso, o contrastante país pobre e sofrido misturou-se ao moderno e sofisticado. Muitos *"nicas",* como se autodenominam, fugindo das áreas rurais que foram seriamente atingidas nos anos difíceis da guerra, seguiram em direção a capital em busca de mais segurança. Com isso, o contraste econômico e social era ainda maior.

Apesar da Nicarágua não ter um turismo muito grande, devido as essas catástrofes naturais e aos problemas sociais e políticos que marcaram o país, tem uma beleza natural incrível. Aproveitamos para conhecer Masaya, que tem o vulcão com o mesmo nome, e Granada, uma simpática cidade colonial que fica ao lado do Lago *Cocibolca*. A brisa que soprava fazia da cidade um lugar bem agradável no final de tarde, com pessoas sentadas nas portas de suas casas.

Mais em direção ao sul está San Juan del Sur, uma cidade praiana que recebe os poucos turistas. Na Ilha *Ometepe* estão dois vulcões, o *Concepción* e *Maderas.* Eles erguem-se majestosos de dentro do lago.

Depois de conhecer o país, chegamos na fronteira. Nos procedimentos de saída o policial avisou que deveríamos apresentar o recibo com o pagamento da taxa para rodar nas estradas. Falamos que não recebemos nada para pagar, mas ele insistiu e fizemos o pagamento. Depois disso, só faltava a assinatura do supervisor. Ao chegar no guichê, o supervisor já era um antigo conhecido. Era o mesmo que nos colocou sob custódia na ida. Perguntou sobre o nosso “salvo conduto”, ou seja, o funcionário que deveria nos acompanhar para cruzar o país. Fizemos cara de desentendidos. Claro que ele nos reconheceu. Achamos que ele cobraria a mesma taxa de custódia e já estávamos dispostos a pagar. Mas, ele fez cara de poucos amigos, disse coisas que fizemos de conta não entender e pediu para ver o carro. Depois da revisão assinou a nossa liberação. Respiramos aliviados e fomos embora. O mais curioso é que vimos Land Rover antigos e novos circulando no país e até uma concessionária. Então, por que não poderíamos rodar no país? Foi essa a pergunta que ficou sem resposta.

Entrar na Costa Rica foi bem tranquilo. Voltamos para Tamarindo e ficamos mais uns dias. O Lucca, o italiano dono da pousada, nos olhou e já disse: - *"conheço vocês!"* Contamos um pouco sobre nossa viagem até o Alaska e nos sentimos em casa. Pura Vida!

Em Tamarindo encontramos um casal de gaúchos que estava de férias pela Costa Rica. Também conhecemos os pais do Lucca, que visitava o filho, e conhecemos o Stuart, um menino de 3 anos muito esperto e divertido. Ele já nos cumprimentou dizendo: - *"¡hola! Soy Stuart".*

Algumas vezes o Stuart nos surpreendia. Um dia, fomos tomar sorvete quando ele apareceu. Ficou super feliz porque demos um sorvete para ele. A partir daí viramos seus melhores amigos e fomos apresentados, por ele, para várias pessoas. Toda tarde Stuart aparecia para jogar futebol. Ele tinha um jeito e expressões muito engraçadas. Num desses dias, depois de uma formiga picar seu o pé, ficou muito bravo dizendo que a formiga tinha picado "duríssimo". Apesar da cara de dor do menino, não resistimos e caímos na risada, o que o deixou mais bravo ainda.

Nesse tempo de viagem tivemos pouquíssimos dias chatos, sem graça ou de pouca sorte. Mas, depois que saímos de Tamarindo tivemos dois dias bem estranhos e com muitas dúvidas. Estávamos preocupados com a situação da Venezuela, que começava a ficar muito ruim. Recebemos o e-mail de um amigo venezuelano alertando para não enviar o carro, do Panamá para lá.

Não passar pela Venezuela atrapalharia nossos planos de entrar no Brasil pela Amazônia e nos deixava sem saber o que fazer. Não agradava muito passar, novamente, pelo Equador. Paramos um pouco em San José, pensamos melhor e seguimos para Dominical, uma praia conhecida dos surfistas. Em Golfito, já próximo da fronteira do Panamá, nos despedimos da Costa Rica.

Cruzamos a fronteira sem nenhum problema. Mas, já em estrada panamenha aconteceu algo, no mínimo inusitado. Na estrada entre San José de David e a cidade do Panamá um carro da polícia rodoviária sinalizou para pararmos. Paramos no acostamento e o guarda, muito educadamente, disse que tínhamos feito uma ultrapassagem em local proibido e que seríamos multados. Não entendemos nada. Ele disse que ultrapassamos um outro carro em frente a um cemitério. Fazendo força para não rir ou fazer alguma piada com isso, pedimos desculpas e argumentamos que o cemitério talvez não estivesse tão bem sinalizado. Depois de muita conversa, e usando a tática do sorriso nos lábios e cara de bobo, fomos liberados sem a multa. Prometemos tomar mais cuidado nas ultrapassagens. Depois rimos muito, imaginando que poderíamos ter atropelado alguma “alma penada” ... com todo respeito.

Chegando na cidade do Panamá, resolvemos relaxar e fazer tudo com muita calma, porque era hora de difíceis decisões. Enquanto isso, a situação política e social da Venezuela piorava a cada dia, com greves e manifestações acontecendo com mais frequência.

As nossas outras opções seriam: Primeiro, ir para o Equador, mas para piorar a situação, vimos as fortes chuvas e enchentes no país. Segundo, seria ir para o Peru e entrar para a Bolívia, mas as chuvas deixaram as estradas bolivianas muito danificadas e o nosso carro estava com um pequeno problema na marcha reduzida. Terceiro, embarcar o carro diretamente para o Brasil, o que seria inviável. Isso porque, quando saímos do Brasil para a Argentina, não recebemos nenhum documento de saída do carro. Como iríamos entrar com um carro brasileiro que, em tese, não tinha saído? Então, surgiu a ideia de ir para o Chile e cruzar a Argentina pela estrada *Los Caracoles*, na Cordilheira dos Andes.

Depois da decisão tomada relaxamos um pouco. Ficar na cidade do Panamá foi muito bom. Ficamos no mesmo lugar que estivemos anteriormente. Conhecemos mais algumas pessoas interessantes, como um surfista do *Hawaii* que morava numa praia da Costa Rica. Encontramos também 3 viajantes, que estavam de moto. Eles estavam na mesma situação,

decidindo como atravessariam para a América do Sul. Um deles, o Morten, estava viajando há um ano e meio. Ele era dinamarquês e já tinha cruzado a Europa, Ásia, Austrália, Estados Unidos e América Central indo em direção a Argentina. O Luís era argentino e o Patrick era americano, mas ambos viviam em New York.

O destino final do Luis era a Argentina e do Patrick era o nordeste do Brasil. Em algum instante, diante das dificuldades, tanto o Luis quanto o Patrick cogitaram desistir do restante da viagem e queriam retornar aos Estados Unidos. Achamos a decisão precipitada e sugerimos que pesquisassem um pouco mais. Foi o que fizeram e decidiram ir para o Equador. O Morten continuaria aguardando uma peça da moto que chegaria da Dinamarca naquela semana. Nós embarcaríamos o carro no porto de *Balboa* para San Antonio, no Chile. Mas, antes disso, aproveitamos a cidade e fomos todos juntos conhecer a ilha de *Taboga.*

Depois disso, mantivemos contato com o Patrick por um longo tempo. Ele entrou para a banda novaiorquina *Scissor Sisters*, como baterista, mas com o codinome Paddy Boom. Ficou na banda até 2009 e quando se desligou perdemos o contato.

A América Central era uma incógnita, quando começamos a viajar. Aquele pedaço de terra nos lembrava guerras civis, hostilidades, ditadores, terremotos, furacões e corrupção. Depois de cruzá-la duas vezes vimos que os países da América Central abrigam pessoas incríveis, paisagens maravilhosas e uma rica cultura. Jamais esquecemos o abraço dos amigos que ali fizemos e, em especial o abraço sincero de doña Norberta, uma índia de quase 70 anos, que nos disse para não a esquecer. Nunca esquecemos. Saímos de lá pensando voltar algum dia. Por isso, não conseguimos dizer *"adiós"*, mas apenas *"hasta luego".*

Indo em direção ao nosso Brasil...

Depois de ter certeza de que o navio já tinha partido do porto com o nosso carro, era hora de deixar a América Central. Nosso destino foi Santiago do Chile.

Santiago é uma cidade bonita, elegante. Começamos a conhecê-la pela parte histórica central. Fomos ao *Passeo Ahumada*, *Plaza de Armas*, *La Moneda* e alguns outros pontos turísticos. Depois seguimos até a vista do *Cerro Santa Lucia*, do *Cerro San Cristóbal*,

passeamos pelo Parque Florestal e pelo bairro Bela Vista. *Providencia* e *Las Condes* são algumas das regiões mais modernas da cidade e onde estão os melhores restaurantes, cafés e lojas.

Como o carro demoraria dez dias para chegar ao Chile resolvemos ir para *Viña del Mar.* Apesar de não ser temporada das férias chilenas, tinham muitos estrangeiros, que preferiam viajar numa época mais tranquila. O tempo estava ótimo e aproveitamos para tomar sol em *Reñaca* e *Concón*, praias ao norte da cidade. Entrar na água era impossível de tão fria, mas ficar estirados nas areias só observando o lindo visual já valia a pena.

Viña del Mar tem seu charme. A orla marítima é muito bonita e a rua Valparaíso é onde as pessoas vão caminhar, olhar vitrines, comer alguma coisa nas confeitarias, tomar um café ou jantar nos seus vários restaurantes.

Aproveitamos a proximidade de *San Antonio*, porto aonde o carro chegaria, para ir até a empresa de navegação e saber sobre as burocracias e procedimentos de retirada do carro. Ficamos sabendo que no Chile a "desconsolidação", ou seja, o desembaraço do carro no porto, teria que ser feito por uma empresa especializada. Fechamos o orçamento com uma empresa, nos informamos sobre todos os processos, a fim de evitar futuros problemas.

No dia que o carro chegou fomos para o porto bem cedo, mas ficamos decepcionados porque, por um problema interno da companhia de navegação, não seria possível retirar o carro naquele mesmo dia. Depois de todas as precauções e conversas que tivemos, a empresa esqueceu de pedir "prioridade" no desembarque do nosso container. Mais uma vez, foi hora de ter paciência, bom humor, muita conversa e argumentações... Mas, no meio da tarde conseguimos ter o nosso carro novamente. Foi um alívio! Voltamos para Viña del Mar e no dia seguinte pegamos a estrada em direção a Mendoza, na Argentina.

Los Caracoles, era um trajeto que pensamos fazer em outras ocasiões. Várias vezes, antes de decidir por essa expedição, fomos ao *Ceagesp* em São Paulo para conversar com os caminhoneiros que faziam a rota Brasil, Argentina e Chile. As informações que obtivemos com eles foram muito úteis. Com isso,

seguimos para a cidade de Los Andes e começamos a subir a estrada que nos levaria à *Los Caracoles*.

A Cordilheira dos Andes já era familiar. Já havíamos cruzado as montanhas nos seus quase 5 mil metros de altitude indo para o Deserto de Atacama. Também viajamos pela sua parte sul, um ano antes de ir para o Alaska. E, dessa vez, subimos na sua parte central, num zigue-zague sem fim. No alto dos seus três mil metros cruzamos para a Argentina. Atravessamos um túnel de 3 km, o Cristo Redentor, e tivemos a oportunidade de ver bem de perto o *Monte Aconcágua*, que desafia os amantes do montanhismo.

Na Argentina, seguimos até Mendoza e no dia seguinte até Pergamino para pernoitar. A parada nessa cidade foi estratégica por dois motivos. Primeiro, por causa das fortes chuvas tivemos que fazer um desvio de 100 km, o que atrasou nossa viagem. Segundo, porque no caminho, perto de Pergamino, fomos abordados por um guarda que pediu uma "contribuição". Dissemos não ter nada naquele momento. Então, ele pediu por "qualquer coisa". Ele aceitaria lápis, caneta ou qualquer outro objeto, mas decidimos não “contribuir” com nada e achamos melhor não seguir em frente. Ficamos com receio porque as estratégias dos policiais nas estradas eram velhas conhecidas.

No dia seguinte, já decididos a cruzar para o Uruguai pela fronteira de Fray Bentos, enfrentamos um congestionamento de 9 km. Resolvemos mudar de rumo e fomos para a fronteira que cruza a ponte General Artigas, unindo as cidades de Colón a Paysandú, já no Uruguai.

A pouco mais de 300 km do Brasil, não resistimos e seguimos em frente. Mas, quando faltavam 100 km para a chegada um sentimento nos abateu. Uma mistura de uma grande euforia, por estar chegando ao Brasil, e uma profunda tristeza de saber que dali a pouco tempo estacionaríamos nosso carro para um merecido descanso. Apesar disso, respiramos fundo e cruzamos a fronteira brasileira.

Em Santana do Livramento fomos recebidos por amigos gaúchos, que viajaram quase 600km para nos dar as boas-vindas, o que foi fundamental naquele momento para amenizar o que estávamos sentindo. Fomos para Quaraí com o Ricardo e a Ana. Nos sentimos acolhidos também pela Marjorie e pelo Marinho *(in memoriam)* e toda a família e amigos deles. Cerveja gelada, churrasco, fotos e histórias nos fizeram sentir em casa novamente.

Depois de alguns dias em Quaraí, subimos até Porto Alegre. De lá, seguimos para Florianópolis, Curitiba e Espírito Santo do Pinhal, já em São Paulo.

O motivo de ir para o interior de São Paulo foi encontrar com os nossos amigos de Bowling Green, Kathy, Zé Luiz e suas filhas Andréa e Isabel. Eles estavam passando uns dias de férias numa fazenda da família e nós não queríamos perder a oportunidade de vê-los. Por coincidência (ou não!!!) eles foram os últimos amigos que despedimos quando saímos de

Bowling Green. Estivemos com eles 2 dias e aproveitamos para conhecer a beleza do lugar. Depois, partimos em direção a São Paulo.

Em São Paulo, fomos acolhidos também pelos nossos amigos. Foram vários dias de encontros e festas. Repetimos as histórias muitas vezes. Ouvimos deles que quando escutavam nossos boletins pela emissora de rádio, ficavam eufóricos. Ficamos felizes e tivemos a certeza de que tudo tinha valido a pena. Mas, era hora de ir para Belo Horizonte, e encontrar a família e os outros amigos.

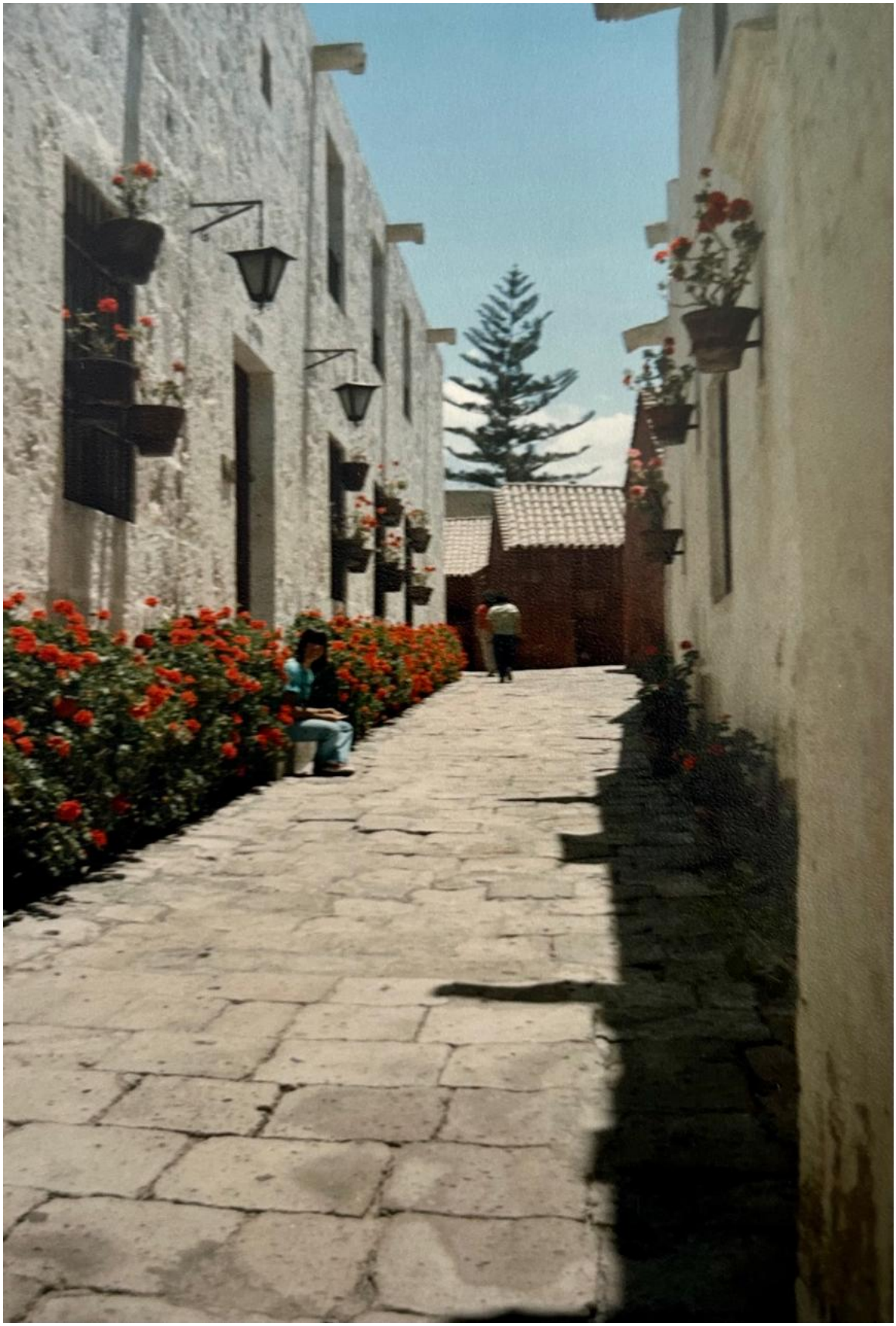
Da mesma forma, em BH fomos recebidos com faixa de boas-vindas e carinho da família e dos nossos amigos mineiros. Enfim, pudemos matar a saudade de tanto tempo de ausência. Foram também muitos encontros, festas, histórias e mais histórias.

Enfim, depois de tanto tempo, cruzar fronteiras e países, conhecer muita gente, enfrentar todo tipo de situação social, política e adversidades de clima e, finalmente, chegar ao Brasil nos fez sentir afortunados. Fomos perseverantes e, em nenhum momento, pensamos em recuar diante das dificuldades. Seguimos sempre em frente, com determinação, precaução e segurança de que conseguiríamos vencer todas as etapas propostas. Atingimos o que era nosso objetivo, chegar com nosso Land Rover Defender a Proudhoe Bay, última cidade do Alaska. E ainda, voltamos ao nosso ponto de partida, São Paulo-Belo Horizonte. Muita coisa aconteceu. Muitas alternativas nos foram apresentadas. Essa expedição foi muito além de uma simples viagem. Ela nos apresentou uma outra percepção e concepção da vida. Foi um aprendizado e um “divisor de águas” para nós. Nesse tempo aprendemos, entre outras coisas, a sermos pacientes, respeitar e ser respeitado, a tolerar, negociar diante das situações, a ter bom senso e bom humor. Viver de forma simples, enxergar a natureza e respeitá-la acima de tudo. Aprendemos o valor de enfrentar um grande desafio. Aprendemos que valeu a pena interromper nossa vida profissional, naquele momento, deixar o conforto da nossa casa e sentir saudade da família e amigos em troca da realização de um grande sonho. Afinal, para nós "OS SONHOS SÃO PARA SEREM VIVIDOS".

Parte II

Colocando o pé no mundo:
Voando mais alto e mais longe

Peru



Fábio Junior, o bonitão...

Depois de conhecer o Brasil, porque isso era importante caso alguém perguntasse alguma coisa sobre o nosso país, resolvemos que conheceríamos o Peru, e foi essa a nossa primeira viagem internacional. Como naquela época ainda não tinha internet disponível. Procuramos informações em revistas de viagens, guias e consulados. Com algumas informações em mãos, compramos as passagens para Lima pela Aero Peru.

Arrumamos as mochilas e fomos nós, num avião DC8 com o encosto, de um de nossos assentos, quebrado. Dependendo do movimento o assento quase virava uma cama. ☺

Chegamos quase meia noite em Lima, sem nenhuma reserva de hotel. O saguão do aeroporto estava movimentado, com repórteres e muitos taxistas que abordavam os passageiros. Mas, para onde ir? Ainda não sabíamos. Por sorte, vimos um balcão das Informações Turísticas aberto. Conseguimos um pequeno hotel em Miraflores. Depois disso, descobrimos o motivo de toda aquela movimentação àquela hora da noite. Na época, a novela "Roque Santeiro" era um sucesso e o Fábio Júnior era o galã da novela. Ele estava no nosso voo porque faria um show em Lima. Esse era o motivo de tantos repórteres.

Com o hotel agendado, nós pegamos um táxi daqueles enormes, bem velho e barulhento. No dia seguinte, saímos para conhecer um pouco da cidade. Andamos por Miraflores e San Isidro. Fomos também ao centro da cidade, na Plaza de Armas. Vimos muitos policiais armados e tanques de guerra enormes. A segurança no país estava reforçada porque era um período conturbado, por causa do grupo guerrilheiro *Sendero Luminoso.* Mas, não nos deixamos impressionar e fomos conhecer algumas *"peñas",* que são os bares com música ao vivo.

A nossa ideia era ir para Cuzco, mas ainda precisávamos saber como ir. Descobrimos que a melhor maneira seria comprar passagens de avião, que era bem barata. E lá fomos nós, num aviãozinho bem mequetrefe. Chegamos e, quando descemos do avião na pista, sentimos a cabeça girar. Uma sensação ruim por causa da altitude.

Ficamos num hotel bem central, na Plaza de Armas. Serviram um *"té de coca"* para passar o mal-estar das alturas logo na chegada. Descansamos um pouco e já estávamos prontos para conhecer a cidade.

No início da noite fomos num bar, com música criolla, o "*El Tronquito*". Era música ao vivo. Bem divertido! Bebemos o nosso primeiro *pisco sour*. Depois bebemos outros e partimos para o *pisco* puro. Conversamos, rimos, ensinamos fazer caipirinha, com direito a gafes linguística – nunca fale "pinga" por lá, fale cachaça! Enfim, saímos "*borrachos*". Pegamos um táxi bem em frente ao bar, demos o nome do hotel e o taxista deu a volta na praça, parando quase ao lado do bar onde estávamos. Avisou que tínhamos chegado. Nem acreditamos, mas era lá mesmo. Provavelmente, essa foi a corrida mais curta desse taxista. Mas, tudo isso foi culpa do *"pisco".* ☺

Machu Pichu e nosso amigo Cesar...

Depois de curar a ressaca, fomos conhecer *Saqsaywaman*, uma fortaleza Inca que, supostamente, tinha propósitos militares. Pegamos a estrada que une Cuzco ao Vale Sagrado, com um taxista indígena, num daqueles carros antigos. Ele falava *quechua*, a língua nativa, e no seu castelhano que era bem difícil de entender nos ensinou um pouco sobre a história Inca.

A maioria dos turistas visitavam as ruínas bem cedo. Como fomos mais tarde, não tinha turistas. O silêncio só foi quebrado por uma música tocada na "*zampoña*", a flauta peruana. A cena foi inesquecível. Uma família indígena fazia o plantio de batatas no morro. O músico ia à frente tocando. As mulheres e homens iam colocando as batatas na terra. Ali, entramos no clima do país e da viagem, que só estava começando.

Com esse mesmo taxista, conhecemos *Ollantaytambo*, que é um parque arqueológico, o rio *Urubamba* e outras ruínas e cidadezinhas vizinhas.

Depois, fomos para *Machu Pichu* de trem, porque era mais seguro naquele instante. O Peru tinha acabado de passar por uma reforma agrária e a situação não estava muito calma, além do *Sendero Luminoso* que ameaçava a tranquilidade do lugar. A visão da cidade perdida, no Alto das Cordilheiras dos Andes, foi uma das mais impressionantes. Uma sensação de calma, mistério e inquietação ao mesmo tempo. Passamos o dia e fomos embora à tarde, prometendo que um dia voltaríamos. Ficamos um pouco frustrados, porque queríamos ir

pelas trilhas, mas era impossível no momento. Além disso, ir de trem nos proporcionou um encontro e uma amizade que ainda dura até hoje.

No trem conhecemos o Cesar Orbegoso, já mencionado nas nossas aventuras pelo Alaska. O Cesar é o peruano que mora há muitos anos no Arizona e que fizemos questão de visitar durante a nossa *Expedição Alaska 2001*. Conversamos durante toda a viagem. E, combinamos de jantarmos juntos no nosso bar preferido, o *El Tronquito*. A música criolla, os piscos e as cervejas rolavam soltas, quando entrou uma dançarina. Ela tinha uma saia bem curtinha, uma fita atrás da saia e uma vela acesa na mão. A tradição era de que um convidado, que recebia essa vela precisava queimar a fita. Ela quase sempre apagava com um gingado e com um golpe com a saia. Todos vibravam.

O que aconteceu a seguir foi muito engraçado. O Helinho foi o escolhido para a tal dança, ou ritual. A cena foi hilária. Pena, que naquela época, não tínhamos um celular para filmar. Todos choravam de rir. E o Helinho, como todos os outros, não conseguiu queimar a fita da saia da dançarina. Apesar disso, valeu pela diversão. ☺

No dia seguinte cedo, vimos um bilhete debaixo da porta do nosso quarto. Era do Cesar se despedindo e deixando o endereço. Mantivemos contato com ele por todos esses anos e somente 15 anos depois, nos reencontramos em Safford, nos Estados Unidos. Hoje nos falamos via WhatsApp.

Helinho, o bonitão...

Viajamos pelo Peru de avião, trem e ônibus. Fomos para Arequipa e vimos os três vulcões - *El Misti, Pichu Pichu e Chachani.* Arequipa tem uma bela arquitetura, toda em pedra vulcânica branca. Sentimos o famoso *"temblor", que são* os frequentes pequenos tremores de terra.

Visitamos o *Vale del Coca* e seguimos para Puno. Conhecemos os *Uros,* que são as ilhas flutuantes feitas com "*totoras*", ou juncos, retirados do *Lago Titicaca*. O povo é muito receptivo. Eles sobrevivem da pesca, caça de aves e coleta dos seus ovos. Mas, o turismo também é uma fonte de renda. As crianças são lindas. As carinhas redondinhas e as bochechas bem vermelhas, queimadas pelo frio e pelo sol.

Depois retornamos para Lima. Dessa vez, ficamos bem no centro da cidade, onde conhecemos uma policial muito bonita, que se encantou pelo Helinho. À noite, ela foi ao nosso hotel levar um presente. Eram uns brincos. Achamos estranho, mas o presente foi

aceito e agradecemos. No dia seguinte, alguém alertou que aquilo era uma bruxaria. Os brincos foram para o lixo, mas o Helinho até hoje jura que joguei fora por ciúmes. ☺ Helinho, o bonitão...

Nessa nossa primeira viagem, experimentamos um pouco de tudo, até carne de lhama. Bebemos *té de coca*, *pisco* e *Inka Cola*, sentimos os *temblores* e o *soroche*, que é o mal das alturas. Presenciamos o medo dos ataques do *Sendero Luminoso* e vimos manifestações políticas, a favor e contra a reforma agrária. Visitamos muitas ruínas Incas. Conhecemos muitas pessoas. Voltamos para casa e vimos que tudo tinha dado certo. Então, pensamos: se o nosso jeito de viajar funciona no Brasil, funcionou no Peru, funcionará no resto do mundo... E, foi assim que começou a nossa saga de viagem pelo mundo...

A primeira vez na Europa

Não desista, insista...

Desta vez, resolvemos voar mais alto, a Europa. Mas, tudo começou com a seguinte história.

Em 1988, a Vera estava pleiteando uma bolsa para estudar cinema na *Agfa Gevaert*, uma multinacional belga que era uma das maiores fabricantes de material fotográfico. Na época, enviou uma carta – isso mesmo, uma carta –, para a empresa e recebeu uma resposta bem animadora. Disseram para procurar a *Agfa Gevaert* Argentina. Foi feito o que recomendaram e veio um retorno positivo.

Nesse meio tempo, a empresa contratou um representante em São Paulo. Marcaram uma reunião. O representante, muito solícito e simpático, disse que achava muito bacana a disponibilidade de largar tudo no Brasil para estudar fora. E, finalmente, a bolsa de estudos saiu... Mas, não para Vera. Saiu para o filho desse mesmo representante que fez a entrevista, aquele que teceu mil elogios. Ficamos desapontados. A vida seguiu seu curso. Ainda decepcionados com o resultado final, decidimos ir para a Europa assim mesmo.

Na época, o governo brasileiro permitia a compra de apenas mil dólares por pessoa. Mas, também não tínhamos mais do que isso. Vendemos até um telefone – pasmem, na época a gente comprava e vendia linha de telefone fixo. Com o dinheiro, compramos o *Eurail Pass*, que valia por 30 dias, a partir da primeira viagem. Era possível subir e descer dos trens, em viagens de primeira classe, quantas vezes quiséssemos e para onde quiséssemos ir dentro da Europa.

Assim, decidimos começar pela Holanda. Chegamos lá com um guia do tipo "Europa a 20 dólares p/dia" e com a nossa pouca fluência em inglês, mas com uma cara de pau invejável. Foram trinta dias comendo Big Mac, porque era o mais barato. Depois de alguns dias no país, partimos para Londres.

Descemos no aeroporto de *Heathrow* e fomos para as "Informações Turísticas", como já tínhamos feito em Lima, no Peru. Chegando lá, fomos informados que os hotéis estavam lotados por causa de vários eventos na cidade. A atendente ligou daqui e dali até conseguir um hotelzinho. Um rapaz africano, que estava na mesma situação, pediu para ver se tinha vaga para ele nesse mesmo hotel. Depois de conseguir a reserva, quis dividir um táxi. Prontamente, dissemos que iríamos de metrô. E ele disse: - "me too".

Seguindo a máxima de que, "quem tem boca vai a Roma", pegamos o metrô e chegamos ao nosso hotel. Era uma espelunca, mas já era noite. No dia seguinte cedo, fomos para a *Victoria Station* procurar outro lugar.

Ficamos em *Gloucester Road,* num hotel que, por coincidência, trabalhavam alguns brasileiros. O nosso café da manhã era sempre muito farto. Eles colocavam fatias de bacon e vários ovos, um por cima do outro, para que o dono do hotel não visse. Os quartos deles ficavam no porão do hotel. Eram bem apertados. Às vezes, eles nos chamavam para conversar, beber alguma coisa e ríamos muito da situação. E assim, passamos dias e noites bem divertidas em Londres. Conhecemos os pontos de interesse da cidade, bebemos muitos *pints* de cerveja nos *pubs*. E, numa decisão destrambelhada resolvemos conhecer Bournemounth e a sua praia mais sem graça que já vimos até hoje. ☺ De lá, fomos para Dover e, de *ferryboat,* seguimos para Oostende, já na Bélgica.

Mais de mil quilômetros, visitas e litros de cervejas...

Com a grana curta, a nossa tática, para economizar hospedagens, era fazer as viagens mais longas a noite, assim dormíamos no trem. Sentávamo-nos na cabine, um de frente ao outro e puxávamos os assentos que virava quase uma cama. E assim, viajamos pela Bélgica, França, Áustria, Suíça, Itália, Alemanha, conhecendo lugares e pessoas. Fomos a Bruges, subimos a Torre Eiffel, conhecemos Versailles, Innsbruck, Salzburg, Roma e muito mais... Andamos quilômetros e mais quilômetros a pé, visitamos museus, catedrais, centros históricos, bairros famosos. Enfim, uma verdadeira maratona e muitas histórias que fizeram valer a pena essa nossa primeira viagem a Europa.

Numa dessas histórias, fomos para Munique, na Alemanha. A estação estava lotada. Muitas pessoas descansavam sentados nos bancos e no chão do saguão. Nós, que viajamos a noite toda, fomos direto às Informações Turísticas para conseguir um hotel. Uma atendente bem mal-humorada sugeriu um hotel fora da cidade. Não entendemos e perguntamos "- por que fora da cidade?". Queríamos um hotel mais central. E ela, grosseiramente, respondeu alguma coisa em alemão. Claro que não entendemos, mas sabíamos que boa coisa não era. O sangue ferveu e falamos um monte de bobagens e palavrões, em português, claro. Ela conseguiu nos tirar do sério. Saímos dali possessos. Nesse momento, um brasileiro que viu a cena de longe, perguntou o que tinha acontecido. Explicamos e ele nos disse que, no dia seguinte, começaria a Oktoberfest. Por isso, aquele movimento todo na estação. E indicou um hotelzinho, bem perto, que ele mesmo estava hospedado. Agradecemos e, realmente, conseguimos a hospedagem por uma noite. Nos acalmamos, rimos da situação e aproveitamos para conhecer a cidade.

No dia seguinte cedo, voltamos a estação e deixamos nossa bagagem no maleiro. Depois, fomos ver o desfile de início da Oktoberfest. A festa acontecia numa grande área, com um enorme parque de diversões e muitas cervejarias. Os alemães e turistas brindavam ao som das músicas típicas da região. Sentamos ao ar livre, apesar do frio, para ver o ir e vir das pessoas. Quase fomos "batizados" por um bêbado que veio cambaleando em nossa direção. Ele deu uma vomitada daquelas, caiu em cima do que ele mesmo produziu e desmaiou. Por sorte, previmos a situação e deu tempo de saltar para outro lado. Ele foi, literalmente, "rebocado" pelos paramédicos.

Resolvemos entrar numa daquelas enormes cervejarias. Enquanto procurávamos lugar para sentar vimos alguém acenando. Nos juntamos a um alemão e a sua mãe, três australianas e um outro rapaz do Tenerife. Quando dissemos que éramos brasileiros o alemão ficou empolgado. Ele tinha visitado o Brasil havia pouco tempo. Ficamos bebendo e conversando. A cada litro de cerveja falávamos melhor o inglês, o portunhol e até o alemão. Até hoje não sabemos como conversamos com a mãe do alemão, que só falava o alemão. Mas, o melhor ficou para o final. A cena foi hilária. Já era noite e tínhamos que pegar um trem para Viena. Era hora de despedir. O alemão comprou aqueles corações de chocolate para cada um de nós e terminamos a noite abraçados e chorando porque nunca mais nos veríamos. Tinha que ter sido filmado! ☺

Depois embarcamos para Viena. Quando chegamos, meio desentendidos ainda, rimos muito da cena do dia anterior. Aos poucos fomos rememorando a nossa trajetória em Munique. O Helinho reclamou que o braço estava doído. Foi aí que lembramos que a causa nada mais era do que uma disputa de um "braço de ferro" que ele se meteu, resultado da empolgação e do efeito de muita cerveja.

Na verdade, quem vai a Oktoberfest sempre tem histórias a contar. Conhecemos um brasileiro que, de tão bêbado, se perdeu ao ir ao banheiro. E, perdeu todos os documentos, além de perder o rumo do hotel. Só conseguiu voltar, depois que a polícia local ligou para o filho no Brasil, perguntando onde o pai estava hospedado.

Canadá e New York

Da beleza ao "mico" total...

Definitivamente, já tínhamos sido contaminados pelo vírus do viajante. E, dessa vez, escolhemos o Canadá. De lá, fomos para New York para conhecer a famosa megalópole, que todo o mundo publicitário de São Paulo, onde já estávamos morando, conhecia e falava mil maravilhas.

Primeiro, chegamos a Montreal, depois fomos para Quebec, Otawa e Toronto. Sabe aquele lugar que tudo é lindo, perfeito, sem problemas e com paisagem inesquecível? Foi assim a nossa impressão. Obviamente, hoje colecionamos muito mais histórias e outras visões do Canadá do que naquela época. Como já contamos na primeira parte desse relato, na viagem ao Alaska subimos pela *British Columbia*, passando pela estrada mais bonita do mundo – Banff/Jasper – e pelo Território do Yukon, pelo Klondike, onde teve a Corrida do Ouro e o "Tio Patinhas" ganhou a sua primeira moeda. Convivemos com ursos e cruzamos de oeste a leste do país, pela *Trans Canadá Highway*.

Voltando ao paraíso canadense daquela primeira viagem, foram dias incríveis de visitas a muitos museus e parques. Ficamos impressionados como os canadenses viviam também na cidade subterrânea em dias de frio intenso. A natureza era indescritível. Belíssima! Conhecemos a fabulosa Niagara Falls pelos dois lados, o canadense e o americano. E depois, entramos nos Estados Unidos por Buffalo. Até aqui tudo certo. Uma perfeição de roteiro e viagem.

Chegando a New York ficamos em casa de amigos. A Zu, o marido e a filhinha, ainda bebê na época, foram super anfitriões. Ficamos à vontade para conhecer a cidade a pé, como gostamos. Foram dias bem divertidos, até que no último dia, a poucas horas de embarcar para o Brasil, fomos até a *5th Avenue* e fomos furtados. Levaram a bolsa com os dois passaportes.

Foi tudo muito rápido. Paramos para fazer um lanche. Do lado de fora houve uma confusão e o Helinho foi ver o que era. Uma moça pediu para sentar-se ao meu lado. Tirei a bolsa que estava na cadeira e o Helinho chegou no mesmo instante. Na mesma hora percebi que tinha algo errado porque a bolsa sumiu. Ficamos procurando no chão, mas uma senhora que estava perto disse que um rapaz, que parecia estar junto com o Helinho, pegou a bolsa e colocou numa sacola de compras. Saímos procurando dentro das sacolas de todo mundo que tinha a descrição que a senhora deu. Ficamos bem desconfiados da moça que se sentou à mesa conosco, mas na falta de provas tomamos a decisão de ir a uma delegacia.

Enfim, fizemos o BO e ligamos para nossos amigos, pedindo para eles levarem a nossa bagagem até a delegacia. Dali, seguimos para o aeroporto para embarcar, sem os passaportes. Fomos encaminhados, por dois funcionários da imigração, até o embarque. Entramos no avião, nos sentindo dois idiotas, sem bolsa, sem documentos, sem a câmera com as fotos de New York e com a moral bem baixa. Para completar, chegando ao Brasil desembarcamos e percebi que meus óculos tinham caído no avião. Voltei correndo, mas nessa altura a limpeza do avião já tinha iniciado, a tripulação estava tomando champagne e eu, fiquei também sem os óculos também.

Para entrar no Brasil não tivemos nenhum problema. Apenas apresentamos o BO americano na imigração. O policial olhou, sem nenhum interesse, e entramos no país. O problema foi para tirar um novo passaporte.

O passaporte furtado foi emitido em Belo Horizonte. Como morávamos em São Paulo, fomos à PF tirar um novo por lá mesmo. Na Polícia Federal, fomos interrogados, juntos e separadamente. Foram muitas perguntas, para ver se caíamos em contradições. No final, disseram que cada passaporte, com visto dos Estados Unidos e do Canadá, custava muito dinheiro. Pois é, desconfiavam que tínhamos vendido os nossos passaportes. Além de termos sido roubados, éramos suspeitos de ter vendido os passaportes. Depois de mais esse "mico" pensamos: - "Vender os passaportes? Por que não pensamos nisso antes?" ☺

Grécia

Helinho bonitão... Outra vez...

E assim, fomos viajando. Voltamos à Europa várias vezes, conhecemos outros países como Portugal, Espanha, Turquia, República Tcheca, outras partes da França, Alemanha, Itália, Irlanda, e muito mais... A viagem sempre começava por Amsterdam. Viramos até *"Frequent Flyer"* da KLM.

Numa dessas vezes, decidimos conhecer a Grécia. O roteiro incluía Atenas, Mykonos, Santorini, Creta, Rodhes, Simi e Kos.

Resolvemos fazer uma reserva, naquela época por *fax.* Como o voo chegaria por volta de 23h30 avisamos o horário e ficamos tranquilos.

No aeroporto de Atenas, pegamos um táxi, nossa única alternativa naquela hora. O taxista não falava inglês. Quando dissemos o nome do hotel o taxista fez cara de desentendido. Dissemos, novamente, devagar e em bom som: *AFRODITE*. E ele continuou com cara de paisagem. Então pensamos: - "Em grego deve ser diferente". E começamos a tentar falar de diversas maneiras – *Afródite, Afrodaite, Afroditi, Eifrodite*. Tentamos de todas as formas e nada. Até que resolvemos mostrar a reserva. Foi quando ele disse: - "Afrodite!" Exatamente como dissemos na primeira vez.

Quando chegamos ao hotel, o senhor que estava na recepção, e que também era o proprietário, informou que a nossa reserva tinha sido cancelada. Ele disse que chegaríamos as 23:30 e já passava muito da meia noite. Não tivemos dúvida, falamos que dormiríamos no sofá da recepção. Naquela hora não sabíamos nem como encontrar um outro lugar para ficar. Foi então, que ele começou a procurar um outro hotel. Todos os lugares que ele ligava, ele mesmo dizia que era muito caro. Até que depois de várias ligações disse que tinha conseguido um hotel, não muito longe dali. A diária era até mais barata. Ficamos um pouco desconfiados, mas fomos lá. Naquele horário não nos restava outra alternativa. Gentilmente, pediu um funcionário para nos ajudar com a bagagem e fomos caminhando uns poucos quarteirões. Enfim, chegamos. Era um hotelzinho bem simpático e aconchegante. O quarto tinha uma varanda com vista para a *Acrópole*. Melhor, impossível!

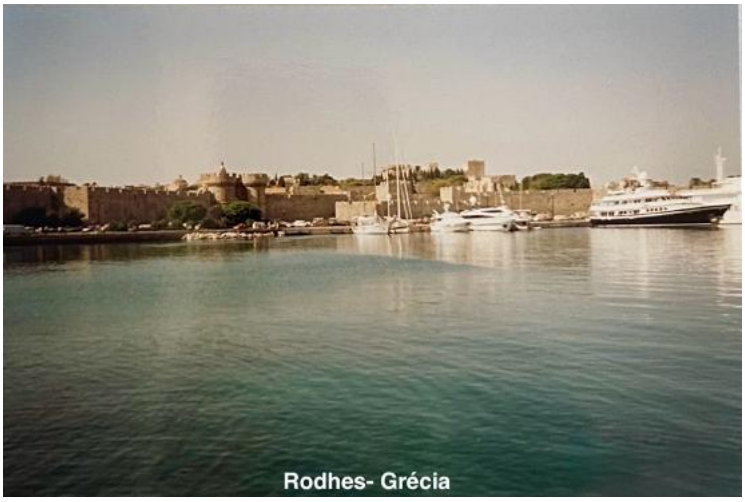
Descansamos e nos dias que se seguiram, tivemos tempo de sobra para visitar todos os pontos turísticos de Atenas, tomar *Ouzo* – uma versão grega do *Árak* – , e comer pistache, sentados na varanda do nosso quarto admirando a *Acrópole*. Exploramos o centro de Atenas, *Plaka,* com seus cafés e restaurantes, *Anafiotika*, Monastiraki, *Psyri, Syntagma...* Enfim, não ficou nada por ver.

Assim, era hora de seguir de *ferryboat* para as ilhas. A primeira a ser visitada foi *Mykonos*. Alugamos uma *scooter* e nos divertimos muito, visitando as praias mais distantes. Numa dessas vezes, resolvemos ir a *Super Paradise,* uma praia de nudismo que só chegava de barco ou passando por uma trilha. Fomos pela trilha. Nunca vamos esquecer a cena que nos deparamos, ainda do alto de um morro. Vimos um peladão, com uma boia de patinho na cintura, carregando uma bandeja com taças de champagne, cantando: - *"happy birthday to you..."* para um dos amigos da turma de peladões. Eles se divertiam e nós também rimos muito. Essa foi a primeira impressão que ficou do lugar.

À noite, era sempre uma festa, com muitos turistas indo e vindo, ou nos bares e restaurantes. Num desses dias, paramos num bar que estava tocando "Garota de Ipanema", para beber alguma coisa. Percebemos que num bar, do outro lado da rua, tinha um cara lindo, louro, forte, bronzeado, olhando em nossa direção. Opa! Achamos que a Vera estava fazendo sucesso. Mas, depois descobrimos que era o Helinho que estava fazendo sucesso. Rimos muito do nosso engano e acenamos para ele, que retribuiu sorrindo.

A Grécia é linda...

Uma viagem que seria de 15 dias na Grécia terminou em 30 inesquecíveis momentos. De Mykonos, fomos para a Santorini e nos surpreendemos, mais uma vez, com a beleza indescritível do lugar. O azul profundo das águas do Mar Egeu, fundia com o céu azul no horizonte.



E a viagem não acabou por ali. Passamos desde Creta, a maior ilha da Grécia e suas praias paradisíacas, até a pequena Simi. Fomos ver o famoso *Colosso de Rhodes*, que fica na ilha com o mesmo nome e segunda maior ilha grega. Uma cidade que coleciona histórias medievais. E, de lá, fomos para Kos.

A chegada em Kos foi ainda de madrugada. Ficamos pensando como encontrar um lugar para ficarmos. Resolvemos caminhar pelas ruas ainda escuras. Nos deparamos com um hotelzinho, com as portas abertas. Entramos e não tinha ninguém na recepção. Vimos um

bilhete que pedia para tocar a campainha no portão ao lado. Nesse momento passou um senhor de carro e perguntou se estávamos procurando lugar para hospedar. Dissemos que sim e vimos que dentro do carro tinha um casal, que reconhecemos do *ferryboat.* Ele disse que deixaria o casal no hotel e que voltaria para nos buscar.

Ficamos esperando um pouco, mas achamos que estava demorando e resolvemos caminhar na direção em que o carro tinha ido. No final da rua tinha um grande estacionamento de ônibus. Não vendo mais o carro, resolvemos voltar até o hotel que vimos primeiro. O silêncio da madrugada foi quebrado pelo barulho de um carro. O mesmo grego parou e abriu as portas para entrarmos no carro. Entramos, sem o menor receio. Mas, o carro, inesperadamente, entrou para o estacionamento de ônibus. Foi quando pensamos: - *"entramos numa roubada".* E o carro seguiu. Vimos uma construção, um buraco gigante cercado. E o medo tomou conta. Estava ainda escuro e não dava para distinguir direito o que tinha em volta. O senhor mandou descermos do carro e obedecemos. Ele entrou, no que parecia um prédio em construção. E nós seguimos atrás. Quando chegamos no hall do prédio, tudo mudou. O interior era todo em mármore branco, circular. Lindo! Ficamos num ótimo apartamento com uma grande varanda.

Descansamos até amanhecer. Então vimos onde estávamos. O tal "buraco" cercado, era uma área arqueológica. Quando estavam construindo o hotel descobriram aquela área e toda a obra teve que ser paralisada. Este era o motivo da parte de fora do prédio ainda estar inacabada.

Tínhamos como vizinhos de quarto, dois ingleses e três australianas. Todo final de tarde e comecinho de noite era uma festa. Cada um na sua varanda e bebíamos *Ouzo, Metaxa, Retsina*... E ficávamos horas conversando. Depois eles sempre saiam para a noitada e voltavam já amanhecendo. Nós preferíamos descansar para aproveitar o dia seguinte.

Kos é uma ilha pequena, onde nasceu Hipócrates, o pai da medicina. A árvore, onde o médico ensinava aos seus discípulos, no centro da cidade, era um dos pontos de visitação dos turistas. Além disso, as ruínas de *Asklepieion*, onde Heródico ensinou medicina a Hipócrates, também era um ponto turístico.

Como Bodrum, já na Turquia, ficava próximo a ilha, pegamos um barco e resolvemos conhecer a cidade. Chegando lá, os policiais ficaram com os nossos passaportes e nos autorizaram uma permanência por vinte e quatro horas. Foi pouco tempo, mas foi o suficiente para colocarmos, pela primeira vez, o nosso pé na Turquia.

Bodrum - Turquia

Finalmente, depois de 30 dias, conhecendo um pouco mais sobre história e mitologia grega, viajando no tempo, bebendo e comendo muito bem, assistindo algumas danças típicas e curtindo as praias paradisíacas, atravessamos de navio para Bari, na Itália. Nos despedimos da Grécia com a certeza de que voltaríamos para visitar mais algumas das muitas ilhas que compõe o país, sem contar o interior, tão pouco divulgado para os turistas.

Ao desembarcar do navio, já na imigração italiana, fomos confundidos com albaneses, por causa do passaporte brasileiro que era verde na época, como dos albaneses. Revistaram nossa bagagem e ao perceberem que tinham cometido um engano, fomos muito bem recebidos. Nossa bagagem foi marcada como revistada e fomos muito bem-vindos à Itália. Toda a confusão foi porque a imigração albanesa estava num movimento crescente, o que preocupava o país.

Santorini - Grécia

Kos - Grécia

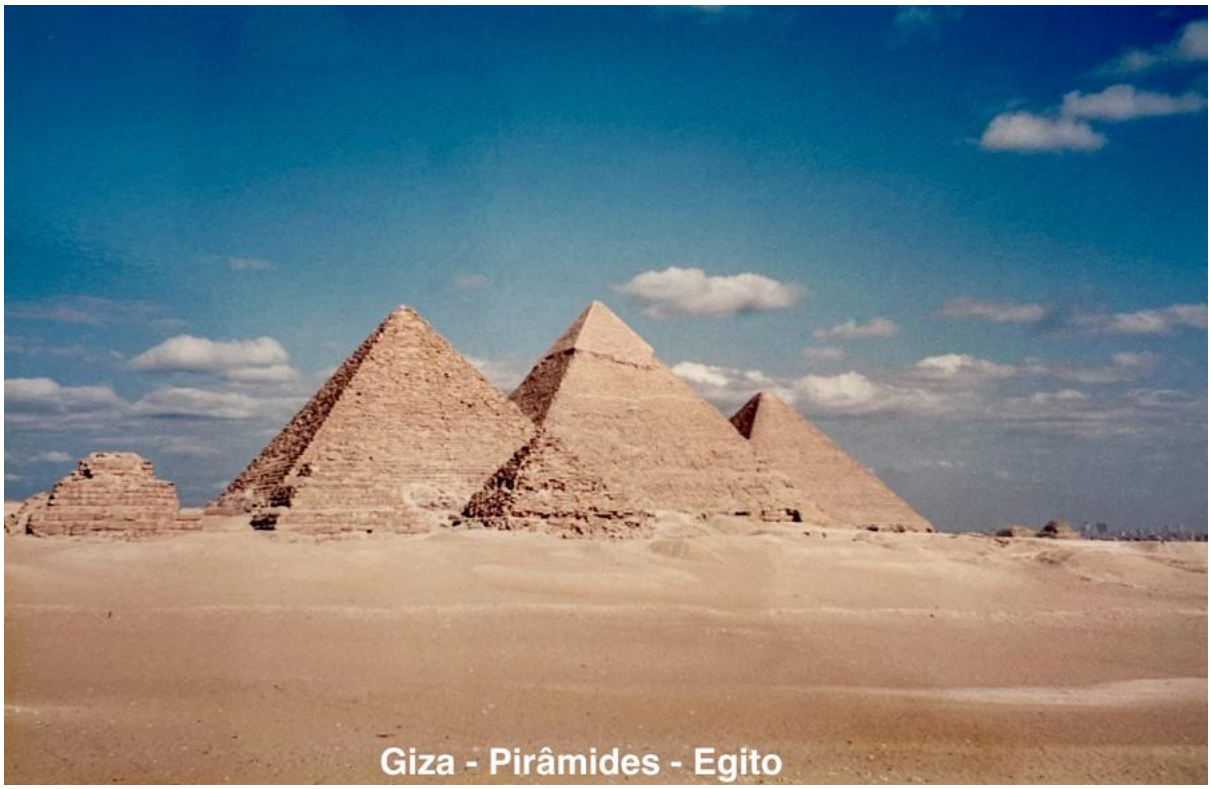
Um pouco de Egito e Israel

Cairo e as Pirâmides…

Mudando um pouco de ares, fomos para o Egito e Israel. Estávamos um pouco receosos porque, na época, houve um atentado no restaurante de um hotel no Cairo. Mas, conversando com o cônsul do Egito, no Rio de Janeiro, a pergunta que ele nos fez foi crucial para a nossa decisão. Ele perguntou qual era a chance de sermos roubados e baleados, num sinal de trânsito em São Paulo? Decisão tomada, fomos de novo para Amsterdam e depois para o Cairo. Mas, compramos apenas a passagem de ida para o Cairo e a volta por Tel Aviv. Isso porque, planejamos viajar de ônibus entre o Cairo e Tel Aviv, para ver de perto o deserto e os povos nômades.

E assim, chegamos ao Cairo por volta das duas da manhã. Tínhamos reservado um hotel, que nem sabíamos muito sobre ele, mas que teria um traslado. Desembarcamos e as nossas bagagens não apareceram. Depois de muita procura, os passageiros daquele voo terem ido embora e o aeroporto estar praticamente vazio, vimos as duas bagagens num canto, separadas. Achamos estranho. Na imigração outra situação estranha. Nós entramos no país, mas os dois passaportes ficaram retidos. Sem muita explicação, o policial da imigração disse que os passaportes seriam entregues no hotel no dia seguinte. Ficamos sem saber o que fazer. Na verdade, não tínhamos nada a fazer. O motorista do hotel estava esperando e nós o seguimos até um ônibus imenso para os dois únicos passageiros.

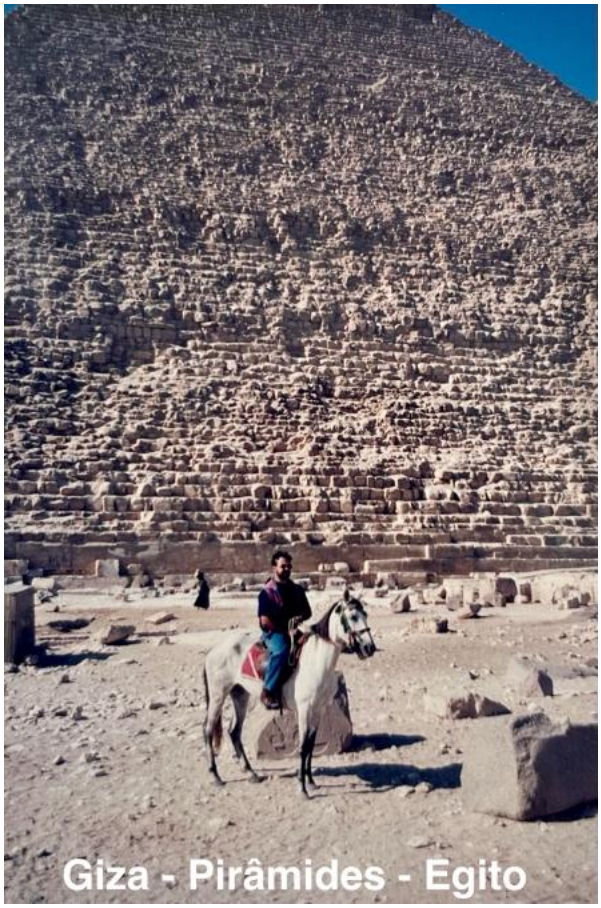
Quando o dia amanheceu, acordamos com buzinas. Abrimos as cortinas das janelas do quarto e tivemos uma visão maravilhosa. As enormes pirâmides estavam bem à nossa frente. Ficamos num hotel em Giza. Em seguida, o telefone tocou. Pensamos ser alguém falando sobre os nossos passaportes. Mas, era uma pessoa oferecendo os serviços de turismo. Dispensamos.



Quando fomos tomar o nosso café da manhã, e saber se os passaportes já tinham chegado, a recepcionista nos entregou os documentos, sem nenhuma observação, mas com um visto para uma semana no país. Foi um grande alívio.

Já mais tranquilos, saímos do hotel e vimos um táxi em frente. Fomos para o Centro do Cairo, do outro lado da ponte. A partir daí, o Salaha, que era o motorista desse táxi, foi nossa companhia constante. Ele foi o nosso motorista, nosso amigo, nosso anjo da guarda. Com ele fomos conhecer todos os pontos turísticos da cidade – o fantástico Museu do Cairo, o Mercado *Khan El Kalili*, *Citadel*, Mesquitas, Sakkara, Memphis, ruínas, pirâmides...

O Salaha nos mostrou as entranhas da cidade. Fomos a casa de um amigo, depois passamos na casa de outro amigo, na casa do primo e da família toda. Tudo isso, cruzando as vielas onde jamais teríamos entrado sem ele. Em todos esses lugares tinha alguém vendendo papiros, tapetes, perfumes e outras bugigangas. Eram pessoas muito simples, mas muito simpáticas. Pessoas boas.



Conhecemos as pirâmides de modo não convencional. Um amigo do Salaha tinha uns cavalos e camelos num local perto das pirâmides. E lá fomos nós cavalgar no deserto. Chegamos até as pirâmides como dois *"tuaregs*". ☺ Só que tinha uma diferença entre os dois cavalos. A Vera com um cavalo árabe, puro sangue, preto, lindo e que estava sempre emparelhado com nosso novo amigo. O outro, do Helinho, um autêntico pangaré árabe, que sempre ficava para trás. Isso não tirou nosso bom humor. Afinal, as mulheres tinham a preferência por aquelas bandas...

Ainda com a ajuda do Salaha, compramos uma passagem para Alexandria. O difícil foi identificar as poltronas no ônibus, que eram numeradas somente em árabe.

Alexandria é conhecida pelo Farol, uma das sete maravilhas do mundo antigo, e pela Biblioteca Real, que também era considerada a maior do mundo antigo. Além desses, outra maravilha do mundo medieval, o sítio arqueológico com as catacumbas de

Kom e *Shoqafa* e muitos outros pontos de interesse. Vimos o que foi possível e voltamos ao Cairo.

Enfim, visitamos também outras ruínas e pagamos o "mico", como todo turista, de montar num daqueles desengonçados camelos. Essa foi, sem dúvida, uma experiência bem esquisita dessa nossa viagem.

Cruzando o deserto...

Com o nosso visto de permanência de apenas uma semana, deixamos de conhecer o mercado de camelos no deserto, porque não daria tempo. Foi uma pena. Então, o nosso desafio foi achar um ônibus para Tel Aviv. O Salaha, mais uma vez, foi nos ajudar com a compra da passagem. Ele disse que o ônibus normal não seria muito seguro naquele momento. Fomos a uma pequena agência de turismo e, no dia seguinte, um ônibus sairia, exatamente, para o nosso destino. Teríamos que estar num determinado lugar à 05h da manhã. O Salaha, de novo, se prontificou a nos levar.

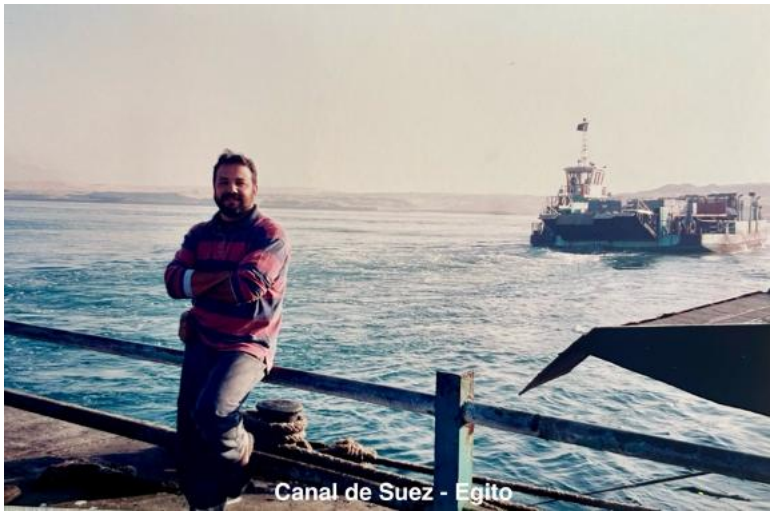
Ainda estava escuro, quando fomos parados num controle militar. Tudo certo, e sem problemas chegamos no ponto onde deveríamos encontrar o ônibus. Não demorou e um microônibus,, que levaria sete passageiros, chegou. Éramos nós, um holandês, dois ingleses e um casal que não sabíamos a nacionalidade, o motorista e um segurança armado.

Em menos de 10 minutos de viagem, o ônibus foi parado numa barreira, já no deserto. Ainda estava escuro quando dois soldados chutaram a porta para abri-la e pediram, de forma rude, os passaportes. Perguntaram se tinha algum "americano" entre nós. Entregamos os passaportes e eles saíram com todos eles. Naquele momento, ficamos assustados sem saber se eram militares ou de algum grupo extremista. Mas, em alguns minutos eles liberaram os passaportes e a passagem do nosso microônibus e um outro ônibus grande.

Em todo o trajeto fomos escoltados. Eram 6 soldados fortemente armados numa pick-up à frente e outros 6 soldados numa outra pick-up atrás dos ônibus. Eles foram se revezando com outros soldados que aguardavam no meio do caminho. De repente, um pneu do nosso microônibus furou no meio do deserto. Tentamos esticar as pernas e, quem sabe, fazer um xixizinho por ali, mas um dos soldados nos empurrou para dentro com a sua metralhadora. Depois dessa, resolvemos ficar quietinhos esperando que nada acontecesse durante essa parada. Percebemos uma tensão ar.

Finalmente, chegamos na travessia do Canal de Suez. Apesar de não ser uma distância muito longa, foram algumas horas de pura beleza e tensão. O cenário era maravilhoso. O

deserto monocromático, os camelos, os homens e as mulheres do deserto com suas vestes coloridas. Um visual que queríamos ver e que jamais esqueceremos.



A viagem seguiu seu curso, depois que atravessamos o Canal de Suez. Mas, pouco antes de chegarmos à fronteira, o holandês ao ver um ônibus com crianças, vindo na direção oposta, resolveu abrir a janela para saudá-las. E gritou: - *"children".* O segurança, ao lado do motorista, assustou e levantou rapidamente apontando a arma na nossa direção. O silêncio foi geral. Tremedeira, susto, tudo ao mesmo tempo.

Finalmente, chegamos à fronteira de Israel. Foram perguntas e mais perguntas, revistas e mais revistas, em nós e na nossa bagagem.

Enfim, cruzamos para Israel, mas a tensão não foi menor. A demora para retomar a viagem do lado de Israel foi pela revista do outro ônibus que seguiria até Tel Aviv. Alguém perguntou por que estava demorando tanto e a resposta foi de que era preciso verificar se não tinha nenhuma bomba no ônibus. Hein?!?! Bombas??? Tudo bem! Dissemos que poderiam demorar o tempo que fosse necessário ☺

E a viagem ainda continuou bem esquisita por um longo caminho. Além de todos nós, os israelenses embarcaram no ônibus. E todos eles estavam armados. Normal para eles, mas muito estranho para nós. Bem, esse foi só o primeiro contato, porque dali para frente seria assim na rua, nos bares, nos mercados e até nas praias... Cada um com sua arma a tiracolo.

Uma certa tensão no ar...

Em Tel-Aviv foi muito fácil chegar ao hotel. A cidade era muito organizada e segura. O controle era cem por cento do tempo. Percebemos que quando jogávamos qualquer coisa no lixo alguém sempre ia checar o que era. O resultado de toda essa segurança, era poder ficar sentado na praia até altas horas da madrugada sem ser incomodado, caminhar tranquilos pela cidade, *Old Jaffa* e o seu *Flea Market*, *Carmel Market*, a Fonte de Fogo e Água – a *Dizengoff Fountain* etc.

Não sabemos se porque entramos em Israel, vindos do Egito numa viagem não muito convencional para dois turistas estrangeiros, tínhamos sempre a sensação de estarmos sendo vigiados. Em Jerusalém, indo em direção ao hotel depois de um longo dia de caminhada, percebemos um rosto já conhecido. Na verdade, puxamos pela memória e lembramos que em todos os lugares, que estivemos naquele dia, aquele rosto estava presente. Resolvemos parar e, discretamente, checar se a nossa suspeita procedia. E, sim, estávamos sendo seguidos.

Num certo momento, entramos num prédio por uma porta, saímos por outra e, numa confusão de pessoas, cruzamos um beco. Fomos corajosos, mas, sinceramente, acho que

nada adiantou. Provavelmente, só trocaram o rosto no dia seguinte. E, se a nossa suspeita for verdade, devem ter ficado um pouco decepcionados porque só éramos dois viajantes muito curiosos. Tão curiosos que resolvemos entrar no bairro dos judeus ortodoxos. E só abandonamos essa ideia maluca quando vimos muitos deles saírem de suas casas, com caras nada amigáveis. Percebemos que não éramos bem-vindos.

Jerusalém é uma cidade intrigante.

Nos emocionamos muito com a visita ao Santo Sepulcro. Um fato para não esquecer jamais foi o perfume que persistiu, depois de passarmos a mão na pedra onde Jesus foi colocado depois de morto. Acreditem, esse perfume ficou o dia todo.

Andando pela Via Dolorosa, encontramos um padre brasileiro, e mineiro de Mariana. Com ele explicando o percurso, percorremos toda a via. Chegando perto do Monte das Oliveiras, nos recomendou entrar num templo ortodoxo. Numa escadaria de pedra, descemos até o interior do templo. Era uma caverna. Dentro, vimos apenas um monge sentado num banco. Uma emoção e choro incontrolável tomou conta de nós. Ao lado desse templo, estava a gruta onde Jesus tinha sido preso. Foram experiências muito impressionantes e inexplicáveis.

Depois dessa catarse, seguimos para conhecer o lado judeu, Islâmico e Armênio. Fomos ao Túmulo do Rei Davi, ao Muro das Lamentações, vimos a belíssima Cúpula da Rocha e a Mesquita *Al-Aqsa*. Enfim, visitamos toda a velha Jerusalém.

Fomos também para Qumram, a gruta onde foram encontrados os Manuscritos do Mar Morto, uma coletânea dos mais antigos textos bíblicos.

No Mar Morto, não poderíamos deixar de experimentar a sensação de flutuar em suas águas. Por causa da grande concentração de sal, flutuar é muito fácil e uma sensação muito boa. Depois, seguimos para Tiberíades, às margens do Mar da Galiléia, vimos as Colinas de Golã, Nazaré e a igreja da Anunciação.

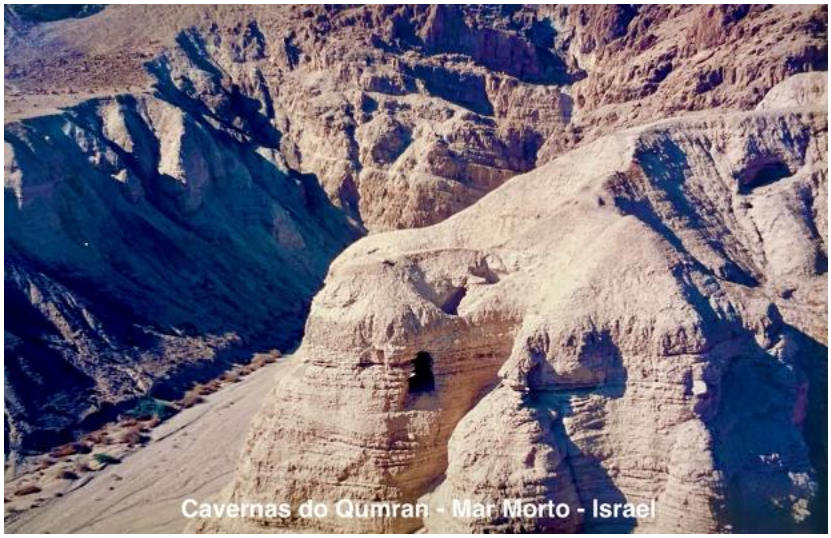
Enfim, chegou a nossa última noite em Tel Aviv. Dessa vez, tivemos que procurar um outro hotel.

Como tinha um pequeno hotel ao lado do que já tínhamos nos hospedado, e seria apenas aquela noite, resolvemos ficar por ali mesmo. Um senhorzinho, muito simpático, nos atendeu. Achamos tudo muito estranho, mas já estivemos em tantos lugares estranhos que nem nos demos conta de que aquilo era um bordel. ☺ Sim, dormimos num bordel. Ou melhor, ficamos acordados com os *"arfs-arfs"* do lugar.

E, chegou a hora de partirmos. O avião sairia às três da madrugada. Mas, fomos cedo para o Aeroporto Internacional *Ben Gurion*. Ficamos por ali, sentados, segurando sempre a bagagem, por recomendação da segurança. Bagagem solta é bagagem suspeita! Mas, o que pensamos ser tranquilo foi o lugar mais estressante de Israel. Os procedimentos de revista e segurança são extremos. Fomos revistados, nossa bagagem foi revistada, revirada, mexida, passamos por RX quatro vezes. Perguntaram tudo o que tinham direito. Depois dessa maratona, nos liberaram para embarque. Mas, somente em pequenos grupos de dez pessoas, levadas num ônibus, para o avião que estava bem longe na pista. Tudo isso em nome da segurança.

Tínhamos presenciado em nossas andanças por Israel, duas vezes, equipes especializadas desarmando bombas. A primeira vez foi num hotel de uma rede americana e, pela segunda vez foi na rua. Mas foi no aeroporto que levamos um susto maior. O alarme soou, todos correram. E nós corremos para perto de um grupo de pessoas que identificamos como sendo da ONU. Felizmente, foi um alarme falso, somente uma suspeita. Mas, vimos que muitas das pessoas que estavam no aeroporto eram seguranças disfarçados de passageiros.

Jaffa - Israel


Cavernas do Qumran - Mar Morto - Israel

Sustos à parte, voltamos para Amsterdam, numa aeronave da KLM toda enfeitada para o Natal. Só aí nos demos conta da data, 22 de dezembro. Passamos o Natal e Ano Novo em Amsterdam. Mas, o mais engraçado foi que depois do Natal mudamos de hotel. Tivemos um upgrade da KLM e ficamos no Hotel Krasnapolsky, um belíssimo 5 estrelas, por 3 dias no réveillon. Chegamos de mochilas e fomos recebidos como clientes *VIPs*. Um português muito simpático, que nos recebeu, curioso quis saber sobre nós. Contamos brevemente a nossa história de viagem pelo Egito e Israel. Viramos celebridades! Pelo menos para ele. ☺

O outro lado do mundo
Índia, Nepal, Tailândia, Hong Kong, Macau

Quase perdendo o voo...

Como *Frequent Flyer* da KLM, fomos para Amsterdam, e de lá seguimos para Nova Delhi. Planejamos tudo direitinho. O voo para Delhi, no dia seguinte à nossa chegada, seria a tarde. Assim, ainda poderíamos aproveitar um pouco mais a cidade. Mas, depois de uma noitada em Amsterdam, acordamos pelas oito da manhã, ainda com sono, e resolvemos olhar a passagem de novo. Levamos um susto. Na verdade, o nosso voo para Nova Delhi não era a tarde, mas as 10h. Pulamos, literalmente, da cama. Vestimos a roupa correndo e ligamos para a recepção dizendo que precisávamos fazer o *checkout* e um táxi para o aeroporto com urgência.

Descemos correndo, entramos no taxi e o motorista perguntou o horário do voo. Quando dissemos ele disparou em alta velocidade. A rua estava escorregadia, com uma camada fina de gelo. Chegamos ao aeroporto rápido, descemos do carro e corremos para fazer o *checkin.* O embarque já estava aberto.

Para quem conhece o aeroporto de *Schiphol* vai entender o nosso drama. Corremos por aquele aeroporto enorme até o nosso portão de embarque, que era muito longe. Quando chegamos, estávamos molhados de suor, sem banho, sem café da manhã e ainda com o gosto de "corrimão de escada" na boca, por causa da noitada de bar em bar. Fomos os últimos a embarcar.

Depois de doze horas de voo, chegamos a Nova Delhi. Já passava da meia noite. Nós tínhamos reservado um hotel, indicado por uma amiga brasileira, que tinha um namorado indiano. Pegamos um táxi pré-pago no aeroporto, dica preciosa da Jussara. Mas, além do motorista, entrou também outra pessoa no banco da frente. Achamos estranho e questionamos o porquê do nosso acompanhante inesperado. Ele queria que fôssemos para um outro hotel que representava. Depois de muita insistência, ele se convenceu de que não mudaríamos de ideia e desceu do carro.

Seguimos mais tranquilos, num táxi tipo inglês, com um taxímetro do lado de fora, fixado no para-lamas dianteiro, mas que já não funcionava há anos. Enfim, chegamos ao hotel meia noite, mortos de cansados e sentindo os efeitos do fuso horário. Dormimos pesado. Fomos acordados por alguém batendo forte na porta do quarto, já quase meio-dia. Ouvimos os sons da cidade – buzinas, bramidos de elefante, pessoas conversando e gritando. Assustados, levantamos desentendidos e fomos conferir o que se passava do lado de fora do hotel.

Não demorou muito e já estávamos nos acostumando ao caos daquela cidade grande e poluída, com animais nas ruas, tráfego congestionado, carros e riquixás buzinando o tempo todo. Não é incomum ter um letreiro, na parte de trás dos carros, que diz: *"horn please".* Muitas vezes, entrávamos nos templos para descansar daquela loucura.

Grand Bazaar - Old Delhi - India

Fomos ao *Grand Bazaar* encontrar o namorado da nossa amiga. Ficamos muito tempo conversando e

ele convidou a assistir, naquele mesmo dia, uma cerimônia importante no templo *Sikh*. Não só assistimos a cerimônia, como num ritual bebemos a água onde a pessoa que servia, estava descalço dentro do poço. Embora a recomendação fosse de nunca beber água que não fosse mineral, não tivemos nada. A fé transcende e nós fomos contagiados pela fé daquelas pessoas, da cerimônia e do ritual.

Caminhamos muito pela cidade, vimos coisas que achamos bizarras, mas que eram apenas costumeiras por ali. Outras coisas foram engraçadas, como o menino que insistia para limpar o tênis do Helinho. Quando ele agradeceu e disse que não precisava porque o tênis estava limpo, o menino não teve dúvida, jogou barro e disse: - *"Agora está sujo. Posso limpar?"* ☺

À noite fomos a um restaurante giratório, muito recomendado pelos amigos. E, claro, tomamos mais cerveja do que é normal para os indianos. Estávamos de férias e felizes. Mas, o garçom, vendo que uma mulher estrangeira estava bebendo começou a olhar de um jeito assim..., bem interessado. E não é que o cara de pau sempre que podia dava uma encostadinha... Não levamos muito a sério e rimos muito da situação, que virou história a contar.

Ainda ficamos alguns dias em Delhi, antes de seguir de trem para Agra, para ver o *Taj Mahal*. Por recomendação do nosso amigo indiano Raja, deveríamos comprar as passagens de primeira classe. Mas, depois de esperar quase duas horas na Estação Ferroviária, vendo uns ratinhos passando pra lá e pra cá, fomos chamados no guichê de compras onde um senhor, muito solícito, disse que só tinha passagens de segunda classe para o dia seguinte. E completou: - *"o que são duas horas de viagem na segunda classe. A viagem é rápida e o trem não vai tão cheio".* Pronto. Nos convenceu, mas...

A inesquecível experiência na segunda classe de um trem indiano…

No dia seguinte, às seis horas da manhã, chegamos à estação de trens. Dentro estava tão escuro quanto do lado de fora. Tinha gente dormindo no chão do saguão, nas plataformas e não tinha nenhuma indicação de onde o nosso trem sairia. Procura daqui e dali e, de repente, um tropeço em alguém dormindo. Lá se foi a Vera para o chão. A cena era, a Vera em cima de alguém deitado no chão da estação, tentando se levantar com a mochila nas costas. Gritava para o Helinho ajudar, mas com o barulho da estação e a multidão não ouvia e sequer viu o tombo. Só quando ele sentiu falta e olhou para trás viu a cena esdrúxula. A situação foi muito engraçada, mas o tombo foi feio, o que resultou num joelho machucado e uma cicatriz que ficou para sempre relembrar aquele dia.

Depois disso, encontramos outros turistas perdidos na estação e nos juntamos a eles. Fomos todos tentar saber qual plataforma embarcaríamos para Agra. Uma confusão. Tanta correria e o trem só chegou às 9h. Os outros turistas seguiram para a primeira classe. E nós fomos para a nossa "segundona".

Para embarcar foi outra confusão. Um verdadeiro empurra-empurra. Conseguimos subir no nosso vagão, mas tivemos que entrar num pequeno corredor, onde ficavam os banheiros. O cheiro era horrível. Mas, logo conseguimos chegar nos nossos assentos. Na nossa frente sentou um casal de ingleses. Quando nos demos conta, onde deveriam estar quatro pessoas, já tinham seis pessoas. O trem estava lotado. Tinha gente sentada nos braços das poltronas, deitada numa espécie de segundo andar, acima dos assentos. Um caos!

Já com o trem em movimento um dos passageiros, que estava em pé, deu um cartão para a moça inglesa. Quando ela olhou o cartão ficou possessa de raiva. A princípio não entendemos nada. Depois vimos que era um cartão com o nome e o telefone de alguém que trabalhava com "orientação sexual". Por ela ter aparência física de uma indiana, foi confundida como uma *"Escort Girl".* A moça inglesa ficou muito brava. O marido, no início ficou sem entender o que tinha acontecido, mas quando soube o inglês ficou muito bravo também.

Enfim, uma viagem que era prevista para duas horas, segundo o senhorzinho simpático do guichê de venda de passagens, demorou sete longas horas naquela situação desconfortável. O povo fumava, jogava carta, comia sanduiches com cheiro forte de *Garam Massala* e outros temperos indianos...Um sufoco até chegar a Agra.

Quando descemos do trem, vimos um riquixá. Este foi o nosso mal. O homem virou o "riquichato". Ele não desgrudou mais. Era só colocar o pé para fora do hotel e o "riquichato" estava lá. Queríamos caminhar e, quando olhávamos, ele estava atrás de nós. Por mais que tentássemos despistá-lo era impossível. Numa dessas vezes, ele pediu, quase implorando, para pagarmos a corrida com antecedência porque ele precisava levar o dinheiro para o "dono" dele. Dizia, textualmente, "*my owner".* Aquilo bateu forte. Ficamos com muita pena dele. E, foi assim que ele nos levou ao tão esperado *Taj Mahal*.

A primeira coisa que nos chamou a atenção foi um comprido espelho d'água no centro do pátio. Depois, as quatro torres laterais, que protegem a construção. E, no centro, está o grande palácio de mármore branco. *O Taj Mahal* é, sem dúvida, uma das construções mais belas do mundo.

A sua construção começou no fim de uma linda história de amor. O príncipe persa *Shah Jahan* ao perder sua esposa *Arjumand Begum,* que morreu ao dar à luz ao 14º filho, se desesperou e quase morreu também de tristeza e desgosto. Para abrigar o corpo da sua amada decidiu construir um palácio. *Shah Jahan* convidou os maiores artistas e arquitetos, dos impérios persa e mongol, e mandou comprar os melhores mármores. Encomendou rubis e jades para decorar o mais belo túmulo que alguém poderia ter visto. O *Taj Mahal* demorou 22 anos para ser construído.

Depois, *Shah Jahan* resolveu construir um novo palácio, mas de mármore negro, onde ele próprio seria enterrado. Seus filhos, que não deixaram o príncipe cometer mais essa

loucura, o prenderam em uma fortaleza. E, quando o príncipe morreu, também foi enterrado no *Taj Mahal*. Realmente, “essa foi uma linda história de amor”, já cantava Jorge Benjor...

Mas, espera aí. A nossa história não acabou por aí. Ainda fomos para Jaipur... E essa é também uma história das boas...

Você já ficou em um congestionamento? De pessoas?

De Agra fomos para Jaipur, de ônibus. Compramos uma passagem, com a ajuda do nosso agora amigo “riquichato”. No dia do embarque, fomos para o lugar onde, supostamente, seria a rodoviária. Mas o que encontramos foram muitas vacas na rua, muita gente, bares, barracas de comidas, cachorros e nada de rodoviária. Resolvemos perguntar onde era o embarque do nosso ônibus. Um senhor pegou a passagem para ver. Nesse momento, juntou mais gente. Todos queriam ajudar. Eram mais de vinte pessoas. E a nossa passagem começou a passar de mão em mão. Sabem aquela brincadeira que uma pessoa fica no meio de uma roda tentando pegar a bola? Pois é, nós éramos essas duas pessoas tentando pegar os nossos tickets que passavam de mão em mão. Cena de filme pastelão. Até que, finalmente, pegamos os tickets de volta sem ninguém conseguir dizer onde parava o tal ônibus. Só descobrimos quando vimos um miniônibus, bem velho, parar em frente a um bar. Era aquele. Entramos, e seguimos viagem.

Não precisa dizer o sufoco que foi viajar pelas estradas indianas naquele ônibus. Era para infartar qualquer cidadão saudável. Além de nós, tinham mais duas turistas estrangeiras.

No banco, atrás delas, tinha um indiano, que resolveu fazer xixi ali mesmo. Ainda bem que avisamos a tempo das duas levantarem as mochilas que estavam no chão.

E, chegamos numa parada de ônibus. Não era bem uma parada de ônibus como as que conhecemos. O banheiro era uma parede, sem porta, sem teto, sem nada. Só uma parede. Os homens usavam a parte da frente e as mulheres tinham que ir do outro lado para não serem vistas fazendo xixi no chão. Não tinha como comer nada e a água não era nem um pouco confiável. Mas, sobrevivemos.

Em Jaipur, conhecida também por "a cidade rosa", vimos a beleza do *Hawa Mahal* (Palácio dos Ventos) e o Palácio da Cidade, o *Jantar Mantar* com o seu enorme relógio do sol e *o Jal Mahal*, um palácio construído no meio do lago *Man Sager*. Visitamos também o *Amber Fort* e o *Jaigarth Fort.*

Jaipur - Palácio dos Ventos - India

A cidade era bem movimentada e a sensação mais estranha foi ficarmos presos num congestionamento humano. Imagina uma massa de pessoas caminhando. De repente, começa todo mundo a parar e não tem como sair daquela multidão. Agora, imagina você parada e alguém cheirando o seu pescoço. Foi isso que aconteceu. Um indiano resolveu cheirar o pescoço da Vera.☺ Ainda bem que somos um casal bem-humorado. Quando percebemos a situação começamos a rir...

Em Jaipur, também assistimos uma filmagem *bollywoodiana.* O mais impressionante foi que os participantes dançavam em cima de uma muralha altíssima, sem nenhuma proteção. Aliás, os cinemas na Índia são superdimensionados, por causa do seu grande público, que assistem as suas inúmeras produções. Tivemos a ideia de ir assistir um filme, mas o maior problema foi comprar os tickets. As pessoas ficavam colados um ao outro, literalmente. A maioria era de homens, se não a totalidade, e para nós, já bastava ter ficado no congestionamento humano com um indiano cheirando o pescoço da Vera. Por isso, desistimos.

Depois de todas essas aventuras, voltamos de trem para Nova Delhi e, dessa vez, de primeira classe. Nova Delhi é uma cidade de contrastes, paupérrima e suntuosa ao mesmo tempo. Apesar da pobreza, do sistema de castas, da poluição, da desorganização, da enorme e ineficiente burocracia, a Índia nos encantou pelas suas belezas indescritíveis, pelo povo, pela cultura e culinária fantásticas, que só quem esteve lá pode compreender. Uma desorganização que encanta. Um povo resignado, mas que é feliz...

Memorial Mahatma Gandhi - India

Jaipur - Detalhe Temple - India

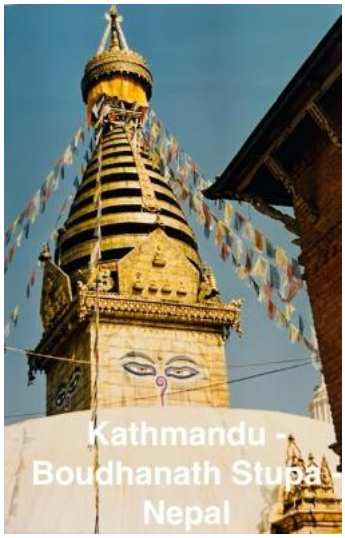
Jaipur - Sagar Lake - India

O Nepal é legal...

Da Índia fomos para o Nepal que foi uma agradável surpresa. Chegamos a Katmandu no início da tarde. Desembarcamos em *Tribhuvan*, seu pequeno, mas muito charmoso aeroporto. A cidade fica no meio das montanhas e somente é permitido a aterrissagem e decolagem dos aviões com boa visibilidade. Por isso, tivemos que ficar um dia a mais em Nova Delhi, sem o avião poder decolar. Somente, no dia seguinte, depois de permanecer muito tempo dentro da aeronave, houve a autorização para partir. Por sorte, a visibilidade se manteve. Caso contrário, o voo retornaria para Nova Delhi.

No aeroporto de Katmandu indicaram um hotel bem localizado e com preço razoável. Ainda recebemos um folheto de boas-vindas e com orientações para que os turistas não dessem "esmolas" aos pedintes. O argumento era de que isso não resolveria os problemas sociais do país.

A temperatura era amena, mas a noite o frio era intenso. Katmandu não é uma cidade muito grande, mas podemos dizer que são duas cidades distintas – uma, com seus milhares de visitantes e templos construídos com tijolos na tonalidade rosa. A outra, suja, poluída, com seus bazares, muita gente e com macacos que atormentam. Mas, a *Dubar Square*, no centro antigo, a *Freak Street*, mais conhecida como a rua *hippie*, o *Hanuman Dhoka*, um grande palácio, são lugares de visitação obrigatória. Nós aproveitamos o nosso tempo para caminhar muito, incluindo algumas incursões nos arredores da cidade.



Fomos a Patan, que ficou muito danificada no terremoto de 2015, Bouldhanath, onde a linda *Bouldha Stupa* (a torre) domina o cenário, o *Shiva Temple* e o *Pashupatinath Temple*, onde ficamos impressionados com o forte cheiro vindo das cremações.

A sensação de estar em *Pashupatinath Temple* foi muito estranha e impressionante. Vimos um ritual e o início de uma cremação. Uma dor enorme para as famílias, o que nos fez pensar muito sobre a vida e a morte. Vimos muitos *sadhus* e ficamos ali tentando compreender toda aquela cultura estranha para nós.

Visitamos o que foi possível, mas infelizmente, não fomos ao acampamento base dos alpinistas que sobem o Everest. Naquela época, fomos desencorajados porque havia o perigo de ataques dos rebeldes maoístas, que tentavam dominar o país.

Viajar é aguçar todos os sentidos, é vivenciar o lugar de todas as formas. Por exemplo, como conversar com o Konal, um menino que todos os dias nos oferecia uma mandala. E, a cada dia, ele dizia que a mandala estava ainda mais linda e brilhante, porque ele estava cuidando dela. Viajar é participar de tudo. Um dia saímos correndo atrás de um monte de gente que tocava instrumentos, cantavam e dançavam. Parecia uma festa! Só depois percebemos que não era uma festa, mas sim um funeral. Viajar é comer o inesperado. Como o dia que o garçom passou com um belo pedaço de carne numa chapa quente e o cheiro era irresistível. Pensamos, "será picanha?" Mas, não era. Só depois que comemos soubemos que aquilo era carne de iaque. Que foi bom também.

Na vida nômade cada dia é uma surpresa. Como foi ao decolarmos do charmoso aeroporto de *Tribhuvan.* Ali, o avião precisa fazer diversas voltas para escapar das altas montanhas. Foi então, que lá do alto, conseguimos ver a beleza e a suntuosidade do Monte Everest bem de perto, quase aos nossos pés.

Kathmandu - Roda de orações - Nepal

Kathmandu - Templo Kumari - Nepa

Vai uma acompanhante aí?

De Katmandu fomos para Bangkok. Chegamos num dia de muito calor. E assim, continuou durante todo o tempo que estivemos por lá. Aliado ao calor do clima, a comida muito condimentada esquentava não só por fora como também por dentro. Imaginem comer *noodles,* muito quente em todos os sentidos, nesse calorão. Pois é, foi o que não nos faltou. Era barato e encontrado em qualquer lugar. Mas, foi num desses dias que tivemos um incidente, sufocar com a pimenta, tossir e ficar sem ar até ficar vermelho igual um pimentão... Felizmente, depois de algum tempo tudo passou.

Andamos muito pela cidade animada. Conhecemos o *Grand Palace* e os templos como o *Wat Phra Kaew, Wat Pho, o Wat Arun*, e os outros templos não tão famosos, mas muito interessantes. O "Buda reclinado" é impressionantemente belo. Passeamos pelo rio *Chao Phraya,* ficamos admirados com os mercados flutuantes de *Chatuchak* e *Tailin Chan* e andamos de *Tuk-Tuk.*

Fomos também para Pattaya, uma cidade de praia, não muito longe de Bangkok. Em Pattaya, assim como em Bangkok, o turismo sexual é muito explorado. Nos saguões dos hotéis em Bangkok a situação era bem visível. E não era diferente em Pattaya.

Pattaya, que era um vilarejo tranquilo de pescadores, tornou-se uma cidade com prédios, resorts, bares, casas noturnas, muito frequentada por estrangeiros. As praias e o templo Wat Phra Yai, com o seu famoso Buda de ouro com 18 metros de altura, são imperdíveis.

Num desses dias, no final de tarde sentamos num bar, numa calçada, para tomar uma cerveja. Uma senhora idosa e muito bem-vestida veio até nós para oferecer uma das "suas acompanhantes". O bar, que chamava *Pink Lady*, mantinha as garotas de programa para os seus clientes. Agradecemos e continuamos bebendo nossa cerveja e observando o que

acontecia ao redor. Numa mesa em frente à nossa, estavam quatro “garotas” e dois homens americanos. Até onde vimos as gratificações em dólar eram bem robustas.

Apesar do grande turismo sexual, o que vimos na Tailândia foi uma grande riqueza cultural e um povo muito receptivo. Infelizmente, não conhecemos as ilhas Phi Phi e Phuket, porque nossa viagem ainda continuaria para Hong Kong e Macau. Mas, certamente, a Tailândia ainda é um lugar para voltar e viajar também pelo rio *Mekong,* partindo do país vizinho Vietnã ao Camboja, um sonho ainda por realizar.

Comendo "perfex" ...

Hong Kong ainda era colônia inglesa e Macau colônia portuguesa. Hong Kong contrastava a tradição milenar chinesa e a pujança do capitalismo. Ficamos impressionados com os *Rolls Royce*, *Ferrari* e outros carros luxuosos que conviviam com os mercados e barracas de peixes e animais vivos. As lojas minúsculas dos alfaiates, que em menos de duas horas confeccionavam ternos alinhadíssimos, conviviam lado a lado com *Shopping Centers* imensos, com lojas de grifes internacionais e preços absurdamente caros. Sem esquecer dos luxuosos arranha-céus.

A cidade era cara, de um modo geral. Mas, pesquisando, era possível comprar equipamentos fotográficos e relógios a preços baixos, desde que o comprador entendesse do assunto e soubesse avaliar o que era original ou falso. Uma das principais atrações da cidade era o *Victoria Peak*, de onde era possível ver toda a cidade de Hong Kong. Sem dúvida, era uma vista linda! Fora isso, deixar de visitar o Buda Gigante ou os mercados era um verdadeiro pecado. Por isso, não deixamos de ver.

Num barco, fomos também para Macau. Apesar de muitas pessoas falarem o Cantonês, o inglês também era língua oficial em Hong Kong. Mas, em Macau, mesmo sendo colônia portuguesa, menos de 2% da população falava o português, embora as placas de rua e algumas lojas fossem escritas na língua colonial.

Andamos pelos mercados. Era como entrar num mundo a parte. Os diferentes tipos de animais vivos impressionaram. Alguns totalmente desconhecidos. Embora um *"gremlin"* seja uma criatura mitológica, a imagem que vimos no filme do mesmo nome, só pode ter sido inspirado por um daqueles animaizinhos esquisitinhos. Além disso, tinham umas coisas estranhas, indecifráveis aos nossos olhos ocidentais.

Numa das barracas, vimos umas pessoas provando uma coisa que mais parecia com aqueles panos de limpeza, tipo "perfex". Uns vermelhos, outros amarelos. Resolvemos pedir para experimentar. O sabor era bom. Depois de uma explicação, que não entendemos bem, concluímos que era uma carne prensada. Então, resolvemos comprar e comer. Pela metade

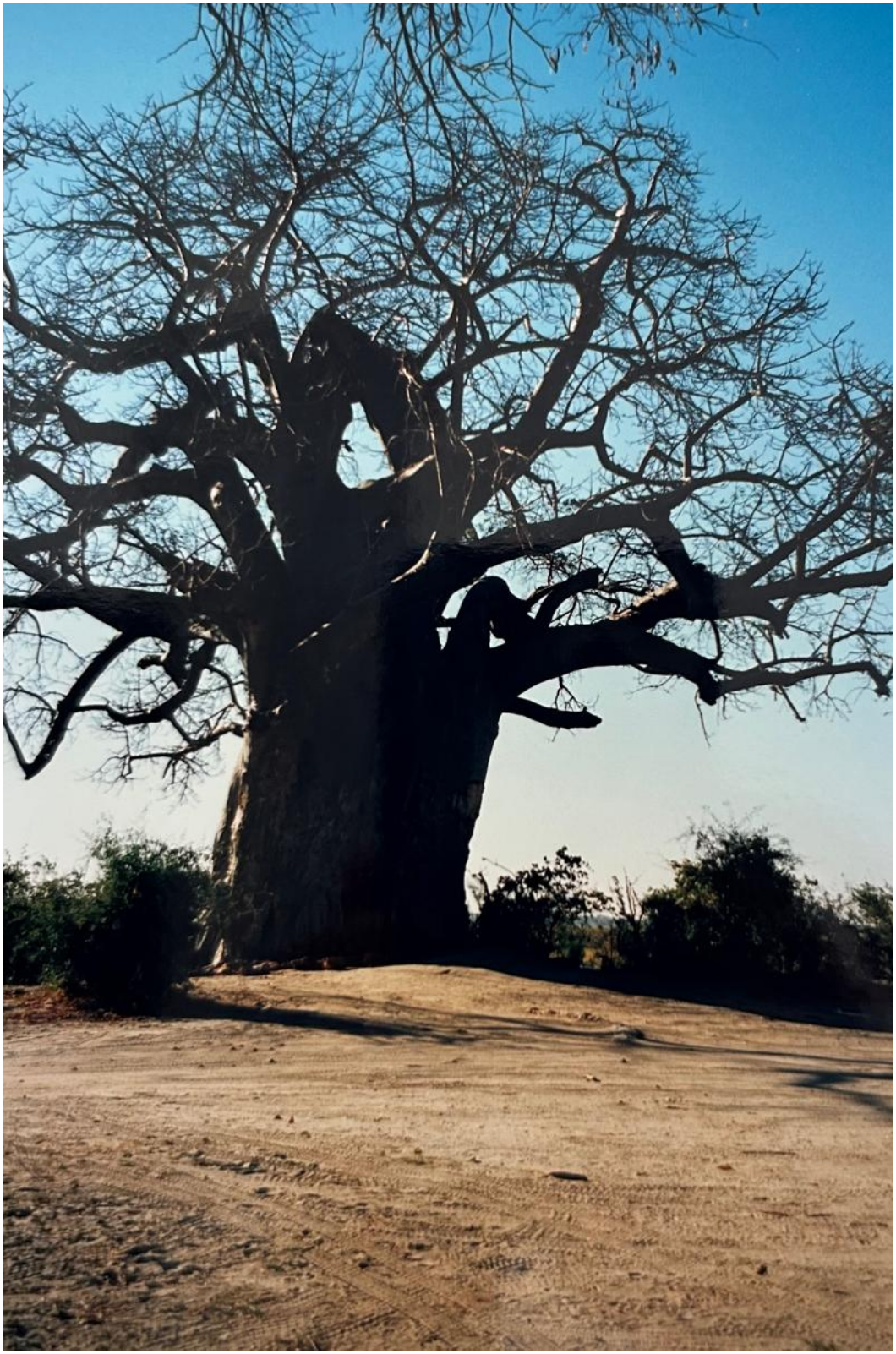
daquela folha prensada já deu um enjoo. Talvez aquilo teria que ser frito ou cozido. Enfim, apesar disso, com a ajuda de uma lata de Coca Cola, sobrevivemos.

No mais, caminhamos pela cidade, também conhecida como "Las Vegas da Ásia". Vimos os cassinos e shoppings na *Cotai Strip,* que une as ilhas de Taipa e Coloane. A vista panorâmica da cidade, na Torre de Macau, também é imperdível.

De volta a Hong Kong, era hora de retornar para Amsterdam, e depois para casa. O aeroporto era o *Kai Tak,* hoje desativado. Esse aeroporto era famoso entre os profissionais da aviação, por ter uma das mais perigosas pistas de decolagem e aterrisagem. Por isso, era habilitado apenas para poucos pilotos super treinados. Como não somos experts, embora o Helinho goste muito de aviação, fizemos um *copy & paste* da descrição da aproximação e decolagem para se ter ideia da complexidade dessa pista: "as aeronaves faziam a aproximação em linha reta por IGS (*Instrument Guidance System*, uma forma modificada de ILS) para um ponto chamado *Checkboard Hill*, balizada por uma colina com uma laje pintada de xadrez vermelho e branco. A partir desse ponto, o avião fazia uma curva de 47 graus, sem o uso do piloto automático e em condições estritamente visuais, para alinhar com a pista 13" (https://www.wikiwand.com/pt/Aeroporto_Internacional_Kai_Tak), a única pista desse aeroporto. Para a decolagem, "a aeronave tinha que fazer uma Sharp de 65 graus à esquerda logo após a decolagem, para evitar as colinas (um reverso do que faria o tráfego na pista 13)".

Na aterrisagem era possível ver dentro dos apartamentos. E para decolar, o avião subia fazendo uma grande curva antes de pegar uma linha reta. Esse era um dos maiores desafios da aviação. As aeronaves sobrevoavam baixo no bairro *Western Kowloon* trazendo fortes emoções para os moradores e passageiros. Mas, como todos os pilotos que faziam aquela rota eram habilitados estávamos confiantes de que tudo sairia como o previsto. E hoje, sentimos gratos por ter conhecido um aeroporto que sempre foi inspiração e aspiração para alguns profissionais da aviação mais ousados.

De carro pelo sul da África:
África do Sul, Zimbabwe, Botswana, Namíbia



O primeiro rugido de leão a gente nunca esquece...

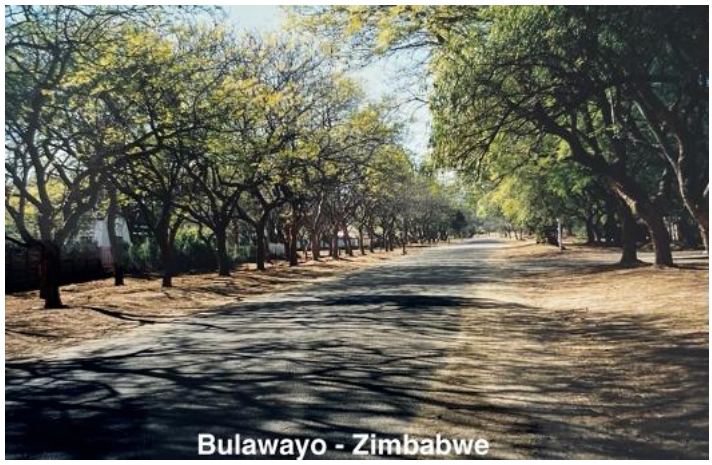
Um dia um amigo em São Paulo contou sobre uma viagem fantástica. Ele e a esposa viajaram de carro no Sul da África. Na hora falamos: - *"vamos?"* Alugamos, pela internet, um carro 4x4 para viajar pela África do Sul, Zimbabwe, Botswana e Namíbia. O carro tinha todo equipamento de camping.

Embarcamos à noite em São Paulo e chegamos a Johannesburg no início da manhã. Fomos para um B&B em Randburg, que fica a 35km do aeroporto. Foi uma escolha acertada. Tanto o B&B quanto a cidadezinha eram muito legais. Não ficamos muito tempo, mas foi o suficiente para conhecer o complexo do *Water Front*, com seus restaurantes e lojas.

Já no dia seguinte, fomos buscar o carro, num sítio próximo dali. O casal, muito simpático, nos entregou um Toyota. Tivemos que nos acostumar com a direção do lado contrário. Pegamos a estrada e nessa noite acampamos em Louis Trichard, a uma hora da fronteira com o Zimbabwe.

Durante o dia o clima estava quente, mas à noite gelava. Acordamos cedo e seguimos para a fronteira. Antes de cruzar uma enorme ponte fomos advertidos, em africâner, para não pararmos para ninguém. É lógico que não entendemos nada e o guarda explicou, novamente em inglês, que muitos bandidos ficavam na ponte. Usavam roupas militares e faziam sinal para o motorista parar. E, quando paravam eram assaltados. A ponte era uma "terra de ninguém" e a polícia de um país e do outro não intervinham. Então, respiramos fundo, aceleramos e cruzamos. De fato, nos deparamos com um daqueles bandidos pedindo para parar. Não hesitamos e seguimos em frente.

Já em Zimbabwe, fizemos as burocracias de fronteira e fomos para Bulawayo, a segunda maior cidade, depois de Harare que é a capital do país.



Bulawayo era uma cidade de contrastes. Tinha longas avenidas arborizadas com jacarandás, casas coloniais e prédios antigos, limusines brilhantes e carros de safari empoeirados. Ficamos numa pousada muito agradável, ao lado de um restaurante. Era preciso fazer reserva para o jantar e o dono da pousada ofereceu para nos ajudar. Ficamos um pouco desconfortáveis, porque pensamos ser um daqueles restaurantes caros, tomando como parâmetro os carros novos e caros que estavam no estacionamento. Todos os clientes estavam muito bem-vestidos. Mas, para a nossa surpresa não era um restaurante caro. Nós estávamos bem à vontade, com roupas confortáveis e

calçando botas. Apesar disso, ninguém se incomodou conosco e foi uma noite muito agradável.

O Zimbabwe é quase todo um parque. Estávamos no *Hwange Park*, um dos dez maiores da África. Por isso, às vezes, as estradas eram fechadas por cancelas e homens fortemente armados inspecionavam os carros. O objetivo era combater a caça. Mas, era bem tenso ser parado no meio do nada e ver os guardas se aproximando. Apesar disso, tudo se transformava quando sabiam que éramos brasileiros. Era época da Copa do Mundo e a conversa toda girava em torno dos jogos e da seleção brasileira.

Enfim, chegamos numa área de camping e montamos, pela segunda vez, a nossa barraca. E o inusitado, para nós, aconteceu... Quando estávamos quase dormindo ouvimos o rugido de um leão. Foi muito emocionante! E, este foi apenas o primeiro de tantos outros leões e animais selvagens que ouvimos de dentro da nossa barraca...

Zimbabwe e Botswana

As áreas de camping nesses parques não são cercadas. São lugares abertos, mas com uma pequena infraestrutura próxima. Tem banheiros e, às vezes, um mercadinho. Num desses dias, levamos um susto, enquanto estávamos sentados à porta da barraca conversando e olhando as estrelas. Um guarda armado se aproximou e disse que deveríamos preparar para dormir. Estes guardas armados ficam pela área onde tem pessoas acampadas para segurança. Eles orientam não sair da barraca à noite. Isso porque, os animais podem circular no entorno, ou ainda, os guardas podem se assustar e atirar. Obedecemos e fomos dormir tranquilos. Mesmo porque, as barracas são mais reforçadas, o que nos dá maior tranquilidade e segurança.

Era importante acordar bem cedinho, antes do sol nascer, porque era o melhor horário para ver os animais nos “buracos de água”.

Dali seguimos em frente. Fomos em direção à Victoria Falls, uma cidade próxima às Cataratas com o mesmo nome. *Victoria Falls* é simplesmente espetacular. Têm aproximadamente um quilometro e meio de largura, no Rio Zambeze, na fronteira entre a Zâmbia e o Zimbabwe. Na época, tinha o *bungee jump*, numa ponte de 111 metros de altura, considerado o maior *bungee jump* do mundo. Certamente, outros

mais altos surgiram com o tempo, como, por exemplo, *o Bloukrans Bridge Bungy* de 216 metros de altura acima do rio Bloukrans, na África do Sul.

No caminho, entre um camping e outro, era possível ver hienas, elefantes, hipopótamos, babuínos e muitos outros animais. Num certo dia, paramos para ver um elefante enorme. Este elefante queria atravessar a estrada, mas não sem antes checar a segurança para a manada, que vinha atrás, atravessar também sem riscos. Desligamos o motor do carro e ficamos ali parados admirando a cena. Um outro carro parou ao nosso lado e, também, desligou o motor. O elefante, parecia estar confiante e a manada aproximou da estrada. De repente, não sabemos o que deu no outro motorista. Ele ligou o carro e acelerou feito louco assustando os elefantes. A manada recuou e o elefante enorme abriu as orelhas e veio para cima de nós. Foi uma situação de muito perigo. A Vera, que estava na direção, precisou ligar o carro e acelerar. Lembrando que, com a direção do lado direito e sem muita prática nesse tipo de carro, toda a ação era mais lenta. O Helinho gritava, acelera, acelera.... Não sabemos como conseguimos sair daquela situação, sem que o pior tivesse acontecido. Infelizmente, a bandeirinha do Brasil ficou para trás. E, felizmente, não aconteceu nenhum problema maior. E o idiota do outro carro? Ah, esse não vimos mais. Mas, um pouco mais a frente vimos um carro tombado, com parte da presa de um elefante enfiada na lataria. Isso é o que poderia nos ter acontecido, por culpa de um imbecil e irresponsável.

Depois do susto, seguimos em frente. Com tantas emoções, resolvemos ouvir um pouco de música e curtir o final de tarde ainda na savana. Ligamos o rádio, mas parecia que tinha alguma interferência. Parecia estática. Só depois aprendemos que as “interferências” que ouvimos era alguém falando em *xhosa*. Este é um dos idiomas oficiais da África do Sul e do Zimbabwe, e que tem uns cliques, feitos com a língua, nas palavras. Muito estranho e divertido de ouvir.

Carona para o velho San - Namíbia

E assim seguimos, acampando, até entrar em Botswana. Na fronteira, deparamos com um dilema. Os guardas pediram uma carona para um velho *"Bushmen"* e seu neto. Lembram do filme "Os deuses devem estar loucos"? Pois é, eles eram da mesma etnia. Na verdade, este povo *"San"* (ou *Bushmen*), são coletores, originários dessa região, mas esbarram no problema das fronteiras. Com isso, eles precisam de uma autorização para transitarem entre países. O neto exibia, com muito orgulho, a permissão que tinha acabado de buscar.

Normalmente, não damos carona, por motivos óbvios. Mas, com o pedido do guarda, e quando vimos os dois precisando da carona, resolvemos ceder. Lá fomos nós quatro. O problema foi que o neto desceu antes. E sobrou o velho *"San",* que não falava uma palavra em inglês. Nosso camping estava logo depois que o menino desceu do carro e nós não sabíamos o que fazer com o velho avô. Mostramos onde nós ficaríamos. Ele desceu, e saiu andando firme pela estrada com uma sacola nos ombros. Ficamos com pena e voltamos para levar até uma estrada mais a frente, onde ele desceu e ficou muito agradecido. E agradecido também por todas as balas que ele achou no carro e chupou. Só descobrimos por causa do barulho de papel e da mastigação do velho *San*, mas aí já era tarde. ☺

Neste dia, ficamos num camping, numa das regiões considerada de grande foco de malária, à beira do rio Zambeze. Quando chegamos, vimos um senhor sentado numa mesinha ao ar livre, porque a recepção tinha pegado fogo. Não tinha nada, mas o senhor disse que mais a frente, na estrada, encontraríamos um shopping. Já pensamos logo num Shopping Center e seguimos bem empolgados com a informação que recebemos. Mas, chegando no local indicado, encontramos uma pequena mercearia de uns portugueses. Conversamos um pouco, nos abastecemos para um modesto jantar e uma gelada noite, espantando os mosquitos, para evitar a contaminação da malária.

Chobe Safari Lodge - Kasane - Botswana

No dia seguinte fomos para Kasane, que é a porta de entrada do Parque Nacional do Chobe e fica numa confluência de quatro países, Botswana, Namíbia, Zâmbia e Zimbabwe. Era nosso aniversário de casamento. Ficamos observando os macacos, suricates e outros bichos que rondavam o camping. Inclusive, um aviso de que era para ter cuidado com os crocodilos, afinal a fazenda de crocodilos de Chobe não era muito longe dali. Então, decidimos ficar num *Lodge.* Era uma cabana, bem simpática, com o conforto que a data merecia e a segurança de que nem os suricates e nem os macacos entrariam pela janela, que tinha uma grade de proteção. Comemoramos mais um ano juntos, naquela aventura maravilhosa que era a África.

Final da Copa do Mundo e o vexame do Brasil...

Estávamos no *Chobe National Park,* conhecido pela grande população de elefantes do tipo *kalahari*, os maiores em tamanho, e de leões que atacam os elefantes jovens. No final da tarde fomos próximo ao rio para ver uma manada. Eles realmente eram muito grandes e os filhotes ficavam protegidos, debaixo das fêmeas.

Ficamos dentro do carro, absolutamente quietos para não os assustar, só observando. Eles nos rodearam e fizeram um reconhecimento. Os pequenos tentavam administrar as trombas, sem conseguir. Ouvimos sons graves e muito altos e graves. Eram muitos "puns", dignos de um animal daquele tamanho. Era muito engraçado, mas não podíamos gargalhar... Tivemos, a todo custo que nos conter, até que eles se afastassem. Foi divertido, inesquecível, mas um pouco corajoso da nossa parte. Afinal, estar entre uma manada daqueles elefantes selvagens é perigoso. E, Deus nos livre enfrentar aqueles brutamontes enfurecidos.

Seguimos para Nata, uma pequena vila ao longo do rio homônimo e depois Maun. Vimos mulheres lindas da etnia *"Herero"*, uma vida selvagem farta e o Delta do *Okavango*, um dos maiores deltas interiores do mundo. Uma curiosidade sobre esse Delta é que a sua água evapora e nunca chega ao mar. É considerado uma das maravilhas da África.

Bem, os dias foram passando e já estávamos entrando na Namíbia, no Caprivi.

Acampamos em *Popa Falls*. Depois que armamos a barraca, onde não tinha ninguém por perto, vimos uma linha de poeira, vindo de longe. A princípio não entendemos, mas à medida que se aproximavam vimos que eram crianças carregando latas na cabeça. Elas foram buscar água num local bem perto de onde acampamos. Organizadas em fila, pegavam a água e voltavam para o caminho de onde vieram. E riam. Riam muito quando olhavam para nós dois. Ficamos ali admirados. E achando tudo lindo!

A noite chegou, continuamos sozinhos e, sentados à porta da barraca, ouvimos os tambores, que estavam na direção de onde as crianças vieram. A vontade era ir até lá para ver, mas fomos ensinados a não entrar em festa sem ser convidados. Além do que, aquele era um lugar onde os donos eram os animais selvagens. Nessa noite dormimos com o som dos tambores e o "gargalhar" das hienas, que rondaram a barraca.

Braai (churrasqueira)- Namíbia

Dali seguimos para o *Etosha National Park*. Nessa altura já nos sentíamos parte de todo aquele cenário. Então, resolvemos fazer um *"braai"* (churrasco) africano.

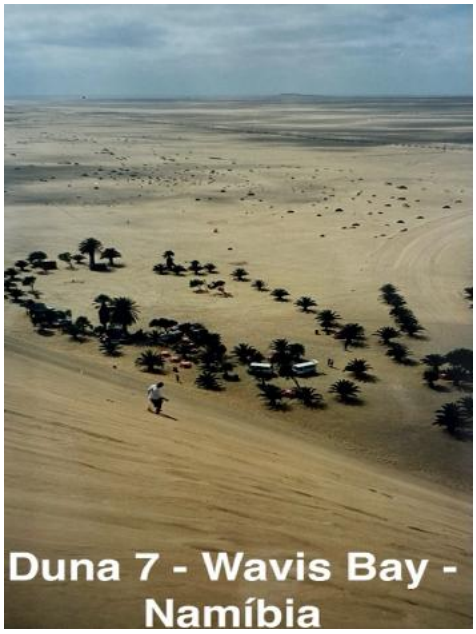
O camping tinha umas churrasqueiras típicas e um mercadinho. Decidimos experimentar a carne de avestruz, comum na região. No meio do churrasco, percebemos um intruso. O Helinho pensando que era um cachorro bateu o pé e o afastou do nosso churrasco. Mas, ele ficou de longe observando, só na espreita. Foi quando percebemos que não era um simples cachorro, mas um chacal. Acabou com a nossa festa, mas não com o nosso bom humor. Tivemos que ficar com um olho no churrasco e outro no chacal.

Seguimos em frente, e chegamos em Windhoek, a capital da Namíbia, exatamente no dia do jogo decisivo da Copa do Mundo. Fomos para um *pub* assistir a final. O mais interessante foi ver que, a metade das pessoas torcia para a França e a outra metade torcia para Brasil. Não faltaram nem as bandeiras e nem as roupas com as cores do Brasil e da França. Durante o jogo, algumas pessoas perceberam que nós éramos brasileiros. Perguntaram o que estava acontecendo com o Ronaldo. Ninguém sabia e nem nós soubemos responder sobre aquela péssima atuação. Ficamos tão envergonhados com aquele jogo que saímos "a francesa". Mas, o nosso clima era outro e não nos deixamos abater. Seguimos viagem em direção ao Deserto da Namíbia e da Costa do Esqueleto...

A Costa do Esqueleto, as dunas ...

Atravessamos o Deserto da Namíbia, em direção à Costa do Esqueleto. As dunas desse deserto são ativas. Estão sempre em movimento por causa dos fortes ventos e da quantidade de areia. Seguimos, e chegamos em Swakopmund, na costa. Uma cidade em pleno deserto, tipicamente colonial alemã, conhecida na região pelos seus esportes radicais e pela criação de dromedários.

Deserto - Costa do Esqueleto - Namíbia



Essa costa possui dunas altíssimas, como a "Duna 7", por exemplo. Claro, partimos para conhecer e, realmente, ficamos muito impressionados ao subir pela sua crista. Não resistimos e descemos correndo, partindo do seu ponto mais alto. Delícia de sensação! Mas, também um pouco irresponsável. O deserto não é brincadeira. É um lugar onde os animais mais peçonhentos se escondem. Cobras, escorpiões, dentre outros animais venenosos. Mas, como não pensamos duas vezes ao descer a duna correndo, foi ótimo.

E, seguimos a Costa do Esqueleto. O seu nome se dá pela grande quantidade de ossos de baleias, focas e embarcações naufragadas. É deserto, é árido e não há nenhuma vegetação. Estávamos indo em direção de Sesriem, um pequeno povoado, próximo às montanhas *Naukluft*. Na verdade, Sesriem é o portão de entrada para o *Namib Naukluft National Park* e a principal atração são as dunas de *Sossusvlei.*

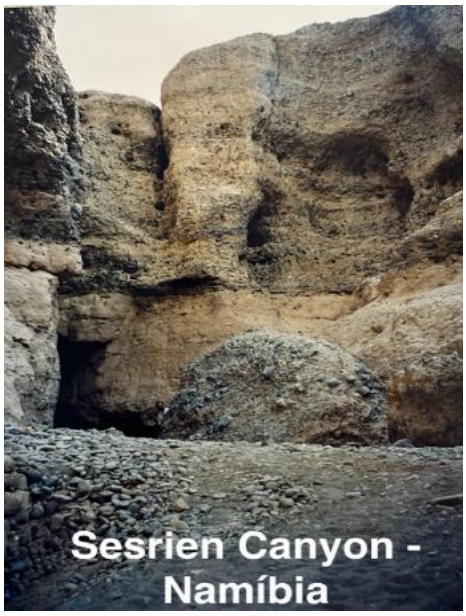
Aqui será necessária uma pausa para uma explicação. Vera tinha a seguinte teoria, sobre os animais: se você os respeita e não os ameaça, consequentemente, também te respeitarão e não atacarão. Se você os ameaçar, eles, certamente, vão te atacar. Ponto.

Continuando, fomos para *Sossusvlei*, mas o carro precisava ficar estacionado longe. Tínhamos que ir a pé. As dunas vermelhas do Deserto da Namíbia são, simplesmente espetaculares. Nem importamos com a distância porque o cenário era estonteante. E a Duna 45 era a mais fantástica. As árvores petrificadas, em meio as dunas, foi uma visão que nunca mais esquecemos. É um lugar fácil de se perder também. Mas, depois de uma perdidinha leve, e sozinhos naquela imensidão, resolvemos que era hora de voltar.

Achamos o caminho e nos deparamos com uma carcaça de animal. Tudo bem, estávamos na África. De repente, vimos uma *pick-up* em velocidade e um animal correndo, que não identificamos. Parecia que eram caçadores armados. Opa! Onde há carcaça, há caçadores, tanto humanos quanto animais.

Ficamos com receio e começamos a andar rápido, mas a Vera em disparada, lembrando que

por ali tinha leopardos. Nunca a Vera andou tão rápido em cima de uma areia tão fofa. O Helinho tentava acompanhar, enquanto provocava: - *"onde está a sua teoria agora?"* Ficou na teoria mesmo porque na prática a vontade era chegar ao carro rápido. Batemos o recorde de velocidade nos 5 km! Chegamos seguros, mas exaustos por causa daquele pesado terreno.



No dia seguinte, fomos para *Sesriem Canyon*. Mas, esse foi um dia bem esquisito. Chegamos ao Canyon, paramos o carro e deparamos com uma caverna. Dentro, vimos o que pareciam umas luzinhas, ou uns olhinhos. Deu arrepio! Podia ser alguns animais, morcego..., mas que era arrepiante, isso era. Resolvemos sair dali. Como de costume, pegamos uma pedra de lembrança. Quando estávamos indo embora, não sabemos como, o pneu do carro rasgou. Uma sensação esquisita tomou conta dos dois. Olhamos para a pedra e mandamos longe. Sei lá, tudo naquele dia era estranho demais para entendermos. Enfim, fomos embora com uma sensação esquisita. E, até hoje quando lembramos não sabemos o que eram aqueles "olhinhos assustadores". Mas, seguimos em frente, compramos um novo pneu e a viagem continuou.

Os diamantes são eternos...

Continuamos viajando pela costa e chegamos em Maltahöhe, uma pequena vila. Depois, seguimos para Luderitz, uma cidade portuária de onde Amyr Klink partiu rumo a Paraty. Fomos conhecer Kolmanskop, uma cidade fantasma, construída pelos alemães, que exploravam diamantes. Foi abandonada, quando depósitos mais rentáveis foram descobertos mais ao sul.

Essa é uma região que tem uma grande quantidade de diamantes de aluvião. Isso é, são os diamantes que brotam da terra, sem necessidade de cavar. Por isso, as estradas são vigiadas e muitos vidros quebrados são espalhados nos acostamentos. Recomenda-se não parar, com risco de ser alvejado a tiros.

A nossa última parada na Namíbia, foi *Fisher River Canyon*, mais uma das belas áreas do país. É no *Main Viewpoint* que é possível ver a curva do cânion, chamada de *Hell's Bend*. Mas, existem outros pontos interessantes para apreciar aquela maravilha. E, assim, com esse visual na memória, saímos da Namíbia e retornamos à África do Sul. Chegamos por Kuruman, dessa vez, sem o estresse da "terra de ninguém", onde éramos mais vulneráveis. Mas, não escapamos de um quase incidente.

Enquanto estávamos num supermercado, vimos alguém na espreita. Ficamos observando o homem que veio em nossa direção, claramente com segundas intenções. Mas, como bons brasileiros, percebemos a ação e nos safamos. Isso não nos causou nenhum problema. Só passamos a ter mais cuidado. A cidade é conhecida pelo "olho de Kuruman", que é uma nascente de águas cristalinas capaz de alimentar, não somente o rio Kuruman, como fornecer água para a toda a cidade e para irrigações.

E, finalmente, voltamos a Randburg. Devolvemos o carro para o simpático casal. Mas, a nossa viagem não acabaria aí. Resolvemos ir de trem para Cape Town que ficava quase 1.500 km de distância.

Como estávamos fora de Johannesburg, era preciso um carro para ir a *Main Train Station* que ficava no centro de Johannesburg. Marcamos um taxi, com a ajuda dos donos da pousada. Na manhã seguinte, no horário marcado, o motorista e um segurança armado chegaram para nos buscar. Achamos muito estranho, mas segundo o próprio dono da pousada era necessário porque existia o risco de assalto e sequestro na perigosa Johannesburg. Bem, lá fomos nós, escoltados. E deu tudo certo. Para dizer a verdade, não vimos nada diferente do que vemos em São Paulo e outras grandes cidades brasileiras, mas se dizem que Johannesburg é uma cidade perigosa achamos melhor acreditar.

A estação era nova, limpa e movimentada. Ouvimos muitas recomendações e quando entramos no trem também ouvimos a recomendação para não abrir janelas em hipótese alguma. Até hoje não sabemos se todas as precauções eram excesso de zelo ou se o perigo era real. Mas, não pagamos para ver e seguimos tudo conforme recomendado.

Depois de mais de quinze horas de viagem, chegamos a Cape Town para uma semana de descanso. Cape Town foi uma grata surpresa. A cidade era linda. Parecia o Rio de Janeiro menor. Conhecemos interessantes cantinhos do lugar, mas dessa vez a pé.

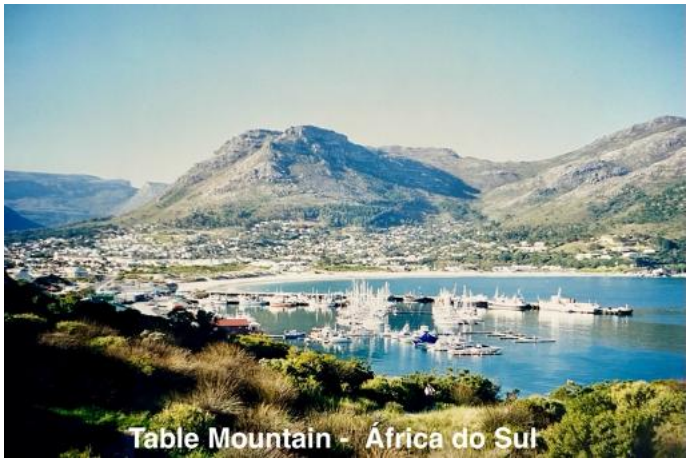


Table Mountain - África do Sul

Começamos pela *Table Mountain*. Além da beleza e ventos fortes, vimos os *Dassies*, pequenos animais que dizem ser parentes próximos dos elefantes, apesar da enorme diferença de tamanho. Fomos ao *Waterfront* e ao *Aquarium*. Seguimos para o bairro *Bo Kaap*, com suas casinhas coloridas, e o *Hout Bay*, de onde é possível uma visita à *Seal Island* (ilha das focas).

E quem nunca ouviu falar do Cabo da Boa Esperança? Pois é, visitamos o *Castle of Good Hope,* seu nome original. Visitamos as pinguineiras, o *Green Point*, *Flea Market*, Museus... Enfim, depois de muitas andanças pela cidade, era hora de voltar para casa e trazer conosco muitos aprendizados, histórias e vontade de voltar. Às vezes, nos perguntamos se nos fez falta não ir ao *Kruger Park* e nos hospedar no *The Palace Sun City*, como todo bom turista. Sinceramente, não! Depois de tudo que vimos e vivemos nesses dias acampados nos parques da África do Sul, Zimbabwe, Botswana e Namíbia não pagaríamos uma fortuna para ter um safari organizado...

Maun - Camping em Island Safari Lodge - Botswana

Table Mountain - Dassie - África do Sul

Hiena - Etosha Park - Namíbia

Escola - Mahango Game Reserve - Namíbia

Monte Roraima e a Selva Amazônica:
25 anos de casados e um programa de índio

Avião, ônibus, barco, a pé - A Gran Sabana e a Região Amazônica Aproveitando as belezas e o calor de Belém e da Ilha de Marajó.

No dia 14 de março de 2004, depois de ir e voltar à Ushuaia e ao Alaska, com o nosso Land Rover Defender, sofremos um acidente na Rodovia Fernão Dias. Um caminhão, que estava na contramão, nos atingiu em cheio e fugiu. "Perda Total" do carro. Perdemos o carro e perdemos o chão! Lá se foi o nosso sonho de continuar viajando o mundo. Na época, esse foi o nosso sentimento.

Passado o susto, chegamos à conclusão de que não poderíamos parar de sonhar e realizar. Decidimos que viajaríamos de avião, barco, ônibus, a pé... E foi o que fizemos. Queríamos comemorar nossos 25 anos de casamento no alto do Monte Roraima, na Venezuela, junto aos cristais. Assim, primeiro pegamos um avião para Belém.

Chegando ao aeroporto de Belém, fomos procurar um hotel. Nos foi oferecido hotéis dos mais caros aos mais baratos. Resolvemos ficar no intermediário, mas, ainda assim, fomos parar numa espelunca, com cheiro de remédio de matar baratas. Usamos nossa expertise de viagens e achamos um outro, com preço razoável, com vista para a Baia de Guajarás. Era o que precisávamos! Com um calor de 33 graus na cabeça, resolvemos caminhar pela cidade e redescobrimos uma cidade bem diferente da que conhecemos muitos anos atrás. O que continuava igual era a chuva que caia, diariamente, nos finais das tardes.

O porto restaurado, fez das Estação das Docas, um lugar muito bom com restaurantes, bares e cervejarias. À noite, muitas pessoas iam para ouvir música ou para o teatro. Fomos para o imperdível Mercado Ver-o-Peso. Aproveitamos para ver e comer uma variedade de frutas e sentados num daqueles restaurantes simples tomamos o tacacá e comemos "filhote", o peixe da região.

Não poderíamos deixar de ir ao Mercado do Peixe, uma das atrações da cidade. De lá, resolvemos ir num passeio de barco, aproveitando o dia ensolarado. Passamos pelas comunidades ribeirinhas e nadamos numa praia de águas quentes na Baía de Marajó. E, como já tínhamos programado, fomos, dessa vez, para Ilha de Marajó.

Foram três horas de barco até Camará, porta de entrada da ilha. Ficamos em Joanes, uma pequena praia, fugindo das mais conhecidas Salvaterra ou Soure. Não imaginávamos

que a Ilha de Marajó fosse tão grande e com um problema crônico de transporte público. Enfim, conseguimos ir, numa van, para a pousada que era muito agradável e num lugar bem especial.

No dia seguinte, fomos conhecer Soure, a capital da ilha. Saímos cedo, na mesma tal van lotada, que iria para Salvaterra. O transporte de Salvaterra para Soure era o barco, que só saía com hora marcada e que parava na hora do almoço. Tínhamos um problema. A volta para Joanes, mas deixamos esse problema para ser resolvido depois.

Caminhamos pelas ruas de Soure e seguimos até Barra Velha, uma praia bem distante do centro e sossegada. Era preciso passar dentro de uma fazenda. O sol estava forte, mas o visual era lindo. Os guarás, pássaros da região, num vermelho vivo e fluorescente, contrastavam com o verde da vegetação. E chegando ao nosso destino deparamos com uma praia de rio e areias branquinhas. Ficamos por ali com um francês que, coincidentemente, estava hospedado em Joanes. Lá pelas tantas, resolvemos voltar, debaixo de um sol de cozinhar miolos. De tão quente, as pessoas da cidade sumiram. Só ficaram os búfalos pelas ruas com altas mangueiras.

Era hora de voltar para Joanes. Soubemos de um ônibus escolar que sairia as seis da tarde. Sentamos num bar para descansar e esperar. Mas, um nativo, que negociava uma carona, nos levou. E assim, tudo se resolveu. À noite, sempre tomávamos um ar fresco com os moradores, como se já fôssemos parte daquela comunidade. Joanes tinha uma igrejinha, um gramado e casinhas em volta, bem ao estilo Trancoso, na Bahia, de anos atrás. Até hoje é impossível esquecer o sabor de um simples bolo de abacaxi, que a Neide fazia todos os dias, e daquele lugarzinho bucólico com sua gente tão simples.

Pois é, muitas vezes, é nessa simplicidade que encontramos as maiores felicidades da vida. Gostaríamos de ter ficado mais tempo, mas teríamos que seguir viajando para o nosso destino, o Monte Roraima, na Venezuela. Assim, voltamos a Belém para pegar um barco que nos levaria a Manaus, numa viagem que demoraria cinco dias, rio acima...

A mágica viagem de barco de Belém a Manaus...

De volta a Belém, fomos para o porto e deixamos nossa bagagem no barco “Santarém”, que já estava ancorado. Na verdade, o Santarém é chamado de navio, porque ele é uma embarcação toda em ferro. As embarcações em madeira é que são chamadas de barco. A capacidade máxima é de 350 pessoas. No porão são acomodadas as cargas. No primeiro andar, tinha uma pequena lanchonete, a cozinha, o refeitório, somente para os que viajavam nas redes, e banheiros. No segundo andar, tinha também o espaço para redes, mas com ar condicionado, banheiros, minúsculas cabines com beliches e o refeitório, que serve

Barco Belém-Manaus - Pará - Brasil

aos passageiros deste andar e do andar superior. No terceiro andar, além das minúsculas suítes, tinha um bar e um espaço aberto com som altíssimo, que tocava a Banda Calipso das oito da manhã até tarde da noite. Todos os dias.

Foi bem aí que ficamos. Só para ter ideia, a cama era tão pequena que nossos pés quase ficavam para fora. E ainda tinha horário fixo para as refeições. E quem perdia o horário, perdeu!

E foi assim que, no início da noite, a sirene tocou e a embarcação partiu para cinco dias no rio. De início, navegamos pelo Rio Pará, mais estreito, até encontrarmos o Rio Amazonas. Era possível ver de perto como vivem os ribeirinhos, suas casas e a habilidade das crianças que nascem e vivem, praticamente, dentro do rio. Quando o barco se aproximava de alguma comunidade era uma festa. As crianças ficavam em suas canoas e os passageiros jogavam presentes, enrolados em sacolas plásticas. Elas ficavam felizes com os presentes ou com um simples aceno e com o "banzeiro", que são as pequenas ondas que o barco provoca.

Barco Belém-Manaus - Ribeirinhos - Pará - Brasil

É surpreendente e impressionante a habilidade desses ribeirinhos. Com a nossa embarcação em movimento as crianças e adolescentes são capazes de amarrarem suas canoas e entrarem para vender alimentos e quinquilharias. Chegamos a contar nove canoas amarradas. Essa era uma das atrações da viagem. Fora isso, era ler, descansar e conversar com as pessoas, que depois do primeiro dia já estávamos familiarizados.

Além dos passageiros locais, tinham também, como nós, alguns "gringos". Stefano, um italiano, o Robert, um inglês, que viajava com a Zana, que era de Latvia, o Trent, americano

e a Christin, da Nova Zelândia. Ainda tinha a Mie, uma japonesa, o Benjamin, que era chinês e a Patrícia, do Espírito Santo. Juntos, nós formamos um grupo de amigos. O Stefano virou "Empório Armani", o Robert o "James Bond", a Zana virou Xuxa, nós éramos "Mr. President & First Lady", e assim, nos divertíamos entre uma e outra parada nas cidadezinhas. Quando era possível, descíamos para tomar cervejas no porto mesmo, enquanto o barco era descarregado e carregado de mercadorias.

Em Santarém, a parada seria mais longa. O Comandante disse que ficaríamos ancorado das 8 da manhã às 4 da tarde. Comentamos com os amigos que nós iríamos a Alter do Chão, que ficava 32 km de Santarém. Eles decidiram nos acompanhar. Negociamos com o motorista de uma caminhonete velha, que fazia carretos. Subimos todos na caçamba e fomos para a praia de rio. Tomamos cerveja, almoçamos e voltamos a tempo de embarcar, novamente. O barco seguiu em frente. Parou em Parintins, um dia antes de começar a "Festa do Boi". O porto estava cheio de barcos e visitantes. Isso porque, a cidade não comporta os mais de cem mil visitantes esperados. Por isso, muitos ficavam nos barcos.

Depois de quase seis dias de viagem, finalmente, chegamos a Manaus. Foi um misto de excitação pela chegada e de tristeza por ter terminado a viagem. Tudo era igual no barco, mas ao mesmo tempo diferente. As pessoas, as histórias e as coisas engraçadas, como no último capítulo de uma novela em que as pessoas se revezavam, segurando uma antena no alto para que a televisão funcionasse.

Tivemos experiências únicas, inclusive de quase o navio ficar encalhado num banco de areia. Aprendemos um pouco sobre o rio e descobrimos que é misterioso e diferente a cada dia. Escutamos lendas e aprendemos sobre as estrelas. Conhecemos os ribeirinhos... Essa, foi uma viagem mágica e que muito nos enriqueceu como pessoas e como brasileiros.

Revendo Manaus e conhecendo Boa Vista...

Nós já tínhamos visitado Manaus em outra época. Temos amigos na cidade e foi ótimo reencontrá-los. E os amigos do barco? Ficamos hospedados em lugares diferentes, mas no final da tarde reuníamos num bar para conversar e contar as novidades do dia.

Nos dias que estivemos em Manaus fomos ao Palácio Rio

Negro, ao Teatro Amazonas, a museus, caminhamos pelo centro da cidade, Igreja Matriz, ao Instituto Nacional de Pesquisa da Amazônia (INPA), ao Centro de Instrução de Guerra na Selva (CIGS), com seu zoológico. Também fomos em alguns igapós, à Reserva Ecológica de Janauari, ao encontro das águas do Rio Negro e Solimões, onde aprendemos porque as águas dos dois rios não se misturam. O que acontece é que a densidade da água do Rio Negro é menor do que do Rio Solimões, assim como a sua velocidade e a temperatura que tem cinco graus de diferença.

Além disso, vimos as casas flutuantes, navegamos nos igarapés, nos "paranás", que são os rios formados somente nas cheias, e nos "furos", menores que os paranás e que, na verdade, nada mais são do que a floresta inundada. Conhecemos a samaúma, a "árvore rainha da floresta", com suas raízes tão longas que permite a sua estabilidade nas grandes ventanias. É uma das árvores mais altas da floresta, uma espécie de "telefone indígena". Isso porque, em época de seca, o som de uma batida em seu tronco pode ser ouvido até 5 km de distância.

Também tomamos o Café Regional, com uma variedade de sucos de frutas, como o taperebá, murici, cupuaçu, abacaxi, acerola e outros. Comemos o sanduíche com tucumã e queijo de coalho, a pupunha e muitas outras coisas. Nos deliciamos comendo a costela de tambaqui e outros peixes da região, como o tucunaré, pirarucu, jaraqui. Uma festa de sabores.

Aproveitamos para conhecer algumas das quarenta cachoeiras, que ficam perto da cidade de Presidente Figueiredo, a 107 kms de Manaus. Conhecemos Iracema, o Santuário, as corredeiras do Urubuí, mas, infelizmente, não vimos tudo que gostaríamos. Era hora de partir. Fomos de ônibus para Boa Vista.

Passamos pela reserva Indígena *Waimiri-Atroari*. Era proibido fotografar e o tráfego só poderia ser entre as seis da manhã até as seis da tarde, quando a estrada era fechada. Era uma estrada estreita, sem acostamento e com muitos buracos na pista, o que obrigava o

motorista do ônibus a “ziguezaguear” para fugir das crateras. A sorte era não ser muito movimentada, apesar da presença das fazendas de gado. Além das fazendas, a mata era fechada. Vimos até Tamanduás que circulavam tranquilamente por ali.

Cruzamos a linha do Equador. Uma grande pedra demarcava o “marco zero” ou “latitude zero”. E, depois de 12 horas de viagem, chegamos a Boa Vista.

Apesar de pequena, Boa Vista era uma cidade limpa e bem planejada. Não tinha shopping e tinha apenas um cinema. As pessoas eram muito educadas. Os pedestres tinham prioridades. As avenidas eram largas e compridas. No canteiro central, de uma das avenidas que liga o centro ao aeroporto, no Complexo Ayrton Sena, tinham bares, lanchonetes, sorveterias, pistas de motocross, espaço para exercícios físicos e para crianças. À tarde e à noite era bem movimentado. Outro lugar de interesse era a *“Orla Taumanan”,* um calçadão com bares e restaurantes, às margens do rio Branco.

Ficamos hospedados no hotel recomendado pela Ana Ruth, nossa amiga manauara. Ana já tinha entrado em contato com Eliana, que se tornou amiga comum. Fomos apresentados a toda família, inclusive ao proprietário do hotel que era seu irmão. Passamos dias bem agradáveis na cidade, mas já estávamos ansiosos pela subida ao Monte Roraima.

Ao mesmo tempo, começamos a ficar um pouco apreensivos. Os termômetros estavam na casa dos 33 graus e o alto volume de chuva previsto era preocupante para os nossos planos. Pacaraima, na fronteira com a Venezuela, ficava apenas a quatro horas de Boa Vista. Era hora de pegar estrada novamente...

Dessa vez não deu certo...

Nosso destino, antes de subir o Monte Roraima, foi Santa Elena de Uairén, já na Venezuela. Saímos de Boa Vista debaixo de chuva. A estrada continuava estreita e sem acostamentos. Um passageiro pediu para parar no “oásis”. O motorista parou, olhamos e não vimos nada que se parecesse com um oásis. Depois, outro pediu para parar na “placa branca”. Tentamos achar a tal placa branca e não tinha nada. Desistimos de tentar entender e nos deixamos levar pelo encanto da paisagem. Como o ônibus não ia até Santa Elena, ao chegarmos em Pacaraima, já na fronteira Brasil e Venezuela, fizemos a imigração e um

Fronteira Brasil-Venezuela

táxi nos levou até Santa Elena, que ficava somente a 15 km de onde estávamos. As ruas da cidade estavam alagadas. Fomos direto para uma pousada de um casal muito simpático e bem alternativos. O marido, Roberto Marrero, escreveu livros sobre OVNIS, viagens místicas, fenomenologias e mistérios da *Gran Sabana.*

Ansiosos, fomos saber mais sobre a nossa subida ao Monte Roraima. Afinal, era para isso que estávamos ali. Planejamos subir os seus 2.700 metros de altitude até o "Mundo Perdido", chamado assim por causa das suas formações geológicas peculiares e o seu isolamento. O percurso seria feito a pé, guiado pelos indígenas. O acampamento era em pequenas cavernas. Seriam seis dias e cinco noites. Tínhamos planos de ir ao Vale dos Cristais e às piscinas naturais. Mas, infelizmente, toda essa programação não pode ser realizada. Com as chuvas fortes, o rio *Kukenan* estava muito cheio e intransponível. Os guias locais não queriam arriscar. Ficamos decepcionados, e tivemos que nos reinventar. O sonho de subir o Monte Roraima teve que ser postergado.

Apesar da decepção, não nos deixamos abater pela situação e fomos conhecer a Gran Sabana com o Roberto Marrero, o dono da pousada. Aprendemos sobre as minas de ouro e diamantes da região e sobre as montanhas que afirmam ter aparições de OVNIS. Com muita imaginação, vimos as montanhas das três mulheres grávidas dando à luz. Mais adiante vimos o perfil de um homem deitado que, segundo os indígenas, quando se levantar "cabeças vão rolar". E vimos as montanhas "vaginales", chamada assim pela forma triangular, com vegetação rasteira e reentrâncias com vegetações altas, formando tufos como se fossem os pelos pubianos.

As montanhas, ou Tepuis, mais conhecidas da região são a Chirikayen, Roraima e o Kukenan que podem ser vistas lado a lado. Paramos nos vales de Kukenan e no Vale de Aaka, que segundo a lenda, se você gritar e ouvir o eco, você já viveu nesse vale ou viverá noutra vida. Claro que gritamos e ouvimos o eco. Mas, o mais engraçado é gritar e ouvir de volta alguém gritando "locoooo". Esse é o divertimento de um morador local que grita de volta sempre que alguém resolve testar a lenda. ☺

Paramos para um banho na Quebrada de Jaspe, atrativo único e insólito. O lugar era de tirar o fôlego. As pedras muito lisas de jaspe brilham sob a água num tom avermelhado. Dizem que o lugar tem uma energia muito grande e que em muitas fotos apareceram pontos luminosos. O único

incômodo eram os "puri-puri", aqueles mesmos mosquitos que conhecemos como mutuca ou borrachudo.

Vimos também o Rio Yuruani, o Salto Arapená, Soroape, Quebrada de Pacheco, Valle de Los Quatro Vientos, Mirante Piel Del Abuelo, Salto Kamá ou Kamá-Merú.

A Gran Sabana reserva muitas surpresas. Paramos para ver os "minis tepuys", que são formações arenosas em miniatura dos tepuys, do Gran Cannyon e do Salto Angel. Fantástico também foi observar uma floresta e perceber que, bem em frente, existia uma minifloresta, verdadeiros "bonsais", que eram exatamente iguais à floresta original.

Almoçamos numa comunidade indígena e experimentamos o "picante", pimenta com molho de formigas ou cupim. Bem, o picante era bom, mas as formigas e os cupins foram difíceis de engolir.

Visitamos a casa de um indígena que tinha três filhos pequenos. Geralmente, a parte da frente da casa é usada para fazer trabalhos de artesanatos. E o cômodo onde são colocadas as redes fica na parte de trás. Uma peculiaridade desde povo indígena é que eles jamais olham os brancos nos olhos. Dizem que os olhos mentem e a palavra não mente. Numa negociação eles sabem, através da voz, se a pessoa está blefando ou não. Graças ao nosso novo amigo venezuelano, que nos acompanhou pela Sabana, aprendemos muitas coisas sobre o povo, sobre os lugares e ouvimos muitas lendas indígenas, como a lenda do *Beija-Flor, do Tigre e do Caranguejo e outras.

Era hora de decidir o que fazer. Tentamos um trekking de 3 dias até um "tepuy" menor, o Cherikayen, mas também não deu certo. O guia teve um problema de saúde do filho. Diante disso, decidimos pegar o ônibus de volta até Boa Vista e seguir novamente para Manaus. Precisávamos fazer alguma coisa diferente e ousar um pouco mais. Nos sentimos frustrados por não subir o Monte Roraima. E, para que essa sensação não nos perseguisse

pensamos num outro desafio. Foi aí que resolvemos seguir para a selva e fazer um verdadeiro "programa de índio"

*A Lenda do Beija-Flor:

Existiam duas tribos morando à beira de um rio. A tribo menor plantava e pescava com muito afinco. Com isso, começou a ter mais peixe e maior abundância de alimentos. Isso gerou inveja na outra tribo, que começou a hostilizar seus vizinhos, primeiro com palavras, depois com gestos. E, por fim, declararam guerra àqueles que, mesmo em menor número, eram mais trabalhadores e eficientes.

Indiferente a essas questões, dois jovens se apaixonaram. Mas, cada qual pertencia a uma tribo. O rapaz pertencia à tribo menor e a jovem à tribo maior. Apesar da guerra, os dois se encontravam às escondidas. Um dia, os guerreiros da tribo da jovem a seguiram e os encontraram namorando. Depois de espancar o rapaz, e pensando que ele já estivesse morto, levaram a jovem de volta à tribo. O Conselho dos Anciãos foi convocado para o julgamento da pobre jovem. A acusação era de traição e a sentença era de morte. Mas, por ser muito jovem e bela, os Xamãs resolveram transformá-la numa flor.

O rapaz, socorrido por seus guerreiros, sobreviveu ao espancamento. E, tão logo se recuperou passou a procurar, desesperadamente, pela sua amada. Ele chamou os anciãos e anunciou que iria até a outra tribo em busca de seu amor. Eles não permitiram tremenda loucura e tentaram, de toda forma, impedi-lo. Afirmaram que na sua tribo existiam lindas moças que poderiam ser boa esposa e dar-lhe filhos fortes e saudáveis.

O rapaz estava irredutível e os anciãos, vendo tamanha decisão e tristeza do jovem, chamaram os xamãs para ajudá-los. Depois de muito pensar e sabendo que a jovem amada tinha sido transformada em flor decidiram transformá-lo em Beija-Flor.

Segundo a lenda, é por isso que o Beija-Flor vai de flor em flor, sempre tentando achar a sua amada. Em toda lenda indígena existe uma moral. Essa é: nunca desista do seu objetivo.

Um verdadeiro programa de índio" ...

Voltamos a Manaus e encontramos um índio que organizava viagens pela selva amazônica. Acertamos tudo e pagamos, pasmem, em dólar. Estávamos prontos para nosso "programa de índio". ☺

Nossa aventura começou, às cinco da manhã, quando encontramos o índio da tribo *Wapichana* em Manaus. Fomos de

ônibus rumo a uma comunidade que ficava a três horas de Manaus. Depois, seguimos numa "voadeira", uma canoa motorizada, quase uma hora pelo Rio Urubu, até chegar na selva. Sinceramente, até hoje não sabemos, exatamente, onde isso fica. Encontramos uma área aberta, com redes para dormir. O banheiro era improvisado, um buraco fundo no chão com uma cerca de palha que nos trazia um pouco de privacidade. O banho era no rio, dividindo o espaço com as piranhas e as cobras. Quem tomava conta do lugar era uma senhora e seu macaquinho, que mais parecia um morcego. A voadeira voltou para o povoado.

Nesse mesmo dia, remamos uma "piroga" (canoa) pelo rio e aprendemos a pescar piranhas, somente com linha e anzol. As piranhas são rápidas. Por isso, era preciso ficar atentos quando fisgavam o anzol. Este seria o nosso jantar. Por isso, era bom caprichar na quantidade.

O entardecer foi lindo e, rapidamente, tudo ficou muito escuro. O cheiro e os sons mudaram. Só tínhamos lanterna e velas, que mal paravam acesas. O banheiro ficou interditado, por causa das aranhas. E, o índio chamou para "focarmos jacarés". Seguimos pelo igapó na piroga. Ele na frente, com uma lanterna, o Helinho atrás, protegendo a "dama" que ia ao meio. Era época de cheia e a água chegava quase nas copas das árvores. Com isso, às vezes, tínhamos que ajudar a atravessar a canoa entre os grossos troncos. As árvores balançavam e nós nunca sabíamos se o que caía eram folhas ou algum bicho.

Num certo momento, a canoa ficou presa entre galhos de uma árvore. Nós tivemos que nos apoiar nos troncos para tombá-la e passar. De repente, vimos uma aranha gigante. Ficamos observando. Ela picou um sapo, igualmente grande. O sapo caiu morto na mesma hora. E o pior, tínhamos que passar justamente por aquele lugar onde a aranha estava. Ficamos com receio. Afinal, não fomos tão longe para ser comida das aranhas, nem dos jacarés.

De repente, começamos a pensar que aquele índio estava perdido. Mas, depois de muitos sustos e apreensão, finalmente, saímos do meio daquela floresta inundada para um espaço aberto. A visão foi fantástica. O céu, que estava estrelado, refletia nas águas escuras

do rio. Parecia possível pegar as estrelas com as mãos. O silêncio e a tranquilidade das águas eram profundos. E só foi interrompido quando nosso amigo índio nos alertou para o som de uma onça, próximo onde a canoa seria ancorada. Ai, ai, ai... lembramos que também poderíamos ser a comida de onça.

Quando chegamos próximo da margem, finalmente, focamos um jacaré. Depois ele afundou nas águas do rio e sumiu. O índio fez a inspeção do local e nós saímos da canoa, cuidadosamente. Detalhe, era ali mesmo que passaríamos a noite.

Deitamos nas redes e tentamos dormir. Foi muito tenso. Na verdade, foi impossível dormir. Antes do amanhecer, os bugios começaram a fazer um barulho ensurdecedor. Logo em seguida, os pássaros começaram a cantar. Um alívio! O amanhecer na floresta surgiu lindo. Fomos para o rio e ouvimos o bater de asas dos pássaros. A água parecia um espelho, de tão lisa. E refletia a mata. Foi uma sensação incrível. Estávamos em perfeita sintonia com aquela exuberante natureza.

Seguimos adiante, entrando mata adentro. No meio da floresta, tudo é intrigante. O som dos animais, o barulho das árvores que caem, a maciez do chão, por causa das folhas. A selva parece uma estufa. Ainda bem que tínhamos o nosso amigo índio para nos guiar, porque o GPS não funcionava. A única tecnologia que funcionava era o relógio da nossa câmera. E nem precisava, porque era só perguntar as horas que o índio prontamente respondia, quase que certeiramente. Pensamos até que o índio estivesse de sacanagem conosco. Que ele tivesse algum relógio escondido, mas não tinha.

E o ouvido era também um fenômeno. Ele sempre parava quando ouvia o som de um animal, ou para matar uma mosca chata que insistia em ficar rodeando. O tapa era certeiro e fatal. Caminhávamos em silêncio. Era preciso atenção. A selva abriga pássaros lindos, araras, jabutis, bicho preguiça, mas também abriga onças, porcos do mato, tamanduás, cobras, formigas venenosas, aranhas e muito mais.

Fomos aprendendo sobre as plantas medicinais. O “vick” que é bom para curar gripe, a “preciosa” cura a dor de estômago, o “pará” tem um leite que serve de alimento. Vimos

frutas como, o já conhecido açaí, a bacaba, o buriti, dentre outros. E aprendemos que o "tapuru", uma larva das palmeiras, era comestível.

A floresta também tem riachos, cachoeiras, é escura, mas, às vezes, nos brinda com raios de sol. Chove com frequência, tem neblina, muitas árvores caídas, areia, formigueiro e cupins enormes. Tem muita coisa estranha e, histórias arrepiantes.

O "espírito da floresta" está por ali, fogos azuis aparecem, chuva de folhas caem, a cobra grande, que juram existir... E, tudo isso, contado, obviamente, na escuridão da noite Na verdade, o cair da noite na selva é apavorante, na mesma proporção que o amanhecer é lindo.

Dormimos em redes, cada dia num lugar. As redes eram amarradas nas árvores, protegidos da chuva por folhas de palmeiras. Ouvimos dizer que as onças atacavam no pescoço. Supostamente, estávamos protegidos. Tínhamos um mosquiteiro, o que, para nós, impediria que a onça soubesse para qual lado estava a nossa cabeça. Somente os povos da floresta podem tirar o proveito do que ela oferece. Nós, dentro da selva, sozinhos, morreríamos. Somos presas fáceis de animais grandes e dos pequenos como as aranhas, cobras, escorpiões ou formigas.

O índio tinha o seu instinto apurado. Tinha o respeito e a prudência diante da selva e do rio. Mas, também tinha medo do boto, da cobra grande, de aproximar dos rios ao meio-dia e as seis da tarde... Depois desses dias, voltamos para onde começamos a nossa

caminhada, felizes e nos sentindo mais ricos pela chance e a coragem de enfrentar o novo e presenciar toda aquela beleza intrigante, que é a selva amazônica.

A comemoração dos 25 anos de casados não foi no Monte Roraima, junto aos cristais, como planejamos. Mas, foi de uma maneira inusitada. Do jeito que somos. Sempre curiosos, sempre buscando, sempre aprendendo e sempre diferente. Valeu a pena nosso delicioso e verdadeiro “programa de índio”.

Chapada Diamantina:
A estreia do Land Rover Defender 110

O sonho que virou realidade...

Sempre sonhamos. E o nosso sonho era viajar o mundo num veleiro. Um dia, conversando sobre esse sonho, tivemos um *insight*. Como bons mineiros, nunca tivemos intimidade com o mar. Seria preciso ter um veleiro, aprender a velejar e saber muito mais sobre o mar e navegação. Por isso, vimos que o nosso sonho estaria bem distante de se tornar realidade. Por outro lado, o Land Rover Defender sempre foi um sonho de consumo e o Helinho sempre gostou de dirigir.

O ano era 1995. O Brasil tinha liberado as importações de carros. Mas, onde encontrar o carro e quanto custaria? Morávamos em São Paulo e começamos a nossa busca. Depois de algum tempo, vimos um anúncio de uma Defender. Fomos ver o carro e decidimos, na mesma hora, ficar com ele. Estava com cinco mil quilômetros rodados. O dono do carro ia casar e a noiva mandou que ele escolhesse entre o carro ou ela. Nós ficamos com o carro. E ele ficou com ela. ☺

Pegamos todas as nossas economias e investimos na compra. Era o carro mais caro que tínhamos adquirido até então. Tentamos colocar alarme, mas ninguém sabia como fazer. A resposta era sempre a mesma: - *"pra que isso? Ninguém sabe que carro é esse. Ninguém vai roubar este carro"*. Mas, pelo sim, pelo não, tínhamos que protegê-lo. Era o nosso patrimônio e o nosso sonho que começava a ser realizado. Enfim, conseguimos com que uma empresa desenvolvesse uma trava para o carro. Ficamos mais tranquilos.

Era preciso entender um pouco mais daquele carro. E, tinham duas pessoas que conheciam bem o desempenho dele. O primeiro era um inglês, o Bob, que ensinou tudo sobre o carro e os seus limites. O segundo era um mecânico, o Domenico nosso amigo até hoje, que tinha feito uma viagem à Amazônia testando um Defender da própria fábrica inglesa. E foi por aí que começou a nossa rede de contatos Land Rover. Com o tempo, vieram outras pessoas e outros proprietários de Defender, inclusive um inglês que estava dando a volta ao mundo num Defender Série 1.

A partir daí, o nosso desejo de rodar o mundo de carro começou a se concretizar. Não tínhamos dinheiro para investir no carro, mas estávamos muito felizes porque era o começo da realização de um sonho.

A primeira expedição Off Road ...

Somente dois anos depois de comprar o carro, conseguimos fazer a nossa primeira viagem, ou seria a nossa primeira expedição? Seja como for, foi um *"off road"* para a Chapada Diamantina. Fizemos um levantamento das estradas vicinais. Queríamos descobrir novos caminhos, passar por lugares pouco trilhados e usar os caminhos por entre fazendas e natureza.

Saímos de São Paulo em direção a São José do Rio Preto, Uberaba e Belo Horizonte. De

Belo Horizonte seguimos para Montes Claros, Guanambi, já na Bahia. Chegamos a Brumado. Ficamos numa pousadinha que, de uma varanda do nosso quarto víamos um riacho bem bonito. Mas, os pernilongos infestaram o quarto. Abrir a porta e a janela tornou-se impossível.

Com fome e cansados, fomos procurar um restaurante por perto. Como não achamos nada, voltamos para a pousada e tentamos comer alguma coisa no bar ali mesmo. Mas, não foi possível. Tinha tanto mosquito que deixamos para lá. O jantar foi um pacote de biscoitos e refrigerante.

Na manhã seguinte, fomos nos informar como chegar a Andaraí. Aprendemos que a cidade foi habitada pelos índios Cariris e que, mais tarde, a busca por diamante e ouro fez do lugar um dos preferidos dos garimpeiros. Paramos também em Capão da Volta e em Rio de Contas.

Rio de Contas tem muitas histórias. Fica num altiplano, entre abismos de mais de mil metros de altitude. Dizem que essa foi a primeira cidade planejada do Brasil (1745) no apogeu do ouro. A sua arquitetura colonial estava preservada, as ruas eram largas e as praças amplas. Além de ser uma cidade histórica, tinha muitas atividades outdoor – cachoeiras, rios, vales, flora rica e exuberante. Os picos das Almas, o pico do Barbado e o pico do Itobira diziam ser os mais altos de todo o Nordeste do país.

Naquela época, não tínhamos acesso a GPS, mas tínhamos bons mapas. Ainda assim, nos perdíamos em meio a tantas trilhas e estradinhas. O jeito era torcer para encontrar alguém, no meio do nada, e perguntar. Com sorte, alguém indicava. Muitas das referências eram difíceis para nós. Um exemplo, foi quando disseram para seguir em frente até uma plantação de feijão. O problema era que não conhecíamos a bendita plantação de feijão.

Uma outra vez, nos deparamos com uma porteira, que dava na entrada de um casebre. Ficamos parados, analisando a situação. Apareceu uma pessoa e disse que era para passarmos. O caminho era ali mesmo. Às vezes, nos indicavam caminhos que eles faziam a pé, mas que era impossível passar de carro. Assim, fomos nos perdendo e nos achando, por estradinhas que cortavam canaviais, rios, plantações até que chegamos a Mucugê.

Essa cidade é conhecida pelo seu cemitério bizantino, que começou com uma epidemia de cólera na região. Por causa de um decreto em 1855 de que os mortos não podiam mais serem enterrados nas igrejas, como era comum na época, escolheram um espaço e construíram o cemitério que virou um ponto turístico local.

De Mucugê, continuamos até o Poço Encantado, um lago dentro de

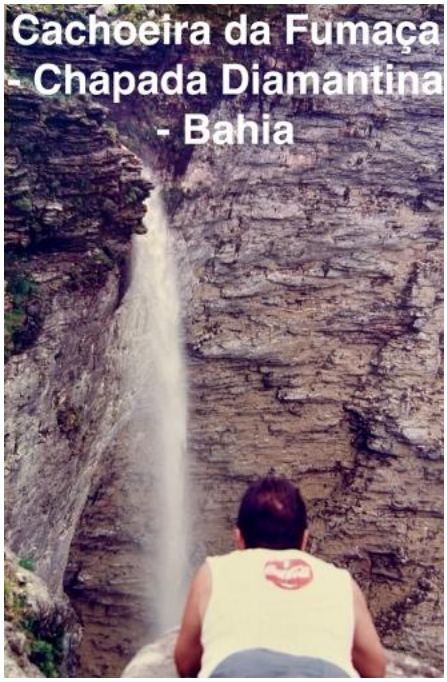
uma caverna e que, de acordo com a incidência da luz solar, a água fica azul. Esse foi um espetáculo lindo de ver! Mas, que era apenas uma das muitas atrações da Chapada Diamantina.

Água de geladeira e a Cachoeira da Fumaça…

Finalmente, chegamos a Lençóis. A cidade foi fundada em 1845. Ela foi fruto da riqueza mineral na região. Lençóis ainda preservava suas características arquitetônicas em estilo colonial. A Matriz Senhora dos Passos, construída em pedra, com paredes e portais lavrados, ainda conservava as imagens barrocas. Além disso, a pequena cidade tinha todo tipo de acomodação, de hotéis cinco estrelas a camping. Claro que a região, nos dias de hoje, tem muito mais infraestrutura do que naquela época.

Resolvemos sair para explorar o máximo possível, sozinhos. O Morro do Pai Inácio, Gruta da Lapa Doce, Fazenda da Pratinha, Poço do Diabo, Cachoeira do Mosquito, Cachoeira do Sossego, Ribeirão do Meio, Parque Municipal da Muritiba, Cachoeira da Fumaça, Cachoeira do Buracão e muito mais.

Na verdade, começamos pelo Morro do Pai Inácio. Ouvimos uma lenda que diz que na época do garimpo, o escravo Pai Inácio foi seduzido pela esposa de um dos coronéis do garimpo. Ele teve um caso com a bela portuguesa. O coronel soube do romance e, acompanhado de seus capangas, partiu em busca de vingança. Pai Inácio fugiu e se escondeu em cima de um grande chapadão, um morro de difícil acesso. Permaneceu mais de um mês escondido, até que foi descoberto pelo coronel e seus ferozes cães de guarda. Assustado, Pai Inácio pulou do morro com uma sombrinha nas mãos, uma lembrança da sua amada. Muitos dizem que ele morreu. Outros dizem que o escravo se escondeu numa pequena caverna. Depois de saber sua lenda a visita ao Morro do Pai Inácio ficou ainda mais interessante.



Fomos também conhecer a Cachoeira da Fumaça. Quando começamos a subir para a cachoeira, numa casinha bem na estrada vimos um menino de mais ou menos doze anos de idade. Ele perguntou se íamos até a cachoeira. Dissemos que sim e se ele queria ir conosco. Ele falou com o pai e chamou o primo da mesma idade, que nunca tinha ido até lá. Muito falante, o menino ia nos explicando cada detalhe da trilha. Disse que no final da subida, nós íamos tomar a "água de geladeira". Já ficamos imaginando vendedores com isopor cheio de gelo, vendendo água mineral a preços exorbitantes. Mas, no final da subida tinha uma fenda numa grande rocha. O menino desceu uns poucos metros e pegou água de uma nascente. A água estava realmente geladinha. Matamos a sede e seguimos.

A primeira parte da trilha era bem íngreme, mas aos poucos a visão panorâmica do lugar compensou o cansaço. Depois de uma hora de subida chegamos nos gerais, campos planos que abrigam uma flora riquíssima de bromélias, orquídeas e cactos. A partir dali a trilha ficou plana e com algumas áreas inundadas. A região era rica em plantas carnívoras e matas ciliares. Não vimos, mas dizem ser repletas de siriemas, perdizes, gaviões e até onças.

Finalmente, chegamos à Cachoeira da Fumaça. Com 380 metros de queda livre, ela é um espetáculo. No período de estiagem, de maio a setembro, a cachoeira fica com pouca água e o vento leva de volta as gotinhas formando a famosa "fumaça". O cânion, onde corre o rio, é cercado por uma densa mata Atlântica. Após uma grande curva, desce do alto da serra até o rio São José e Paraguaçu. Dizem que as gotinhas de água da cachoeira da Fumaça terminarão sua viagem na Bahia de Todos os Santos.

Caminhando de volta, o garoto explicava ao primo, a importância de não deixar lixo nas trilhas. Enquanto falava, guardava todo o lixo que achava pelo caminho – garrafas plásticas, tampas e pedacinho minúsculo de papéis. Ficamos surpresos com a consciência do menino. Ele disse que na sua escola ensinavam a importância da preservação ambiental e como reciclar o lixo. E o mais importante foi ver que todo aquele aprendizado estava sendo passado para frente. Esperamos que a escola tenha incentivado outras crianças, principalmente, com o aumento descontrolado do turismo na região.

Enfim, depois de alguns dias explorando a região seguimos nossa viagem. Nessa etapa, encontramos pontes de madeira derrubadas pela força dos rios, o que nos obrigou arriscar travessias por dentro dos rios. Quando não era possível, buscávamos um desvio. Foi

necessário usar tração nas quatro todas, reduzida, guincho, pás... O carro foi testado e aprovado... Satisfeitos deixamos o sertão e fomos curtir um pouco de praia.

Vamos a La Playa...

Da Chapada Diamantina fomos para Maceió, ainda buscando caminhos alternativos. Os buracos e a poeira castigavam o carro.

Já em Maceió, encontramos um grupo de pessoas do "Jeep Clube" da cidade. Nos juntamos a eles, para ir até a foz do rio pela praia. De repente, a maré começou a subir rapidamente. Pegamos uma areia fofa e o carro atolou feio. A preocupação era a água que chegava bem perto. Demoramos mais de uma hora para tirar o carro da areia. Até um grande coqueiro foi arrancado: Por sorte, num pequeno caminho que subia para uma falésia, e cruzava uma fazenda, conseguimos salvar o carro. Chegamos numa estrada.

O problema foi que, além da areia fofa da praia, os pneus não eram adequados para aquela situação. E o peso do carro dificultou muito para retirá-lo de lá. Ao contrário dos Jipes, que eram bem mais leves e com pneus apropriados para aquele tipo de terreno. Com isso, viramos chacota dos "jipeiros".

Depois de todo esse sufoco, fomos todos para uma cachoeira. Antes de chegar, tinha uma subida muito íngreme e com muitas pedras soltas. Um dos jipeiros nos aconselhou usar outro caminho. Mas, esse era o "nosso terreno". O carro mostrou toda a sua força e elegância. Enquanto isso, os "jipeiros" que arriscaram a subir, jogavam pedras para todo lado... E ainda, tivemos que rebocá-los. Saímos de lá de alma lavada!

Passado o sufoco de quase perder o carro na praia, continuamos a nossa viagem pela Praia do Francês, Barra de São Miguel, Ponta Verde e muitas outras praias... Cruzamos o Rio São Francisco, na divisa de Sergipe e Bahia, e seguimos a Rodovia do Sol.

Na praia de Costa Azul, entramos em direção a Mangue Seco. Foram quase 80 km, numa praia, desta vez, de areia batida. Aproveitamos a tranquilidade do lugar e, depois, fomos para a Praia do Forte, Subaíma, Itacimirim.

Seguimos também para Itacaré e para Ilhéus. A estrada estava em construção e com muita lama. Demoramos muito nesse trajeto, não pelo nosso carro, mas porque socorremos e rebocamos vários carros atolados.

Por fim, as nossas últimas paradas foram Porto Seguro e Caraíva, por estradas bem precárias. Caraíva ainda não era famosa e uma pousadinha recém-construída antes de cruzar o rio, nos chamou atenção. Era tão legal e novinha que resolvemos ficar por ali mesmo. Como não tinha nada desse lado do rio, resolvemos atravessar para jantarmos. Ainda não existia nenhuma balsa para cruzar, mas tinha a canoa do Antônio. Pedimos para nos atravessar e ele disse que para voltar era só gritar o nome dele, que ele nos buscaria. Ficamos tranquilos. Jantamos, passeamos e na hora de voltar quase perdemos a voz de tanto gritar o tal de Antônio. Já não sabíamos mais o que fazer. Foi quando vimos uma movimentação, um corre-corre e nos aproximamos. Um menino tinha se queimado e uma canoa ia atravessá-lo para ser socorrido no hospital. Foi aí, que conseguimos uma carona de volta. Chegando do outro lado da margem vimos o Antônio escornado. Estava apagado de bêbado dentro da canoa.

Era hora de voltar para casa. Foi exatamente como gostaríamos. E, ainda com a poeira da estrada no carro e no corpo, já sentíamos saudades. Ganhamos um pouco de experiência. Então, era hora de preparar para uma próxima expedição.

Uma expedição ao fim do mundo:
Tierra del Fuego

Encontrando os novos amigos...

O ano de 1999 foi, particularmente, nervoso. No meio da excitação do "Bug do Milênio", muitas pessoas procuravam lugares exóticos ou místicos para passar o réveillon. Nós, queríamos viajar, mas as pousadas e hotéis estavam cheios, ou com preços exorbitantes. Passagens de avião estavam fora de questão. Foi aí, que o Neco *(in memoriam)*, amigo gaúcho, enviou um e-mail que dizia: *"para vocês que gostam de programa de índio, está aí uma boa oportunidade".*

Mal sabia ele que aceitaríamos a ideia na hora. Bem, um outro gaúcho de Porto Alegre, Ricardo Möeller, estava preparando uma expedição até Ushuaia, exatamente para passar o réveillon no "fim do mundo". Entramos em contato e ficamos entusiasmados com a ideia.

Nunca tínhamos viajado com tanta gente. E a expedição seria composta por mais de uma dezena de carros. Alguns do Sul, outros de São Paulo, da Bahia, do Rio de Janeiro. Começamos a manter contato, trocar informações, combinar como seria a expedição, tudo pela internet. Enfim, o encontro inicial seria na praia de Atlântida (RS), no dia 23 de dezembro. E a partida, dia 24, de Porto Alegre.

Saímos de São Paulo no dia 22, em direção a Lajes (SC), onde passaríamos a noite e encontraríamos algumas pessoas que, também, seguiriam para Atlântida. No caminho, um probleminha com uma reação alérgica.

Com uma receita do médico homeopata em mãos, o remédio foi manipulado e administrado. Mas, no meio da noite tivemos que correr para um posto de saúde. O problema agravou e a Vera quase teve um fechamento de glote. Após tomar uma bomba injetável de adrenalina, antialérgico, corticoide e sabe-se lá mais o que, o pior passou. Ao amanhecer o inchaço da língua diminuiu, apesar do queixo ainda estar um pouco inchado, mas seguimos para Atlântida. Era hora de conhecer os novos amigos.

Participamos do jantar de boas-vindas, ficamos conversando e o grupo voltou para Porto Alegre. Resolvemos ficar hospedados por ali. Estávamos muito cansados da viagem e da noite mal dormida. No dia seguinte, seguimos para Porto Alegre, de onde partiríamos em comboio rumo ao sul.

Era véspera de Natal e todos estavam excitadas com a viagem. Partimos, num calor insuportável para Santana do Livramento/Rivera, bem na fronteira com Uruguai.

O que divide os dois países, Brasil e Uruguai, é uma avenida. De um lado Santana do Livramento (Brasil). Do outro lado Rivera (Uruguai). Com isso, alguns carros circulam para lá e para cá, sem fazer aduana e imigração. Mas, quando a polícia aborda o motorista para verificação da documentação, e descobre que está ilegal, o preço da multa é alto. Costumam cobrar

“propinas” e pagamento das taxas para regularizar o veículo. Por isso, resolvemos adiantar os trâmites de fronteira, para evitar problemas no dia seguinte.

Depois, com muita dificuldade, o grupo achou um restaurante que se dispôs a fazer um “arroz de carreteiro” e celebramos o Natal. Foi uma noite agradável, descontraída e serviu para estreitar as amizades.

A ideia era atravessar o Uruguai e dormir em Azul, já na Argentina. Tudo pronto, carros abastecidos, comboio formado e partimos. À frente, o Ricardo, que organizou a expedição, testava uma Nissan Frontier. No final, ia um Toyota, que era o “Fecha Porteira”. Ele era responsável por sempre, em qualquer situação, fechar o comboio. Estávamos todos equipados com rádio. Como os carros eram de marcas e desempenho diferentes, o rádio era uma maneira de comunicação bem eficiente. Todos estavam sempre à vista um do outro, para socorrer em qualquer emergência. Quando entrávamos em alguma cidade, ou entroncamento, só fazíamos a conversão se o carro que vinha atrás estivesse no “visual”. Assim, evitávamos que o comboio se dispersasse ou alguém se perdesse.

No Uruguai era obrigatório o uso de farol baixo durante o dia. O motorista de um dos carros distraiu e ligou o farol auxiliar. Não deu outra, foi parado pelo policial que pediu a documentação do carro e do motorista. Ele guardou os documentos no bolso e deu a “mordida” de 60 dólares (isso mesmo, dólares). Só devolveu os documentos depois do pagamento. A partir desse momento, resolvemos andar mais próximos ainda, e avisar pelo rádio, sempre que alguém fosse parado por algum policial. Com outros carros por perto seria mais difícil o pedido de contribuição extraoficial dos homens da lei. Da lei?!?! ☹

Um longo caminho até o “Fim do Mundo”

Nossa chegada na pequena cidade de Azul, na Argentina, foi muito engraçada. Cruzamos todo o centro da cidade para chegar ao camping. Como era Natal, as ruas e praças estavam movimentadas. A passagem do comboio, com todos os carros adesivados, chamou muita atenção e despertou a curiosidade dos moradores. Fomos seguidos por motos, pessoas correndo ao nosso lado. Eles queriam saber se era algum tipo de competição ou ação, provavelmente de Natal. A correria atrás dos carros só dissipou quando chegamos ao camping da cidade.

Como escurecia por volta das onze da noite, dirigíamos por muito tempo. Foram aproximadamente mil quilômetros, durante todos os sete dias, nos quase cinco mil quilômetros de Porto Alegre a Ushuaia. Com isso, quando chegávamos ao camping, era um banho, uma comida rápida e dormir, mortos de cansaços. Isso porque, apesar de acordarmos sempre muito cedo, até todos os carros estarem prontos para saírem demorava muito.

Foi uma rotina dura. Seguimos para Bahia Blanca, Puerto Madryn, fomos conhecer as pingüineiras, com os mais de quatrocentos mil pinguins, na Península Valdez e Punta Tombo, onde milhares de pinguins vão acasalar, nessa época do ano. Os machos fazem suas tocas e as fêmeas escolhem os seus parceiros. Vimos também os leões marinhos. Só não vimos as Orcas e os golfinhos.

Na volta para o camping, um susto! Um dos carros, um Land Rover Defender 90, capotou. Os seus dois ocupantes saíram ilesos, mas o susto foi muito grande. O teto do carro ficou completamente destruído. O carro foi desvirado e levado para um lugar abrigado. Depois foi transportado para São Paulo e o casal teve que voltar para a casa. Aquele foi o

último dia para eles. Para não deixar o astral baixar, os gaúchos resolveram fazer o que sabem fazer bem, um churrasco. Afinal, o carro acabou, mas, felizmente, as consequências não foram as piores.

Depois do susto do dia anterior, conhecemos um pouco mais da região e seguimos em direção à Comodoro Rivadávia, já entrando no deserto da Patagônia.

O vento era muito forte e constante. Chegava a desestabilizar o carro. Se alguém precisasse de fazer um xixi na estrada era impossível, por causa do vento. A não ser que não se importasse de se molhar todo. De Comodoro Rivadávia fomos para Rio Gallegos, já bem mais próximo de Ushuaia.

Ali, entramos no Chile. Tínhamos que cruzar, de ferryboat, o Estreito de Magalhães. Só para lembrar, esse estreito é uma passagem natural entre os oceanos Atlântico e Pacífico. Depois da travessia, voltamos para a Argentina. Foi um pouco tenso dirigir ao lado de um campo minado, resquício ainda de "entreveros" entre Argentina e o Chile. Dali seguimos para Rio Grande e aceleramos para chegar ao nosso destino.

A ansiedade e emoção aumentava a cada quilômetro. O clima dava mostras da proximidade do "Fim do Mundo". Alguns pontos da estrada tinham gelo no acostamento, as nuvens pesadas cobriam o céu e o vento frio e cortante impedia o bom desempenho do carro. Finalmente, quando avistamos a cidade, Cosme Kim, um coreano que estava na expedição, gritou pelo rádio: "*Quadrabunda*". Esta foi a forma que ele encontrou para dizer que era um alívio chegar. Afinal, estávamos todos de "bunda quadrada". E, esse foi o carinhoso

nome que nossa expedição foi batizada. E alguns de nós, que somos amigos até hoje, nos tratamos por “quadrabundas”.

Finalmente, por volta das onze da noite do dia 30 de dezembro entramos em Ushuaia. Depois daqueles sete cansativos dias, dirigindo cerca dos 5 mil km e dormindo pouco concluímos que estávamos a 6.500km da nossa casa.

E esse também foi o primeiro dia, desde que saímos de Porto Alegre, que pudemos armar acampamento com calma, comemorarmos e descansar, sem a preocupação de ter que acordar cedo e “bater arranque”. Já estávamos em Ushuaia, no “Fim do Mundo”.

A falsa virada do século sem o “Bug do Milênio”

Acordamos sem pressa, no nosso primeiro dia em Ushuaia. Fomos conhecer a cidade. Andamos pelo centro comercial e fomos ao supermercado. Tínhamos que abastecer a nossa dispensa. E, também, preparar a nossa festa de réveillon. Aproveitamos para abastecer o carro e fazer umas pequenas manutenções como, troca de óleo e filtros.

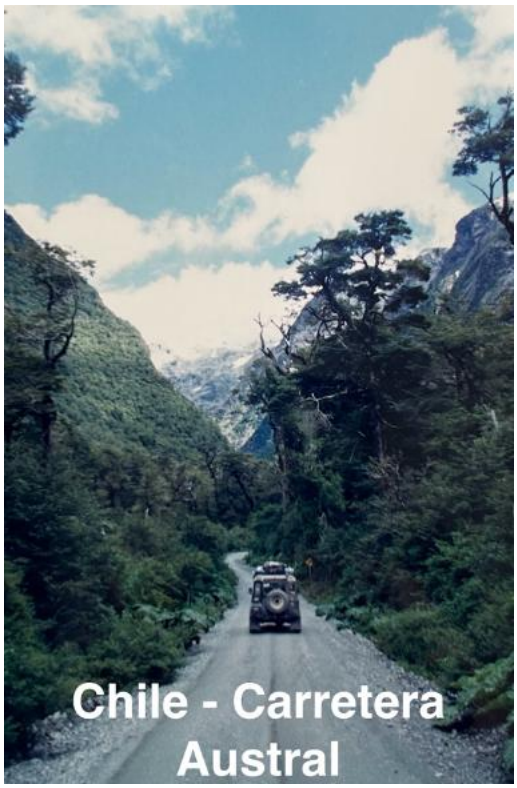
Ushuaia, é uma cidade pequena, mas muito charmosa. Os prédios coloridos, têm, na sua arquitetura, influência inglesa. A cidade nasceu a partir de um presídio. Dizem que os presos, transferidos para aquele lugar, foram obrigados a ajudar na sua construção. Com o passar do tempo, algumas das famílias dos presidiários, como forma de facilitar a visitação, mudaram para cidade. Para sobreviverem, iniciaram um pequeno comércio. E assim, a cidade foi crescendo. Depois de cumprirem as suas penas, alguns presos, principalmente os presos políticos, decidiram permanecer em Ushuaia.

No final da tarde, nós voltamos para o camping, encontramos os amigos e, também, um outro comboio de brasileiros. E ali juntos, comemoramos o réveillon, com muita festa, brindes, abraços e promessas. À meia noite, fomos ao ponto mais alto da cidade, para ver a queima de fogos e saudar a entrada do Ano Novo, o ano 2000.

As comemorações não acabaram tão cedo. Por três dias curtimos a cidade e a região. Fomos até o Lago Lapataia, último pedaço de terra firme do nosso continente antes da Antártica. Subimos a montanha gelada Glaciar Martial, visitamos o canal de Beagle, foco de atrito entre argentinos e chilenos, visitamos o Museu Marítimo, o Presídio do Fim do Mundo e vimos os estragos que os castores estavam fazendo às árvores da região, naquela época.

Os castores tinham sido importados como forma de tentar um equilíbrio ecológico. Mas, descobriram depois, que eles não tinham predadores naturais. Eles se reproduziram sem controle e o resultado foi um grande desequilíbrio na região. Algumas áreas devastadas, por esses roedores, pareciam campos abandonados de alguma serraria clandestina.

Depois de muitos passeios e descanso, o carro em ordem, era hora de deixar a *"Ciudad del Fin del Mundo"*, em direção norte. Voltamos até Rio Gallegos e cruzamos, novamente, o Estreito de Magalhães, entrando e saindo do Chile. Passamos, de novo, ao lado do campo minado. Dali seguimos até Cerro Castillo e depois Torres del Paine, ambos na Patagônia chilena.



Estávamos entrando na Carretera Austral. A Carretera Austral era uma estrada de *rípio*, que eram pedras redondas e lisas formando um trilho, o que tornava a viagem muito perigosa. O problema era que estas pedras, por serem muito lisas, escorregavam demais. Quando o carro saía fora desse trilho existia um sério risco de capotamento. Por outro lado, não adiantava dirigir devagar. A estrada tinha muitas "costeletas" e quanto mais devagar mais o carro pulava. Era preciso cuidado e experiência.

Quanto mais nos dirigíamos rumo ao norte mais a paisagem mudava. Estávamos no meio dos Andes, com uma floresta exuberante. Muitas vezes, ziguezagueamos entre o Chile e Argentina.

Enfim, as aventuras continuavam. Chegamos em Torres del Paine, conhecida pelas altas montanhas, pelos icebergs azuis e pelas pradarias. As três torres de granito e os picos em formato de chifre, *Cuernos del Paine*, são uma de suas atrações.

Assim, rodamos estradas de *rípio,* também pela Ruta 40, numa reta monótona com restos de carros batidos e capotados que chamava a nossa atenção para os perigos daquele deserto. Cruzamos uma ponte que começava e terminava no meio do rio. E a expedição não

parou, seguimos em Comboio, nos conhecendo, divertindo e sempre querendo cada vez mais acelerar...

Um rafting perfeito...

Nossa próxima parada foi em El Calafate. É lá que fica o Parque Nacional *Los Glaciares*, e a fantástica geleira *Perito Moreno*, que impressiona pelas suas dimensões. De longe avistamos a parede de gelo azul. É possível caminhar no glaciar usando botas com solas especiais de prego e observar de dentro a sua imensidão. Ou, se preferir, pode observar de frente e esperar que despregue grandes pedaços da geleira, pesando toneladas, fazendo um barulho estrondoso e provocando grandes ondas. É uma visão sensacional. É umas das maravilhas do mundo. De lá, cumprimos mais uma etapa até *El Chaltén*. O vento era muito forte e acampar não foi

tarefa fácil. Algumas barracas ficaram danificadas, embora fossem preparadas para climas hostis. Fizemos uma caminhada até a base do *Fitz Roy*. Subir a montanha requer técnica e experiência porque, apesar de não ser muito alta (3.375 mts), em comparação a outras montanhas, o clima é traiçoeiro, o que já custou muitas vidas de alpinistas. Mas, é, acima de tudo, uma montanha linda. Ficamos admirando por algum tempo e retornamos. Também conhecemos o *Lago del Desierto*, que mais parecia uma pintura. Depois, seguimos cruzando, várias vezes, as fronteiras entre Argentina e Chile, passando por Coihaique até chegar a Vila Amengual, uma cidadezinha de cento e poucos habitantes, perdida bem no meio dos Andes.

As casinhas de madeiras, coloridas por hortênsias faziam dali um cenário acolhedor. Pedimos permissão para acampar num campinho de futebol. Os moradores, gentilmente, ofereceram suas casas para usarmos o banheiro. Era um povo muito educado e solícito. À noite, sentados, bebendo um vinho, chegamos à conclusão de que nós já não éramos mais somente um grupo de pessoas que viajavam juntos. Éramos mais que um grupo de amigos, éramos uma família.

No dia seguinte, fomos para Futaleufu, uma cidade com uma boa estrutura de hotéis, camping e restaurantes. Ali, nos dividimos. Algumas pessoas, inclusive nós, decidiram ficar na cidade para fazer um *rafting*. Outras pessoas, decidiram seguir adiante até Bariloche.

Não nos arrependemos. Assinamos um termo de responsabilidade, porque o trajeto do rio era grau 3-4 de dificuldade. Já tínhamos alguma experiência em *rafting*. Por isso, não nos preocupamos e seguimos rio abaixo.

O céu era de uma cor azul lindíssima. O cenário, dentro daquele rio, era deslumbrante. A agitação das águas e o seu barulho, causado pelas fortes correntezas, contrastavam com as águas calmas, que vinham depois. Observávamos o que tinha em volta, pedras altíssimas, que protegiam aquele pedaço de paraíso. E, um silêncio, que nos permitia ouvir os nossos próprios pensamentos. Indescritível! Foi uma sensação tão boa que desejamos que aquela aventura nunca tivesse acabado...

E, assim, começou a nossa Expedição Alaska 2001...

Saímos de Futaleufu e nos juntamos ao restante do grupo em Bariloche. Mas, não sem antes passar pela Villa La Angostura, uma das mais belas aldeias da Patagônia Argentina. Villa La Angostura está rodeada de lagos, montanhas, vales e bosques, numa natureza exuberante.

A saída de Bariloche nos deixou impressionados, com tanta beleza. E, de lá, seguimos em direção ao Vulcão Osorno, na região dos Lagos Andinos, já no Chile. Mas, antes, paramos em Puerto Montt e Puerto Varas. Aproveitamos para comprar muitas frutas e salmão defumado, antes de seguirmos para um acampamento, aos pés do vulcão.

No dia que chegamos, as nuvens estavam baixas, o que impedia a visão que tanto queríamos. Estávamos torcendo para o dia seguinte ser de tempo bom. À noite, fizemos uma autêntica “Festa de Babete”, com comida e bebida à vontade. Cada um quis mostrar os dotes culinários. O Helinho já tinha feito uma deliciosa galinhada no réveillon. Agora era hora de provar as delícias que viriam.

Como estava muito frio, a lareira acesa exalava um forte cheiro de fumaça. Como não conseguimos dormir com aquele cheiro, decidimos dormir no carro. Pela manhã, quase enfartamos de susto. Fomos acordados com todos correndo para fora da casa, agitados. Pensamos que o vulcão estivesse entrado em erupção, já que ele ainda é ativo. Custamos a entender. O tempo estava totalmente aberto, lindo, e tínhamos que ser rápidos para subir, antes que mudasse.

A neve no alto do vulcão brilhava ao sol. Saímos, rapidamente. Fomos de carro até um certo ponto, mas o terreno era poroso, com pedras soltas, o que quase nos causou um acidente. O carro escorregou e por pouco não tombou. Estacionamos e subimos.

O Vulcão Osorno é muito conhecido pelos alpinistas, inclusive pela semelhança com o Monte Fuji, na ilha Honshu, no Japão. Enquanto subíamos, víamos as cruzes colocadas em homenagem aos alpinistas que morreram tentando escalar a montanha no inverno. Existem muitas fendas e com a neve elas ficam cobertas.

De repente, o tempo mudou e uma neblina densa aproximou-se. Perdemos o caminho de volta. Foi preciso que os amigos que estavam na base buzinassem para nos guiar de volta. Não sabemos de quem foi a ideia, mas graças a Deus conseguimos nos orientar e retornar sãos e salvos.

A partir dali, estava na hora de pegar o caminho de volta para a casa. Voltamos para a Villa La Angostura e Bariloche. Depois aceleramos em direção ao Brasil. Fomos direto para

o Uruguai, cruzamos a fronteira com a Argentina e, finalmente, estávamos em Santana do Livramento.

Fomos recebidos com festa na praia de Atlântida, uma vez mais. E, de lá retornamos para São Paulo, depois de 15.000km. Estávamos felizes e prontos para seguir o que preconizamos enquanto estávamos em Ushuaia: “Agora que conhecemos o ‘Fim do Mundo’, precisamos conhecer o ‘Topo do Mundo’. Vamos para o Alaska!”

Avisamos aos amigos. Mas, ninguém deu a menor atenção ao que dissemos, naquele instante. Mas, nós levamos a sério. No ano seguinte, partimos, numa nova expedição, em direção ao Alaska. E, assim, começou a nossa Expedição Alaska 2001...

Chile - Vila Amengual

Argentina - Canal de Beagle

Argentina - Girassóis

Girando o nosso radar para a Istambul, Capadócia, Praga, Berlim e Amsterdam

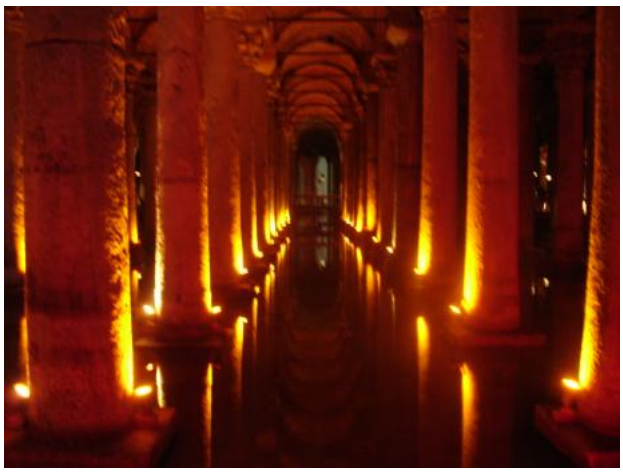
Voar, voar ...

Era 2012 e decidimos conhecer a Turquia. O nosso destino era Istambul e a Capadócia. Mas, resolvemos também passar por Praga e retornar a Amsterdam.

Voamos primeiro para Roma. Nossa estadia era de apenas um dia. Seria ótimo revisitar a cidade, enquanto esperávamos nosso voo para Istambul a noite. Nosso desejo foi frustrado por uma chuva forte, que nos impediu de sair do aeroporto. Com isso, o tempo de espera para o próximo embarque foi bem cansativo.

A noite partimos para Istambul. Chegamos as duas da manhã e nos deparamos com um aeroporto enorme e ainda muito movimentado. O hotel tinha um traslado e o motorista era muito simpático. Ficamos em *Sultanahmet,* onde estavam os maiores pontos de interesse. Antes de chegar ao hotel, deparamos com uma cena incrível e para nunca mais esquecer. A Mesquita Azul estava toda iluminada e as aves faziam um verdadeiro balé e algazarra. Pedimos para o motorista parar o carro e ficamos contemplando aquela maravilha.

No dia seguinte, começamos a nossa andança por Istambul. E, claro, que a Mesquita Azul foi a primeira a ser visitada. Construída no século XVII tem uma arquitetura espetacular, tanto por fora quanto por dentro.



A Cisterna da Basílica é outro lugar maravilhoso. Na verdade, é bem enigmático. As colunas de mármore, os entalhes na forma de Medusa, a iluminação, a lâmina d'água, tudo impressionou. *Hagia Sophia* foi outro ponto alto. Considerada um dos Patrimônios da Humanidade, esse edifício que foi tanto mesquita quanto uma basílica é fantástico.

E os dias que se seguiram foram igualmente cheios. No Palácio de *Topkapi* ficamos quase o dia todo. É enorme! Os ambientes com os salões, o harém, a biblioteca e os tesouros são indescritíveis.

O *Grand Bazaar* é uma mistura de cultura, aromas, odores e um pouco de magia. De longe os vendedores já imaginam a nacionalidade dos turistas. Conosco, vieram falar qualquer coisa em português. Como sabiam? Não sabemos, mas a estratégia, às vezes, funciona. Paramos numa das bancas que vendia aquelas luminárias coloridas. O vendedor, bem pegajoso, segurou no ombro da Vera para subir numa pequena luminária e mostrar que eram autênticas e resistentes. Além de tudo, são bem espertinhos. ☺

Cruzar o Bósforo para o outro lado foi bem interessante também. O Bósforo separa a Turquia nos dois continentes, Ásia e Europa. No final, são duas metades, iguais nos costumes.

É interessante a sensação do limite. Uma linha imaginária que diz muito na história. *Kadikoy*, o bairro do lado asiático, bem descontraído, tem também mercados, artesanatos, opções gastronômicas e perto encontra-se *Moda*, que como o nome indica, é onde estão os ateliês e as baladas.

Istambul não é somente uma cidade histórica antiga. Tem uma outra parte que combina o moderno, lojas de grifes famosas, cafés e restaurantes. Na rua *Istiklal*, onde também passa um bondinho, e na praça *Taksin* encontramos tudo isso. Além disso, o hipódromo romano e obelisco, o *Spice Bazaar, Yasi Mosque,* a *Galata Bridge* e a *Galata Tower*, a cerimonia dos Dervixes Rodopiantes, os banhos turcos, a estação ferroviária de *Sirkeci*, do famoso filme "Assassinato no Expresso Oriente", merecem ser explorados.

A Turquia nos conquistou e surpreendeu. Fomos também para Göreme, na Capadócia. A cidadezinha era bem charmosa, colorida e com as casas de pedras. Existem vários hotéis caverna. As atrações principais são as formações rochosas em forma de chaminés, as "chaminés das fadas" como são conhecidas e os voos de balão. Na verdade, a região é um verdadeiro museu a céu aberto.

Não poderíamos deixar de ver toda esta maravilha de cima. Por isso, ainda estava escuro quando uma van nos buscou

no hotel. Enquanto preparavam o balão para o sobrevoo, serviram um café da manhã. Mais ou menos às 6h o nosso balão levantou o voo tão de mansinho, que parecia uma pena no céu. De repente, o céu ficou todo colorido com os outros balões. O voo durou cerca de uma hora. Às vezes, voávamos tão baixo, entre os vales, que parecia que não subiríamos mais. E, de repente, estávamos muito alto de novo. A paisagem era incrível e o voo in-des-cri-tí-vel.

O piloto era um português, o João Rodrigues, muito divertido. No final, o balão pousou numa carretinha, tão mansinho quanto levantou voo. Descemos e comemoramos com champagne, uma tradição de boas-vindas. Recebemos um certificado, com foto para guardarmos de recordação. Mas, recordação mesmo foi o que vivenciamos naquele dia.

Aproveitamos os outros dias para visitar a região. Fomos a *Derinkuyu*, que tem uma das maiores cidades subterrâneas encontradas na Turquia. É uma cidade subterrânea suficientemente grande para abrigar vinte mil pessoas, gados e alimentos. Foi um pouco claustrofóbico, mas valeu a pena. Fomos também a *Nevşehir, Ürgüp, Uçhisar* e seu castelo na maior "chaminé das fadas" da Capadócia. Nessa montanha de pedras o castelo construído pelos romanos nos séculos XII e XIII abriga várias câmaras, casas, depósitos, cisternas, adegas e tumbas. Depois disso, voltamos para Istambul. Foi um retorno bem dramático. Pensamos que seriam os últimos minutos das nossas vidas.

O aeroporto fica distante. Pegamos um ônibus e o céu estava carregado de nuvens que anunciavam uma grande tempestade. Quanto mais nos aproximávamos do aeroporto o céu ficava mais escuro. O único avião do dia atrasou. Chegou em meio a raios e trovoadas. Pensamos até que o voo seria cancelado. Mas, o que aconteceu foi o contrário. O embarque foi acelerado para partirmos antes que o pior acontecesse. Fomos embarcados e, naquele momento, jurávamos que não sairíamos daquele lugar. Olhando para o final da pista, o que víamos era apenas um buraco nas nuvens espessas e escuras. O avião preparou para a decolagem e o passageiro da frente começou a filmar os raios que desciam. Nós, nem pensamos em filmar o que pensamos ser os nossos últimos minutos. O avião decolou, passou por aquele único buraco nas nuvens e sequer balançou. Parecia que estávamos entrando em

outro mundo. O céu azul nos fez pensar, “foi um milagre ou morremos?” Felizmente, estávamos bem vivos para contar essa história.

Ficamos mais uns dias em Istambul. Depois, sem traumas de avião, desembarcamos em Praga.

Perdidos e achados... em Praga e em Berlim... e comemoração em Amsterdam

Em Praga nos perdemos e nos achamos muitas vezes. Mas, o primeiro lugar que foi um achado na cidade foi a feirinha da *Namesti Republika*. Ficamos hospedados bem perto, então foi fácil. Experimentamos a cerveja *Budweiser*, mas não aquela americana que conhecemos. Experimentamos a *Budweiser Czechvár*, produzida e consumida desde o século XVI na corte do rei. Por isso, foi apelidada de *“beer of kings”.*

Andamos em toda cidade para conhecer os lugares mais famosos. Assim, conhecemos o monumento de *Jan Hus*, a igreja de São Nicolau, a igreja de Nossa Senhora de *Týn* e a *Stone Bell House*, uma das casas mais antigas de Praga e que tem um sino pendurado na parede externa.

Visitamos *Obecní dům*, que é a Câmara Municipal que abriga o *Smetana Hall*, onde são exibidos importantes concertos musicais. O *Orloj* é um relógio astronômico que faz a festa

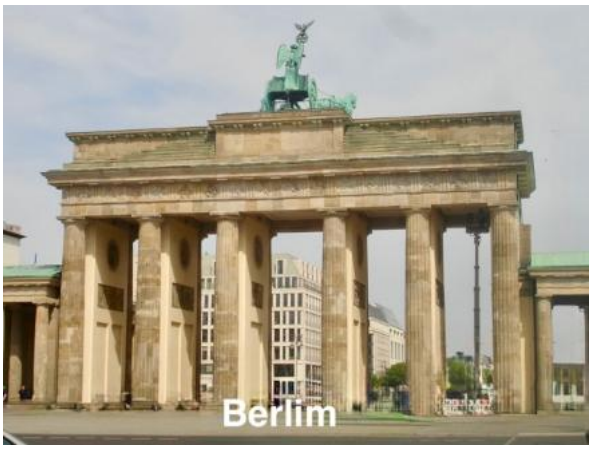
dos inúmeros turistas da cidade. O espetáculo é conhecido como a "caminhada dos apóstolos". Isso porque, os doze apóstolos de Jesus, que estão na fachada da Torre do Relógio, aparecem a cada hora, de ambos os lados da torre. Parece que estão caminhando, daí o nome. O *Old Town Hall* pode ser visitado, assim como a Torre da Pólvora.

Numa dessas perdidas pela cidade, atravessamos a Ponte Carlos, um dos cartões postais de Praga. A ponte é uma obra suntuosa e com muitos turistas. Ela liga a cidade antiga ao bairro do outro lado do Rio Moldava, o *Malá Strana*. Subimos até o *Petrin Park* e vimos a sua torre, uma espécie de Torre Eiffel bem menor. Ainda nessa peregrinação, visitamos a igreja do Menino Jesus, que aqui ficou conhecido como o "Menino Jesus de Praga". Nos emocionamos quando vimos uma imagem de Nossa Senhora Aparecida, doada por um bispo brasileiro.

Praga é uma cidade para caminhar e conhecer os seus encantos em cada canto. Passamos pela rua das Embaixadas, entramos no Castelo, que segundo o *Guinness Book* era o maior do mundo. O seu interior abriga muitas atrações como igrejas, jardins, restaurantes, biblioteca e uma bela vista da cidade.

Museus, Sinagogas, catedrais, igrejas, o Mosteiro *Strahov*, a Casa Dançante, interessante construção que une o antigo e o moderno, o Monumento Cabeça de Franz Kafka, o Museu na Praça Wenceslau, a rua mais chique de Praga, a *Nerudova*. Enfim, para conhecer a cidade foi preciso caminhar muito, achando lugares incríveis e nos perdendo, como aconteceu algumas vezes no centro antigo. A cidade medieval com ruelas, becos e construções altas não nos deixa nenhum ponto de orientação. Por isso, é fácil ficar perdido.

Depois de conhecer Praga, pegamos um trem para Berlim. Em outras épocas conhecemos algumas cidades na Alemanha, mas não Berlim. Então, "pernas, para que te quero"? Para caminhar e conhecer a cidade.



Berlim é uma cidade para ser desfrutada durante o dia e a noite, mas como somos do dia não perdemos tempo. Chegamos e nos instalamos num B&B muito simpático, num ótimo local residencial, bem perto da *Kurfürstendamm*, uma das mais famosas ruas da cidade com muitos restaurantes e lojas de grife. Foi um importante centro comercial do lado ocidental na época em que a cidade ainda era dividia pelo muro. Foi dali que começamos a nossa visita.

Berlim tem muitos pontos de interesse e o primeiro que visitamos foi a Victory Column, que oferece uma vista linda. Depois seguimos para o Portão de *Brandenburg*, Museu e Catedral de Berlim, a Casa de Cultura e a Torre 360 graus, com a vista dos prédios e monumentos históricos.

Ainda tinha muita coisa a ser vista, como a *Potsdamer Platz*, a Topografia do Terror, que mostra os horrores praticados pelos nazistas. Muito chocante! Dali, mergulhamos na história. Passamos no *Checkpoint Charlie*, o posto militar na fronteira entre Berlim Ocidental e Oriental durante a Guerra Fria, e nos perdemos pelo lado Oriental.

Caminhamos pela *Karl-Marx-Allee*, que é uma monumental avenida socialista construída pela RDA entre 1952 e 1960. Observamos os edifícios com muitas moradias, tal e qual vemos nos filmes da época. Vimos a estátua de Stalin e nos deparamos com uma placa que homenageava o nosso legendário arquiteto Oscar Niemeyer, que participou da reconstrução de Berlim junto com outros renomados arquitetos.

Berlim comporta ainda muitos lugares históricos como o *Reichstag*, que é o Parlamento, *Alexander Platz, Mauerpark* e outros. Mas, foi o Memorial do Holocausto que nos deixou a pensar sobre o lado negro da história dos alemães. É um quarteirão inteiro com 2700 blocos de concreto, diferentes inclinações e tamanhos, dando movimento ao complexo e que representa os judeus, vítimas do holocausto. E assim, com alguns dias e muitas andanças nos despedimos de Berlim e fomos de trem para, mais uma vez, aproveitar a bela cidade de Amsterdam.

Seriam apenas quatro dias. Mas, tinha um motivo especial, comemorar o aniversário da Vera. Revisitamos lugares já conhecidos, vimos um show em praça pública, que até a música do Michel Teló "Ai se eu te pego" foi cantada num português claro. Bebemos cerveja no nosso bar preferido, o *Nasty*. E, finalizamos o dia sentados em frente o hotel, ao lado do canal, tomando vinho. Nada teria sido melhor do que isso. Ver os barcos pra lá e pra cá. Turma de amigos bebendo, casais de namorados e música. O clima era de festa e foi ótimo para ficar até a madrugada.

Nos dias que se seguiram, foram somente de desfrute pela cidade. Flanamos e acreditem, mesmo conhecendo Amsterdam muito bem, nos perdemos pelos becos, canais, ruas e parques... Vimos um outro lado que nunca tínhamos estado e nos achamos na cidade que nos apaixonamos desde a primeira vez que lá estivemos ...

Balcãs
Eslovênia – Croácia – Montenegro - Bósnia

A preparação… A viagem…

Ficamos pensando na distância que já viajamos a pé. Chegamos à conclusão que já caminhamos o equivalente, em linha reta, a distância entre Belo Horizonte/Chicago(US) ou Belo Horizonte/ Barcelona(Espanha). Ou seja, mais de 8.000 km. 👀

É de impressionar? Sim. Mas, não é por quilometragem que escolhemos os caminhos e as viagens. Não é uma competição, tampouco queremos quebrar nenhum recorde. É um estilo de vida. Gostamos de viajar devagar, curtindo cada passo do caminho. E, mais uma vez, é dessa maneira que resolvemos agora conhecer um outro lado da Europa, os Balcãs.

Ficamos sabendo de uma trilha que começa na Áustria e termina no Mar Adriático, a *Alpe-Adria Trail*. Estudamos cada lugar por onde passa esse caminho e chegamos à conclusão de que na época que gostaríamos de viajar, a primavera, o início do caminho ainda estaria fechado por causa da neve que chegou tarde e permaneceu mais tempo nos Alpes. Não desistimos e decidimos caminhar a metade da trilha, ou seja, 300 km em 15 etapas, percorrendo a Eslovênia e cruzando fronteira para a Itália. A princípio achamos muito pouco, mas vimos que a dificuldade era grande. Cruzar as montanhas seria o nosso desafio e como recompensa viajaríamos depois pela Croácia, Montenegro e Bósnia.

Muitas pessoas perguntam "se" e "como" nos preparamos para viajar. Sim, tem muita preparação. Academia de segunda a sexta, com treinamento específico para caminhar e carregar o peso da mochila. Aeróbica e caminhadas longas durante a semana e finais de semana. Isso porque queremos entrar numa trilha bem preparados e terminar sem nenhuma lesão. Mas, *shit happens…*

Neste ano uma dor na lombar de um, e dor no joelho do outro, fez com que tivéssemos que tomar a decisão de adiar a viagem um dia antes de embarcar. Mas, o mais sério aconteceu com a Vera. Provavelmente, o excesso de exercícios, segundo o médico, pode ter provocado um edema na vértebra L4, como apontou o resultado da ressonância magnética. Paciência, o jeito foi ser medicada e aguardar a melhora, que veio um mês depois.

Remarcamos a passagem, mas caminhar com mochila pesada estava fora de questão. Desapontados, mas já conformados com a situação, seguimos o nosso plano de fazer o caminho da maneira que fosse possível, sem mochila. Assim, essa foi uma viagem fora do nosso usual. Foi feita parte caminhando, sem mochilas, e parte de carro, para facilitar os deslocamentos a lugares mais inóspitos e inacessíveis por transporte público.

Chegou o dia da viagem. Sem dores, saímos de casa felizes para o aeroporto. Seria um voo longo, de Belo Horizonte com conexão em São Paulo, Roma até chegar em Veneza, onde ficaríamos uns dias para encontrar "amigos de caminhos". Tudo seria perfeito, se o voo BH/SP não tivesse atrasado duas agoniantes horas. Várias vezes perguntamos se conseguiríamos embarcar em outro voo, já que era conexão e estávamos preocupados com o horário, e a resposta era sempre a mesma: *"- Fiquem tranquilos, dá tempo de chegar e embarcar para Roma".*

Para o nosso desespero, quando o voo chegou a SP o embarque para Roma já estava no final. Corremos de um terminal ao outro, desesperadamente. A nossa sorte foi ter conseguido uma carona no carrinho do aeroporto, junto com outros passageiros que estavam no nosso voo e na mesma situação desesperadora. O que ficamos sabendo, com os comissários de bordo, era de que teria alguém da companhia aérea em solo para nos acompanhar, mas isso não aconteceu. Tampouco conseguimos desembarcar antes dos outros passageiros, o que foi um pedido de uma meia dúzia de desesperados…

Enfim, suados e esbaforidos, conseguimos, no último minuto, embarcar. Daí para a frente o voo foi super tranquilo até Roma. Esperamos para o embarque para Veneza e tudo correu muito bem até chegarmos e descobrir que a bagagem não estava nesse voo. Foi um baque, mas entendemos quando no balcão *"Lost and Found"* fizeram o rastreio e viram que a bagagem tinha ficado em São Paulo. Mas, garantiram que chegaria no dia seguinte, naquele mesmo horário, e que seria entregue no hotel. Chato? Sim, mas entendemos que com o atraso nós conseguimos correr para o embarque, mas que a bagagem não conseguiu chegar a tempo.

No dia seguinte, esperamos, esperamos e esperamos..., mas, nenhum sinal da bagagem chegar ao hotel. Rastreamos, e vimos que o status era "bagagem não encontrada". Ligamos para o aeroporto e a resposta foi de que a bagagem estava com o *courier* e que seria entregue. Bem, essa lenga-lenga durou 4 longos dias. Com isso, perdemos bilhetes e estadia para Zagrebe, onde ficaríamos 3 dias. Tivemos que permanecer por perto, caso a bagagem chegasse. Compramos itens básicos e algumas roupas. Foram gastos financeiros e a incerteza de que a bagagem chegaria. Consideramos até voltar para o Brasil, porque tínhamos medicamentos necessários na mala (burrice total e mais um aprendizado). Perguntando na companhia aérea sobre a possibilidade de troca do bilhete de volta, caso a bagagem estivesse perdida, a resposta foi de que o problema não era da companhia, mas do aeroporto. E, sendo assim, não poderiam fazer nada. O jeito seria comprar uma outra passagem. Mas, quem tem amigo tem tudo.

Lucio é um amigo italiano, que conhecemos no Caminho Francês para Santiago de Compostela em 2014. A partir daí sempre nos falamos, e já nos encontramos algumas vezes. Ele e a família moram em Vicenza, na mesma região de Veneza. Sabendo que estaríamos por perto, sugeriu um almoço. No meio deste drama todo nos encontramos e ele se ofereceu para ajudar-nos. A questão dos remédios estava resolvida. Compraríamos os remédios com sua filha, que é farmacêutica. Também ofereceu seu apartamento em Vicenza para ficarmos, enquanto aguardávamos a mala. Até roupas e uma mochila não seria problema, porque como maratonista tinha camiseta das maratonas aos montes. Mas, o mais importante para nós, naquele momento, era resolver o problema da mala desaparecida e o Lucio também ajudou muito. Afinal a conversa de italiano para italiano era mais produtiva.

Assim, depois de muitas ligações, descobrimos que a bagagem estava em Roma. Em certo momento, disseram para o Lucio que a bagagem já estava no hotel e o caso tinha sido encerrado. Mas era mentira!!! Por fim, ao ligar no dia seguinte, já sem esperança, recebemos a notícia de que a bagagem chegaria no voo das 19h daquele mesmo dia. Sem acreditar muito, resolvemos buscar no aeroporto. E, de fato, a bagagem finalmente chegou…

Esgotados de todo esse imbróglio, resolvemos passar o final de semana em Vicenza, com o Lucio e família, para desestressar e depois seguir para Ljubliana e, finalmente, começar a nossa tão sonhada viagem para os Balcãs.

Eslovênia …

Para falar da Eslovênia, será preciso um pouco de imaginação e acreditar em fadas, duendes e gnomos. ☺ Isso mesmo! O país parece ter saído dos contos de Walt Disney. Não é atoa que parte do filme "As Crônicas de Nárnia - Principe Caspian" foi gravado na Eslovênia, assim como outros filmes também tiveram o país como cenário.

Vamos começar por Ljubliana, que tem um dragão como símbolo. O dragão está no topo da torre do Castelo, no brasão da cidade e numa ponte que cruza a cidade. Ele representa o poder, a coragem e a grandeza. Algumas lendas explicam a sua existência, mas nenhuma delas foi melhor do que chegar à cidade e ver os dragões que decoram a ponte bem a nossa frente. O nome da cidade é um enigma. Vários estudiosos tentaram rastrear a origem, o que gerou várias teorias e nenhuma conclusão.

Na sua história mais recente, a Eslovênia pertenceu a Iugoslávia até sua independência em 1991.

Ljubliana transborda vida, cultura, verde e turismo. Vimos todos os pontos interessantes da cidade, incluindo *Metelkova*, um lugar totalmente *underground* e controverso, mas que faz parte da memória da cidade. Foi um antigo quartel-general militar do Exército do Império Austro-Húngaro. Depois, foi o quartel-general do Exército Popular Iugoslavo. E atualmente, é um local alternativo de tolerância para as minorias, ONGs, arte, vida social, centro culturais, *pubs*..., mas, que algumas vezes está sujeito a ataques de grupos extremistas, devido a sua conotação liberal.

Depois de conhecer a capital eslovena, fomos percorrer os Alpes Julianos, que fazem parte de uma "subcordilheira" dos Alpes. O *Passo Vršič*, que liga o vale dos rios *Sava e Soča*, é a passagem mais alta da Eslovênia. O país tem muitos lagos, florestas, pântanos, montanhas, tudo muito soberbo.

Primeiro, como não poderia deixar de ser, fomos ao *Lago Bled*, o mais visitado na Eslovênia. Parece uma pintura. As suas águas azuis denotam um ambiente pitoresco, rodeado

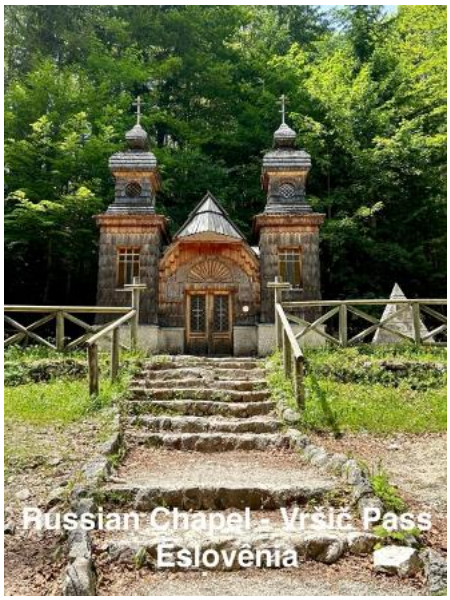
de floresta e montanhas, com uma ilha onde a principal construção é a igreja medieval em homenagem a Assunção de Maria. Acima do lago está um castelo medieval, que dizem ser o mais antigo do país. E o vale *Zaka* fica no outro extremo do lago. Simplesmente maravilhoso!

Dali seguimos para o Lago *Bohinji,* outra maravilha da natureza, que faz parte do Parque Nacional *Triglav*. É um lago glacial, mas várias pessoas nadam naquelas águas geladas, enquanto outras pescam trutas e moluscos. Melhor ainda é o visual que se tem de *Vogel*, uma estação de ski de onde se avista todo o vale e o lago *Bohinji.*

Seguimos para Kranjska Gora, que seria o nosso ponto de partida para a caminhada. Fica perto das fronteiras com a Áustria e Itália. A vila é mais conhecida como uma cidade de esportes de inverno. Cercada por montanhas, o astral é incrível. Muitas pessoas começam ali as suas caminhadas em direção ao *Passo Vršič*.

Enquanto estávamos visitando a igreja da vila, alguns jovens entraram ruidosamente, o que atrapalhou um pouco o nosso sossego. Só depois percebemos que, se tratava de um coral. Eles estavam ali para um ensaio. Quando o maestro sinalizou os jovens começaram a cantar. Foi espetacular! Ficamos escutando as músicas, naquele cenário sagrado, numa cidade cercada de montanhas, rios e florestas. Tudo isso foi um presente maravilhoso.

De Kranjska Gora até o *Passo Vršič*, a subida é incrivelmente longa, mas o que se vê pelo caminho é inesquecível. A começar pelo *Lago Jasna*, que consiste em dois lagos artificiais interconectados na confluência dos riachos *Velika Pišnica e Mala Pišnica*. Por ali, encontra-se o caminho circular *Kneipp*, de pedras com água fria da montanha e a estátua do *ibex,* que é uma cabra dos Alpes*,* o *Zlatorog* ("Chifre de Ouro"), um animal lendário que se transformou num símbolo do lago.



A Capela Russa, é uma construção de madeira, feita pelos prisioneiros de guerra russos, durante a Primeira Guerra Mundial. Foi erguida em homenagem aos seus companheiros mortos numa avalanche, enquanto construíam a estrada para *o Passo Vršič*.

Passamos por cachoeiras, florestas, rochas, vales, vistas lindas também a partir do *Passo Vršič*. Já na descida, em direção a Trenta, vimos a nascente do rio *Soča* e o memorial a Julius Kugy, o primeiro alpinista dos Alpes Julianos.

São muitas as atrações e maravilhas. O fenomenal rio *Soča*, com suas águas, ora verdes esmeralda ora verdes azulada corre ao nosso lado, os *gorges* agitam as suas águas, a cachoeira Boka, a mais alta da Eslovênia, pode ser vista de longe e cruzar as pontes suspensas sobre o *Soča até Bovec* nos leva a outras fantasias.

Bovec é uma cidadezinha e a parada é obrigatória. Tem uma boa infraestrutura, mas o que nos interessava mesmo era conhecer o *Ravelnik*, um museu a céu aberto. O acesso é por uma trilha na floresta. Chegando a esta que foi a primeira linha de defesa do exército austro-húngaro, vimos as trincheiras, cavernas, *bunkers*, barracos e a cratera deixada por uma granada. Por ali, aconteceram combates ferozes durante a Primeira Guerra Mundial. De lá seguimos para Kobarid.

O Museu de Kobarid é rico em histórias sobre a Primeira e Segunda Guerras Mundiais, a cidade tem uma boa infraestrutura, mas preferimos ficar numa aldeia a 5km, num pequeno planalto sob o Monte Krn, Drežnica. Quando fomos nos aproximando da aldeia, o visual nos fez apaixonar por aquele lugar. A predominância da igreja, dedicada ao Sagrado Coração, com o campanário de 52m de altura, as casas e a vista nos impressionaram. Resolvemos ficar mais um dia para conhecer o entorno daquele lugar idílico. Até o pequeno cemitério era um encanto. Á noite, as luzinhas vermelhas acesas iluminavam o caminho, o que deixava um certo ar alegre, de festa.

Caminhamos muito pela região, passamos por Koseč, uma pequena vila com várias esculturas no caminho, para ir até a Capela de Saint Just, a mais antiga da região, e que dizem ter um ponto de energia de cura. Descemos por uma trilha, numa floresta com cachoeiras do riacho *Stopnik* e os pontos energéticos em *Glavica*, para sentir a boa energia dessa floresta. Ainda estivemos nas cachoeiras *de Krampež, Supot* e em *Male Skale*, para curtir a vista de Drežnica e todo o vale da região. Imperdível também é uma visita a Krn, uma pequena vila abaixo do Monte Krn.

Perto de Kobarid também tem suas atrações, como a Cascata *Kozjak*, que não fomos por ser paga. Não foi por "pão-durismo", mas não achamos necessidade depois de ver outras cachoeiras, cascatas e vistas lindas, onde não tínhamos que disputar lugar com nenhum turista.

Era hora de seguir adiante. A próxima parada foi para ver as trincheiras na montanha *Kolovrat,* um outro museu histórico a céu aberto da Primeira Guerra Mundial. Esta foi a terceira linha de defesa do exército italiano. Além de ser a fronteira entre a Eslovênia e Itália, oferece vistas incríveis. As trincheiras guardam memórias do antigo campo de batalha da *Frente Isonzo*, com os pontos de observação, as posições de artilharia para metralhadoras e as cavernas com os seus detalhes, como a escada em espiral em uma das cavernas. Depois de ver tudo aquilo e nos impressionarmos uma vez mais, fomos para Tolmin.

O parque mais famoso de Tolmin é o *Tolminska Korita*, com nascentes e corredeiras de águas verdes azuladas. Na verdade, *Tolminska korita* é o nome das bacias *Tolminka* e *Zadlaščica*, que se fundem na única confluência dos leitos dos rios no território da Eslovênia.

As Gargantas de Tolmin são o ponto de entrada mais baixo e provavelmente o mais bonito do Parque Nacional de *Triglav*. O trajeto circular terminou numa caverna, que infelizmente, estava fechada. A caverna *Zadlaška* é uma das muitas cavernas por onde fluíram as águas da geleira *Soča*. É também conhecida como a Caverna de Dante. Isso porque reza a lenda que Dante Alighieri teria encontrado inspiração para o Inferno em sua Divina Comédia nesta caverna. Mas, na sua entrada encontramos *Duga Baba*.

Histórias antigas dizem que na caverna viviam principalmente mulheres idosas e gentis, que ajudavam as pessoas e lhes davam conselhos. Entre elas estava *Duga Baba* que, segundo a lenda, garantia que nenhuma pessoa não convidada pudesse entrar na caverna.

A beleza natural, as montanhas deslumbrantes do Parque Nacional de *Triglav* são o cenário de muitos mitos e lendas

populares que retratam a relação do homem com a natureza e seus fenômenos.

Na região ainda tem a Igreja do Espírito Santo que, na verdade, é um memorial construído pelos soldados austro-húngaros, em apenas oito meses, em homenagem aos soldados mortos na Primeira Guerra Mundial. Fica na Colina de *Javorca,* a cerca de 8 km da vila. A igreja memorial é quase toda em madeira e nas paredes estão gravados os nomes dos 2.808 soldados mortos. Na porta de entrada está a inscrição em Latim: *Ultra cineres hostium ira non superest,* ou seja, "O ódio não deve estar sobre as cinzas dos mortos".

Partimos em direção a Šmartno, uma minúscula vila medieval, e depois seguimos em direção às Cavernas *Postojna* e o Castelo *Predjam.* Nos hospedamos em Vremski Bristof, uma pequena aldeia perto de Sežana.

A Caverna Postojna é um dos complexos de cavernas mais visitados na Europa, sendo 24km de extensão. A visita é feita de trenzinho nos 2km iniciais e o restante é feito a pé. As formações rochosas, estalagmites e os estalactites de todas as cores, fazem os visitantes soltarem a imaginação. Podem ver um sorvete ou *spaghetti...* O *proteus*, que é uma salamandra que vive nas profundezas das cavernas, são atração a parte. São os "pequenos dragões", como são chamados. Como o seu metabolismo é muito baixo, o seu coração bate uma ou duas vezes por minuto, eles podem viver até 100 anos. Sem pigmentação na pele, mantendo-se sempre no estado de larva são muito suscetíveis a luz. Por isso, vê-los e registrá-los é tarefa difícil, sendo proibido as fotos com flashes.

Já o Castelo Predjam foi construído na boca de uma caverna. A sua construção sob um arco rochoso natural no alto da muralha de pedra foi para dificultar o acesso. Lendas são contadas sobre a sua construção e é possível vê-lo na terceira temporada da série *The Witcher*, da *Netflix.*

E assim, com todo o cenário encantador, lendas e histórias era hora de deixar a Eslovênia e seguir para a Croácia e continuar descobrindo as maravilhas dos países deste leste europeu.

Croácia …

Nossa primeira parada foi o Parque Nacional dos Lagos *Plitvice*. Cruzamos a fronteira dos dois países, Eslovênia e Croácia, sem nenhuma burocracia. Passamos por Rijeka, uma cidade voltada à construção naval e ao transporte marítimo. Depois, seguimos para Rakovica, próximo ao parque onde pernoitamos para na manhã seguinte, bem cedo, entrar no parque e evitar a turba de turistas.

É impossível descrever a primeira impressão ao entrar no parque. O dia estava nublado, mas o que vimos da parte mais alta do complexo nos deixou em êxtase. Os lagos se alimentam de outros lagos e a água tem uma cor que hipnotiza. Isso porque, a

vegetação dá o tom da água. A cada passo na plataforma de madeira, que percorre todos os lagos, era uma surpresa. As cascatas que se formam têm formatos diferentes, dependendo do tipo de vegetação e da altitude que caem.

Para entender melhor, o parque tem duas entradas e três trilhas, que o visitante pode escolher. Escolhemos a “Entrada 1” e percorremos a “Trilha C”, que corre em volta a todo o parque. Não nos contentamos com pouco. A vontade era de não ir embora daquele lugar mágico. Mesmo a chuva que caiu não atrapalhou o cenário. Pelo contrário, deu outro tom, ainda mais bonito. Os pingos da chuva na água enfeitaram mais ainda os lagos. Enfim, é preciso estar lá para entender toda a beleza do lugar.

Mas, era hora de seguir adiante. Fomos para Zadar, uma cidade costeira, conhecida pelas suas ruínas romanas e venezianas. O centro antigo é rodeado por muralhas e os vários portões venezianos nos permitem a visitação ao emaranhado de ruas, praças, comércio e turistas. É possível também ver a cidade por cima, caminhando sobre as muralhas. Outra atração é o “Órgão do Mar”, criado em 2005, e que consiste em um gigantesco órgão de tubos instalado abaixo de grandes degraus de mármore à beira-mar. Produz sons através do vento e das ondas. E estando ali, vale a pena esperar o pôr do sol e o anoitecer para ver o espetáculo de luzes de um complexo monumento chamado de “Saudação ao sol”. Este monumento consiste em um círculo de 22 metros de diâmetro, com 300 placas de vidro em muitas camadas que armazenam a energia solar durante o dia e brilham quando escurece. As mesmas ondas que ditam ritmo e melodia do “Órgão do Mar” também são as responsáveis pelo movimento das luzes das placas solares. Essas duas instalações foram criadas pelo mesmo arquiteto croata Nikola Basic.

De Zadar fomos seguindo pela estrada do mar, conhecendo as pequenas cidades costeiras e as praias em direção a Split. Por recomendação, tentamos parar em Šibenik para conhecer o seu centro histórico. Infelizmente, não conseguimos. Até o estacionamento subterrâneo estava lotado. Sem conseguir conhecer a cidade seguimos para Trogir.

Trogir tem um rico patrimônio histórico com 2.300 anos de tradição. Sua cultura influenciada por gregos, romanos e venezianos, reúne palácios, igrejas, torres, fortalezas, todos numa pequena ilha, que se tornou Patrimônio da Humanidade da UNESCO.

Enfim, chegamos a Split. Ficamos um pouco afastados do centro histórico, mas próximos de uma charmosa praia. Aproveitamos o final de tarde para um passeio pela orla, tomar um vinho e descansar, já que a ideia era ficar um par de dias por ali. No dia seguinte, fomos para a parte antiga da cidade. Nada melhor do que caminhar pelas ruas da cidade, fora do centro turístico, para conhecer melhor o lugar. Foi o que fizemos.

Chegando ao centro antigo ficamos chocados com a quantidade de turistas. Não sabíamos se olhávamos os prédios históricos ou se desviava dos grupos de turistas que atravessavam a nossa frente. Spit é lindo, mas o turismo desenfreado nos colocou longe desse centro histórico. Preferimos andar por outros cantos da cidade, a ficar disputando um lugar para uma foto. Não fomos a Hvar, mas quem sabe este pode ser um bom motivo para voltar numa época menos turística.

A próxima parada foi Dubrovnik. Assim como em Split, sabíamos que os navios, com os seus milhares de turistas, estariam por lá. Então, seguimos com muita calma, de Split pra Dubrovnik, pela costa. Foi uma viagem mais longa, mas muito bonita. Fomos conhecendo as praias e curtindo o deslumbrante mar. Paramos algumas vezes para desfrutar daquele visual inesquecível.

Os croatas que vivem mais ao sul, como Dubrovnik, precisavam cruzar duas fronteiras internacionais bósnias. Isso porque, depois da separação da Iugoslávia, a Bósnia ficou com um pequeno acesso ao mar. A solução veio com a construção de uma ponte de 2,4 km. A Ponte *Peljesac* foi construída por uma empresa chinesa, embora tenha sido financiada, em sua maior parte, pela União Europeia. Assim, agora a ponte liga a Croácia, sem precisar cruzar as duas fronteiras.

Em Dubrovnik, também ficamos mais distante do centro antigo e longe dos turistas. Escolhemos uma localização próxima à praia de *Srebreno*. Era um lugar tranquilo, perto de um pequeno Shopping Center e como calor era intenso, um mergulho no mar era muito bem-vindo.

Havia um ponto de ônibus quase na porta de nossa pousada e que nos deixaria no centro antigo. Mas, apesar de toda explicação que recebemos, erramos o lugar certo para descer e fomos até o final da linha. Tivemos que fazer uma caminhada de volta até o centro antigo, o que nos proporcionou conhecer uma outra parte da cidade. A parte turística estava intransitável. Grupos de pessoas se espremiam em pequenas sobras para esconder do sol escaldante. O calor era insuportável. Com isso, baixamos a nossa expectativa e caminhamos a ermo, sem muita preocupação de ficar ligado em todos os pontos turísticos. Afinal, o centro não era muito grande e poderíamos conhecer tudo com muita calma. Entramos e saímos das igrejas, até mesmo para nos refrescar um pouco. Mas, o bom mesmo foi voltar para o nosso canto tranquilo e nadar naquele mar de águas fresquinhas para arrefecer um pouco o calor.

Dubrovnik é uma cidade encantadora. Da parte alta da cidade é possível ver a sua muralha e o espetáculo do visual do Mar Adriático. Não foi à toa que serviu como locação para filmes e séries, como *Star Wars e Games of Thrones*. Toda a sua história, arquitetura e belezas naturais

fez de Dubrovnik Patrimônio Mundial da Humanidade, pela Unesco. Em torno de Dubrovnik, existem várias ilhas que podem ser visitadas. E, uma delas, é a Ilha de *Lokrum*, uma ilha para ir e relaxar.

Montenegro …

Era um domingo lindo de sol, quando saímos em direção a Montenegro. Chegamos à fronteira e encontramos uma fila de carros. Nada que assustasse, mas esperamos mais ou menos meia hora para cruzar a fronteira. Avançamos em direção à Baía de Kotor. É bom lembrar que o nome do país se refere ao Monte *Lovćen*, coberto por densas florestas verde escuro, daí o nome Montenegro.

As *Bocas de Cattaro* são fiordes, únicos no Mediterrâneo. Contornando o mar, por uma estreita estrada, estão as cidades fortificadas, como a antiga cidade de Perast, que tem uma igreja centenária. As duas ilhotas famosas, *Sveti Djordje* (São Jorge) e *Gospa od Škrpjela* (Nossa Senhora do Rochedo) podem ser vistas da estrada. A primeira ilha, é onde tem um mosteiro Beneditino e um cemitério. A segunda ilha, tem uma igreja com uma cúpula azul-celeste que parece flutuar no mar.

A cidade de Kotor, Patrimônio Histórico da Humanidade, fica próxima aos penhascos de calcário da montanha *Lovćen.* É cercada por muralhas e tem ruelas labirínticas, com calçadas de pedra bege e avermelhada. As casas são quase todas de calcário e estreitas, com portas de madeira pintadas de verde. As suas praças, palácios, igrejas católicas e ortodoxas, Museu Marítimo, edifícios históricos são lugares a serem visitados.

O clima e o cenário convidavam para um mergulho. Foi o que fizemos assim que chegamos. A vista de onde nos hospedamos era linda. Víamos toda a baía e os navios que chegavam e partiam com os turistas.

Já estava nos nossos planos ir até Budva, uma outra cidade histórica, com belas praias de águas cristalinas. Apesar da previsão do tempo não ser muito boa, resolvemos pegar um ônibus para conhecer melhor todo o caminho, declinando de um convite para ir de barco com o Bruno, nosso anfitrião. Sorte a nossa! Nesse dia, caiu uma tempestade que causou estragos e até a morte de um trabalhador do porto, por causa de um guindaste que caiu. Com isso, não pudemos ver a cidade como gostaríamos.

Na volta para Kotor, compramos uma passagem, mas o difícil foi acertar em qual ônibus deveríamos entrar. São várias empresas de ônibus, vans e micro ônibus que circulam entre as duas cidades. Era preciso mostrar o ticket para o motorista para saber se deveríamos ou não embarcar. Foram vários "nãos" até acertar qual era o nosso transporte. Enfim, valeu pelo passeio e pela volta por um outro caminho, descendo penhasco abaixo, o que garantiu um visual lindo e fotos de toda a baía, vista do alto.

Montenegro é um país pequeno, um verdadeiro paraíso de férias. Além da baía de Kotor, o parque nacional de Durmitor, com sua floresta exuberante, merece ser visitado. Desta vez não fomos. Resolvemos seguir adiante e reservar dois dias em Zagrebe, já que a nossa visita à cidade foi frustrada pelo problema do desvio de bagagem da companhia aérea.

Bósnia e Herzegovina … E, finalmente Zagreb

Depois de despedirmos de Bruno, nosso anfitrião em Kotor, ter algumas dicas de caminhos, dissemos "tchau" a Montenegro e entramos na Bósnia e Herzegovina. Cruzamos a fronteira, sem problemas e continuamos deslumbrados com o visual das montanhas.

O país é dividido em dois: Bósnia, região montanhosa e com florestas densas, e Herzegovina, com os montes rochosos onde a agricultura é muito presente. O país convive com as três etnias, bósnios, sérvios e croatas. Como o alfabeto cirílico é o adotado no país, a dificuldade ainda foi maior do que nos outros países que visitamos. O idioma é o servo-croata, com palavras ainda mais impronunciáveis, e a maioria religiosa é islâmica. Por isso, a quantidade de minaretes ao longo do caminho que percorremos. Mas, o mais interessante é a boa convivência entre as religiões (Islã e Cristãos Católicos e Ortodoxos) e entre os seus praticantes, o que foi muito bonito de ver.

A nossa ideia era conhecer Mostar, uma das cidades mais visitadas da Bósnia, mas não antes de ir a Medjugorge, que fica no município de Čitluk, no Sul do país. Medjugorge é uma cidade de peregrinação ao local das aparições da Virgem Maria e ao Santuário, na Igreja de Santiago Maior (Apostólo). Como acreditamos que coincidências não existem, lá estávamos com fé e devoção agradecendo a Nossa Senhora de Medjugorge e a Santiago mais um sonho de viagem sendo realizado.

Dali partimos para Mostar, classificada como patrimônio mundial da UNESCO, que fica a poucos quilômetros de distância. Por não ser longe de Split e Dubrovnik, muitos turistas que visitam a Croácia se aventuram por aquelas bandas. Não perdemos tempo e fomos conhecer a parte antiga da cidade.

A ponte velha sobre o rio *Neretva* foi reconstruída em 2004, depois de ser destruída na guerra da Bósnia em 1993. A reconstrução e reabertura da ponte foi vista como um sinal de esperança e convivência entre cristãos e muçulmanos que tiveram relações conturbadas ao longo dos tempos. Hoje é a principal atração da cidade. Turistas e moradores assistem os destemidos mergulhadores que saltam do topo da ponte ao rio *Neretva*.

Infelizmente, durante a guerra da Bósnia, todo o país foi severamente arruinado, e as consequências são evidentes até hoje. Prédios são mantidos com marcas de tiros e bombas. Mas, nada disso tirou a beleza do centro antigo e dos belos minaretes das mesquitas. *Kujundžiluk* é um antigo bazar com lojas de artesanato e ótimos restaurantes.

O país ainda possui outras cidades antigas, como Blagaj e sua construção encrustrada numa enorme rocha, a Tekke Blagaj, que fica à beira do rio Buna. Počitelj, é outra cidade medieval construída toda em pedra. Neum fica na região da Herzegovina na costa Adriática, onde foi construída a ponte que liga a Croácia, como já mencionado anteriormente.

Era hora de seguir para Sarajevo. A cidade é considerada importante na Península Balcânica, com uma rica história. Foi fundada na era dos Otomanos. Foi lá também onde o arquiduque austríaco Franz Ferdinand foi assassinado, culminando na Primeira Guerra Mundial. Sarajevo organizou jogos olímpicos de inverno e foi palco de guerra, o que deixou rastro de destruição em toda a cidade. Mas, apesar da guerra que durou 3 anos, terminando em 1995, a maior parte da cidade foi reconstruída, restando ainda algumas ruínas no centro, o que nos pareceu ser proposital, para que os combates sangrentos fiquem na memória dos bósnios e visitantes como algo a não se repetir

O rio *Miljacka* atravessa a cidade, que é rodeada por cinco montanhas muito frequentadas por turistas que querem esquiar.

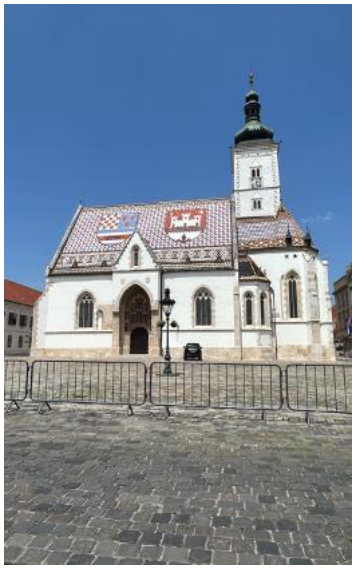
Sarajevo conta com parques, a Catedral, Mesquitas e é famosa pelos mirantes. Um importante símbolo e atração da cidade é o teleférico, que leva os visitantes do centro da cidade ao Monte *Trebević.* Há também o Antigo Cemitério Judaico, o segundo maior da Europa. A Prefeitura, a Ponte Latina sobre o rio *Miljacka*, o Mercado Central e a Cervejaria de Sarajevo são paradas obrigatórias.

Além de tudo isso, a cidade velha encanta pelos cafés, restaurantes, lojas e o vai e vem de turistas, principalmente oriundos do Leste Europeu. O Túnel da Esperança, é outro ponto interessante. Este túnel foi construído, passando por dentro da casa de moradores locais, durante a guerra. Era o único ponto de acesso, que servia como rota de entrada e saída de tropas e mantimentos sem que os sérvios percebessem.

O que podemos dizer da Bósnia? O país foi uma grata surpresa. A natureza caprichou, as montanhas impressionaram, as cidades e, principalmente, o povo gentil e tolerante nos tocou. Deixamos de pensar Sarajevo como um sinônimo de guerra e passamos a pensar Sarajevo de outra maneira. Ficamos felizes por ter conhecido aquela parte dos Balcãs. No entanto, era hora de seguir em frente. Zagrebe foi a nossa próxima parada.

A nossa ideia, quando programamos a viagem, incluía Belgrado, na Sérvia. Mas, devido ao contratempo do começo da viagem, quando tivemos que ficar na Itália esperando a bendita bagagem desviada e cancelamos nossa estadia em Zagrebe, decidimos não deixar de conhecê-la.

A decisão foi acertada. Zagrebe é uma cidade bonita, que como outras cidades europeias mistura o moderno e o antigo de forma interessante. As avenidas largas e longas da cidade baixa ou *Novi Zagreb*, nos surpreenderam. Partimos para conhecer o máximo possível, já que tudo era distante. A Praça *Ban Jelačić* é a praça principal de Zagreb, situada no coração da cidade. As ruas *Ilica,* que é uma das ruas mais longas e movimentadas, e a rua *Tkalčićeva*, com seus bares, restaurantes, cafés e lojas de artesanato foram em parte percorridas.



Na cidade alta, a Igreja *Saint Mark*, com seu telhado de cerâmica pintado foi ponto de parada, sem dúvida. A Torre *Lotrščak*, junto com a Porta de Pedra, foi o que restou do sistema de fortificação medieval da Cidade Alta. O Museu das Relações Terminadas também foi visitado. Cruzamos o Túnel *Crič* de um lado a outro*,* conhecemos a Igreja de São Francisco, o Mercado *Dolac* e o Parque *Maksimir*. Enfim, visitamos o que foi possível da capital Croata.

Já era o final da nossa viagem, quando retornamos a Veneza. Encontramos mais amigos, a Elisabetta, que conhecemos caminhando pela Itália, e Tiziano, seu namorado. Fizemos planos para o futuro. E era hora de partir, mas não sem emoções.

A viagem, o retorno...

Diante de tudo que passamos na ida para a Itália, resolvemos dias antes da nossa "ida" pra casa, tentar trocar a passagem de Veneza a Roma para um horário mais cedo, evitando os contratempos de atrasos da conexão, o que nos foi negado. Seria necessário comprar uma nova passagem. Diante disso, desistimos e deixamos para ver o que aconteceria.

Fomos cedo para o aeroporto de Veneza e com calma fizemos o despacho de bagagem, que pegaríamos em Belo Horizonte, como mostrava o ticket que recebemos. Eis que de repente, vimos que o voo estava atrasado 20 minutos. Isso já despertou uma certa preocupação. Como se não bastasse, o painel mostrou um atraso muito maior do que os 20 minutos. Fizemos os cálculos e chegamos à conclusão de que perderíamos a conexão em Roma. Tentamos achar um balcão da companhia aérea, sem sucesso. Isso em pleno aeroporto de Veneza. Vimos um *Help Point* e corremos para lá, mas não tinha ninguém no balcão. ☹ Resolvemos ligar para a companhia aérea no Brasil, o que não resultou em absolutamente nada. A nossa alternativa foi embarcar e ver o que aconteceria em Roma.

Chegamos em Roma e o aviso de "embarque em andamento" apareceu assim que ligamos o celular. Tentamos desembarcar antes, mas os comissários negaram o pedido. Disseram que teria o pessoal de solo para ajudar, o que não aconteceu. Desembarcamos desesperados… Já tínhamos visto aquele filme… corremos, encontramos uma brasileira, que também estava num outro voo atrasado da mesma companhia aérea … Fomos de um Terminal a outro correndo... Mas, ainda tínhamos que passar pela Imigração, que estava um caos.

Na imigração as filas estavam enormes. Pedimos ajuda ao policial, que respondeu que todos ali estavam para embarcar. Nosso mundo desabou… furamos fila, juntamos a outros brasileiros que estavam atrasados. Cada pessoa vinha de lugar diferente da Europa, mas todos pela mesma companhia aérea. Engrossamos a fila e não "arredamos" o pé.

Eram pessoas de todas as nacionalidades tentando embarcar em seus voos. Estávamos todos atrasados, irritados, brigando, um caos total. Três funcionários tentavam controlar a situação caótica quando, de repente, uma funcionária de uma outra companhia aérea apareceu lindamente, com um uniforme lindo procurando pelos passageiros que ali estavam. Foi revolta total! Não somente porque os passageiros teriam prioridade na fila, mas também pela inveja do conforto de uma companhia boa. Mais briga, mais empurra-empurra…

Lá pelas tantas, já passava das 22h30, lembrando que o nosso voo partiria as 21h55, conseguimos passar pela imigração. Mais correria, porque o portão de embarque era o último. Enfim, chegamos e nos deparamos com um milagre, o avião ainda estava em solo aguardando os 13 passageiros faltantes. Ufa! Embarcamos, mais uma vez, suados e revoltados.

Foi um voo tranquilo. Fizemos conexão no Rio de Janeiro. Por precaução, resolvemos verificar se, realmente, a bagagem foi despachada diretamente para Belo Horizonte, como o ticket mostrava. Mas, eis que vimos a nossa bagagem na esteira. Desta vez, tivemos tempo de retirar a bagagem e despachar para que chegasse conosco ao nosso destino.

De todo este imbróglio, nosso aprendizado foi que, se o voo atrasar e a conexão estiver muito em cima, não se desespere aguarde... Simplesmente, fique porque certamente sua bagagem não seguirá com você. Não confie nunca na companhia aérea quando disserem que o tempo de conexão é suficiente… E relaxe, porque quando você pedir o ressarcimento dos seus prejuízos, você não receberá o justo valor. E, se for a mesma companhia aérea que viajamos, terá que assinar uma carta se comprometendo a não reivindicar mais nada, além do pouco que oferecerem. A não ser que esteja disposto a pagar um advogado e entrar com pedido judicial. Sabe por quê? A companhia aérea não reconhece o erro de desvio de bagagem, atribuindo o erro ao aeroporto.

Parte III

Caminhando por aí

Caminho Central Português:
Porto a Santiago de Compostela

Os primeiros passos...

O primeiro passo foi dado em frente a Catedral da Sé, no Porto. Este é o Caminho Português, que parte do Porto e vai até Santiago de Compostela. Na verdade, são dois caminhos, o do Mar e o Central, que foi o que seguimos. Nesses 270 km, cinco dias em Portugal e cinco dias na Espanha, passamos pelas montanhas, cruzamos bosques, quintas, aldeias, cidades históricas e atravessamos rios e pontes medievais romanas.

Era a nossa primeira caminhada. Não sabíamos nada do caminho e não tínhamos nenhum equipamento apropriado. O Helinho fez um bastão de madeira, os tênis eram normais, as roupas não eram muito adequadas e as mochilas não tinham ajustes. Enfim, tudo errado! Mas, tínhamos uma vontade enorme de fazer aquele caminho, apesar do receio de enfrentá-lo. Seguindo o conselho de uma amiga espanhola, tentamos ver o caminho como um todo, sem pensar nas distâncias a percorrer. Seria como se fosse a nossa própria vida, dia a dia.

Então, foi no dia 14 de setembro de 2013 que, bem cedo, partimos de frente da Catedral da Sé, no Porto. Antes dos primeiros passos, encontramos mãe e filha, de mais ou menos 8 anos, que já tinham feito parte do Caminho Central Português. A menina nos entregou dois pequenos terços, feito por ela mesma. Desejou "bom caminho" e recomendou que não fôssemos a Finisterra. Até hoje não sabemos por que, mas seguimos a recomendação. Naquele ano, não fomos a Finisterra ao terminar a caminhada. Depois disso, já visitamos Finisterra várias vezes, inclusive caminhando.

Demos início à caminhada pela Rua de Cedofeita, antes do nascer do sol. Fomos abordados por um rapaz, completamente bêbado. Ficamos um pouco assustados quando ele veio para perto de nós, nos abraçando. Não tinha ninguém por perto, mas ele só queria nos desejar sorte no nosso caminho e disse com a voz bem pastosa: *"- um dia ainda vou fazer este caminho até Santiago".* Hoje, torcemos para que ele tenha feito mesmo!

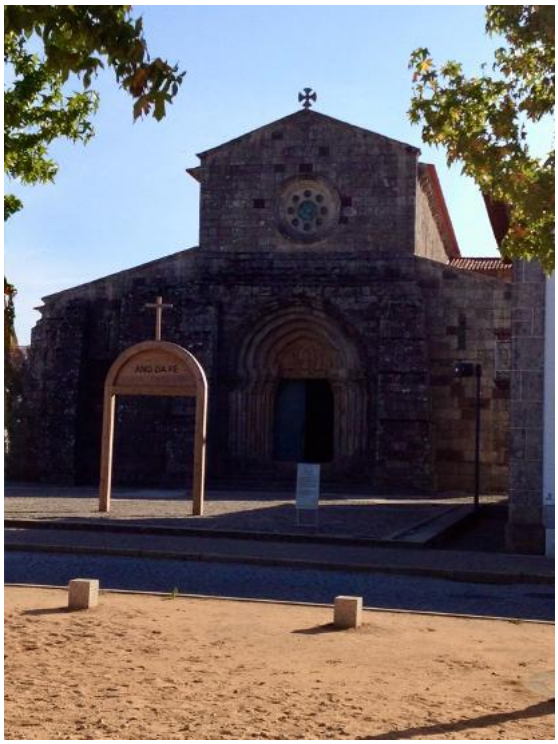
Caminhamos 26 km até Vilarinho. Nos hospedamos numa casa onde tinham dois quartos para alugar. O quarto de casal já estava ocupado quando chegamos. Ficamos no outro quarto, que tinha uma cama de casal e uma beliche. A senhora, dona da casa, era muito simpática e recepcionou-nos com frutas, suco e ainda serviu queijadinhas fresquinhas e um bom vinho do Porto. Mais tarde, tivemos a companhia de uma sueca que perguntou se já tínhamos feito aquele caminho. Dissemos que este seria o primeiro dia, do nosso primeiro caminho. Voltamos a pergunta a ela que respondeu que aquela era a sexta vez nesse Caminho Português. A sueca já tinha feito 12 vezes o Caminho Francês e 12 vezes o Caminho Inglês. Achamos aquilo uma loucura, mas hoje temos certeza de que aquele seria um prenúncio do que nos tornaríamos, um casal de caminhantes...

Regra número 1 do caminho: não distrair!

Isso mesmo, é preciso estar sempre atento quando estamos caminhando. Qualquer distração nos leva a "outros caminhos", que nem sempre é o que planejamos.

Todos os caminhos que levam a Santiago de Compostela são identificados pelas conhecidas setas amarelas. Um conselho que repassamos a quem for fazer esse caminho é que, se não acharem a sinalização, numa distância de mais ou menos 100 / 200 metros, o melhor é voltar para a última seta e procurar a sinalização.

No nosso segundo dia, chegamos numa cidadezinha e continuamos seguindo as setas para sair da cidade e pegar uma trilha num bosque. De longe, uma adolescente nos chamou a atenção dizendo, "- *este não é o caminho que leva até Santiago de Compostela*". Achamos estranho porque a seta estava lá bem demarcada. De repente, uma senhora, num casebre, retrucou*: "- o caminho é aqui sim. Hoje já passaram algumas pessoas. Podem seguir"*. Ouvimos o conselho da senhora e seguimos certos de que chegaríamos a Barcelos, nossa próxima parada.



Caminhamos muito tempo. Não tínhamos nenhum aplicativo, mapa, nada… somente as setas a seguir. Depois de muito caminhar chegamos numa aldeia. Num bar estavam reunidos os homens do local. O calor era insuportável. Paramos para beber alguma coisa e comer um sanduíche. Perguntamos a um senhor que lugar era aquele e se Barcelos estava longe. Todos os homens vieram falar conosco, dizendo que Barcelos estava muito longe dali. Não acreditamos. As setas estavam ali também. Vários deles ofereceram uma "boleia", a carona para os portugueses, mas imagina se iríamos entrar num carro, se o nosso objetivo era caminhar e chegar a pé a Santiago. Relutamos! Um senhor chegou de mansinho, nos chamou de lado, e disse: "- *vocês estão muito longe de Barcelos. Eu estou indo para lá. Podem vir comigo*". Recusamos. Então veio a cartada final: "*- olha, vocês já caminharam muito mais do que deveriam para chegar a Barcelos. Eu sei que quem caminha não quer quebrar a promessa de ir a pé, mas o sol está muito forte. Vocês podem vir comigo e eu coloco vocês no caminho certo, antes da entrada da cidade. Dali, vocês continuam o caminho de vocês*". E assim, ele nos convenceu. Aceitamos a "boleia" e seguimos nosso caminho.

Depois, descobrimos que o "Caminho do Mar" cruzava com o "Caminho Central" onde a adolescente e a senhora nos deixaram em dúvida sobre qual trilha seguir. Seguimos o Caminho do Mar. Ambos chegariam a Santiago, mas a nossa opção era o Caminho Central.

Assim como na vida real, fizemos uma escolha, que não era a que gostaríamos, mas teve quem nos colocou no caminho escolhido. Aprendemos que só precisamos saber, exatamente, qual é o nosso objetivo e segui-lo, confiando que existem pessoas do bem que podem nos ajudar quando for preciso.

O Galo de Barcelos e Napoleão Bonaparte.

Chegamos a Barcelos bem cansados, com sede e fome. Conseguimos lugar numa pequena pousada, bem antiga, mas com funcionários muito simpáticos. Descansamos um pouco, saímos para conhecer a cidade e fazer compras para o dia seguinte. Era domingo e a cidade estava bem movimentada. Em frente a pousada muitas pessoas se reuniram comendo, bebendo, cantando músicas típicas, dançando, se divertindo.

No dia seguinte, bem cedo, saímos de Barcelos e fomos em direção a Ponte de Lima. O início da caminhada estava bem tranquilo, quando numa rua estreita que chamava "Rua do Cruzeiro" levamos o maior susto. Duas "raposas", símbolo do time de futebol de Minas, o Cruzeiro, cruzaram o nosso caminho correndo. Uia! Na verdade, era preferível ter assustado com dois "galos", já que somos Atleticanos ☺

Chegamos à Ponte de Lima e repetimos o ritual. Procuramos um lugar para dormir, descansamos, saímos para conhecer um pouco a cidade, fizemos compras para o dia seguinte, jantamos, dormimos. Tudo isso com muita calma.

Mas, nem só de lindas paisagens, sensação de liberdade, e algumas "perdidas", que depois viram histórias, é feito o caminho. Existem tropeços. O dia seguinte foi um dia especialmente muito difícil. Depois de deixar a vila medieval de Ponte de Lima, subimos a serra da *Labruja*. Um caminho muito cansativo em direção a Rubiães, lugar de poucos recursos. No meio do caminho encontramos a "Cruz dos Franceses". Este é um lugar enigmático. Contam que ali teria sido enterrado vivo um soldado francês do exército de Napoleão Bonaparte. O soldado foi linchado pelos locais, em retaliação às atrocidades cometidas pelo exército. Por isso, o nome Cruz dos Franceses. Outras histórias circulam por ali. Por exemplo, a morte violenta de um tal Fidalgo. E, de um peregrino italiano que em 1745, encontrou com um famoso bandido da região e o matou.

Enfim, histórias a parte, este foi um ponto alto do nosso Caminho Português. Ponto alto, literalmente e metaforicamente. É a parte mais alta do caminho e a vista do vale é linda. E lá, não sabemos dizer se porque estávamos muito cansados ou se caiu mesmo a ficha que

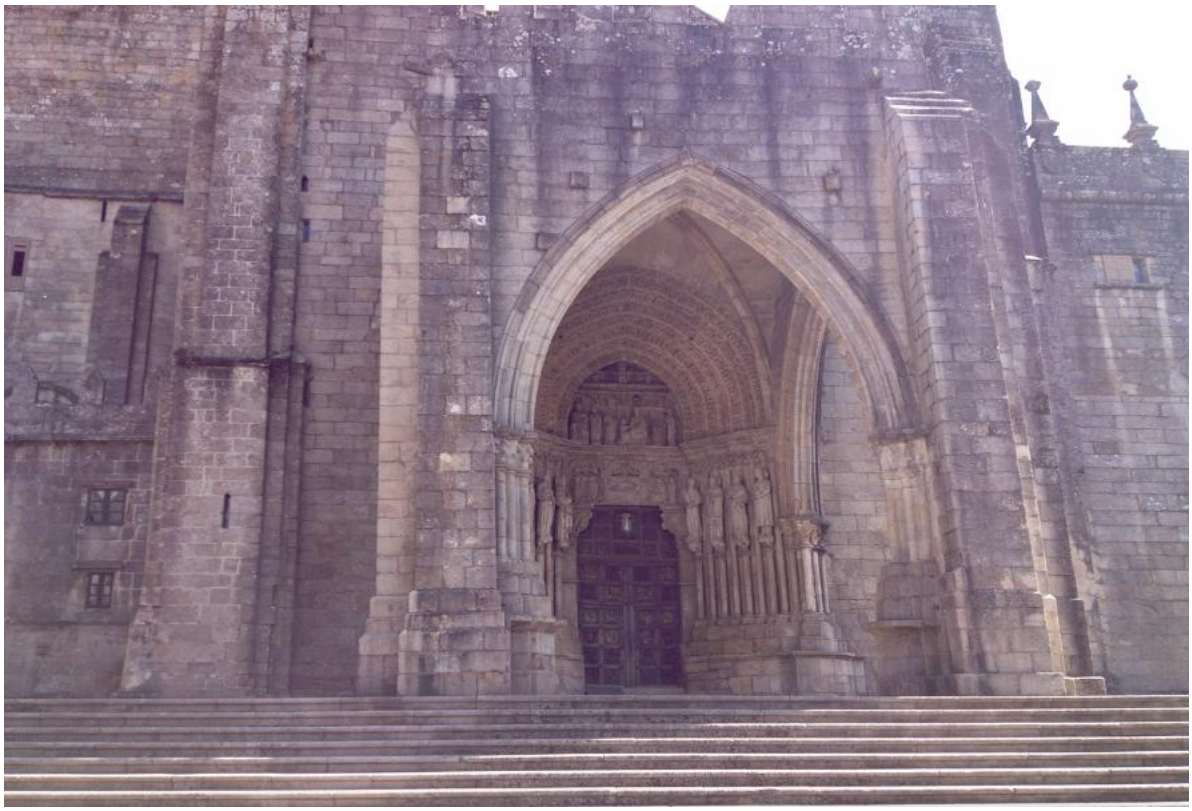
estávamos realizando o nosso sonho, caímos os dois num choro que não conseguíamos parar. Foi uma grande emoção. Depois desta catarse, respiramos fundo e seguimos nosso caminho em direção a Rubiães.

"No caminho tinha uma pedra, tinha uma pedra no caminho" ... A Vera tropeçou nesta pedra do caminho. ☺ Com a mochila nas costas foi impossível conter o tombo. Mas, ainda assim, chegamos bem a Rubiães. De repente, tudo ficou bem estranho. Uma sensação de fragilidade, medo de não conseguir seguir adiante. Mas, isto durou pouco. Fizemos um bom lanche com vinho branco numa "bitaquinha" e fomos para um albergue novinho, com gente muito amável. A senhora do albergue ajudou com a limpeza do machucado e mais tarde o proprietário do único restaurante do lugarejo nos buscou de carro para jantar.

A noite foi ótima! Conversamos e trocamos informações com outros caminhantes, com o dono do restaurante e seus funcionários. Depois disso, o mesmo dono do restaurante nos levou de volta ao albergue. Foi uma bela e restauradora noite de sono. Na manhã seguinte estávamos prontos para um novo dia de caminhada. A lição deste dia ficou para sempre. Mesmo nas quedas haverá sempre alguém que vai nos estender a mão, vai nos alegrar e vai nos fazer sentirmos melhor.

Espanha à vista...

Às vezes, nem tudo parece o que realmente é! No quinto dia de caminhada cruzamos a ponte entre Valença, ainda em Portugal, e Tuí, já na Espanha. Felizes por chegarmos a Galiza experimentamos a sopa galega, ficamos curtindo as crianças brincando na praça no final de tarde enquanto os pais conversavam, bebericando um café ou uma sangria.



No dia seguinte, chegamos a Pontevedra, uma cidade maior e com mais recursos. Entramos na cidade e paramos no primeiro pequeno hotel que encontramos. Vimos o apartamento, o preço era bom, o quarto era muito simples, mas limpo. Já cansados resolvemos ficar ali mesmo. Deixamos nossas mochilas no quarto e fomos tomar um refrigerante no bar, que ficava no andar térreo do hotel. Sentimos o ambiente "estranho com gente esquisita". Ficamos receosos e subimos para o nosso quarto. Como era uma cidade maior, começamos a questionar se aquele era o melhor lugar para ficar. Neste momento bateram à nossa porta. Era uma senhora com a carteira de dinheiro e documentos do Helinho na mão. A senhora disse: *"- vocês esqueceram isso no bar. Cuidem dela!"*. Definitivamente, decidimos que ficaríamos ali. Todas as nossas desconfianças foram embora e agradecemos a gentileza daquela senhora. As aparências enganam.

No dia seguinte, seguimos para Caldas de Reis, uma cidade menor, muito agradável às margens do Rio Umia. É uma cidade turística, que mais parece um SPA. A gente pode descansar os pés numa água morna deliciosa, em pleno centro da cidade.

Neste dia, ficamos num hotel muito bom. Sendo uma cidade turística os preços não eram dos mais baixos, mas estávamos mesmo precisando de um pouco de conforto. Um hotel como uma cama macia, lençóis e toalhas branquinhas, uma banheira muito limpa não fariam mal a ninguém. Aproveitamos a mordomia e dormimos super bem.

Pela manhã acordamos cedo, como de costume, com preguiça de deixar todo aquele conforto. Mas, quando levantamos vimos muitos pontinhos pretos no lençol. Abrimos a janela, olhamos bem e a cama estava com muitos, mas muitos bichinhos pretos… Corremos para o chuveiro. Tomamos um banho, esfregando o corpo e a cabeça com força. Não sabíamos o que era aquilo e se alguma daquelas coisas tinha nos picados ou estavam escondido no cabelo e em outras partes do corpo. A princípio ficamos desesperados, mas, felizmente, não sofremos uma única picada.

Até hoje não conseguimos entender o que foi "aquilo". Como poderiam esses bichos estarem numa cama tão limpa e tão branquinha? Seria uma "viagem" nossa? Ouvimos dizer tantas coisas sobre o "Caminho de Santiago de Compostela", que pensamos até que estávamos "expurgando" algo do nosso corpo. Ou, seria apenas um hotel "aparentemente limpo"? Não tem aquele ditado que diz: *"por fora bela viola, por dentro pão bolorento?"*

Foi assim que concluímos que, às vezes, o preconceito nos cega. À primeira vista, tivemos receio de ficar no hotelzinho simples em Pontevedra porque era um "lugar estranho com gente esquisita". O outro hotel, por causa das

aparências, ganhou toda a nossa confiança. Uma coisa é certa, se pensarmos na palavra "pre/conceito" vamos entender que ideias "pre" concebidas são sempre um erro. O melhor é conhecer primeiro, se informar e depois "gostar ou não". Mas, pelo menos, é preciso dar uma chance para conhecer, antes de sair pensando e dizendo besteiras.

Chegando lá...

Domingo, 22 de setembro de 2013 foi o penúltimo dia desta caminhada. Foi também dia de comemorar o aniversário do Helinho. Chegamos a Padrón perto do meio-dia.

Contam que o Apóstolo Santiago foi morto e decapitado em Jerusalém e que o seu corpo foi levado numa barca por dois apóstolos, para onde hoje é Santiago de Compostela. Chegando a Padrón, a barca encalhou. Ela foi amarrada numa pedra ou *pedrón* em galego, o que deu origem ao nome da cidade.

Era dia de feira e a cidade fervilhava de gente. Estranhamos, porque estivemos muito sozinhos quase todo tempo. Vimos pouquíssimos caminhantes nas cidadezinhas e aldeias. Entre esses caminhantes, encontramos um escocês que parou para descansar e saudar o amanhecer, com sua música tocada numa gaita de foles.

Nos hospedamos numa pousada linda. A casa era toda em pedra, tipicamente galega. Fomos descansar um pouco. O dia estava extremamente quente. Mais tarde, resolvemos sair para conhecer a cidade, mas as ruas estavam vazias. Tudo estava fechado, exceto um bar onde nos sentamos para tomar uma cerveja e brindar mais um ano do Helinho. Passado o calor, as pessoas foram saindo de suas casas. Terminamos aquele dia tomando um vinho celebrando o momento. No dia seguinte, chegaríamos em Santiago de Compostela.

Acordamos bem cedo, tomamos café num bar e ainda ganhamos um abraço de "boa sorte", do dono da cafeteria.

Próximo a Padrón, em Iria Flavia, ainda segundo contam, o Apóstolo Santiago teria feito uma pregação quando esteve na Espanha e que depois teria passado, já morto, trazido pelos seus discípulos.

Pois bem, ali mesmo em Iria Flavia, uma garrafa de água, que estava dentro da mochila do Helinho, vazou molhando não só o que estava dentro da mochila, inclusive os passaportes, mas também toda a sua roupa. Mas estávamos felizes demais para ficar incomodado com esse incidente. Estávamos chegando ao nosso destino. Se a água do batismo representa "purificação" e "renovação", foi ali que fomos batizados como "peregrinos", "caminhantes", "viajantes" ...

Avistamos Santiago de Compostela de longe. A sensação era impossível descrever. Alegria por chegar ao nosso objetivo, mas uma pontinha de tristeza pela caminhada terminar. Ali concluímos que o caminho não acabaria naquele dia. Seis meses depois iniciamos o Caminho Francês.

A chegada a Santiago de Compostela foi um misto de sentimentos e um pouco de decepção. Caminhar nos trouxe uma energia boa, a sensação de liberdade e compartilhamento. E, ali deparamos com uma cidade grande, com os moradores indo e vindo sem nem olhar ou responder a nossas saudações. Passamos por um grande hospital, lojas, prédios. Enfim, queríamos saltar tudo isso e chegar logo na Catedral. E, finalmente, chegamos às 15hh30. Entramos e nos emocionamos muito. Fizemos todo o ritual do peregrino, choramos, rezamos, abraçamos Santiago, agradecendo por aquela oportunidade de caminhar e chegarmos bem. E reforçamos o nosso desejo de ali voltar em seis meses.

No dia seguinte fomos à Missa do Peregrino e vimos o *"botafumeiro"*. Emocionamos de novo. Ficamos em Santiago dois dias, antes de começar a tomar o nosso caminho de "ida" para casa…

Algumas pessoas sabem que em 2001 fomos para o Alaska de carro. Quando estávamos chegando lá tivemos este mesmo sentimento de alegria e tristeza por estar próximo ao nosso objetivo e por acabar ali algo que planejamos por longo tempo. Para manter a cabeça no lugar, decidimos que não mais usaríamos a palavra "volta". Que a vida seria, para nós, sempre uma viagem de "ida". E assim é que temos administrado esses momentos, a gente sempre "vai".

Ah! Mas desta vez não fomos a Finisterra … seguimos o conselho da nossa pequena amiga portuguesa...

Depois de um Caminho Cristão, uma Rota Islâmica...

Depois de percorrer um caminho que iniciou em frente a Catedral da Sé, no Porto, terminou na Catedral de Santiago de Compostela e, antes de "ir" para casa, resolvemos conhecer uma rota por onde passaram tanto cristãos como muçulmanos.

Iniciamos em Mérida e chegamos exatamente num dia de festas. Os principais pontos turísticos da cidade estavam cheios e muitas pessoas vestidas ao estilo romano da Idade

Média. E foi, numa taberna, perto do Templo de Diana que experimentamos um vinho de rosas. Nada mal, mas também nem tão bom ☺

A cidade tem muitos lugares a serem visitados: os *Acuedutos de Los Milagros* e de San Lázaro, a Basílica de Santa Eulália, o Anfiteatro Romano, Arco de Trafaro, o Museu de Arte Romana, *Alcazaba*, a Ponte Romana sobre o Rio Albarregas, Ponte Lusitania, Zonas Arqueológicas da Moreria e o famoso Templo de Diana.

Visto tudo isso, partimos para Córdoba. Ali, nos deparamos com um centro histórico muito interessante, uma vez que foi uma importante cidade romana e um grande centro islâmico na Idade Média. O primeiro lugar que visitamos foi *La Mezquita*, que tem uma sala de orações com colunas e mosaicos bizantinos. Depois foi transformada numa catedral católica que comportou uma nave renascentista à sua arquitetura. E assim seguimos visitando toda a parte da Medina, da Judiaria, *Alcazaba*, a Cavalaria Real, os Moinhos, a Sinagoga, a *Plaza La Corredera*, que já abrigou na Idade Média um cenário de execuções e prisão. Depois, fomos ao mercado que hoje, além de sediar festas como *Noche Blanca del Flamenco,* é um lugar bem agradável com bares, cafés e restaurantes. Além desses lugares, estivemos na Plaza del Potro, *Ajerkia* ou, simplesmente, caminhamos pelas ruas da cidade, imaginando o que ali seria durante o domínio islâmico.

Era hora de partir. Estávamos ansiosos por conhecer Granada, por toda a história que nela vem contida. E, lá chegamos! Por sorte, conseguimos comprar e agendar uma visita ao *Alhambra*. Esse é um lugar imperdível. Quem for a Granada e não conhecer *Alhambra*, sinto muito, mas não conheceu a cidade e sua história.

Alhambra foi considerada a oitava maravilha do mundo e está localizada na colina *Sabika*, que fica bem em frente ao bairro *Albaícin*. Ao fundo está a *Sierra Nevada*, fazendo parte de toda a paisagem de Granada.

Alhambra é uma cidadela, com o palácio, cujo nome pode ser traduzido para o português como “castelo vermelho”, e “fortaleza árabe”. Passamos o dia inteiro vendo todos os detalhes do complexo. Dentro e fora, nos jardins, nos transportamos para aquela era remota. Mas, Granada reservava ainda outras maravilhas como, a *Capilla Real*, *Corral del Carbon, a Parroquia de los Santos Justos y Pastor* e o Mosteiro de San Jerónimo, *Plazas de Izabel La Catolica e Campo del Principe*, os Banhos Árabes e muito mais.

O bairro de *Albaicín* é o mais mouro de Granada. Caminhar pelas suas ruas e parar na Plaza Larga para comer uns *"tapas"* e tomar umas cervejas foi uma delícia. Também são imperdíveis a vista San Nicolas e o Sacromonte, conhecido como bairro cigano. Ao longo do *Camiño del Sacromonte* estão as *"cuevas"* (casas cavernas) que apresentam o flamenco a noite. Enfim, Granada foi uma cidade para apreciar e aproveitar cada cantinho, curtindo as suas histórias e sua comida e a vista do *Alhambra*, que é parte da paisagem granadina.

Era hora de partir para Sevilha, nossa última parada pela Andaluzia. Numa outra viagem conhecemos tanto Sevilha quanto outras cidades andaluzas. Mas, foi ótimo retornar anos depois. A proposta ali era revisitar lugares e aproveitar o que Sevilha traz, a alegria.

Para nós, Sevilha continuou a ser uma das cidades mais espanholas do nosso imaginário. Elegemos um bar que chamava *Las Gitanas Locas*, para o final do dia, depois das nossas andanças pela cidade visitando a Catedral, Alcazar, Giralda, o bairro Judeu, a Plaza de España, a Plaza de Toros. Sobre a Plaza de Toros, vale ressaltar que numa outra ida a Sevilha, nos aventuramos numa tourada. Essa foi uma experiência pra lá de traumática. Ficamos perto de um senhor e a da sua neta, que nos "ensinou" tudo sobre esse "jogo" bizarro. E, por acaso, o toureiro foi desmoralizado. O touro frente a frente com o toureiro não caiu diante dele, o que foi motivo para a sua desmoralização e muitas vaias.

O bairro de Triana também foi um ótimo lugar para estar. O Mercado de Triana é uma das atrações, fora os bares com comidas típicas, como o *salmorejo,* outros tapas e muita música flamenca.

Embora Sevilha já fosse um lugar já conhecido, ficou o desejo de voltar. Outras cidades vizinhas também estão no nosso radar. Inclusive, ainda consideramos fazer a pé a Rota do Califado, que nos trará a oportunidade de conhecer ainda mais essa cultura andaluza.

Caminho Francês:
Saint-Jean-Pied-de-Port a Santiago de Compostela

Saint Jean Pied de Port e a subida dos Pirineus...

Iniciamos o nosso segundo caminho a Santiago de Compostela em abril de 2014. Voamos de São Paulo a Lisboa. De Lisboa fomos de trem até Hendaye, na França. E de lá, fomos de ônibus até Saint Jean Pied de Port, que fica aos pés dos Pirineus e é onde começa o Caminho Francês. Este caminho é o mais famoso, mais cheio e o mais festivo dos caminhos que levam a Santiago de Compostela. Não faltam restaurantes, bares, cafeterias, pousadas, albergues e caminhantes. Nesta época, o caminho já tinha muita gente. Isto nos causou um certo estranhamento. O Caminho Português foi um caminho vazio e curto, mas denso. Ouvimos dizer que hoje em dia, para reservar algum lugar em Saint Jean Pied de Port ou na Colegiata em Ronsesvalles, que é a primeira parada do caminho, é preciso fazer com muita antecedência.

Algumas lendas explicam o Caminho Francês. Uma delas é que os povos ancestrais, provavelmente Celtas, peregrinavam até Finisterra, ou Fisterra, para purificarem a suas almas. Em Finisterra, onde acreditavam ser o final da terra, esses peregrinos se despiam e realizavam o ritual da queima de roupas, substituindo-as e dando por concluída a peregrinação, retornando às suas casas mais leves e felizes. O nome “Compostela” é uma derivação do latim *Campus Stellae*, "campo da estrela", ou Via Láctea, que dizem que percorre todo este caminho.

Desta vez, já mais preparados, resolvemos ficar um dia a mais em Saint Jean Pied de Port para conhecer a cidade. Os “peregrinos” de todo o mundo percorrem suas ruas, ansiosos para partir rumo aos Pirineus. Assim, pegamos as nossas “credenciais”, um “passaporte” do peregrino, que são carimbados por onde passamos, comprovando a peregrinação.

Apesar do frio intenso, chegou o dia de subir os Pirineus. Assim como todas as outras pessoas, acordamos cedo. A nossa anfitriã serviu um bom café da manhã e ainda nos presenteou com croissants para levarmos na mochila.

Antes de sair para a caminhada, foi preciso passar na “Oficina dos Peregrinos” para saber sobre as condições climáticas na montanha. Se não estiverem boas condições, os caminhantes deverão aguardar mais um dia na cidade, ou atravessar os Pirineus pela estrada, dividindo espaço com os carros. Por sorte, neste dia, o clima estava bom.

Foram 25 km montanha acima e apenas 4 km de descida. No caminho, tem somente um pequeno albergue/restaurante, não muito longe de Saint Jean Pied de Port. No alto da montanha só existe um pequeno abrigo para

meia dúzia de pessoas, em caso de emergência. Por isso, é preciso levar água e alimento suficientes para essa travessia. O tempo estava frio. Paramos para tomar um café nesse único lugar e lá encontramos gente de todo o planeta. Uns se aquecendo com sopa, café ou outra bebida quentinha e outros se bastando de cerveja e vinho àquela hora da manhã. E assim,

subimos, subimos, subimos e passamos por todo tipo de clima. De sol a vento, chuva e um pouco de neve. Apesar da brutalidade daquela travessia, com subida infindável, cansaço e falta de estrutura, a sensação e a beleza dos Pirineus é capaz superar toda essa dificuldade.

Nos 4 km finais de descida existem dois caminhos. Um deles é mais fácil e o outro mais difícil, com uma descida bem mais íngreme. E, claro, o segundo foi a nossa opção. Passamos pela Floresta das Bruxas, nome que demos a este caminho.

Não sabemos se pelo cansaço físico e psicológico, parecia que estávamos sendo seguidos, apesar de ser este o único lugar em que estivemos sozinhos. A sensação era de ter algo passando entre as árvores, mas que não víamos o que era. Por isso, demos o nome de Floresta das Bruxas. Na falta de explicação para essa sensação, pensamos ser alguma bruxinha boa nos ajudando a vencer a dificuldade do caminho. Assim, foi uma descida dura, mas numa floresta encantada... Finalmente, conseguimos... chegamos a Roncesvalle, já na Espanha... Dali, sem contar os quase 30 km caminhados ainda nos restava 790 km até Santiago de Compostela.

E agora, onde dormir...

O albergue, que fica na Colegiata Santa María de Roncesvalles, é muito organizado e limpo. Jantamos e trocamos informações com outros caminhantes. As luzes se apagaram as dez da noite e às seis da manhã fomos acordados ao som de *"Wake up little Suzie",* tocado e cantado por um grupo de hospedeiros. Foi, no mínimo, inusitado e divertido. Só os adeptos do mal humor matutino que, provavelmente, não tenham achado nenhuma graça.

Depois de um bom café da manhã, seguimos, debaixo de chuva para Zubiri. A descida para a cidadezinha era um verdadeiro tobogã enlameado, que somente graças ao apoio no bastão de caminhada não batemos de bunda no chão. Mas, vimos muita gente despencar na lama, sem nenhuma gravidade. No caminho, a maioria das pessoas estão dispostas a ajudar, dar informações, conversar e já de início começamos a fazer algumas amizades. Algumas duram até hoje. Quando estamos disponíveis e abertos a novas amizades, as aproximações fluem.

De Zubiri seguimos para Pamplona, ainda com chuva e muito barro. Foi somente quando chegamos ao nosso destino que o sol apareceu. As boas-vindas vieram de um morador local, que nos abordou na entrada da cidade. Disse ter um amigo no Brasil e ficamos um tempo conversando. Chegamos cedo o suficiente para aproveitar um pouco da cidade. Às vezes, dá vontade de ficar mais um pouquinho em algumas cidades, mas o caminho nos chama e temos que seguir.

No dia seguinte, fomos para Puente La Reina. Nessa altura, já conhecíamos o Torsten, que era de Dresden na Alemanha, o Olivier e uma prima da Martinica, dois amigos franceses (Jean Marie e Jean), e algumas outras pessoas... Chegando na cidade encontramos o Oliver muito preocupado porque a prima, que era mais lenta, não tinha chegado ainda. Depois de encontrá-la e mais aliviado, contou rindo muito, que a prima decidiu voltar a Paris, onde moravam. Isso porque, ela pensou que aos domingos ficariam descansando, mas se irritou ao saber que na caminhada não teria dia de descanso. E, como todos, Oliver iria caminhar. ☺

De Ponte La Reina seguimos um duro caminho para Estella. Ao chegar exaustos na cidade não achamos nenhuma hospedagem. Um senhor sugeriu caminhar mais 5 km adiante, onde tinha um camping com cabanas. Mas, e se não tivesse lugar? Foi o que pensamos. Por ser um feriado prolongado, dia do Trabalho, estava tudo lotado. Tivemos a ideia de parar num

hotelzinho, que também já estava lotado, e pedir ajuda. Os proprietários, Carlos e Maria Cruz, foram a nossa salvação. Ligaram no camping, em outros hotéis, albergues e pousadas e nada... tudo estava lotado. Eles só encontraram um hotel rural que ficava a 4 km antes de Estella. Ou seja, tínhamos que voltar 4 km para nos hospedar. Desanimados de ter que retornar, mas sem nenhuma outra opção, voltamos. E, acatamos a sugestão do casal de reservar um lugar nas 3 cidades seguintes, Torres del Rio, Logroño e Nájera. A partir daí, aprendemos que nesse Caminho Francês seria necessário garantir um lugar. Assim, sempre tínhamos uma reserva garantida para o dia seguinte.

E a "lotação esgotada" continua...

Era o nosso sétimo dia de caminhada quando chegamos a Torres del Rio. O hotel reservado estava com a capacidade máxima de hóspedes, ou acima talvez. Tinha tanta gente que a água quente acabou e tivemos que tomar banho na água fria. A temperatura externa beirava os dez graus. Pagamos caro, em todos os sentidos, para ficar neste hotel. Os hóspedes estavam felizes demais, pelo feriado prolongado e pelo vinho. O jantar até que foi bom e divertido, mas nós estávamos bem cansados e querendo dormir, para seguir adiante no dia seguinte. Mas, foi muito difícil pegar no sono com toda aquela farra.

Cada um tem o seu ritmo no "caminho". Nós acordamos bem cedinho e não abrimos mão do nosso café da manhã. Como os albergues e as pousadas quase nunca oferecem este serviço, sempre compramos algo no dia anterior, para o nosso dejejum. Esquentamos a água no nosso minúsculo "ebulidor", comprado em uma destas viagens por aí. Sabíamos que um dia nos seria muito útil. Com isso, demoramos mais ou menos uma hora e meia para sair, depois de todo o ritual matutino. Caminhamos cerca 9 ou 10 km antes de uma parada para um lanchinho e, se acharmos um bar aberto, tomamos um *"café con leche*" sempre muito delicioso.

Quando saíamos para caminhar, algumas pessoas já tinham partido. Com isso, as paradas eram sempre cheias. E os banheiros... ah, estes muitas vezes a gente dispensava. O "matinho" era melhor... Mas, como este Caminho Francês era cheio, não foi preciso preocupar em seguir as setas que indicam as trilhas. Sempre tinha alguém na nossa frente ou atrás. Quando fazíamos um "pit stop estratégico", a gente precisava se afastar da trilha, pegando algum atalho. Só que, um de nós tinha que ficar na trilha avisando onde era o caminho original. Era tão automático seguir as pessoas que muitos iam atrás, no atalho do xixi. ☺

E os "turisgrinos"? Ah... estes eram aqueles grupos enormes que vão felizes, tagarelando e cantando pelo caminho... Uma Van os deixava na trilha e eles seguiam com uma pequena mochila falando igual papagaio... Mais a frente entravam novamente na Van, antes de chegarem à cidade.

Cada um faz o caminho como pode, mas, às vezes, estes grupos chegam aos bandos nas hospedarias e ficamos sem lugar. Apenas os albergues têm uma regra. A preferência é de quem caminha, depois para os "bicigrinos", mas, algumas empresas de turismo reservam para os "turigrinos". E aí, acontece o que aconteceu conosco em Estella.

Ainda era feriado prolongado quando chegamos a Logroño, uma cidade grande e festiva. Depois, seguimos para Nájera, onde acontecia uma festa medieval. No caminho, nos bastamos de água e vinho na *Bodega Irache*, que é uma vinícola, onde duas torneiras, uma de água e outra de vinho, ficam à disposição de passa por lá.

Chegando perto de Nájera, estávamos exaustos. De longe vimos a cidade, mas parecia que ela nunca mais chegaria. Paramos para descansar, tomar água e comer umas uvas passas. Juntamos as poucas forças que restavam, as pernas já não obedeciam a nosso comando. Ainda assim, alcançamos um casal que estava na nossa frente, em situação igual ou pior que a nossa. O cansaço deles era visível. O andar descontrolado deles nos causou uma crise de riso. Mal conseguíamos andar também... Era pura exaustão e o corpo já não obedecia aos comandos. E foi assim que chegamos em Nájera. Cansados, nos arrastando, mas felizes por chegar...

A Madre Superiora e o Galo de Santo Domingo de la Calzada...

Depois de descansar e aproveitar o dia de festa em Nájera, seguimos, no dia seguinte, para Santo Domingo de la Calzada. Lá, tivemos a sorte de ficar numa pousada que pertence à ordem das irmãs Cisterciense. A dica foi do Jean Marie e Jean, os dois franceses que conhecemos. O Jean Marie era muito organizado e, acreditem, tinha reservado hotéis e pousadas em todo o caminho. Isso mesmo, para os 31 dias de caminhada.

Chegamos na hospedaria com esses franceses, mas vimos que era muito caro. Como dois bons "mineirinhos bons de papo", conseguimos um bom desconto e a Madre Superiora nos colocou num apartamento, que era reservado aos padres e irmãs visitantes. Um lugar incrível! Limpo, agradável e com uma bela vista.

No dia seguinte cedo, partimos para Belorado, mas não sem antes passar pela igreja e pedir as bênçãos de Santo Domingo.

Conta a lenda que um pai e seu filho, enquanto faziam o caminho para Santiago, pararam na cidade para descansar. O filho apaixonou-se pela filha do dono do albergue. A jovem, que tinha ódio no coração, colocou um garfo de prata junto aos pertences do rapaz para incriminá-lo, injustamente. Ele foi acusado de roubo e foi preso. Quando o pai foi buscar o corpo ouviu de um anjo que Santo Domingo havia poupado a vida do seu filho. Assim, o pai procurou o juiz, que estava jantando, e contou sobre o que o anjo tinha revelado. O incrédulo juiz disse: *"- Solto o seu filho quando este galo e esta galinha cantarem novamente".* O juiz não acreditou até ver que o galo e a galinha, que estavam sendo servidos no jantar, cobriram-se de pena, cacarejaram e cantaram. O jovem foi libertado e, a partir daí, entre 25 de abril a 13 de outubro, uma galinha e um galo brancos são mantidos, num galinheiro, dentro da igreja. Eles são trocados a cada 20 dias. Dizem que, se o galo cantar, quando for feito um pedido, este pedido será aceito.

Bem, sabendo da lenda fomos pedir a Santo Domingo para ter uma boa caminhada e chegarmos bem a Santiago de Compostela. A igreja estava fechada por uma grade, mas com visão do altar. Pedimos com muita fé. Quando terminamos o galo cantou bem alto! O susto que levamos foi grande, mas a alegria foi maior. E assim, seguimos confiantes o nosso caminho para Belorado. No dia seguinte fomos para Agés e, no outro dia chegamos em Burgos...

As Mesetas...

Burgos é uma cidade grande, com muitos atrativos turísticos, restaurantes, bares, lavanderias e supermercados. Foi muito bom rever a cidade que já conhecíamos, mas é sempre sacrificante entrar e sair de cidades grandes para quem caminha.

A partir dali, entramos na região das *Mesetas,* uma área quente e seca, com paisagem uniforme e poucas sombras. As retas parecem infinitas e são cercadas de plantações de trigo e cevada. Por isso, alguns caminhantes preferem ir de ônibus até León e pular estes quase 200 km do caminho. Nós preferimos caminhar de Burgos até León. Na verdade, descobrimos que quem não faz este trecho perde a chance de conhecer um outro lado também bonito do caminho, apesar de estafante.

Então, de Burgos fomos para Hornilhos del Camiño. O lugarejo só tinha uma Casa Rural, onde nos hospedamos, e um restaurante, que servia

jantar por turnos. Enquanto aguardávamos nossa vez, ficamos sentados num bar, conversando com um casal de irlandeses e com um espanhol, que jurava que a Espanha seria campeã da Copa do Mundo daquele ano. Só lembrando, na Copa do Mundo de 2014 a Espanha foi desclassificada logo de início...

Chegando a Castrojeriz - Espanha

No dia seguinte, formos para Castrojeriz. Foi duríssimo! Passamos um longo tempo vendo a cidade ao fundo, que nunca chegava. Quando, finalmente, chegamos tivemos que atravessá-la para achar a nossa pousada. Por um erro qualquer, nossa reserva tinha sido cancelada. Mas, os proprietários nos recompensaram colocando num hotel, também deles. Que sorte! A pousada era um lixo, mas o hotel era um luxo!

Depois de uma noite reconfortante, fomos para Frómista. De novo, a mesma paisagem plana, quente e poeirenta. Chegamos num domingo. Na pousada pagamos a diária num bar/restaurante, mas quando entramos no quarto. Putz! Parecia um pardieiro, ou melhor, um puteiro mesmo. Ficava distante da cidade e na beira de uma linha de trem. Pedimos o dinheiro de volta. Mentimos dizendo que ainda era muito cedo para parar e que seguiríamos caminhando para a próxima cidade. O dono do pardieiro não gostou, mas devolveu o que pagamos. Caminhamos até o centro da cidade. Encontramos um hotel novinho, limpo e com direito a um jantar delicioso no restaurante ao lado. Foi o melhor bacalhau fresco que já comemos.

E, continuamos nossa caminhada, sempre na mesma paisagem quente, poeirenta e estafante, mas parando em pequenos lugarejos, com suas belezas próprias e com amigos que fomos fazendo pelo caminho. Assim foi em Carrion de Los Condes, Terradillos de Los Templarios, Bercianos del Real Camiño, Masilla de las Mullas até que chegamos a León.

Léon - Espanha

León é uma cidade grande, agradável e, principalmente, sabíamos que a partir dali não teríamos mais o caminho com as retas infinitas, sem sombra e poeirento dos últimos 8 dias. Ficamos num hostel. Era sexta feira, e uma turma de adolescentes chatos chegou para um final de semana de quebradeira. Adolescentes sem noção, sem graça e bêbados. Mas, não seria isso que estragaria o nosso caminho. Depois de uma noite mal dormida, seguimos adiante e paramos em San Martin del Camiño, onde reencontramos a paz, amigos e conhecemos outras pessoas, num jantar delicioso regado a muito vinho.

Na saída para Astorga, decidimos pelo caminho mais longo para evitar as estradas movimentadas. Chegando ao topo da montanha, que estava completamente florida, encontramos o David, um gringo que sempre deixava frutas e outras guloseimas em troco de donativos para repor o estoque. E seguimos caminhando e colecionando bons momentos, como em Rabanal del Camiño onde assistimos uma oração em latim e os cantos

gregorianos, feitos pelos monges, num ambiente que nos transportou para uma época medieval.

Para Molina Seca saímos bem cedo e com o tempo bem frio. A caminhada foi fantástica, apesar de muita subida e descida. A montanha estava inteira florida até que chegamos à "Cruz de Ferro", um dos pontos altos deste caminho. É neste lugar que os caminhantes deixam as pedras que carregam. Deixá-las ali na "Cruz de Ferro" significa deixar tudo de negativo em sua vida. Nós não carregamos as pedras, mas cumprimos o ritual. Depositamos uma pedra aos pés da "Santa Cruz" ... Depois, seguimos leves, passando por Foncebadón, um lugar intrigante, antes de chegamos a Molina Seca.

A casa que nos hospedamos em Molina Seca era linda. Tinha uma enorme lareira, bem no centro da sala. O vinho ficava à disposição dos hóspedes. Assim, aquecemos o corpo e a alma. Enquanto do lado de fora, a chuva e o frio nos alertavam para o difícil dia de caminhada que viria pela frente.

Em direção ao O Cebreiro...

Como previsto, saímos de Molina Seca debaixo de muito frio, chuva e barro, o que continuou pelos dois dias seguintes. Passamos por Villa Franca del Bierzo e o clima continuava bruto. Com isso, a caminhada até "O Cebreiro" foi duríssima. Além da chuva e do barro, as subidas eram íngremes. Essa foi uma das etapas mais difíceis desse caminho, depois da subida dos Pirineus. Mas, a emoção, depois de caminharmos 26 dias e entrarmos na Galiza superava toda as dificuldades e o cansaço.

O Cebreiro é uma aldeia Celta, com as casas circulares, feitas de pedra e com o teto de palha, com uma inclinação que suporta os fortes ventos das montanhas e a neve. Está localizada a 1.300 metros de altitude. É um local que guarda lendas, histórias e milagres. Realmente, um lugar mágico! O único problema é que, apesar de ser um local turístico, as acomodações são restritas. Fizemos nossa reserva num hotelzinho dias antes e fomos, fortemente, aconselhados a ligar no meio da tarde da nossa chegada confirmando. Caso contrário, a reserva seria cancelada. Ligamos, como o recomendado, mas vimos alguns caminhantes, que não confirmaram, perderem as suas reservas.

A noite fomos a uma missa dedicada aos peregrinos, nos aquecemos, tomamos uma gostosa sopa galega e vinho, e fomos descansar. Quando acordamos, fomos surpreendidos pela neve que caía. Mas, tínhamos que seguir adiante assim mesmo. Foi um dia muito duro para caminhar. Além da neve, tivemos que subir mais ainda. Paramos num bar, ainda próximo de O Cebreiro, para beber alguma coisa quentinha, porque estávamos congelando. Já aquecidos, entrou uma japonesinha recém-saído da adolescência. Ela estava toda molhada, com uma roupa inapropriada para a ocasião e suas mãos congeladas. Pediu ajuda para tirar a mochila. O estado dela era bem preocupante. A toalha e todas as suas roupas estavam também molhadas, menos uma blusa que conseguimos achar bem no fundo da mochila. Ela se trocou e ficou no bar, se recuperando, antes de seguir adiante. Nós seguimos em frente.

Chegamos em Triacastela muito molhados e gelados. O caminho passava por fazendas com enxurradas de cocô de gado misturado com a água da chuva. O cheiro era tão forte que nem sabemos como o dono do albergue nos permitiu entrar. Começamos a tirar tênis e as roupas na porta do quarto, deixando tudo do lado de fora. Mas, o cheiro parece que nos perseguia. ☺ Lavamos tudo e graças a um bom aquecimento, conseguimos secar as roupas e os tênis de caminhada. Depois de tudo limpo, cheiroso e seco, no dia seguinte, fomos para Sarriá, ainda na chuva, mas sem a neve do dia anterior.

Mais um aniversário no Caminho e Santiago a vista...

Daqui para frente o caminho seguiu meio carrancudo, entre chuvas e pouco sol. Era dia 24 de maio, aniversário da Vera e vigésimo oitavo dia de caminhada quando chegamos a Sarriá. Se o Caminho Francês é cheio, a partir dali fica ainda mais cheio de caminhantes. Para receber a "Compostelana", um certificado que os peregrinos/caminhantes recebem, precisam caminhar, pelo menos, 100 km. E, Sarriá está, exatamente, a 100 km de Santiago de Compostela. Por isso, é o lugar onde algumas pessoas começam o caminho.

Quando chegamos ao hotel, que já tínhamos reservado para aquela data importante, o dono nos levou para outro hotel, bem distante do centro da cidade, que também era dele. Mas, nós tínhamos um motivo especial para querer ficar naquele hotel do centro. Aquele era um dia para comemorar o aniversário. Depois de muito estresse ganhamos a

discussão. Ficamos onde planejamos. Descansamos um pouco e fomos conhecer a cidade. Encontramos uns amigos italianos, que estavam eufóricos com um jogo decisivo da Itália na Copa do Mundo. Tomamos vinho, jantamos... Enfim, no dia seguinte era hora de partir para mais um dia de caminhada. Dessa vez, com muitos mais caminhantes ao nosso lado e, dentre eles, muitos daqueles "turisgrinos" falantes.

A próxima parada foi Portomarim. Foi uma caminhada ainda com o clima bem frio. No outro dia, chegamos a Palas de Rei. Já estávamos muito cansados. Um cansaço acumulado dos trinta dias de caminhada. Distraidamente, fomos pegar um atalho e, sem querer, entramos portão adentro de uma casa. De repente, veio um cachorro enorme latindo. Levamos um grande susto e voltamos correndo. Estranhamente, quando passamos do portão para fora o cachorro parou. Ufa! Ficamos bem espertinhos, depois desta adrenalina toda.

Já em Palas de Rei fomos para o apartamento reservado. Era um prédio de três andares, com apartamentos para alugar, mas somente uma senhora morava ali. Enquanto íamos tocar a campainha a senhora resolveu abrir a porta. Ela levou tanto susto conosco que gritou e, nós levamos um susto maior ainda com ela gritando que gritamos também. Quase saímos correndo. Cena de filme "pastelão". ☺ Apesar de tanta gente no caminho, somente nós ficamos ali. Depois descobrimos que na cidade tinha um novíssimo e lindo albergue. Mas, como já estávamos instalados e o lugar era bom, ficamos lá mesmo.

No jantar reencontramos o Bu, um dinamarquês. A comida boa, o vinho e o "papo cabeça" mexeu tanto conosco quanto com o Bu. Coisas do caminho, que só quem caminha longas distâncias entende... Depois de tanto tempo caminhando, os sentimentos ficam a flor da pele. Não sabemos se o cansaço físico mexe com o nosso psicológico ou o que... Mas, não importa. O que importa é a sensação que nunca mais sai da gente.

Seguimos para Arzua. Chuva e frio no caminho e muito cansaço e desânimo. Chegamos num hotel quentinho e mal saímos do lado de fora. Da mesma maneira, no dia seguinte, o trigésimo segundo dia, ainda cansados dos dias de caminhada, com vento e chuva, encontramos uma inglesa, a "Mina", que caminhava toda animada. A disposição com que ela caminhava acabou nos contagiando e o nosso ânimo voltou. Afinal, Santiago estava bem perto.

Depois disso, numa das paradas em um bar superlotado, encontramos um espanhol, o Isidoro que, toda vez que nos via dizia que tinha uma brasileira caminhando. Mas, nunca a vimos. E, desta vez, ele nos apresentou a brasileira. O mais engraçado foi que ainda nos Pirineus, no primeiro dia de caminhada, conversamos com o filho dela, o Matheus. Ele disse que a mãe, que já era bem de idade, estava

com dor nos joelhos. Por isso, ele seguiria na frente, porque ela era muito lenta. Quando encontramos a Rose ficamos sabendo que era ela a mãe "idosa" do Matheus. Rimos muito contando essa conversa para ela. A Rose era muito mais jovem do que nós. Depois desse encontro, a amizade foi imediata. Rapidamente, já estávamos fazendo confidências do caminho.

E, finalmente, chegamos a Pedrouzo, última cidade antes de Santiago. Descansamos, dormimos cedo e ainda era noite quando saímos para caminhar. A ideia era chegar antes de meio dia, hora da "Missa dos Peregrinos". Passamos pelo bosque ainda escuro, sem medo e muito ansiosos com o nosso último dia de caminhada. No Monte do Gozo avistamos Santiago de Compostela. Não é atoa que o lugar tem este nome.

Na chegada a Santiago de Compostela o sentimento era de alegria, por termos conseguido chegar bem. Desta vez, a tristeza de terminar o caminho foi substituído pela certeza de que voltaríamos no ano seguinte, na mesma época. Decidimos fazer o Caminho do Norte. Assim, fomos, mais uma vez, à "Missa do Peregrino", como programado, e vimos, outra vez, o Botafumeiro. Agradecemos a Santiago. Passeamos pela cidade. Reencontramos alguns amigos do caminho. Comemoramos a nossa chegada. Celebramos. Ali encerrava este Caminho Francês, mas tínhamos plena certeza de que não encerrava a nossa caminhada. Ah, e dessa vez fomos a Finisterra.

Caminho do Norte:
Irún a Santiago de Compostela

Vamos ver o Mar Cantábrico...

Em abril de 2015 iniciamos a nossa nova caminhada. Desta vez, foi o Caminho do Norte, ou Caminho da Costa, porque vai ladeando o Mar Cantábrico, o País Basco, Cantábria, Astúrias, entrando na Galícia. A beleza é indescritível, mas a dureza do caminho é na mesma proporção da sua beleza. É um caminho bem mais vazio. Com isso, tivemos a oportunidade de caminhar com algumas pessoas do local e as amizades, com os outros caminhantes, se estreitam mais, porque parávamos sempre nos mesmos lugares. Esta é a vantagem de percorrer caminhos não muito movimentados.

Saímos de Irún, na fronteira França/Espanha, para San Sebastian (Donostia para os Bascos), Zarautz, Deba, Markina (Xémein). Foram estes os quatro primeiros dias, sempre avistando o mar.... subindo, subindo, subindo... descendo, descendo, descendo. De cara já percebemos como este seria um caminho difícil.

Dois fatos nos marcaram nesses quatro dias de caminhada. O primeiro foi a chuva de granizo que enfrentamos de Donostia a Zarautz. Caía muito granizo enorme na nossa cabeça até que uma pessoa do local passou de carro e nos socorreu. Não estávamos muito longe do nosso destino, talvez uma hora e meia de caminhada, mas não tinha como nos esconder da chuva e estava perigoso caminhar. Só lembrando, esses outros caminhos para Santiago têm menos infraestrutura do que o Caminho Francês.

Entramos num carro bem velho, com tanta tralha dentro, mas pelo menos nos salvamos das pedradas na cabeça. No meio do caminho, vimos uma coreana, sozinha que

tínhamos conhecido mais cedo. Pedimos para o rapaz parar, mas não tinha como ela entrar no carro. Não cabia mais nada dentro daquela "lata de sardinha". Seguimos adiante, e o remorso nos perseguiu. Depois comentando com ela, sorriu e disse-nos: *"- não se preocupem. Eu sobrevivi"*. E nos abraçou.

Dois dias depois, caminhávamos de Deba a Markina (Xeméin), paramos na Ermita Calvário da Maia. Uma gatinha veio nos acarinhar. Depois apareceu um cachorro, que corria na nossa frente, parecendo que queria mostrar algo. De repente, também apareceu um outro cachorro branco, enorme, e ficou ao nosso lado. Ele nos seguiu por 5 km. Num certo instante, já preocupados porque o cachorro não parava de nos seguir e, ao cruzar uma porteira, o deixamos do outro lado, sem que ele conseguisse atravessar e vir conosco. Ficamos com muito pesar, mas não podíamos mais seguir com ele. Mas, vimos que o cachorro tentava passar por baixo de um arame farpado. Voltamos correndo e, abrimos a porteira.

Mais a frente ele foi o nosso anjo da guarda protetor. Foi quando passamos num pasto com muitos touros bravos. A porteira estava aberta e um deles escapou. Estava do lado de fora. Ficamos parados com medo e pensando o que fazer, porque o touro estava bem no nosso caminho. De repente, nosso anjo da guarda se pôs na frente do touro para que pudéssemos passar.

Continuamos caminhando e o cachorro nos seguindo. Num certo ponto, paramos num pequeno bar de um lugarejo. Já muito preocupados, perguntamos a uma senhora, se ela conhecia aquele cachorro. Ela disse que não, mas que chamaria a polícia para identificá-lo. O cachorro se deitou e, de longe ficou nos olhando, enquanto tomamos um café... Depois, se levantou, deu a meia volta e sumiu no caminho...

A Guernica de Pablo Picasso e o Padre Ernesto...

Chegamos a Guernica, cidade que originou o nome de uma das famosas obras de Pablo Picasso. Esta obra, pintada a óleo em 1937, foi criada em resposta ao bombardeio na cidade. Era uma "declaração de guerra contra a guerra e um manifesto contra a violência".

Nos dias seguintes fomos reencontrando os amigos pelo caminho e tivemos a oportunidade de conhecê-los melhor. A Sol (coreana), o Frank (alemão), o Anthony (um inglês, criado nas Astúrias), um espanhol local e outro ali, que iam nos ensinando um pouco mais sobre a região e os seus costumes. Passamos por Lezama, antes de chegarmos a Bilbao.

Bilbao é uma cidade portuária linda. O Museu Guggenheim é um dos lugares mais visitados da Espanha. Seu projeto teve como objetivo a revitalização da cidade e, hoje, recebe visitantes de todas as nacionalidades. De Bilbao seguimos para Portugalete, atravessamos o rio numa espécie de "*ferry-boat* suspenso". Do outro lado, as "rampas rolantes" na subida de suas ruas íngremes foram um bálsamo para o nosso cansaço.

Começamos a deixar o País Basco. Entramos em Castro-Urdiales, já na Cantábria, depois Laredo e, no meio do caminho, encontramos o Eduardo, um local, que nos sugeriu que o acompanhasse por um caminho que não era o que tínhamos programado. Seguimos Eduardo e não arrependemos. Foi uma ótima caminhada com uma paisagem linda.

No dia seguinte, em direção a Güemes, o caminho foi bem diferente. Para seguir adiante era necessário fazer uma travessia de barco. Nesta travessia encontramos o Othman, um suíço que tinha um irmão gêmeo. E pasmem, o irmão era dentista e morava em Belo Horizonte. A afinidade foi instantânea. Trocamos números de telefone, mas quando voltamos para BH nunca encontramos o irmão dentista. Mas, isso por um descuido nosso...

Pois bem, já sabíamos que o caminho até Güemes era muito longo. Descemos do barco conversando com a Cindi, uma norte americana de Ann Arbor, local que costumávamos ir fazer compras na Cabela's, quando vivemos em Ohio. Mas, um fato bem estranho aconteceu. Erramos o caminho original, mas encontramos um outro caminho muito mais curto para Güemes, que não constava em nenhum dos mapas que tínhamos.

Enfim, chegamos num lugarejo especial, com pessoas especialíssimas. Era domingo e a missa estava terminando. Entramos na igreja e o padre Ernesto veio falar conosco. Pegamos o carimbo na nossa credencial e o padre perguntou se ficaríamos no albergue da igreja. Dissemos que já tínhamos marcado com a Maria e o Thomas para ficar na casa deles. Como todos por ali eram conhecidos disse que ficaríamos bem acomodados. E, nos convidou para jantar no albergue. Aceitamos e fomos para a pousada.

O lugar, a casa e o casal era tudo muito legal. Não poderíamos ter feito escolha melhor. Já fomos recebidos com uma cerveja bem gelada. Ficamos ali conversando até que eles nos levaram até o albergue para o jantar.

O padre Ernesto, simpatizante da "Teologia da Libertação", era amigo do bispo catalão que vivia no Mato Grosso (Pedro Casaldáliga), desde 1968. O padre era um viajante compulsivo e nômade como nós. Já tinha visitado o Brasil. E como nós, tinha um Land Rover Defender, Série I, muito

antigo e conservadíssimo. Junto com outros viajantes ouvimos histórias, vimos fotos e conversamos até muito tarde. Já passava da meia noite quando voltamos para a pousada.

No dia seguinte, bem cedo, acordamos sem nenhum cansaço, tomamos o café da manhã, nos despedimos e seguimos felizes por tanto carinho daquela gente, daquele lugar no meio do nada chamado Güemes.

Santander sem brilho...

Seguimos para Santander numa paisagem linda. Encontramos com o Fernando, um argentino, e o José, espanhol de Ceuta, mas que vivia em Algeciras. José nos divertia com suas histórias sobre a Andaluzia. Como nesse caminho as opções de paradas para um café eram poucas, passamos o dia de caminhada procurando um bar. Mas, quando avistávamos algum lugarejo, a sinalização, que indica o caminho, sempre apontava para o lado oposto. O argentino xingava muito, o que nos fazia rir bastante.

Para chegar a Santander tínhamos que atravessar a baía num barco. Por isso, a única preocupação era chegar a Somo em tempo suficiente para não perder o barco. Como este caminho tinha poucos caminhantes, fomos relaxando com as reservas de pousadas, albergues etc. Tínhamos uma lista de locais para ficar, mas ligávamos sempre perto ou quando chegávamos no lugar. E não foi diferente em Santander, que era uma cidade grande.

Estava muito frio e o tempo chuvoso, quando atravessamos a baía de Santander. Em frente ao porto tinham restaurantes, bares e um mercado. Enfim, era nossa hora de achar um lugar para passar a noite. Estava tudo lotado. Finalmente, encontramos uma pousada, não muito distante dali. Depois de vai e vem pelos quarteirões adjacentes, achamos a tal rua. Chegando perto do hotel, vimos que era um prédio muito, mas muito velho. Tinha uma mulher muito esquisita na janela que, ao avistar-nos, já foi logo gritando: *"- é aqui... é aqui..."*. Não tínhamos como desistir.

Subimos as escadas e... era muito ruim. Mas, onde ficaríamos, se todos os lugares que procuramos estavam cheios. Só sobravam os hotéis muito estrelados e aquela espelunca.

A mulher fez as recomendações, deu as chaves. Não tinha ninguém na pousada, e nem no prédio. Estendemos o nosso saco de dormir na cama e "listo". Tomamos um banho bem mais ou menos, num banheiro improvisado dentro do quarto, e fomos conhecer um pouco da cidade.

Antes de voltar, passamos num supermercado. Sentimos que toda aquela alegria do dia anterior e da caminhada tinha acabado ao chegarmos em Santander. Fomos seguidos pelo

segurança dentro do supermercado. Estávamos com uma pequena mochila, que sempre carregamos com documentos e dinheiro, e colocamos as compras. A moça do caixa pediu para revistar a mochila. E o segurança ao lado. Subiu uma raiva... Depois de muita briga, quase fomos parar na Polícia. Só não fomos porque o Helinho achou que seria muito estresse e que passaríamos por uma situação ainda mais desagradável. Fomos embora, putos, e ainda tivemos que passar a noite na espelunca vazia, que mais parecia um "puteiro".

Ainda bem que estava vazia, porque não sabemos que tipo de hóspedes estariam dormindo ao nosso lado... Santander ficou nos devendo... Um dia teremos que voltar para tirar a má impressão.

Avistando os Picos da Europa e um estranho caminhante...

Deixando para trás os contratempos de Santander, o caminho continuava lindo. E, o ponto alto foi avistar os Picos da Europa. Em meio à paisagem verde das florestas e as águas verde azuladas do mar, erguem-se os Picos da Europa, uma formação montanhosa calcária, que atingem altitudes acima de 2.500 metros, com neve permanente.

De Santander à Santillana del Mar, apesar de caminharmos num terreno mais plano, a distância era longa, mais de 40 km. Chegando em Santillana, ficamos numa pousadinha que era, praticamente, um museu. Super bacana, assim como toda pequena vila medieval.

Encontrando os nossos companheiros de caminhada percebemos que estávamos

muito bem, depois de 12 dias caminhando, sem bolhas nem dores, ao contrário de alguns deles.

Assim, seguimos no dia seguinte, numa manhã linda, até Comilla, outra cidadezinha interessante que convive, harmoniosamente, com construções medievais, barrocas e modernistas, à beira mar. No outro dia, fomos para Unquera e no caminho ficamos maravilhados com o cenário fantástico dos picos nevados. Unquera é uma pequena vila à beira de um braço do mar. A partir dali começamos deixar a Calábria e entrar no Principado das Astúrias.

Nosso décimo quinto dia começou com chuva e uma subida íngreme. A paisagem era bucólica. No meio do caminho, paramos para um café numa pousada, bem num cruzamento do "Camiño del Norte" e de uma GR (GR, na Espanha, Gran Recorrido. São trilhas numeradas que cruzam, não só a Espanha, mas toda a Europa). Aconselhados pelos donos da pousada, seguimos pela GR. O caminho era um pouco mais longo, mas era mais bonito e ambos chegariam a Lhanes, nossa próxima parada.

No dia seguinte, fomos para Ribadesella. No meio de uma trilha bem estreita, encontramos um caminhante e paramos para conversar. Ele tinha um papo bem esquisito. Queria saber quanto estávamos gastando, quanto tínhamos de dinheiro... Disse achar estranho uma mulher caminhando. Enfim, muito diferente de todas as pessoas que tínhamos conversado até então. Não fomos muito com a cara do sujeito. Desconversamos e procuramos andar mais rápido e distanciar. Acho que foi a primeira vez que ficamos bem incomodados com alguém. Não sabemos qual era a intenção dele. Depois, conversando com outras pessoas que o encontraram, a sensação que eles também tiveram batia com a nossa. Depois disso, não o vimos mais, mas tivemos a certeza de que a nossa desconfiança foi um sinal de alerta.

Quando caminhamos nossos sentidos ficam aguçados para observar, admirar, sentir... Enfim, vivenciar o caminho. E, qualquer situação dissonante é um sinal de alerta. Certamente, foi o que aconteceu.

Peregrinos perdidos...

Além de deixar a Cantábria para trás, deixamos também o mês de abril. E, a primavera já começava a dar o ar da graça. Apesar das chuvas, dos primeiros dias de caminhada nas Astúrias, as flores pipocavam por todos os lados.

Na saída de Ribadesella para Colunga, o cenário estava lindo com uma fina camada de neblina encobrindo o rio. Nesse dia reencontramos várias pessoas, um casal de holandeses, o casal de alemães, o argentino, o espanhol de Ceuta. Aproveitamos a caminhada para nos

divertir, contar piadas, dar risada. Aquela poderia ser uma das últimas vezes todos juntos, naquele caminho. Depois de Colunga viria Villaviciosa, um entroncamento do Camiño del Mar e Camiño Primitivo. Alguns continuariam pela Costa, chegando em Gijón. Outros iriam para o Camiño Primitivo, passando por Oviedo. Nós não sabíamos ainda o que iríamos fazer. Deixamos passar o tempo para decidir depois.

Algumas pessoas diziam que o Caminho Primitivo era um caminho duro, mas muito bonito. Já o da Costa, não mudava muito a paisagem até entrar para a Galiza. Naquele momento, a nossa preocupação era não ter que enfrentar muito barro. As Astúrias são bem úmidas e as últimas chuvas deixavam muito barro no caminho.

Chegamos, no outro dia, em Villaviciosa e era hora da decisão. Dormimos, ainda sem saber por onde iríamos. Mas, pela manhã nós dois acordamos decididíssimos a continuar pelo Caminho do Norte. O nosso raciocínio foi que, se seguíssemos para o Primitivo, não voltaríamos mais para continuar o Caminho do Norte. Foi aí que decidimos que, no próximo ano, voltaríamos a Espanha para fazer o tão falado, lindo e duro Caminho Primitivo.

Seguimos para Gijón, uma cidade grande, mas muito bonita. Gijón é daqueles lugares que a gente tem vontade de ficar mais um pouquinho e depois voltar... Mas, no dia seguinte seguimos em frente, para Avilês que ficava 22 km dali.

Saímos cedo, como de costume. O clima era agradável. Paramos no caminho para bater um carimbo na credencial, que ficava numa mesinha fora de uma casa. Seguimos adiante. Num certo instante, achamos que a sinalização estava mal feita, mas continuamos o caminho. Chegamos no topo de uma montanha, numa área de reflorestamento de Eucalipto. A paisagem era sempre igual. A sinalização sumiu completamente. Começamos a descer a montanha. Vimos umas poucas casas. Paramos e perguntamos se estávamos muito longe de Avilês. Uma senhora e um senhor, bem idosos, nos disseram que estávamos muito longe e apontaram para a montanha, dizendo que teríamos que cruzá-la. Não fazia sentido porque estávamos vindo de lá. Continuamos a andar e vimos um rapaz de moto. Perguntamos para ele qual era a distância até Avilês. Ele respondeu que seria uns 26 km. Não acreditamos porque Avilês ficava 22 km de Gijón. Como poderíamos estar a 26 km de Avilês? O esclarecimento veio depois. Estávamos próximos a Gijón... ☹

Quando carimbamos a nossa credencial, perdemos a sinalização correta e seguimos outra sinalização da empresa de reflorestamento. Cruzamos a montanha reflorestada e retornamos para Gijón... Ou seja, fizemos um caminho circular e o jeito seria começar tudo de novo. No dia seguinte, seguimos para Avilês, pela segunda vez...

O Mestre Sr. Higino...

Desta vez deu certo e chegamos a Avilês. A cidade é muito agradável, mas erramos, desta vez no lugar de ficar. Hotelzinho muito ruim, para não falar outras coisas. Mas, o dia seguinte foi compensado com uma caminhada que começou com chuva rápida, um

reencontro com o espanhol de Ceuta, o argentino e uma alemã que da mesma forma que apareceu sumiu de novo. Só nós resolvemos ficar em Muros de Nalón.

Ficamos numa pousada excelente. Lavamos toda a roupa, tênis, mochila e colocamos tudo para secar ao sol. Ficamos ali, lagarteando numa espreguiçadeira, num gramado enorme e com uma vista linda. Só saímos para fazer umas compras rápidas, num supermercado. Tivemos absolutamente tudo que precisávamos. Foi um dia muito agradável.

Seguimos, depois de um café da manhã delicioso. Saímos muito limpinhos, mas o caminho foi de muito barro. Quando chegamos em Oviñana, o endereço da pousada era num bar coberto com uma lona e cheio de homens. Paramos na porta e não queríamos acreditar que era ali que ficaríamos. Mas, uma senhora simpática veio nos receber. Só aí entendemos que a nossa hospedagem era num apartamento, no prédio ao lado. Tudo era muito limpo, com uma varandinha de onde curtimos o verde ao redor e tomarmos o nosso vinho bem sossegado...

Dia seguinte, pé no caminho, novamente. Dessa vez, encontramos um senhor que era de uma associação do Caminho de Santiago nas Astúrias, que nos recomendou ficar em Cadavedo, perto de Villa de Moros. Chegando próximo, encontramos um outro senhor que ofereceu a sua pousada para ficarmos. Decidimos ir para lá, mas o lugar não tinha nada por perto. Comentamos que precisaríamos passar num supermercado, o que foi prontamente providenciado. Fomos de carro e depois nos instalamos num lugar super bonito, com fogão, geladeira e tudo mais que precisávamos para um ótimo jantar.

De lá, fomos para Luarca. No caminho, quando cruzamos um matagal, passando debaixo de árvore caída, barro e galhos quebrados, avistamos, de longe, um senhor olhando em nossa direção. Pensamos que era o dono da fazenda que invadimos. Fomos chegando, meio ressabiados, quando o senhor veio falar conosco. O nome dele é Senhor Higino.

Ele já devia estar perto dos 80 anos. Perguntou por que estávamos passando pelo mato. E nós dissemos que estávamos seguindo a sinalização. Ele riu e disse, *"- que povo imbecil. O caminho por cima é bem melhor".* E era a mais pura verdade.

Seguimos caminhando com ele que contou que todos os dias, antes do café da manhã, caminha 5 km para tomar um cafezinho num lugarejo e depois volta os 5 km para *"desayunar"* em casa. Trabalha no campo, inclusive aos domingos. Por volta das 4 da tarde vai a praia, que fica distante a uns 3 km. Fizemos as contas de quanto esse senhor andava por dia e entendemos a disposição do senhor Higino e, consequentemente, o bom humor. ☺

Cada um faz o caminho como quer. Nós, fazemos o nosso caminho conversando e, principalmente, ouvindo e seguindo os bons exemplos das pessoas que vamos conhecendo.

É por isso que até hoje priorizamos, sempre que podemos, uma boa caminhada. Seguimos o bom exemplo e conselho do “nosso mestre Senhor Higino”.

As três bruxas avarentas...

No nosso vigésimo quinto dia de caminhada, chegamos em Navia, última cidade das Astúrias. Ali já vimos as tradicionais casas de pedra da Galícia e ouvimos o galego. No meio do caminho, fomos abordados por uma repórter de uma emissora de TV, que perguntou sobre o que pensávamos da mudança repentina do clima. O Helinho se saiu muito bem ao responder. Isso porque, o galego é muito próximo do português. Agora, se foi ao ar, nunca soubemos...

Continuamos o caminho pela costa. No dia seguinte, chegamos em Lourenzá. Ao chegar na pousada, no meio da tarde, sentimos o cheirinho delicioso que vinha da confeitaria da proprietária. Paramos para nos apresentar e fomos recebidos com as deliciosas guloseimas.

De Lourenzá o nosso próximo destino foi Abadin. Este foi um dia duro. Dos 25 km de caminhada, a metade era só de subida. Apesar disso, caminhar alguns quilômetros com um morador das redondezas, muito divertido, ajudou a vencer este duro caminho. Depois seguimos nos distraindo com um cavalo dócil aqui, outro cachorro ali... até chegarmos a Abadin, um lugarejo bem pequeno, com uma tradicional paisagem galega.

Nossa próxima parada foi Villalba. Chegamos na cidade e, na rua principal, vimos uma pousada, *"Pensión Andoriña".* Da porta vimos que o chão era todo em mosaico, num desenho lindo. Entramos e uma senhora bem idosa nos recebeu. Ali, vendiam licores e tortas de amêndoas. O cheiro das amêndoas torradas, meio adocicado, era tentador. Não pensamos duas vezes e decidimos que ficaríamos lá. Pagamos a diária e a senhora idosa anotou num imenso livro de contabilidade. Ela chamou uma das irmãs, a mais velha, que estava na cozinha torrando as amêndoas. Eram 3 irmãs bem velhinhas. Apesar da idade, esta senhora que nos acompanhou até o quarto, era bem esperta. Subiu as escadas rapidinho e disse que nos daria um quarto grande e de frente.

De fato, o quarto era grande e de frente. A mobília era da idade delas, bem antiga. Pedimos a senha do WiFi e ela perguntou o que era isso. Ah, tudo bem... pensamos. Quando ela saiu, fomos vistoriar melhor o quarto. O banheiro não era um primor de limpeza. Debaixo da cama, tinha uma teia de aranha enorme. Ficamos incomodados e resolvemos dar uma volta e pensar o que fazer.

Ficamos com pena de sair da pensão. Pensamos nas três senhorinhas idosas... Foi aí que vimos, na esquina, um hotel novinho e resolvemos perguntar quanto era a diária e se tinha lugar. Contamos que já estávamos hospedados, na *Pensión Andoriña*, e a dona do hotel soltou uma gargalhada. Ela disse que as "três distintas senhoras" eram ricas, donas de muitos prédios e que eram muito avarentas. Cobrava sempre mais caro. Então, decidimos mudar para o hotel.

Pensamos como fazer e resolvemos dizer para as "senhorinhas avarentas" que não ficaríamos na cidade porque ainda era cedo, e que encontramos amigos que nos convenceram seguir caminhando com eles, bla, bla, bla... Elas ficaram com muita raiva, se transformaram. Reuniram, as três, na cozinha. Voltaram e disseram que não devolveriam o dinheiro. Usamos todos os nossos argumentos, até que elas aceitaram, mediante o pagamento de uma multa.

Não tivemos outra alternativa senão aceitar a condição. Colocamos as mochilas nas costas e elas foram para porta certificar se estávamos indo embora mesmo. Tivemos que ser firmes e dar uma enorme volta para entrar no outro hotel. A partir daí, não podíamos mais passar em frente a pensão, que ficava na rua principal. Passamos o dia nos escondendo delas... E, a toda hora tínhamos a impressão de que as três estavam nos espionando... Isso é que dá mentir! Isso é que dá ir pelas aparências. As três senhorinhas boazinhas, na verdade, não passavam de três bruxas avarentas que cruzaram o nosso caminho...)

O fim do Caminho do Norte...

Trigésimo dia de caminhada. Fomos para Baamonde, cruzando fazendas, tendo como companhia alguns cachorros bem dóceis. Reencontramos, em Sobrado dos Monxes, o nosso amigo inglês, que não víamos desde os primeiros dias de caminhada. No dia seguinte, foi bem difícil sair da cama. Estávamos bem cansados. Mas, era hora de seguir adiante. Sabíamos que já estávamos próximos de alcançar a nossa primeira meta, Santiago de Compostela.

Nos primeiros quilômetros desse caminho, encontramos um espanhol e um coreano que, enquanto pedíamos um *"café con leche"* eles já estavam com uma jarra de vinho. Foi o espanhol que nos ensinou que *"con pan y vino se anda el camiño",* o que nunca mais nos esquecemos.

E continuamos nossa caminhada, até que, antes de chegar em Arzua, onde o Caminho do Norte se encontra com o Caminho Francês, vimos o totem de "km zero". Bateu uma tristeza sem fim... ☹ Paramos ali e choramos. Parecia uma despedida. Um final. Uma saudade. Uma vontade que não tivesse acabado assim tão de repente. Dali para frente caminharíamos com muitas outras pessoas. Como na vida, caminhamos com e entre muitas pessoas, cada um com seus pensamentos e seus objetivos. Seguimos, juntando ou repelindo, mas indo... Não tinha como parar o tempo. Era isso mesmo. Encaramos e fomos adiante.

No dia seguinte, seguimos com todos os "peregrinos", "bicigrinos" e "turisgrinos" do Caminho Francês, em direção a Pedrouzo, nossa velha e boa conhecida última cidade antes de Santiago de Compostela. Lembramos que no ano anterior nós fazíamos parte daquela massa que seguia eufórica. Mas, desta vez, estava sendo diferente. Não queríamos chegar rápido. Fomos devagar. Saímos cedo de Pedrouzo, para passar ainda noite na floresta, porque era mágico. Quando saímos da floresta, abriu-se um horizonte, com o dia amanhecendo tão lindo e inesquecível... E fomos a passos lentos. Antes de chegar ao Monte do Gozo, paramos num café. Lá conhecemos uma francesa que nos falou de um novo caminho, o Le Puy. Achamos interessante e guardamos a dica.

De qualquer maneira, chegar a Santiago de Compostela é sempre uma emoção. E desta vez, a emoção foi quando vimos um caminhante, que havíamos encontrado dias antes, num caminho muito duro, difícil mesmo. Ele caminhava parecendo que estava com muita dificuldade. Nos preocupamos e, apesar de cansados, oferecemos nossa ajuda para carregar a mochila dele. Ele nos olhou, muito sorridente, com ar bem descansado e disse: "*gracias. Estoy bien, muy bien*". Só aí vimos que ele tinha um grave problema físico, mas que não foi um empecilho. Ele queria seguir caminhando, por ele mesmo, sem ajuda.

Ali concluímos que "caminhar" não é nenhum mérito nosso. Por isso, quando alguém nos pergunta como conseguimos caminhar mais de mil quilômetros respondemos que é só ter vontade, dar o primeiro o passo e seguir. Nós conseguimos. Todos conseguem, se quiserem.

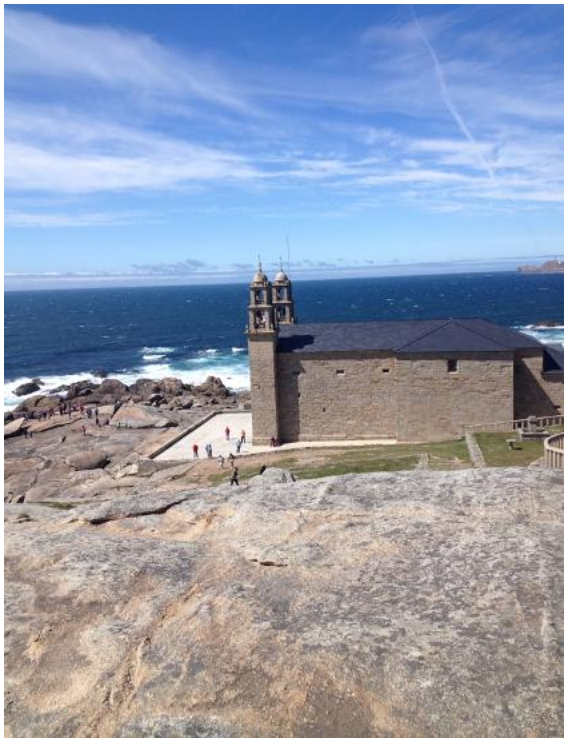
Chegamos a Santiago de Compostela, mais uma vez. Nos emocionamos novamente, cumprimos nossos rituais na Catedral. Mas, desta vez, Santiago não foi o final do caminho...

Caminhando até o "Fim da Terra" ...

Aliviados das tensões e das confusões de sentimentos da chegada a Santiago, no dia seguinte, bem cedinho, saímos para caminhar até Finisterra, passando por Muxia. A cidade ainda estava vazia. De longe avistamos a Catedral, por outra perspectiva.

Pouco a pouco fomos percebendo outras pessoas que, como nós, ainda não estavam prontos para parar de caminhar. Como disse antes, este era um caminho Celta. O destino dos "peregrinos" era Finisterra (ou Fisterra). O caminho significava a viagem do sol, que ia do leste a oeste da Espanha, e que morrendo no oceano renascia no dia seguinte, significando o renascer da vida. Assim, os peregrinos, que por ali passavam, carregavam o seu próprio peso em direção ao final da terra (Finisterra). Ao chegarem lá, acediam suas almas ao céu e renasciam, voltando leves e felizes. Havia ainda o ritual de queimar as roupas usadas no caminho, o que significava romper com a velha vida e renascer para uma vida nova, rememorando a antiga crença Celta.

Bem, seguimos para Negreira e, no dia seguinte, para Olveiroa, onde o caminho bifurca em direção a Finisterra e Muxia. Nós seguimos para Muxia. Este é um lugar cheio de lendas. Dizem que onde está situado o Santuário da Virgem da Barca, foi onde ela apareceu para o apóstolo Tiago, num barco de pedra puxado por anjos. A partir daí outra lenda surgiu, ligado a um conjunto de pedras, Pedra de Abalar (corpo do barco), porque balança e é tipo



um oráculo, a Pedra dos Quadris (a vela do barco), a mais famosa e que tem fins curativos. Se você passar debaixo dela 9 vezes se cura das suas enfermidades. E a Pedra do Timón (leme do barco).

Era o dia 24 de maio. O dia foi muito especial. Mais uma vez, o aniversário da Vera. Dessa vez em meio a tanta magia. Saímos cedo de Muxia, chegando, depois de 6 horas de caminhada, a Finisterra em meio à procissão de N. Sra. do Bom Sucesso. Mais significativo não poderia ser! Subimos até o Farol, o "KM Zero", e, como os Celtas acedemos nossas almas ao céu e renascemos. Pegamos um ônibus, à tardinha, para Santiago. E assim, num só dia, tivemos a oportunidade de comemorar o aniversário, nas três principais cidades: Muxia, Finisterra e Santiago, onde jantamos e celebramos a nossa NOVA VIDA!

ULTREYA - SUSEYA

Caminho Primitivo:
Oviedo a Santiago de Compostela

Tudo era lindo, maravilhoso... com chuva, barro, neblina, frio...

No ano seguinte ao “Caminho do Norte” ou “Caminho da Costa”, mais precisamente, no dia 09 de abril de 2016 partimos de Oviedo, na Espanha, para o “Caminho Primitivo”, decisão esta tomada na bifurcação de Villaviciosa, no ano anterior.

Como este era um caminho mais curto, resolvemos também caminhar na Costa Alentejana e Algárvia em Portugal, a Rota Vicentina/Trilho dos Pescadores, que relataremos em outro tópico.

Às vezes, as pessoas perguntam qual caminho é o mais bonito. Todos os caminhos são bonitos. São diferentes, mas esse Caminho Primitivo, estranhamente, nunca conseguimos entender muito bem. Foi muito duro e ainda mais difícil por causa da chuva, frio, neblina, barro e bem solitário.

Seguimos pelas montanhas, entre a Cordilheira Cantábrica e a Baía de Biscay, nas Astúrias, entrando pelo noroeste da Galícia, na zona rural de A Fonsagrada.

A saída de Oviedo foi bem confusa. Houve um incêndio, no dia anterior, e onde tinha a sinalização do caminho, a rua estava fechada, inclusive para pedestres. Depois de muitas idas e vindas pela cidade, tentando achar a saída, um senhor nos levou até o lugar onde estava a sinalização. Caminhamos debaixo de chuva até Grado. No dia seguinte, foi debaixo de neblina, frio, chuva, sol, lama, subidas, mas com uma paisagem linda até Salas. Nesses dois dias encontramos um único caminhante, o Emily, de Mayorca.

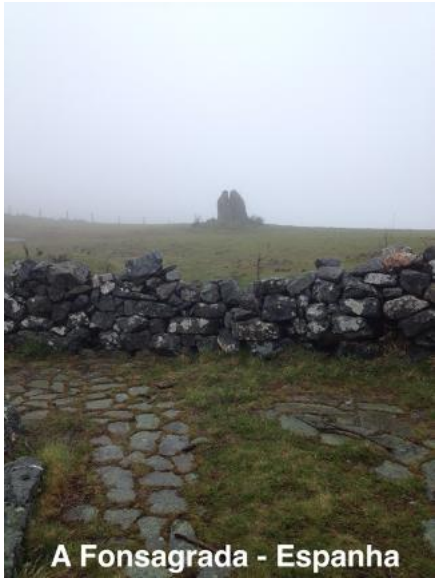
O mais engraçado era que, em meio aquele visual de muita neblina, Emily sempre aparecia de algum lugar. Parecia uma visão de outro mundo. Quando pensávamos que ele vinha caminhando atrás de nós aparecia na nossa frente e nos assustava. Começamos a chamá-lo de “flutuante”. E assim, entre as visões do nosso amigo “flutuante”, dos picos nevados e de uma paisagem deslumbrante seguimos até Tineo, um lugarejo lindo e bucólico.

A partir dali, já estávamos completamente no clima do caminho, sem noção do tempo, sozinhos, passando entre florestas e rios, frio, chuva, subindo e descendo montanhas em meio a névoa, numa paisagem misteriosa, mas cheia de vida!

O alemão e o fantasma flutuante...

O ar misterioso da neblina, de vez em quando, dava uma trégua, o que nos permitiu algumas boas fotos. O caminho de Pola de Allande a Berducedo nos fascinou. Andamos por muitos quilômetros no leito de um pequeno rio. Os cristais e as pedras cobertas com musgos eram verdadeiras esculturas da natureza. Um espetáculo! Um cenário, igualmente lindo, foi quando subimos uma montanha enorme com muitas pedras e pinheiros.

Íamos em direção a Grandas de Salime sob muita chuva e um vento fortíssimo. Num certo instante, tivemos que nos abrigar num pequeno albergue, onde encontramos alguns caminhantes que não estavam dispostos a enfrentar aquele mal tempo. Como já estávamos muito molhados, resolvemos seguir adiante. Mais tarde, com a chuva já parando, fomos tomar um café num restaurante ao lado de uma represa, a Embalse de Salime, quando entrou um senhor alemão. Pediu uma cerveja e ficamos conversando, ele em alemão e nós em português. O alemão não falava uma palavra em inglês ou espanhol. Mas, foi amizade à primeira vista. Fomos nos encontrando pelo caminho, trocando ideias geniais, cada um na sua língua. Conversa de malucos.



Enfim, chegamos a Fonsagrada, já na Galícia. A chuva era tão intensa, que acabamos nos perdendo porque não vimos a sinalização. No dia seguinte, foi igual, chuva, neblina, pé molhado, barro, encontro com o alemão, encontro com o “flutuante” ... Nosso destino era O Cádavo. Às vezes, São Pedro achava que éramos merecedores de uma trégua da chuva. Mas, a chuva já fazia parte do cenário e não nos incomodava mais.

Chegamos em Lugo, uma cidade grande, que conserva a sua muralha romana em todo o seu perímetro. Apesar de cansados, ainda caminhamos muito para não perder nada daquela cidade histórica. No dia seguinte, com um frio de 2 graus, deixamos a cidade rumo a San Roman de Retorta, sempre encontrando o nosso amigo "flutuante", que aparecia e desaparecia do nosso caminho, o que nos fez crer que ele era mesmo um fantasma... Esse era o último trecho antes de, mais uma vez, encontrarmos com o Caminho Francês, agora em Melide...

Fim de um caminho intenso...

San Roman de Retorta tem apenas um albergue e uma paisagem maravilhosa. Nada mais. É um lugar que reúne todos caminhantes. De lá, o nosso destino foi Melide, cidade conhecida pelos restaurantes que serviam o "melhor polvo" do caminho. Apesar do encontro com o Caminho Francês, dessa vez, não foi desgastante para nós. Não estava muito cheio como no ano anterior. Talvez, por ainda ser o mês de abril, começo da temporada das caminhadas na Europa.

Seguimos, por um tempo, com uma nova amiga de Málaga, Begoña ou Begô, como gostava de ser chamada. Foi divertido.

A dois dias de Santiago de Compostela baixou um banzo nos dois. Cada um na sua, com seus pensamentos. De Arzua a Pedrouzo a caminhada foi boa, sem chuva, mas tentando entender o que estava acontecendo. A verdade é que perdemos o foco.

Como das outras vezes, acordamos bem cedinho em Pedrouzo, para passar na nossa floresta mágica, que se abre, no amanhecer, num horizonte incrível. A lua estava cheia. Linda!

Caminhamos num silêncio absoluto. Nenhum comentário. Nada. Apenas quando chegamos a Santiago de Compostela não pudemos nos conter. A alegria e a emoção tomaram conta dos dois e, sem entender o que tinha acontecido, ficamos bem. Fizemos nosso ritual na Catedral, assistimos a missa dos peregrinos, que, de novo, teve o magnifico botafumeiro. Revisitamos nossos lugares preferidos, revimos amigos e ficamos felizes porque ainda tínhamos outro caminho pela frente, a Rota Vicentina/Trilho dos Pescadores, em Portugal.

Enfim, um caminho que começou e terminou estranhamente nos ensinou que estarmos sozinhos, nas mais difíceis situações, sendo parte integrante daquele cenário, é vida. Uma vida que agradecemos todos os dias! Neste momento atual, o nosso aprendizado é que, assim como no caminho, se focarmos apenas nas dificuldades deixaremos de enxergar a beleza que é viver. Viver uma vida simples, uma vida plena, sem falsas expectativas e para além dos nossos egoísmos.

Uma esticadinha até a Inglaterra...

Depois da intensidade de um caminho enigmático, resolvemos “esfriar” a cabeça na Inglaterra. De Santiago de Compostela tomamos um avião para Londres. O clima londrino nos fez muito bem e já de cabeça fria, revisitamos a cidade como se fosse a primeira vez. Em três dias percorremos muitos dos lugares que já conhecíamos. Fomos aos locais mais conhecidos dos turistas, como a Tower Bridge, Convent Garden, Picadilly Circus, Trafalgar Square, Saint James Park, Big Ben, mas também nos aventuramos pela Brick Lane, no East End de Londres, um bairro conhecido também como Banglatown (Tower Hamlets), por concentrar a

comunidade de bangladeshianos. Cruzamos desde o norte ao sul, passando pela parte mais movimentada, Spitalfields. Enfim, nos aventuramos por toda a cidade, percorrendo a pé cada canto que conseguíamos chegar. Mas, a nossa ida para a Inglaterra tinha ainda uma outra motivação, visitar nosso amigo Mike, que conhecemos a caminho do Alaska.

Com o falecimento da Liz, o Mike resolveu se estabelecer em Devizes, uma pequena cidade próxima a Bath. Na Victoria Station pegamos um ônibus para Chippeham, onde o Mike nos encontraria. A viagem, apesar do conforto do ônibus, não foi muito tranquila. Isso porque, sentados na primeira fila para melhor apreciar a paisagem também vimos que o motorista estava muito cansado. Conseguíamos ver que os olhos dele fechavam e abriam lentamente. Ele sacudia a cabeça, passava água no rosto. Achamos que o pior aconteceria. Num certo momento, ele lançou mão do Gatorade que tinha em mãos para passar no rosto. Foi uma viagem muito tensa, mas que, felizmente, não terminou no pior cenário.

Chegando em Chippeham, o Mike já nos esperava. Ele estava muito feliz em nos encontrar, assim como nós. Sentimos a ausência da Liz. O Mike estava ainda muito abalado com a sua morte. Foi uma época muito dura para ele que, além de perder a esposa, também perdeu a mãe. Por isso, a nossa visita foi muito reconfortante naquele momento. No caminho para Devizes paramos num Pub para comer e beber, é claro! À noite, o Mike fez uma pequena recepção, convidando as duas filhas da Liz e os maridos. Foi bem divertido, principalmente, porque quase não entendemos o inglês de um deles que era de Wales. Mas, o Mike nos ajudou e riu muito da situação.

Os dias que se seguiram foram igualmente super agradáveis, visitando Devizes, Bath, os Pubs, jantares e muito vinho. Visitamos também Lacock, cenário de filmes como “Orgulho e Preconceito”, “Cranford”, “Harry Potter e a Pedra Filosofal” e “Harry Potter e o Enigma do Príncipe”. A casa da família de Harry Potter, também foi filmada nessa vila, em Godric Hollow, e nos claustros da Abadia. Fora isso, ainda andamos ao lado do Canal. E o mais interessante, era ficar vendo os barcos que navegavam e abriam e fechavam as suas 29 eclusas. Os barcos paravam em cada uma delas, alguém descia, abria, o barco passava e a pessoa fechava a eclusa. Um trabalhão, mas super curtido pelos residentes que passavam o dia nessa função.

Depois desses dias, voltamos para Santiago de Compostela, depois Lisboa para fazer a Rota Vicentina/Trilho dos Pescadores e voltar ao Brasil.

Rota Vicentina e o Trilho dos Pescadores:
Porto Covo ao Cabo de São Vicente

O Alentejo e suas falésias, falésias e mais falésias...

A Rota Vicentina/Trilho dos Pescadores, em Portugal, tem o Caminho Histórico, que percorre vilas e aldeia, e o Trilho dos Pescadores, que segue junto ao mar ao longo das falésias com muita areia, o que exige um bom esforço físico. E tem os percursos circulares curtos, com início e fim no mesmo local.

Depois do Caminho Primitivo e a escapulida para a Inglaterra, já era maio de 2016, quando decidimos seguir pelo Trilho dos Pescadores. O desafio foi passar por trilhas estreitas, no alto das falésias, com ventos fortes vindos do mar. A bonita paisagem deste litoral Alentejano é rude e selvagem.

Saímos de Porto Covo. Todas as casas são azuis e brancas, característica da região. De lá, avistando a Ilha do Pessegueiro. Encontramos Andréa, uma suíça, que nos acompanhou, por alguns dias. Apesar da chuva dos dias anteriores ter dado uma trégua, o céu estava bem carregado de nuvens. O nosso receio era começar a chover forte e raios, enquanto estivéssemos nas falésias. Pegamos um pouco de chuva na saída, mas seguimos em frente numa paisagem estonteante.

Num certo ponto, encontramos dois policiais que perguntaram se tínhamos visto um jovem andando por ali. Disseram que ele estava desaparecido. Falamos que não vimos ninguém e seguimos. Mais à frente, o céu escureceu e a chuva, vinda do mar, desabou. Sem ter o que fazer, ficamos agachados, debaixo do maior temporal, tentando nos proteger. A chuva e o vento foram implacáveis. Mas, sobrevivemos.

Quando melhorou, seguimos adiante, encharcados. Chegando perto de Vila Nova de Mil Fontes, na direção contrária, passou um jovem cuja descrição coincidia com a dos policiais. Avisamos a polícia, mas não soubemos o desfecho da história.

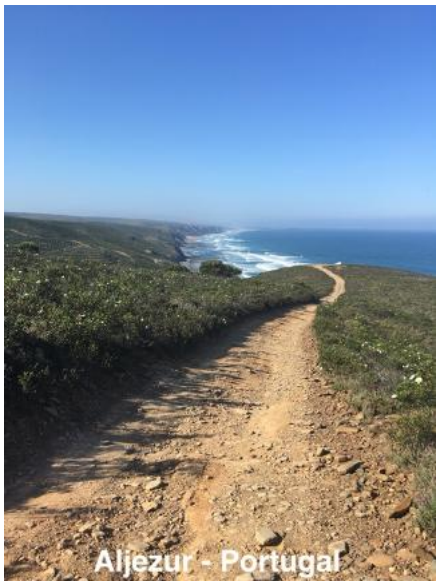
Nos três dias seguintes, passamos por Almograve, Zambujeira do Mar e Odeceixe. A paisagem era sem igual. Pequenas cachoeiras que caíam no mar, praias que eram verdadeiros paraísos, falésias, dunas e os ninhos de Cegonhas, que quase podíamos tocar, não fosse a esperteza delas de construí-los em locais inacessíveis.

O tempo bom e o sol foram uma dádiva, depois do caminho chuvoso e frio na Espanha. Mas, também castigavam. Sem sombra e nas dunas a caminhada tornava-se torturante, mas compensada pelo vento, pela brisa do mar e pelas paisagens floridas e inesquecíveis daquela primavera do litoral alentejano.

Curtindo o Algarve...

Em Odeceixe entramos no Algarve. A partir dali, caminhamos ora vendo o mar, ora entre matas e campos floridos. O cheiro da "esteva" predominava no ar. A esteva é uma flor bastante utilizada para fazer fixador de perfumes.

A primeira parada no Algarve foi Aljezur, uma cidade histórica linda, apesar do caminho à beira de um canal ter sido monótono. Depois, seguimos para Arrifana, uma praia diferente e tranquila. O nosso oitavo dia de caminhada foi passando no mato, com muito sol e com tanto perfume de esteva que chegava a nos enjoar.



Cruzamos uma fazenda e encontramos um boiadeiro vestido com suas roupas tradicionais. Parecia um fraque, mas todo em couro. Mais a frente, numa estradinha, ouvimos latidos que vinham de uma casa abandonada. Estávamos a uns cem metros de distância. De repente, vimos o primeiro cachorro latindo. Depois o segundo, o terceiro... Paramos. Não tinha ninguém por perto. E foram saindo mais cachorros. Contamos dez cães. O que fazer? Recuar? Para onde? Foi quando tivemos a ideia de cortar o caminho por um matagal alto. Finalmente, conseguimos sair ilesos daquela situação, apesar dos arranhões e a taquicardia.

No dia seguinte, indo de Carrapateira para Vila do Bispo, nos deparamos, novamente, com um cachorro enorme. Seria essa a sina desse nosso caminho? Dessa vez, o cachorro estava mais longe. Só que quando olhamos melhor não era um cachorro. Era um lobo enorme. Saímos ilesos e, de novo, com taquicardia.

E, chegamos ao último dia de caminhada. De Vila do Bispo ao Cabo de São Vicente, que fica no extremo sudoeste de Portugal continental, tinham dois caminhos possíveis. O Caminho Histórico, de terra batida e mais fácil. O outro pela praia, mais duro e lindo. Escolhemos pela praia. Mas, quando saímos o tempo estava com neblina e mal pudemos ver a paisagem. Seguimos até o Cabo de São Vicente. Enfim, chegamos ao nosso destino.

Depois, como não tínhamos uma alternativa, porque os ônibus não estavam circulando neste dia, fomos mais 6 km caminhando até a cidade de Sagres. No dia seguinte, fomos para Lagos para descansar, aproveitar a cidade e as praias ...

Caminho Le Puy:
Le-Puy-en-Velay a Saint Jean Pied de Port

Primeiro dia. Perdidos...

Em primeiro de abril de 2017 chegamos à cidade de Le-Puy-en-Velay. Começaríamos o caminho, também conhecido como *Via Podiensis* ou GR65. Este caminho parte de Le-Puy-en-Velay, no Alto Loire, indo até Saint Jean Pied de Port, onde começa o Caminho Francês. Como já tínhamos feito o Caminho Francês, decidimos que, chegando em Saint Jean Pied de Port, iríamos para Zamora para fazer o Caminho Sanabrês até Santiago de Compostela, pela quinta vez.

Ficamos 2 dias na cidade para aclimatar e preparar a nossa caminhada. No terceiro dia saímos, bem cedo debaixo de uma chuva fina e muito frio em direção a St. Private d'Allier. Fomos seguindo os sinais, vermelho e branco, até que, numa encruzilhada, vimos o sinal à direita e fomos caminhando. Sabíamos que a cidade estava uns 5 km dali. Mas, a cidade não chegava nunca. Desconfiamos do nosso erro. Lembramos que na encruzilhada, do lado oposto ao que entramos, tinha uma placa. Não fomos até lá conferir. Seguimos, o que pensamos ser o óbvio. O excesso de confiança nos levou a cometer este erro.

Depois de muito andar chegamos numa cidade fantasma. Não encontramos ninguém e vimos, numa placa, que ali não era St. Private d'Allier. As casas estavam todas trancadas, sem sinal de moradores e nenhum comércio. O sinal do celular não existia. Fomos para uma pequena estrada e ficamos pensando o que fazer. No primeiro dia de caminhada estávamos perdidos na França, num lugar qualquer...

De repente, vimos um carro vindo na estradinha. Era nossa única esperança. O motorista parou e informou que St. Private d'Allier ficava a 5 km na direção contrária da que viemos. Pegamos uma carona e voltamos alguns quilômetros para chegar ao nosso destino. Enfim, chegamos no "gîte", ou pousada, conhecemos dois franceses de Paris, com quem jantamos. Estava muito frio, mas o lugar era bem aquecido. Na manhã seguinte partiríamos para Sauges.

Quando acordamos, uma alergia tomou conta do rosto e braços da Vera. Bem, isto é uma história a parte. A Europa tem muita infestação de *"bed bug",* que nada mais é do que o nosso "percevejo". No caso da Vera, basta uma picada para desencadear uma alergia muito forte pelo corpo. Não foi a primeira vez. Já tinha acontecido numa outra viagem e no trem de Lisboa a Hendaye (França). Por isso, carregamos sempre um bom estoque de antialérgicos, por recomendação médica. Na França, algumas vezes, é preciso deixar as mochilas do lado de fora das pousadas, por precaução e para evitar a contaminações. É um problema endêmico que ocorre em locais indeterminados, mesmo nas grandes redes de hotéis de cidades grandes ou nos transportes públicos.

O caminho para Saugues era de sobe e desce. Estava muito frio e com uma chuva bem fina. Num determinado ponto, encontramos a Kersting, uma alemã que se tornou nossa

companheira de caminhada naquele dia e no dia seguinte. Chegando a Saugues um outro francês de Paris, o Phillipe, estava procurando um lugar para se hospedar. Com uma indicação que já tínhamos seguimos, os quatro, para a pousada de um casal, que fez um belo jantar com cogumelos selvagens. Afinal, estávamos bem na região desses cogumelos e esse casal os colhia, secava e vendia. E assim, passamos mais uma noite agradável, nos aquecendo ao lado de uma lareira acesa e tomando um bom vinho.

No dia seguinte, fomos para Le Sauvage, um lugar que como o próprio nome diz é, selvagem, cheio de mistérios e muitas histórias.

A Besta de Gévaudan e o "besta" do holandês...

A região onde está Le Sauvage, antiga província de Gévaudan, é um lugar pleno de natureza e de mistério. Voltando no tempo, 1764-1767, contam que uma criatura misteriosa atormentou o povo deste local. Possivelmente, era um lobo enorme e com uma calda bem grande. Essa criatura foi chamada de besta de *Gévaudan*. Apesar dos constantes ataques dos lobos aos rebanhos locais, na época, nunca tinham visto ataque aos humanos, até que uma jovem foi morta. A partir daí, os ataques aos humanos começaram a ocorrer, fazendo muitas vítimas fatais. Dizem que ele atacava e arrancava a garganta de suas vítimas. Então, começou a caçada à besta de *Gévaudan*. Duas criaturas foram abatidas. A primeira, foi

"empalhada" e levada para Versalhes. A segunda, contam que, enquanto o atirador rezava com seu grupo a fera apareceu, mas não fez nada. Depois a fera foi morta por uma bala de prata benzida por um padre.

E foi para estas bandas que fomos caminhando. No meio do nada, chegamos a uma grande construção. Ali funcionava um hotel e um gîte. Nos hospedamos no gîte e fomos descobrindo as histórias do local. Essa é uma região de fazendas onde o gado da raça Aubrac tinha sido, praticamente, extinto. Os fazendeiros da região juntaram-se e conseguiram recuperar a raça. Eles criaram uma cooperativa, de mais de trinta fazendeiros da região, que criam gado leiteiro e de corte, produzem e fornecem todo tipo de alimento.

Neste dia, éramos, mais ou menos, dez pessoas no gîte. Nós e a Kersting, a alemã, éramos os únicos estrangeiros. Os demais eram franceses, que fizeram questão de nos contar tudo sobre aquele lugar. Depois de um delicioso jantar, servido e com as devidas explicações sobre a procedência de todo o alimento que serviram, vinho e queijos produzidos na região, fomos homenageados por três dos franceses que cantaram, em português, "Mas que nada" do Jorge Bem Jor. E, claro, virou uma festa!

A região onde está Le Sauvage é muito pedregosa. Por isso, as construções em pedra são a maioria. É árido e não tem nada além de fazendas. As cidadezinhas são muito pequenas e, às vezes, sem nenhum morador. E, aqueles que pensam que caminhar além do aconselhado no famoso guia *"Miam Miam Dodo"* podem se dar mal. Um esclarecimento, *Miam Miam*, remete a comida e *Dodo*, remete a lugar para dormir.

E esse foi o caso de um holandês. Ele vinha caminhando conosco e, quando chegou a Le Sauvage, disse que ainda era cedo e que iria andar mais um pouco. Descobrimos, depois, que o próximo gîte estava fechado e não tinha transporte por ali. O "besta" teve estender o saco de dormir no meio do nada, num frio intenso, com fome, e passar a noite ao relento. Quase congelou.

Nos dias seguintes, nós seguimos por um terreno com muita pedra, raízes e muito irregular, o que foi uma verdadeira tortura para os nossos pés. Fomos para St Alban sur Limangnole, Aumont-Aubrac, Nasbinals, St Cheli d'Aubrac. Nosso círculo de amizades foi aumentando. Encontramos mais franceses, que em suas curtas férias gostam de caminhar. E, acreditem, fomos ficando "famosos". Afinal, não tinham ainda encontrado brasileiros que viajam milhares de quilômetros, todos os anos, só para caminhar por lugares onde turistas nem sonham em passar...

O alegre povo francês...

Seguimos fazendo novos amigos. Trocamos informações sobre novos caminhos e sobre a vida. Todos com a mesma paixão: viajar caminhando.

Fomos coletando histórias de vida, como de um senhor japonês, que já passava dos 70 anos. Quando nos encontrou disse que já tinha ouvido falar "dos brasileiros". Contou que quando aposentou começou aprender francês e resolveu caminhar pelo interior da França para conhecer a cultura do país. Também o Phillipe, aquele francês que encontramos no segundo dia de caminhada, estava recém aposentado e resolveu caminhar por lugares que nunca tinha passado. Mas, o mais interessante foi ele dizer que quando jovem gostava de caminhar na Espanha, porque as pessoas eram mais receptivas e alegres. E ainda disse que o povo francês era mais reservado. Dias depois, fez *"mea culpa"*, reconhecendo que ele próprio não conhecia o seu povo.

Realmente, o que vimos neste caminho foi um povo simples, prestativo, alegre e que tentava compreender o nosso péssimo francês. Todas as pessoas, incluindo as crianças, nunca deixavam de dizer, *"- bonjour, messieurs-dames"*.

Assim, seguimos nosso caminho para St. Côme d'Olt, Espalion, Golinhac, Conques. Passamos por fazendas, estradinhas e lugarejos incríveis. Apesar do sobe e desce nos divertimos com os amigos de estrada e com os moradores que fomos conhecendo. Em Golinhac, conhecemos a Claude que ficaria 5 meses caminhando com os seus dois burros. Ficamos num bangalô, com uma bela vista, de um sugestivo lugar chamado Bellevue.

Entre encontros e despedidas, porque poucas eram os que iriam até Saint Jean Pied de Port, seguimos para Conques, conhecida como uma das mais belas aldeias da França.

Conques é uma cidadezinha histórica e intrigante, pelo seu passado tenebroso, da época da inquisição. Contam que uma menina cristã de 12-13 anos foi colocada viva na fogueira, mas as chamas se apagaram. Então, foi decapitada. Tornou-se a mártir Saint-Foy. Suas relíquias estão guardadas na enorme abadia, do ano 1000. A cidade combina uma atmosfera medieval, o perfume insistente das glicínias, que florescem na primavera, e o vai

e-vem de turistas impressionados com a beleza do lugar. Um verdadeiro “anfiteatro natural”, com uma paisagem de tirar o fôlego dos que chegam caminhando.

A deliciosa culinária no interior da França...

Para quem gosta de gastronomia esta região é fantástica. É a região dos cogumelos, do Aligot, dos queijos Aubrac e azuis regionais, tipo Roquefort. É também a região do *foie gras*, trufas, salsichões, bons vinhos e do Armagnac.

Apesar de não sermos fãs do *foie gras*, por causa da sua cruel procedência, vimos muitas fazendas de criação de gansos. Como muitos gîtes oferecem a possibilidade de utilizarmos a cozinha, e com a facilidade de comprarmos todos estes produtos, não faltaram jantares deliciosos.

O único problema eram os finais de semana. Tudo fechava no domingo, por volta de meio dia, quando ainda estávamos caminhando. E na segunda feira, todos os mercados e boulangeries permaneciam fechados. Com isso, precisávamos nos manter abastecidos para dois dias, o que deixava nossas mochilas muito pesadas e as caminhadas muito mais cansativas.

Num domingo em Conques, tentamos nos abastecer com alimentos, mas, mesmo sendo uma cidade turística, o comércio fechou ao meio-dia. Improvisamos algo para comer e no dia seguinte só tínhamos pão, água e frutas secas.

Fomos para Livinhac, num caminho duríssimo. Logo de saída a trilha era quase uma escalada e sem muita sinalização. O sol esquentou muito e encontramos Delphine, uma chef de cozinha de Marsella, que se perdeu. Quase chegando ao nosso destino, como numa miragem, encontramos uma senhora servindo um kefir, com água gasosa, delicioso e refrescante para os que passavam. Ali encontramos a Maryam, uma iraniana e a Kat, uma americana que caminhavam juntas. Mais tarde conhecemos o Phil, também americano, e o Nels, um alemão sempre faminto. Formamos um grupo. Com exceção do Nels, ainda temos contato com os demais. Estamos sempre trocando informações sobre caminhos a percorrer e a caminhos já percorridos.

Enfim, chegando a Livinhac cada um foi para sua pousada. Nós chegamos no nosso gîte e na porta da casa encontramos um bilhete explicando qual era nosso quarto. Entramos sem problemas. Na maioria das vezes, as portas ficavam destrancadas. Encontramos "bombas de chocolate", croissants e cervejas de boas-vindas, o que foi a nossa salvação. Estávamos famintos e não tínhamos mais pão nem água.

Por volta das seis da tarde a Christine, nossa anfitriã, chegou. Ficamos conversando e dissemos que iríamos sair para jantar. Ela ligou para o único restaurante da cidade e para a pizzaria para saber se estavam abertos. Estavam fechados. Era a maldita segunda feira. Christine ligou num outro gîte para saber se eles serviriam o jantar, mas informaram que o jantar era somente para os hóspedes. Mas, Christine deu um jeito na situação. Naquele dia jantamos com o casal, Gilbert e Christine. Foi um dos melhores jantares que tivemos. Comida ótima, conversa animada, muitos queijos e vinhos da região. Agradecemos muito. No dia seguinte, depois de um delicioso café da manhã, ainda saímos com frutas e croissants, oferecidos pelo casal. Ganhamos, além de uma noite agradável, novos amigos!

Santo Antônio Abade ou Merlin disfarçado?

Os dias seguiam felizes. Pouco a pouco fomos entrando na região do Vale do Lot, onde corre o rio com o mesmo nome. E, assim, passamos por Figeac, La Casagnole, Limogne-en-Quercy, Mas de Vers, Cahors.

Cahors é a cidade mais movimentada da região. A Ponte Valentre, do século XIV, é a mais visitada. Mas, são as centenas de vinícolas da região, que produzem o *Vin de Cahors*, principalmente Malbec, que são as uvas mais recomendadas. E são, verdadeiramente, muito bons.

No domingo de Páscoa chegamos em Les Cabanes. Fomos convidados a assistir a missa e ficamos muito honrados por termos nossos pés lavados pelo padre local, Jean-Jacques Kerveillant.

Seguimos, no dia seguinte, para Lauzerte, uma vila medieval, que fica bem no alto de uma montanha. A vista é linda, mas a subida foi sofrida. Como os gîtes já estavam cheios ficamos, com a Pauline, uma francesa que é musicista, numa casa ainda em reforma. Fizemos ali mesmo o nosso jantar e pela manhã fomos para Moisac, uma cidadezinha bem agradável.

De lá, seguimos, sempre ao lado de um canal, passando por Pomevic até St. Antoine, um lugarejo com pouco mais de 200 habitantes. Foi um ponto de encontro bem divertido, com alguns "gringos", com direito a jantar improvisado, já que o lugar não tinha nenhum comércio. Foi uma verdadeira mistura de "Torre de Babel" com "Festa de Babette".

O nome dessa aldeia é uma homenagem a Santo Antônio Abade, que mais parecia o "Merlin". E quem sabe, além de santo também não fosse um mago? Conta a lenda que ele viveu longe de tudo, no deserto do Egito, e fortaleceu o seu corpo, vencendo o maligno com a sua fé. Como ele, a nossa fé nos faz seguir nossos sonhos, não só nas nossas caminhadas,

mas em toda a nossa vida. Fé e foco! Este é o nosso lema para superarmos as dificuldades, viver os nossos sonhos e sermos felizes.

E numa das coincidências da vida, encontramos um suíço, o Claude, que trabalhou com o Helinho, na mesma empresa, no Brasil, há muitos anos. Quando dizemos que o mundo é pequeno, é a mais pura verdade.

Os Três Mosqueteiros, que eram quatro...

Seguimos para o trecho histórico Lectoure, La Romieu, Condom. Saímos com a temperatura de quase zero grau e mais tarde o calor foi intenso passando por plantações e sem sombra.

Lectoure é uma cidadezinha medieval, com pouco mais de três mil habitantes. E La Romieu é bem menorzinha, mas muito bonitinha.

Apesar do ponto alto de La Romieu ser a Colegiata, construída no século XIV, o que faz sucesso na cidade são as esculturas dos gatos. Dizem que em 1342 uma fome avassaladora obrigou as pessoas comerem os seus gatos. Alguns foram salvos. E esses, no ano seguinte, salvaram a população de uma praga de ratos que devoravam as colheitas.

Continuando o caminho, saindo de La Romieu no dia seguinte, fomos para Condom. Isto mesmo! Tirando proveito do nome da cidade, o mesmo para preservativos em inglês, um dos seus prefeitos inaugurou um museu de contraceptivos, que permaneceu aberto até 2005. Pena que já não existia mais.

Estávamos na região da Gasconha. Para quem conhece "Os Três Mosqueteiros", de Alexandre Dumas, vai se lembrar que D'Artagnan, que era da região, encontrou em Paris os mosqueteiros Athos, Porthos e Aramis. Pois é, os três mosqueteiros, que eram quatro, ali se tornam cinco, seis ou quantos quiserem. Isso porque, ninguém resiste a uma foto junto da escultura dos mosqueteiros, que fica na praça central da cidade. E por que nós resistiríamos?

Bem, ali nos despedimos de Josephine, que estava voltando para sua casa em Lyon. E seguimos para Larresingle, onde fica uma das menores fortificações da França. Além da visita a essa fortificação, fomos muito bem recebidos por Martina, e seu fiel amigo cão Gandalf, em sua casa. Neste dia jantamos um autêntico Cassoulet e uma sobremesa que jamais pudemos esquecer... Iogurte caseiro, com calda de ameixas curtidas no Armagnac e por cima de tudo, um pouquinho mais de tudo. Maravilhoso! Estávamos na região do Armagnac, a 27 km de Eauze, onde na entrada da cidade vimos uma placa que dizia: Ville d'Éauze – capitale del' Armagnac.

As mordomias dos "famosos" ...

De Eauze fomos para Nogaro. O caminho foi tranquilo, passando por vinhedos e pelo Meridiano de *Greenwich*. Chegando lá, reencontramos o Phillipe, o francês de Paris, depois de muitos dias de caminhada. Ele estava feliz e animado, por já ter completado 24 dias do percurso.

Conversando com outras pessoas que estavam hospedados conosco e com o Christian e a Dominique, donos do hotel e gîte, Phillipe, que nos chamava de *"globetrotters*", contou um pouco sobre as nossas viagens e andanças. O resultado foi que, mesmo reservando um lugar no gîte, fomos presenteados com a melhor suíte do hotel e com direito a um jantar nababesco. Foi uma noite e tanto. Fomos tratados com muita mordomia.

No dia seguinte, depois de um super café da manhã, e voltando à condição de caminhantes, seguimos para Aire-Sur-l'Adour, com chuva. Mas, no caminho de Aire-Surl'Adour para Pimbo, o inusitado aconteceu. Vimos três caças militares interceptando um pequeno avião.

Ouvimos o barulho ensurdecedor. Ficamos olhando e filmando a ação. Continuamos caminhando por um campo aberto. Depois de algum tempo, um helicóptero militar passou por nós. Foi adiante e voltou em nossa direção. Fez esta operação três vezes. Parecia que estavam nos checando. Depois viram que éramos apenas dois inofensivos caminhantes. Foram embora, mas deixaram esta história louca para contar.

Dias agitados se seguiram. De Pimbo para Uzan presenciamos 5 ou 6 javalis perseguindo um veadinho. Bem, o encontro com javalis não é nada interessante, mas desta vez o interesse deles era o pequeno veado e passamos despercebidos. Vimos coisas bem esquisitas nessa caminhada. Pelo menos nunca tínhamos visto um bidê móvel. Isso mesmo, no gîte de Maslacq, o bidê ficava debaixo da pia. Para usar era preciso puxar e depois voltar com ele para o mesmo lugar.

Outra estranheza aconteceu em Navarrenx. Recebemos um convite para ir à igreja da cidadezinha às seis da tarde. Como já estávamos acostumados com alguns convites, pelo fato de sermos caminhantes, aceitamos. Chegamos nós, o Gérard, a Sylvaine e a Ana, que já conhecíamos, mas o padre não apareceu. Estranhamos, mas não perdemos a caminhada. Ficamos ouvindo a Sylvaine e a Ana cantarem a Canção do Peregrino na igreja, que foi lindo. Depois, fomos todos para um bar celebrar os reencontros, a caminhada e a vida!

Terminando o Le Puy...

De Navarrenx para Aroue enfrentamos um vendaval terrível. De repente, escureceu. Virou noite. Galhos caíam das árvores, folhas vinham de todos os lados e a gente mal conseguia caminhar de tanto vento. Num certo ponto, entramos por um matagal para cortar caminho até a nossa hospedagem.

Foi a conta de chegarmos e a tempestade desabou. Um pouco depois chegaram duas suecas, encharcadas e assustadas com a chuva de granizo, trovões e raios. O Nels, o tal alemão faminto, também chegou, Igualmente encharcado e assustado. O lugar estava frio e os donos da casa convidaram a todos para ficarmos numa sala com uma lareira bem quentinha. Serviram um vinho e ficamos muito tempo uma boa conversa.

No dia seguinte, saímos ainda com chuva. Cortamos por um atalho para pegarmos a trilha. Num certo ponto encontramos um casal de australianos que estava voltando. Eles disseram que andaram duas horas e que, na direção que estávamos indo, não tinha absolutamente nada.

Estranhamos porque tudo indicava que aquele era o caminho correto. E seguimos. Mais a frente entendemos o erro que eles cometeram. O casal deu a volta na montanha, por um descuido num dos cruzamentos. Nós que já passamos por isso ficamos espertos e seguimos corretamente o caminho.

Seguimos para Ostabat. Tínhamos conseguido dois lugares para ficar, apesar do gîte estar lotado, por causa do feriado. O jantar foi uma festa, embalado por música basca, vinho e muita risada. No trigésimo segundo dia chegamos a Saint Jean Pied de Port. O caminho foi com muita chuva e frio, mas nem por isso deixou de ser bonito. O verde das matas, as casinhas brancas com portas e janelas vermelhas dos Países Bascos franceses são um charme.

Já em Saint Jean decidimos que cruzaríamos, mais uma vez, os Pirineus. No dia seguinte, atravessamos sem pressa o portal de saída da cidade e subimos em meio a um bando de peregrinos, começando o Caminho Francês.

A diferença é que já sabíamos das dificuldades que encontraríamos nessa subida. Mas, fomos curtindo todo o caminho. O tempo, dessa vez, estava lindo. E chegamos em Roncesvalles. Depois, fomos até Pamplona. De lá, seguimos de trem para Zamora e pegamos o Caminho Sanabrés, evitando o turbilhão de gente do Caminho Francês.

Caminho Sanabrês:
Zamora a Santiago de Compostela

“Malandro é o gato” e o café misterioso...

Ainda em abril de 2017, terminamos o Le Puy e seguimos pra Zamora, de trem, para iniciar o Caminho Sanabrês. Seriam mais 17 dias. Descansamos dois dias na cidade e aproveitamos para organizar a próxima caminhada.

Numa tarde, estávamos sentados num bar, com mesas nas calçadas, quando vimos um velhinho caminhando com dificuldade. Parecia ser cego. Quando chegou perto da nossa mesa, sua bengala caiu e ele ficou um pouco perdido. O Helinho se levantou, pegou a bengala no chão e devolveu. O homem agradeceu e pediu uma esmola. O Helinho, com pena dele, deu a esmola. O senhor saiu andando com dificuldade e na outra mesa onde estavam outros “gringos” o velhinho deixou a bengala cair, de novo!!! Percebemos a malandragem e rimos da criatividade. Pois é, e nós brasileiros é que levamos o título de malandros...

Descansados e com tudo organizado, iniciamos nossa caminhada. A paisagem rústica, plana, com retas infindáveis e com muito cascalho foi um castigo para nossos pés. No primeiro dia, chegamos em Montamarta, lugarzinho bem pequeno e com poucos recursos. Dali, seguimos para Granja de Moreruela.

Foi difícil achar um lugar para hospedar, mas, conversando com um comerciante aqui, uma prima ali, uma irmã acolá e, no final, ficamos numa casa rural. Vendo a dificuldade de duas ciclistas holandesas, a Caroline e sua companheira, para também encontrar hospedagem, conversamos com a nossa anfitriã e ela conseguiu um lugar na casa da irmã. Nesse dia fizemos mais uma boa ação e ainda ajudamos um casal da Bélgica.

Apesar de estarem, os quatro, hospedados em outras casas, o jantar foi onde estávamos hospedados. Cada um preparou o seu jantar, mas todos jantamos juntos, bebemos vinho, conversamos e o caminho começou a ficar bom, de novo.

No dia seguinte, continuamos caminhando na reta e no cascalho. Começamos a encontrar outras pessoas. Um canadense, uma francesa, um espanhol que conhecia o Brasil, um italiano caladão. Isso porque, este caminho é uma variante da *Via de La Plata*, que começa em Sevilha. E essas pessoas já vinham de longe, nesse caminho. Tivemos também a companhia da chuva, que veio para ficar alguns dias. Assim, fomos para Tábara e depois Santa Croya de Tera.

Num desses dias, nós e o italiano caladão seguimos juntos. Paramos para descansar num lugarejo que não tinha nenhum bar, nada. Mas, um senhor nos viu sentados na calçada e nos convidou para ir até a Associação dos Moradores. Aceitamos na hora. Era um lugar quentinho, com um bom *"cafe con leche*", lanchinhos e água. Um bom descanso no meio do caminho.

No dia seguinte, fomos para Rionegro del Puente num caminho lindo e debaixo de mais chuva. Passando em Villar de Farfón, que mais parecia uma cidade fantasma, começou a chover muito forte. Vimos uma plaquinha de madeira com o desenho de uma xícara de café. Paramos e lá estavam um casal e o Wallace, dono do café e albergue chamado "*Rehoboth*".

Este era um albergue bem pequeno de um casal de sul africanos. Eles dedicaram muito de suas vidas ajudando crianças órfãs na Zâmbia e Índia. Um dia, caminhando por ali viram uma casa em ruínas. Resolveram comprá-la, reformar e construir o que hoje é esse albergue super agradável, que sobrevive somente com donativos. Cada pessoa paga o quanto pode ou o quanto quer. Ficamos ali conversando, tomando café e comendo uns biscoitos enquanto a chuva melhorava.

Wallace nos contou sobre as suas decisões de ficar ali, sobre caminhos e seus significados. Comentamos que não sabíamos bem o porquê gostávamos tanto de caminhar. E que caminhar era o que nos fazia felizes. E ele nos disse que quando caminhamos voltamos ao "estado original". Aquilo bateu forte! Era o precisávamos ouvir para compreendermos nossos sentimentos ao caminhar.

A chuva parou, nos despedimos e seguimos. Um pouco mais à frente começou a chover de novo. Ficamos debaixo de uma árvore, mas a chuva já não incomodava mais. Ao contrário, ficamos admirando a chuva. Nunca tínhamos visto uma chuva tão linda! Estávamos em estado de graça... O que teria acontecido? Será que foi pela descoberta do sentido de caminhar ou será que o café veio com algum aditivo? ☺ O fato é que nunca mais esquecemos daquele dia, daquela sensação e daquela chuva....

Recebendo mais uma visita do "bed bug" ...

Além da sensação boa da chuva do dia anterior, aquele seria um dia de prometida sorte. Reencontramos as "estevas", aquelas flores que perfumavam o nosso caminho em Portugal, na Rota Vicentina/Trilho dos Pescadores. O detalhe foi que, um senhor português nos disse que teria sorte quem encontrasse a esteva de sete pontinhos. E, nós encontramos. Então, felizes com a boa sorte fomos para Puebla de Sanabria, uma cidade medieval.

No dia seguinte, saímos sem pressa. Era domingo e decidimos não caminhar uma distância muito longa. Passamos por estrada, florestas, trilhas, rios, até Requejo, um pequeno lugar como os outros que passamos até então, com menos de duzentos habitantes. De lá, nosso destino foi Lubián. As pessoas que encontramos nesta cidadezinha eram muito agradáveis e bons de papo. O casal, dono da pequena mercearia, disse que muitos jovens vão para as cidades maiores e a cidade vai se esvaziando. Mas ali, o que vimos foram muitas casas sendo reformadas, sinal de que esses mesmos jovens deviam estar voltando. Quem sabe já com filhos em busca de um lugar tranquilo para viver.

Então, seguimos, no dia seguinte, para A Gudiña, já na Galícia. Foi a quinta vez que entramos na Galícia, mas a emoção foi a mesma. Desta vez, a nossa alternativa foi ir para Laza, via Campobecerros, um lugarejo que tinha pouco a oferecer. Mas a caminhada prometia. Os pontos altos da visão de cima da Serra Seca, foram a represa As Portas, um mar de montanhas, o vale e avistar ao longe terras portuguesas. Os raros *"pueblos"* eram um punhado de casas, mas quase sem habitantes, que entre outros motivos, mudaram-se devido à dureza do clima e à presença de lobos, inimigo do gado.

Chegando a Campobecerros, na descida da serra, vimos sangue no chão. Depois, ficamos sabendo que uma senhora, que estava com a filha, tinha caído e se machucado bastante. A descida era muito escorregadia por causa das pedras soltas. O lugar tinha muitos trabalhadores, que faziam uma grande obra na via férrea. Só tinha um albergue esquisitíssimo, com as camas beliches, coladas umas às outras. Tinha também um hotel com um restaurante, onde ficamos, como a maioria dos trabalhadores.

Não era um primor de limpeza, mas, fazer o que? Tínhamos o nosso saco de dormir e toalha de banho. Não foi preciso usar nada do hotel. Acordamos na manhã seguinte e adivinhem quem veio para ficar? Aquela alergia brava, por causa de uma picada do maldito *"bed bug",* ou seja, percevejo. De novo!!! A Vera acordou com coceiras, calafrios, o rosto e corpo com inchaços. Quando chegamos a Laza, fomos direto para o Centro de Saúde, porque os antialérgicos estavam no final. Só lembrando, no primeiro dia de caminhada do Le Puy, o mesmo aconteceu. O médico que atendeu foi muito simpático e tentou encontrar o nome espanhol para o "Alegra", mas não encontrou. Fui medicada. Foi preciso higienizar todas as

roupas, saco de dormir, mochila para garantir que nenhum daqueles malditos bichos estava pegando carona. E esta foi uma grande função.

Na nossa pousada ficou também um alemão que contou que tinha caído na descida para Campobecerros, assim como aquela senhora. Ele perdeu a câmera, todos os apontamentos de um livro que estava escrevendo sobre a *Via de La Plata*. Disse que voltaria para casa e não queria mais saber de caminhar. Sugerimos que ele pedisse a ajuda ao pessoal da Defesa Civil, que é muito prestativo. Mas, ele não aceitou a nossa sugestão e foi embora desiludido e com raiva. Ele já tinha caminhado mais de 800 km e sua atitude intempestiva pode ter trazido algum arrependimento mais tarde.

O mais importante destas caminhadas é saber administrar as adversidades, como nós estávamos administrando. Quando entramos nos "caminhos" temos a consciência de que tudo pode acontecer. Por isso, é sempre bom manter o equilíbrio, a harmonia e cabeça fria... Sempre!

Mais um aniversário no caminho...

Uma ótima terapia é sempre lembrar "menos é mais". Há muito tempo praticamos o desapego das coisas materiais. Nos sentimos bem melhor tendo menos, mas podendo aproveitar mais, experenciando a vida nos nossos pés. Viajar para caminhar ou caminhar para viajar, tanto faz. E o melhor é ter na mochila somente o suficiente. Pela manhã não ter que preocupar com o que vestir e o que calçar. A roupa é sempre a mesma. Temos uma rotina. Chegar da caminhada, descansar um pouco, lavar roupa, limpar os calçados, tomar um banho reconfortante, jantar, comprar lanche para o dia seguinte.

Mas, pensam que esta rotina é chata? Que nada! É ótima! Porque mesmo sendo uma "rotina", cada dia ela acontece num lugar diferente, num cenário inédito, com pessoas diferentes.

E foi de forma rotineira, e diferente, que seguimos para Xunqueira de Ambía, onde no meio do caminho encontramos vários amigos. Cada um do seu jeito, de um lugar, mas todos numa mesma sintonia. Só para se ter uma ideia, o Marcel era um holandês assustado, que andava tão rápido que precisava parar sempre para descansar. O japonês maluco, que chamávamos de Takashi, porque nunca soubemos seu nome, não falava uma palavra de espanhol, inglês ou qualquer outro idioma que não fosse japonês. Ele carregava na mochila um *notebook,* dois *Ipads* e nos pulsos dois relógios imensos, que só faltavam falar... Até achamos que falavam. Era com toda essa tecnologia que conseguíamos nos comunicar. Mas, o tênis branco dele era um lixo. Também encontramos a Birgite, uma francesa muito divertida, o Cabral, que também não sabíamos o nome, mas sem problema porque quando não sabemos o nome sempre inventamos, e o italiano caladão, que já falava, e depois ficamos sabendo seu nome, Gianni. Depois encontramos o Michel, um francês que fala muito bem o português, por ter morado muito tempo no Brasil, e que mantivemos o contato.

Bem, seguimos para a cidade grande, Ourense. Demos um tempo na paz do campo e aproveitamos a cidade

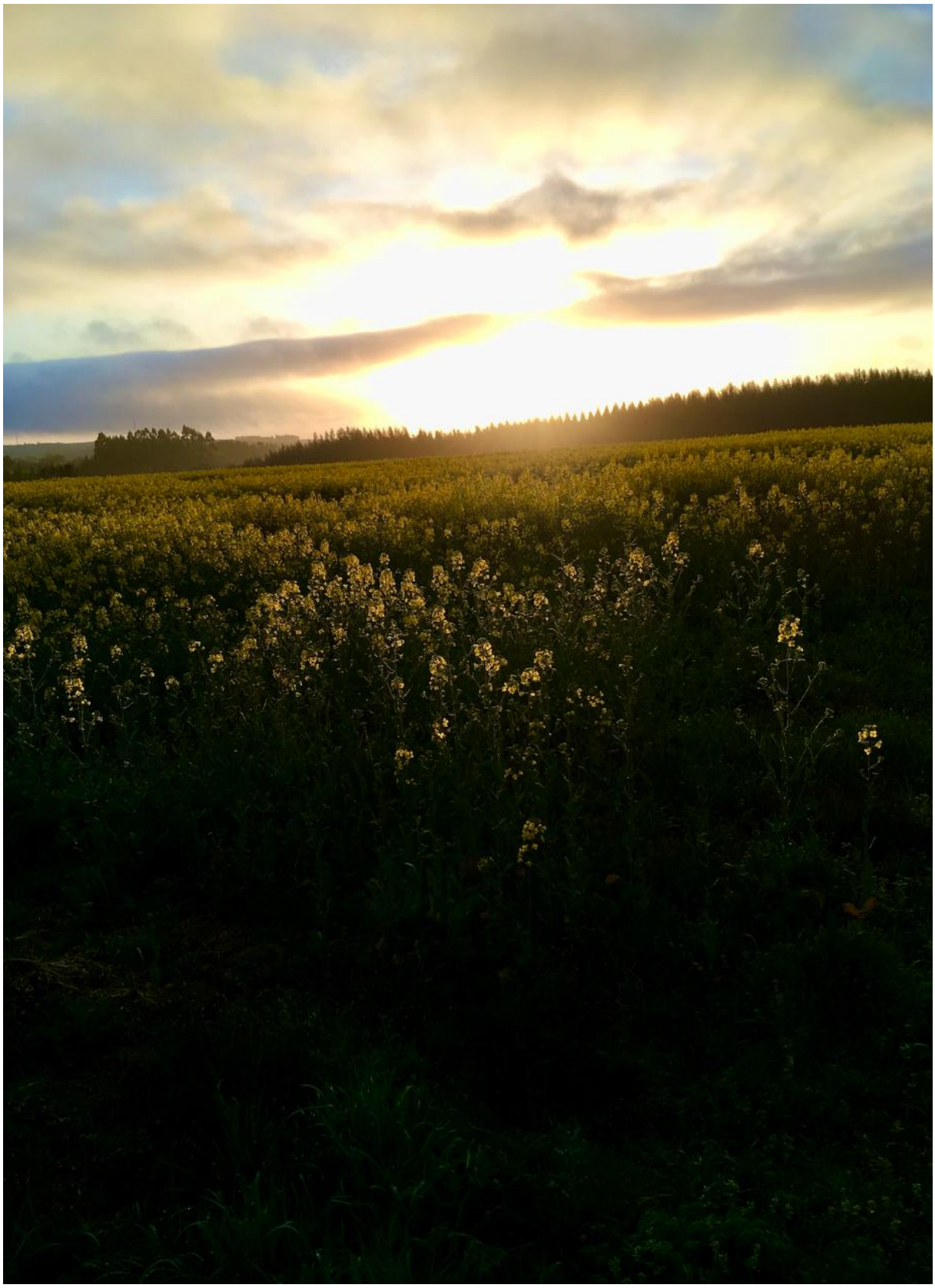
para passear. Numa praça qualquer, um pombo qualquer, mas com uma bela pontaria, acertou um cocô na cabeça do Helinho. Seria este mais um sinal de sorte? Dali, fomos para Cea, Bergazos e, a um dia de Santiago, chegamos a Ponte Ulla.

No dia seguinte, 24 de maio, mais um aniversário da Vera, saímos calmamente porque o nosso destino já estava próximo. Esta era a nossa quinta vez em Santiago de Compostela. Mas, dessa vez, seria diferente porque chegaríamos por outro lado da cidade.

Era um lugar lindo, só nosso. Mas, no meio do caminho encontramos um espanhol que andava rápido e falava muito. Tivemos que dar um basta e parar. Deixamos que ele seguisse, porque não era assim que queríamos chegar.

O sol estava escaldante e a temperatura mais de 30 graus. E lá chegamos de novo. Felizes, num lugar que, nesta altura, já era a nossa casa. Fizemos todo o nosso ritual. Agradecemos a Santiago por mais esta oportunidade, assistimos a Missa dos Peregrinos, e seu famoso botafumeiro, e descansamos por cinco dias. Isso nos deu a oportunidade de ver o Phillipe e o Simon, um israelense, que conhecemos no Caminho Le Puy. E ainda encontramos o japonês maluco, o Takashi(?), com cara de perdido, ainda usando o seu tênis branco inapropriado e agora amarrado com *silver tape*. Comemoramos o aniversário na cidade, que já sentíamos como nossa, e planejamos o nosso próximo caminho...

Caminho Inglês:
La Coruña a Santiago de Compostela



Um grande susto antes do caminho....

Desta vez a nossa história começa 4 meses antes de partirmos para fazer a *Via Francigena Central*. Esta via começa na Inglaterra (Canterbury) e segue até Roma. Para os que estiverem bem animados podem seguir para o sul da Itália e continuar até Jerusalém. O nosso trajeto seria do *Gran San Bernardo*, na fronteira da Suíça-Itália até Roma.

Preparamos durante o ano todo para caminhar em abril de 2018, mas no final de novembro de 2017 a Vera teve uma "extrusão de hérnia de disco". A dor era insuportável. A neurocirurgiã disse que tinha que esperar dois meses para ver se o pedacinho que se rompeu seria reabsorvido pelo corpo. Se não, o caso seria cirúrgico. Foram dois meses de agonia e pesadelo para nós, com a Vera sentindo muitas dores, sem conseguir dormir e sem saber o que viria pela frente. E mais, as passagens estavam compradas e tudo planejado para nossa caminhada.

Depois desses dois meses, outra Ressonância Magnética foi feita e o resultado foi espetacular. O pedacinho tinha sido reabsorvido pelo organismo e o médico liberou para a fisioterapia. Ela iria voltar a se exercitar, com ou sem dor. Isso era o máximo, mas o ortopedista, que não estava nem um pouco otimista, disse que ela não seria capaz de caminhar naquele ano. Foi o motivo para que ela mudasse de médico. Ela estava disposta a se esforçar e tinha certeza de que caminharia. Foi aí que o Igor Weber, um fisioterapeuta, entrou em cena. A fisioterapia era todos os dias. Foram extenuantes 40 dias, até que a Vera pode retornar para a academia no começo de março. Mesmo assim, a dúvida era se ela conseguiria carregar a mochila.

Discutimos muito sobre o peso da mochila, passamos a caminhar com dois bastões, foram muitos exercícios de reforço lombar... E aí, veio a decisão. Antes de seguir para a *Via Francigena Central*, faríamos o Caminho Inglês na Espanha, que era curto, para ver como seria.

Tudo pronto. Começamos a caminhar no dia 15 de abril em La Coruña. A mochila, não sabemos por que, pesava mais do que nos anos anteriores. No primeiro dia, com muito frio e subidas intermináveis, caminhamos 37 km até Hospital de Bruma. Só uma observação, "Hospital de Bruma" é, realmente, o nome da cidade.

Foi uma prova e tanto. A Vera não sentiu nada, além do cansaço natural. Foi aprovada! De lá, fomos para Sigüeiro, numa caminhada mais curta. Claro, que os músculos estavam cansados da estripulia do dia anterior, mas sem dores. No dia seguinte, com muita neblina e

sem pressa, seguimos para Santiago de Compostela, passando pela “floresta encantada” e chegando, pela sexta vez, e por um outro lado da cidade.
Além de agradecer pela recuperação, fomos pedir proteção para os mais de mil quilômetros que viriam pela frente.

O companheirismo, acreditar, incentivar e ter força de vontade foram determinantes para fazer os dois caminhos, apenas 4 meses após uma séria lesão na coluna, quando a previsão de recuperação era de um ano. Com isso, aprendemos que, por mais difícil que seja o problema, é preciso acreditar, ter fé e foco.

Via Francigena:
Aosta a Roma

As pedras do caminho...

A *Via Francigena* é uma antiga rota de peregrinação e de comércio que liga a França à Roma, daí o nome "Francigena". Na verdade, o ponto oficial de partida é Canterbury (Inglaterra), seguindo pela França, Suíça e Itália. Esta via remonta a Idade Média, sendo uma das três importantes rotas de peregrinação. A primeira e mais conhecida é Santiago de Compostela, a segunda é a Terra Santa (Jerusalém) e a terceira é Roma, onde os peregrinos visitam os túmulos dos Apóstolos Pedro e Paulo.

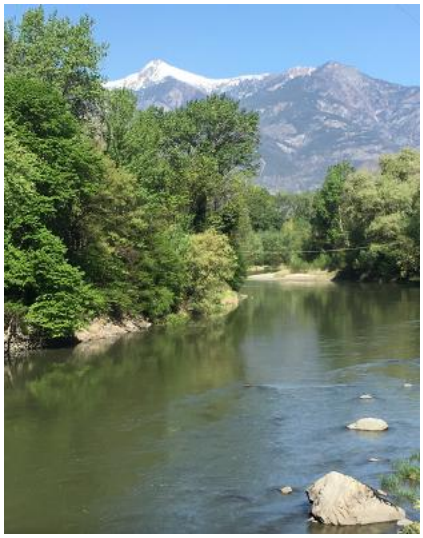
Como esta é uma via com menos infraestrutura do que os Caminhos de Santiago, tem poucas pessoas caminhando, mas, aos poucos essa infraestrutura vem crescendo e, principalmente na Itália, já está muito bem estruturada. Foi por isso que escolhemos este trecho para caminhar.

A ideia era sair do *Gran San Bernardo*, que é uma passagem entre o Monte Mort e o Pico de Drône, nos Alpes Valaisanos, na fronteira Itália-Suíça. Essa passagem também foi utilizada pelo exército de Napoleão Bonaparte, em 1800, para derrotar o exército austríaco.

Do Gran San Bernardo a Aosta são dois dias de caminhada, mas quando chegamos ainda tinha muita neve e a passagem estava fechada. Então, decidimos começar o caminho em Aosta, uma cidade super agradável. Ficamos dois dias nos aclimatando. Aproveitamos para conhecer Courmayeur, que fica do lado oposto a Chamonix, e ambas no maciço do *Mont Blanc*.

No dia 22 de abril, num amanhecer frio e com um céu muito azul deixamos a cidade e começamos a subir e descer montanhas. De lá avistávamos todo o *Vale d'Aosta*. O sol esquentou muito e o clima, que estava bem frio nos dias anteriores, mudou de repente. Fez calor, o que nos desgastou muito.

Chegamos a Châtillon, depois de quase 30 km. No dia seguinte, fomos para Verrès, também num interminável sobe e desce. E, "no meio do caminho tinha uma pedra. Tinha uma pedra no meio do caminho", de novo. Nessa pedra um tropeço fez a Vera se esborrachar no chão. Nada sério, apenas joelho, mão e dedos ralados.



Em Verrès ficamos numa Casa Paroquial, ao lado da igreja. Foi estranho termos que deixar as chaves atrás do altar para um próximo caminhante. Mas, o único que apareceu foi o Henry, um francês que de imediato nos identificamos. Um casal de italianos que encontramos em Châtillon, a Dora e o Gabriele, decidiram ficar num outro lugar.

Como sempre, começamos a encontrar nossa turma. Seguimos juntos, mas separados, para Pont San Martin, um caminho mais plano e um calor que não estava nos planos. O bom é que em todo o trajeto foi possível encontrar água fresca para beber, tanto nas fontes quanto ao preço de 0,05 cents nas máquinas instaladas próximas às cidadezinhas. Em San Martin, nos reencontramos e ficamos, os cinco caminhantes, no mesmo *"Ostello"*.

Fomos recebidos pelo senhor Baldo, já bem idoso, mas muito falante. Ele contou a sua história, do local, das pessoas, enquanto esperávamos a proprietária do Ostello. A partir daí estreitamos mais ainda a amizade com o casal de italianos e com o francês.

Pagar para usar garfo no jantar???

No quarto dia de caminhada fomos deixando Pont San Martin e o belíssimo *Vale d'Aosta*. Seguimos para Ivrea, já na região do Piemonte, terra da trufa branca e do Barolo, um dos vinhos nobres da Itália. O caminho foi lindo e alguns lugares mágicos. Passamos entre vinhedos que pareciam grandes anfiteatros, lagos e florestas.

Era o dia da comemoração da libertação da Itália do Regime Fascista. Ivrea estava em festa, por conta do feriado e de um evento de canoagem, mas conseguimos uma pousada, um pouco fora do centro da cidade, mas perto do nosso caminho.

No dia seguinte, seguimos para Viverone que mais parecia uma cidade fantasma. Então, resolvemos seguir até Roppolo, um pouco mais a frente. Hospedamos em *La Casa del Movimento Lento* onde Susanne e Alberto foram nossos anfitriões super gentis. O lugar é o sonho de consumo para quem caminha. Tranquilo, como o próprio nome diz. Jantamos e tomamos nosso vinho num belo jardim, conversando com dois *bikers* italianos, o Giorgio e a

Francesca. E, numa daquelas coincidências da vida, descobrimos que Giorgio, que fala português muito bem, tem uma empresa a 10 km de Belo Horizonte.

No dia seguinte, saímos mais cedo e no caminho reencontramos os *bikers.* Combinamos um encontro com o Giorgio no Brasil, mas, infelizmente, quando ele esteve por aqui nos desencontramos. Hoje, ainda mantemos contato.

O Henry continuou no nosso ritmo e nos vimos em Santhiá, mas seguimos para San Germano Vercellese, um lugarejo bem pequeno, com poucas opções de hospedagem. Ficamos numa *"locanda",* que é uma hospedaria em cima de um restaurante. Nesse lugar aconteceu um fato bem inusitado. Fomos cobrados pelo uso dos talheres ao comer uma pizza. Claro que usaram de má fé conosco. Os italianos costumam pedir uma pizza para cada pessoa e comem com a mão. Nós seguimos nossa tradição e pedimos uma pizza para dividir e pedimos os talheres. Ao final, a conta veio com uma taxa de uso de *"forchetta"*, o garfo.

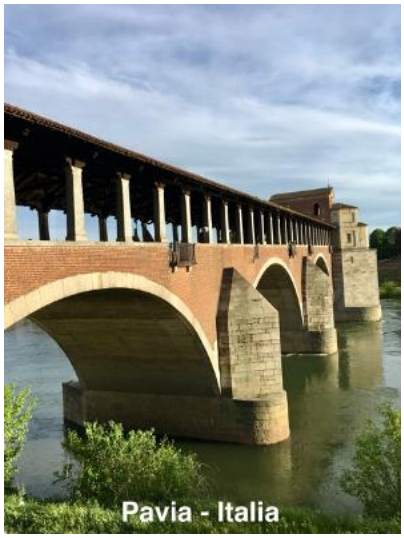
Para Vercelli, o caminho era por entre campos irrigados com plantações de arroz. Uma planície fácil de se perder. Eram poucas as marcações do caminho e imensos quadrados limitados por água. Em caso de distração e erro, fazer o trajeto de volta se tornava uma longa caminhada. Por isso, seguimos bem atentos.

Vercelli é considerada *"città d'arte"* pelo seu conjunto arquitetônico e artístico. Ficamos hospedados num *ostello* bem bonito, com pessoas muito legais e compartilhamos um ótimo jantar, feito com muito carinho por quatro simpáticos "hospedeiros". Esses hospedeiros são pessoas que se predispõem a ficarem por um tempo nessas pousadas, recebendo os caminhantes, proporcionando a eles a limpeza do lugar, o jantar e o café da manhã. E porque não dizer, um bom papo também...

Ih, não pagamos o ostello....

Entramos na Lombardia. Passamos por Robbio, Mortara, Garlasso e chegamos em Pavia, sempre pelas planícies e plantações de arroz. Foram caminhos planos, mas um pouco chato, já que a paisagem não mudava.

Era primeiro de maio e a cidade estava bem movimentada. Chegando no ostello, uma pequena confusão sobre preços do quarto, mas tudo ficou resolvido com a ajuda de Carlo Gattoni, um suíço.



Pavia tem vários atrativos turísticos, mas vamos citar apenas a *"Ponte Coperto*", que como o próprio nome diz é uma ponte coberta bem comum na Idade Média, mas com poucos exemplares hoje em dia.

Descansamos e lá fomos nós para Santa Cristina. No meio do caminho paramos num café e encontramos o Daniel, também suíço. Ele não estava sozinho, caminhava com a Lizzy, uma *Golden Retriever* muito dócil e adorável. Lizzy se tornou mais que a nossa mascote. No dia seguinte, de Santa Cristina para Orio Litta choveu muito. No caminho encontramos os dois suíços e a Lizzy. Caminhamos juntos, até que encontramos a Theresa, uma americana de San Francisco e que se juntou a nós.

Todos encharcados, resolvemos parar num café para descansar e aquecer um pouco. Parecia que nos conhecíamos há décadas. Elisabetta, uma jovem italiana, passou direto. Nesse momento, ela ainda seguia sozinha e bem compenetrada no caminho. Ficamos todos no mesmo ostello, quando chegou um casal de suíços, que se uniu à turma. Nesse dia teve até a visita do prefeito, que indicou um restaurante para o jantar.

Descansados e aquecidos, seguimos sem chuva, no dia seguinte. A "turma" atravessou para a outra margem do Rio Pó de lancha. Nós dois preferimos seguir por uma variante, que aumentaria 2 km. Foi um caminho bem monótono em direção à Piacenza, já na Emilia-Romagna. A exceção foi quando paramos numa única cidadezinha e fomos a atração do lugar.

A missa estava terminando e as pessoas curiosas queriam saber mais sobre o nosso caminho. Paramos para conversar e depois seguimos na nossa monótona estrada até chegar a Piacenza. Enquanto estávamos num café descansando e esperando o nosso ostello abrir, reencontramos o Carlo Gattoni, o Daniel e a Lizzy, a Theresa e a Elisabetta.

No dia seguinte, decidimos enviar para o Brasil algumas roupas. O frio já não estava tão intenso que justificasse uma mochila pesada. E seguimos para Fiorenzuola d'Arda. Lá encontramos um padre, Dom Giuseppe, que morou muitos anos no Brasil e a Gisela, uma alemã. E foi neste ostello, que os laços se estreitaram mais e fomos todos jantar num restaurante. Lá, nos demos conta de que esquecemos de pagar o ostello em Santa Cristina. Não somente nós dois, mas o Carlo Gattoni também tinha esquecido. Ficamos pensando como faríamos para enviar o dinheiro. Depois, chegamos à conclusão de que, o que passou, passou... E seguimos adiante... Talvez tenhamos sido perdoados... Talvez...

Pensa num ostello antigo...

Saindo de Fiorenzuola d'Arda, passamos por um pequeno sítio, a beira do caminho. Este sítio era de um professor, o Massimo, que estava de férias escolares e fazendo alguns

reparos na pequena propriedade. Cumprimentamos e ele nos convidou para tomar um café. Aceitamos. Ficamos, pelo menos uma hora, conversando sobre a política no Brasil.

Saindo do sítio, encontramos a Theresa. Seguimos conversando até Fidenza, onde reencontramos o Daniel e Lizzy, Elisabetta e Carlo Gattoni, que resolveu seguir adiante. Era sempre assim, às vezes, caminhávamos juntos, separados, nos encontrávamos todos ou parte do grupo. De manhã cedo, nós sempre saíamos depois de todos, porque tomávamos nosso café da manhã com calma, mas chegávamos antes, porque eles sempre paravam num café ou descansavam mais tempo em algum lugar. Cada um tinha o seu ritmo.

Em Fidenza, tivemos o convite para nos hospedar na casa da Dora e do Gabriele, que encontramos no início desse caminho. Eles moram em Parma, que fica perto de Fidenza. Achamos complicado a logística. Era preciso ir a lavanderia, organizar as compras para o dia seguinte. Enfim, não conseguimos nos encontrar, mas o casal entendeu. Depois disso, já nos encontramos em outro caminho e nos falamos regularmente por WhatsApp.

Na manhã seguinte, subindo e descendo, fomos para Medezano. Saímos juntos com a Gisela, mas num certo ponto nos separamos, depois de um descanso numa tratoria de uma pequena cidade.

Nesse trecho teríamos que cruzar um rio, molhando os pés, mas um senhor deu uma dica valiosa para evitar essa travessia. Mais a frente tinha uma ponte. Não molhamos os pés, mas nos deparamos com um imprevisto, uma cobra enorme no meio do caminho. Deixamos que ela passasse e seguimos nosso caminho.

Medezano só tinha um albergue para 4 pessoas. Chegando lá, encontramos o Daniel, a Elisabetta e a Odete, que era belga. Acontece que tinha lugar somente para os que fizeram a reserva. Nós, o Daniel e a Gisela, que ainda não tinha chegado, ficamos nesse albergue. Os outros se ajeitaram num hotel fora da cidade. E ficaram muito melhor que nós.

O lugar que ficamos, era uma escola. Tinha um salão com uma mesa enorme. E, um quarto, onde já dormia um senhor que ao entrar, já bêbado, exalava cheiro de álcool e cigarro por todos os poros. O Daniel foi para o salão. E nós, na mesma hora decidimos que não dormiríamos naquele "cinzeiro alcóolico". Pegamos os colchões e nos ajeitamos também no salão. O mesmo fizemos para a Gisela, quando ela chegou.

No outro dia, fomos para Sivizzano. Já era sabido que o lugar não tinha nenhuma infraestrutura. Só tinha um ostello que era onde todos nós ficaríamos. Compramos alimentos num ótimo supermercado em Fornovo, que ficava a alguns quilômetros antes de Sivizzano.

Sivizzano é uma aldeia minúscula nos *Apeninos*, que é uma cordilheira que percorre mil quilômetros ao longo da Itália (central e costa leste), formando a coluna dorsal do país. O ostello era uma construção de 1098. Ao lado tem a Igreja de Santa Margherita e um pequeno monastério.

Um lindo e peculiar lugar. Foi um jantar comunitário, com muita conversa e vinho. Depois fomos todos descansar para um novo dia de caminhada.

Despedindo de alguns amigos...

Este foi o nosso décimo sétimo dia de caminhada. Saímos cedo de Sivizzano porque sabíamos que seria um dia difícil, caminhando no meio das montanhas. No topo, numa vista deslumbrante, encontramos a versão italiana do famoso Shangri-La, do Himalaia. Ficamos algum tempo observando. Nos emocionamos... Foi um verdadeiro presente divino...

Em Cassio, ficamos num ostello, no mínimo perturbador. Para os glutões seria o paraíso. Tudo remetia a comida. No quarto, uma geladeira antiga servia como armário. Do lado de fora do quarto, mesa posta como decoração. E na copa/cozinha uma quantidade infinita de comida: pães, queijos, vinhos e cervejas de todos os tipos, massas e molhos variados, geleias, cafés, chás, biscoitos, bolos e frios à vontade, os mais diversos temperos, frutas e sucos, e muito mais coisas que nem conseguimos lembrar mais. Enfim, tudo para fazer a festa dos comilões. E o pagamento de tudo isso? Donativo, a ser colocado num porquinho. Nunca vimos nada igual.

Era hora de cruzarmos o *Paso della Cisa*. O dia começou com muita chuva. No meio do caminho, uma paradinha para um café, em Berceto, onde encontramos a Maricho, uma mexicana, que também estava em Cassio, junto com uma suíça. Seguimos uma trilha, que era, praticamente, impossível de caminhar. Era muito escorregadia. Chegamos, enlameados

e patinando no barro... Mas, o ostello já nos esperava com um banho quentinho, uma lareira acesa, vinho, salsichão, pão e um final de tarde gostoso em meio a amigos e com muita música.

A Maricho foi a responsável pela música tocada no violão que o Daniel carregava, mas que nunca vimos ele tocar. Ela fez a festa, cantando em quase todos os idiomas das pessoas que estavam ali. E não parou por aí, o jantar foi, igualmente, gostoso. E não faltou mais vinho e muita risada.

Como ainda estávamos traumatizados com a lama do dia anterior, e a chuva ainda não tinha parado, tínhamos duas opções para chegar a Pontremoli. A primeira era seguir pela estrada. A segunda era cruzar a montanha, com mais barro escorregadio. Dessa vez, ficamos com a primeira opção e mais fácil. Descer pela estrada foi muito bonito, mas, sinceramente, nos arrependemos. Teria sido melhor seguir pela montanha, onde fica a divisa entre a Emilia-Romagna e a Toscana. Hoje a nossa escolha teria sido diferente.

Em Pontremoli ficamos num convento franciscano enorme. Como tinha uma cozinha a disposição, foi dia do Helinho cozinhar para todos. Ele fez um prato espanhol, o delicioso *"revuelto de setas com huevos".* A Theresa comprou *testaroli*, uma massa típica da região, e a Gisela comprou os vinhos. Esse foi um jantar de despedida de alguns dos amigos. Uns, iriam adiante mais rápido, a Theresa passaria uns dias com uma amiga, e outros ainda nos fizeram companhia até Aulla e Sarzana.

Depois de Sarzana, num domingo, resolvemos caminhar um pouco mais e parar em Avenza, que ficava logo depois de Carrara, cidade onde é extraído o famoso mármore. Descansamos, conhecemos outras pessoas e ainda vimos uma das etapas do *Giro d'Itália*, a famosa corrida de bicicleta.

Sob o sol da Toscana...

Agora estamos na metade dessa Via Francigena, "sob o sol da Toscana", *ma non tanto per ora*... Mas, calma!

Foram quatorze dias na Toscana, tempo suficiente para ver o sol e perder o fôlego, tanto pela beleza quanto pelo sobe e desce nas montanhas. Foram muitas cidades lindas, medievais, intrigantes, cheias de turistas ou tranquilas.

Fomos para Massa. Mike, nosso amigo inglês, que estava passando uns dias na Itália com a namorada Connie, resolveu nos encontrar. Foi um encontro muito delicioso. O Daniel juntou-se a nós para um jantar e uma boa conversa até tarde da noite. No dia seguinte, fomos para Pietrasanta numa caminhada curta. Pietrasanta é reduto dos artesãos e escultores. É uma cidade pequena, mas cosmopolita ao mesmo tempo. Foi bom chegarmos cedo, aproveitar a atmosfera cultural do lugar,

encontrar mais uma vez com Mike e Connie. Almoçamos e nos despedimos. Eles continuaram de carro em direção norte e nós seguimos caminhando para Valpromaro, com uma paradinha estratégica para um café em Camaiore.

Valpromaro é um lugarejo que fica, literalmente, numa curva da estrada. Um lugar charmoso. O ostello tinha dois hospedeiros bem divertidos, a Rosa, porto-riquenha e o Carlo, que era italiano. Encontramos a Mirella e o Piero, que conhecemos em Avenza e um francês, que ainda não conhecíamos. Sentamos todos na porta da pousada para tomar um solzinho e trocar informações sobre o caminho. A noite tivemos um jantar regado a muito vinho.

Valpromaro - Italia

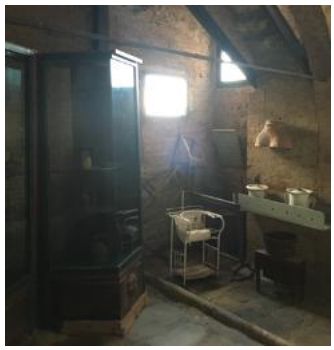
Isso nos ajudou a relaxar e dormir muito bem para na manhã seguinte seguir até Lucca. Em Lucca reencontramos a Theresa, nossa amiga americana e o Henri, o amigo francês, que não víamos há muitos dias.

O dia seguinte foi cheio. Acordamos com a ideia de dar uma escapada no caminho. Pegamos um trem e fomos para Pisa, que era muito perto dali. Paramos numa estação, perto da Torre e deparamos com uma multidão de turistas. Ainda assim, aproveitamos para umas fotos e seguimos caminhando para San Miniato.

Chegando em San Miniato todas as hospedagens estavam ocupadas. Estava acontecendo a *"1000 Miglia",* que é um grande desfile de carros clássicos e antigos com muita festa por onde passam. Na verdade, a *"1000 Miglia",* já foi uma corrida de longa distância no

trajeto entre Brescia e Roma. Hoje é apenas um evento que conta com muitos adeptos e com pessoas locais que esperam a passagem dos carros antigos.

Enfim, apesar da dificuldade, teve uma indicação, de uma pessoa de um dos ostellos que visitamos, e conseguimos um lugar super bacana. Era uma construção do século XV, com pequenos apartamentos. Os móveis eram originais. Era bonito, mas um pouco assustador porque em todo o prédio somente nós dois ficamos hospedados. Achamos que até ouvimos umas correntes sendo arrastadas... ☺ Mas, ainda bem que conseguimos ficar ali, porque não teríamos mais nenhuma chance de continuar a caminhada.



E a Toscana continua linda...

O cenário que se seguiu foi de uma beleza indescritível. De San Miniato seguimos para Gambasi Terme, debaixo de um sol escaldante, sem nenhuma sombra. Quase tivemos uma insolação. Mas, fomos recompensados com um encontro com a Maryam, nossa amiga iraniana lá do Caminho Le Puy. Ela estava na Itália com um amigo holandês, o Roger. E, estando por perto, foram nos encontrar. Brindamos com algumas cervejas locais bem geladas e revigorantes. Falamos sobre os nossos planos futuros, lembramos a nossa caminhada no Le Puy e matamos as saudades. No dia seguinte, fomos para San Gimignano.

Nós tínhamos muita expectativa e não víamos a hora de chegar naquela cidade e tomar um sorvete na Gelateria Dondoli, que dizem ser os melhores sorvetes cremosos do mundo. Mas, ficamos um pouco decepcionados, não com o sorvete, mas com a cidade lotada de turistas, o que descaracterizava a atmosfera medieval do lugar. Para nossa sorte, ao sairmos, bem cedo no dia seguinte a cidade estava vazia. Aí sim, pudemos senti-la como queríamos e tirar umas fotos para a nossa recordação. E seguimos para Colle di Val d'Elsa.

As nuvens formavam um tapete branco no vale. Andamos por uma estradinha e entramos num bosque

com muito barro e travessias de rios. Chegando à cidade, ficamos surpresos. A parte medieval, que era linda, ficava no alto. Na parte baixa, que podia ser alcançada por um elevador, ficava a cidade mais moderna, com todo tipo de serviços.

Nós ficamos num mosteiro enorme na parte medieval. Apenas nós ocupávamos um dos quartos destinados a quem caminhava e aos seminaristas. Um padre nos acomodou e foi embora. Todo aquele gigantesco prédio do monastério era nosso. Foi muito bom, mas um pouco solitário por não ter alguém para dividirmos as nossas experiências.

De Colle di Val d'Elsa a Monteriggioni foi debaixo de muita chuva. Monteriggioni é uma pequena cidade medieval, totalmente murada. A cidade foi citada na "Divina Comédia" de Dante. Outra curiosidade é que, Monteriggioni aparece também na sequência de jogos *Assassin's Creed*. Era a principal cidade de em domínio dos assassinos, inimigos dos templários. Mas, isso é uma outra história, que só ficamos sabendo depois.

E seguimos para Siena, cidade que dispensa apresentações. Neste dia, andamos o dia todo num verdadeiro lamaçal. Ao entrar na cidade, cheia de turistas, estávamos com calças e pés cheios de barros. Éramos duas pessoas totalmente estranhas ao ambiente, contrastando com os turistas bem-vestidos e lojas elegantes... Mas, o bom foi ficar num lugar legal, bem no centro da cidade. Com isso, aproveitamos para visitar os pontos turísticos e preparar para o dia seguinte. Saímos muito cedo, porque a caminhada era longa para San Quirico d'Orcia, cidade que, quando estávamos programando a caminhada, elegemos para passar o dia de mais uma aniversário da Vera.

Mais um rico aniversário caminhado...

Um dia uma amiga perguntou se nós éramos ricos, já que desde 2013 viajamos todos os anos para caminhar. Na verdade, nós viajamos há mais de 45 anos. Abrimos mão do que consideramos menos importante, para viajar. Então, a amiga contou que pagou muitos euros por uma água mineral num hotel em Paris. Bem, cada um tem seu estilo de viagem. Depois que ela contou a viagem dela, nós temos certeza de que com o dinheiro gasto numa semana em Paris, na nossa mão renderia muito mais tempo de viagem. ☺ Mas, se essa pergunta fosse feita agora, nossa resposta seria outra. Responderíamos que *"- sim, somos ricos! Porque, para nós, a riqueza não está no dinheiro e nas posses, mas nos lugares, nas pessoas e nas histórias que temos pra contar".*

E neste ano de 2018, também tivemos muitas histórias a contar. A comemoração de aniversário da Vera, em San Quirico d'Orcia, foi simples, como todos os outros anos em que passamos caminhando. Mas, estar naquela pequena e charmosa cidade foi um presente maravilhoso. Além disso, a comemoração continuou em Radicofani e Acquapendente, já na região de Lazio.

De Acquapendente saímos cedo, tendo como companhia mais de dois mil caminhantes, em direção a Bolsena. Era uma "maratona", não de corrida, mas de caminhada. Tivemos que responder inúmeras vezes quantos quilômetros já tínhamos caminhado. Fomos convidados a parar em todos os pontos de apoio para pegar água, sanduíches e frutas. Os participantes não tinham muita pressa, apesar dos 42 km que teriam que percorrer até Montefiascone. Foi uma verdadeira festa!

No meio do caminho, um senhor, vestindo uma camiseta verde se destacou dos demais, que vestiam a camiseta oficial na cor laranja. Ao passar por nós, perguntou de onde estávamos vindo e se iríamos até Roma. Dissemos que saímos de Aosta e que, sim, iríamos até Roma. Mas, que estávamos preocupados porque faltava uma semana para chegarmos e o *Spedale Della Divina Providenza di S. Giacomo e S. Benedetto Labre*, o ostello que recebe caminhantes em Roma, não fazia reservas, e nós ainda não tínhamos pensado em nenhum outro lugar. A nossa chegada era num domingo, dia da celebração do *Corpus Christi*. A cidade estaria cheia, inclusive os hotéis. Então, ele riu e nos disse, *"- vão para o ostello dos peregrinos, e serão muito bem-vindos"*. Disse que tudo se resolveria a seu tempo. Achamos estranho. Relaxamos desse assunto que nos preocupava, e seguimos. E não é que quando chegamos a Roma fomos ao ostello e, acreditem, pegamos os dois últimos lugares... Coincidência?!?!?

Nunca tinha visto uma plantação de Nutella... ops, de avelãs...

De Bolsena fomos para Montefiascone, dessa vez, sozinhos. Se Bolsena é famosa pelo seu lago, considerado o maior de origem vulcânica na Europa, Montefiascone é conhecida pelo seu vinho *Est! Est! Est!*

São muitas as lendas sobre a origem deste nome. Uma delas, diz que um bispo alemão teria gostado tanto do vinho ali fabricado que resolveu ficar na cidade. Quando ele morreu,

o seu copeiro, Martino, colocou em sua tumba uma lápide com a inscrição: *"Est est est propter nimium est hic Johannes DeFuk dominus meus mortuus est"*, ou seja, "por ter demasiado 'est' aqui jaz o meu mestre Johannes DeFuk". Dizem que o bispo deixou uma boa herança para a vila, na condição de que em todos os aniversários de sua morte fosse derrubada uma barrica de vinho em sua tumba. O fato é que, todos que vão a Montefiascone tem que provar o vinho. E assim o fizemos.

No dia seguinte, com o sol nascendo, saímos para Viterbo, passando pela *Rocca dei Papi*, que é uma fortaleza no topo da colina. Foi uma caminhada tranquila. Viterbo ficou conhecida como a "cidade dos Papas" porque muitos pontífices tinham ali as suas residências de campo. Depois, deixamos Viterbo para trás, com o tempo bem carrancudo, céu escuro e muitos trovões. Passamos pela Catedral, pelo Palácio dos Papas e descemos umas escadarias, entrando na *Via Cava etrusca*, um cenário estranho e fascinante ao mesmo tempo. Aquilo nos remetia a um passado muito distante. O dia escurecido pela ameaça de chuva deixou tudo muito mais bizarro.

Já em Vetralla, no coração dos territórios etruscos, ficamos num monastério e conhecemos a Raffaella, que fomos encontrando nos dias que se seguiram. Na manhã seguinte, fomos para Sutri. Este foi um dia bom para caminhar. Passamos por um bosque lindo e por plantações de avelãs. Apesar do sol estar muito forte, caminhamos quase todo o tempo na sombra, ao lado de um rio num cenário mágico. Avistamos a cidade, mas, decidimos primeiro passar no sítio arqueológico. Vimos o anfiteatro romano, a necrópole etrusca, com dezenas de túmulos, paredes etruscas e muitas outras evidências do seu passado que remonta à Idade do Bronze. Descansamos em Sutri e chegamos à conclusão de que Roma estava apenas a 45 km.

Roma, cidade eterna...

Estávamos a dois dias de Roma, praticamente, em sua periferia. Pensamos que caminhar por ali seria um tédio, mas não foi. De Sutri a Campagnano de Roma a caminhada foi muito difícil, pelo calor intenso, mas ainda pudemos sentir a natureza. A cidade era agradável. Jantamos com a Raffaella no ostello, espantamos o calor com umas cervejas bem geladas e, no dia seguinte, partimos para La Storta, uma área rural ao redor de Roma. Neste dia, a mochila parecia ter aumentado o peso. Era resultado do cansaço físico dos 42 dias, já caminhados, misturado com a emoção de chegar a Roma.

Ficamos num convento, com uma área bem grande ao ar livre. O clima estava bem agradável. Comemos pizza sentados numa mesa de pic-nic, tomamos vinho e conversamos bastante com a nossa companheira dos últimos dias de caminho, a Raffaella, e com um rapaz de Milão. Estávamos todos bem ansiosos para a chegada. Acordamos cedo e saímos. Queríamos chegar a tempo de assistir a hora do *"Angelus*", onde o Papa Francisco daria a benção de *Corpus Christi.*

Foi um caminho que começou entre carros, mas que, de repente, entramos numa enorme zona de mata, lindíssima e reconfortante. Era um parque imenso. Lá de cima avistamos o Vaticano. Ficamos algum tempo ali, observando e com o coração batendo forte. Nos emocionamos. Estávamos chegando ao nosso destino depois de 43 dias caminhando. Caminhamos muito tempo naquele cenário, sempre descendo. Quando saímos desse bosque, entramos numa longa avenida que daria diretamente no Vaticano.

Uma multidão de pessoas caminhava numa mesma direção. E lá fomos nós também. Na entrada da Praça de São Pedro encontramos muitos guardas e segurança reforçada. Quando dissemos que vínhamos a pé de Aosta, os guardas olharam um para o outro e nos deixaram passar com tudo o que tínhamos, sem revistar nada.

E, finalmente chegamos ao nosso destino, no centro da Praça de São Pedro. Lá nos esperava o Carlo Gattoni, que ganhou o carinhoso apelido de "Strong Man". Ele chegou uns dias antes de nós e já aproveitava o que Roma tinha a oferecer. Finalmente, vimos o Papa, fomos abençoados, buscamos o nosso *Testimonium*, que é o comprovante de que fizemos toda a Via Francigena fomos aproveitar para rever a cidade.

Bem, sobre as outras pessoas que encontramos no caminho, o Daniel teve que levar a Lizzy, nossa mascote, para casa. Passando num matagal, ela foi picada por carrapatos e ficou doente. Mas, ela se recuperou e o Daniel voltou, no ano seguinte, para concluir o caminho. A Elisabetta fez uma parte do caminho de trem, chegou antes de nós a Roma e já tinha voltado para a sua casa. A Theresa, infelizmente, não pode concluir o caminho.

Quebrou o pé em Siena. Precisou ficar muitos dias se recuperando na cidade. Ela não chegou caminhando a Roma, mas depois foi com um amigo para o Nepal, Myanmar e outros países asiáticos. Em 2024 concluiu o caminho. A Gisela não tinha planos de chegar a Roma, dessa vez. Depois, ela retomou o caminho e até tirou uma foto entregando um presente para o Papa Francisco.

E nós, que ouvimos falar de *La Verna*, com os amigos de Valpromaro, ficamos nos coçando para continuar caminhando até lá. Mas, depois de muito pensar, resolvemos conhecer os Açores, e descobrimos que também é um ótimo lugar para descansar e caminhar. Então, decidimos que voltaríamos, no próximo ano, para fazer o Caminho de Santo Antônio (de Pádua a La Verna), seguido do Caminho de São Francisco (de La Verna a Assis).

Uma pausa nos Açores...

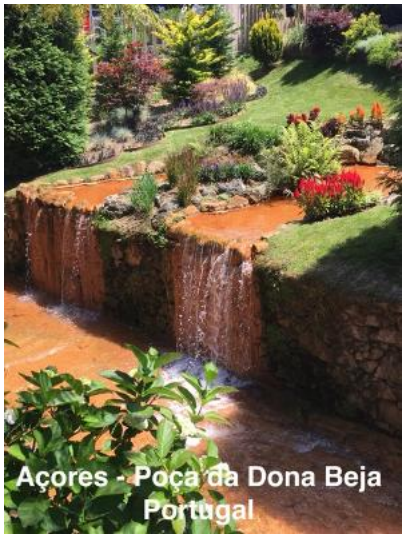
Pegamos um voo em Lisboa para Ponta Delgada, na Ilha de São Miguel, nos Açores. Não sabíamos muito bem o que encontraríamos, a não ser que era um lugar muito bonito. A Graça, esposa do Gê, nosso amigo brasileiro, nasceu numa das ilhas açorianas e sempre que encontrávamos comentavam sobre as belezas dos Açores. Ainda no aeroporto fomos muito bem recebidos pelo simpático Henrique, um brasileiro que, com a família, decidiu colocar uma suíte da casa deles no Airbnb. Era uma casa muito grande e ficamos muito bem instalados e independentes.

Nos informamos como ir aos lugares mais bonitos da ilha e seguimos para as nossas aventureiras incursões. Primeiro, fomos para Sete Cidades, uma pequena localidade do lado

oposto de onde estávamos. A estrada estreita era verde, com pinos, e florida pelas hortênsias. A Lagoa das Sete Cidades é caracterizada pelas cores azul e verde, atravessada por uma ponte de onde se vê as duas tonalidades. Subimos uma montanha e avistamos a paisagem exuberante. Na cratera do vulcão extinto surgiram o lago e a cidade. Vimos também o Lago Santiago, do outro lado da montanha. Descendo, tentamos ir ao túnel, que vai para o mosteiro, mas já era hora de voltar para Ponta Delgada.

No dia seguinte fomos para Vila Franca do Campo. Caminhamos pela vila e subimos até a Ermida Senhora da Paz, de onde tem uma vista e tanto. Vila Franca é um lugar de praia de areias vulcânicas e um Ilhéu com uma cratera que pegando um barquinho é um ótimo lugar para nadar. Outro lugar bem interessante foi Furnas. Subimos até o Pico do Ferro. É uma subida linda, mas bem íngreme, com um visual que compensa o esforço.

De volta ao lugarejo a atração fica por conta do famoso "cozido", prato típico da região. Mas, este não é um cozido qualquer. É colocado uma panela enorme dentro de uns buracos na terra que chegam à temperatura de 100 graus. Lembrando que essa é uma ilha vulcânica. O momento de retirada desses panelões é uma atração para os visitantes. Cada restaurante desenterra o panelão com o "cozido". O lugar cheira a enxofre o que, de uma certa forma, contamina o sabor da comida. Não nos apeteceu. Preferimos nos deleitar nas termas Poça de D. Beija, nos banhando nos diversos poços de águas quentes em meio à natureza açoriana.



Ribeira Grande, do outro lado da ilha é bem interessante para conhecer e desfrutar a beleza da Lagoa do Fogo, eleita uma das maravilhas de Portugal. Tem também outras atrações como as Caldeiras da Ribeira Grande, Cascata do Salto do Cabrito, Mata Dr. Fraga e Lagoa de São Brás, Gruta do Carvão e outros Miradouros. Era muita coisa para ver e, infelizmente, não deu tempo de conhecer tudo que gostaríamos.

Seria injusto deixar de mencionar que Ponta Delgada é uma cidade para caminhar e se perder entre as construções antigas e igrejas. Nos fez lembrar a nossa Minas Gerais. Das Portas da Cidade ao Forte São Brás, da Arte urbana ao Mercado da Graça, tudo pode ser visto com muita calma, já que é uma cidade pequena e bem interessante.

Era hora de voltar para o Continente. Pegamos um voo cheio. Tinham duas crianças, sendo uma delas muito irritante. Os avós com essa criancinha irritante ficaram no assento atrás do nosso. Tivemos que ouvir os gritos e sentir os pontapés durante toda a viagem. A irmãzinha, sentada com os pais, do outro lado do corredor, era um doce de criança. Mas, somente

quando estávamos próximo ao nosso destino, resolveram trocar as crianças de lugar. Um alívio para nossos ouvidos. Na hora da aterrisagem um susto. Uma ventania muito forte jogava o avião de um lado para outro. A tensão era grande, quando de repente, o menino irritante, numa das balançadas bem forte gritou bem alto: *"- olha o buraco"*. Todos riram e o menino irritante virou nosso herói ☺ A tensão do momento se foi e o avião pousou tranquilamente na pista...

Caminho de Santo Antônio e São Francisco:
Pádua – La Verna - Assis

Santo Antônio, primeiro atleta olímpico...

Todo caminho tem as suas particularidades. O Caminho de Santo Antônio foi difícil, solitário e de muita reflexão. Acreditem ou não, acabamos ficando fãs do santo, à medida que aprendíamos um pouco mais sobre a sua história. Apesar de ter nascido em Lisboa, como Fernando, tornou-se padre franciscano e viajou muito por Portugal, Andaluzia, Marrocos, Argélia, Sicília, norte da Itália e Sul da França, a pé, claro! Como morreu em Pádua, e a igreja católica reconhece o santo do lugar que ele morreu, ficou conhecido como Santo Antônio de Pádua, o que acirrou uma disputa entre portugueses e italianos sobre a sua cidadania.

E acreditem, Santo Antônio era mais que um caminhante, era um atleta! Isso foi o que concluímos, porque subir e descer aquelas montanhas, muito perto uma das outras, é só para "atletas" ... Ainda bem que nos preparamos o ano todo e estávamos muito bem condicionados, e só por isso passamos no teste. Mas, não foi fácil!

Bem, mas antes de colocar o pé na estrada, ou no caminho, fomos a Vicenza, pela segunda vez. Visitamos o Lucio, um dos amigos do Caminho Francês. Ficamos alguns dias na linda cidade, que fica próxima a Veneza. De lá, seguimos para Padova (ou Pádua), onde começaríamos a nossa caminhada em direção a La Verna.

Em Pádua encontramos a Elisabetta, que foi nos visitar, junto com a sua pequena Ana, uma criança muito esperta e divertida. Foi muito bom passarmos a tarde juntos, e relembrar a Via Francigena e os amigos que lá fizemos.

Era dia 17 de abril de 2019, primeiro dia de caminhada, numa estradinha plana, com clima agradável, em direção a Monselice. Foi tudo bem, até o Helinho reclamar uma dor na unha do dedo do pé. Pois é, sabe aquela máxima, "em time que está ganhando não se mexe"? O Helinho trocou o tênis de caminhada confortável, um modelo que ele sempre usava, por uma bota que, embora tivesse sido bem amaciada durante quase um ano, deixou uma unha do pé preta e dolorida, logo no primeiro dia. A solução foi voltar a Pádua, trocar aquela linda bota amaciada, mas ingrata, pelo mesmo modelo de tênis conhecido, e começar tudo de novo... Mas, nada disso tirou o nosso ânimo.

Monselice, era uma cidadezinha agradável. Ficamos numa casa de acolhimento, com muitos refugiados africanos. A princípio, ficamos um pouco desconfortáveis, pois a Vera era a única mulher no meio daquele bando de homens. Depois relaxamos. Todos eles trabalhavam, a maioria no campo. Ficamos ali observando e pensando como seria a vida deles em seus países de origem. Alguns riam, outros eram mais introspectivos... Aquilo nos deixou com o coração bem apertadinho.

No dia seguinte, indo para Rovigo, fomos pensando naqueles refugiados. Quais seriam as condições em que viviam em seus países e que os forçaram a deixar tudo para trás para

viver uma outra vida, num lugar distante, sozinhos e, muitas vezes, invisíveis aos olhos de alguns e discriminados aos olhos de outros? E assim, vimos muito mais refugiados durante esta caminhada...

Feriado só é bom para os moradores....

Em Rovigo, ficamos num seminário espetacular. Fomos recebidos pelo Manuel, um seminarista venezuelano, e sua amiga italiana Linda, a pedido de "Don Paulo". Pensamos que "Don Paulo" fosse um padre velho, mas para nossa surpresa era bem jovem e muito simpático. Como era quinta feira santa, todos iriam passar a noite rezando numa outra ala do seminário, bem distante da nossa.

E, mais uma vez, ficamos sozinhos naquela imensa construção. Antes de sair, Don Paulo pediu a cozinheira para nos servir o jantar, *"antepasto", "primo piatto", "secondo piatto", "contorno",* vinho e, como sobremesa, adiantando a Páscoa, todo tipo de "*cioccolato"*.

Uma recomendação a quem quer caminhar na Itália é que procurem ficar em seminários, monastérios, conventos ou casas paroquiais. Além de sermos muito bem recebidos, os valores a serem pagos são, na maioria, "donativos". Algumas vezes, são servidos jantar e/ou café da manhã. Sem contar que são extremamente limpos.

Bem, como disse, era quinta feira santa e todas as hospedagens começaram a se esgotar, por conta do feriado prolongado. Na Itália, além da Páscoa, é celebrada, na segunda feira, a *Pasquetta, ou lunedì dell'angelo*. Então, de Rovigo fomos para Polesella, na sexta feira da Paixão, já que lá tínhamos conseguido um ótimo B&B.

No sábado, chegamos a Ferrara. Mas, como não conseguimos nenhum lugar para domingo, resolvemos ficar um dia a mais nessa cidade. O que foi ótimo! O Ostello era bom, a cidade bacana. Encontramos um senhor que disse saber falar espanhol. Quando comentamos que no Brasil falávamos português, ele disse que sabia alguma coisa em português, e mandou o seu versinho: "*banana não tem caroço, mas tem um filamento grosso, que dificulta a mastigação*". Sinceramente, não sabemos, até hoje, de onde vem esse versinho. Se alguém souber, por favor, esclareça ... Toda vez que nos encontrávamos no ostello, ele repetia tudo de novo e o mesmo versinho...

Na segunda feira surgiu um problemão. Não conseguimos hospedagem em Malalbergo, nossa próxima parada. Por isso, teríamos que caminhar 48 km até Castel Maggiore. Impossível! Foi aí que procuramos um ônibus que nos levasse, pelo menos, até a saída da cidade. Mas, convenhamos, olhar horários de ônibus na Itália não é tarefa fácil. Resumindo, ficamos a manhã inteira no ponto de ônibus, sem uma "vivalma" por perto e sem informações. Por fim,

apareceu um bendito e único ônibus que nos deixou alguns quilômetros à frente, na estrada em direção a Castel Maggiore. Chegamos mais tarde na cidade e tudo estava fechado. Parecia uma cidade fantasma. Além disso, não tivemos uma boa impressão do lugar que ficaríamos. Mas, depois até gostamos. Não foi tão ruim. Afinal, seria apenas mais uma noite... No dia seguinte, seguiríamos cedo para Bologna!

Compartilhando alimentos...

O dia amanheceu com chuva e assim foi de Castel Maggiore até Bologna. Percorremos uma longa distância ao lado de um canal, o que nos deixou ainda mais encharcados. Como não poderíamos deixar de conhecer Bologna, paramos num parque, na entrada da cidade, e tiramos um pouco do barro dos tênis e das calças de chuva. Tomamos um café para nos aquecer e seguimos conhecendo, mesmo e debaixo de chuva, a cidade que respira história, arte, música e cultura.

Bologna abriga a mais antiga universidade do mundo em funcionamento e agita-se com os universitários e os turistas. Depois de passar pela região central e visitar alguns pontos turísticos seguimos, debaixo de um aguaceiro, para o nosso B&B. Propositadamente, decidimos ficar na saída da cidade.

À noite, recebemos uma mensagem avisando que não deveríamos seguir pela trilha original porque o caminho estava muito *"fangoso"*, ou seja, com muita lama. Só que o *"fango"* é uma lama que mais parece argila, o que torna impossível a caminhada. Aquilo gruda no tênis e a cada cinco passos é preciso parar e tirar um torrão que pesa e chega a tirar o tênis do pé. Ficamos pensando o que fazer, porque o caminho para Settefonti seria aquele mesmo.

No entanto, no café da manhã encontramos um casal de ciclistas que nos ensinou um outro caminho pela estrada. Colocamos no Google Maps e lá fomos nós. Num certo ponto, esbarramos com um rio enorme para atravessar, o que era impossível. O rio tinha muita correnteza, era fundo e largo. Ficamos ali "matutando" o que fazer. Foi quando vimos uma trilha que ladeava o rio. Resolvemos segui-la. E fomos caminhando até que encontramos um ciclista, que confirmou que a uns 5 km dali tinha uma ponte. Deveríamos atravessar e voltar até o mesmo ponto onde deparamos com o rio, só que na outra margem.

Depois de atravessar a tal ponte, vimos uma sinalização do caminho. Tentamos seguir pela trilha indicada, mas foi impossível caminhar, porque ela estava muito *"fangosa".* Seguimos por uma outra estrada e depois por uma estradinha asfaltada que subia e subia e subia... Chegando no topo vimos uma Foresteria, ou ostello, enorme. Não tinha ninguém. Ligamos para o anfitrião que morava nas proximidades. Ele nos recebeu, nós entramos, tomamos um bom banho para tirar todo o barro e saímos para ver o final de tarde, que estava

lindo. O ostello não tinha nenhum hóspede e nenhum ser vivo por perto, quando vimos uma caminhante perdida.

Em frente à Foresteria tinha um B&B, com um restaurante, mas estavam fechados. Aliás, não tinha absolutamente nada por perto. A nossa sorte foi que nós tínhamos algumas coisas para comer e água. Mas, Birgitte, a sueca que encontramos perdida, estava confiante que o B&B e o seu restaurante estariam abertos. Ficou desapontada, mas dissemos que onde estávamos hospedados tinha lugar de sobra para ela se instalar. Ligamos novamente para o anfitrião, explicamos a situação da sueca e lá ficamos nós três, dividimos o que tínhamos de alimento...

Já estávamos no *Parco dei Gessi Bolognesi e Calanchi dell'Abbadessa*, com todo o seu complexo cársico, de rocha calcária, e que sofrendo corrosões formam cavernas e vales. Simplesmente maravilhoso.

Quem tem medo do lobo mau?

Ganhamos de presente um dia lindo. A previsão era chuva, mas foi o sol que apareceu. Saímos bem cedo de Settefonti em direção a San Martino in Pedriolo. Caminhamos pela crista de uma montanha e paramos no topo para apreciar a paisagem. Na descida da montanha, deparamos com muito barro. Aquele tal *"fango"* que impede a gente de caminhar. Nesse momento, a Birgitte nos alcançou. Eram dois ou três passos e era preciso tirar o excesso do barro dos calçados. No meio do barro vimos pegadas, que indicava serem de lobos, comuns

naquela região. Mas, estávamos tão preocupados em conseguir sair daquele lamaçal que não ficamos focados nas pegadas. De repente, ouvimos pequenos uivos, provavelmente, de filhotes. Ficamos apreensivos, porque onde tem filhotes tem a mãe loba protetora por perto. Não vimos nada, a não ser as pegadas, mas ouvimos que estavam próximos.

A região do parque, com aquele visual verde e das rochas calcárias formando desenhos, é incrível e inesquecível.

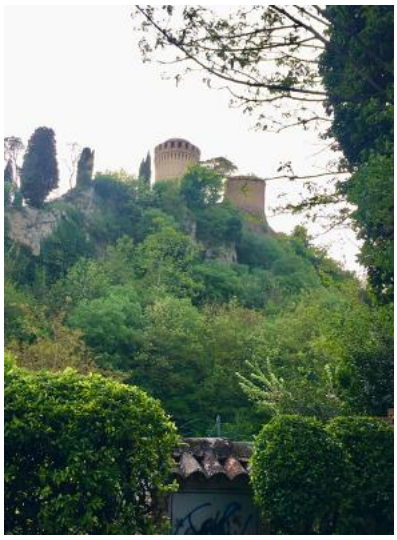
Nós ficamos em San Martino e a Birgitte seguiu adiante. Não nos encontramos mais e perdemos o contato. Mas, gostaríamos muito de ter notícias dela, porque o próximo dia de caminhada foi muitíssimo cansativo e sem nenhum lugar para descansar ou comer. Ela arriscou um bocado seguindo em frente no mesmo dia, embora tivéssemos alertado que no caminho não tinha absolutamente nada. Mas, o risco é de cada um.

E assim fomos, no dia seguinte, para Borgo Tossignano. A caminhada foi legal, mas a chegada foi muito difícil. Vimos do alto da montanha que a cidade ficava embaixo. Tivemos que descer numa vertical que deu medo. Foi um desafio e tanto, e muito perigoso. A nossa sorte foi que o terreno estava seco. Quando chegamos no pé da montanha as pernas tremiam de cansaço.

Ainda estávamos em Tossignano. Tudo estava fechado e só abriria por volta das 17h. A nossa hospedagem ficava em Borgo Tossignano, a 3 km à frente e montanha acima. Ou seja, teríamos que subir os 3 km, voltar a Tossignano para fazer compras, porque lá em cima não tinha mercado. E voltar de novo lá para cima. E assim foi, mas na volta para o Borgo pedimos uma caroninha, porque já não era possível dar mais um passo.

No dia seguinte, o nosso destino foi Brisighella. A caminhada era pelo *Parco Naturale del Carnè*. Um cenário lindo de gramados, matas e penhascos. O corpo ainda doía do dia anterior e a distância era demais, num caminho muito difícil, sem recursos e nenhum lugar para parar. Então, decidimos escapar e fomos passar umas boas horas em Ímola, antes de seguir para Brisighella.

Ovelhas "berrando" e cachorros latindo...



Brisighella é uma vila medieval nas montanhas Apeninas. É cercada por três colinas: a primeira, tem um castelo do século XVI, *La Rocca*. A segunda, tem um santuário do século XVIII, o *Monticino*. A terceira, a Torre do Relógio, do século XIX. As ruas de paralelepípedos e as casas antigas configuram um cenário único e pitoresco. Ficamos num B&B estranho, com gente esquisita, mas um quarto maravilhoso. Na verdade, o quarto parecia fora de contexto.

A dona do B&B passou o dia todo deitada no sofá da sala fumando e bebendo. Era a personificação da "Rebordosa" do Angelí, para quem se lembra. No dia seguinte cedo, depois do café da manhã, servido pela Rebordosa que exalava fumo e álcool, seguimos para Modigliana.

A caminhada foi bem fácil. Chegando na cidade, fomos para um convento e uma freira, muito simpática, de imediato nos cativou. Ela disse que era dia de San Giovanni e a cidade estava em festa. E que tinha muitos lugares para tomarmos um vinho. E assim passamos um domingo bem agradável, seguindo o conselho da freira. No dia seguinte, fomos para Dovadola.

O ponto alto deste dia foi parar em Montepaolo. Tinha um Santuário, construído em homenagem a Santo Antônio. Visitamos também a gruta que Santo Antônio fazia as suas orações e pregou, quando ali esteve por duas ocasiões de sua vida. Sem dúvida, foi um lugar muito especial!

Quando pegamos o caminho novamente, a chuva caiu forte. A sorte foi que ficamos num B&B fantástico. A Daniela e o Pasquale, os proprietários, resolveram mudar da cidade grande para este pequeno paraíso. Foi uma opção de vida invejável. O lugar era realmente

lindo. Na manhã seguinte, apesar do frio, a chuva parou e fomos num caminho muito tranquilo para Rocca San Casciano. Ficamos 3 km antes da cidade, num “Agriturismo”, num pequeno sítio.

Chegando próximo ao Agriturismo, vimos um cachorro *maremmano*, desses branquinhos, enormes e lindos, que cuidam das ovelhas. Ele estava deitado num monte de madeira. Geralmente, eles são mansinhos, principalmente, quando não estão tomando conta das ovelhas. Um pouco mais a frente, as ovelhas começaram a “berrar”. Foi quando três cachorros enormes, da mesma raça *maremmano,* vieram latindo e não nos deixavam passar. Ficamos assustados. Paramos, escondemos os bastões de caminhada, para não parecer ameaçadores. Com muita cautela, e implorando para que aquelas ovelhas parassem de “berrar”, fomos passando, devagar, passo a passo enquanto eles latiam e nos ameaçavam. Enfim, chegamos ao sítio.

Os proprietários, Alberto e a Franca, eram muito simpáticos e bem simples. Nos receberam com vinho local e ricota quente de leite de ovelha. À noite, nos bastamos com um jantar delicioso, feito por eles, com direito a todos os pratos e contornos possíveis e muito vinho e licores ... Melhor impossível!

Caçadores de trufas...

Era 1º de maio e fomos surpreendidos, no café da manhã, com uma turma de amigos e muitos cachorros nos fazendo companhia. Depois de tomarem café e conversarem um pouco com o Alberto, saíram para a caça de trufas. Os cachorros faziam uma verdadeira algazarra, os amigos se divertiam e nós também. O Alberto nos ensinou um caminho, que coincidia com a trilha das trufas. Não sei se esse pessoal achou alguma trufa, mas a diversão foi garantida.

Nesse dia, subimos e descemos morro, estrada de terra, lama, mata e chegamos numa cidade medieval, Portico de Romagna. Era uma cidade que mais parecia uma pintura. Ficava quase na divisa da Emilia-Romagna e Toscana. A paisagem era bucólica, as ruas de pedra e com muitas flores enfeitando as casas. Contam que foi por lá, que Dante e Beatriz, sua amada, teriam se encontrado.

De Portico de Romagna seguimos cedo, num dia bonito, cientes de que a caminhada para San Benedetto in Alpe seria dura. E foi! Subimos muito e cruzamos montanhas com trilhas íngremes. Chegamos numa vista de 360 graus. Passamos por parques, bosques, muitas vezes numa "escalaminhada" dura. Gastamos muito mais tempo do que prevíamos para chegar à cidade. Ainda tivemos que subir bastante para chegar ao Ostello. Depois de instalados, fomos até uma *"Alimentari"* para fazer compras. Mas, estava tudo fechado. O único lugar que achamos foi um pequeno hotel que tinha ao lado um bar/pizzaria.

Fomos recebidos por uma senhora muito mal educada que disse que o restaurante funcionaria somente a noite. Ficamos com vontade de ir embora dali. Fomos até a um ponto de ônibus, mas nenhum transporte passaria naquele dia. Não tínhamos o que comer. Voltamos ao bar/restaurante para comprar uns *croissants* já velhos, que tínhamos visto por lá. Foi então que o pizzaiolo disse que faria uma pizza especialmente para nós. Santo pizzaiolo. Pegamos tudo e voltamos para o Ostello. E nós tínhamos boa expectativa para San Benedetto in Alpe, pois este é um dos lugares que Dante, ficou no período do seu exílio, como está na "Divina Comédia".

No dia seguinte, fomos em direção a Castagno D'Andrea, por dentro do *Parco Nazionale dele Foreste Casentinesi, Monte Falterona, Campigna.* O parque abrange tanto a Romagna quanto a Toscana. Descemos pelo lado Casentino. Foi um dia de extremos. Ao sair, decidimos ir pela montanha, passando pela *Cascata dell'Acquacheta*. De repente, o tempo que estava nublado, fechou de vez. Choveu muito! Chegamos num topo de montanha onde tinha um restaurante, felizmente aberto. Nos aquecemos, comemos e encontramos dois policiais, que nos aconselharam seguir pela trilha. Disseram que apesar do aguaceiro que caía, não recomendavam a descida pela estrada. Aquela era uma estrada muito íngreme, com muitas curvas fechadas e muito perigosa.

Assim, fomos pela trilha de pedras soltas, montanha abaixo. Tinham muitas árvores caídas. A chuva e a neblina atrapalhavam nossa visão. Nos perdemos e, como não tinha sinal de celular, contamos com a sorte para achar a trilha correta. Felizmente, depois de muitas horas de caminhada chegamos a Castagno d'Andrea.

Estávamos molhados, da cabeça aos pés, apesar das capas de chuva e dos tênis à prova d'água. Mas, encontramos um "Rifugio" quentinho, vazio, onde pudemos descansar e secar nossas roupas. E, finalmente, achamos uma *Alimentari* aberta para nosso deleite. Fizemos as compras para um jantar e descansamos. E a chuva continuou forte...

Santuário de La Verna...

A chuva parou no dia seguinte, mas o tempo continuou muito nublado. O chão estava muito encharcado. Por isso, fomos recomendados a não passar pelas montanhas. O nosso destino era Pratti della Burraia.

Já de saída, tivemos um pequeno desentendimento. O Helinho entendeu que a saída era por um lado e eu entendi que era pelo lado oposto. Com isso, resolvemos voltar e perguntamos a um senhor, que nos deu uma terceira opção.

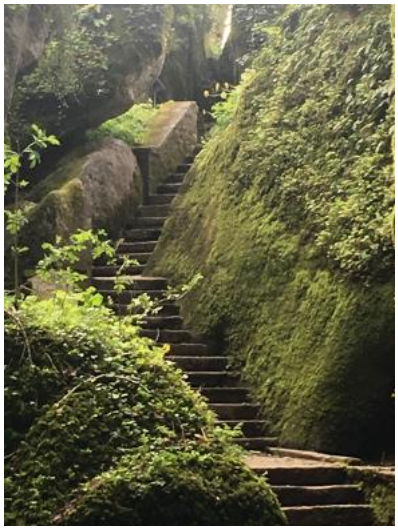
Começamos a andar no meio do barro, mas olhamos no GPS do celular e vimos que estávamos indo em direção contrária. Voltamos, novamente, e seguimos pela intuição do

Helinho, que era a correta. Foi quando encontramos dois senhores, da Guarda Florestal, que nos disseram que era para seguir por aquela estrada e tentar chegar o quanto antes a Pratti della Burraia porque o tempo iria mudar. Disseram que a partir daquela tarde, o tempo seria *"brutto"* por dois ou três dias, com muito vento e uma nevasca muito forte. Foi então que decidimos ligar para o único refúgio que havia e eles confirmaram a péssima previsão. Não teríamos como sair de lá, por três dias ou mais, caso a neve fosse muito intensa. E lá só tinha esse refúgio, que era caro. Não tinha mais nada pelas redondezas. Diante disso, resolvemos voltar a Castagno D'Andrea e tentar achar uma solução.

Entramos na igreja da vila e o padre veio falar conosco. Contamos nosso dilema, e ele, prontamente, nos aconselhou pegar o ônibus para Dicomano. De lá, teria trem para alguma cidade com mais recurso. Esse era o único ônibus do dia, porque era sábado. Então, resolvemos, ir para Firenze, que não ficava longe.

E assim, fizemos. Aproveitamos para descansar, revendo a cidade que já tínhamos visitado há muito tempo. Colocamos as roupas em ordem, encontramos a Alê, uma amiga de São Paulo. Enfim, esperamos três dias para retomar o nosso caminho. Infelizmente, não conseguimos voltar ao ponto que paramos, porque ainda tinha muita neve. Fomos para Bibbienne. E, por lá, chegamos a La Verna, nosso primeiro e tão sonhado objetivo.

O santuário fica numa altitude de mais de mil e duzentos metros, no *Monte della Verna*. A paisagem é indescritivelmente linda e rodeada de mistérios. Este foi o local onde São Francisco de Assis recebeu as chagas, ou estigmas. Independente da religião ou da crença, La Verna é um lugar muito especial, de meditação e reflexão. Ficamos dois dias. No primeiro dia, visitamos a cidadezinha, Chiusi della Verna, que fica a menos de dois km, morro abaixo.



Deixamos para, no dia seguinte cedo, sem ninguém por perto, explorar cada cantinho daquele lugar enigmático e espetacular. Vimos a rocha onde São Francisco repousava, usando a pedra como cama. Caminhamos pela floresta, que para nós era encantada. Enfim, sentimos na pele, em silêncio, aquele lugar mágico. À tarde, vimos a procissão dos frades franciscanos, que acontece todos os dias às três horas, desde o ano de 1431.

Diz uma lenda, que numa noite de inverno e tempestade, os frades não puderam fazer a procissão. Na manhã seguinte, acharam muitas pegadas de animais do bosque no caminho da procissão. Por isso, foi construído o Corredor do Estigma. Assim, os frades saem, todos os dias, da Basílica, passando por este corredor, onde estão os afrescos com episódios da vida de São Francisco, *até a Cappella della Pietà*. Eles entoam cânticos gregorianos. Especialmente, e por sorte nossa, naquele dia tinha muitos frades, de muitos países do mundo em visitação. Tinham asiáticos, africanos, europeus etc. Ficamos sabendo de um brasileiro, mas não o encontramos. Mas, conversamos bastante com dois frades angolanos. Trocamos experiências, ficamos sabendo um pouco mais sobre a vida de São Francisco e de Santo Antônio.

Por fim, ali, terminava mais uma jornada, o Caminho de Santo Antônio. Mas, naquele ambiente mágico e extraordinário, iniciava mais um desafio, o Caminho de São Francisco de Assis.

Fiat Lux...

O Caminho de São Francisco de Assis é mais curto, mais cheio e com mais infraestrutura do que o Caminho de Santo Antônio. Este era o nosso vigésimo terceiro dia caminhando.

Depois do café da manhã e de uma benção que acontece todos os dias às 7 horas, saímos de La Verna, debaixo de chuva forte, barro, neblina e muito frio. Partes do caminho ainda tinha neve ou barro congelado.

Ficamos um pouco apreensivos, com receio do que nos esperava naquele dia. Começamos a subir muito, escorregando no barro, em pedras soltas e um aguaceiro sem fim. E, chegamos num platô. Era um lugar lindo. Comentamos que se estivesse com sol, seria maravilhoso. E, de repente, *"Fiat Lux".* Até hoje não sabemos como, mas a chuva parou e o sol apareceu de repente. Como um passe de mágica. Sem sombra de dúvida, esse foi mais um presente que o caminho nos ofereceu. Ou, São Franciso? Ou, Santo Antônio? Ou...

E seguimos, felizes da vida, para Pieve Santo Stefano. Soubemos que a Dora e o Gabriele, que encontramos na Via Francigena, iriam para Sansepolcro, nossa próxima parada, para nos encontrar. Ficamos felizes com a notícia. O caminho para Sansepolcro foi tranquilo. Chegando na cidade, fomos para uma Foresteria de um convento. E lá, encontramos o casal de amigos.

Sansepolcro respira arte. Ali nasceram vários pintores famosos e, obviamente, abriga as artes dos filhos da terra. Depois tivemos uma aula sobre a *"ballestra",* que nós conhecemos como "besta". A precisão e a arte de atirar é impressionante. O clube ficava bem ao lado da Foresteria e um senhor, que ali estava, nos deu explicações interessantes.No dia seguinte, seguimos com a Dora e Gabrielle para Citerna, mas cada um em seu ritmo, ou seja, juntos, mas separados. Já saíamos da Toscana e entrávamos na Umbria. Nós ficamos na cidade e o casal de amigos resolveu caminhar um pouco mais.

Nós não resistimos à beleza do lugar. Ficamos admirando a vista, as passagens cobertas, a *Madonna de Citerna,* de Donatello, e as esculturas do artista Gianfranco Gioni. Além disso, ficamos num monastério onde fomos recebidos com beijinhos, por uma Irmã bem idosa e simpática, e pela "suore Ilaria", uma pessoa tranquila e bonita em todos os sentidos. Seria um pecado não aproveitar todo aquele bom astral...

Tutti buona gente...

De Citerna fomos para Città de Castello, onde combinamos encontrar a Dora e o Gabriele. A caminhada foi tranquila. Chegando na cidade, fomos para o Monastério, onde ficaríamos. Mais tarde, saímos para conhecer um pouco da cidade, suas igrejas, os museus, a *Torre del Vescovo*, a Catedral e a Pinacoteca, que abrigam tesouros e obras de pintores italianos famosos.

Neste dia, jantamos no monastério. Tinham muitos caminhantes e foi bem divertido. Só achamos estranho jantar num salão que abrigava a ossada de um dos fundadores. Foi bem esquisito.

No dia seguinte, nos despedimos da Dora e do Gabriele e seguimos para Pietralunga, debaixo de muita chuva. O casal voltou para casa. No caminho, resolvemos que seguiríamos pela estrada porque sabíamos que a caminhada pela trilha, naquele dilúvio, seria muito desgastante e perigosa. Talvez, tivesse sido melhor ter passado pela trilha. Isso porque, pela estrada subimos e subimos e subimos... só subimos. Além disso, um vendaval nos pegou bem em cima da montanha. O vento era tão forte que carregava galhos de árvores e quase nos carregou também. Foi até engraçado. Numa rajada de vento forte tivemos que segurar um no outro para não cair. Finalmente, chegamos sãos, salvos, com frio e cansados. Com isso, desistimos de ficar no lugar que reservamos e encontramos outro lugar melhor, mais confortável e mais aquecido.

Descansados, seguimos para Gubbio. Ainda estava muito frio e com uma chuva fina. No caminho encontramos um casal de italianos com um amigo, que já tínhamos visto antes. Eles eram muito barulhentos e a gente sempre ficava um pouco mais afastado deles. Eles disseram que iriam parar numa cidadezinha, não muito longe de onde nos encontramos. Quando nós dissemos que íamos diretamente a Gubbio, eles resolveram seguir conosco. A princípio, pensamos *"ih"*. Mas, no final achamos eles muito engraçados e nos divertimos. Enquanto caminhávamos, contamos que tivemos que parar dois dias, por causa de uma nevasca, bla, bla.... E, não é que um deles usou a nossa história para convencer o hospedeiro do Convento onde ficaríamos, para lá ficarem dois dias, quando o permitido era apenas um dia? Isso porque, no dia seguinte teria uma festa famosíssima, a *"Festa dei Ceri"*.

Seguimos até o Convento, mas não sem antes parar para uma foto na estátua de São Francisco de Assis com um lobo. Conta a lenda que São Francisco de Assis, durante a sua permanência em Gubbio, teria amansado um lobo, ou uma loba feroz, que aterrorizava a região.

A "Festa dei Ceri" e Assis...

Gubbio é uma cidade medieval. Na Idade Média era muito poderosa, mas depois esteve envolvida em muitas guerras. Numa dessas guerras, saiu vitoriosa, pela intervenção do seu bispo, Santo Ubaldo, que trouxe para a cidade um período de muita prosperidade. Assim, desde o ano de 1160, no dia 15 de maio, acontece a *Festa dei Ceri,* ou Corsa dei Ceri, em homenagem ao santo, patrono de Gubbio.

É muito complicado explicar aqui toda a logística da festa. Resumidamente, a cidade fica dividida em 3 equipes. Cada equipe usa roupas com a cor do seu patrono e carrega uma estátua com o seu santo. São eles, Santo Ubaldo, Santo Antônio Abade e São Jorge. Os desfiles começam às 5 da manhã com encenações, uma louca corrida pelas ruas íngremes da cidade e termina com muita comilança.

Cada santo é colocado num prisma octogonal de madeira, parecendo uma ampulheta com 4 metros de altura e pesando quase 300 quilos. E nós, vimos de perto, espremidos nas ruas estreitas, a multidão eufórica que cantava, bebia, corria e empurrava aquele gigantesco estandarte, como se fosse uma competição. Para dizer a verdade, num certo momento ficamos com medo, porque estávamos num lugar que não tinha saída e se tivesse qualquer confusão seriamos pisoteados. O povo canta, pula, corre e fica muito eufórico num tremendo empurra-empurra.

Bem, depois dessa loucura toda, e de ver uma das maiores manifestações folclóricas da Itália, fomos para Valfabrica, já ansiosos para a última etapa até Assis.

Sem pressa, saímos de Valfabrica num lindo dia de sol, com uma temperatura super agradável, depois de dias de chuva e muito frio. Estávamos com aquela sensação, que já descrevemos algumas vezes, coração apertadinho pelo final do caminho, mas felizes por estarmos conseguindo chegar ao nosso destino.

Ainda de longe avistamos a Basílica de São Francisco de Assis, lá em cima, no Monte Subásio. Fica numa colina, antes conhecida como "Colina do Inferno", porque era onde os criminosos mortos eram enterrados. Hoje, é conhecida como "Colina do Paraíso". E não sem razão. É sem dúvida o Paraíso! Chegamos pelo parque, aproveitando a natureza e a calma do bosque, antes de nos depararmos com um monte de turistas que veio apreciar o clima da cidade e a *"1000 Mille".* Pela segunda vez, nas nossas andanças pela Itália, tivemos a oportunidade de ver esse famoso evento, a corrida *"1000 Mille"*.

E, finalmente, chegamos à Basílica de São Francisco de Assis. Paramos para uma foto e entramos para agradecer a São Francisco e Santo Antônio a oportunidade de mais uma caminhada e um dia tão bonito para chegarmos. Em Assis também conhecemos a bonita história de Santa Clara. Nos tornamos fãs deste trio, que nos acolheu e deu-nos paciência e entendimento para enfrentarmos os tempos difíceis que vieram depois, a pandemia de Covid.

Uma esticadinha até a Irlanda...

Sabe aquela vontade de tomar um *Pint* de Guiness *in loco*? Pois é, foi por isso que resolvemos descansar, dessa vez, em Dublin ☺

De Assis voltamos para Roma e, de lá, saímos com um dia de atraso, por conta do voo cancelado. Mas, isso não nos abalou. Aproveitamos o dia em Roma e seguimos para Dublin, com escala em Londres.

Chegamos bem tarde da noite em Dublin. Ainda assim, vimos o agito da cidade. Ficamos num Airbnb, que era a casa de um casal bem interessante. Ela com ascendência asiática e ele bem irlandês. Os dois músicos da noite. Por isso, passavam a noite quase toda fora e durante o dia dormiam. Era como se estivéssemos sozinhos na casa.

Dublin é uma cidade muito alegre durante o dia e à noite. Nas principais ruas da cidade, conhecidas pelas lojas e músicos de rua para todo lado, você esquece a vida. A região do *Temple Bar* é uma festa a qualquer hora. O próprio *Temple Bar,* e outros *Pubs* nas redondezas, tem apresentações de música folclórica ao vivo e com DJs. É divertido caminhar pelas ruas estreitas e de pedras, parando nos *Pubs* para ouvir um pouco de música e comer nos diversos restaurantes de culinária asiática, americana e irlandesa.

Outras atrações da cidade, são a *Trinity College*, uma antiga universidade fundada em 1592 pela Rainha Elizabeth I, uma caminhada pelo *Grand Canal* ao lado do Rio Liffey, rumo ao *Oscar Wild Memorial* ou na *Vicking Area*, que é bem interessante. Uma paradinha na *Christ Church* ou na *Saint Patrick Cathedral*, um descanso no *Phoenix Park*. E ainda tem muita coisa para ver, como o *Convention Centre Dublin, Dublin Brigade Memorial, Smithfield,* que foi uma área de armazéns e que hoje são cafés, bistrôs e cervejarias. E, na praça central está a *Jameson Distillery Bow Street* que é onde o whiskey com o mesmo nome era destilado.

Atrações é o que não faltam na cidade, nem que seja ficar observando as portas coloridas das casas e os turistas que passam nos carros anfíbios de excursão, o *hop-on hop-off*, com chapéus vicking fazendo a maior algazarra, tanto em terra quanto na água. Mas, o imperdível mesmo é a visita à *Guiness Storehouse* e lá tomar aquele *Pint* da Guiness *in loco*. Era um dia especial, mais um aniversário da Vera viajando. Não nos contentamos com pouco e fomos para um *Pub* para aproveitar ao máximo a cerveja, que combina o sabor e a espuma cremosa no ponto certo.

Num dia de domingo, resolvemos caminhar em direção a *Dalkey e Killiney Village*, subúrbio de Dublin, onde Bono Vox e o The Edge do U2 têm casa, assim como a cantora Enya. Foi uma caminhada super agradável, a beira mar com uma vista linda. A visita que todo turista gosta de ir de carro, fomos a pé, o que deixou uma moradora, que pedimos uma informação, espantada quando contamos que estávamos nos divertindo com aquela longa caminhada. ☺

Enfim, passamos dias ótimos em Dublin com a promessa de voltarmos. Depois da nossa visita ao país, decidimos colocar no radar o *Ireland Way, u*m fantástico caminho na Irlanda.

Via Francigena de Sicilia
Magna Vie Francigena: Palermo - Agrigento
Vie Francigena per le Montagne: Palermo – Messina

Quebrando o jejum de 3 anos...

Em 2020, preparamos uma caminhada pela *Via Francigena Nord*. Seriam 1.200 km em 60 dias, começando por Canterbury (Inglaterra), atravessando pelo Ferry Boat para Calais (França), cruzando parte da Suíça até atravessar o *Gran San Bernardo*, chegando em Aosta (Itália), que foi de onde partimos em 2018 em direção a Roma. De repente, fomos surpreendidos pela pandemia e tivemos que cancelar tudo em 10 dias. Diante de todo o caos que assolou o mundo recebemos um *voucher* da companhia aérea com uma validade de 2 anos, ou seja, até junho de 2022.

Foi um longo e triste período de jejum de encontros com familiares, amigos e de caminhadas. Presenciamos as mortes e as controvérsias do nosso país e tantas coisas que preferimos não relatar, por já ser de conhecimento de todos. Na verdade, para nós foram 2 longos anos, porque a última caminhada tinha sido em 2019. A *Francigena Nord* foi um sonho não realizado, até então.

Em abril de 2022, vimos que o nosso *voucher* venceria em breve. Por isso, a toque de caixa resolvemos viajar. Pesquisamos as condições sanitárias nos países que passaríamos e cada país tinha uma regra diferente. Com isso, desistimos, mais uma vez, da Via Francigena Nord. Buscamos alternativas daqui e dali e resolvemos ficar num só país, onde as regras haviam se afrouxado um pouco mais. E, dentro do país, procuramos um lugar "supostamente" mais tranquilo para caminhar. Escolhemos a Sicília, por ser uma ilha, presumivelmente com maior controle.

O caminho seria mais curto do que habitualmente, mas estávamos felizes de poder caminhar de norte a sul da ilha e pelas montanhas, conhecendo o povo, apreciando as paisagens e as praias da ilha. E fomos para Catânia, a segunda maior cidade da Sicília, no lado leste da ilha. E foi uma boa surpresa para nós, que não sabíamos nada sobre ela.

Chegamos tarde da noite ao aeroporto. Tomamos o último ônibus para o centro da cidade. Descemos num lugar ermo e caminhamos por entre casarios antiquíssimos, ruas estreitas e becos, até chegarmos numa grande praça com turistas nas ruas e nos restaurantes. Mais alguns poucos quarteirões e chegamos num lugar onde tínhamos reservado pelo Airbnb.

Fomos recebidos por uma família simpaticíssima, o Giacomo, a Dalila e o filhinho Santiago. Foi uma recepção calorosa, já quase meia noite, num lugar incrível com tudo que precisávamos. Foi um descanso merecido de uma viagem longa e cansativa.

No dia seguinte, quando acordamos, olhamos pela janela e vimos todos os carros empoeirados. Achamos que eram carros abandonados.☺ Depois soubemos que era poeira do vulcão Etna que, de tão perto, deu origem ao nome da principal rua de cidade, Via Etnea, de onde podemos observar a sua imponência.

Ficamos na cidade dois dias, antes de partir para Palermo, no norte da ilha, onde seria o início do primeiro caminho rumo ao sul.

Catânia não é muito grande e o centro histórico era onde estávamos hospedados. Encontramos o Gino, um simpático siciliano, que nos entregou as "Credenciais" do caminho e deu algumas dicas da cidade. A credencial, é uma espécie de passaporte dos caminhantes, que abrem portas e descontos nos locais de acolhimentos, além de ser o que nos avaliza como pessoas confiáveis.

Fomos conhecer a *Piazza Duomo* e a Catedral. Depois seguimos para a *Pescheria*. Esse não era somente um mercado de peixes, mas é também onde encontram-se os melhores produtos da terra, que são adquiridos por pessoas locais, turistas e por donos dos restaurantes em toda a vizinhança. A *Via Etnea* é onde estão as lojas da moda. Conhecemos a *Piazza dell'Universita*, o jardim da *Villa Bellini*, a *Via Crociferi*, algumas das muitas igrejas da cidade, o Teatro Romano e a Porta Garibaldi. Enfim, passamos o dia caminhando e nos deliciando com o famoso *Cannoli* e *Limoncello*, próprios da região de Catânia.

Por um tempo a cidade deixou saudades, mas voltaríamos ao final da nossa estadia na Sicília, retomando os contatos, as caminhadas pelas ruas e praias da cidade. Era ideia visitar o Vulcão Etna, mas não foi possível por ele estar em atividades e a visitação estava vedada...

Vie Francigena: de Palermo a Agrigento – 1º Caminho

Fomos de trem para Palermo, que é a capital da Sicília. A sua população é, praticamente, o dobro de Catânia. Apesar de ser uma cidade grande, não foi difícil nos localizar nos pontos de interesse. Ficamos dois dias, sem muita pressa porque, depois de Agrigento, que era o nosso destino final desse caminho, voltaríamos para Palermo antes de começar o segundo caminho. A surpresa desta vez, ficou por conta do nosso anfitrião que cantou o Hino do Brasil inteiro. Ficamos de boca aberta ouvindo... Sem entender, perguntamos como ele sabia. Ele disse que era professor de História, mas não explicou o interesse pelo hino.

Domingo foi um ótimo dia para conhecer o Mercado *Ballaró*, que atrai muita gente em busca dos produtos locais e turistas. A Catedral de Palermo é imperdível. Passamos o dia caminhando. Fomos até a Marina, a *"Quatro Canti"*, que fica numa das esquinas da badalada rua Vittorio Emanuelle. Vimos o Palácio dos Normandos, entramos e saímos de becos e ruas.

Iniciamos o nosso caminho no dia 09 de maio de 2023. Naquele dia, caminhamos 25 km até Santa Christina Gela. O tempo não era dos melhores. Começou a garoar, enquanto chegamos em Monreale, no Monte Caputo. Vimos todo o vale e a cidade sob neblina.

Monreale é uma cidade pequena e bonitinha. A catedral é um espetáculo. Quando passamos em frente vimos a porta aberta e entramos. Um senhor, que estava fazendo a limpeza, disse que não estava aberta à visitação, mas como já estávamos dentro tivemos a oportunidade de ver a riqueza do seu interior. Os mosaicos ilustram os três livros da Bíblia, o Gênesis, os Evangelhos e o Apocalipse. Não foi possível ver o claustro, mas valeu pela beleza e a paz de um lugar lindo e só para nós.

Seguimos caminhando, e num certo momento fomos abordados, no meio do nada, por dois homens que estavam num carro. Eles disseram que estavam fazendo uma filmagem sobre "caminhantes" e perguntaram se poderíamos ser filmados. Nem hesitamos e dissemos que sim. Enfim, fomos filmados, demos entrevista e nunca soubemos quem eram aqueles dois e para onde seria aquela filmagem. Simplesmente esquecemos desse detalhe. Estávamos concentrados no caminho e na chuva que caiu.

Chegamos ao nosso destino molhados e felizes. Fomos recebidos por uma senhora, que mais parecia a dona da cidade. Quando entramos no lugarejo, que estava com as ruas vazias, mas com um bar cheio, logo perguntaram se estávamos procurando pela Francesca. Acenando que sim e ela logo chegou. Fomos para um apartamento com cozinha disponível, o que nos possibilitou fazer o jantar e preparar para o dia seguinte.

A noite recebemos um comunicado de que o caminho do dia seguinte estava muito complicado. Com a chuva tinha muito *"fango"*, praticamente intransponível. Como já conhecíamos, de outros caminhos o tal do *"fango",* que é uma lama pegadora que impossibilita cinco passos sem ter que limpar o excesso, nos preocupamos. Além disso, havia um trecho em que teríamos que fazer um desvio porque ao lado do rio era um alagado e a

água estava pela cintura naquele local. Fomos dormir e deixamos para decidir o que fazer no dia seguinte cedo.

Esses são os percalços do caminho. Seguimos em meio ao *fango*, mas, infelizmente, não conseguimos ir adiante e tivemos que apelar para uma carona.

A próxima cidade foi Corleone, que ficou conhecida pela máfia. Mas, para além da máfia e do Museu da Máfia, Corleone é uma cidadezinha bem interessante. As pessoas que encontramos foram muito simpáticas e prestativas, como a Marialice, que foi quem nos acolheu.

Prizzi era a nossa próxima parada. No caminho ganhamos de um senhor algumas favas, que eles comem crua. Além de saborosas são bem nutritivas. O sol estava muito quente e o calor já tinha se manifestado. Paramos numa fonte para pegar água e encontramos um outro senhor que trabalhava na região. Enquanto estávamos conversando com ele, chegaram duas outras caminhantes italianas. Eram a Marta e a Luiza, que moravam no *Valle d'Aosta*. De imediato nos tornamos companheiros de caminhada e amigos. Nós quatro éramos os únicos caminhantes de toda essa jornada.

Nesse dia, aconteceu um contratempo. Enquanto fomos atravessar uma fazenda apareceram três cães que nos cercaram. Além do susto, tivemos que retroceder. Mas, aquele era o único caminho para passar. Era uma trilha estreita. Tivemos a ideia de passar pelo mato, bem perto da cerca, e tentar enganar os cachorros. Observamos que quando cruzávamos a cerca, para o lado de fora da fazenda, eles paravam de latir. E assim fizemos, demos uma enorme volta, contornando a cerca, mas quando já estávamos chegando perto da porteira um deles apareceu latindo e nos cercando novamente. Felizmente, os outros não apareceram e tivemos que encarar o problema de frente. Atravessamos a porteira e, aliviados, seguimos.

Mais a frente encontramos a Marta e a Luiza e contamos o que tinha acontecido conosco. Elas passaram no mesmo caminho, mas sem serem atormentadas por aqueles cães. Foi aí que elas comentaram que tinham o apito para espantar cachorros, porque naquela região muitos cães ficavam soltos. Já tínhamos lido algumas reclamações sobre isso, mas não tínhamos ideia o que enfrentaríamos pela frente. De fato, dois dias depois fomos cercados por 3 cachorros enormes e aconteceu mais algumas vezes. Os cachorros foram um tormento para nós. Apesar dos riscos, porque nunca sabíamos qual seria a reação dos caninos, não nos deixamos abalar e fomos em frente. Com medo, mas fomos assim mesmo ☺

Esse foi um caminho duro, pela secura do clima, que sofre influências da África, e pelas longas e íngremes

subidas. Apesar disso, tivemos muitas surpresas agradáveis. O povo siciliano é muito receptivo e brincalhão. Num desses dias, paramos numa cidadezinha bem no alto de uma montanha. A subida foi difícil, mas a visão de um Café com mesinhas na calçada foi ótima. Sentamos para descansar e refrescar do calor escaldante. O dono do local viu logo que éramos "caminhantes" e se interessou em saber mais sobre nós. As duas amigas italianas chegaram e perdemos a conta do tempo que ficamos naquele lugar super agradável. A caminhada ainda seria longa, mas não nos incomodou aquela longa parada estratégica.

Ficamos sabendo de muitas histórias locais. Uma delas, que um argentino tinha comprado uma casa por apenas 1 Euro. Isso mesmo, 1 Euro! Fomos apresentados ao argentino e a esposa.

Em algumas cidades italianas a população diminuiu ou quase desapareceu. Os pais já faleceram ou os filhos vão morar nas cidades maiores. O fato é que as casas ficaram vazias. Com intuito de trazer de volta mais moradores, algumas dessas casas foram vendidas por valores simbólicos, mediante o compromisso de o novo proprietário restaurá-la, o que não fica barato. Além disso, é preciso morar no local. Já tínhamos ouvido falar, mas duvidamos da veracidade. No entanto, pudemos constatar que é verdade. Inclusive tinham outras casas na mesma situação.

Por falar na receptividade do povo siciliano, no caminho entre Sutera e Grotte está Rocalmuto, terra de Leonardo Sciascia, que foi escritor, novelista, jornalista e ativista político. E, por consequência, muita coisa na cidade gira em torno dele.

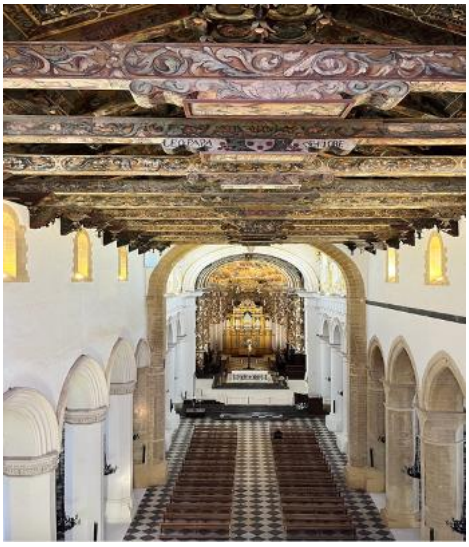
Nessa cidadezinha, paramos num Café para descansar e ficamos distraídos vendo um cachorro lindo, daqueles brancos e enormes que nos cercam quando estamos caminhando, mas que ali era uma doçura em forma de cão. Ele chegou com duas crianças, que entraram na igreja para assistir a missa de domingo. O cãozinho ficou na porta esperando a missa acabar. Cada pessoa que entrava na igreja ele olhava com cara de coitado para que o deixasse entrar. Mas, as tentativas não deram certo. Por fim, ele se deitou no portal e aguardou pacientemente.

Fazendo um "a parte", esses cachorros da raça o Maremmano, é genuinamente italiano. São dóceis, mas são guardiões de ovelhas e do gado. Por isso, eles tentam afugentar quem chega próximo da área que eles vigiam. Só não sabemos se eles atacam, caso haja alguma reação que eles se sintam ameaçados. O certo é que eles nos assustavam pra valer. E o pior, é que nem sempre tinha somente o Maremmano. Às vezes, tinham outras raças mais agressivas. Vimos até Pitbull, que felizmente estava dentro de um cercado.

Continuando, enquanto estávamos no Café fomos abordados pelo Sr. Pina. Era um homem de meia idade, falador e que se interessou em nós, por sermos brasileiros. Ele já tinha vindo Brasil. Conversamos um pouco e decidimos despedir do Sr. Pina e continuar a nossa caminhada. Mas, ele se ofereceu para mostrar a cidade. Resolvemos aceitar a gentileza. Ele

nos levou ao Teatro construído entre 1870 e 1880, que era realmente muito bonito. Vimos a casa do Leonardo Sciascia, que era obrigatório por aquelas paragens, e o Museu do Sal. Nessa última parada, o senhor que tomava conta do museu resolveu nos fazer uma oferta, uma pedra enorme de sal. ☺ Agradecemos e dissemos que já tínhamos uma carga pesada para carregar nas costas, mas ele sugeriu que amarrássemos a pedra na mochila. Diante da insistência, tivemos que andar até Grotte com o peso extra. Era uma pedra linda, mas ficou de presente na pousada onde hospedamos para quem quisesse apreciar a sua beleza.

Andamos mais alguns dias, ora acompanhados pelas amigas italianas, ora sozinhos, sob o sol escaldante e a secura do clima siciliano naquela primavera. Porém, no último dia, propositalmente, nos encontramos pelo caminho, o que foi a nossa sorte. Já tínhamos sido avisados dos cachorros soltos nessa última etapa. De nada adiantava pedir aos donos para prendê-los. E não deu outra. Num certo momento, tivemos que parar e ter calma. Com ajuda do apito para acalmar e espantar os cães conseguimos superar o problema por duas vezes, A primeira na estrada e a segunda em meio a um matagal.



Estávamos chegando a Agrigento, a última cidade desse caminho. E para a nossa alegria, entramos na Catedral enquanto os sinos batiam 12 horas. Nos abraçamos e nos emocionamos. Foi um caminho muito árduo, não pela distância, mas pelo desnível geográfico, pelo calor e tempo seco, próprios da região naquela época, e pelos cachorros que não davam sossego. Um caminho que começou com muita chuva e terminou com um calorão insuportável. Um caminho que nos trouxe novas amizades, nos ensinou a lidar com os medos e entender os nossos limites.

Vie Francigena per la montagne: de Palermo a Messina – 2º. Caminho

Depois de conhecer Agrigento, pegamos um trem para Palermo, de onde sairíamos para o nosso segundo e mais longo caminho. Em direção à estação ferroviária encontramos Marta e Luiza, nossas amigas italianas. Nos despedimos e ali deixamos marcado o próximo encontro para quando fôssemos realizar o caminho da *Francigena Nord*, que terminava no *Vale d'Aosta*, local de origem das duas amigas.

Foi ótimo ter retornado a Palermo. Tivemos oportunidade de conhecer mais a cidade e visitar outros pontos turísticos. Dessa vez, a cidade parecia estar com mais turistas. Eles desembarcavam dos enormes navios, uns para ficar e outros só para conhecer durante o dia.

Era hora de partir para o novo caminho. No primeiro dia, decidimos contrariar as sugestões de pegar um trem até uma cidadezinha próxima. Resolvemos andar em meio ao caos da periferia e estradas movimentadas. Paramos para tomar um café numa cidadezinha próxima. Foi o café mais caro que já pagamos até hoje. E nem foi o melhor café. Mas, um fato engraçado aconteceu. Enquanto descansávamos um senhor passou e perguntou se éramos refugiados ucranianos. ☺ Achamos graça e dissemos que não. Explicamos que caminharíamos até Messina. Ele olhou com uma cara bem desconfiada. Não entendeu nada. Isso porque, diferente do primeiro caminho, essa rota ainda era desconhecida. Por ser uma rota nova não tinha sinalização em alguns trechos. O GPS foi a nossa salvação em alguns momentos, principalmente enquanto atravessávamos campos, montanhas e muito mato alto.

Esse primeiro trecho até Bagheria e Altavilla ainda é bem próximo ao mar. Altavilla, como o próprio nome sugere fica no alto e tem um visual lindo. A próxima parada já seria em meio às montanhas. De última hora, resolvemos dar uma guinada e ir para uma praia e passar o aniversário da Vera. Conseguimos um Airbnb em Cefalù.

Cefalù deveria ser um capítulo a parte. A cidade é encantadora. Como em outras partes da Sicília, os indícios pré-históricos também estão em Cefalù. Por ali, também passaram os bizantinos e árabes. Além do Centro Histórico, com a Catedral e a *Piazza del Duomo*, *o Lavatoio Medievale* e muitas outras atrações, separamos um tempo para subir até a Rocha para ver o Templo de Diana, as *Citernas* e outros pontos, além do visual deslumbrante.

Apesar da água gelada do mar, a praia era uma delícia, principalmente no final de tarde com o sol ainda a pino. Depois, era sentar na sacada do nosso apartamento, que ficava numa das ruas principais do centro histórico, e apreciar o ir e vir dos turistas. Tudo isso regado a um bom vinho ou de umas cervejas.

Depois de três dias na praia, retomamos o nosso caminho rumo as montanhas. As saídas precisavam ser bem cedo com o tempo ainda fresco. As nove horas o calor já estava insuportável e o suor descia em bicas.

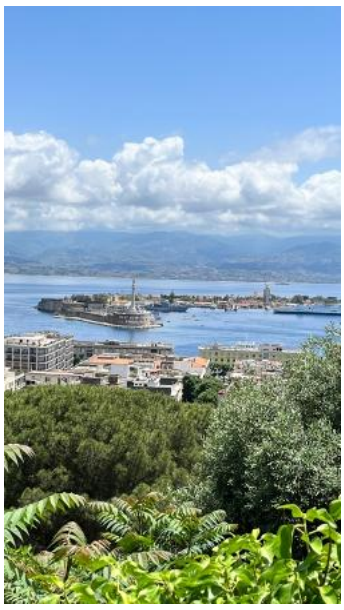
Alguns curiosos queriam saber sobre nós. Outras vezes "tentávamos" conversar com alguns locais, mas sem entender o dialeto, desistíamos. A sinalização do caminho era insuficiente e o GPS continuava sendo a nossa salvação para chegar ao destino. Às vezes, a cidade se destacava à distância, mas sabíamos que até lá ainda faltava muito sobe e desce. Ao chegar ainda tinha muito para subir, porque a maioria das cidades ficava no alto.

O cansaço começou a ficar cada vez maior, o calor também. Até que começamos a perceber que a água que tomávamos não era suficiente. Não tínhamos a menor vontade de fazer xixi. Só então percebemos que estávamos entrando num estresse térmico. Estávamos desidratando. Foi aí que tomamos a decisão de interromper a caminhada.

Foi uma decisão muito difícil para nós que projetamos nossa chegada a Messina. Estudamos o caminho. Sabíamos que era difícil, mas não tínhamos o conhecimento do clima. Enfim, o caminho nos venceu dessa vez. ☹ Mas, o que aprendemos foi muito importante. É preciso saber os nossos limites e saber parar quando necessário.

Num primeiro momento ficamos tristes e chateados, mas depois assimilamos. Fizemos o que foi necessário. Assim como na vida, o caminho e a caminhada nem sempre são fáceis e nem sempre sai como planejado, mas é preciso tirar da experiência outras motivações. E assim foi conosco, reinventamos uma outra viagem...

De Messina a Taormina, Siracusa e de volta a Catânia



Não chegamos a Messina caminhando, como planejado, mas chegamos de trem.

Aliás, uma coisa nos intrigava bastante. Vimos trens que indicavam Roma-Palermo ou Milano-Palermo e vice-versa. Estranhamos pelo fato de que chegar à Sicília, implicava cruzar o mar para entrar em Messina. Ficamos pensando em como seria a logística. Os passageiros desciam do trem? Cruzavam de *ferryboat* e depois pegavam um outro trem em Messina para continuar viagem? Não. Somente chegando em Messina, vimos que os passageiros não trocavam de trem, mas que o trem entrava num grande *ferryboat* e atravessava o mar em direção

à Messina. Desembarcavam já na ferrovia, continuando a viagem. Foi preciso ver para crer. Depois dessa grande descoberta, visitamos toda a cidade.

Há quem diga que Messina é a cidade mais bonita da ilha. Messina é uma cidade portuária bonita e moderna. Ela foi reconstruída por conta de guerras e o terremoto de 1908, que matou quase metade da população e encobriu a sua história milenar. Pouco sobrou do Centro Histórico. Conhecemos a *Chiesa dei Catalani*, a *Coluna Madonna dela Lettera*, padroeira da cidade. Dentre os santuários, destacamos a Torre do Relógio que fica ao lado da Catedral. Ao meio-dia aciona um mecanismo complexo e várias estátuas de bronze se movem dando um show de 12 minutos.

Algumas pessoas preferem ficar nas praias nos arredores da cidade. Um passeio interessante é conhecer o *Capo Peloro,* a *Torre Faro*, que são acessíveis de ônibus. Nós, aproveitamos para explorar e conhecer a cidade e apreciar a vista do outro lado do Estreito, já no Continente, a partir da Marina de Netuno. Cruzamos para Reggio Calabria. Valeu muito pelo passeio de barco e a vista de Messina pelo Estreito. E, também, valeu por conhecer Reggio Calabria, uma cidade com um grande *promenade*, ruas de comércio bem movimentadas. Enfim, uma cidade super agradável.

Já era intenção ficar alguns dias em Taormina, uma das cidades mais visitadas por turistas estrangeiros na Sicília. Chegando à estação Taormina-Giardini nos encantamos. A

estação ferroviária é muito bonita e já foi cenário de um dos filmes da trilogia do Poderoso Chefão.

Taormina fica no alto da montanha. É uma cidade quase vertical. A sua praia mais famosa é a *Isola Bella*. A cidade e o visual lá de cima são, sem dúvida, espetaculares. Mas, nós preferimos ficar mais pertinho do mar, em Giardino-Naxos. Foram seis dias naquele paraíso descobrindo os lugares mais interessantes.

Além de explorar as praias da região, resolvemos explorar também os caminhos até Taormina e depois até Castelmola que fica bem no alto. Os turistas costumam subir até Taormina de ônibus, mas nós enfrentamos uma subida íngreme até a vila. Poucos se aventuram até Castelmola. Nós não resistimos a tentação e subimos até lá. Uma longa escadaria nos levou até uma Capela na rocha. Sentamos para descansar um pouco, aproveitar aquela paz e acalmar o calor intenso que fazia do lado de fora. Por ter sido escavada na rocha era bem frasquinho. Sem trocadilhos... divinamente providencial!

Continuamos a nossa subida e bem na nossa frente, nos deparamos com um cenário indescritível e assustador ao mesmo tempo, o vulcão Etna. Por sorte nossa, vimos um fenômeno raro. O Etna abriu uma segunda boca. Foi fantástico presenciar o fenômeno, mas um pouco sinistro também. Ele estava em atividade e dali era possível ver bem. Pena que não vimos as chamas a noite, o que deve ser lindo e assustador ao mesmo tempo.

Chegando em Castelmola ficamos pensando como seria viver naquelas alturas. Foi impossível imaginar. Mas, a vida ali corria normalmente. As pessoas eram divertidas.

Já tínhamos sido recomendados, pelo Ettore, que era o dono de uma das pousadas que ficamos, para conhecer o *Bar Turrisi*. O bar inteiro é decorado com partes íntimas femininas e masculinas. De tão divertido que é, parte da vila seguiu a decoração do *Turrisi.*

Dizem que para baixo todo santo ajuda, mas não é bem assim quando temos o sol escaldante na cabeça. Na volta, mais uma paradinha na capela da rocha e devagar chegamos de volta a Taormina e Giardino-Naxos a tempo de um bom mergulho no mar.

O apartamento que ficamos hospedados em Naxos era muito bom. Tinha uma varanda grande onde encerrávamos o dia tomando um vinho e olhando as nuances de cores

do pôr do sol. Os turistas e moradores andavam pela orla em busca de restaurantes, gelaterias ou apenas tomar a fresca da noite.

Diante do receio de que o Etna entrasse em erupção, Vera traçou planos mirabolantes, e inexequíveis.☺ Seria uma fuga que nunca conseguiríamos executar... Ela ficava observando as pedras vulcânicas das praias e concluiu que, se o vulcão erupcionasse as lavas chegariam até nós... Tudo isso motivada pelas notícias de que no início daquele ano o Etna cuspiu fogo e as lavas desceram, o aeroporto de Catânia foi fechado e a presença de uma nova boca

poderia ser um risco. De fato, esta nova boca explodiu logo depois que saímos, mas não foi necessária nenhuma evacuação de moradores e turistas.

Nesse clima de devaneio, acordamos certa manhã com cheiro forte de fumaça. Abrimos a porta da varanda e a fumaça era intensa. Vimos alguns

vizinhos abrindo as janelas e olhando sem saber o que acontecia. Isso já foi motivo para pensar que o vulcão tinha entrado em erupção. Vimos o nosso anfitrião, que morava no andar de cima, sair apressado e virar a esquina. Pensamos, deve existir alguma orientação e procedimento numa situação dessas, mas nós desconhecíamos. Em pouco tempo ele voltou e ficamos sabendo o que se passou. Um homem tinha colocado fogo numa árvore. A ação foi interrompida, a fumaça se dissipou, nos acalmamos e a vida continuou tranquila naquele paraíso.

Como ainda tínhamos alguns dias sobrando, até o nosso embarque em Catânia, fomos para Siracusa, a cidade mais grega da Sicília. Siracusa é uma cidade para ser descoberta a pé. Ortigia, que é uma ilha, ligada por uma ponte ao continente, é a parte mais antiga e histórica da cidade. Ali encontram-se tesouros arqueológicos, o porto, mercados, bares e restaurantes. Siracusa tem pouquíssimas faixas de areia. É uma cidade portuária. Algumas praias, próximas à cidade, são acessíveis por trem. Uma delas é *a Fontana Bianchi*, que fica a quinze minutos de Siracusa.

Além do Templo de Apollo, a *Fontana di Diana*, *Duomo*, Belvedere do Largo Aretusa, o Castelo Maniace, o parque Arqueológico abriga o Templo dedicado a Zeus, Orelha de Dionísio, as Necrópoles, o Teatro Grego e muito mais, o que é preciso metade do dia, pelo menos, de visitação.

Mas, o imperdível mesmo era o pôr do sol visto da Marina, em Ortigia. No último dia sentamos para tomar um vinho num banco bem de frente ao pôr do sol. Tinham vários veleiros atracados, quando vimos uma bandeira brasileira tremulando num deles. Era do casal Mário e Marina, o filho e um amigo que estavam navegando. Nos convidaram para entrar e ficamos trocando experiências, nós de nossas caminhadas e eles de navegação. Foi uma bela despedida de Siracusa. Voltamos para Catânia. Exploramos mais a cidade, a praia, reencontramos amigos que fizemos e assim encerramos a nossa viagem a Sicília.

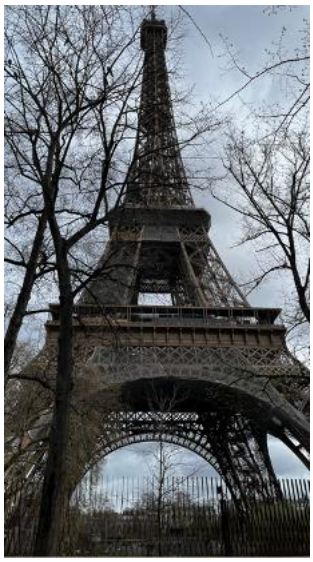
Via Francigena Nord
(Canterbury) Calais - Aosta

A volta de um sonho...

O nosso sonho interrompido em 2020, pela pandemia, se realizou em março de 2023. Entretanto, os 1.200 km em 60 dias, começando por Canterbury (Inglaterra), precisou ser reduzido em duas etapas. Isso mesmo, na Inglaterra são apenas dois dias...

Depois do *Brexit* a travessia do Canal da Mancha, para pedestres, em direção a Calais, tornou-se um pouco mais complicada. Nem todos os *ferryboats* levam pedestres. Era preciso saber os dias e os escassos horários para essa travessia. Ou, como opção, comprar uma bicicleta, o que nos daria direito à travessia, e depois vender ou fazer uma doação do outro lado do canal. *Non Sense* total, mas era assim que funcionava. Com isso, resolvemos o problema indo diretamente para Paris. De lá pegaríamos um trem até Calais.

Quem viaja o mundo, tem amigos por todo lado. Então, ir para Paris foi uma ótima escolha porque encontramos a Anne, uma amiga francesa muito querida. O único problema era que a França estava um caos. Muitas greves e quebradeira nas ruas, devido as reformas na Previdência, decretadas pelo presidente Emmanuel Macron. Greves, passeatas não somente pacíficas, mas também violentas ocorriam pelas grandes cidades francesas. E foi em meio a todo esse caos que chegamos à "cidade luz".



Aproveitamos para rever Paris. Ficamos três dias, encontramos a Anne e partimos de trem para Calais, onde começamos a nossa caminhada.

Como não conhecíamos Calais, aproveitamos para caminhar sob um vento gelado que vem do Canal. Providenciamos as nossas "Credenciais" e fizemos os últimos ajustes para partir.

Infelizmente, uma alergia bem forte deixou a Vera um pouco prejudicada. Como sempre estamos prevenidos, tínhamos o antialérgico, mas precisava de uma pomada que somente com uma receita médica local seria possível comprar. A alternativa foi "visitar" um hospital. O pronto atendimento estava lotado, o que demoraria muito tempo para a consulta. Então, resolvemos seguir adiante e tentar conseguir uma pomada que fosse satisfatória na próxima cidade. Graças a uma farmacêutica muito atenciosa, conseguimos uma pomada que aliviou muito as coceiras. E, ali, começava de fato a nossa jornada.

França - Pas de Calais – Somme – Aisne - Marne

Esta é uma região localizada no norte da França, Haute de France ou Altos da França.

Wissant é uma vila turística na costa, próximo a Calais, mas sem muito recurso. Na verdade, é um desvio longo entre Calais e Guînes, onde a caminhada não tem muito atrativo, a não ser a companhia da água e praia o tempo todo. Depois está Licques, que tem um pouco mais de recursos. Ficamos numa cabana, num camping muito bem organizado. Ainda estava bem frio, mas a cabana era muito aconchegante.

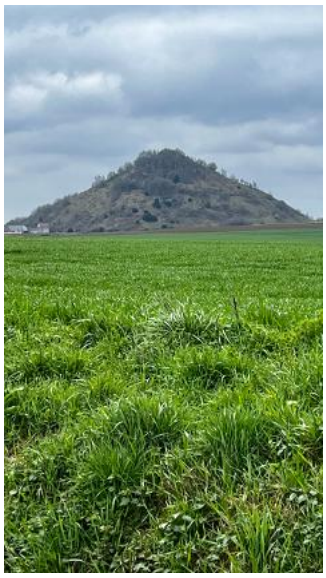
Nos primeiros dias de caminhada, mesmo estando preparados, o corpo sentiu um pouco mais. Por isso, dormir e alimentar bem foram duas coisas essenciais.

Continuava muito frio e resolvemos sair mais tarde pra Tourneheim-sur-la- Hem. Foi uma caminhada tranquila e o ponto alto foi a ruína de uma igreja, no alto de um platô, com uma vista super bonita. A cidadezinha não tinha muitos atrativos, a não ser o Café de La Maire, ponto de parada dos caminhantes. Fomos bem recebidos pela Nicole. Ficamos sabendo histórias das pessoas que passaram por ali. No dia seguinte, partimos para Wisques.

Em Wisques ficamos na Abadia Beneditina Notre Dame. Ficar nestas instituições religiosas é sempre muito interessante, não somente pela excelente comida, mas também para conhecer um pouco da vida do lugar, o trabalho das irmãs e seus rituais religiosos, que é o único lugar onde as irmãs enclausuradas são vistas.

Thèrouanne, a próxima cidade, era um pouco maior. Pela primeira vez encontramos um outro caminhante, um italiano. Aproveitamos para turistar. Fomos ao museu e a um sítio arqueológico que conta histórias bem interessantes da cidade. Descansados, partimos debaixo de chuva para Amettes.

Ficamos num pequeno sítio onde os proprietários ofereceram alguns ingredientes para que preparássemos a nossa própria refeição. Era Sexta Feira da Paixão. Fomos visitar a igreja de St. Benoit, que era um santo peregrino. Próximo à igreja, nos surpreendemos com um local que encenava a morte de Cristo. Era um grande espaço ao ar livre com as três cruzes, de Jesus e os dois ladrões, crucificados. Num semicírculo toda a representação da *Via Crucis*. Por ser Sexta Feira da Paixão, aquela exposição, que era permanente, soou para nós como um bom presságio. Sentimos que fomos agraciados e abençoados, mais uma vez. No outro dia, seguimos confiantes para Bruay-la-Bruissière. As duas cidades seguintes eram pequenas, sem muitas alternativas de hospedagem. Por isso, contamos com os hospedeiros para ajudar-nos.



Para chegar em Bruay-la-Bruissière caminhamos por uma floresta e vimos o que chamam de *"terril"*, que é o rejeito das minas de carvão que ali existiam. Hoje são montanhas reflorestadas pela polinização dos pássaros. Bruay-la-Bruissière é uma ótima cidade e ficamos hospedados no apartamento da Annie. Fazendo um parêntese, o melhor alojamento de todo esse caminho, era a casa de pessoas, que abrem suas portas para receber os caminhantes. A Annie era uma dessas pessoas. Muito simpática, prestativa e preocupada em nos atender bem. Ela fez um jantar maravilhoso, com direito a um aperitivo delicioso de groselha, vinho, queijos, sopa, ratatouille, massa, torta de maçã. E para completar, no dia seguinte um café da manhã delicioso com um bolo no formato de

coelhinho, já que era Páscoa. Ficamos muito bem instalados num quarto que ficava no sótão. Super aconchegante. Ao sair, juntos fizemos uma oração em francês e português, numa capelinha que ficava ao lado do prédio. Mais uma vez, nos sentimos abençoados e partimos para mais um dia de caminhada.

Tinha muita neblina quando saímos, mas depois o tempo abriu e foi uma caminhada longa, mas muito bonita. Subimos o *Mont Barafle* no *Parc d'Olhain*, onde tinham muitas famílias passeando, fazendo pic-nic... Chegamos exaustos em Ablain St. Nazaire e erramos a casa. Não vimos muito da cidade, mas fomos reconhecidos por uma ciclista que nos acompanhava pelo Instagram.

Apesar do cansaço, e depois de um reconfortante banho e uma cerveja gelada, o Marc, generosamente, nos levou de carro para conhecer o ponto alto do lugar, a Catedral de Lorette, o Cemitério dos soldados e o monumento com os nomes dos soldados de todas as nacionalidades que ali lutaram e morreram.

A Batalha de Lorette, durante a Primeira Guerra Mundial, durou 12 meses. Morreram 100 mil soldados. Um cemitério com 20 mil sepulturas foi construído e em oito ossários estão os restos mortais de quase 23 mil soldados não identificados. Uma parte do cemitério foi reservada para os soldados muçulmanos.

Era hora de partir para a Arras, a capital de Pas de Calais. Despedimos de Kléa e Marc e fomos até a ruína da Catedral de Ablain St. Nazaire. Seguimos pela rodovia indo em direção ao *Mont Saint-Eloi* para ver as ruínas de outra Catedral bombardeada durante a guerra. E, seguimos parando em cada cemitério e memorial de soldados tchecos, polacos, franceses, canadenses, ingleses, alemães… ficamos muito impressionados e pensativos sobre a

humanidade. Guerras são estúpidas. Muitos soldados mortos mal tinham completado 18 anos. E o pior, as guerras continuam até hoje. Soldados jovens, pais de família continuam a morrer pela estupidez de homens inescrupulosos e com sede de poder.

A Revolução Francesa e as duas Guerras Mundiais destruíram muitos dos edifícios antigos de Arras. A cidade centra-se em duas praças com arcadas e empenas, a *Grand Place* e a *La Place des Héroes (Petite Place)*. Algumas atrações incluem a Câmara Municipal e seu Campanário, listado como Patrimônio Mundial da UNESCO. Os "*Boves*", é um labirinto de 10 metros abaixo da cidade. Ainda tem o Teatro e o Hôtel de Guînes, a Abadia de Saint-Vaast e a Catedral. A Cidadela de Vauban e o sítio Nemetacum, que é a antiga cidade fundada pelo Romanos há 2.000 anos, também podem ser visitadas.

Em Arras, fomos diretamente para o *Foyer Anne Frank*, que é um local de acolhimento de adolescentes em vulnerabilidade, que estudam e/ou trabalham. O *Foyer* também recebe os caminhantes para estadia de apenas um dia.

Logo na chegada conhecemos a Clémentine, uma adolescente que nos ajudou a nos enquadrar aos costumes do *Foyer*. Com algumas demandas precisamos pedir para ficar mais um dia hospedados, o que não é corriqueiro entre os caminhantes que ali se hospedam. Foi concedido e foi o suficiente para estreitar a amizade com a Clémentine, o que ainda perdura pelas redes sociais.

Deixando para trás Pas de Calais, entramos no departamento de Somme. Chegamos à cidade de Péronne e depois em Trefcon, já no departamento de Aisne. A caminhada entre Péronne e Trefcon precisa ser mencionada porque teve de tudo. O dia começou ensolarado e terminou com uma tempestade de granizo. Passamos por uma cidade muito estranha, daquelas que dá arrepios e por uma outra linda, onde paramos à beira de um riozinho bem bucólico. Depois percorremos uma estrada barrenta e encontramos um alemão que parecia ter saído de algum livro de estórias. Enfim, chegamos a Trefcon, que tem apenas uma rua, ou a estrada, e ficamos na única hospedagem do local. A entrada era por uma imensa cozinha que tinha cheiro de curtume, porque o proprietário fazia celas para cavalos. O quarto era bom, mas pela manhã vimos que nossas mochilas estavam repletas de formigas. Tivemos que tirar tudo de dentro, mas conseguimos nos ver livres delas virando o quarto um verdadeiro cemitério de formigas. E partimos!

O dia estava bem frio, mas foi uma caminhada agradável até chegar em Seraucourt-le-Grand para uma nova experiência. A hospedagem foi numa *"Caravan" (trailler*) num camping muito bem cuidado e com banheiros muito limpos. Foi bem aconchegante ver a

chuva de dentro da *Caravan,* tomando nosso vinho e improvisando um jantar. Depois, adormecemos com aquele barulhinho bom de chuva caindo. Foi uma noite reconfortante. Pela manhã acordamos, tomamos um café e partimos para mais um dia de caminhada. Ainda chovia bastante. Por isso, resolvemos mudar de planos. Caminhamos noutra direção, porque vimos que tinha uma estação de trem que nos levaria até Laon. Assim, roubamos no jogo, mas bem pouco. A distância até a estação era longa, mas por uma estrada asfaltada e não por entre a floresta e lama, como seria se fossemos pela trilha original.

Laon é uma cidade maior, com várias construções medievais. A Catedral Notre-Dame é linda, a capela de São Martinho, que já foi usada pelos Templários, era bem interessante e a Citadela tinha muito por descobrir. Gostamos tanto da cidade que resolvemos ficar um dia a mais para conhecer melhor. Tivemos alguns probleminhas na chegada. A água não esquentava e descobrimos que a caldeira estava em pane. Como era sábado o proprietário alegou que não teria como encontrar alguém para arrumar. Depois de muito blá-blá-blá e algumas tentativas de fazer funcionar, em vão, um encanador fez o conserto. Resolvido o problema, era hora de tomar pé da cidade, achar um supermercado, que ficava na parte baixa, e fazer grandes descobertas.

As ruas estavam cheias de surpresas, pinturas em cada beco e esquina da cidade, detalhes que somente com olhos atentos conseguiam enxergar. Tinham uns "bonequinhos" colocados em algum lugar, bem discreto, de fachadas dos prédios e adereços em ferro fundido que pendiam de outras fachadas. Parecia uma "caça ao tesouro".

A cada dessas "surpresas" parávamos para olhar e fotografar. Por outro lado, reencontramos o italiano, único caminhante que havíamos encontrado até então, e resolvemos como continuaríamos o nosso caminho. A próxima parada recomendada não tinha lugar para ficar. Fizemos então, mais um *"detour"* e caminhamos até St. Thierry, no Marne, já entrando na região de Champagne-Ardenas.

Em St. Thierry tem um Monastério que hospeda quem caminha. A nossa intenção era ficar lá, mas ligamos insistentemente sem que ninguém atendesse ao telefone. Por isso, buscamos hospedagem na casa da Isabelle e Frèderic. Chegando à cidadezinha visitamos o Monastério. Lá entendemos a falta de comunicação. A irmã que estava na recepção tinha uma idade muito avançada. Foi muito simpática, deixou que fizéssemos uma visita aos jardins e a capela. Nessa altura nem precisava dar explicações porque o telefone não foi atendido.

Encontramos o italiano Marco, que conseguiu se hospedar no Monastério. Nós fomos para a casa do casal. A nossa escolha foi muito boa. Aliás, coincidências não existem… Nós fomos os primeiros hóspedes da casa e descobrimos que Isabelle era uma caminhante, também. Jantamos, conversamos muito e depois ficamos sabendo que a nossa visita acendeu nela a "chama peregrina". Isabelle voltou a caminhar, o que tinha parado por algum tempo. Ainda levamos "sorte" para o casal, que hospedou várias pessoas interessantes depois de nós. Dentre eles, um suíço, que Isabelle comentando sobre a decisão de hospedar caminhantes citou nosso nome. De pronto, o suíço lembrou de nós. O mundo é pequeno… Isso porque, não são muitos os brasileiros que viajam a pé por aquelas bandas ☺. Ainda falamos com Isabelle, que é grata por termos incentivado o retorno dela às trilhas e por ter trazido "sorte" nas hospedagens ☺

França - Champagne-Ardenas - Marne

Reims, que pronuncia "Hans", é a capital não oficial da região de Champagne. É uma cidade grande, movimentada, fugindo um pouco da calmaria que estávamos acostumados até o momento. Apesar disso, foi bom estar ali e desfrutar o que a cidade oferecia. A Catedral Notre-Dame é um espetáculo, a Promenade também é linda e a rua do comércio muito movimentada. Novamente, encontramos o italiano Marco e nos despedimos. Marco tinha a intenção de ir mais rápido e nós não tínhamos muita pressa. Aliás, uma das lições que aprendamos caminhando é que o "caminho" é muito mais interessante do que a chegada. Passamos o ano todo programando e sonhando com a próxima viagem. Por isso, não faz sentido sair em disparada. A idade nos ensinou a ter mais paciência, ir devagar aproveitando cada minuto e cada paisagem.

Dito isso, e já na região de Champagne, dispensa dizer que aproveitamos para degustar algumas marcas conhecidas e não conhecidas. Em Verzy, nosso próximo destino, ficamos hospedados na casa da Odila e Alan Lallement, que são produtores de champagne. Ali tivemos a oportunidade de acompanhar o envasamento, ter uma aula sobre a produção e tomar algumas taças do produto local. Mas, vale a pena contar como foi a nossa chegada em Verzy, antes de seguir adiante.

Saímos de Reims, caminhando pelo canal, com um dia maravilhoso e ensolarado. Encontramos uma francesa que perguntou qual seria o nosso destino. A pergunta fez sentido porque ali cruzam dois caminhos: Via Francigena, que vai a Roma, e o Caminho que vai a Santiago. Ficamos conversando por um tempo e seguimos. Numa certa altura, começou uma chuva fina e fria, contrastando com o clima da saída de Reims. Nos agasalhamos, mas pensamos que a chuva fina passaria logo. Não colocamos as calças impermeáveis para nos proteger. A chuva caiu forte e com pedacinhos de gelo no meio do caminho. Em meio aos vinhedos começou a cair um pouco de neve. Ficamos literalmente encharcados. Ainda assim,

vimos as marcações das mais renomadas marcas de champagne, mas não tinha onde esconder. De repente, não estávamos mais sentindo as pernas frias. Pelo contrário, a sensação era de calor e com muito vermelhidão. Estávamos congelando 🥶. No meio da plantação, que resolvemos que precisávamos nos aquecer, trocando as roupas por outras secas para continuar caminhando. Uma mistura de roupas molhadas e argila foi para dentro das mochilas, o que deu muito trabalho quando chegamos. Mas, para compensar depois de toda essa saga, passamos por uma floresta muito bonita, o que nos fez esquecer todo o perrengue. Além disso, ainda tivemos a oportunidade de chegar no momento do envase do blend (Tirage) da champagne "Lallement". Foi lá que aprendemos todo o processo de fabricação.

Depois dessa fase de maturação, a Remuage e o Dégorgement, que são a concentração de borras no gargalo da garrafa e a sua retirada, o processo passa pela adição de licor para finalizar o perfil do champanhe (Dosage) e só então será colocada a rolha, o envólucro da rolha e os rótulos (Bouchage et Muselage – Habillage) que é como compramos. É trabalhoso. Por isso, o preço alto das boas marcas. Mesmo onde são produzidos os valores não são amenizados. É preciso desembolsar altas quantias pelo precioso líquido.

Depois dessa experiência, e com tudo em ordem partimos, logo cedo, para Condé-Sur-Marne. O dia estava lindo. Caminhamos em meio a floresta, plantações de grãos, videiras e terminamos ao lado de um canal com uma paisagem e clima muito agradáveis. Logo, na chegada, o Sr. Denis, proprietário da hospedagem, foi muito simpático e nos brindou com uma cerveja bem gelada e um punhado de aspargos brancos da sua produção. Nesse dia, tivemos mais um jantar delicioso. 😋

O bom de caminhar é a imprevisibilidade. Cada metro do caminho é uma surpresa. Tudo é absolutamente possível e impossível. O dia seguinte foi de muita chuva. Caminhamos ao lado do canal. Uma caminhada totalmente sem graça e monótona. Num certo momento, vimos a tentativa de salvamento de um pequeno cervo que caiu no canal. Dois homens tentavam, desesperadamente, salvá-lo. Não sabemos o desfecho, mas ficamos torcendo para que tenham conseguido tirar o bichinho assustado de dentro da água.

No final, fomos compensados com a chegada em um albergue muito bom em Chalon-en-Champagne. Éramos os donos do prédio. Não tinham hóspedes e nem funcionários. Fomos orientados, por e-mail, como entrar, onde ficaríamos, o que tinha na cozinha. Enfim, era tudo nosso…

Chalon-en-Champagne é a capital da região do Marne. Embora seja uma cidade pequena, é muito simpática. Dentre outras igrejas da cidade, destaca-se a Igreja *Notre-Dame-en-Vaux,* que foi eleita Patrimônio de Humanidade pela UNESCO.

Le Cirque, antigo anfiteatro da cidade (1899), abriga o *Centre National des Arts du Cirque* (CNAC) e o *Camp de Mourmelon,* antes conhecido como *Camp de Châlons*, é um acampamento militar a 22 km ao norte. Foi criado a pedido de Napoleão III para a prática de manobras militares. Atualmente, é usado para manobras militares e treinamento de cavalaria. Apesar da chuva, conseguimos ver e sentir o clima da cidade.

Para La Chaussée-sur-Marne, saímos com um dia de sol, bonito, por um parque que ladeava o rio. Não demorou muito e estávamos no lamaçal, resultado da chuva do dia anterior. No caminho, encontramos manobras militares, muitos tanques de guerra nas pontes ou outros lugares estratégicos. Mas, seguimos nosso caminho até chegarmos à cidadezinha e encontrar a Monique, uma senhora bem simpática e divertida. A filha Stella, que falava inglês, traduziu a maior parte da conversa para Monique. Depois que ela foi embora nos viramos bem com o nosso pouquíssimo francês. Fomos acomodados numa casa muito antiga no estilo da região. Esse era um sítio, que ficava no final da cidade. Monique cuidava de tudo que era produzido na terra. Cuidava também dos animais e ainda recebia os hóspedes com muito bom humor. A cidade não tinha nada de especial, mas foi bem agradável a estadia.

A próxima parada foi Vitry-en-François. Em relação às outras cidades, Vitry-en-François teve sua construção mais recente. Era mais moderna. Foi ali, que em 1961 ocorreu um ataque terrorista a um trem que fazia a ligação entre Estrasburgo e Paris. Embora não fosse nosso objetivo, por força maior, precisamos ficar na cidade por dois dias.

Tudo começou, porque na próxima cidade, que deveríamos ir, não tinha nenhuma hospedagem. O lugar que estávamos não estava disponível para o dia seguinte. Procuramos outras opções, mas no hotel que encontramos pela internet ninguém atendia o telefone. Não achamos nada mais na cidade. Por fim, conseguimos uma hospedagem a três quilômetros fora da cidade. Falamos com a atendente, que nos informou que não teria ninguém na recepção quando chegássemos. Por isso, orientou como fazer o auto check-in.

Depois de caminhar sob um sol escaldante, numa área industrial, chegamos ao hotel. Não conseguimos fazer o check-in. Ligamos para um telefone de emergência, que vimos num quadro de avisos. Só aí descobrimos que a nossa reserva tinha sido feita para Chalon-en-Champagne, cidade que tínhamos passado há 2 dias. Ligamos para o Airbnb, que foi por onde fizemos a reserva. No final, conseguimos o cancelamento, já que esse hotel estava listado, em Vitry-en-François e não por Chalon-en-Champagne, como deveria ser. O Airbnb reconheceu o erro e recebemos o dinheiro de volta. Mas, onde nos hospedaríamos? Resolvemos voltar os três quilômetros até a cidade.

Chegando, deparamos com o hotel que não tínhamos conseguido falar por telefone. Entramos e um senhor, muito solícito, nos atendeu prontamente. O hotel estava bem vazio e ali nos instalamos. No dia seguinte, fomos à oficina de turismo para tentar resolver o problema das próximas hospedagens, mas não conseguimos nenhum lugar onde pudéssemos reservar. Mudamos nosso trajeto e seguimos para Troyes, a capital do departamento de Aubes, ainda na região de Champagne.

Troyes era uma cidade maior, com um centro antigo e construções típicas da região, e uma parte da cidade bem moderna. Estava bem animado, bares cheios e mesas nas calçadas. Aproveitamos, mas não relaxamos, tentando voltar ao nosso caminho original.

Por fim, conseguimos um lugar em Bar-sur Aube. A pessoa que nos atendeu na "Oficina de Turismo" da cidade, disse-nos que teríamos uma acomodação numa pousada para caminhantes. Passou o endereço e disse que alguém nos encontraria na porta. Esperamos, mas ninguém apareceu. Uma mulher, a Josidette, passou de carro pela rua e nos viu na porta. Minutos depois voltou. Dissemos que uma pessoa, que não sabíamos quem, nos encontraria. Não era ela essa pessoa, mas resolveu o problema. Buscou a chave e nos acomodou num prédio totalmente vazio. Era limpo e tinha infraestrutura boa para receber quem caminhava. Relaxamos, e fomos conhecer a cidadezinha. Já estávamos de volta ao caminho original e no dia seguinte fomos para Cirfontaine-en-Azois.

O caminho foi muito longo. Primeiro, chegamos a Clarivaux Abbey, depois de muita subida e descida. O edifício original, fundado em 1115 por Bernardo de Claraval, está hoje em ruínas. A estrutura atual data de 1708. No terreno está a "Prisão de Clairvaux", de segurança máxima.

Encontramos um casal da Bélgica, que fazia o caminho de *bike*. Depois de uma conversa rápida seguimos em frente. Atravessamos um pântano bem sinistro. Sabe aquela sensação de que alguém te observa de longe? Pois foi assim que sentimos ao atravessar o pântano escuro e de difícil acesso. Paramos diante de um pequeno lago, com uma formação de pedras em círculo dentro da água, e ficamos imaginando quem teria feito aquilo. E o buraco no meio das pedras, coberto por uma lâmina d'água daria onde? Sem respostas, e um tanto desconfortáveis, saímos daquele lugar bizarro.

Bem mais a frente, com uma vista fantástica, chegamos a Cirfontaine-en-Azois. Paramos em frente o endereço, e quando batemos à porta um casal muito simpático nos atendeu. Era uma casa grande, muito bem cuidada, e uma suíte muito confortável. À mesa

de jantar estavam o casal, o filho e a nora. Os mais jovens falavam inglês e traduziam para os pais. Serviram um lanche, cerveja e conversamos sobre o nosso caminho e a nossa vida no Brasil. Mais tarde jantamos e dormimos o sono dos justos, depois da desgastante caminhada do dia.

Depois de um farto café da manhã, seguimos numa caminhada fácil para Blessonville, uma comunidade minúscula, mas com mais uma acolhida muito aconchegante. Ficamos num abrigo para caminhantes. Sem ninguém, o espaço era todo nosso. Aliás, esse foi um caminho muito solitário. Não encontramos ninguém, a não ser o italiano que, naquela altura estava muito a frente. O abrigo era equipado com tudo que precisávamos. Tinha um quarto espaçoso, máquina de lavar roupas, uma cozinha muito boa e todos os ingredientes para o jantar e café da manhã.

Dali para frente, tivemos que fazer mais um desvio, pela falta de hospedagem. Resolvemos ir até Chaumont. Assim, depois de uma foto com Frabrice, nosso anfitrião, paramos em Bricon e seguimos para Chaumont.

Como a cidade era maior, resolvemos descansar um dia a mais. Seria necessário fazer um reparo nos tênis. Um deles estava abrindo o bico, literalmente. Compramos uma super cola e aproveitamos para descansar e conhecer a cidade ensolarada. Corinne, que nos recebeu muito bem em sua casa, indicou todos os pontos interessantes para visitar.

Depois de Chaumont fomos para Marac, num caminho sem muitos atrativos. Chegamos cedo e ficamos esperando Elisabeth, nossa hospedeira naquele dia. Ela chegou e convidou-nos a entrar. Nunca tínhamos visto tantas coisas espalhadas para todo lado. A casa datava de 1800. Era enorme e construção típica da região montanhosa. Era tão grande e tão confusa que chegamos a nos perder. O quarto que ficamos tinha duas camas de casal. Uma delas era tão alta que precisava de uma escadinha para subir. Ao lado da nossa cama vimos um palhaço, que mais parecia amigo do “Chuck”, o boneco assassino. Tinha uma porta que, por curiosidade, resolvemos espiar. Era um sótão com tanta coisa que fechamos mais rápido do que abrimos.

Elisabeth era muito solícita e levou-nos para conhecer uma construção, que parecia uma torre. Era o *Colombier,* um lugar muito antigo que abrigava pombos. À noite, jantamos e tomamos um vinho. O rótulo do vinho era tão velho que ficou a dúvida se tratava de um vinho envelhecido ou se a garrafa estaria sendo reaproveitada. E, surpreendentemente, era um bom vinho.

Às vezes, julgamos mal os lugares. Apesar do susto inicial, foi ótimo. Elisabeth ensinou vários atalhos para chegar a Langres e ainda nos ajudou com as próximas hospedagens. Assim, a caminhada para Langres foi bem agradável, graças às dicas. Entrando na cidade uma chuva gelada despencou. Entramos num bar, tomamos uma cerveja, conversamos com as pessoas que lá estavam. Depois nos encontramos com os nossos anfitriões Catherine e Thierry.

Em Langres, caminhamos os 3 km de muralha da cidade, com uma dúzia de torres e sete portões. Visitamos a catedral de Saint-Mammès, que foi construída no final do século XII dedicada a Mammes de Cesaréia, um mártir do século III. A cidade também era a casa de Denis Diderot, o filósofo iluminista. E o melhor, era produtora de um queijo do mesmo nome

da cidade e protegido por AOC. Nossa anfitriã era uma *"fromager",* ou sommelier de queijos. Catherine nos fez degustar o queijo local e outros, vinhos e licores da região. E, conhecemos uma cava em sua casa, que mantinha a temperatura constante de 10 graus. Era uma verdadeira despensa de todo tipo de alimentos e bebidas, que conservavam como se estivessem num refrigerador.

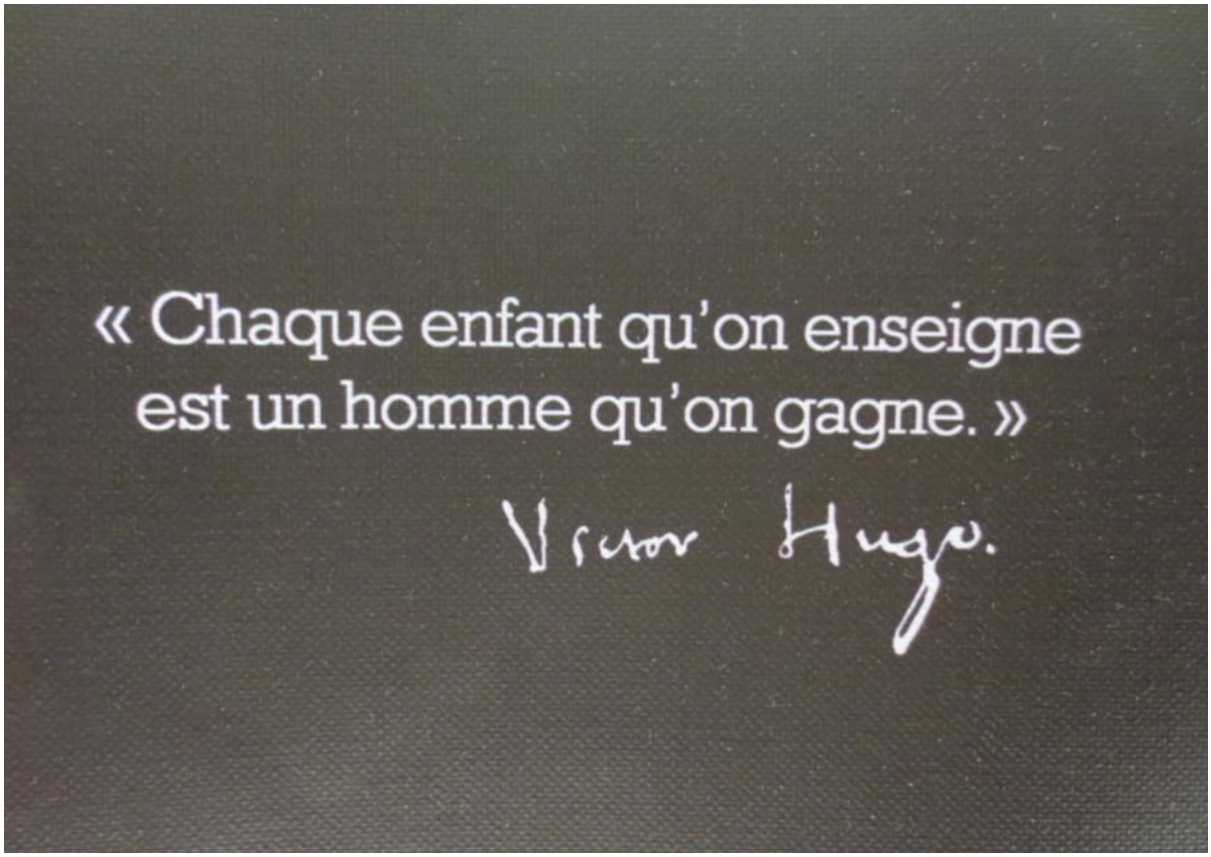
De Langres, fomos para Torcenay, uma vila muito pequena. Ficamos hospedados na casa da Sylvie e Jean Louis. Era uma casa enorme, linda, com um jardim de filme hollywoodiano. E, de novo, tivemos que fazer mais um *"detour",* pela falta de hospedagem no nosso caminho original. Fomos para Dijon, já na Borgonha...

França - Borgonha…

Dijon, não estava nos planos, mas como estava perto não seria nada mal fugir até lá para conhecer a cidade. Foi uma surpresa boa, porque apesar de grande, era uma cidade animada, bonita e ótimos restaurantes e bares. Aliás, é impossível deixar de ir ao *Marché des Halles* e a *Cité Internationale de la Gastronomie & du vin.*

Deixando Dijon para trás, era hora de conhecer Besançon, a cidade dos nossos sonhos, nesta caminhada. Explicando melhor, desde que resolvemos caminhar a Via Francigena Nord e vimos que passaríamos por Besançon, ficamos ansiosos para entrar na cidade, que foi o palco da Resistência Francesa numa série, "Aldeia Francesa", que se passava na época da ocupação alemã na França. A Resistência foi um movimento de não aceitação de rendição frente ao nazismo. E, finalmente, estaríamos lá, no centro histórico, onde tudo teria acontecido.

Ao entrar na cidade, ao mesmo tempo que sentíamos aquela excitação de realizar um sonho, ficamos decepcionados. A cidade que vimos na série era uma vila pequena e Besançon de hoje é uma cidade grande com muitos atrativos. Depois do primeiro impacto, partimos para conhecê-la melhor. Percebemos que a cidade, apesar de grande, não tinha o que decepcionar. A Catedral, a



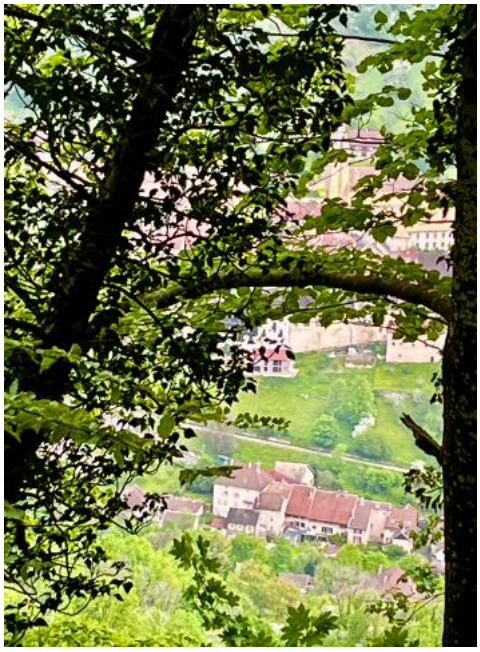
Citadela, o Museu da Resistência e Deportação, a casa de Vitor Hugo… Enfim, valeu a pena ficar dois dias antes de seguir para Ornans, uma cidade pequena, mas que tinha o seu charme.

Em Ornans ficamos com um casal bem peculiar. Laurent, era francês e Karina era sueca, mas que vivia na França já por muito tempo. Selma, era uma cadela enorme que pulava sem parar. Não era da casa, mas estava "hospedada" na casa, enquanto a sua tutora trabalhava. O espaço era grande. Na verdade, era um sítio com um riozinho ao fundo. Ficamos num quarto separado da casa. O banheiro era um estilo "banheiro verde", ou seja, daqueles fora de casa, que não usa água, mas sim serragem. O chuveiro, igualmente, era fora e frio, mas como o clima não estava quente usamos o banheiro de dentro da casa.

O casal era divertido e o Laurent bem curioso em relação ao Brasil. Queria saber opções de viagem, Selva Amazônica, praias mais inóspitas. Tomamos umas cervejas, vinho na hora do jantar. Comemos os tradicionais queijos e, de sobremesa, uma torta de maçã recheada de formigas. ☺ Isso mesmo, as formigas gostaram da torta tanto quanto nós. Foi uma situação engraçada, mas Laurent não ficou desconsertado, serviu a torta com formiga mesmo. A luta foi afastá-las para comer a torta.

No dia seguinte, depois do café da manhã, fomos para Mothier Haut Pierre, numa caminhada deliciosa, que começou ao lado do rio, passando por florestas e vilas, num visual muito bonito. Depois, descansados, seguimos para Ouhans.

Resolvemos começar a caminhada um pouco mais tarde,



porque a cidadezinha não era muito distante. Na saída, ficamos sem saber que caminho seguir. A sinalização e as informações estavam desencontradas. Por causa de uma pedra que rolou montanha abaixo, e interrompeu o caminho original, foi sugerido seguir um outro caminho. No entanto, alguns moradores diziam que era possível passar pelo caminho original e outros diziam que o caminho estava interrompido. Por isso, resolvemos seguir o nosso instinto e numa subida interminável chegamos ao topo da montanha, onde curtimos uma vista maravilhosa. A surpresa foi encontrar uma capela esculpida na rocha, mágica. Mais a frente encontramos o caminho original e o seguimos.

Chegamos em Pontarlier, cidade mencionada em *Les Misérables*, de Victor Hugo. Foi nessa cidade que o condenado Jean Valjean se apresentou para obter liberdade condicional, após ser libertado das galeras. Foi um caminho duro e com muita chuva forte na chegada. Paramos num shopping para esperar, por duas horas, o temporal passar. Foi tempo mais que suficiente para secar as roupas, comer um lanche e entrar na cidade sob uma chuva fina que só parou no dia seguinte.

Pontalier é uma cidade maior e já bem próxima da fronteira com a Suiça. Mas ainda tínhamos uma outra parada antes de mudar de país, Les Hôpitaux Neufes.

Foi um dia muito bom para caminhar, com paisagens exuberantes, já sinalizando a proximidade da Suiça. Um pequeno contratempo não tirou o nosso bom humor.

Reservamos, pelo Airbnb, um quarto na casa da Valerie, que não estava quando chegamos. Esperamos muito tempo até que conseguimos falar com ela por telefone. Depois disso, ela chegou em casa e ainda teve que arrumar o quarto onde ficaríamos. Ficamos um pouco desapontados e saímos para ir a um supermercado. Na volta já estava tudo em ordem. Chegou mais um casal com quem jantamos e tivemos uma boa conversa. Era hora de ir para a Suiça.

Suíça - Riviera Vaudoise (ou, simplesmente Riviera Suíça)

Tínhamos muita expectativa com a nossa chegada à Suíça. Marcamos encontro com dois amigos de caminhada, o Carlo Gattoni, que mora perto de Montreaux, e o Daniel que vive aos pés do misterioso *Gran San Bernardo*, na fronteira com a Itália. Assim, numa caminhada muito longa, com florestas, cruzando a fronteira da Suiça, descendo até o *Gorge d'Orbe, ou* a garganta do rio Orbe, caminhando muito tempo lado a lado com o rio, saindo numa estrada de asfalto e retornando, mais uma vez, à floresta, finalmente chegamos a Orbe.

Orbe era uma cidade pequena, com alguns poucos atrativos, e com uma fábrica de café Nespresso, que os moradores se orgulham. Resolvemos pegar um trenzinho bem antigo para ir a Charvonay e lá decidimos que não iríamos para Lausanne, mas sim para Montreaux diretamente.

Lausanne era grande demais e Montreaux, apesar de não ser pequena, era um lugar bem mais interessante. Chegamos, meio perdidos, entre o mar e a colina. Olhamos a localização do nosso endereço, mas estava muito confuso. Pedimos ajuda a uma argentina. Ela ofereceu uma carona. Aceitamos. Era caminho dela e muito gentil nos poupou toda aquela subida com mochila nas costas.

Depois que a moça argentina se foi, nos demos conta de que não tínhamos o número do apartamento, mas só o telefone. O nosso chip de telefone era da França, e que serve para toda a Europa menos na Suíça. Ficamos na porta do prédio tentando adivinhar qual seria o apartamento, quando uma ciclista passou. Pedimos para ela ligar para os anfitriões e funcionou bem. Fomos recebidos pelo casal que nos hospedaria.

Ficamos mais um dia em Montreux para conhecer a cidade. Caminhamos de um lado ao outro na Promenade, fomos conhecer o Castelo de Chillon, o Mercado Coberto, passamos por Vevey. Infelizmente, não vimos o *Queen Studio Experience,* que é um museu dedicado à banda. Isso porque, no dia em que o nosso amigo Carlo Gattoni foi ao nosso encontro, seria o dia que tomaríamos um drink no Cassino em companhia do Stève, nosso anfitrião, que ali trabalhava como *croupier*. Aproveitaríamos para conhecer o museu, mas não deu certo. Ficou um bom motivo para voltamos.

A propósito, o casal Stève e Olga, donos do apartamento eram super simpático. Fomos os primeiros hóspedes e demos várias dicas, já que tínhamos experiência

de 4 anos em aluguéis de apartamentos no Airbnb. Os dois se conheceram trabalhando em navio. Ambos no Cassino. Ele francês, teve licença para trabalhar no Cassino de Montreaux e Olga, ucraniana, aguardava a licença para também trabalhar como *croupier*.

Carlo Gattoni é uma pessoa fantástica. Caminhante e escalador tem vigor de um jovem, embora já tenha cruzado a casa dos setenta. Mora em Bulle, na região de Gruyère, e como diz, as montanhas são "o seu quintal". Com ele, fomos até a casa de Françoise, sua amiga, depois seguimos à cidade de Gruyère para visitar o castelo. Vimos a apresentação de um grupo de tocadores do *Le cor des Alpes,* um instrumento com um som fantástico. Inicialmente, era utilizado para se comunicar à distância nas montanhas.

Tentamos subir de teleférico até uma estação de ski, mas pelo horário não foi possível. Nem precisou, a beleza estava por todo lugar por onde passávamos. À noite, Carlo Gattoni ofereceu um autêntico jantar suíço regional, o *fondue* de queijo Gruyère.

No dia seguinte, fomos à *Gorges Jougne*, passando por uma floresta mágica. Depois, seguimos para a *Maison Cailler*, a fábrica de chocolate que originou a Nestlé. O ponto alto do dia foi o *Chalet du Soldat*, que fica numa montanha com um visual espetacular.

Depois da subida e paisagem exuberante pelo caminho, seguido da explicação de todos os picos que Carlo e o filho escalaram, chegamos ao chalé. La estavam o Nicholas, um senhor muito simpático e a sua esposa. Quando soube que éramos brasileiros cantou "A Banda" de Chico Buarque, num português claríssimo, sem saber falar o idioma. A pedido do nosso amigo Carlo, tocou o *Le cor des Alpes,* em meio as montanhas. A música e o som que se espalhava pelas montanhas nos

deixou muito emocionados. Foi um momento para guardar para sempre na memória. Descemos as montanhas em estado de graça e sem palavras para descrever aquele momento e tudo que Carlo Gattoni nos proporcionou na "sua Gruyère", como ele mesmo diz. Depois de tudo isso, ele nos levou até Aigles, de onde seguiríamos nosso caminho em direção ao *Gran San Bernardo*.

Em Aigles, Yolande e Phillipe, nos receberam muito bem em seu lindo apartamento, com uma boa cerveja, um jantar maravilhoso, regado a um bom vinho e uma conversa que durou até bem tarde da noite.

Era hora de partir para St Maurice e depois Martigny, onde tínhamos mais um aniversário da Vera a comemorar. Foi o primeiro dia de muito calor, muita subida e uma errada, mas que resultou num caminho mais curto, apesar de nenhuma sombra. Em compensação, no dia seguinte resolvemos fazer o "nosso caminho". Foi entre a floresta, o rio Rhône, as lindas paisagens e muita emoção e agradecimento pelas bençãos daquele dia especial. Martigny foi outro presente. Uma cidade bonita, acolhedora, animada, mas simples, do jeitinho que gostaríamos de comemorar um aniversário.

Martigny fica num entroncamento de estradas que ligam Itália, França e Suíça. Uma estrada segue para o Passo de Forclaz a Chamonix (França) e o outro através do *Gran San Bernardo* a Aosta (Itália), que era nosso destino. No inverno, a região de Valais destaca-se por suas inúmeras estações de esqui nos Alpes, como a Verbier. Estávamos com sorte, porque era dia de feira de rua, com degustações de pizza, vinho e a *raclette*, originária desse cantão. Uma curiosidade é que a origem da *raclette* data de mais setecentos anos, quando os camponeses que viviam nessa região, tinham o hábito de se reunirem em volta de fogueiras para se manter aquecidos e preparar essa comida.

Para Orsières foi um caminho duro, mas bonito. Aliás, o que se espera caminhando na Suiça são as subidas, descidas e vistas lindas. Estávamos ansiosos com a proximidade do *Gran San Bernardo* e com mais um encontro, desta vez com Daniel, outro amigo de caminhada. A vila de Orsière era bem pequena. Nada de muito interessante, a não ser a paisagem. A hospedagem foi muito boa e a recuperação do dia anterior foi excelente. Levantamos cedo e saímos em direção a Dranse, cidade que ficaríamos hospedados com o Daniel e sua esposa Stephanie.

A caminhada também foi boa, com paradas ao lado do rio *"Dranse de Entremont*". Precisamos fazer uma "escalaminhada" até atingir o topo de uma margem, que ficava muito acima de onde o rio corria, e que seria o nosso caminho natural. Apesar do peso das mochilas conseguimos subir sem problemas e mais um pouco de caminhada chegamos a Dranse.

Logo que avistamos a casa do Daniel o vimos na porta. Ao lado estava Lizzy, uma Golden Retriever que fez parte do caminho Via Francigena em 2018, portanto, há 5 anos. Assim que chamamos por ela, veio correndo e pulando feito louca. Incrivelmente, tinha nos reconhecido. Ficamos emocionados! Foi uma tarde deliciosa, com muita conversa com o casal, o filho e a namorada.

A casa ficava num vale indescritível. Verde por todos os lados. Na parte de cima da montanha estava Liddes, uma vila onde tinha uma pequena infraestrutura. Fomos até lá para conhecer e comprar alguns poucos alimentos. Dali seguiríamos, no dia seguinte, até Bourg St. Pierre, que fica no sopé do *Gran San Bernardo.* Como de carro tudo fica perto, a noite o Daniel e Stefanie nos convidaram para jantar num restaurante justamente em Bourg St Pierre. Pudemos ver um pouco do que nos esperava no dia seguinte. Pernoitaríamos na vila, antes de subirmos a montanha e cruzar a fronteira mais famosa desse caminho.

Daniel e Stefanie resolveram seguiram conosco até Bourg St Pierre. Buscaram as duas mulas e levaram também os dois cães, Lizzy e Valy. Como esse último era muito novo, não tinha limites. Sorrateiramente comeu o pão que compramos para levar. Foi muito engraçado. ☺ Durante o café da manhã, Valy subiu as escadas para o quarto que dormimos e comeu todo o pão que estava em cima da mochila. Deixou apenas a embalagem plástica.

Nesse dia, a caminhada foi muito divertida e animada. A Lizzy era muito bem comportada e sabia o caminho. Já o Valy sumia, corria atrás das marmotas e depois voltava com jeito de quem tinha aprontado alguma coisa. As mulas carregavam nossas mochilas. E assim chegamos a uma hospedagem interessante. Encontramos um francês, que fazia o caminho ao contrário, e o Tommy, um alemão que

depois seguiu conosco. Daniel, Stefanie, as mulas e os cães voltaram para casa. No dia seguinte, encontrariam conosco, novamente, para subirmos o *Gran San Bernardo.*

Finalmente, o Gran San Bernardo…

Este foi um dia muito esperado. Esta é uma passagem entre a Suiça e a Itália que traz muita apreensão para quem pretende cruzar. Nem sempre é possível, pelas situações climáticas. Enquanto estávamos nos aproximando dessa etapa, a notícia era de que a passagem ainda estava fechada. O *"Giro d'Italia"*, conhecida competição de ciclismo, que passaria por ali, tinha mudado o seu percurso pela insegurança e riscos de avalanches. Ficamos na expectativa de como seria a travessia. Mas, Daniel e Stefanie tinham muita experiência na região e decidiram cruzar conosco.

Bem cedo, o casal de amigos chegou trazendo as mulas e os dois cães. As mochilas foram colocadas nas mulas. Combinamos um lugar para encontrarmos no meio do caminho. E eles partiram.

Nós fomos nos abastecer de água. Na fonte encontramos Tommy, o alemão, Darren e Jolene, um casal de americanos, Sthéphane, um suíço e Rijk, um holandês. Subimos todos juntos, com ansiedade e expectativa do que viria pela frente. No local combinado o Daniel e a Stefanie nos encontraram. E, a partir dali, foram os nossos guias.

Parte do caminho foi feito por trilha e parte por estrada, que ainda estava fechada para os carros. Os perigos do caminho eram a neve dura que derretia e o gelo das encostas que caía em avalanche. Com toda cautela seguimos vendo a imponência das montanhas nevadas, o gelo que derretia formando rios e a nossa pequinês diante daquele cenário inóspito. Depois de uma longa caminhada, chegamos na parte mais íngreme e estreita, com neve e gelo por todo lado.

Era inacreditável que estávamos ali realizando mais esse sonho. E, chegamos ao abrigo à tarde, com tempo frio e uma fina chuva começando a cair. Daniel e Stefanie, fizeram o caminho de volta sob a chuva fria e nós entramos para nos aquecer. Este abrigo é a única alternativa por ali. Fica na passagem e fronteira dos dois países e como o próprio nome diz, é a "casa" dos cães com o mesmo nome, São Bernardo. Porém, em época fria, até os cães são retirados da montanha, só voltando com o clima mais ameno. E, foi a nossa frustração, chegamos antes do retorno deles.

Estávamos muito emocionados. Depois que a chuva parou resolvemos caminhar um pouco mais e ver aquela montanha que tanto fascínio causa aos caminhantes. O silêncio, a calma, o lago congelado, a neve, o gelo derretendo, o branco, tudo isso nos deixou em estado de êxtase. Depois, convencidos de que, realmente, tínhamos conseguido subir até ali nos juntamos aos outros caminhantes para um jantar, com muita conversa, vinho e troca de experiências. Foi uma noite para não esquecer.

No dia seguinte cedo, partimos para cruzar a fronteira, que ficava a pouco metros do abrigo. Mas isso foi depois da benção dos caminhantes/peregrinos.

Enfim, chegamos à Itália. Era hora de descer o outro lado da montanha, num cenário maravilhoso. No início estávamos em grupo, mas com o tempo fomos nos distanciando. Queríamos curtir aquele momento único. Não era preciso correr, mas sim aproveitar passo a passo tudo aquilo que estávamos vivenciando.

Já embaixo o cenário não era muito diferente. Saint Rèmy-en-Basses era daqueles lugares que moraríamos para sempre. Um dos moradores veio cumprimentar. Ficamos apreciando a vista das montanhas. É uma beleza difícil de descrever.

Caminhamos por florestas, ao lado de rios de degelos, que corria com todo vigor até chegar em Etroubles, no Vale d'Aosta. Lá dormimos numa cabana, num camping bem sugestivo. Etroubles foi uma das vilas por onde passou Napoleão Bonaparte, em março de 1800, em direção a Marengo, onde obrigou os austríacos a aceitarem a derrota e retirarem-se do norte da Itália.

Mais uma vez, caminhamos com os nossos novos amigos parte da trilha em meio a floresta e ao lado de um canal. Depois, cada um seguiu no seu ritmo. Paramos numa pequena cidade para descansar, tomar um café e nos despedimos. A partir dali cada um seguiria o seu caminho.

Finalmente, com muita emoção avistamos a placa que sinalizava a nossa chegada: AOSTA. Como sempre, foi um misto de alívio e de tristeza por acabar o caminho. Como já passamos por essa sensação diversas vezes, resolvemos reconsiderar o sentimento e apenas curtir aquele momento. Afinal, nossa viagem não terminaria ali. Tínhamos planos de reencontrar a Luiza, que conhecemos caminhando na Sicília, e descansar por alguns dias em Cinque Terre…

Cinque Terre…

Depois de um descanso de três dias em Aosta, revendo o lugar, reencontrando a Luiza e aproveitando a cidade, que é incrível, partimos para mais uma aventura. Desta vez, de trem. Aventura porque a distância e o troca-troca de trens, tomou quase um dia inteiro. Chegamos em La Spezia, cidade que ficaríamos, com um trem abarrotado de gente que entrou no meio do caminho e "supitou", como dizem em Minas Gerais, em Monterosso al Mare.

Explicando melhor, Cinque Terre fica na costa da Riviera Ligure. Está situada entre Punta Mesco, próximo a Levanto, e o cabo de Montenero, próximo a Portovenere. Compreende as comunidades de Monterosso al Mare, Vernazza, Riomaggiore, Corniglia e Manarola, daí o nome de Cinque Terre, ou Cinco Terras.

La Spezia, é a segunda maior cidade da Liguria, depois de Genova. Fica próxima das Cinco Terras mais visitadas da região. Escolhemos esse lugar estratégico por ser mais calmo e

mais barato do que hospedar em hotéis, pousadas ou Airbnb das cidades mais badaladas e procuradas. Na verdade, fomos além, ficamos em La Spezia Migliarina, que era uma localidade ainda mais tranquila e com fácil acesso de trem ou caminhando. O Airbnb era muito aconchegante, com um jardim delicioso para um *happy hour.*

O nosso anfitrião foi quem nos explicou toda a dinâmica do lugar. Era melhor comprar uma espécie de passaporte de trem para visitar as comunidades. Ainda tínhamos a opção de ir de barco ou a pé pelas montanhas. Resolvemos comprar o tal do passaporte, mesmo porque para ir a pé pelas montanhas era preciso mostrar o tal "pass".

Saímos bem cedo para tentar evitar a multidão. A ida foi bem tranquila. Achamos melhor ir para Monterosso al Mare, a comunidade mais distante em primeiro lugar. Depois seguimos para Vernassa. Lá, a "turistada" já tinha tomado conta da pequena cidade. Depois de conhecer, resolvemos ir a pé para Corniglia. Não precisa dizer que o visual era lindo e que vale muito a caminhada, mas o caminho também estava cheio de turistas. Era preciso desviar das pessoas o tempo todo.

E assim, seguimos pelas Cinco Terras, curtindo a natureza, desviando de turistas e pedindo licença para fazer algumas fotos. Foi bem cansativo, mas valeu a pena pela beleza do lugar. Muitas pessoas repetem o percurso ou visitam uma a uma, mas nós que caminhamos por trilhas desertas e cidades pequenas, ficamos um pouco desconfortáveis com a quantidade de pessoas.

Resolvemos ir até Sarzana, uma das cidades por onde passamos quando fomos de Aosta a Roma. Refizemos um trecho do caminho, andamos em outros espaços menos cheios de turistas. Fomos a Portovenere e caminhamos por La Spezia, conhecendo a sua história, visitando o túnel construído para abrigar a população na Segunda Guerra Mundial e outros locais. Tudo isso em horários alternativos, enquanto os turistas se esmagavam no trem para conhecerem as Cinco Terras ☺.

Era hora de partir. Fomos para Lisboa, onde tudo tinha começado. Chegamos em meio a festa de Santo Antônio. Ficamos bem no centro de todos os festejos. Aproveitamos a festa, reencontramos amigos e depois de alguns dias era hora de voltar para casa e começar a pensar na caminhada do próximo ano.

E assim, as viagens continuam...

Via Tolosana
Arles (França) - Jaca (Espanha)
Col du Somport

Continuação...

Segundo o Dicionário Priberam, a origem da palavra *"continuar" vem do "latim contínuo, -are, fazer seguir imediatamente, juntar, suceder, prolongar, persistir".* E foi o que fizemos de abril a junho de 2025. Continuamos, o que começamos a fazer em 2013, ou seja, viajar a pé.

Para começar, foi um ano que deixamos tudo para última hora. Ficamos indecisos se viajaríamos ou não. Se sim, qual caminho faríamos? Enfim, tínhamos muitas dúvidas, primeiro por causa dos altos valores de passagens e também por algumas instabilidades familiares. Bem em cima da hora, tomamos coragem e compramos as passagens. Resolvemos fazer um dos roteiros mais ou menos mapeado, dispensando outras ideias que também tínhamos em mente. Além do caminho, contávamos com uma outra demanda, um casamento no interior da Inglaterra.

Primeiro, nos debruçamos no roteiro da Via Tolosana, no sul da França. Seriam 800 quilômetros para viabilizar em até 35 dias. Depois, precisaríamos achar uma forma de despachar uma pequena mala, de Lisboa até uma cidadezinha inglesa chamada Chipping Campden na região das Cotswolds, com roupas apropriadas para o casamento da Olivia e Alex, filha e futuro genro de um casal de amigos queridos de Bowling Green, o Frank e a Lynn, já mencionados por aqui.

E assim, partimos no dia 09 de abril para Lisboa. Chegando na manhã seguinte, fomos diretamente ao Serviço de Logística da UPS, no Prior Velho, para despachar a mala que ficaria guardada no hotel que nos hospedaria em Chipping Campden por 40 dias. Na UPS fomos informados que nossa encomenda chegaria ao destino 7 dias depois, ou seja, em 17 de abril. Avisamos o hotel e, depois de descansar um dia em Lisboa, seguimos bem cedo para o aeroporto pra pegar o avião para Lyon, na França.

O voo sairia as 9h30, se não fosse o nevoeiro que acabou atrasando todos os voos em quatro longas horas. De Lyon teríamos que pegar um trem para a Estação Ferroviária Central e depois um trem para Arles. Como já fizemos este trajeto quando fomos caminhar no Le Puy, ficamos tranquilos, sabendo que tudo daria certo, mesmo com todo aquele atraso. Mas, não foi bem assim. A linha que nos levaria até a Estação Central de Lyon estava passando por manutenções e era preciso descer em um certo local e pegar um ônibus, o que fizemos. Chegamos na Estação Ferroviária as 18h30. No entanto, o último trem para Arles tinha partido às 18 horas. A única alternativa seria esperar até as 20 horas e pegar o trem para Marseille e, de lá, voltar para Arles num outro trem, pagando uma passagem quatro vezes mais cara para todo esse percurso. Fomos aconselhados a ficar em Lyon e partir logo cedo no dia seguinte, mas tínhamos uma estadia reservada em Arles e nenhum lugar para ficar em Lyon.

A confusão não parou por aí. O trem para Marseille atrasou. No meio do caminho atrasou mais ainda por causa de uma interrupção na linha. E, pelo visto, perderíamos o último

trem para Arles, o que teríamos que comprar outra passagem e achar um lugar para dormir em Marseille. Bateu desespero. Já estávamos exaustos naquela altura dos acontecimentos. Como se fosse adiantar alguma coisa, bem antes de chegar ao destino, ficamos em pé em frente a porta de saída do trem. Perguntamos a uma senhora, que também estava em lá, se ela tinha algum aplicativo que marcava a plataforma do outro trem, considerando que a Estação de Marseille é grande. Apesar de não saber, abordou um outro rapaz que, felizmente, tinha o aplicativo. O rapaz disse que o outro trem estava com atraso de 5 minutos. E passou o número da plataforma. A informação não nos tranquilizou porque o nosso trem ainda estava com 15 minutos de atraso.

Depois de toda esta aflição, chegamos a Marseille e, praticamente, pulamos de um trem a outro sem saber se aquele era o trem para Arles, já que era o único aquela hora da noite na plataforma indicada. Enfim, pegamos o trem correto e chegamos em Arles à meia noite. Cansados, tivemos que caminhar até nossa hospedagem. Nossa apreensão de caminhar naquele horário foi embora quando percebemos que Arles era uma cidade animada, com bares e restaurantes abertos. Logo gostamos da cidade e fomos nos distraindo caminho afora.

Enfim, chegamos ao endereço correto. Com a chave em mãos fomos abrir a porta, que não queria abrir de jeito algum. O Helinho foi até uma outra porta e enquanto estava tentando abrir o morador chegou e estranhou um desconhecido tentando entrar na casa dele. Mas, a confusão foi desfeita quando o homem percebeu que só éramos dois brasileiros que não sabíamos que as maçanetas antigas na França tinham uma “pegadinha”. Era preciso girar a maçaneta para cima, girar a chave e girar a maçaneta para baixo para que a porta abrisse.

Entramos e vimos que o apartamento era tal e qual a foto. Tinha dois grandes sofás-camas, mas quem disse que aquela altura a gente conseguia abrir os sofás. Desistimos, e cada um de nós dormiu do jeito que foi possível. Somente pela manhã percebemos como era fácil abrir o sofá e ter uma cama superconfortável.

E assim foi a nossa chegada na França, vários atropelos, estresse, mas que valeu a pena, quando no dia seguinte fomos conhecer a cidade, antes de partir para a nossa caminhada.

Entrando no caminho …

Logo cedo buscamos as nossas "credenciais", que são aqueles "passaportes" nos dá aval para as nossas hospedagens. Era Domingo de Ramos e chovia muito. Visitamos o Le Cloître St.Trophine, Les Alyscamps, de onde partiam os caminhantes em suas peregrinações rumo a Santiago de Compostela. Ainda debaixo de chuva caminhamos pela cidade que nos deixou uma boa impressão. No dia seguinte partimos para St.Gilles.

Fugindo a regra, decidimos não sair cedo porque tínhamos que ir aos Correios, que só abririam às 9h30. Não queríamos caminhar com um quilo extra do Duffle Bag que usamos para despachar as mochilas. Combinamos com nosso amigo Gê e o despachamos para o Porto. Depois disso, partimos, seguindo as instruções da Madame Annie, que foi a senhora que nos entregou as credenciais no dia anterior. Entre idas e vindas, erros e acertos, encontramos a saída. Caminhamos ora debaixo de uma chuvinha fina, ora com o tempo bem nublado e muito frio por um caminho bem sem graça. Chegamos a St.Gilles um pouco cansados, por ser o primeiro dia, pelas idas e vindas da saída de Arles e pela falta de graça do caminho.

St. Gilles é uma cidade bem bonitinha e muito bem cuidada. A Abadia é linda e a Cripta impressiona. A responsável pelo Gîte, Françoise, foi muito simpática e acolhedora. Só explicando melhor, existem tipos diferentes de hospedagem. *O Gîte Comunal*, possui quartos compartilhados, às vezes com um outro caminhante ou com dois, três etc. *O Gîte d'Etape* possui, além dos quartos compartilhados, quartos privados. E o *Chambre d'hôte* é o que conhecemos como *Bed and Breakfast*. Feito esta explicação, o nosso Gîte em St. Gilles era o Comunal, onde dividimos o quarto com a Nicole, que é da Bélgica e falaremos nela mais adiante, Martina e o seu neto (franceses), que nos impressionou por dormirem das 7 horas da noite até as 7 da manhã. Enfim, foi uma estadia tranquila e restauradora.

Às oito da manhã saímos de novo debaixo de chuva, vento e frio e assim permaneceu durante toda a caminhada. O percurso foi entre plantações e um canal de irrigação, construído na década de 50, até chegarmos a Vauvert. Ficamos num Chambre d'hote, de um filho de portugueses, e foi reconfortante depois de tanto frio que passamos no caminho. Como sempre, saímos pra conhecer a cidade, o centro histórico, fizemos compras,

encontramos a Martina e o neto. Depois fomos descansar para mais um novo dia de caminhada até Villetelle.

Este início de caminho foi cheio de encontros. Primeiro reencontramos a Martina e o neto, depois encontramos a Claudine, uma francesa que estava acampando. Seguimos juntos

até Codognan. Paramos para um café e ela continuou. Encontramos a Nicole e assim fomos nos reencontrando até Villetelle. A chegada foi bem engraçada. Enquanto conversávamos com a Claudine, que parou numa “Pâstisserie”, um senhor falando em espanhol nos abordou. Não entendemos nada quando ele quase nos puxou pelas mãos para acompanhá-lo. Dissemos que já tínhamos lugar pra ficar. Só depois vimos que o lugar que reservamos era a casa dele mesmo. Chegando, conhecemos a sua esposa e a surpresa maior ficou pelo lugar. Era tudo que precisávamos, limpo, quentinho, uma cozinha super bem equipada, bastante espaço. Ótimo! O casal era formidável.

E assim, continuamos nossa caminhada até chegar em Montpellier, considerada a sétima maior cidade francesa, com muitos estudantes por causa das muitas universidades e instituições de ensino superior. Por isso, merecia um dia a mais para conhecer melhor.

Ficamos próximo à Place de la Comedie, que é super movimentada e, de lá, tivemos fácil acesso aos pontos interessantes para visitação, como a Catedral de St. Pierre, a igreja de St Roch, a Place Royale du Peyru, l'Écusson, que é o bairro situado no coração da cidade. Conhecemos também o jardim que dizem ser o mais antigo da França, Jardin des Plantes. Fora isso, caminhamos pelo bairro Antigone e o Centro Comercial Polygone. Montpellier é, de fato, uma cidade muito interessante e, apesar de grande, é de fácil acesso.

Embora tenhamos gostado muito de Montpellier era hora de seguir em frente. O frio e a chuva tinham dado uma trégua em Montpellier e no caminho para Montarnaud. Nesta cidade, ficamos num minúsculo Airbnb, mas fizemos amizade com a Carine, uma psicanalista jovem, mãe de dois filhos, muitíssimo prestativa e interessante. Ela avisou que o tempo mudaria no dia seguinte. E, foi o que aconteceu. Caiu uma tempestade e o frio congelante foi o nosso companheiro neste dia.

Chegamos em St. Guilhem-le-Désert, uma cidade medieval com poucos habitantes e muitos turistas, mas que com tanta chuva, ficou tranquila e deserta. Por um lado, foi bom para conhecer melhor. O astral do lugarejo era bem enigmático, o que aguçou ainda mais a nossa imaginação. O vilarejo foi eleito um dos mais bonitos da França, num cenário bem típico da Provence. A arquitetura românica e a vegetação eram fantásticas.

A noite uma tempestade de granizo assustou e ficamos pensando como seria a caminhada do dia seguinte, já que eram mais de 24 km de uma trilha desafiante até St. Jean La Blaquiere. Depois nosso próximo destino seria Lodéve, tudo isso num visual cênico.

Logo de saída de St. Guilhem, seguindo o riacho, os altos penhascos dos lados já indicavam a dificuldade que vinha pela frente, embora seja uma trilha bem-sinalizada, serpenteando as paredes de rocha.

Já em Lodève reencontramos a Nicole, a belga que conhecemos no primeiro dia de caminhada. Levamos um susto quando vimos que ela tinha sofrido um acidente na trilha. Nicole caiu com o rosto numa pedra. Foi socorrida e cortou a testa, que precisou de pontos. O olho estava bem roxo, por causa da pancada, e tinha dificuldade para caminhar com uma tendinite no pé, provavelmente provocada pela queda. Nicole estava bem, mas decepcionada sem saber se conseguiria continuar.

O nosso próximo destino seria Lunas e depois St.Gervais-sur-Mare. Enquanto estávamos fazendo uma reserva no nosso próximo destino, nosso aplicativo do banco teve o acesso bloqueado por um erro do próprio banco. Tentamos desbloquear de várias maneiras, mas foi impossível, o que nos causou grandes transtornos durante toda a viagem, até retornarmos para Portugal. Bem, dizendo isso, gostaríamos apenas reforçar a ideia de quem tem amigo tem tudo, ainda que seja uma nova amiga. Diante da dificuldade, a nossa nova amiga Nicole ofereceu nos ajudar com uma quantia em dinheiro, quando viu o nosso perrengue com o banco. Claro que não aceitamos, mesmo porque não era necessário. Tínhamos alternativas para o problema. Mas, a atitude da Nicole nos tocou bastante. Uma pessoa que mal nos conhecia e nem sabia se nos encontraria pela frente, nos oferecer dinheiro para as nossas necessidades deixou-nos bem felizes por saber que ainda existem pessoas boas que querem o bem-estar de outras. Em contrapartida, oferecemos a nossa companhia para a caminhada dos próximos dias, para que a Nicole se sentisse mais segura ao caminhar na trilha. Entretanto, ela decidiu não continuar e terminou ali o sonho do caminho, voltando para casa.

De St.Gervais-sur-mare para Vèbre a caminhada foi demorada porque tinha muita subida. Em compensação, foi uma caminhada inesquecível. Mágica! Atravessamos a maior parte do caminho por uma floresta que nos pareceu encantada. O tempo todo tivemos a sensação de estarmos sendo observados e acompanhados. Então, inesperadamente, do meio do nada, surgiram dois cabritinhos, um branco e um preto, os dois do mesmo tamanho e muito rápido. Assim como apareceram, sumiram no meio da mata. Não é a primeira vez que temos esta sensação de que algo nos observa e acompanha, mas… acredite quem quiser…☺

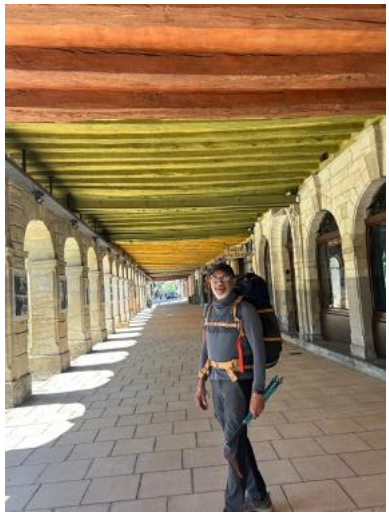
Chegando a Vèbre, um mal-entendido nos levou para um gîte errado e, com isso, tínhamos mais 2 km para caminhar, o que naquele momento foi desesperador devido ao cansaço. O rapaz, dono da pousada, vendo no nosso semblante a decepção, resolveu nos dar uma carona até o lugar correto. Chegando, fomos recompensados com o lugar, com a recepção muito amigável da proprietária da fazenda e com o queijo tipo

roquefort que ganhamos. Este, produzido ali mesmo. Como dizem os mineiros “era bom com força”.

Continuamos nosso caminho debaixo de neblina e chuva, que não parou mais até chegarmos em Castres, uma cidade maior e com mais infraestrutura. Como era um sábado decidimos ficar na cidade o domingo também para descansar, esperar a chuva e o frio melhorarem um pouco. No final da tarde de domingo o sol saiu e o dia seguinte prometia ser melhor.

Na noite do domingo, recebemos um e-mail, no mínimo inusitado, o que nos deixou preocupados. A proprietária da fazenda em Dourgne, que era a nossa parada do dia seguinte, dizia que nós não tínhamos aparecido por lá e que no dia seguinte não adiantaria aparecer porque não teria lugar pra nós. O e-mail dizia muito mais e era muito grosseiro. Ficamos sem entender. Conferimos nossa reserva para ver se tínhamos cometido algum erro de datas e estava tudo certo. Nossa reserva era para segunda feira. O problema era que no local só existiam duas opções de hospedagem, a fazenda ou o mosteiro que estava cheio. Ligamos, ainda sem entender, e a proprietária da fazenda foi grosseira conosco. Depois ela ficou convencida de que o erro era dela e não nosso. O e-mail da reserva estava correto e ela tinha marcado na agenda erroneamente. Ficamos aliviados, mas não gostamos do rumo que aquilo tinha tomado. Além disso, foi estipulado um horário para chegarmos. Isso porque, fora desse horário ela não estaria lá para nos atender. Chegamos um pouco antes do combinado e não encontramos ninguém. Fomos olhar as instalações e foi decepcionante. Depois que ela chegou, muito sem graça com toda a confusão e quase não se desculpou, fomos para o nosso *roulotte*, que é uma daquelas carroças antigas, que vemos nos filmes americanos de bang-bang. Seria uma excelente experiência se não fossem as formigas que dormiram conosco, já que o *roulotte* estava fechado há algum tempo.

Mais tarde chegou mais uma hóspede, a Corine, que foi para o dormitório. Fomos conhecer o local que ela ficaria. A ideia era trocarmos de lugar para dormir, mas, sinceramente, não tivemos coragem. Era muito ruim. A Corine disse qua acordou no meio da noite gelada e morrendo de medo de ter ratos. Pelo visto, ficamos mais bem acomodados na carroça com as formigas, que não nos incomodaram, e era mais quentinho. Depois rimos muito da situação, junto com a Corine e um amigo alemão que, fortunadamente, tinha ficado no mosteiro que era espetacular. Só para terminar a saga, o jantar que pagamos e achamos que seria bom, foi horrível. Nada mais era do que um prato pronto, daqueles comprado no supermercado. Péssimo!



Partimos bem cedinho para Ravel. Só encontramos água para beber a 5 km do nosso destino. Como era uma cidade maior nos abastecemos com comida, frutas e água. Neste dia, jantamos e dormimos bem e, mais uma vez, rimos muito da situação passada na fazenda ao reencontrar a Corine e o seu amigo alemão.

No dia seguinte, revigorados seguimos para Le Cassés, que é uma vila pequena sem infraestrutura. Desta vez, estávamos preparados. Tínhamos água e comida suficientes. Caminhamos a maior parte do trajeto ao lado do rio, num cenário bem bonito e confortável, se não fosse o vento forte que começou de repente. O céu estava muito azul, mas o vento era muito forte. Depois vimos que a previsão para aqueles dias era de vento que atingiriam até 85 km/hora. Enfim, chegamos em Le Cassés e fomos bem recebidos pela Isabelle, uma anfitriã super simpática e prestativa. No jantar nos juntamos a ela e outras duas francesas, que começavam o caminho naquele mesmo dia. Foi uma noite bem agradável.

O dia seguinte foi uma caminhada bem mais longa, mas igualmente agradável, apesar do vento que cumpriu a previsão do tempo e atingiu os previstos 85 km/hora. Quando estava a nosso favor era bom, mas quando nos pegava de lado ou de frente era péssimo. Resolvemos seguir o caminho pelo *Canal du Midi*, que era mais plano e mais confortável. O único problema era que, muito arborizado, tinha risco de queda de árvores, como de fato aconteceu. Um trecho foi fechado e tivemos que fazer uma volta bem grande pela estrada. Foi preciso muita cautela e atenção durante todo o esse percurso.

Desta vez, lembramos das nossas andanças pela Sicília. Lá, depois de cumprir um longo caminho, as cidades e vilas ficavam sempre no alto. Em Avignonette-Lauragais, nosso próximo destino, foi assim. Para chegar no gîte a subida foi estafante, mas foi recompensada pela recepção, pelo jantar e pelas histórias que ouvimos da Daniella, nossa anfitriã. Uma vez mais encontramos a Corine, que desta vez estava um pouco mais quieta, talvez pelo cansaço, por conta de um erro que a fez caminhar além do esperado. Ali nos despedimos, porque a nossa intenção era ficar dois dias em Toulouse, enquanto ela seguiria direto para Léguevin.

Bem cedo seguimos em direção a Toulouse, que um dia se chamou *"Tolosa"*, daí o nome da "*Via Tolosana".* A decisão de permanecer dois dias por lá foi devido ao tamanho da cidade. Gostaríamos de conhecer os pontos mais importantes e em um dia apenas não seria possível.

A capital da região da Occitania ganhou o apelido de *"Ville Rose",* por causa da sua arquitetura, onde prevalecem os tijolos de terracota. Como curiosidade, a empresa aeroespacial Airbus está sediada em Toulouse, assim como a Basílica de St. Sernin e o Canal du Midi, ambos Patrimônios Mundiais da UNESCO. A Basílica de St. Sernin é o maior edifício românico da Europa e importante rota de peregrinação para Santiago de Compostela. Por isso, muitas pessoas começam as suas caminhadas até Santiago, em Toulouse. Além desses dois pontos de interesse,

visitamos o Capitolio, Convent des Jacobins, Chapelle St.Joseph-la-Grave, Eglise Notre Dame-de-la-Dalbade, St. Cyprien, Pont St.Pierre, Pont Neuf e fizemos belas caminhadas seguindo o Rio Garone.

Ficamos sabendo que uma grande tempestade chegaria no dia seguinte. A recomendação era ter muita cautela e ficar em casa. A tempestade chegou e, por isso, foi necessário esticar mais um dia em Toulouse, o que comprometeria o nosso roteiro. Então, foi necessário queimar uma etapa. Pegamos um trem até o próximo destino e chegamos a Auch dentro do tempo previsto, colocando em dia a nossa previsão de datas.

Já estávamos a pouco menos de 200 km de Somport, nos Pirineus. Achamos Auch uma cidade bem interessante. Não tivemos tempo para explorá-la porque chegamos no final da tarde. Ficou uma frustraçãozinha, mas era preciso seguir.

Saímos sem pressa, passamos na prefeitura da cidade, para pegar o carimbo nas credenciais, e seguimos subindo e descendo por estradinhas rurais. Num certo ponto, nos embrenhamos floresta adentro e a partir daí foi só barro. Brincamos que o nome Barran, a vila que era nosso destino, já era um prenúncio do

que encontraríamos pelo caminho. Mas, a vila era muito bonitinha, muito bem cuidada e bem florida.

Marcamos de ficar num gîte comunal, que era o único lugar da vila, além de um hotel que ficava fora da cidade e era bem caro. Entretanto, quando chegamos no gîte o prédio estava muito deteriorado. Decepcionados, fomos ver o quarto onde dormiríamos. Para nossa surpresa era amplo, bem ventilado, estava limpo e tinha quatro camas. Não era tão mal assim… nos ajeitamos por ali e saímos para comprar alguma coisa para comer. Na volta, reencontramos uma francesa, que conversamos muito rapidamente no caminho. Ela tinha dito que ficaria em algum lugar que não entendemos onde exatamente. Achamos estranho porque não tinha outro lugar na região a não ser o gîte comunal e o hotel. No momento deste encontro ela segurava as botas nas mãos, estava de chinelos e a mochila arrumada de qualquer jeito. Achamos estranho. Ela perguntou se tinha cama sobrando onde estávamos. Mostramos pra ela o quarto e ela disse que queria ficar conosco. Foi então que contou que estava naquele hotel caro, mas que tinha abandonado o lugar porque viu um enorme rato morto debaixo da cama. Acho que nós também teríamos feito o mesmo. ☺

Nós sabíamos que chegaria mais uma pessoa para dormir no nosso gîte e que a outra cama estaria vaga. E, de fato, foi o que aconteceu. Por isso, não entendemos, até hoje, porque os gestores do gîte disseram a ela que todas as camas estavam ocupadas. Ficamos pensando o que ela teria dito ou feito no hotel para resultar nesta recusa de hospedagem. Afinal, era uma vila e todos se conheciam. Ficamos preocupados com a francesa, mas depois soubemos que ela dormiu muito bem na casa de um morador.

Voltamos ao nosso quarto, jantamos e pelas 7 da noite chegou o outro hóspede. A princípio, achamos o homem um pouco destrambelhado. Depois de muita conversa vimos que era uma pessoa muito interessante e divertida, com uma mochila imensa, superpesada e cheia de comida. Jean Claude é de Montpellier e estava começando a caminhar naquele dia. Estava indo para Barcelona encontrar uma amiga. Nos divertimos muito com ele nesta noite, e nos outros dias que o encontramos. Até hoje ainda trocamos mensagens divertidas via WhatsApp. E assim, o homem que era estranho virou nosso amigo, o que não é muito estranho. ☺

Na saída do gîte em Barran um contratempo. Assim que fechamos a porta e deixamos as chaves na caixa dos Correios, como combinado com o gestor do lugar, vimos que os bastões do Helinho tinham ficado no quarto. Foi preciso chamar alguém para abrir a porta.

O caminho até Montesquieu não era longo, por isso não estávamos preocupados com horários. Mesmo porque, muitas vezes quando chegamos cedo ao nosso destino ficamos esperando o horário da abertura da hospedagem.

Voltando no tempo, em Toulouse, pedimos para a nossa anfitriã fazer uma reserva em Montesquieu, que também tinha poucas opções de hospedagem. O contato foi direto com a proprietária do local. Foi feito um verdadeiro interrogatório. Ela queria saber como conseguimos o número do telefone, o que respondemos que constava do *Miam*

Miam Do Do, que é um guia francês dedicado a quem caminha. Depois de todas as perguntas respondidas a nossa já amiga proprietária da hospedagem de Toulouse ainda precisou dar o aval sobre a nossa idoneidade. Disse que nós éramos um casal de brasileiros muito legais e com muita experiência de caminhadas. Enfim, a reserva foi feita e o combinado foi chegar na cidadezinha, ligar para a senhora, que omitiu o seu nome e o endereço da casa, e aguardar por ela em frente a igreja.

No meio do caminho reencontramos a francesa que fugiu do rato do hotel. Perguntamos onde ela ficaria em Montesquieu e chegamos a conclusão de que, pelas orientações recebidas, ficaríamos no mesmo lugar. Combinamos de encontrar em frente a igreja e faríamos uma só ligação. Como chegamos antes, sentamo-nos no lugar combinado, quando apareceram duas mulheres, a Brigitte e a Isabella. Contamos a elas que estávamos ali esperando uma caminhante para fazer uma ligação telefônica para o local onde ficaríamos hospedados, mas que não nos foi fornecido o nome da proprietária do tal gîte. A Isabella disse que não nos preocupássemos porque, se alguma coisa desse errado, nós ficaríamos na casa dela. Depois disso, nos ofereceu um café. Ficamos preocupados da francesa caminhante chegar e não nos encontrar. Por isso, diante da insistência da Isabella, entramos em sua casa,

mas sempre de olho na porta da igreja. O marido, que falava inglês, apareceu e ficou conversando conosco, enquanto Isabelle preparou um belo lanche com morangos, chantilly, queijos e café. Enfim… fomos super bem recebidos e ficamos agradecidos. Diante da nossa explicação, o marido da Isabella pediu o número do telefone e ligou. Foi quando soubemos que a hospedagem era exatamente em frente a casa deles. Era um vizinho próximo e, até hoje, não entendemos por que omite o nome e o endereço do gîte, já que consta de um guia.

Tudo resolvido, entramos no nosso alojamento e a francesa caminhante já estava lá há algum tempo. Não sabemos bem, mas talvez ela até tenha chegado no local combinado antes de nós. Achamos estranho, mas deixamos pra lá. Fomos conhecer a pequena vila, que é super legal e também florida.

Naquele dia, o jantar foi delicioso. O casal de proprietários era muito divertido e serviu um vinho e queijos maravilhosos. O café da manhã não foi pior do que o jantar. Tudo isso não

teve um preço estipulado. Pagamos o que achamos justo. E seguimos em direção a Pau (a pronúncia é, mais ou menos, “Pô”).

Na verdade, o próximo destino foi Marciac, onde encontramos quatro primas que disseram que todos os anos caminhavam juntas por uma semana. Ficamos num albergue e o jantar comunitário foi ao estilo tunisiano, com direito aos doces e tâmaras maravilhosas de sobremesa.

Ao sair no dia seguinte, fomos abordados por um senhor que disse que deveríamos ir por outro caminho, economizando mais de 7 km. Ficamos em dúvida qual caminho seguir até que as primas apareceram. Ficamos ali discutindo sobre por onde seguir e chegamos a conclusão de que o caminho mais curto seria muito sem graça, porque passaria por uma rodovia. E seguimos, ora nos encontrando ora nos dispersando até chegarmos a Maubourget, uma cidade maior.

Ficamos numa hospedagem de um casal de alemães e a filha Brianna e o Denz, um menino de 7 anos super educado. E assim seguimos caminhando até Pau, de onde nos desviaríamos para Lourdes, nossa meta na programação desta caminhada.

Até este momento do relato omitimos uma questão muito chata que, de certa forma, tirou um pouco o nosso foco do caminho. A mala que despachamos pela UPS em Lisboa para a cidade de Chipping Campden (Inglaterra), com roupas formais para o casamento de amigos, que comentamos no início deste relato, ainda não tinha chegado ao destino depois de mais de 30 dias, quando a previsão seria chegar em 7 dias.

Tudo começou, muitos dias atrás, quando recebemos um e-mail da UPS Reino Unido pedindo uma documentação, que já tinha sido despachada junto com a encomenda, pela própria UPS Portugal. Quando pedimos uma cópia do documento para UPS Portugal, para reenviar para o Reino Unido, fomos informados que não havia nenhuma cópia, mas que mandariam um formulário em branco para preenchermos. A partir daí foi um caos. Foi um desencontro de informações, tanto do *tracking* quanto na UPS do Reino Unido e da própria UPS de Portugal. O nosso amigo Frank, pai da noiva, tentou nos ajudar ligando para a UPS do Reino Unido e o Gê, outro amigo em Portugal, indo até a UPS no Porto para saber o que estava acontecendo. Todas as informações eram totalmente sem sentido. Até que um dia chegou uma conta de 78 Pound (aproximadamente 90 euros) para pagarmos, o que fizemos para ter a bagagem entregue no destino. Resumindo, mesmo assim, a bagagem não foi entregue e perdemos o casamento. Mas, o restante contaremos na sequência porque foram muitas emoções. ☺

Durante toda a caminhada, tentamos não nos deixar abater por esses problemas e, no dia 11 de maio, chegamos em Lourdes, debaixo de muita chuva. Nos emocionamos! Era

um domingo, Dia das Mães no Brasil e a Basílica estava lotada de fiéis para assistir uma missa, que foi muito bonita. Visitamos a gruta da aparição de Lourdes e caminhamos pela cidade. Saímos de lá com a sensação de dever cumprido e um pouco mais reconfortados com todo aquele problema da bagagem que "não estava perdida", apenas não foi entregue. Isso porque, sabíamos que estava parada no *hub* da UPS, próximo a Londres, desde que chegou no dia 06 de abril. Tínhamos uma *Air Tag* na mala e acompanhávamos toda a trajetória dessa encomenda.

Já estávamos no *Pre-Pyrenees* e faltavam poucos dias para cruzar os Pirineus por Somport, descendo para Jaca, na Espanha, onde encerraríamos mais esta caminhada. Foi em Oloron, no albergue que ficamos, que reencontramos o Jean Claude. Também conhecemos um caminhoneiro e duas amigas que seguiriam um caminho diferente do nosso. Neste tempo, ficamos sabendo que um dos trechos que passaríamos na subida para Somport estava interditado, por causa das fortes chuvas do final de 2024. Seria necessário pegar um ônibus para ultrapassar aquele trecho.

Assim, depois de passar Oloron-Saint-Marie, Sarrance, Bedous, Accous, Urdos, finalmente cruzamos da França para a Espanha através do *Col du Somport*. O frio congelante e a neblina foram testemunhas de que chegamos no topo dos Pirineus, onde planejamos chegar. Dali descemos para Candanchú e Canfranc-Estación.

Como o próprio nome diz a Estação de Canfranc foi um projeto de ligação da Espanha à França, isto é, de Jaca a Canfranc, por ferrovia, e um túnel que passa por Somport, concluído em 1914. Hoje a Estação é um hotel 5 estrelas, *Royal Hideaway*, que combina a história, o design e a gastronomia. O restaurante, com uma estrela *Michelin*, funciona em dois vagões restaurados compondo o clima do lugar.

Para finalizar mais esta etapa, chegamos a Jaca. Jaca é uma cidade super agradável. Como muitas das cidades da Espanha, o maior horário de movimento é depois da siesta, onde as pessoas vão para as ruas, para os bares e as crianças brincam, resultando num intenso vai e vem de pessoas. Além disso, foi imprescindível visitar a grandiosa Cidadela, em formato pentagonal, declarada Monumento Histórico-Artístico. Outros pontos turísticos interessantes da cidade são a Catedral, o Mosteiro dos Beneditinos, a Igreja de Santiago, a Ermida de Sarsa,

a Ponte de San Miguel, a torre do Relógio e a Prefeitura. Depois de explorar a cidade, em apenas um dia, era hora de partir. Nossos próximos destinos seriam Zaragoza e Santiago de Compostela, mas não sem antes despedirmos do Jean Claude que, afortunadamente, encontramos na Rodoviária de Jaca, pelo menos para dizer um "au revoir", "adiós" ou, quem sabe, "até breve".

A viagem para Zaragoza foi de apenas 2 horas. Zaragoza é uma cidade enorme e, obviamente, não a conhecemos como merecia. As principais joias preciosas da cidade são a Basílica de Nossa Senhora do Pilar, que pode ser avistada de longe, e a Catedral del Salvador com sua arte mudéjar aragonesa. Mas, era hora de partir, numa viagem que duraria longas 11 horas até Santiago de Compostela.

A decisão de ir a Santiago de Compostela teve duas razões. A primeira, porque queríamos agradecer a Santiago pela inspiração de viajar a pé, já que foi lá que esta paixão se despertou. Segundo, porque era de lá que pegaríamos o voo pra Londres, e encontraríamos os nossos amigos na cerimônia do casamento de Olivia e Alex, o que contaremos a seguir.

Mais um "round" para recuperar a bagagem e o final desta saga …

Na véspera do embarque para Londres, em Santiago de Compostela, já sabíamos que seria impossível ir ao casamento em Chipping Campden. Nossa bagagem não tinha chegado ao destino. Mas, como a "esperança é a última que morre", pesquisamos na internet se no Aeroporto de Stansted, onde desembarcaríamos, teria uma UPS que pudéssemos conversar pessoalmente. A surpresa foi ler inúmeras reclamações da empresa. Foi quando decidimos também fazer a nossa reclamação e que, para nossa surpresa, fomos respondidos via Messenger. Um funcionário nos encaminhou a outro, que se interessou pelo nosso problema.

Apesar da nossa esperança, embarcamos nos dia 20 de maio para Londres, agora já com a certeza de que não seria possível ir ao casamento no dia seguinte. Estávamos muito desapontados, mas teríamos outra batalha pela frente: recuperar a nossa bagagem. Foram dezenas de mensagens trocadas via Messenger com o funcionário da UPS Londres, mas a situação só começou a se resolver quando ameaçamos "judicializar"o problema.

Cancelamos a entrega em Chipping Campden e pedimos para retirar a bagagem, no *hub* próximo a Londres, onde estava parada a quase 40 dias. Disseram que lá era só um depósito, mas que poderíamos reaver a bagagem numa cidade a quase 200 km de distância, em Gloucester. Perguntamos por que a UPS poderia entregar em Gloucester e não porque não entregaram em Chipping Campden? A resposta ficou no ar…

Nessa altura dos acontecimentos as emoções estavam a flor da pele. Primeiro, porque perdemos o casamento. Em segundo lugar, tivemos que arrumar lugar pra nos hospedar em Londres, de última hora, e o prejuízo se contabilizava em nossa conta. Afinal, a ida para Inglaterra tinha um único motivo, o casamento. E por último, porque parecia que a UPS queria mesmo nos fazer de idiotas. Foi quando demos a última cartada da judicialização e um endereço provisório em Londres. Assim, finalmente, enviaram a mala para o *Customer Center* da UPS em Londres, onde recolhemos a nossa mala.

Aliviados, nos dias seguinte, ainda com um nó na garganta, por causa de toda a confusão, resolvemos aproveitar a cidade. Turistamos por Londres, revisitamos lugares, comemoramos mais um aniversário da Vera e depois partimos para Portugal.

Ainda tínhamos mais uns dias para aproveitar. Primeiro, fomos para o Porto, encontrar o Geraldo, ou Gê, para os amigos. Relaxamos três agradáveis dias. Depois partimos para Lisboa.

Chegando lá, fomos a UPS para fazer uma reclamação formal. Quando conversamos com o funcionário já percebemos que aquilo não daria em nada e pensamos, isso não vai dar em nada…

Resolvemos deixar esta história para lá e fomos aproveitar o que Lisboa tem de melhor. Nessa época, a cidade estava uma festa. Aproveitamos a semana que antecede a comemoração dos Santos Populares. Encontramos os amigos Rui, Marquinho e Gabriela, Adriana, Sofia e José. Flanamos pela cidade, nos divertimos e voltamos para nossa casa com a frustração da mala, que nunca foi entregue no destino, mas com as mochilas cheias de histórias legais pra contar.

Mas…. chegando em casa, juntamos toda a documentação, fizemos um dossiê de todo o processo do envio da bagagem de Lisboa para Chipping Campden e enviamos num e-mail para a UPS Reino Unido, UPS Portugal e UPS Estados Unidos, por ser a matriz da companhia. Recebemos de volta uma mensagem dizendo que seria feita uma investigação. O resultado veio alguns dias depois. Se desculparam pelo "inconveniente" causado, e ressaltaram que de acordo com os termos da empresa, a UPS não se responsabiliza por "lucros cessantes e danos indiretos ou consequentes" como "perdas puramente econômicas, perda de oportunidades de negócios, perda de vendas ou perda de lucros ou resultados". Daí nos perguntamos, que empresa é essa? Realmente, nos fizeram de idiotas!

Apesar dessa resposta aos nossos questionamentos, resolvemos esquecer esses problemas e seguimos em frente, planejando novas viagens, novas aventuras e novos desafios, desde que não envolvam "malas…. Viajamos muito bem somente com as nossas mochilas ☺

Via Francigena Sud
Monte Sant'Angelo - Santa Maria di Leuca (Puglia – Itália)

Fechamento de um ciclo...

A Via Francigena Sud encerra mais um ciclo em nossas caminhadas pela Itália. Entretanto, muitas foram as dúvidas até a decisão de fazer este percurso. Explicando melhor, todos os anos encontramos pessoas que nos inspiram a seguir outros caminhos. Com isto, vamos "colecionando" tantos roteiros legais que dificultam as escolhas.

Depois de muito pensar, decidimos que era hora de terminar a Via Francigena. Em 2018, caminhamos pela Via Francigena Central, de Aosta a Roma. Em 2023, foi a vez da Via Francigena Nord. Começamos a caminhar em Calais, na França. Tecnicamente, esse percurso começa em Canterbury, na Inglaterra, dois dias antes da travessia do Canal da Mancha. Mas, devido à burocracia naquele momento, resolvemos iniciar nossa caminhada em Calais e chegar a Aosta. Nessas duas caminhadas somamos 2.350 km. Para terminar esse longo percurso, era preciso ir pela Via Sud, que inicia em Roma e termina em Santa Maria di Leuca. Entretanto, gostaríamos de caminhar ao longo do mar. Por isso, optamos pela *Variante di Monte Sant'Angelo*, que segue pelo Monte Gargano, na Apúlia, até Santa Maria di Leuca. Caminho perfeito para unir nossos dois desejos: terminar a Via Francigena e estar ao lado do mar.

Saímos de casa no dia 12 de abril, um domingo, num voo, via Lisboa, que chegaria a Roma somente na madrugada do dia 14 de abril, terça-feira. Isso quer dizer que passamos o dia da segunda-feira em Lisboa revendo amigos, mesmo que rapidamente. Caminhamos pela cidade e, à tarde, retornamos ao aeroporto para embarcar no voo que iria para Roma à noite e chegaria na primeira hora do dia seguinte. Com isso, optamos por encontrar uma hospedagem próxima ao aeroporto Fiumicino.

Na manhã, depois de um descanso merecido, retornamos ao aeroporto para pegar um trem até Roma Tiburtina. De lá, pegamos um ônibus rumo a Monte Sant'Angelo. Foi uma longa viagem de sete horas. Ainda bem que era um ônibus confortável e relativamente vazio, o que nos permitiu descansar e apreciar um pouco mais da *"bella Italia"*. Já bem perto da cidade, trocamos de ônibus. Embarcamos, nós e o motorista, num micro-ônibus da mesma empresa.

O nosso já amigo motorista era de Monte Sant'Angelo. No caminho, ele teve a "bendita" curiosidade de perguntar onde ficaríamos hospedados. Dissemos que ficaríamos em um Airbnb por dois dias e ele perguntou de quem era a hospedagem. Falamos o nome da proprietária. Foi o suficiente para que ele ligasse para a esposa e, em seguida, a proprietária ligasse de volta explicando onde ficava a hospedagem. Com isso, o motorista nos deixou a poucos passos do Airbnb às 22h.

Sabe o que isso representou na nossa vida, naquele momento? Tudo! A cidade é medieval; as ruas são labirintos com escadas que sobem e descem. Naquela hora, com o cansaço acumulado da viagem, seria muito difícil encontrar a hospedagem. Enfim, chegamos sãos e salvos e descansamos numa cama confortável do nosso lindo *"studio".*

No dia seguinte, acordamos sem muita pressa. Tomamos nosso café da manhã e resolvemos conhecer a cidade, o santuário de São Miguel Arcanjo e pegar nossas credenciais no endereço que já tínhamos. Abrimos a porta e nos deparamos com uma chuva fina e fria e uma espessa neblina, que não dava para ver um palmo à nossa frente. Mas seguimos adiante. Para onde? Este era o problema. Perguntamos a uma senhora onde ficava o santuário. Ela explicou, mas foi uma missão quase impossível chegar. O GPS do celular não mostrava o

caminho mais fácil, mas sim as ruas tortuosas. O subir e descer de escadas, o entrar e sair nos becos e a neblina complicavam a situação. Foi quando encontramos uma rua que nos parecia ser a principal. Dali chegamos aonde queríamos.

Os pontos altos da cidade são o *Santuario di San Michele Arcangelo*, construído numa gruta onde houve a aparição do anjo, o *Battistero di San Giovanni in Tumba*, a *Chiesa Santa Maria Maggiore*, o *Castel*
lo, o *Quartiere Junno*, o bairro histórico onde estávamos hospedados, e uma vista linda do Golfo de Manfredonia.

Como demoramos para achar o santuário, tivemos que esperar até as 14h30, quando reabriu, mas valeu a pena. Chegamos bem na hora da cerimônia da Adoração ao Santíssimo Sacramento. Foi lindo e muito emocionante. O Santuário foi construído numa gruta. A lenda diz que ele foi milagrosamente consagrado pelo próprio Arcanjo em 490 d.C., após uma série de aparições a um bispo da região. Hoje é Patrimônio Mundial da UNESCO.

Emocionados, percorremos todo o complexo, visitamos toda a cidade, antes de entrarmos em contato com o Nico, que nos daria as credenciais da Via Francigena. Nico foi

atencioso e foi ao nosso encontro. Assim, de posse da credencial, já estávamos prontos para partir no dia seguinte, embora houvesse preocupação com o clima, que não estava nada favorável para a descida, muito rústica e com pedra. Só para ter uma ideia, o nome da trilha é *Scannamogliera,* termo do dialeto local que significa literalmente "alta e forte". O nome deriva da severa inclinação e da dificuldade do terreno rochoso. É uma trilha extremamente íngreme e cansativa, com fama de ser tão impiedosa que exige um esforço extremo de quem a sobe ou desce.

Descendo a trilha Scannamogliera ...

Acordamos com um dia lindo. O sol nos brindou com uma luz incrível. Um friozinho gostoso para caminhar nos ajudaria naquela etapa difícil. Saímos animados, mas um pouco receosos, sem saber ao certo o que encontraríamos no caminho. Afinal, a chuva do dia anterior ainda deixava tudo molhado, e a descida pedregosa muito escorregadia.

Enfim, chegamos facilmente ao início da trilha *Scannamogliera.* Paramos para apreciar o Parque Gargano, o que realmente foi de tirar o fôlego. E demos os primeiros passos montanha abaixo. Tudo com muito cuidado porque as pedras estavam realmente muito escorregadias. Ainda escorria um pouco de água. De repente, aconteceu o que a gente temia, um tombo com a mochila nas costas. O Helinho escorregou e caiu de bunda no chão. Foi tragicômico. Mas ficamos um pouco preocupados com o joelho que torceu e a dor foi instantânea. Ficamos ali esperando e pensando no que fazer. Massagem, remédio para passar a dor e nos refazermos do susto. Afinal, ainda estávamos apenas começando.

Refeitos, retomamos nossa descida. Foi uma descida bem íngreme, passo a passo, com muito cuidado, desviando do gado que ali pastava e conferindo no GPS se o caminho estava correto. A marcação da trilha inicial e final era visível, mas, no decorrer da descida, tivemos muitas dúvidas pelo mato alto. Num trecho, percebemos que estávamos indo no sentido errado e tivemos que saltar uma cerca de arame farpado até encontrarmos a nossa rota novamente.

Passamos por uma igreja rupestre *Jazzo Ognissanti.* A igreja, escavada na rocha, data do século IX. Ali existia uma aldeia. As habitações também eram escavadas na rocha. Vimos vestígios de caminhos, escadarias, cisternas, currais e fornos. No interior da gruta ainda dá para ver os restos de um altar e alguns afrescos de São Miguel e da Virgem com o Menino Jesus, assim como algumas cruzes.

Apesar da dificuldade, não nos deparamos com o que foi relatado posteriormente à nossa descida. Num grupo de conversas com pessoas que fizeram este percurso, foi reportada a presença de cachorros que intimidavam quem descia. Nós não os vimos, mas quem passou por essa situação disse que eram bem agressivos. O assunto chegou à prefeitura de Monte Sant'Angelo, mas não soubemos quais medidas foram tomadas para resolver o problema.

Quase no final da descida, chegamos numa estrada rural. E, olhando para trás, pudemos ver a imensidão daquela montanha e do vale florido. Foi mágico e, ao mesmo tempo, desafiador. Depois de caminharmos por seis horas, chegamos ao nosso destino, Manfredonia.

Manfredonia é uma cidade histórica, com um porto, praias e uma fusão de história romana, construções medievais e natureza. Percorremos parte da cidade, caminhamos pela rua do comércio e fomos abordados por dois senhores que distribuíam mensagens religiosas. Paramos para conversar e eles ficaram impressionados ao saberem que seguiríamos até a última cidade, no final da Puglia, na península salentina. No final da tarde, há um vai e vem de pessoas, nessa rua principal, onde amigos e famílias se encontram para conversar, tomar um café ou um sorvete e ficar por ali, até fechar o comércio, por volta das 21 horas.

Em Manfredonia começava nosso caminho ao nível do mar. No dia seguinte, partimos para Zappponeta, num caminho longo e sem muitos atrativos.

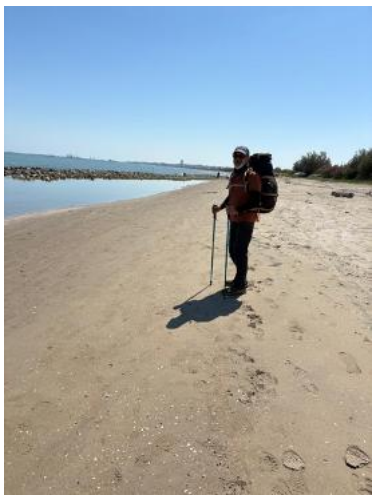
Zapponeta é uma cidade pequena e tranquila. Destaca-se por seu ambiente pacífico de vila de pescadores e por suas praias calmas e de origem agrícola.

Seguir o caminho de Zapponeta a Margherita de Savoia foi tranquilo, apesar do sol e de uma estrada nada atrativa. Na verdade, ficamos com uma pontinha de decepção nesses dois dias em que seguiram à espetacular descida no Parque Gargano. Somente ficamos mais satisfeitos quando encontramos um senhor e paramos para conversar. Contamos a história de sempre, de caminhadas e do que pretendíamos, e ouvimos dele: "O importante é fazer o que te faz feliz."

Margherita di Savoia fica entre o mar Adriático e a maior salina da Europa. A cidade é famosa por suas praias de areia dourada e suas águas termais.

Em todas as cidades tínhamos que carimbar as credenciais. Por isso, fomos à catedral e, por coincidência, o pároco esteve numa missão no Maranhão. Contou um pouco sobre a missão, nos despedimos e fomos caminhar *"lungo mare".* Depois fizemos nossas compras para partir logo cedo em direção a Barletta.

O início do caminho também foi bem chato, com asfalto, estrada muito perigosa, até que encontramos um *biker* que nos mostrou outro caminho. Ele disse que seria muito mais agradável e ao lado do mar. Achamos que valeria a pena e voltamos 1 km para pegar outra estradinha. Num certo ponto, paramos para descansar. Olhamos no GPS e nos demos conta de que este caminho aumentaria muito a nossa jornada, que já era bem difícil debaixo de um sol muito forte. Passaram dois italianos, também pedalando, e resolvemos tirar a dúvida se deveríamos seguir por aquela estrada. Não foi a melhor coisa que fizemos. Os dois não se entendiam e acabamos seguindo nosso instinto. Seguimos adiante até que, em certo momento, vimos que o mar não estava



muito longe dali. E, finalmente, chegamos numa praia. Ficamos felizes por termos um pouco de brisa a nosso favor. Assim, seguimos pela praia até Barletta.

Era domingo e as pessoas da cidade estavam reunidas na orla; todos, muito bem-vestidos, olhavam para nós, como se fôssemos dois forasteiros. Éramos dois "mochileiros", suados e cansados de uma caminhada exaustiva. Entendemos o porquê de tantos olhares quando um rapaz, que estava num grupo, disse bem alto: "-Olha aí os caminhantes de montanha." Esta foi uma crítica bem-humorada ao nosso jeito de vestir. Apesar do forte calor, estávamos com calças e tênis de caminhada, braços e pescoços cobertos, bonés, bastões. Enfim, nada condizia com aquele ambiente descontraído de praia. Sorrimos e seguimos nosso caminho.

Barletta é uma cidade muito bonita que une natureza, cultura e praias. O *Castello Svevo* é uma fortaleza imponente que vigia a costa. O *Colosso di Barletta* é uma estátua de bronze de 4,5 metros de altura, no centro histórico, considerada a representação de um imperador romano ou bizantino. Tem também a bela *Cattedrale di Santa Maria Maggiore*, a Pinacoteca Giuseppe De Nittis, que fica no impressionante *Palazzo della Marra* e abriga mais de 200 obras do renomado pintor impressionista do século XIX, e as ruas de comércio. Os

restaurantes e bares estavam super movimentados. Esta foi uma daquelas cidades em que ficamos com vontade de estar por mais dias, mas não sucumbimos ao desejo e partimos no dia seguinte para Trani.

O percurso do dia seria mais curto. Por isso, sem muita pressa, saímos de Barletta e fomos conhecendo um pouco mais da cidade. Caminhamos por estradinhas, passamos por uma periferia e achamos muito engraçado quando paramos para descansar num muro baixo com um aviso de que tinha câmeras de vigilância. Não tinha sombra alguma, mas resolvemos sentar um pouco por ali mesmo. Vimos alguns carros que passavam por nós e percebemos que iam até o final da rua e voltavam. Nós nos demos conta de que estávamos sendo vigiados. Até hoje não sabemos que tipo de ameaça poderíamos ser, mas, mesmo assim, resolvemos interromper o descanso e seguir adiante até Trani.

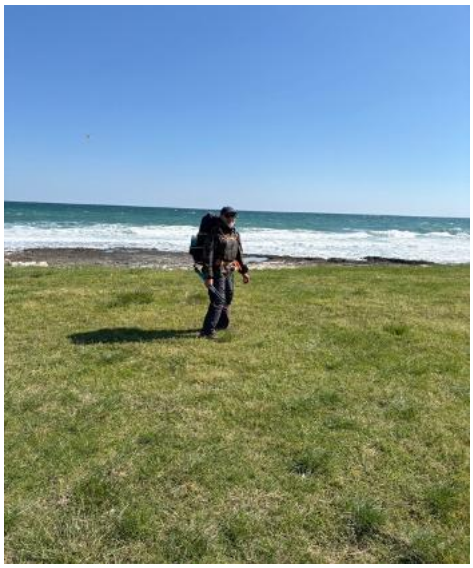
Sorte de termos chegado mais cedo a Trani. Trani é conhecida como a "Pérola do Adriático". É uma cidade que oferece uma atmosfera sofisticada e menos movimentada. Entre os destaques estão a impressionante Catedral de Trani (Basílica Catedral de São Nicolau Peregrino), o *Castello Svevo*, do século XIII, o histórico Bairro Judeu (*Giudecca*), o porto e o farol. Foi em Trani que, pela primeira vez, experimentamos os *taralli,* petiscos deliciosos que nos viciaram nesta viagem.

De Trani, o percurso até Bisceglie que seguimos foi inesquecível. Caminhamos sempre ao lado do mar e com o céu azul. O contraste do mar, das flores e da praia, com pedrinhas brancas, afastou o cansaço que se aproximava. E, quando chegamos num longo calçadão, já na entrada da cidade, paramos para um café e para prolongar aquele caminho delicioso.

Bisceglie é uma cidade bem charmosa e tem um rico patrimônio histórico. Abriga um dos portos pesqueiros mais tradicionais da região. Os barcos coloridos, os restaurantes, os frutos do mar frescos são atrações para quem para na cidade. No centro histórico visitamos a Catedral de São Pedro e vimos os palácios dos séculos XV e XVI. Mas nem tudo são flores. A cidade estava estarrecida com um crime ocorrido dias antes. Foi um crime passional que abalou a população. Havia muita movimentação de equipes de TV que acompanhavam o funeral. Violência, sim, mas nem de longe o que, infelizmente, presenciamos por aqui, no nosso país.

No dia seguinte, partimos para a próxima cidade, Molfetta. O dia estava nublado, muito bom para caminhar. Chegando à entrada da cidade, paramos numa igreja que ficava num largo. Uma senhora muito solícita veio falar conosco. Vendo que estávamos caminhando de longe, foi logo dizendo que ali poderíamos encontrar hospedagem, carimbo para as nossas credenciais e resolveu mostrar a igreja de Nossa Senhora do Martírio, protetora dos pescadores. Seguimos adiante. A chuva começou a cair com mais intensidade e, com ela, o frio. É bom mencionar que, em praticamente todas as pequenas cidades italianas, o comércio fica fechado das 14 às 17 horas. Mas, para a nossa sorte, a Puglia possui máquinas de venda automática (*distributori automatici*), com produtos locais, sanduíches e bebidas, o que foi muitas vezes a nossa salvação.

Não tardou muito e a chuva deu uma trégua, apesar do frio. Saímos para caminhar e conhecer o centro histórico, o movimentado porto e a Catedral de San Corrado, do século XII, que fica à beira-mar. O centro histórico é um labirinto de ruas sinuosas, estreitas e de construções medievais e em calcário branco. No dia seguinte, enquanto deixávamos a cidade com um sol lindo brilhando, ainda conseguimos curtir a vista das praias locais. Molfetta é conhecida por suas enseadas rochosas de águas cristalinas. *Prima Cala* é uma enseada pequena e tranquila, com bares nas proximidades. *Cala San Giacomo* é uma praia de seixos, também muito procurada para um banho relaxante de mar, assim como o *Lido Algamarina*, um balneário organizado e tranquilo.



O caminho para Giovinazzo foi curto e muito bonito. Ficamos surpresos porque Giovinazzo é uma cidade pesqueira charmosa, com ruas medievais de paralelepípedos e muralhas antigas que remontam aos tempos romanos e normandos. Apesar do vento forte e gelado, não resistimos a ficar sentados num banco da *Piazza Vittorio Emanuele II* observando as famílias e amigos que conversavam animadamente. Um grupo de quatro amigos caminhava e conversava animadamente de um lado a outro da praça. Esta foi a nossa diversão do dia, que não durou muito por causa do vento frio, mas não nos impediu de ver o ir e vir dos moradores e um pôr do sol lindo, que jamais esqueceremos. Observando todo este cenário bucólico, decidimos não parar em Bari, que seria nosso próximo destino. Seguimos para Mola di Bari, que ficava mais à frente. Não estávamos, naquele momento, preparados para parar numa cidade grande e na agitação.

Mola di Bari não foge muito do que já estávamos habituados. Vimos o castelo, o porto e o calçadão. Sentamo-nos na praça principal, no final da tarde, para curtir o vai e vem dos moradores. Descansamos para seguir no dia seguinte até Polignano a Mare.

Tínhamos uma escolha a fazer: 5 minutos de trem de Mola di Bari a Polignano a Mare ou 4 horas andando. O importante é que precisávamos chegar à nossa hospedagem, no máximo, às 12 horas. Isso porque era feriado e o dono da hospedagem só poderia nos receber até este horário. Mesmo assim, escolhemos ir caminhando, já que este era nosso propósito. Fomos a maior parte do tempo numa pista para ciclistas numa estrada vicinal. Encontramos, pela primeira vez, uma caminhante suíça fazendo o caminho ao contrário. Num certo momento, conseguimos sair da estrada e caminhar bem junto ao mar por alguns quilômetros, mas tivemos que retornar à ciclovia para minimizar o tempo e conseguir cumprir o horário.

Chegamos a tempo de ver a cidade com muitos turistas, uma banda tocando marchas e celebrando o Dia da Libertação (*Festa della Liberazione*). Este é um feriado nacional que celebra o fim da ocupação nazista e do regime fascista em 1945. Os italianos também comemoram, neste dia, a resistência popular (*partigiani*).

Depois de um breve descanso, fomos conhecer a cidade sem pressa. Decidimos ficar mais um dia para curtir a cidade sem tantos turistas.

Polignano a Mare é uma cidade obrigatória para quem visita a Puglia. É famosa por seu centro histórico, com casas brancas, pelas falésias e águas claras. Os principais destaques são a praia de pedras *Lama Monachile*, cercada por penhascos gigantes e cortada por uma antiga ponte romana. Outras atrações são a estátua de Domenico Modugno, em homenagem ao cantor famoso da música *"Volare",* nascido na cidade. E os passeios de barco pelas grutas marinhas. No mais, nossa diversão foi ficar na sacada do nosso pequeno apartamento, tomando nosso vinho, vendo o vai e vem de turistas, a banda que tocava na pracinha em frente e a procissão de San Vito, padroeiro da cidade. Foram dois dias deliciosos em Polignano a Mare. Enfim, prontos para continuar a nossa jornada, acordamos cedo no dia seguinte e partimos, caminhando ao longo do mar Adriático.

Foi uma caminhada linda até Monopoli. Apesar de ter que atravessar paredões de pedra, o que fizemos com muito cuidado, encontramos muitas flores, praias maravilhosas e chegamos a um paraíso, Portalga. Este foi mais um daqueles lugares em que deu vontade de ficar mais tempo. Águas claras e calmas, silêncio absoluto. Ficamos um pouco para sentir aquela boa vibração e continuamos. Atrapalhamos o descanso de um rapaz que curtia

nudismo naquele lugar distante, passamos por torres medievais e aproveitamos para sentir a calma e ver as paisagens paradisíacas.

Assim como outras cidades da Puglia, Monopoli também é bem charmosa. Tem um centro histórico muito bem conservado, exclusivo para pedestres, com casas branquinhas,

muitos restaurantes e muito movimentado. O porto, o castelo e a praia *Cala Porta Vecchia*, situada logo após as muralhas antigas, completam a paisagem cênica de Monopoli.

Foi neste ponto da caminhada que precisamos administrar um contratempo. O nosso próximo destino seria Savelletri, famosa pelos resorts de luxo. Pesquisamos acomodações, mas não encontramos nada ao nosso alcance. Por isso, desistimos de ir para Savelletri, seguindo para Torre Cane. Entretanto, a distância era muito longa e o jeito seria pegar um trem para cortar caminho. Como não havia trem ou ônibus direto para Torre Cane, seguimos para Fasano e, de lá, pegamos um transporte até o nosso destino. Chegamos muito cedo e tivemos que esperar metade do dia para conseguir entrar na nossa hospedagem. A cidade era bem pequena, mas muito agradável. Aproveitamos para gastar nosso tempo conhecendo o lugar, almoçando, caminhando ao longo do mar.

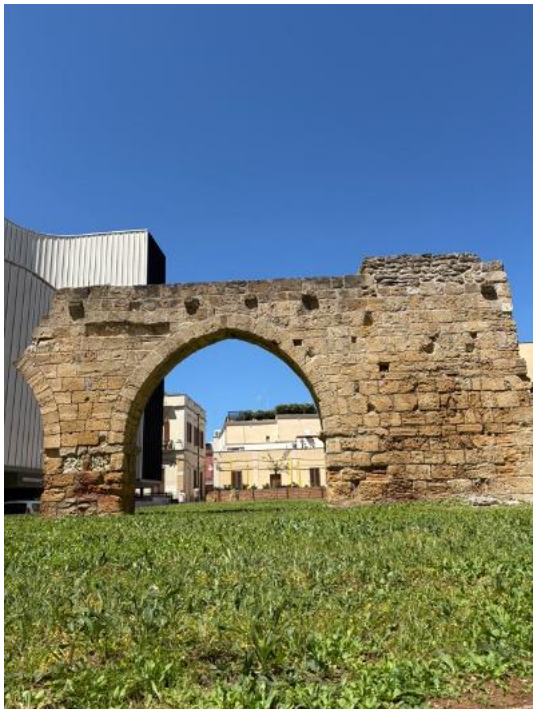
O caminho de Torre Cane à Torre Santa Sabina é praticamente todo feito pela praia. As mochilas pesadas dificultam muito a caminhada pela areia fofa. Por isso, usamos, mais uma vez, o recurso do transporte. Voltamos a Fasano e pegamos outro ônibus até uma estação de trem, que nos levou até outra estação, que parecia meio abandonada no meio do caminho. De lá, seguimos caminhando até a Torre Santa Sabina por uma estrada bem perigosa.

Torre Santa Sabina é, na verdade, um balneário. A torre, que leva o nome do lugar, é do século XII e tem a forma de estrela. As principais atrações são as praias, o que, naquele momento, não era nosso objetivo. Portanto, aquele lugar foi um pouco equivocado, mas para um dia serviu-nos de descanso, porque no dia seguinte partiríamos para Brindisi.

O dia estava propício para caminhar. Bem nublado e fresco. Chegando em Brindisi, a chuva caiu, mas o que vimos nos agradou. Por isso, decidimos permanecer um dia extra na cidade.

O dia amanheceu ensolarado, bem diferente do dia anterior, apesar do vento. Fomos conhecer a cidade, famosa pela *Via Ápia* romana, porta de entrada para a Grécia e o Mar Adriático. O porto foi construído numa enseada natural com o formato de chifre de cervo, que ainda hoje é muito importante e serve como parada de cruzeiros no Mediterrâneo. A Escadaria Virgiliana, com suas colunas romanas, é ponto de parada para fotos dos turistas. A Orla Regina Margherita tem os bares e os restaurantes para quem visita a cidade. A vista do Monumento ao Marinheiro Italiano, do outro lado do canal, homenageia os marinheiros mortos na Primeira Guerra Mundial. O *"Castello a Mare"* ou *"Castello Rosso"* fica na Ilha de Sant'Andrea, na entrada do porto da cidade.

Caminhamos até o *Castello Svevo*, mas não pudemos visitá-lo por ser propriedade da marinha. Foi a residência do rei Vittorio Emanuele III durante a Segunda Guerra Mundial.



Passamos pela *Piazza Duomo*, onde também tem outras atrações, como o *Pórtico del Templari* e o *Museo Archeologico Provinciale*. E ainda tem mais o que ver em Brindisi, como *San Pietro degli Scavioni*, uma área arqueológica com os restos de uma cidade romana, descoberta na construção do *Nuovo Teatro Giuseppe Verdi*. Ainda tem a *Loggia Balsamo* com os arcos, a *Cattedrale San Giovanni Battista*, a igreja *San Giovanni al Sepolcro* e a igreja *Santa Maria del Casale*. Foi um dia perfeito para conhecer a cidade e aproveitar ao máximo o tempo.

Na manhã seguinte, ficamos com pena de ir embora de Brindisi. Paramos um pouco para admirar, uma vez mais, a cidade e partimos para Lecce. Como a distância seria muito longa, pegamos um trem e encontramos um casal de caminhantes italianos que iniciava o percurso até Santa Maria di Leuca. O casal era experiente e sabia que não era possível chegar a Lecce numa tacada só. Por isso, optaram também pela ajudinha do trem que, não por acaso, estava indo na mesma direção em que iríamos a pé.

Já em Lecce fomos para a nossa hospedagem. Aqui merece uma explicação. Assim que decidimos por esta caminhada, comentamos com um amigo italiano muito querido. Combinamos de nos encontrarmos em Lecce. Por isso, de antemão, reservamos um Airbnb por dois dias. Era feriado do Primeiro de Maio, Dia do Trabalho. Mas o Lucio, nosso amigo, precisou cancelar a sua ida por problemas familiares. Então, nós ficamos os dois dias em Lecce, o que não foi mau, porque tinha muito a conhecer na cidade.

Chegando ao nosso Airbnb, deparamos com uma história incrível. O nome do proprietário era Cristiano, um nome que não nos parecia italiano. E, de fato, não era. Cristiano é brasileiro e ficou super feliz quando percebeu que hospedava brasileiros. Ele contou que, ainda criança, foi adotado por uma família italiana e que, na mesma época, várias crianças brasileiras também haviam sido adotadas na cidade. Ele tinha esquecido o português, mas isso não impediu de conversarmos sobre o Brasil e sua história. Hoje, ele é médico, casado e se orgulha de ser um ítalo-brasileiro. Esteve uma vez no Brasil, mas não foi à sua cidade natal. Esta foi uma história bem-sucedida de adoção internacional.

Lecce é conhecida como “Florença do Sul”. São muitos os monumentos históricos barrocos. Caminhar pelo centro histórico é voltar no tempo. O primeiro lugar que visitamos foi a ornamentada *Basílica di Santa Croce*, famosa pelos detalhes esculpidos em sua fachada. Na *Piazza del Duomo*, uma das praças mais bonitas e fechadas da Itália, abrigam-se a Catedral de Lecce e o imponente campanário. A igreja *Santa Chiara* também é parada obrigatória. O antigo anfiteatro romano, do

século II, pode ser visto por fora e, na mesma praça, está a Coluna de *Sant'Oronzo*. Contam que o santo livrou Lecce do pior da peste negra. O imponente Castelo de Carlos V, antiga fortaleza militar, erguida pelo imperador espanhol para proteger a região, mereceu ser visitado. No mais, percorrer a cidade é encontrar o antigo e o novo lado a lado. Lecce marca o início da região salentina, extremo sul da Itália, conhecida como o "calcanhar da bota".

Depois destes dois dias, fomos para Martano, uma cidade pequena, com um centro histórico bem interessante e de herança grega (*griko)*. No dia seguinte partimos para Otranto.

Em Lecce e Martano nos afastamos do mar, mas chegando em Otranto nos encontramos novamente com o mar Adriático. Otranto está localizada no ponto mais oriental da península italiana. É uma cidade belíssima e famosa por seu centro histórico

medieval, pelas suas águas azuis cristalinas e pelo impressionante castelo aragonês. Na Catedral, é possível ver um enorme mosaico da “árvore da vida” e uma capela que guarda os restos mortais dos mártires de 1480. Aproveitamos também para ver a praia do centro e nos organizar para a caminhada do dia seguinte, Vignacastrisi.

O caminho foi tranquilo e muito florido. Um pouco antes de chegar ao nosso destino, encontramos um supermercado bem grande, o que nos garantiu uma boa sobrevivência, uma vez que Vignacastrisi era muito pequena e com poucos recursos. Fora isso, a nossa hospedagem era ótima e tinha uma bela cozinha, onde pudemos ter um jantar delicioso.

A nossa próxima parada foi Tricase, penúltimo dia de caminhada. Este foi um dia de surpresas. Para onde a gente olhava, havia flores. Muitas flores! Foi um lindo dia. Começamos por uma via ciclável, passamos por uma cidadezinha, vimos o mar, paramos para conversar com um casal que trabalhava em suas terras, vimos um minúsculo presépio no meio do nada, e vimos caças italianos que sobrevoavam em formação pela região. Chegando em Tricase, fomos à igreja de São Miguel Arcanjo para agradecer tudo o que vivenciamos até ali. Afinal, tudo começou no Santuário de São Miguel. Agradecemos, mas também pedimos bênçãos para o nosso último dia de caminhada.

Tricase é uma cidade charmosa. É conhecida pelo *Palazzo Gallone*, um castelo construído pela família do mesmo nome no século XVI, e por um carvalho de 700 anos, protegido como monumento natural, o *Quercia Vallonea*. O porto e o mar de águas limpas convidam a um mergulho, mas era preciso seguir para o nosso último dia desse caminho.

Este foi um dia diferente de todos os outros. Acordamos com o dia chuvoso. Caminhamos o tempo todo debaixo de chuva e chegamos encharcados ao nosso destino, Santa Maria di Leuca.

Passamos primeiro no Santuário. Atravessamos um portal com dois anjos que nos abençoaram e, finalmente, entramos na enorme catedral, um lugar de peregrinações. Fomos recebidos por uma freira, que carimbou nossas credenciais, atestando que ali encerramos a Via Francigena. Depois de ficar um tempo dentro do Santuário, saímos, ainda no meio de muita chuva e vento. Ali deixamos os nossos bastões de caminhada. Este foi um gesto de desapego e um sinal de que terminávamos mais um ciclo e que começaríamos um novo ciclo. Enfim, caminhamos toda a Via Francigena.

Ainda ficamos algum tempo por ali, vendo o mar Adriático se encontrar com o mar Jônico e bater forte nas pedras, entrando pelas cavernas, formadas pelo tempo, até que nos demos conta de que estávamos, literalmente, em *Finibus Terrae*.

A chuva caía pesada sobre nós. Era como se lavasse nosso corpo e nossa alma. Depois, em silêncio, descemos os 300 degraus e chegamos à parte baixa da cidade. Milagrosamente, a chuva parou e o sol se abriu. Uma tarde linda se fez e nos permitiu caminhar por Santa Maria di Leuca e apreciar os mares Adriático e Jônico se abraçando. Foi uma chegada inesperada e muito emocionante. Mais um daqueles momentos para guardarmos na memória e nunca mais nos esquecermos.

Uma nova etapa...

Acordamos às 4 horas da manhã para pegar um ônibus até Gallipoli e outro a Zollino. De Zollino pegamos um trem para Lecce e só então, de Lecce, tinha um trem para Bari.

Quando chegamos a Bari, a cidade estava bem movimentada. Turistas e moradores se misturavam. Fomos para a nossa hospedagem, que ficava no centro histórico, ainda sem entender o porquê de toda aquela movimentação. Só depois fomos entendendo o que estava acontecendo na cidade. Era o ponto alto da festa de San Nicola, padroeiro de Bari. Na orla, havia uma feira enorme de gastronomia. O principal local onde ficava o santo era belíssimo, com uma estrutura gigantesca decorada com muitas luzes. Ali, as pessoas faziam suas homenagens e apreciavam a beleza do lugar. Mas o ponto alto religioso foi na Basílica de São Nicolau, com a solene celebração do "*Rito da Santa Manna*", um ritual de extração da sagrada *Manna*, líquido transparente que brota das relíquias do santo. Na fé católica e ortodoxa, trata-se de um milagre em que o líquido emana diretamente dos ossos do santo. Finalizando as celebrações, vimos uma queima de fogos.

No dia seguinte continuamos em Bari. Nos perdemos, literalmente, pelo centro antigo; vimos o *Castello Normanno-Svevo*, fomos à *Via delle Orecchiette*, onde as mulheres fazem e vendem massas em formato de orelhas; caminhamos pelo *Lungomare Nazario Sauro*,

um dos maiores e mais belos calçadões litorâneos da Itália. Enfim, em dois dias e meio conseguimos ver o que de melhor a cidade oferecia. Entretanto, era preciso entender como funcionava a travessia de ferryboat para a Albânia, nosso próximo destino.

No porto, fomos informados de que precisávamos ir até uma tal "Isabel", num tal ônibus "GSA" para imprimir os tickets que compramos pela internet. Como nunca sabemos as burocracias dos portos, seguimos à risca o que foi informado. Chegamos num lugar bem distante do embarque. No guichê da companhia marítima, disseram que não poderia imprimir os tickets. Somente no dia seguinte, data da viagem, seria possível a impressão. Foi aí que descobrimos por que se sugere chegar 4 ou 5 horas antes da partida do barco. Burocracias…

No dia da viagem, passamos o dia seguinte caminhando por Bari, voltamos ao guichê para imprimir o ticket e o funcionário reforçou que deveríamos chegar ao local do embarque às 17 horas, embora o ferry só saísse às 20h30. Chegamos antes do horário estipulado. Foi a melhor decisão porque o embarque foi muito demorado. Era preciso aguardar numa fila o despacho de muitas bagagens de albaneses que voltam carregadas de compras. Aguardamos duas longas horas na fila até a imigração. Para nossa surpresa, aquele ferryboat estava mais para navio do que para os ferries que conhecíamos até então. Tinha um belo restaurante, bar, piscina e cabines externas e internas. Ficamos numa dessas cabines. O barco zarpou e dormimos até Durrës, viagem que demorou a noite toda.

Albania - Península dos Bálcãs...

O ferryboat atracou por volta das 7 horas. O engraçado foi acordar, tomar um café na cabine mesmo e, quando saímos, os prédios da cidade estavam bem perto das janelas do ferry. Não vimos o barco atracar. Por isso, a nossa surpresa. Aguardamos a permissão para desembarcar no porto de Durrës.

Durrës é a segunda maior cidade e o principal porto da Albânia. Fica a 33 km de Tirana, a capital do país. Apesar de ser uma cidade bonita e com atrativos turísticos, decidimos seguir direto para Tirana. No início, ficamos sem entender como ir até o terminal de ônibus e qual dos viadutos em frente ao porto nos levaria até lá, mas foi só perguntar a um rapaz que passou por nós e tudo ficou bem claro. Chegamos numa área com poucos ônibus e vans. Mas primeiro era necessário trocar o dinheiro porque, como o país ainda não pertencia à União Europeia, o *Lek* era a moeda corrente. Depois disso, o desafio era saber onde pegar o ônibus

para Tirana. De novo, bastou perguntar a uma moça na rua e ela nos levou até o transporte para a capital. Mas aqui cabe uma explicação.

Os ônibus intermunicipais da Albânia são particulares. Por isso, quando vamos de uma cidade a outra, é preciso ir até o terminal, algumas vezes distante do centro da cidade, e ver qual ônibus, micro-ônibus ou van partirá para o local desejado. O detalhe é que o veículo só sai quando estiver completo. Por isso, não se pode confiar nos horários; é preciso contar com a sorte de chegar, ter transporte, lugar para sentar e passageiros suficientes para que partam. E foi o que aconteceu. Tivemos sorte de nos sentarmos e esperarmos até que o ônibus lotasse de passageiros para partir. Chamaram a atenção duas moças que estavam próximas a nós. Ofereci para levar a mochila delas, mas elas não aceitaram a oferta. Não insisti por não saber o costume local. Enfim, chegamos ao terminal.

No terminal, ficamos perdidos e o jeito foi perguntar como ir até o centro. Recorremos às duas moças, que estavam próximas de nós, e elas disseram que também estavam indo para o centro da cidade. Seguimos com elas até um ônibus urbano e, como cortesia, ainda pagaram a nossa passagem. Fomos conversando e, coincidentemente, descobrimos que o nome de uma delas era Vera. A outra era de Berat, cidade que pretendíamos visitar. O resultado é que ficamos amigos e tivemos muitas informações sobre o país durante a nossa estadia na Albânia. Ainda hoje nos falamos via WhatsApp.

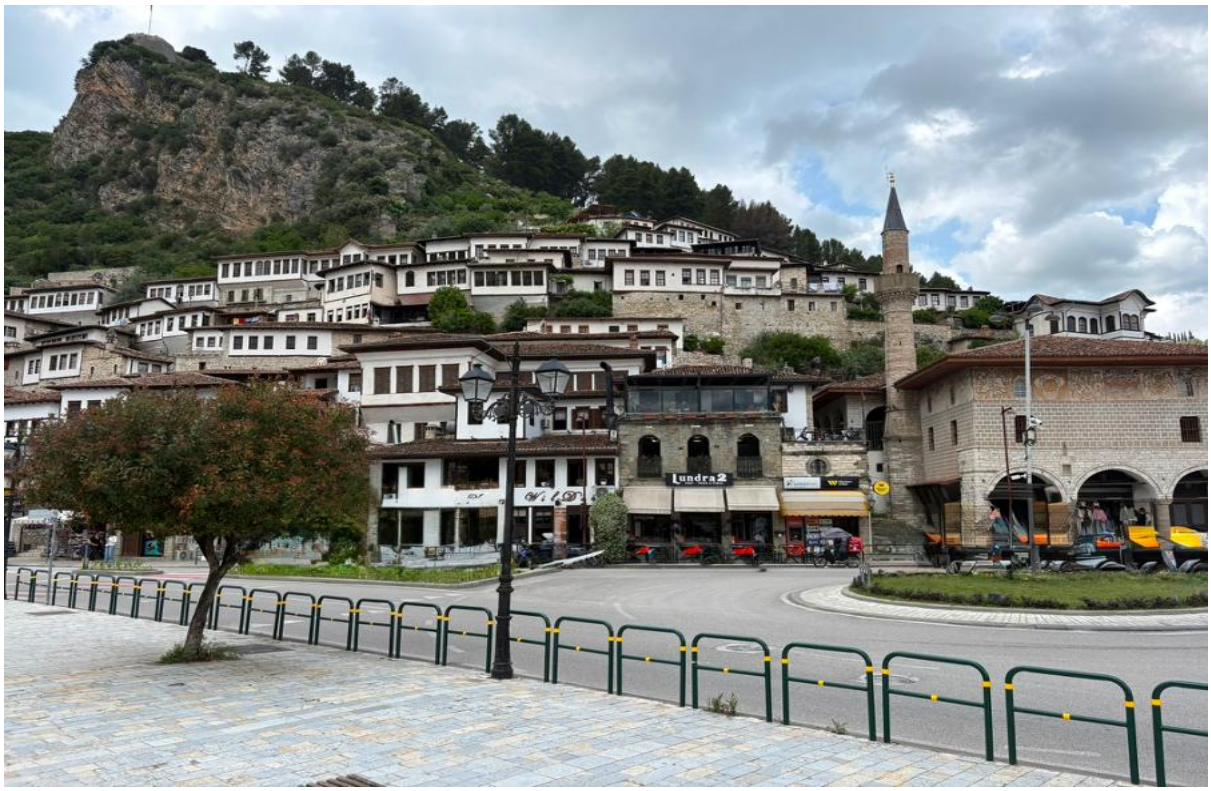
Tirana nos surpreendeu. A cidade é conhecida pela mistura de arquiteturas das eras otomana, fascista e comunista, com prédios modernos. A Praça *Skanderbeg* e a estátua deste herói nacional, a Mesquita *Et'hem Bey* e a Torre do Relógio ficam bem no coração da cidade. A igreja ortodoxa, embora não seja uma das atrações turísticas mais visitadas, vale a pena conhecer. O Museu de História Nacional mostra da pré-história até a ditadura comunista e as revoltas anticomunistas dos anos 90. Também o *Bunk'Art 2* é um museu fascinante. Fica num antigo bunker nuclear subterrâneo e mostra a história da vigilância e da polícia secreta do regime comunista. É bom salientar que a Albânia possui, aproximadamente, 200 mil bunkers construídos nas décadas de 60 a 80 pelo então líder comunista Enver Hoxha, que temia invasões da OTAN, da União Soviética ou de países vizinhos.

O bairro mais animado, com bares, cafés modernos e ótimos restaurantes, é o *Blloku*, não distante do centro. Outra atração interessante é a Pirâmide, construída em 1988 em homenagem ao líder e ditador comunista, e hoje transformada num centro de tecnologia, inovação e cultura. Subimos as escadarias da sua fachada para apreciarmos a vista da cidade.

Como o país fechou suas fronteiras durante a ditadura comunista, de 1945 a 1991, ainda é possível ver muitos indícios daquele momento sombrio, em que as pessoas eram vigiadas pelo regime opressor. Hoje, um país democrático que reivindica a entrada na União Europeia, o que parece estar previsto para 2028. A conferir.

A parte norte da Albânia é onde estão os Alpes Albaneses. Há vários parques nacionais, lagos, rios de cor turquesa e desfiladeiros. Nós queríamos conhecer o Parque Nacional de Valbona, local de nascimento de uma amiga albanesa, de onde veio o seu nome “Valbona” ou “Bona” para os mais íntimos.

Tivemos sorte de ir na primeira van para Berat. Berat é uma cidade histórica, conhecida como a "Cidade das Mil Janelas", pela arquitetura otomana do bairro de Mangalem, onde as casas na encosta parecem estar apoiadas umas nas outras, e as janelas alinhadas parecem entreolhar-se. É Patrimônio Mundial da UNESCO e fica mais ao sul do país.



Logo que chegamos, ficamos impressionados com a beleza da cidade. Visitamos o bairro de Gorica, que fica do lado oposto ao de Mangalem e do outro lado do rio Osum. A propósito, a ponte que liga os dois lados também liga as culturas cristãs e muçulmanas, que ainda hoje convivem pacificamente. Visitamos o Castelo de Berat *(Kalaja)*, uma fortaleza do século IV a.C. que ainda é habitada por moradores locais e tem vistas lindas. Caminhamos no complexo por duas horas e meia e nos emocionamos ao entrar numa igreja ortodoxa, na parte mais alta da montanha.

A cidade, apesar de ser antiga, abriga um calçadão moderno, o *Boulevard Republika*, ótima opção para almoçar, jantar ou tomar um café. Mas há quem prefira as alturas e não se importe de subir e descer as escadas das vielas estreitas do bairro de Mangalem para tomar um aperitivo ou um café, almoçar e contemplar uma vista incrível da cidade.

Era hora de deixar Berat e ir para Sarandë, principal cidade da Riviera Albanesa. A cidade é famosa pelas suas águas cristalinas no Mar Jônico, pela noite agitada e pela proximidade de Corfu, na Grécia. É na orla marítima que ficam os bares e restaurantes, além

das lojas e dos grandes hotéis. Enfim, Sarandë é uma ótima cidade para se curtir e serve como base para visitar praias da região e o Parque Nacional de Butrint, famoso pelas ruínas antigas.

Em Sarandë aproveitamos os dias quentes e de sol para ir à praia e conhecer as praias espetaculares de *Ksamil,* que não fica longe e é acessível de ônibus. Fomos também conhecer Gjirokastër, outra cidade histórica, que também é Patrimônio Mundial da UNESCO. A viagem pelas montanhas é muito bonita. A parte antiga de Gjirokastër fica no alto. Foi uma longa subida até o Castelo, uma imensa fortaleza no topo da colina com museus de armas e vistas para o vale. As ruas são calçadas de paralelepípedos, as casas são de pedra e o museu fica na casa onde o ditador Enver Hoxha nasceu. No meio do caminho, entre Sarandë e Gjirokastër,

está a *Blue Eye*, outra atração para os turistas. A Blue Eye é uma nascente de águas azuis, de impressionante beleza. Enquanto o ônibus em que estávamos retornava para Sarandë, o motorista parou para recolher os visitantes da Blue Eye. Mas o número de passageiros era maior do que o número de passageiros que ali desceram. O motorista não teve dúvida e acomodou todos os turistas em banquinhos no corredor do ônibus. Foi divertido. Mais uma vez ficou clara a gentileza dos albaneses.

Foram dez dias bem divertidos na Albânia, antes de irmos para Corfu, que ficava a apenas uma hora e meia de ferryboat. Aliás, da Albânia é possível ver parte da ilha grega e, vice-versa.

Ali em Corfu, Grécia…

A ilha de Corfu, banhada pelo Mar Jônico, fica a noroeste da Grécia. Possui, além das praias paradisíacas, montanhas acidentadas. Como a ilha já esteve sob domínio veneziano, francês e britânico, antes de se unir à Grécia, a sua cultura acabou por ser híbrida e a arquitetura das cidades, idem. A cidade de Corfu, a maior da ilha, é Patrimônio Mundial da UNESCO. É ladeada por dois grandes palácios, São Jorge e São Miguel. As ruas são vielas sinuosas e ainda conta com uma arcada em estilo francês. Um dos passeios para quem está em Corfu é o *Palacio Achilleion,* do século XIX, construído para a Imperatriz Elisabeth da Áustria e cercado por jardins exuberantes.

Resolvemos ficar três dias na cidade para conhecer e passar mais um aniversário da Vera. Com isso, visitamos cada cantinho do centro histórico**,** caminhamos pela *Liston* e pela

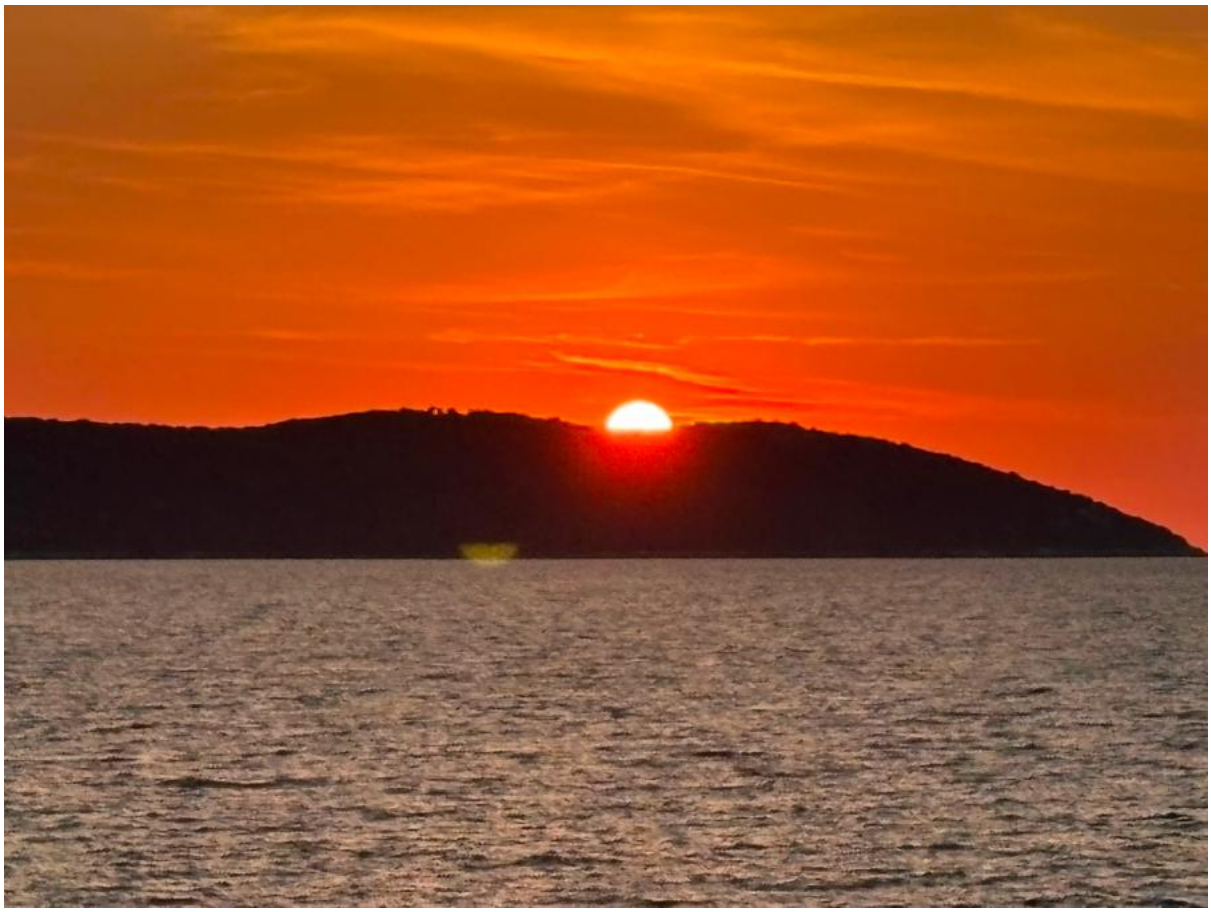
Praça *Espianada*, um calçadão elegante ao estilo francês, com cafés e restaurantes. E visitamos a Igreja de *Saint Spyridon* (São Espiridião)**,** um templo ortodoxo onde estão expostos os restos mortais do Santo, guardados em um sarcófago duplo. O maior dos dois contém o menor em seu interior e é feito de madeira com acabamento em folha de prata. O sarcófago menor é revestido de veludo vermelho e possui um fundo removível para facilitar a troca dos chinelos do santo que, segundo contam, inexplicavelmente, gastam-se, rasgam-se e acumulam marcas de uso com o passar dos meses.

Durante o dia, a cidade fica cheia de turistas que se hospedam e de turistas de apenas um dia. À noite os restaurantes e bares ficam repletos e a cidade ganha ar de festa. Foi neste clima que celebramos o aniversário. Um belo jantar, regado a vinho branco regional, e um licor de *Kum Quat*, bebida da região e vendida nos quatro cantos da ilha de Corfu.

Era hora de conhecer um pouco mais da ilha. Partimos para *Kassiopi,* ao norte de Corfu. Foram 36 km e mais de uma hora, por uma estrada estreita e sinuosa, tendo como fundo o mar e céu azuis. Os turistas entram e saem do ônibus visitando as praias da região.

*Barbati f*ica no caminho entre Corfu Town e *Kassiopi.* É uma praia impressionante de seixos brancos e, ao fundo, oliveiras verdes. Enfim, chegamos a *Kassiopi,* um vilarejo charmoso com um pequeno porto movimentado, restaurantes, bares e praias de águas claras e seixos. Das ruínas de um castelo bizantino na colina, acima da cidade, a vista panorâmica da costa é deslumbrante. De *Kassiopi* avistamos a costa da Albânia e também avistamos os golfinhos que brincavam pela costa.

Kassiopi é um vilarejo movimentado, com vai e vem de turistas que se hospedam e os que fazem um bate-volta para conhecer. No primeiro dia, fomos até as praias *Bataria, Kanoni, Pipitou e Kalamionas*, todas paradisíacas, de seixos brancos, águas azul-turquesa e cristalinas e ótimas para nadar e praticar *snorkel.*



Depois de ficar três dias curtindo aquele paraíso, fomos para *Sidari,* ainda no norte, mas agora na parte oeste da ilha. *Sidari* é um destino muito turístico, com muitos hotéis, praias longas e de areia. É famosa pela noite agitada, restaurantes, bares e *pubs* estilo inglês. Entretanto, preferimos ficar num lugar mais tranquilo, sem muito agito, e aproveitar o dia para nadar e conhecer as praias, o *Canal d'Amour* e as falésias.

O *Canal d'Amour* é uma formação geológica, com penhascos de arenito e estreitos canais marinhos. A lenda diz que nadar pelo canal traz o amor verdadeiro e que, se o casal nadar junto, viverá feliz para sempre. Achamos bonito de ver, romântico, mas pouco convidativo para nadar. Preferimos ficar numa praia um pouco mais adiante, a *Apotripiti,* aos pés de uma falésia bonita e mais tranquila. Na verdade, as praias mais centrais são faixas de areia muito extensas, cheias, com aluguel de pedalinho, bóias, banana-boat próprias para famílias e crianças.

Nosso próximo destino foi *Paleokastritsa,* região pitoresca, também banhada por águas azuis cristalinas, com penhascos imponentes e um mosteiro no topo de uma colina. A região tem várias praias, e é difícil eleger as mais bonitas. *Agios Spiridon, Agios Petros, Akrotiri* são praias mais centrais e ficam bem movimentadas, mas valeu muito a pena conhecer e nadar nas suas águas calmas. O *La Grotta Bar* é famoso e fica à beira do mar com pedras, onde as pessoas se divertem pulando e nadando em águas transparentes. O duro é descer e subir as escadarias de acesso. Num dos dias resolvemos ir um pouco mais longe. Caminhamos até a praia de *Lipiades*, num cenário pitoresco cercado por penhascos e enseadas. Praias paradisíacas não faltaram na região.

Aproveitamos também para conhecer *Lakones.* Fomos caminhando numa subida infinita. Como gostamos de "trilhar" por alguns lugares, vimos a indicação de umas trilhas que cortavam caminho e não tivemos dúvida: seguimos as indicações para chegar à pequena vila empoleirada em um penhasco. A vista fabulosa valeu a pena o sacrifício da subida. Para descer, todo santo ajuda… Descemos pela estrada por onde os carros passavam e continuamos curtindo o visual, a cada passo do caminho.

Outra atração, é o Mosteiro da Virgem Maria, um santuário bizantino do século XIII, ainda em funcionamento. Fica no topo de uma colina e oferece uma vista espetacular do mar e tem belos jardins. Fora isso, tem uma pequena capela, um museu com os livros sagrados, relíquias bizantinas e trajes antigos, além de mostrar a antiga produção de azeite feita pelos monges. Foram 12 dias de praia, sol e andanças. Era hora de deixar a ilha e partir para Napoli.

Partiu, Napoli…

Quem conhece Napoli vai entender a nossa primeira impressão da cidade. Depois de um mês e meio entre a nossa caminhada e as praias paradisíacas da Albânia e de Corfu, chegamos ao centro antigo de Napoli. Cá entre nós, foi um choque! Isso mesmo, um choque! A bagunça generalizada, da disputa dos restaurantes por clientes às motos e scooters que se jogam na frente dos pedestres, dos turistas e das excursões que disputam cadeiras nas pizzarias, tudo aquilo nos deixou tontos.

Nesse dia, escolhemos conhecer o que Napoli tem de mais caótico. Passamos pela Duomo, Igreja de San Lorenzo, Cidade Subterrânea, Via dei *Tribunali,* caminhamos pela *Spaccanapoli* e, enfim, conseguimos algum sossego caminhando *Lungo Mare* até o *Castello dell'ovo*, com vistas do golfo de Napoli e do Monte Vesuvio. Depois, passamos pela *Piazza del Plebiscito, Palazzo Reale, Gran Caffè Gambrinus e Galleria Umberto I*. Pegamos um metrô até o *Vomero,* onde nos hospedamos. O bairro contrasta com o centro histórico. Podemos dizer que foi um dia muito movimentado. Só nos restou relaxar tomando um vinho e comendo uma pizza napolitana.

Dos três dias que ficaríamos na cidade, escolhemos o segundo para ir a Pompeia. Compramos nossas entradas para as 9 horas. Saímos cedo e fomos para a estação pegar um trem da linha *Circumvesuviana*. Este é o mesmo trem que vai até Sorrento, outro lugar procurado pelos turistas. Chegando na estação, vimos que a entrada para a linha *Circumvesuviana* estava cheia, mas qual estação de trens ou metrôs não fica cheia nos horários de pico? Um funcionário orientava as pessoas a seguir uma ordem numa fila. Formaram-se quatro filas no corredor de espera. E a nossa era a mais confortável, porque tinha onde se sentar, mas se tornou a última fila a entrar no trem. Em tese, porque na prática, todos embolaram nas portas de entrada do trem quando estas se abriram.

Depois da entrada caótica e de um trem abarrotado de pessoas, as portas se fecharam. De repente, a luz acabou. O ar-condicionado parou de funcionar, as portas do trem não se abriam e pessoas, agarradas umas às outras, começaram a passar mal. O medo, o pânico e o calor fizeram com que a agitação fosse maior. Um homem, que estava com dois filhos, teve um ataque de pânico e uma mulher começou a gritar e apertar o comunicador pedindo para abrirem as portas. Por pouco não aconteceu uma tragédia. Não é possível precisar o tempo, mas depois de alguns minutos, a luz voltou e as portas abriram. Algumas pessoas desceram e desistiram de continuar. Outras, que não sabiam do ocorrido, chegaram. O funcionário, que organizou as filas, saiu correndo e, junto com ele, todos correram. Pediram pelo alto-falante que todos fossem para a outra plataforma porque viria outro trem. Lá fomos todos nós. Foi a mesma confusão para entrar no outro trem, do mesmo tamanho, ou seja, não era grande o suficiente para levar a multidão.

A porta fechou e seguiu. Devagar. As pessoas quase abraçadas umas às outras. Uma verdadeira lata de sardinha. Cada estação que parava, entrava mais gente do que saía. Na

quinta estação o trem parou novamente. Um problema nas portas do trem ocorreu, a luz apagou, o ar-condicionado parou de funcionar e assim ficou por uns minutos. Sufoco de novo! Quando as portas abriram, nós resolvemos descer. Quando chegamos ao último vagão, vimos que, possivelmente, algumas pessoas desistiram e sobrou um espaço perto da porta. Resolvemos entrar. Mas, de novo, a luz apagou, o ar-condicionado parou, as pessoas xingando, o calor tomou conta do trem. Enfim, as portas abriram e, no alto-falante, o aviso de que era para ir para outra plataforma porque viria outro trem. O trem chegou lotado, tão velho quanto os outros dois que pararam de funcionar. Desistimos. Outras pessoas também desistiram. Fizemos o caminho de volta para Napoli e junto com um casal de japoneses resolvemos ir até os guichês de venda das entradas para Pompeia e dos tickets do trem para pedir reembolso. Afinal, nada disso foi barato. A resposta que obtivemos foi que não era problema deles. Voltamos frustrados e resolvemos conhecer mais um pouco da cidade.

Nesse dia, resolvemos voltar a pé até nossa hospedagem. Subimos 480 degraus da escadaria que leva até o topo da colina onde fica Vomero. Vimos a cidade do alto e conhecemos melhor o bairro, que é bem diferente do centro caótico.

Nos restava ainda mais um dia. Já tínhamos nos conformado com o fato de não ter dado certo nossa visita a Pompeia. Nós nos acostumamos com o caos da cidade e ainda havia mais o que ver. Fomos direto para o *Quartier Spagnoli.* Ali, Maradona é o rei, é o santo e o herói. Para onde olhávamos, estava ele. Nas roupas, nos objetos, em bandeiras, pintado nos muros, nos restaurantes.

Depois, fomos caminhar pela Via Toledo, uma rua movimentada com lojas, bares, lanchonetes e fast food. Aproveitamos para comer o que era típico da região e seguimos até a Via Chaia, um lugar elegante. Ainda faltava conhecer a estação de metrô de Toledo, eleita a mais bonita da Europa. E assim, chegamos ao final dessa saga. No final, valeu a pena conhecer Napoli. Napoli é caótica, vibrante e, ao mesmo tempo, um lugar que não pode deixar de ser visto. Em cada cantinho encontramos uma surpresa, um bar ou um restaurante escondido, um modo de vida bem diferente do que já tínhamos visto na Itália.

De volta a Roma e Lisboa…

Era um domingo e saímos cedo para pegar um trem até Roma. Foi um dia divertido de viagem. Em cada estação subia uma turma de jovens, aparentemente indo para a praia. Eles

circulavam pelo trem, depois se sentavam, mas não tinham passagem. Num certo momento, a funcionária do trem colocou uma turma para fora. Os outros, espertamente, mudaram para outros vagões. Depois de um longo bate-boca e do trem parar por alguns minutos em uma estação aleatória, o trem continuou, mas não sem que outra turma, sorrateiramente, entrasse. E assim fomos até uma cidadezinha que era o destino da moçada. Na verdade, este era um trem regional, por isso, transformou uma viagem não tão distante em uma viagem bem demorada. Finalmente, chegamos a Roma e nos acomodamos num Airbnb em San Giovanni, um lugar não muito distante do *Termini,* mas num local bem agradável. Como já conhecíamos Roma de outras vezes, resolvemos revisitar alguns lugares que achamos legais e conhecer as redondezas do bairro em que estávamos.

A *Basilica di San Giovanni in Laterano* é a catedral da Diocese de Roma e a sede oficial do Papa, como bispo de Roma. Neste dia, a frente da catedral estava cercada e algumas ruas no entorno estavam fechadas para o trânsito. Mais tarde entendemos o porquê. Houve uma grande procissão, com muitos padres, freiras e irmandades religiosas, a que assistimos da janela do nosso quarto. Foi uma celebração muito bonita. No final, todos os participantes retornaram pelo mesmo caminho, pela mesma avenida. Ficamos observando a movimentação quando vimos um grupo de padres da ordem de Santiago de Compostela. Reconhecemos pela cruz. Um deles olhou na nossa direção e, numa breve conversa, vimos que era um brasileiro. Ele nos convidou para irmos à pequena igreja de *San Benedetto di Trastevere*. No dia seguinte fomos até lá, mas estava fechada. Na verdade, é uma pequena capela medieval que, segundo a tradição, foi erguida sobre uma antiga casa de nobres e foi onde São Bento morou por alguns anos no final do século V.

O calor era intenso, o movimento de turistas era muito grande, mas ainda assim caminhamos pela cidade. Por mais que já tenhamos visitado a cidade, Roma sempre tem mais para se ver. No dia seguinte, bem cedinho, fomos a pé até o *Termini* para pegar o ônibus para o aeroporto. Ali deixamos a *bella Italia* e a lembrança dos momentos super agradáveis que passamos em todos os dias em que lá estivemos.

Chegamos a Lisboa e fomos direto para nossa hospedagem com a certeza de que a nossa amiga Ana Sofia estaria nos esperando. Era hora de colocar tudo em ordem. Roupas lavadas, pequenos mimos comprados, tardes e noites deliciosas com os amigos, Feira do Livro, Feira da Ladra, festa dos santos populares com mais amigos, procissão do dia de Santo Antônio, que é sempre

emocionante, e volta pra casa com a certeza de que os 63 dias que viajamos foram inesquecíveis e que ficarão guardados para sempre na nossa memória.